

Angela Maria Castro Dutra de Menezes

Os discursos de *O Occidente*,

Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro

(1878 – 1915)



Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

Angela Maria Castro Dutra de Menezes

Os discursos de *O Occidente*,
Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro
(1878 – 1915)

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2018

© 2018

Angela Maria Castro Dutra de Menezes

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Angela Maria Castro Dutra de Menezes

Os discursos de *O Occidente*,

Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro

(1878 - 1915)

Tese apresentada à **Universidade Fernando Pessoa**

como parte dos requisitos para obtenção do grau de

Doutor em Ciências da Informação,

especialidade de Jornalismo e Estudos Mediáticos,

sob orientação do

Prof. Doutor Jorge Pedro Sousa.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar o discurso verbal de *O Occidente*, considerada a mais importante revista ilustrada do quarto final do século XIX português. Editada em Lisboa e com circulação em vários países, *O Occidente* ajudou a inserir Portugal na Europa oitocentista que se modernizava rapidamente. Por ser quase sempre lembrada por sua qualidade imagética, a intenção é desvendar, em seu texto escrito, as ideologias que defendeu para conseguir durar 37 anos, numa época em que os veículos de comunicação tinham vida quase sempre curta.

A pretensão de *O Occidente*, desde o primeiro número, era ser apolítico, conforme a moda jornalística da época. Em tese, um semanário não sobreviveria tanto tempo sem, de alguma maneira, representar um ideário e refletir a realidade da sociedade que o abrigava. Como *O Occidente* conseguiu aliar o seu discurso aparentemente neutro ao sucesso comercial é a proposta desta pesquisa. O trabalho também questiona de que maneira um periódico com linguagem gráfica de vanguarda conciliou, sem ruídos, esta vanguarda imagética a um texto conservador. As metodologias utilizadas foram a análise do discurso e a dialética. Para analisar o discurso textual foi necessário ler e decupar as 1.315 edições da revista.

Para identificar os possíveis discursos ocultos, usou-se a dialética, considerando que aos textos publicados são a tese; a leitura e a interpretação, a antítese e esta antítese, amalgamadas às pesquisas realizadas, a síntese ou a nova leitura de *O Occidente*. O estudo está separado em oito capítulos, além de uma introdução que também explica a metodologia, a conclusão e a bibliografia. O primeiro capítulo é sobre o ambiente jornalístico português da época e o estado da arte. O segundo fala da história de *O Occidente* e de seus principais colaboradores: além do proprietário Caetano Alberto, os jornalistas e escritores Guilherme D’Azevedo, Gervasio Lobato, João da Camara, João Prudencio e Antonio Cobeira.

Os outros cinco examinam os assuntos mais explorados pela revista, embora não possam ser ainda considerados editoriais independentes: “Chronica Occidental”, Política Nacional e Internacional, Cultura e Ciência, Nobreza e Fait Divers. A conclusão do trabalho

prova que *O Occidente* defendeu posições que iam ao encontro do pensamento da elite de então, seu principal público-leitor.

Claramente, a revista era colonialista e conservadora. Não tão claramente propagou outros discurso que representam com propriedade o fim do século XIX. Por exemplo, o começo do movimento feminista que as palavras oficiais de *O Occidente* enaltecem, enquanto os principais colunistas continuam pregando o tradicional papel feminino de mãe e dona de casa. Vários exemplos de contradição entre o discurso real e o oculto são encontrados na revista e identificados neste trabalho, provando que não apenas as imagens de qualidade atraíam os leitores. Textos redundantes, apesar de camuflados, serviram para espelhar o mundo de *O Occidente* e fornecer confiabilidade e conforto para aqueles que o liam.

Palavras-chave: Discurso jornalístico; revista ilustrada, século XIX, *O Occidente*, Portugal.

ABSTRACT

This research seeks to study the verbal speech of *O Occidente*, considered the most important illustrated magazine in the quarter final of Portugal's 19th century. Edited in Lisbon and available on various countries, *O Occidente* helped to insert Portugal in 800s Europe, which urbanized rapidly. For being ever remembered for its image quality, the intended effect is to unravel, in its written text, the ideas it defended in order to last 37 years, in an era where the media had a very short life-span.

The aim of *O Occidente* since the beginning was to be certificated, according to the journalistic style back then. In theory, a seminar would not last very long without, in any way, representing an idea and reflecting a reality of the society that sheltered it. Like the *O Occidente* managed to ally its speech apparently neutral to commercial success, is the proposal of this research. The work also questions in that way a periodic with graphic language of joined, with no complaints, this vanguard image to a conservative text. The methods used were the speech's analysis and the dialectics. To analyze the textual speech it has been necessary to read and adjust the 1.315 editions of the magazine.

To identify any possible hidden speeches, dialectics were used, considering that the essays published are the thesis; the reading and the interpretation, the antithesis and this antithesis, limited to the research made, the synthesis or the new reading of *O Occidente*. The research is divided into eight chapters, regardless on an introduction that also explains the methodology, the conclusion and the biography.

The first chapter is about the Portuguese journalistic atmosphere at the time and the state of art. The second talks about the history of *O Occidente* and its main collaborators: besides the owner Caetano Alberto, the journalists and writers Guilherme D'Azevedo, Gervasio Lobato, João da Camara, João Prudencio and Antonio Cobeira. The other five examine the most explored issues in the magazine, despite the fact these cannot be considered independent editorials; "Chronica Occidental", National and International Politics, Culture and Science, Nobility and Fait Divers. The conclusion of the work proves that *O Occidente* defended positions that lead to an elite mentality of the time, its main public-reader.

Clearly, the magazine was conservative and embracing colonialism. Not so crystal clear, this magazine also propagated other speeches that represented as property the end of the 19th century. For example, since the beginning of the feminist movement, that the official words of *O Occidente* stand out, whereas the principal columnist writers continue to portray the traditional role as a mother and house-wife. Various examples of contradiction between the real speech and the hidden one are found in the magazine as identified in this work, proving that not images attract readers. Redundant texts, despite being camouflaged, served to spread the world of *O Occidente* and supply trust and comfort for those reading it.

Keywords: journalistic speech; illustrated magazine; 19th century, *O Occidente*, Portugal.

SOMMAIRE

Ce travail de recherche a comme but d'étudier le discours verbal de la revue *O Occidente*, considérée l'œuvre illustrée la plus importante de la fin du XIX siècle portugais. Editée à Lisbonne et avec une distribution dans plusieurs pays, *O Occidente* a contribué dans l'insertion du Portugal en Europe du XIX siècle qui se développait rapidement. A cause de sa qualité en image et d'être souvent considérée comme telle, l'intention c'est de révéler dans son texte écrit les idéologies qu'elle a soutenu pour durer trente-sept ans dans une époque dont les médias avaient une vie souvent très courte.

L'objectif de *O Occidente* dès son premier numéro c'était d'être apolitique, d'après la coutume journalistique de l'époque. En thèse, un hebdomadaire n'aurait pas survécu si longtemps sans représenter un idéal et de réfléchir la réalité de la société de son temps. Le défi de cette recherche c'est de savoir comment *O Occidente* a réussi à rallier son discours manifestement neutre au succès commercial. Ce travail se demande aussi de quelle façon un hebdomadaire de langage graphique d'avant-garde a concilié, sans rumeurs, ces images de pointe à un texte conservateur. Les méthodologies utilisées ont été l'analyse du discours et de la dialectique. Pour l'analyse du discours textuel nous avons fait la lecture et la transcription des 1.315 éditions de la revue.

Pour en identifier les possibles discours cachés, la dialectique a été utilisée en considérant que les textes publiés ce sont de thèses. C'était donc la lecture plus l'interprétation et l'antithèse. Et cette antithèse amalgamée aux recherches réalisées à la synthèse ou la nouvelle lecture de *O Occidente*. Cette recherche est préparée en huit chapitres avec l'introduction en expliquant la méthodologie, la conclusion et la bibliographie. Le premier chapitre aborde l'ambiance des médias au Portugal à l'époque et le traitement de l'art. Le deuxième chapitre étudie l'histoire de *O Occidente* et de ses principaux collaborateurs au-delà de son propriétaire Caetano Alberto, les journalistes, les écrivains Guilherme D'Azevedo, Gervasio Lobato, João da Camara, João Prudêncio et Antonio Cobeira.

Les cinq chapitres restant y examinent les sujets les plus explorés par la revue, quoique ne pouvant pas être considérés comme étant des sections indépendantes tels:

«Chronique Occidental», Politique Nationale et Internationale, Culture et Science, Noblesse et Faits Divers. La conclusion de ce travail prouve que *O Occidente* a soutenu la pensée à l'encontre de l'élite sur place, notamment son principal public lecteur.

La revue était clairement colonialiste et conservatrice. Sans être suffisamment claire elle a propagé d'autres discours qui représentaient avec propriété la fin du XIX siècle. Par exemple, le début du mouvement féministe que les dialogues officiels du *O Occidente* exalte pendant que les principaux collaborateurs continuent avec les discours du rôle de la femme au foyer. Plusieurs exemples contradictoires entre le discours réel et le discours caché ont été trouvés dans la revue et identifiés dans ce travail, en prouvant que pas seulement les images de qualité ont attiré les lecteurs. De textes redondants quoique déguisés, ont servi pour refléter le monde autour de *O Occidente* et y fournir de la fiabilité et du confort pour ceux qui les lisaient.

Mots clés: Discours journalistique, revue illustrée, XIX siècle, L'Occident, Portugal.

RESUMEN

Esta pesquisa tiene como finalidad estudiar el discurso verbal de *O Occidente*, reconocida como la revista ilustrada más importante del cuarto final del siglo XIX português. Editada en Lisboa y con circulación en varios países, *O Occidente* ayudó a incluir Portugal en la Europa ochocentista que se modernizaba rápidamente. Como es recordada a menudo por su cualidad de utilizar imágenes, la intención es deslindar, en su texto escrito, las ideologías que defendió para lograr perdurar 37 años, en una época en la que los medios tenían una vida casi siempre corta.

La pretensión de *O Occidente*, desde su primera tirada, era ser considerada apolítica, como lo era la periodística de la época. En tesis, un taller no sobreviviría tanto tiempo sin, de alguna manera, representar un ideario y reflexionar sobre la realidad de la sociedad que lo involucraba. Cómo *O Occidente* consiguió aliar su discurso aparentemente neutro al éxito comercial es la propuesta de esta pesquisa. El trabajo también indaga el modo cómo un periódico con lenguaje gráfico de vanguardia consiguió compatibilizar, sin ruidos, esta vanguardia de imágenes a un texto conservador. Las metodologías utilizadas fueron el análisis del discurso y la dialéctica. Para analizar el discurso textual, fue necesario leer e dividir las 1.315 ediciones de la revista.

Para identificar los posibles discursos ocultos, recurrió a la dialéctica, estimando que los textos publicados son la tesis; la lectura y la interpretación, la antítesis, amalgamada a las pesquisas realizadas, la síntesis o la nueva lectura de *O Occidente*. El estudio está separado por ocho capítulos, además de una introducción, que también explica la metodología, la conclusión y la bibliografía.

El primer capítulo es sobre el ambiente periodístico português de la época y el estado de arte. El segundo aborda la historia de *O Occidente* y de sus principales colaboradores: además de propietario Caetano Alberto, los periodistas e escritores Guilherme D' Azevedo, Gervasio Lobato, João da Camara, João Prudencio e Antonio Cobeira. Los otros cinco investigaron temas más explotados por la revista, aunque no puedan ser considerados todavía editoriales independientes: "Chronica Occidental, Política Nacional e Internacional, Cultura

y Cienia, Nobleza y Fait Divers. La conclusión de lka investigación comprueba que *O Occidente* defendió posiciones que iban al encuentro de la elite de entonces, su principal público-lector.

Claramente, la revista era colonialista y conservadora. No tan evidente propagó otros discursos que representam com propiedad en final del siglo XIX. Por ejemplo, el comienzo del movimiento feminista, que las palabras oficiales de *O Occidente* enlatecen, mientras que los principales columnistas siguen plegando el tradicional papel e madre e de ama de casa. Varios ejemplos de contradicción entre el discurso real y el oculto son encontrados en la revista e identificados en este trabajo, probando que no solo las imágenes de calidad cautivaban los lectores. Textos redundantes, aunque camuflados, sirvieron para reflejar el mundo de *O Occidente* y permitir confianza y comodidad para aquellos que o leían.

Palabras-clave: discurso periodístico, revista ilustrada, siglo XIX, *O Occidente*, Portugal.

Em memória dos meus pais Vera e Benedicto
e dos meus irmãos Gustavo Adolfo e Luiz Antônio.

AGRADECIMENTOS

Não teria começado o doutoramento sem os amigos Antônio Chibante, Cecília Barreira e Castro e Filipe Conceição Silva.

Chibante e Cecília me incentivaram a tentar. Filipe não me deixou recuar.

Não teria terminado sem a amizade e o carinho de António Ramalho de Almeida e a sua Adelaide, uma doutora na mais difícil das ciências, a do amor.

Também agradeço a

João Jorge Gaio Júnior e Maria Gaio de Castro, os avós que me deram Portugal e me ensinaram a amá-lo.

Meu avô Antônio Castro Junior.

Professor Doutor Jorge Pedro Sousa.

Sandra Luz, amiga generosa, sempre lhe serei grata.

Giovanna Benedetto Flores, Patricia Teixeira e Patrícia Weber.

Todos os companheiros do Clube da Letra do Rio de Janeiro.

Por fim, agradeço a meus netos Tatiana, Hugo, Pieter, Bernard, Anna e Nathan. O simples fato de eles existirem torna a minha vida mais feliz.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - A imprensa na segunda metade do século XIX	20
1.1 - A marca do século XIX.....	20
1.2 - Testemunhas da História.....	22
CAPÍTULO II - Portugal na época da revista <i>O Occidente</i> 1878-1915.....	36
2.1 - Contextualização histórica e política	36
2.2 – Regeneração	37
2.3 – Dom Pedro V.....	39
2.4 - Novas classes sociais	42
2.5 - A Geração de 70.....	43
2.6 - <i>O Occidente</i> , antecedentes históricos, políticos e sociais	46
2.7 - Nasce <i>O Occidente</i>	47
2.8 – A morte de líderes	49
2.9 – Nuvens negras	50
2.10 – República.....	52
2.11 - Contextualização Social.....	55
CAPÍTULO III - <i>O Occidente, Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro</i>	62
3.1 - Estreia	62
3.2 - Alexandre Herculano	62

3.3 - <i>O Occidente</i>	64
3.4 – Antecedentes	77
3.5 – Sobre os pseudônimos	78
3.6 – Caetano Alberto.....	79
3.7 – Guilherme D’Azevedo	80
3.8 - Gervasio Lobato.....	88
3.9 – João da Camara	94
3.10 – Alfredo Mesquita - João Prudencio.....	99
3.11 – Antonio Cobeira	101
CAPÍTULO IV - “Chronica Occidental”	107
4.1 – Crônica literária e jornalística	107
4.2 - A “Chronica Occidental”	110
4.3 - Ontem, conceito. Hoje, preconceito.....	113
4.4 – A imprensa cor-de-rosa	121
4.5 – Humor.....	123
4.6 – Lisboa.....	126
4.7 – Camões	129
4.8 – As crônicas de Gervasio Lobato.....	132
4.9 – Suicídio.....	135
4.10 – Jargão jornalístico	136
4.11 – Variedades.....	138

4.12 – As crônicas de João da Camara.....	166
4.13 – Novidades.....	167
4.14 – Ontem, como hoje	186
4.15 - Peste bubônica	188
4.16 – Crônicas de João Prudencio	191
4.17 – O reinado de dom Manuel.....	191
4.18 – A República.....	194
4.19 – Crônicas de Caetano Alberto.....	197
4.20 – Crônicas de António Cobeira	199
4.21 - A Primeira Guerra Mundial	202
CAPÍTULO V - Política nacional e internacional	206
5.1 – Muitas transformações	206
5.2 – A “Revista Política”	211
5.3 – Ultimato Inglês, a reviravolta editorial	213
5.4 – Exposições universais	219
5.5 – Regicídio	221
5.6 - A República	231
5.6 - Leis republicanas	236
5.7 – Política Internacional.....	240
5.7.1 – África.....	240
5.7.2 – A crise inglesa.....	252

5.7.3 – Índia.....	256
5.7.4 – Gungunhana	258
5.7.5 – Guerras	263
5.7.6 - Guerra hispano-americana	264
5.7.7 - Guerra greco-turca	271
5.7.8 – Muçulmanos	272
5.7.9 - Guerra dos Balcãs	273
5.7.10 – Armamentismo	277
5.7.11 – Conflito mundial	280
5.7.12 - Portugal na guerra	282
5.7.13 – Pacifismo.....	285
CAPÍTULO VI - Cultura e Ciência.....	288
6.1 – Arte.....	288
6.2 – Teatro	289
6.3 - <i>A Portuguesa</i>	292
6.4 – Ourique.....	294
6.5 - Igualdade até certo ponto	297
6.6 – Centenários.....	298
6.7 - Artes plásticas	300
6.8 – Literatura	301
6.9 - Os irmãos Lumière.....	304

6.10 - Religião.....	305
6.11 – Androide.....	306
6.12 – Modernismo	307
6.13 – Ciência.....	310
6.13.1 - “Actualidades Scientificas”	310
6.13.2 – Pasteur	311
6.13.3 - Robert Koch.....	315
6.13.4 – Raio-X.....	317
6.14 – Tecnologia.....	319
6.14.1 – Telefone.....	319
6.14.2 - O Cosmo	320
6.14.3 – Eletricidade.....	324
6.14.4 – Bicicleta.....	328
6.14.5 – Submarinos.....	329
6.14.6 – Automóvel.....	332
6.14.7 – Aviação.....	332
6.14.8 – Fonógrafo	333
CAPÍTULO VII – As famílias reais.....	337
7.1 - Família real portuguesa.....	337
7.2 - Dona Maria Pia	339
7.3 - As joias reais	344

7.4 - Casamento real.....	347
7.5 - O herdeiro	348
7.6 - Mortes reais.....	348
7.7 - Dom Carlos	351
7.8 - Dona Amélia	356
7.9 - Os outros Bragança	363
7.10 – Famílias reais da Europa e do mundo	364
7.10.1 – Reinos exóticos	364
7.10.2 – Rainha Victoria	365
7.10.3 – A casa de Sabóia	367
7.10.4 – Casas reais da Espanha e da Inglaterra.....	368
7.10.5 - O príncipe de Mônaco.....	370
7.10.6 – A filosofia Niilista.....	371
7.10.7 - Novidades reais	377
7.10.8 - Moda real infantil.....	379
7.10.9 – Os reis dinamarqueses	379
7.10.10 – Luto	381
7.10.11 – Noivado, casamento e um bom susto	383
7.10.12 - A lembrança do ultimato quebra o protocolo	386
7.10.13 - É dando que se recebe (frase atribuída a São Francisco de Assis)	388
CAPÍTULO VIII – <i>Fait Divers</i>	392

8.1 - <i>Fait Divers</i>	392
8.2 - <i>Les canards</i>	394
8.3 - Um tubarão no Tejo	395
8.4 - O crime da Escola do Exército.....	396
8.5 - Dois pesos, duas medidas	398
8.6 – Tempestades	399
8.7 – Terremotos	402
8.8 – Incêndios	407
8.9 - O monstro.....	408
8.10 - Acidentes aéreos	409
8.11 - Aquecimento Global	410
8.12 - Economia	413
8.13 - Um ponto de interrogação.....	415
CONCLUSÕES.....	417
BIBLIOGRAFIA.....	431

ÍNDICE DE GRAVURAS

Gravura número 1 - Influência Editorial nas Capas de <i>O Occidente</i>	71
Gravura número 2 - Brincadeira de achar o gato nas páginas de <i>O Occidente</i>	76
Gravura número 3 - A mesma brincadeira repetida nas redes sociais no século XXI	76
Gravura número 4 - Poema Salomé de Mário de Sá-Carneiro, publicado em primeira mão em <i>O Occidente</i>	102
Gravura número 5 - Notícia do regicídio no jornal <i>Diário de Notícias</i>	228
Gravura número 6 - Atentado contra o rei Afonso XIII	385
Gravura número 7 - Atentado no dia do casamento do rei espanhol Afonso XIII	412
Gravura número 8 - Índice de aquecimento global publicado em fins do século XIX	413

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o enunciado verbal de *O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, publicada de janeiro de 1878 a julho de 1915, em Lisboa, Portugal.

Para alcançarmos os nossos objetivos, decupamos, entre agosto de 2015 e outubro de 2016, as 1.315 edições de *O Occidente*, preocupando-nos, principalmente, com o discurso textual, que tem sido deixado de lado em outras análises devido à ótima qualidade de suas gravuras.

Tais objetivos – ou a criação de uma grelha de análise – construíram-se à medida em que íamos lendo todos os números de *O Occidente*, trabalho realizado entre março de 2015 e junho de 2016, e conseguíamos identificar os assuntos que exploraríamos. Para cada um deles – *Chronica Occidental*, *Nobreza*, *Política Nacional e Internacional*, *Cultura*, *Ciência e Fait Divers* – abrimos um arquivo especial, onde anotávamos as nossas descobertas, desconfiças, dúvidas, etc.

Sobre as capas, realizamos uma pesquisa quantitativa que será apresentada em forma de gráfico.

Os resultados de uma análise documental simples podem, por vezes, ser referenciados graficamente, para dar ao leitor a oportunidade de captar a panorâmica geral de uma situação ou fenómeno (Sousa, 2006, p. 677).

Notamos em nossa pesquisa, que, quando se fala em *O Occidente*, a iconografia é sempre citada em primeiro lugar. Como, por exemplo, na tese de doutorado *Ilustração. Imagem da Modernidade em Portugal*, de Luiz Henriques (2015), Universidade de Barcelona. Ao registrar a relação entre a modernidade e a imagem, Henriques (2015, pp. 65-70) se dedica a explorar a imprensa ilustrada portuguesa do século XIX, observando apenas as características e a evolução das gravuras e refere:

Caetano Alberto tem um papel de enorme relevo no campo da gravura e da imprensa ilustrada portuguesa, como gravador, director artístico e principal capitalista d' *O Occidente* - coordenará a direcção artística com o ilustrador-pintor Manuel de Macedo. Seguindo o exemplo de *O Archivo Pittoresco*, *O Occidente* estabelece uma oficina de gravura (...) e conta com uma excelente equipa de gravadores.

Sousa (2017, p. 320) também privilegia as ilustrações, em detrimento dos textos jornalísticos:

Por um lado, as suas páginas (de *O Occidente*, grifo da autora) testemunham a passagem da gravura de madeira (xilogravura) à gravura fotomecânica em Portugal (...). Por outro lado, foi n' *O Occidente* que a iconografia de reportagem assentou arraiais em definitivo, nos primeiros tempos apenas sob a forma de ilustração, depois também em fotografia. A iconografia de acontecimentos atuais juntou-se à iconografia de retrato e à iconografia geográfica, já comuns, para enriquecer a informação visual ofertada pela publicação.

Apesar de considerarmos que a revista habituou os leitores às excelentes ilustrações, não nos deteremos na imagética. Apenas registramos que *O Occidente* estimulou o desenvolvimento das imagens jornalísticas em Portugal, conforme afirma Sousa (2017, p. 320):

Foi n' *Occidente* que a iconografia de reportagem assentou arraiais em definitivo, nos primeiros tempos apenas sob forma de ilustração, depois também em fotografia. A iconografia de acontecimentos atuais juntou-se à iconografia de retrato e à iconografia geográfica, já comuns, para enriquecer a informação visual ofertada pela publicação. .

Acreditamos, porém, que só a beleza das gravuras não garantiria a longa vida da revista de generalidades. Provaremos, nos capítulos que dissecam os núcleos temáticos do periódico em questão, que o sócio majoritário Caetano Alberto e os diversos diretores-

literários produziram o jornalismo noticioso, como era moda na época, e, simultaneamente, praticaram o modelo do jornalismo industrial. McLuhan (1964, p. 245) refere:

O manto da invisibilidade, portanto, parece calhar melhor naqueles que são proprietários de jornais ou os que o utilizam extensivamente para fins comerciais (...) Os donos dos *meios* sempre se empenham em dar ao público o que o público deseja, porque percebem que a sua força está no *meio* e não na *mensagem* ou na linha do jornal.

Oferecer ao público o que o público desejava, ser redundante, é um recurso claro utilizado no texto escrito de *O Occidente* que, ao mesmo tempo em que se anunciava uma revista sem filiação político-partidária ou ideologia, usava as palavras para espelhar, anunciar e reforçar as verdades da época. Fato que comprovaremos, por exemplo, na relação do periódico com a monarquia, que tanto defendeu, com a posição feminina na sociedade e com os casos de homossexualismo.

Fortalecer o *meio* – isto é, a marca *O Occidente* – foi, desde o primeiro número, a estratégia da equipe fundadora da revista. Para isso, a *mensagem* – ou seja, as notícias e as crônicas – deveria manter-se em tom neutro. Perseguindo este objetivo, o número de estreia de *O Occidente*, em 1º de janeiro de 1878, é lançado com o aviso de que a publicação repetiria as propostas do extinto jornal *O Panorama*, que pretendeu veicular apenas informações e generalidades:

A Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis julgou dever seguir o exemplo dos países mais ilustrados, fazendo publicar um jornal que derramasse informação variada, e que pudesse aproveitar a todas as classes de cidadãos (...) Esta nobre empresa será por certo louvada e protegida por todos aqueles que amam deveras a civilização de sua pátria (edição número 1, 6 de maio de 1837, p. 2).

Silva (2014, p.103) refere que, no texto de abertura de *O Panorama*, o seu primeiro diretor, Alexandre Herculano, deixou claro a qual público-alvo o periódico se destinava:

Seria ambição do jornal interessar a titulares de todos os ofícios e satisfazer aqueles que pouco tempo podiam consagrar à sua ilustração. Ou seja, seria ambição do jornal interessar a toda gente, “até aos últimos degraus da escala social”.

Para alcançar tal proeza, *interessar a toda gente*, *O Panorama* se dedicou à promoção de conhecimentos: literatura, belas-artes, economia, história, filosofia, etc. Para a política, apesar dos acontecimentos que fervilhavam no Portugal oitocentista, havia pouco ou nenhum espaço. Sem citar McLuhan, Silva (2014, p.104) aponta que, também no caso de *O Panorama*, foi aplicada a assertiva do autor “Os meios de comunicação como extensão do homem”:

Se o público a quem se destinava parece ter sido claramente delimitado na mente dos promotores de *O Panorama*, o produto – isto é, o próprio seminário – também foi trabalhado para corresponder aos interesses e necessidades do primeiro.

Supomos, então, que, como aconteceu a *O Panorama*, o produto *O Occidente* foi igualmente trabalhado para corresponder aos interesses de seu público. Já na estreia (1º de janeiro de 1878, p. 8), o diretor-literário Guilherme D’Azevedo afirma esta intenção:

O programa da primeira revista illustrada portugueza foi escripto há quarenta e tres annos. Sem mudança d’uma virgula podiam-se hoje estampar no frontispício desta publicação, as nobres e singelas palavras com que se apresentava *O Panorama*.

A organização industrial da imprensa – que, em Portugal, aconteceu entre 1865 e 1885 (Tengarrinha, 1965, p. 187) – se apoia no carácter noticioso e não partidário dos jornais e da redução de custos ao consumidor “com vista a alcançar um mercado mais vasto”. Um exemplo é o *Diário de Notícias*, lançado em janeiro de 1865 (Tengarrinha, 1965, p. 188):

Como anunciava no seu número-programa de 29 de dezembro de 1864, o jornal visava unicamente “interessar a todas as classes, ser acessível a todas as bolsas e compreensível a todas as inteligências (...) não discute política, nem sustenta polémica. Registra, como possível verdade, todos os acontecimentos deixando ao leitor quaisquer que sejam os seus princípios e opiniões, a comentá-los a seu sabor (Tengarrinha, 1965, p. 205).

O raciocínio no qual se apoiava o *Diário de Notícias* segue a lógica dos jornais franceses *Petit Journal* (1863) e *La Presse* (1836).

Se a tiragem aumentar, as despesas gerais conservam-se sensivelmente as mesmas e, portanto, o preço de custo de cada número será menos elevado; com maior tiragem haverá mais anúncios e podem ser pagos mais caros; de modo que, para auferir mais lucros, basta baixar o preço do jornal e dirigi-lo a uma mais vasta camada de leitores (Tengarrinha, 1965, pp. 187-188).

O Occidente segue essa mesma proposta editorial, embora não existam informações concretas quanto à tiragem da revista:

Mas não seria superior a 1.000 exemplares (...) em relação ao preço de lançamento, a revista conheceu apenas uma actualização, em 1881, o que é mais um sinal do envolvimento da equipe dirigente e, possivelmente, até de alguns colaboradores (Rita Correia, 2015, p. 4).

No afã de atender ao gosto do público alfabetizado, basicamente urbano e de origem aristocrata ou burguesa, *O Occidente* opta por ser uma revista ilustrada e noticiosa, já que esse era o caminho da imprensa da época, e apostar na qualidade visual, sua maior característica. Mas sem dispensar o discurso de neutralidade política e de não engajamento partidário para não perder leitores, a elite da época. Rui Ramos (2010, p. 529) afirma que, no ano em que *O Occidente* foi lançado, 1878, um recenseamento revelou que:

No continente, 79,4% dos homens e mulheres acima de 6 anos não sabiam ler. Era a taxa de analfabetismo mais alta da Europa Ocidental, apesar de o ensino público ser obrigatório desde 1835 (...) A população aumentou de 3,6 milhões em 1861 para 4,6 milhões em 1890 (...) Apenas 16% dos portugueses residiam em cidades (...) os salários reais (...) subiram de 1856 a 1896 (2,92% ao ano).

Um discurso de Fontes Pereira de Melo na Câmara dos Pares, no dia 24 de março de 1884, citado por Ramos (2010, p. 530), revela a dificuldade de *O Occidente* para amealhar e fidelizar o seu público-alvo: “o país real, o das montanhas, e diferentes localidades, é indiferente a tudo aquilo que nós aqui fazemos”.

Baseados nesses dados histórico e cientes de que a grande maioria da população portuguesa, segundo as palavras de Fontes, na época presidente do Conselho de Ministros, não tinha condições, não participava, nem se interessava pela vida do país, acreditamos que *O Occidente* se concentrou no reduzido público citado acima por Ramos para, como quer McLuhan, investir mais em sua marca – o nome *O Occidente* e as gravuras de qualidade – do que investia nas notícias.

Mas, formulamos as nossas teses-hipóteses:

- 1) *O Occidente* defendeu causas e, nesse sentido, teve uma ideologia, comprometendo-se, publicamente, com determinadas ideias, tal como ocorreu com outra imprensa similar (cf Silva, 2014).
- 2) *O Occidente*, para fazer passar as suas mensagens informativas e/ou interpretativas e opinativas, recorreu não só à iconografia (cf Silva, 2014; Henriques, 2015; Sousa, 2017), mas também, e principalmente, a recursos retóricos e expressivos que, pela palavra, garantiram a fidelização de seu público-leitor. Pelo menos até outras revistas mais elaboradas o disputarem, caso, por exemplo, da *Ilustração Portuguesa* a partir de 1903.

Conexadamente, será importante atentar a quatro questões interligadas:

Será possível a um periódico sobreviver 37 anos sem defender uma causa? Sem um discurso aliado a ideias? Que consiga refletir a sociedade sem emitir um só juízo de valor? De que maneira *O Occidente* conciliou seu discurso gráfico de vanguarda com o verbal, assumidamente conservador? Nesse equilíbrio estaria o segredo do sucesso da revista?

Pretendemos neste trabalho entender o discurso verbal de *O Occidente*, observar os enquadramentos que propõe para o mundo e, concomitantemente, determinar qual foi a sua ideologia e quais recursos retóricos mobilizou para fidelizar leitores. Procuraremos, finalmente, analisar os discursos produzidos pelo *O Occidente*. Para isso, responderemos às seguintes perguntas de investigação:

- 1) Quais os discursos ocultos de *O Occidente*?
- 2) Que recursos utilizou *O Occidente* para, apesar de declarar-se apolítico e neutro, delimitar o seu espaço e conquistar leitores?
- 3) A revista identifica e explora um assunto capaz de unir os portugueses, independentemente de quais fossem as suas opiniões políticas?
- 4) Podemos encontrar em *O Occidente* a gênese do pensamento ocidental do século XX?
- 5) Em quais editorias o trabalho jornalístico de *O Occidente* revela mais qualidade?
- 6) Em que momento *O Occidente* perde a capacidade de responder às dúvidas de seus leitores?
- 7) *O Occidente* expõe uma dicotomia entre o discurso literário e o discurso gráfico. Este se propunha a ser vanguarda, aquele acomoda-se ao tempo. Qual a explicação para tais atitudes conflitantes materializadas na mesma revista?
- 8) Em algum momento *O Occidente* se comporta como uma revista realmente moderna?
- 9) O jornalismo industrial, tal como o conhecemos, nasce e começa a morrer amparado pela mesma lógica. O que está por trás da ascensão e da queda dos grandes meios de comunicação?

Para testarmos as hipóteses e respondermos as perguntas que balizam a pesquisa, indo ao encontro dos objetivos propostos, desenhamos uma proposta metodológica baseada numa análise histórica, cultural e ideológica do discurso verbal de *O Occidente*.

Procuramos, segundo Sousa (2017, p. 26), “inventariar a história, a cultura e os constrangimentos sociais e econômicos da época”. A partir dessas constatações, interpretaremos os resultados. Porém, não levaremos em conta a dimensão crítica da Análise do Discurso, que é um dos métodos de pesquisa mais usados nas ciências sociais e humanas, em particular nas Ciências da Comunicação. Segundo Sousa (2006, p. 661), para ser bem-sucedida, a Análise do Discurso requer, além do cuidado e do rigor exigidos em todos os trabalhos de pesquisa, que o pesquisador tenha total disponibilidade de tempo.

Uma análise do discurso profunda, minuciosa e rigorosa exige bastante tempo. A pressão do tempo obriga o analista a saber responder à tensão com uma boa dose de paciência. As análises do discurso não são, portanto, opção a considerar para pessoas impacientes e sem tempo. Para além de paciente, o investigador deve ser minucioso e rigoroso. As análises do discurso exigem uma atenção inusitada ao pormenor e demandam rigor na recolha, classificação e processamento dos dados, sejam estes quantitativos ou qualitativos. A análise do discurso, embora incida sobre o objecto delimitado pelas hipóteses e perguntas de investigação (texto), deve atender ao contexto do fenómeno estudado e às circunstâncias em que este ocorre, para que a interpretação dos resultados seja a mais correcta.

Por termos escolhido o doutoramento integral, consideramos que o tempo estaria a nosso favor e decidimos abordar *O Occidente* em uma pesquisa qualitativa. Decupamos o seu texto verbal prestando atenção aos detalhes para identificarmos quais foram os seus mais importantes discursos. Nas hipóteses que formulamos, focamos a atenção nos seguintes elementos do nosso objeto de estudo:

1 - **Órgão de comunicação que vai ser analisado** (modelo de jornalismo em que se insere; tipo de jornalismo que pratica; tipo de envolvimento dos cidadãos com o órgão de comunicação; tiragem/audiência; segmento de mercado a que se dirige; periodicidade;

propriedade; linha editorial; rede de captura de acontecimentos tecida pelo órgão de comunicação social; constrangimentos gerais da organização jornalística em causa – financeiros, humanos, materiais, de valores e política editorial, de estrutura organizacional, etc.

2- Contexto do fenómeno a estudar

(contexto social, político, económico e social do país ou países onde decorreu o fenómeno a estudar; contexto directo do fenómeno - intervenientes, interessados, espectadores, afectados, forças que moldaram o fenómeno, consequências possíveis, etc.);

3- **Conhecimento científico anterior** (dados da teoria do jornalismo, da semiótica e linguística, etc.) (Sousa, 2006, pp. 661-662).

Os dois primeiros itens – órgão de comunicação a ser analisado e contexto do fenómeno – estão expostos nos capítulos *O Occidente* e *Contextualização Histórica*. O terceiro, conhecimento científico anterior, valemo-nos de informações anteriores, de nossa experiência profissional e de leituras de livros e artigos durante os anos de 2015, 2016 e 2017. Citamo-los na Bibliografia. Advertimos que a semiótica e a linguística de *O Occidente* não são analisadas em nosso trabalho.

Consideramos que, ao abrimos mão da pesquisa quantitativa, apresentamos um trabalho menos profundo. Em compensação a nossa análise qualitativa seguiu um padrão de disciplina e honestidade intelectual e, cremos, chegamos à uma ideia bastante clara de quais são os discursos velados de *O Occidente*.

Acreditamos que o conhecimento científico obtido por meio de questionamento metodológico é, e sempre será, questionável. Ou, então, negaria a sua origem e a sua essência. Se cientistas – e jornalistas, *et compris* – são pessoas que recusam as certezas absolutas, desconfiam do que vêem, do que escutam e do que “parece ser”, afirmamos que a conclusão da nossa tese é passível de novas críticas, que levarão a outras conclusões. Só assim, acreditamos, o conhecimento nunca se estagnarà. Prodanov e Freitas (2013, pp. 17-18-19-20) sugerem obediência aos seguintes critérios metodológicos na organização do material a ser observado e analisado:

Objeto de estudo bem definido:

Nosso objeto de estudo é *O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, publicada em Lisboa, Portugal, entre janeiro de 1878 e julho de 1915. Ocupamo-nos da palavra, não das representações gráficas utilizadas. Decupamos as suas edições para interpretarmos o discurso literário, extrairmos as informações que o citado discurso esconde e avaliarmos o posicionamento editorial diante das transformações políticas e sociais que marcaram o último quartel do século XIX e o início do XX em Portugal. A evolução do discurso literário não será objeto de análise embora tivéssemos a oportunidade de observar mudanças no estilo do escrever jornalístico. Chamemos a atenção para as mudanças ortográficas da língua portuguesa ocorridas após a reforma de 1910.

Objetivação:

Como podemos verificar no capítulo sobre Contextualização Histórica, em nosso trabalho tentamos, como sugerem Prodanov e Freitas (2013, p. 17), transportarmo-nos à época e compreender, na medida do possível, os seus valores, as suas crenças e as suas verdades. Se, em algum momento, valores e preconceitos da autora tiverem contaminado as avaliações, justificamo-nos:

Tratar a realidade assim como ela é; não se trata de ‘objetividade’, porque impossível, mas do compromisso metodológico de dar conta da realidade da maneira mais próxima possível, o que tem instigado o conhecimento a ser ‘experimental’, dentro da lógica do experimento. (...). Essa colocação não precisa coincidir com vícios empiristas e positivistas, mas aludir apenas ao intento de produzir discursos controlados e controláveis, a fim de evitarmos meras especulações, afirmações subjetivistas, montagens teóricas fantasiosas vale a regra: tudo o que fazemos em ciência deve poder ser refeito por quem duvide; daí não segue que somente vale o que tem base empírica, mormente se entendermos por ela apenas sua face quantificável, mas

segue que também as teorias necessitam ser referenciadas a realidades que permitam relativo controle do que dizemos.

A- Discutibilidade:

Esforçamo-nos em fundamentar a nossa tese da maneira mais sólida possível, já sabendo, porém, que alcançaremos este resultado apenas parcialmente. Sabemos que o nosso discurso será síntese. Ou seja, uma nova tese.

B- Originalidade e Coerência

A nossa análise traz inovações ao estudo das revistas ilustradas portuguesas do fim dos oitocentos. Desconstruímos o discurso aparente de *O Occidente* e procuramos um outro discurso, o velado, que esconde as verdades da época e as dos editores da revista. Para alcançarmos nossa proposta, tentamos ser coerentes e não entrar em contradições. Também procuramos criar consistência entre as nossas premissas e as nossas conclusões. Apesar de acreditarmos que nenhum tema é inesgotável, esforçamo-nos para analisar o texto literário de *O Occidente* por todos os ângulos.

No Estado da Arte citamos os autores mais relevantes – José Tengarrinha, Jorge Pedro Sousa, João Lourival, Luiz Henriques, Alda Santos, Costa Barrocas, Avelar Pinheiro, Cesar Mesquita, entre outros -, que publicaram estudos sobre as revistas ilustradas de Portugal, não encontrando nenhum que se dedique a analisar o discurso oculto das revistas ilustradas. Acreditamos que esta é a originalidade de nossa tese.

C- Consistência

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 19) consistência é a característica da tese que se encontra em condições de enfrentar contra-argumentação ou que seja capaz de merecer o respeito dos que não concordam com ela. Esforçamo-nos para dar consistência à nossa tese quando nos debruçamos sobre o texto literário de *O Occidente*.

D - Autoridade por mérito

Significa o reconhecimento de quem conquistou posição respeitada em determinado espaço científico e é por isso considerado “argumento”. A autoridade por mérito de nosso trabalho está refletida na bibliografia consultada. Sousa (2016, p. 613) aprofunda as dificuldades das pesquisas nas Ciências Sociais:

Dada a profusão de saberes que pode ser reclamada por várias ciências e a complexidade dos objectos de estudo – o homem e a sociedade. Por exemplo, para a definição do campo científico das Ciências da Comunicação concorrem conhecimentos da psicologia, da psicossociologia, da sociologia, da antropologia, etc.

Assim, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 16), é comum que um outro método investigativo seja utilizado concomitantemente à análise do discurso. Reparámos isso em nosso trabalho ao também lançarmos mão do método dialético. Ou seja, usamos o texto literário de *O Occidente* como tese. Aplicamos a ele as nossas informações, as leituras, as experiências, os conhecimentos, as pesquisas antigas e recentes. O resultado da interação de textos de *O Occidente* com a observação/análise da autora é a antítese e, desta, surgirá a tese. Ou seja, a nova leitura de uma revista oitocentista.

À decomposição do objecto de conhecimento em parcelas, para melhor se conhecer, chama-se análise. Mas a pesquisa implica também a capacidade de recompor parcelas conhecidas num todo mais complexo. A síntese é a operação contrária à análise. Sem análise, o conhecimento científico seria superficial; sem síntese, seria necessariamente incompleto (Sousa, 2006, p. 618).

Karam e Hauser (2011, p. 1) citam Sousa (2008) ao justificarem o uso da dialética no estudo do jornalismo:

Ao lado da retórica, a dialética ocupava um lugar de destaque na cultura greco-romana, sendo considerada uma forma de argumentação por meio do diálogo e do confronto de idéias. Neste sentido e, considerando a contribuição de autores como Jorge Pedro Sousa (2008) e Francisco Karam (2009) que referem-se, respectivamente, aos fenômenos pré-jornalísticos (ou seja, anteriores ao surgimento do jornalismo enquanto um projeto moderno) e às influências da retórica greco-romana para a formação das técnicas de produção jornalísticas (...). Assim como a dialética não pode ser reduzida à uma forma de argumentação, já que atualmente se constitui em um dos paradigmas do pensamento ocidental.

Não acreditamos em julgamentos *a posteriori* e, portanto, não os usamos. Tentamos utilizar a lógica do século XIX para avaliar um periódico do mesmo século. O que, por exemplo, pode ser considerado machista aos olhos do século XXI, não passa, em nossa opinião, de uma verdade oitocentista. Dalmonte (2011, p. 330) refere:

A ambiguidade da narrativa jornalística no que tange ao tempo, ou melhor, à temporalidade do presente, pode ser observada pela opção do uso do tempo verbal no presente do indicativo, independentemente de o fato estar em processo ou já ter ocorrido (...) Por intermédio desse artifício, tem-se a ideia de que o fato ainda acontece, que o leitor está ligado a ele.

Consideramos, durante todo o nosso trabalho, que os fatos noticiados estão no passado, são narrados com a ideologia e os sentimentos de um tempo que não mais existe. Não nos interessou avaliar as antigas verdades que, hoje, não mais aceitamos. Detemo-nos apenas no modo em que elas foram anunciadas.

Para organizarmos o material a ser observado e analisado, além de decuparmos as 1.315 edições de *O Occidente*, localizamos, selecionamos, identificamos, recolhemos, descrevemos e analisamos os elementos importantes para a nossa pesquisa, seguindo o conselho de Sousa (2004, p. 63): “*Verificamos* (grifo da autora) se a linguagem é complexa ou simples, se as regras gramaticais são respeitadas, como os discursos indiciam as intenções dos enunciadorees, etc”.

No nosso caso, o enunciador principal é Caetano Alberto¹, diretor e principal capitalista de *O Occidente*) e os seus locutores os jornalistas responsáveis pelas rubricas fixas, principalmente os diretores-literários, que assinavam a mais importante coluna da revista, a “Chronica Occidental”. Machado (2006, p. 7) afirma:

Temos três instâncias de sujeitos inscritos em um discurso: o locutor, o alocutário e o delocutário. O locutor é “aquele que fala” – não apenas o falante, mas sujeitos que falam por meio dele; temos o locutor autor, por assim dizer, e os locutores a quem ele dá voz por meio de sua fala. O alocutário é “aquele para quem o texto se dirige” – pode ser um alocutário definido ou um alocutário anônimo, como geralmente ocorre na comunicação midiática. O delocutário é “aquele de quem se fala” – o que se pode chamar referente, ainda, assim, um sujeito.

Optamos por manter, nos textos citados, a grafia original que, segundo Bosi (2013, p. 352), é uma informação histórica que nos revela uma visão de mundo e da linguagem. A pontuação da época também foi respeitada. Assim, podemos acompanhar o início das reformas de nosso idioma, ocorridas a partir de 1910, com a intenção de torná-lo mais fonético.

¹ Caetano Alberto e sua trajetória estão melhor analisados no capítulo três.

Nosso trabalho apresenta oito capítulos, além da introdução, da conclusão e da bibliografia. O primeiro é sobre o estado da arte e a metodologia que utilizamos.

No segundo, observamos o contexto histórico e social no qual circulou *O Occidente*. Neste capítulo estudamos a origem do pensamento liberal e de seu mais importante representante ideológico: a imprensa. Analisamos a realidade político-social portuguesa em parte do século XVIII e no século XIX e apresentamos as primeiras influências das novas ideias entre a elite lusa.

O terceiro capítulo dedica-se a *O Occidente* desde o seu nascimento. Nele, exploramos as principais influências que recebeu, estudamos a sua evolução editorial – por exemplo, as capas tornam-se mais factuais à medida que o século XX avança, graças ao desenvolvimento da fotografia – e tentamos compreender a sua linha editorial. Este capítulo também enfocará o gravador Caetano Alberto, fundador e principal capitalista, e os diretores-literários Guilherme D’Azevedo, Gervasio Lobato, João da Camara e Antonio Cobeira. Usamos os nomes dos articulistas como eles os assinavam: sem os acentos gráficos.

No quarto capítulo, estudamos a “Chronica Occidental”, espaço editorial mais nobre, espinha dorsal de *O Occidente*. Tinha o nome de crônica, mas foi, simultaneamente, editorial, artigo de fundo, porta-voz da realeza, além de um relato de costumes.

O quinto capítulo analisa a cobertura da política interna e externa. No século XIX, as potências europeias compreendiam que a posse de colônias representava poder. Aliavam ao orgulho de dominar além das suas próprias terras, a necessidade de conquistar outras na busca de matérias-primas para abastecer a revolução industrial. *O Occidente* é atento a este movimento que ameaça a hegemonia de Portugal na África.

Na editoria de política nacional, também se destaca a espaço dado às expedições exploratórias de Roberto Ivens, Hermenegildo Capelo e Serpa Pinto, primeiros portugueses a desbravar os sertões de Angola e Moçambique. *O Occidente* transforma-os em heróis nacionais e dedica-lhes capas e grandes matérias. Ao lado dos textos de cunho patriótico, a editoria nacional conseguiu tempo e espaço para exercitar um colunismo social *avant la lettre*. Descreve a vida da burguesia e da aristocracia de Lisboa, comenta os carnavais, elogia as quermesses organizadas pelas rainhas para ajudar segmentos sociais que estivessem

atravessando dificuldades, cobre os eventos meteorológicos mais dramáticos, as mortes, os nascimentos e os crimes. Enfim, retrata a alma da capital.

A cobertura da política internacional é rica e bem-feita. Acompanha os meandros políticos que desaguaram em atritos entre as nações e cobre com presteza as guerras. Escolhemos três para analisar: a hispano-americana, quando os Estados Unidos, pela primeira vez, mostram a sua vocação imperialista; a guerra do Pacífico, que envolveu países distantes de Portugal: Bolívia, Chile e Peru; e a Primeira Guerra Mundial. Esta, que começou em 1914, assinala uma lufada de ar na já cambaleante revista. *O Occidente* toma fôlego, apresentando excelente cobertura fotográfica, notícias das trincheiras e dos movimentos das tropas.

Para nós, brasileiros, é interessante observar que *O Occidente* noticia e avalia com precisão a implantação da Doutrina Monroe que, durante praticamente todo o século XX, influenciou as relações da América do Norte com os seus vizinhos latinos. As exposições internacionais, símbolo do novo e competitivo Portugal, representam, no ideário de *O Occidente*, a aproximação pacífica entre os países e, ao mesmo tempo, a força do trabalho que criava o progresso. Todas as exposições internacionais são exaustivamente cobertas e registradas em gravuras.

As matérias sobre cultura e ciências constroem o sexto capítulo. Transmitir conhecimento é uma das mais importantes propostas de *O Occidente*. A arte, em suas diversas manifestações, é prioridade da revista e ocupou, com destaque, as capas de *O Occidente*. Cento e setenta e seis capas são dedicadas a quadros e esculturas, a maioria de artistas portugueses. Uma longa dissertação sobre o mobiliário urbano de Lisboa ocupa várias edições e as exposições de belas artes ganham grande destaque.

A literatura é publicada em folhetins – o primeiro, durante o ano de 1878, “Os últimos amores de Goethe”, é assinado por uma mulher, Maria Amália Vaz de Carvalho. Para *O Occidente*, os escritores são os símbolos do que a intelectualidade produz de melhor.

O século XIX passa à História como o século das grandes descobertas. Ainda no sexto capítulo, observamos como *O Occidente* divulga as novidades científicas. A ciência é tão importante para a revista, que existia uma coluna para registrar os avanços na área: “Actualidades Científicas”. As descobertas, como as de Pasteur e as do Robert Koch,

ganharam páginas especiais. Entre tantos avanços da época, escolhemos alguns para nos determos. Na área médica, a cura da raiva humana; o anúncio da descoberta do bacilo do Koch, causador da tuberculose; a vacina de difteria; a tomada de consciência da importância dos preceitos de higiene na área da saúde. Na tecnologia, a eletricidade, as invenções de Thomas Edison, os vapores modernos e mais velozes, os primeiros aeroplanos.

A nobreza, tanto a portuguesa quanto a de outros países, compõem o sétimo capítulo. A família real portuguesa é um dos assuntos prediletos de *O Occidente*. Todos os espaços da revista podem ser ocupados por matérias, gravuras e capas, sempre elogiosos, sobre a casa de Bragança. As figuras preferidas para comentários são as rainhas. Nelas é possível elogiar tudo: do porte real ao generoso coração materno, como, muitas vezes, Gervasio Lobato se refere à dona Amélia. A revista é discreta em relação aos infantes adultos e só lhes abre espaço quando se destacam em alguma atividade. *O Occidente* também não comenta e não comete indiscrições sobre as vidas extramatrimoniais da monarquia, embora dom Luiz tenha morrido de neurosífilis – doença sexualmente transmissível e, na época, sem cura – e dom Carlos tivesse uma filha fora do casamento, a quem reconheceu e deu o sobrenome Bragança.

No entanto, apesar da admiração pelos reis e rainhas, *O Occidente*, no regicídio, comete um erro que consideramos fatal. Enquanto outros jornais e revistas mostraram agilidade – e provamos isto no capítulo nobreza – *O Occidente* se imobilizou diante do fato. Deixou os seus leitores completamente sem notícias.

Aproveitamos o capítulo sobre a nobreza para citarmos o nascimento da filosofia niilista, que, no século XIX, a imprensa confundia com o anarquismo e tantos danos causou às casas reais. Consideramos o niilismo uma consequência da liberdade proporcionada pela imprensa industrial que, pela primeira vez, questionava sistematicamente velhas verdades estabelecidas. Essa negação de todos os princípios filosóficos, religiosos e sociais criou o campo fértil para o nascimento da filosofia da desesperança, que está na gênese do pensamento contemporâneo. Sugerimos que a importância da imprensa no surgimento do niilismo merece ser pesquisado com mais atenção.

O oitavo capítulo estuda a relação de *O Occidente* com os *fait divers*, o tipo de notícia capaz de abalar a confiabilidade de um meio de comunicação, se não trabalhado com discrição. Acidentes, suicídios, assassinatos, afogamentos. Histórias do dia a dia que, por azar

do destino, transformam leitores em personagens. Apesar de tom melodramático fazer parte da filosofia editorial de *O Occidente* e de, muitas vezes, os textos abusarem dos adjetivos emocionais, os *fait divers* da revista seguem uma linha contida, deixando o assombro por conta do próprio fato, como determinam as normas do bom jornalismo.

CAPÍTULO I - A imprensa na segunda metade do século XIX

1.1 - A marca do século XIX

O século XIX, de tantas descobertas científicas, também é considerado o século do jornalismo. Foi durante os oitocentos que os veículos de comunicação evoluíram, caíram no gosto popular e se tornaram uma atividade industrial. A aceitação do público aos jornais e revistas era tão grande que o escritor e jornalista João da Camara, terceiro diretor-literário de *O Occidente* e responsável durante treze anos, pela seção “Chronica Occidental”, comentou na edição 912 (30 de abril de 1904, p. 90), que a greve de tipógrafos estava levando os leitores “viciados em jornaes” a sofrerem, pela ausência deles, “de mal-estar physico, digestões malfeitas, insomnias persistentes”. Acreditamos que tal síndrome de abstinência se assemelha àquela que, atualmente, ataca quem se vê impedido de acessar a Internet. Mudam-se os veículos, não a dependência emocional que eles criam.

Em fins do século XIX, o jornalismo começava a se estruturar como indústria. Apesar de ser definida como cultural, o que lhe dá, acreditamos, um certo charme, a indústria jornalística consolidou-se e ainda sobrevive graças à lógica que sustenta todas as empresas capitalistas: o lucro.

A organização industrial do jornalismo transformou os profissionais que a ele se dedicavam. Antes, os jornalistas eram intelectuais que espalhavam informações e o próprio brilho. Subitamente, transformaram-se em homens e mulheres que não passavam de, simplesmente, “operário de uma mercadoria” (Tengarrinha, 1965, p. 208). Esta dicotomia, atividade intelectual X aprisionamento intelectual, persegue os profissionais até os dias de hoje.

Mãos e cabeça alugados ao serviço do outro, mas querendo manter intactas a *sua* própria mão e a *sua* própria cabeça, nasce daqui uma instabilidade intelectual, moral e até social, um

desdobramento, uma dissociação no interior do jornalista que não raro acaba por gerar um certo revestimento *cínico*. (Tengarrinha, 1965, pp. 208-209).

Para chegarmos ao ponto de profissionais que alugam a sua capacidade de pensar, o que só acontece no século XX, radicais transformações atingiram o pensamento humano. A Revolução Industrial, que começou no fim do século XVIII e explodiu no primeiro quartel do século XIX, virou o mundo de cabeça para baixo. Provocou mudanças sociais e gerou novas relações de poder. O positivismo, o marxismo, a ascensão da burguesia, o anarquismo, o niilismo, a emersão da classe operária, os primeiros passos da mulher em busca de sua liberdade surgem ou se fortalecem durante este período. Sousa (2017, p. 47) confirma:

Estas alterações sociais contribuíram para a sedimentação das alterações políticas que vinham a ocorrer, no Ocidente, desde as revoluções Americana e Francesa, e para a formação de novas ideologias, como o demoliberalismo, o socialismo/comunismo, o fascismo e o nacional-socialismo . .

Após a revolução liberal do Porto, em 1820, os jornais e revistas, animados com o fim da censura – que acabaria e voltaria muitas vezes durante os séculos XIX e XX –, multiplicaram-se. Saraiva (1998, p. 445) afirma que “O primeiro grande surto da imprensa verificou-se depois da revolução de 1820. Nesses anos publicaram-se em Lisboa seis diários, todos políticos”.

Torgal e Vargues (1998, p. 581) acreditam que a injeção de ânimo no mundo da imprensa portuguesa ocorreu também como consequência do novo ideário liberal, que estimulava a formação da opinião pública:

Se o surto jornalístico está ligado à política também está subordinado à ideia da disussão de “conhecimentos úteis”, ao nível do noticiário e da divulgação científica e literária (...) não devemos esquecer que a ciência tem um peso fundamental na abertura cultural, a qual vai implicar o aparecimento de novas ideias, talvez, mais do que isso do debate de ideias.

Jornais e revistas não eram novidade, já existiam há séculos. Mas, nos oitocentos, encontraram o caminho que transformou o jornalismo em atividade industrial que sobreviveu, nos mesmos moldes do século XIX, até o fim do milênio.

1.2 - Testemunhas da História.

O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro não desperta a curiosidade dos estudiosos da ciência da informação. Tengarrinha cita a revista apenas casualmente, não lhe dedicando nenhuma pesquisa exclusiva. Sousa (2017, p. 26) a decifra superficialmente “Existe falta de conhecimento sobre as revistas ilustradas portuguesas e sobre o seu contributo para a transformação e expansão do jornalismo lusófono na viragem do século XIX para o XX”.

O mesmo Sousa (2017, pp. 35-36) enfatiza que há ainda pouco conhecimento acadêmico a respeito das revistas ilustradas publicadas em Portugal:

Efetivamente, quase não existe produção de conhecimento sobre as revistas ilustradas portuguesas, nomeadamente sobre aquelas que cobriram iconograficamente a atualidade, nem sequer sobre a *Ilustração Portuguesa* (1903-1923), da empresa do jornal *O Século*. Que, no início do século XX, dominou o mercado dos semanários ilustrados.

Apesar da existência de trabalhos sobre as publicações do século XIX, *O Occidente* não é um assunto preferencial. João Lourival Silva (2013) analisou a revista *O Panorama*. Alda Santos (2009) escreveu sobre *O Occidente*. Leonor Pires Martins (2012) analisou as representações iconográficas do colonialismo português na imprensa ilustrada entre 1875 e 1940.

Outros autores debruçaram-se sobre o assunto. Sousa (2017, pp. 37-38-39-40-47) aponta os seus nomes e afirma que as revistas ilustradas mereciam mais atenção, principalmente por terem sido importantes testemunhas da história portuguesa:

Uma constatação de partida pode ser feita: num mundo e num país em mudança vertiginosa, matéria-prima não faltou às revistas ilustradas portuguesas, quer estas desejassem enriquecer culturalmente os seus públicos, quer desejassem dar-lhes notícias ilustradas sobre os principais acontecimentos da atualidade coeva. Fora, de facto, tempos agitados, esses anos entre 1835 e 1914.

Os citados por Sousa são António José de Brito Costa Barrocas, em 2014, fez uma leitura da linguagem fotojornalística do século XIX e início do XX; Nuno Avelar Pinheiro (2006), que também se dedicou ao fotojornalismo, destacando a importância das imagens na construção das memórias sociais; Ribeiro e Bento (2004), Eurico Dias (2002), João Carlos Vilhena e Cesar Mesquita (1907), pesquisadores que avançaram na análise iconográfica das revistas ilustradas. Sousa (2017, p. 39) também aponta que “noutros países, a imprensa ilustrada oitocentista e novecentista tem sido mais estudada. Em Espanha, por exemplo, contabilizam-se várias teses de doutoramento sobre revistas ilustradas, com diversos fins”.

Registramos que a grande maioria das análises que consultamos dedicam-se principalmente à imagética, como, por exemplo, a tese de doutoramento “Ilustração, Imagem da Modernidade em Portugal”, de Luiz Nuno Pinto Henriques. Nesta tese (2015, pp. 60-70), o autor investiga a relação entre a imagem ilustrada e a experiência de modernidade e, ao se referir ao significado da palavra ilustração no século XIX, refere:

A ilustração transporta a modernidade no próprio nome. Antes das primeiras décadas do século XIX, a palavra ilustração permaneceu distante das artes gráficas. Os sentidos que a percorriam diziam respeito ao reconhecimento público de um mérito, à exposição clara de um discurso, à uma inspiração divina (...) O uso moderno de ilustração entra nos léxicos das línguas europeias através da imprensa. Caetano Alberto tem um papel de enorme relevo no campo da gravura e da imprensa ilustrada portuguesa, como gravador, director artístico e principal capitalista d'O Occidente (...) Seguindo o exemplo de *O Archivo Pittoresco*, *O Occidente* estabelece uma

oficina de gravura na Rua do Loreto em Lisboa e conta com uma excelente equipa de gravadores.

Como é hábito nos estudiosos das revistas ilustradas, Henriques (2015, p. 84) também se reporta à *Penny Magazine*, que descreve como “um periódico suficientemente plástico, relativamente adaptável aos interesses e às inclinações de um público muito vasto”. A *Penny Magazine* foi editada pela *Society for the Diffusion of Useful Knowledge*. Esta sociedade era uma organização sem fins lucrativos, fundada por nobres e burgueses com a intenção de levar informações ao povo. Segundo Sousa (2017, p. 61), a *Penny Magazine* surgiu em 1832 e alcançou enorme sucesso, influenciando várias publicações na Europa.

Há uma data simbólica para a imprensa ilustrada enciclopédica (...), 31 de março de 1832. Neste dia aparecia em Londres, *The Penny Magazine* (1832-1845). Vocacionada para a educação popular, acessível à generalidade das bolsas (conforme o título da revista sugeria), (...) A *Penny Magazine* (fig X) foi a primeira publicação periódica a usar amplamente as imagens com intuítos informativos e explicativos.

O Panorama, primeira revista enciclopédica portuguesa, e *O Occidente*, a mais importante revista ilustrada do país no século XIX, também absorveram a experiência da *Penny Magazine*, *O Panorama* foi tão impregnado pela publicação inglesa que até a empresa que a editava era filantrópica e tinha o mesmo nome: Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis.

Posterior à imprensa enciclopédica, mas também herdeiro da linha editorial da *Penny Magazine*, o jornalismo ilustrado, do qual *O Occidente* é o mais importante exemplo português, transformou o formato revista no padrão para as que se seguiram. Acreditamos que as imprensas enciclopédicas e ilustradas seguem caminhos paralelos, pois a *Penny Magazine* fez sucesso a partir de 1833, época em que a imprensa ilustrada dava os primeiros passos. Sousa (2017, p. 26) supõe que as revistas ilustradas portuguesas seguiram o exemplo das editadas nos países pioneiros neste tipo de publicação:

A história das revistas ilustradas portuguesas replicou, na periodização e nos modelos, a história e o tipo de discurso da imprensa ilustrada dos países pioneiros neste segmento de imprensa, Inglaterra e França, que, historicamente, são países próximos e influentes em Portugal.

No mesmo ano em que a *Penny Magazine*, 1833, surgiram, na França, o *Magazin Pittoresque*, que durou quase um século (1833/1923) e, na Alemanha, o *Daz Pfening Magazine*, que só fechou as portas em 1842. Portugal, porém, ainda esperou por sua primeira revista enciclopédica. *O Panorama* só surgiu em 1837. Consideramos interessante registrar que a *Penny Magazine* pretendia veicular informações generalistas, um pouco de tudo².

Ao utilizar textos e gravuras, a *Penny Magazine* repetiu um modelo que já havia dado certo em séculos anteriores. Sousa (2017, p.p 57-58) afirma que a revista *Gynasceum ou Teatro de Mulheres, onde são Reproduzidas em Gravuras as roupas femininas de todos os países da Europa* surgiu em 1586, na Alemanha, graças ao pintor suíço Josse Amman.

Amman (grifo da autora) inseria imagens de moda feminina, podendo ser considerada antepassada da imprensa ilustrada. O periódico *Mercure François* (1605-1643), entre outros, já encartava informação iconográfica (...) A imprensa ilustrada materializou-se, sobretudo, num formato: a revista. .

Sousa (2017, pp. 58-59) também cita que outras publicações deixaram os seus nomes na história, inclusive a alemã, do século XVII, cujo título já sugere a sua diferença editorial das gazetas noticiosas: *Edificantes Discussões Mensais* ou, no original, *Erbauliche Monaths-Unterredungen*. Esta publicação propunha-se a discutir mensalmente assuntos sobre filosofia, ciência, teologia e literatura.

² De acordo com o dicionário Priberam, dessa palavra vem do árabe *makhâzan*, que significa armazém. A palavra deu origem a *magasin* (francês), *magazzino* (italiano) e *magazine* em inglês e português. Em português ficou a ideia de que magazine é um armazém ou loja onde produtos variados são vendidos. Com a invenção da imprensa, a palavra magazine também foi utilizada para designar jornais e revistas, pois não deixavam de ser armazenamento, mas de informações.

Também o *Journal des Savants*, de 1665, (*Jornal dos Conhecedores* ou dos *Sábios*), editado em Paris e dedicado, principalmente, à divulgação de novos livros, pode ser considerado um antepassado das revistas, tal como as britânicas *Philosophical Transactions of The Royal Society* (*Transações Filosóficas*, Londres 1665), *The Review* (1704) um periódico de crítica social satírica, *The Spectator* (1711), ainda em publicação, ostentando o título de “mais antiga revista inglesa em publicação contínua”. Todas estas publicações, porém, tinham por público-alvo uma elite letrada, culta e endinheirada (...). Faltava uma publicação não diária nem eminentemente noticiosa destinada a uma fatia maior de público.

Uma revista direcionada a um maior número de pessoas, a primeira a se definir como um magazine – “um armazém de assuntos variados” (Sousa, (2017, p. 59) – e também a primeira a usar ilustrações, foi lançada em 1731: *The Gentleman’s Magazine*.

Esta revista durou quase dois séculos e provavelmente foi quem introduziu o conceito do que, hoje, chamamos de *newsletter*: um boletim informativo que resume as principais notícias do dia e são entregues às principais autoridades de um país ou de uma empresa. *The Gentleman’s Magazine* usava esta técnica para os leitores que não tinham tempo a perder. Mensalmente, uma seção resumia os acontecimentos dos últimos trinta dias. De poesia a crimes, de política internacional a crônicas parlamentares, além de um resumo do que fora notícia em outras publicações.

Ao citarmos o jornalismo enciclopédico, do qual o jornalismo ilustrado é herdeiro, não podemos deixar de registrar a importância da publicação *L’Encyclopédie* de Denis Diderot e Jean D’Alembert na história das revistas ilustradas e enciclopédicas. Diderot e D’Alembert criaram na França, século XVIII, o *Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* ou, simplesmente, *L’Encyclopédie*. De acordo com Diderot, no artigo “Encyclopédie” que ele escreveu, o objetivo de *L’Encyclopédie* era modificar a maneira como as pessoas pensavam. Diderot queria incorporar todo o conhecimento possível em sua obra e esperava que ela disseminasse informações para as gerações futuras.

Composta de 35 volumes, 71.818 artigos e 2.885 ilustrações, a *Encyclopédie* pretendeu facilitar o acesso das pessoas comuns ao conhecimento. Henriques (2015, p. 85)

citando D'Alembert, que auxiliou Diderot na edição, afirma que D'Alembert escreveu no *Discours préliminaires da Encyclopédie* que a enciclopédia utilizava ilustrações porque “uma olhada ao objeto ou à sua representação diz mais do que uma página de exposição”.

Denis Diderot também conferiu às gravuras a capacidade de explicar detalhes que escapavam às descrições verbais. Filósofo, dramaturgo, crítico de arte e de literatura, Diderot e seus colaboradores – entre eles, Voltaire, Rousseau e Montesquieu – registraram os detalhes da sociedade e da cultura do Século das Luzes e, além dos textos explicativos de cada verbete, recorreram às figuras. Assim, acreditavam, conseguiriam explicitar os mais diversos assuntos e atividades humanas.

Na *Encyclopédie*, a imagem surge em primeiro lugar como “pintura natural e muito semelhante que se faz dos objetos quando estão opostos à uma superfície bem polida (...) seja pela reflexão, seja pela refração (Henriques, 2015, p. 8).

Henriques (2015, p. 85) reflete, ainda, sobre o maior sucesso editorial do Século das Luzes:

Objeto concreto e veículo de ideias, a *Encyclopédie* reúne e sintetiza um milhar de artes e ciências, e representa, corpo e alma, as Luzes. O astro da imprensa da segunda metade do século XVIII conhecerá sucessivas edições que materializam o propósito do saber iluminista. .

Simbolizamos a imprensa enciclopédica lusa em seu primeiro representante, *O Panorama*.

O liberalismo propunha-se, efetivamente, de algum modo, retomar os espírito das luzes, mas alargando os benefícios da instrução e da cultura.(...) A imprensa foi fundamental para a promoção do ideário da propagação e democratização das luzes. (...) As luzes seriam, em suma, o factor capaz de garantir o progresso material e de levar os portugueses, enfim, à

prosperidade, desde que beneficiassem de uma ordem liberal em que pudessem participar como cidadãos cultos e esclarecidos (Silva, 2014, pp. 55-56)

Segundo Silva (2014, p.82), *O Panorama*, circulou em duas séries, entre 1837/1841 e 1842/1844, ambas editadas por Alexandre Herculano. Entre 1846 e 1868, com pequenos intervalos fora de circulação, o periódico não contou com a colaboração dele. Primeira revista enciclopédica portuguesa, *O Panorama* encarregou-se de despertar na elite lusa a curiosidade pelos acontecimentos e o interesse em se manter sempre informada.

A par dos jornais doutrinários, também surgiram, após 1834, atrelados ao espírito do liberalismo, os mais variados periódicos de propagação cultural, herdeiros do espírito dos periódicos iluministas como os vários *Jornal Enciclopédico* (1779, 1778, 1806, 1820), sendo o mais importante dos pioneiros deste tipo de jornalismo *O Panorama*.

Primeiro grande periódico português de divulgação cultural da primeira metade do século XIX, *O Panorama* contribuiu para a modernização do jornalismo português ao ampliar os temas noticiáveis, ao promover o jornalismo ilustrado, antecipando o fotojornalismo, e introduzindo nas edições a crônica e a reportagem. Até então, Portugal conhecia a imprensa política. *O Panorama* modificou este cenário ao ser o primeiro exemplo português de um modelo jornalístico que apontava para a industrialização da imprensa. Principal herdeiro português dos periódicos iluministas, *O Panorama* veiculava os valores da ideologia liberal, acreditando-se um meio para a formação de cidadãos.

Também foi na Inglaterra que surgiu a primeira revista ilustrada de atualidades. *The Illustrated London News* foi lançada em 14 de maio de 1842. Teve vida longa, só fechou as portas em 1971, após circular regularmente por 129 anos. Já preocupada com a cobertura das atualidades, anunciou em seu primeiro número que pretendia noticiar a vida de seu tempo. Sousa (2017, pp. 72-73) comenta:

Sabemos que o advento de um jornal ilustrado (...) deve marcar uma época (...) A vida do tempo corrente – os sinais de seu gosto e inteligência – seus monumentos públicos e homens públicos – suas festas – divertimentos – instituições – descobertas – e o próprio reflexo de seus modos de vida e costumes – as vestimentas variadas da sua mente e do seu corpo .

Herdeira do sucesso das revistas enciclopédicas e dos jornais que cobriam o dia a dia, *The Illustrated London News* surgiu com a intenção declarada de ser um periódico comercial. Procurou, sem constrangimento, seu público-alvo entre a burguesia e a aristocracia e organizou uma bem-sucedida campanha publicitária para anunciar-se. O lançamento do primeiro número foi precedido por 200 homens que percorreram Londres carregando placas que anunciavam a nova revista. O costume ainda vigente – ao menos, no Brasil – de enviar graciosamente o primeiro número para personalidades de diversas áreas parece ter sido uma invenção da *The Illustrated London News*, que recorreu à esta estratégia para começar a angariar assinantes.

O periódico também identificou o poder de sedução da família real inglesa e incluiu amplo noticiário sobre os seus membros. Sua linha editorial repercutia os valores da Inglaterra cristã e a sua cobertura da guerra da Crimeia elevou a sua tiragem para mais de 100 mil exemplares por número.

Se a *Penny Magazine* serviu de modelo para as publicações enciclopédicas, a *The Illustrated London News* foi a referência para as ilustradas. Segundo Sousa (2017, pp. 75-76), toda a Europa e até os Estados Unidos copiaram o seu modelo editorial.

Surgiram, no mercado, por exemplo, *L'Illustration* (1843-1944), em França, *(Die) Illustrierte Zeitung* (1843-1944), na Alemanha, a *Harper's Weekly* (1857-1916), a *Collier* (1888-1957) (...), a *Frank Leslie's Illustrated Newspaper* (1852-1922), nos Estados Unidos.

Rodar as revistas ilustradas significava custos. Nesta época, a venda de espaço publicitário não cobria integralmente as despesas de produzir um veículo que exigia, além de redatores e tipógrafos, desenhistas, gravadores e grandes recursos materiais. Isso explica por que em países menos ricos, como Portugal, as revistas ilustradas de atualidades tenham

demorado a aparecer. O alto preço de venda para o consumidor final também ajudou a frear a expansão desse novo tipo de jornalismo.

Mas, apesar de tudo, as revistas ilustradas seguiram o seu caminho de sucesso. Depois da estreia na Inglaterra, sucessivamente a França e a Alemanha (1843), a Espanha (1849) e os Estados Unidos da América (1851) as publicaram. Nos Estados Unidos, em Boston, terra da elite norte-americana, surgiu, em 1851, a *The Gleason's Pictorial Drawing Room Companion*, que, em 1855, passou a ser chamada de *The Ballou's Pictorial*. Novamente foram guerras – na Europa, a da Crimeia, nos Estados Unidos, a guerra civil – que impulsionaram o mercado. Em 1852 e 1853, nasceram a *Frank Leslie's Illustrated Newspaper* e a *Harper's Weekly*, a tempo de cobrir a guerra civil norte-americana, fato que aumentou a curiosidade do público por essas publicações. Nunca é demais alertar para, como diz Sousa (2017, p. 82), que nesta época era “o mercado jornalístico norte-americano já então um dos mais pujantes do mundo”.

Sousa (2017, p. 82) também registra que a Austrália viu surgir a sua primeira revista ilustrada em 1862, *The Illustrated Australian News*. O Canadá, em 1869, criou duas. Uma em inglês, a outra em francês: *Canadian Illustrated News* e *Le Monde Illustré*. A Itália, após algumas tentativas frustradas, publicou, em 1873, a *Nuova Illustrazione Universale*.

Portugal, da mesma maneira que a Itália, ensaiou alguns títulos de vida curta. *A Ilustração: Jornal Universal* (1845-1846), *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal* (1856-1859), que tentaram, sem conseguir realmente ser, revistas de atualidades.

O modelo de revista ilustrada de atualidades só se implantou definitivamente em Portugal com *O Occidente*, surgido em 1877. E, na verdade, mesmo a implantação do modelo de noticiário gráfico nesta revista foi gradual.

Também podemos citar o *Jornal de Belas Artes*, 1848, 1857; *Ilustração*, 1845, 1852; *Ilustração Luso-Brasileira*, 1856; *Arquivo Familiar*, 1857. Mas essas publicações deixavam a desejar pelas ilustrações, a maioria delas baseadas em clichés estrangeiros que, para piorar, perdiam qualidade durante a impressão das revistas. Em 1856, o *Arquivo*

Pitoresco foi lançado e tentou melhorar a arte de gravura em madeira. Em 1871, no Porto, nasceu o *Arquivo Popular* e, em 1872, o *Artes e Letras* tenta fazer o que *O Occidente* conseguirá: publicar gravuras portuguesas de qualidade. Mas o fez em número tão pequeno que não chegou a chamar a atenção dos leitores. Também em 1877 é lançada em Paris a revista *Dois Mundos*, que usava gravuras estrangeiras e publicava os textos em português. Esta publicação não despertou interesse entre o público português.

Finalmente, em 1878, surge *O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Alertamos que utilizamos neste trabalho o nome da revista como ela é grafada originalmente: *O Occidente*. Também preferimos considerar o ano de lançamento 1878, já que o primeiro número saiu em 1º de janeiro de 1878. É verdade que um protótipo foi lançado em 1877, mas publicação regular somente a partir de 1878. Esta explicação esclarece as diferenças entre o nome e a data usados por nós e por Sousa (2017, p. 313). Sendo este um trabalho sobre jornalismo, arriscaríamos dizer que fizemos outra opção editorial³.

Ao contrário de outras revistas europeias, *O Occidente* reinou absoluta no mercado português, sem precisar se preocupar com concorrentes. Fato que, provavelmente, contribuiu para a revista logo conquistar o mercado. Também textual e graficamente evoluiu pouco. Quase não há diferenças entre o tratamento editorial do primeiro e do último número. Justificando a demora de Portugal em aderir ao jornalismo mais moderno, Tengarrinha (1965, p. 157) refere as dificuldades de ordem legal e técnica:

Foi para abviar a esses inconvenientes e outros que entravavam o progresso do jornalismo que, em agosto de 1846, por convite de Garret e José Estevão, se reuniram no Conservatório Real de Lisboa alguns homens de letras e jornalistas, que assim constituíram a Liga ou Associação

³ O *Dicionário Portugal Histórico* (2016) registra no verbete *O Occidente*: Para se avaliar da importância e do merecimento deste periódico convém conhecer um pouco a história das publicações similares entre nós. Vêm de 1837 as tentativas de publicações periódicas ilustradas, pelo *Ramalhete*, primeira de que temos conhecimento. Depois veio o *Panorama*, de boa memória, o qual teve três editores em épocas diferentes, sendo a última por 1866 a 1868, chegando a sua coleção a 18 vol. *A Revista Popular*, de Fradesso da Silveira, não teve longa vida. Contudo o público recebeu bem essas publicações e muito especialmente o *Panorama* que ainda hoje é, com justiça, citado, principalmente por seus belos artigos, dos patriarcas das letras, como Alexandre Herculano, Rebelo da Silva.

Promotora dos Melhoramentos da Imprensa. Pela primeira vez a imprensa, unida, se levantava em defesa de seus direitos.

Uma das principais questões discutidas nessa reunião foi a má qualidade e o custo elevado do papel oferecido à imprensa periódica, o que tornava as novas publicações caras e não permitia boa qualidade de impressão. Na verdade, o problema tinha raízes na política, como explica Tengarrinha (1965, p. 165):

A fim de proteger a indústria nacional, os direitos de entrada de papel estrangeiro que haviam sido de tal modo exagerados que tornavam praticamente proibitiva a sua compra. Essa medida (...) trouxera consequências desastrosas: livre da concorrência dos melhores modelos estrangeiros, o fabricante português descurara a qualidade do produto, podendo também encarecê-lo sem receio.

Apesar do parecer da Associação Promotora dos Melhoramentos da Imprensa sugerindo que o governo reduzisse os impostos sobre o papel próprio para impressão, o problema só foi solucionado no fim do terceiro quartel do século XIX. Barreto (1981, p. 253) afirma que, por outro lado, a situação da indústria tipográfica também era precária. Embora o jornalismo se desenvolvesse rapidamente e angariasse cada vez mais leitores, a limitação da tipografia portuguesa impedia que os meios de comunicação alcançassem o nível de sofisticação existente nos jornais e revistas de outros países europeus. aponta os motivos da morosidade do desenvolvimento tipográfico português:

O arranque industrial da tipografia portuguesa foi, porém, relativamente tardio, lento e penoso. A enorme proporção de analfabetos (82,5 % da população, segundo o censo de 1878) e o atraso da instrução pública, bem como as reduzidas tiragens, a pequena extracção das obras em língua portuguesa no estrangeiro, a concorrência da indústria francesa e alemã e o elevado preço dos materiais, equipamento e transporte determinaram o dificultoso arranque da indústria, ainda prejudicado pela má formação dos nossos profissionais.

Convivendo com esses problemas graves, *O Occidente* optou por usar uma tipografia que garantisse a melhor impressão possível em suas edições. A escolhida foi a de Adolfo Lallemand, proprietário da tipografia Lallemand, que funcionava na Rua do Thesouro Velho, Lisboa. Lallemand, que pertencia à grande escola da tipografia francesa, era especialista na reprodução de gravuras e havia sido o responsável pela impressão dos mapas da primeira “Carta Orographica e Regional de Portugal”, de Bernardino Barros Gomes. Referiundo-se a este mapa, Garcia (2004, p. 12) diz:

É (...) o mais conhecido dos cinco mapas que constituem o primeiro Atlas científico português (...) para uso das Escolas, aprovadas para as escolas primárias pela Junta Consultiva de Instrução Publica (...) premiadas na exposição de Philadelphia em 1876 (...) Editado em Lisboa, por Lallemand Frères, tipografia “fornecedora” da Casa de Bragança.

Quando Caetano Alberto da Silva começou a pensar e a organizar, em 1877, a revista *O Occidente*, sua maior preocupação foi conseguir editar um periódico ilustrado com gravuras que, além de retratar os acontecimentos e reproduzir obras de arte, fossem 100% nacionais. Isto é: do desenho à impressão tivessem sido produzidas em Portugal, por artistas portugueses. Tantos gravadores à disposição não existiam.

A solução, já que Caetano Alberto não abria mão de sua intenção nacionalista, seria criar um estúdio que formasse artistas-gravadores. Para isso foi fundada, no mesmo local da redação de *O Occidente*, uma oficina-escola, onde futuros gravadores recebiam lições do próprio Caetano Alberto. No capítulo sobre *O Occidente* nos demoraremos mais na importância dessa escola.

Bem-recebido pelo público, *O Occidente* durou de 1º de janeiro de 1878 a 1º de julho de 1915. Trinta e sete anos, 1.315 edições que ajudaram a popularizar a imprensa e a fortalecê-la para que, enfim, surgisse a imprensa industrial. Por meio da revista, o público entendeu a importância da imagem, característica que acompanharia o jornalismo durante os séculos XIX e XX: litografia, xilogravura, fotografia e, finalmente, o advento da televisão.

No século XXI, a imagem vulgarizou-se, qualquer um de nós pode gravar, com o seu telemóvel, um momento histórico. Cada vez mais, os consumidores de veículos de comunicação tornam-se dependentes das imagens. As notícias já quase não existem sem elas. Breve, talvez, voltaremos à pintura rupreste.

Outros motivos, além da falta de concorrência, permitiram que o mercado recebesse *O Occidente* com entusiasmo. As políticas educacionais haviam aumentado o número de alfabetizados embora, como vimos na Introdução, ainda fosse alto o número de analfabetos. Ainda assim, o crescimento da burguesia, o surgimento da classe média, a obrigatoriedade de que alguns operários aprendessem a ler para operar máquinas haviam criado um público maior.

A diminuição do preço ao consumidor foi outro motivo que beneficiou *O Occidente*. O momento positivo da economia, com aumento de salários, também permitiu que muita gente se desse ao luxo de consumir a cultura oferecida pelos periódicos. A imprensa da época acreditava que os meios de comunicação não deveriam ter opinião ou engajamento político. Pelo contrário, quanto mais neutro, mais possibilidade de vendas e mais lucro. *O Occidente* seguiu esta cartilha e limitou-se a ser assumidamente elitista e, simultaneamente, o mais neutro possível. Eram as elites que detinham o capital; valia a pena investir nelas para garantir as vendas.

Acreditamos que a classe burguesa está na gênese do jornalismo moderno. Os burgueses, além de serem consumidores de jornais e revistas para se manter informados e aumentar a cultura, acabaram por identificar nos periódicos a oportunidade de aplicar e aumentar as suas fortunas. Ao mesmo tempo, encontraram uma ocupação que lhes garantia o reconhecimento social. Então, mudaram de lado no balcão e passaram a fornecer notícias.

Esse, por exemplo, é o caso de *O Occidente*, já que Caetano Alberto, seu fundador e diretor era um burguês. *O Diário de Notícias*, jornal que realmente mudou a ideia de Portugal sobre o que era a imprensa, também é um exemplo da participação da burguesia no novo negócio.

Em *O Occidente* algumas editoriais fazem o perfil da revista e optamos por estudá-las em diversos capítulos. O mais importante espaço da revista é a “Chronica Occidental”,

assinada pelos diretores literários, nomes de expressão na vida cultural portuguesa. Rodrigues (2016, p. 105) afirma que a crônica tornou-se a marca registrada da revista, funcionando como uma espécie de editorial “por passar em revista temas, informações, estados d’alma, enfim toda uma prática e produção cultural da época, corroborando a característica mais forte do periódico de ‘espelhar o presente’”.

Entre o fim do século XVIII e a segunda metade do XIX, a invenção de novas tecnologias foi fundamental para o sucesso das revistas e jornais: a fabricação industrial de papel, a tipografia a vapor e o advento da esterotipia e da rotativa. Sousa (2017, p. 45) aponta que “estas tecnologias, ao embaratecerem e melhorarem a qualidade das impressões das imagens, viabilizaram a sobrevivência e mesmo o lucro das empresas editoras das revistas ilustradas”.

A Primeira Guerra Mundial é um marco para *O Occidente* e para toda a imprensa da época. *O Occidente* fecha as suas portas em 1915, mas teve tempo de publicar textos e fotos realistas do conflito. Sousa (2017, p. 45) aponta que, ao menos três revistas portuguesas – *A Ilustração Portuguesa*, *a Portugal na Guerra* e *O Espelho* – perderam a objetividade e se tornaram panfletárias ao usarem textos e gravuras para enaltecer os aliados – entre os quais, Portugal – e denegrir as potências inimigas.

Estudar as revistas ilustradas oitocentistas é recorrer a excelentes fontes de informações. Elas registram em ordem cronológica, usando textos e imagens, os acontecimentos políticos e sociais que marcaram as suas épocas. São, hoje, uma importante fonte para pesquisa histórica e as suas diferentes interpretações.

CAPÍTULO II - Portugal na época da revista *O Occidente* 1878-1915

2.1 - Contextualização histórica e política

O século XIX foi conturbado em Portugal. A Guerra Peninsular, que começou em 1807 e envolveu a França, a Espanha, a Inglaterra e Portugal, iniciou um longo período de agitação política. A transferência de dom João VI para o Brasil, em 1808, levando toda a corte, além de documentos e tesouros, livrou os Bragança – e, até certo ponto, o país – do exército de Napoleão. Mas criou um vácuo de poder e um descontentamento popular que desaguou na Revolução Liberal do Porto (1820), início do processo que trouxe de volta a família real, gerou as Revoluções Constitucionalistas e libertou Portugal da monarquia absolutista.

Dona Maria II, primeira monarca constitucional, reinou até 1853, turbulentos 19 anos. Segundo Ramos (2010, p 498), uma monarquia constitucional é: “uma monarquia cercada de instituições republicanas, com predomínio no Estado de órgãos directamente eleitos pelos cidadãos”.

A filha de dom Pedro IV de Portugal – Pedro I do Brasil – ainda teve tempo de testemunhar a revolução de maio de 1851, que deu início ao período conhecido como Regeneração, um intervalo de relativo sossego político e económico. Fontes Pereira de Melo, deputado que apoiou a revolta, foi indicado para o recém-criado Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. Além de gerir a pasta com sucesso, abrindo novas estradas e estimulando a construção dos caminhos de ferro em Portugal, Fontes Pereira de Melo foi um importante avalista do novo momento político. Ribeiro (1998, p. 104) refere

A Fontes Pereira de Melo (grifo da autora) coube (...) a acção dinamizadora do incremento da Regeneração. Homem de Estado, político arguto, grande estadista, ele pensou e agiu politicamente no intuito de dotar o país de uma ordem institucional favorável à necessária política económica (...) Na sua óptica, a vigência da Carta Constitucional de 1826 era o sustentáculo do equilíbrio das forças, e o poder moderador representava a instituição que garantia a ordem, de molde a evitar o desenfreamento das paixões políticas.

Resumindo, Fontes Pereira de Melo era um liberal moderado, fiel à carta de 1826. Sua presença nos governos da Regeneração garantiram os propósitos de renovação. As mudanças foram inúmeras: de uma nova lei eleitoral à estabilização da dívida pública. Do estímulo à produção capitalista às modificações estruturais nas políticas econômicas e financeiras. Da introdução do sistema métrico como medida padrão em todo o território à revisão dos impostos. Fontes Pereira de Melo representava o Portugal que se pretendia moderno. Em sua administração, segundo Ramos (2010, pp. 524-525):

As estradas passaram de 218 Km em 1852 a 8.696 Km em 1890 (...) Na década de 1880 (...) foi construído o novo porto de Leixões (...) Alguns dos empreendimentos eram impressionantes, como a ponte ferroviária dona Maria Pia (...) com o maior vão da Europa, de autoria do engenheiro francês Gustav Eiffel (...) O país adquiriu (...) uma rede de telégrafo elétrico com 326 postos de comunicação (...) Cabos submarinos ligaram Portugal à Inglaterra (1870) e ao Brasil (1873). Os primeiros telefones começaram a funcionar em Lisboa em 1882 (...) O valor das exportações portuguesas (...) alcançou um *superavit* (grifo da autora) de 33 200 contos entre 1888 e 1892 (...) As instituições de crédito multiplicaram-se na década de 1870 (de 13 para 52) (...). Os consumos subiram: o de carne, em Lisboa, passou de 25,5 Kg por habitante em 1873-1877 para 36 Kg em 1888-1892 (...) As quantidades de café, açúcar e tabaco importadas quase duplicaram na década de 1880 (...) Em Lisboa acabaram as ruínas do terremoto e surgiram avenidas (como a da Liberdade, em 1886). (...) O número de prédios com água canalizada passou de 659 em 1872 para 10. 185 em 1886.

O movimento conhecido como Regeneração durou 17 anos e trouxe estabilidade e progresso a Portugal, que entrou no compasso da produção capitalista.

2.2 – Regeneração

Fonseca (2001, p. 75) cita a afirmação de Oliveira Martins sobre a Regeneração:

As alterações decorrentes da relativa estabilidade política e social proporcionada pela Regeneração, “o nome português do capitalismo”, como, um dia, lhe chamou Oliveira Martins, rasgam-se novos horizontes mentais, alargam-se as possibilidades culturais, ao mesmo tempo em que se começam (...) a ouvir os comboios.

Fontes Pereira de Melo deu o seu nome aos 21 anos em que, atuando como ministro ou chefe de governo, exerceu o seu poder. O Fontismo, com também é conhecida a Regeneração, foi o período em que Portugal assistiu a implementação de novos métodos de produção, que criaram riquezas e desenvolvimento. A política liberal consolidou-se e o país conheceu um tempo de calma. Além da juventude – tinha apenas 32 anos quando chegou ao poder – Fontes Pereira de Melo “contou com a sua obstinação e, também, com a sorte” Ramos (2010, p. 522), que também afirma:

Fontes teve recursos que haviam faltado a seus antecessores. Entre 1852 e 1853, os retornos de capitais do Brasil terão feito entrar no país cerca de 54.000 contos. A Europa passava por uma época de grande prosperidade. Os preços das mercadorias (...) voltaram a subir. Mas, acima de tudo, Fontes contou com a sua própria determinação em fazer “triumfar a ideia do caminho de ferro em Portugal” (discurso de 18 de abril de 1856).

O sucesso das medidas levou ao desagregamento das antigas forças políticas. O novo momento do país se encarregou de separar, de maneira tranquila, quem estava no poder – os regeneradores – e os que optaram por permanecer no passado, os históricos. Saraiva (1998, p. 420) comenta:

A nova configuração das forças políticas não tinha ímpeto nem força de choque (...) Sem que ninguém a proclamasse, deu-se uma espécie de reconciliação tácita, um acordo subentendido da necessidade da acalmação política, única via de recuperação no plano econômico.

Saraiva (1998, p. 421) afirma que, em 1853, quando da morte da rainha dona Maria II no parto do décimo-primeiro filho, a facilidade com que o seu viúvo, dom Fernando de Saxe-Goburgo Gotha, foi declarado regente até que o herdeiro dom Pedro chegasse aos 18 anos, prova o quanto a paz política se solificara.

As Cortes escolheram o rei consorte, D. Fernando, e essa escolha encontrou a aceitação de todos os sectores políticos. Nenhum incidente grave perturbou a vida portuguesa durante a regência, que terminou com a aclamação de D. Pedro V em 16 de setembro de 1855.

2.3 – Dom Pedro V

Dom Pedro V foi aclamado rei em 1853. Seu reinado foi curto e aplaudido pelo povo. Começou com o novo rei forçando a saída dos regeneradores do poder. Mas Ramos (2010, p. 523) afirma que a ideologia fontista permaneceu:

Os dois setembristas (o duque de Loulé e o marquês de Sá da Bandeira) a quem confiou o governo (...) adoptaram logo o programa da Regeneração” – os “melhoramentos materiais” como base de um consenso político. Fontes saíra do governo, mas deixara lá as suas ideias.

Educado por Alexandre Herculano, que o preparou para reinar com preocupações sociais e humanitárias, dom Pedro V foi um monarca “escrupuloso e legalista” (Saraiva, 1998, p. 422). Graças a ele, Portugal foi o primeiro país europeu a abolir, em 1867, a pena de morte.

Consideramos importante ressaltar que entre março de 2017 e julho de 2018, Portugal dispôs-se a comemorar os 150 anos da lei que colocou o país na vanguarda mundial dos Direitos Humanos. O *folder* que registra as solenidades programadas, editado pela Direção Geral dos livros, dos Arquivos e das Bibliotecas, informa que o decreto de dom Pedro V foi

considerado pela Comissão Europeia, em abril de 2015, como “Marca do Patrimônio Europeu”.

A Carta de Lei de Abolição da Pena de Morte em Portugal, documento do Arquivo Nacional da Torre do Tombo recebeu, no dia 15 de abril de 2015, a distinção de Marca do Patrimônio Europeu. Pretende-se, através da consagração da Lei da Abolição da Pena de Morte de 1867 como Marca do Patrimônio Europeu, contribuir para a promoção dos valores da Cidadania Europeia com especial enfoque nos Direitos Humanos, e para a construção de uma identidade baseada nos valores da tolerância e respeito pela vida Humana, que informam a Convenção Europeia dos Direitos Humanos, enquanto resultado de um processo histórico para o qual concorreram novas concepções do crime, do criminoso e da justiça penal (2017, p. 5).

Embora a abolição dos escravos já tivesse sido decretada em 1761 pelo marquês de Pombal, com abrangência apenas em território português e na Índia, dom Pedro V decidiu, em 1869, eliminá-la de todas as colônias. O decreto, de 1869, declara:

Fica abolido o estado de escravidão em todos os territórios da monarquia portuguesa, desde o dia da publicação do presente decreto. Todos os indivíduos dos dois sexos, sem excepção alguma, que no mencionado dia se acharem na condição de escravos, passarão à de libertos e gozarão de todos os direitos e ficarão sujeitos a todos o deveres concedidos e impostos aos libertos pelo decreto de 19 de dezembro de 1854.

A medida, sabemos, não deu certo. O comércio negreiro continuou durante algum tempo e proporcionou um momento de humilhação para dom Pedro V e Portugal. Em 1859, a marinha portuguesa apreendeu, na costa de Moçambique, o navio francês *Charles et George* com um carregamento de escravos africanos. Seu comandante foi preso e a “carga” liberada. A França reagiu, exigindo desculpas e enviando uma frota que entrou no Tejo para ameaçar Lisboa. O rei voltou atrás, demonstrando que, para grandes atitudes em política internacional, não basta a boa vontade. Faz-se também necessária a força das armas, que Portugal não tinha.

A época de dom Pedro V foi de paz. Tão acentuada que, às voltas com os progressos proporcionados pela Regeneração, a grande discussão política entre 1857 e 1861 foi a respeito

das “irmãs de caridade”, um pequeno grupo de freiras francesas que se instalou em Portugal e começou a cuidar de crianças orfãs. Eram apenas cinco irmãs, mas representaram uma ameaça aos progressistas, que acreditavam que elas serviam de ponta-de-lança para o movimento conservador voltar ao poder. Até Alexandre Herculano se envolveu na discussão, que tomou proporção de movimento anticlerical. Segundo Saraiva (1998, pp. 422-423), Herculano considerou a presença das freiras em Portugal “incompatível com a soberania nacional”. Após muita discussão, uma fragata francesa recolheu as irmãs em Lisboa.: “A questão influenciou enormemente na mentalidade política da época e contribuiu muito para o anticongregacionismo que marcou a ideologia do movimento republicano”.

Dom Pedro fundou o Curso Superior de Letras, vários hospitais e casas de caridade, além do Real Observatório de Lisboa. Também aboliu o beija-mão, última lembrança da monarquia absolutista. Não gostava que lhe fizessem reverência e se aproximou de todos os portugueses. Nas epidemias de cólera (1856) e de febre amarela (1857), visitava os hospitais sem temer acercar-se dos doentes, o que lhe granjeou imensa simpatia. Sua morte prematura, em 1861, juntamente com dois de seus irmãos, provocou uma revolta popular em Lisboa e outras cidades portuguesas. Foi substituído no trono pelo irmão Luiz cujo reinado, sob a ótica da revista *O Occidente*, analisamos no capítulo Monarquia.

Dom Luiz I ainda se beneficia da política fontista. Durante seu reinado, segundo Ramos (2010, p. 524) “foram inaugurados 1.689 quilômetros de linha férrea, 80% dos quais sob os governos que Fontes dirigiu ou participou”. Também as estradas rodoviárias com tecnologia de ponto – macadamizadas, ou seja, cobertas por três camadas de pedras – chegaram a 8.696 quilômetros construídos em 1890.

Através das estradas e caminhos de ferro, a Regeneração integrou Portugal na circulação mundial de bens, capitais e pessoas. Os portugueses começaram a viver em um país mais próspero e industrializado. Na esteira das transformações econômicas, novas classes sociais ocuparam de vez um lugar na história de Portugal. Embora não possamos delimitar um período para esse tempo tão profícuo, costuma-se caracterizar o fim dessa época com a revolta Janeirinha que, em 1868, levou ao poder um novo partido, o Reformista. Portugal voltaria aos tempos da instabilidade política.

2.4 - Novas classes sociais

O *boom* econômico foi o cenário que acolheu a primeira edição de *O Occidente, Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*, em 1º de janeiro de 1878. Ramos (2010, p. 528) esclarece que, apesar dos progressos, a sociedade portuguesa do fim dos oitocentos não havia se modificado em relação ao fim do século XVIII: “a mudança fora apenas aparente: a estrutura social e econômica (...) não se havia alterado”. A nova classe média, fruto do Estado Liberal, não era mais numerosa em relação à população do que havia sido, até então, a baixa nobreza do Antigo Regime:

A “classe média” do Estado Liberal tinha origens sociais e profissionais mais diversificadas e era provavelmente mais instruída, mais abastada, menos provincial e, sobretudo, mais urbana do que a “nobreza simples” do Antigo Regime, mas não era mais numerosa em relação à população.

Entendemos que a classe média ou a pequena burguesia do oitocentismo português era formada pelos patrões e por aqueles que trabalhavam por conta própria: os empresários e os capitalistas. Além daqueles que haviam conquistado patrimônio próprio sem a exigência da riqueza e os que tinham instrução suficiente para participar da vida comunitária. Propriedade, tranquilidade financeira e instrução eram os pilares do segmento social que se impõe durante os séculos XIX e XX. A nova classe enfrentava preconceitos. Vaquinhas e Cascão (1998, p. 377) citam um texto de Eça de Queiroz descrevendo os pequenos capitalistas que ascendiam socialmente: “dilatado pelo calor (...) grosso, trigueiro com tons de chocolate, pança ricaça, joanetes nos pés, colete e grilhões de oiro, chapéu sobre a nuca, guarda-sol verde, a vizinha adocicada, olho desconfiado e um vício secreto”.

Gostasse ou não a elite tradicional, o dinheiro e o poder mudara de mãos. De resto, tudo permanecia como antes. A falta de escolaridade garantia mão-de-obra barata, favorecendo a burguesia em ascensão, já ciente naquela época que manda quem pode, obedece quem tem juízo e que o poder estava com eles, os novos donos do capital.

Com um público-alvo tão restrito e heterogêneo – da alta nobreza sofisticada, mas falida, aos novos burgueses grossos e barrigudos, mas ricos –, a vida dos jornais e revistas dos oitocentos não era fácil. Os novos-ricos representavam os valores do liberalismo, como a liberdade de ser, a independência de pensar, a coragem de investir. Eram leitores que valiam a pena conquistar. Por outro lado, a aristocracia, com ou sem dinheiro, também era disputada, pois representava o passado, as tradições, a elegância, o orgulho de ser português. A esse misturado universo da elite urbana, *O Occidente* precisava se dirigir para se fixar no mercado e funcionar como empresa lucrativa. Os gastos da revista eram altos e o abismo cultural entre as classes ditas superiores e aquelas menos favorecidas preocupava.

Muitos jornais e revistas foram lançados na segunda metade do século XIX. A maioria, incapaz de atender a um público heterogêneo, sobreviveu por pouco tempo. Sousa (2017, índice) prova a brevidade de grande parte dos veículos de comunicação lançados na mesma época de *O Occidente*. *Ilustração Universal*, 1884-1885, durou um ano. *Branco e Negro*, 1896-1898, dois anos. *A Revista Moderna: Magazine Ilustrado*, 1890-1892, dois anos. *Brasil-Portugal*, 1899-1914), quinze anos. *Gazeta Ilustrada*, durante apenas o ano de 1901. *Passatempo*, 1900-1905, cinco anos. *Ilustração Portuguesa*, 1903-1924, 21 anos. *O Occidente* circulou entre 1878 e 1915, 37 anos.

2.5 - A Geração de 70

Bons ventos sopraram a favor de *O Occidente*. A Regeneração não proporcionara a Portugal apenas desenvolvimento econômico. O fortalecimento da burguesia e da classe média abriu espaço a novas vozes que apregoavam novos valores. As ideias liberais da Regeneração permitiram que surgisse um grupo de intelectuais, a maioria formada na Universidade de Coimbra, que batalhava, usando a militância na imprensa, para Portugal implementar as mudanças capazes de libertar o país do secular atraso ante os outros países europeus.

Entre esses jovens intelectuais, que os jornais chamavam de *Geração Nova* e que entrou para a História como *Geração de 70*, estavam Eça de Queiroz, Teófilo Braga,

Guilherme D’Azevedo, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. Ramos (2010, pp 543-545) destaca:

A imprensa chamava-lhe a “geração nova”. Provinham majoritariamente daquela classe média que encaminhava os filhos, através de Coimbra, para os empregos do Estado (...) Eram autores de classe-média, que olhavam para a população com a mesma combinação de filantropia e desespero dos colonizadores europeus confrontados com os indígenas de outros continentes (...) Acima de tudo, a “nova geração” desenvolveu a linguagem crítica da modernidade em Portugal.

Esta geração que falava de e para a classe média, na qual nascera, e para a cada vez mais forte burguesia, protagonizou, em 1865, ao abrir uma polémica com o prestigiado poeta e crítico literário Feliciano de Castilho, professor da Universidade de Coimbra, a célebre “Questão Coimbrã”. Afirmamos que desafiar Castilho, até então o senhor todo poderoso da literatura e da cultura portuguesas – nada acontecia sem a aprovação dele -, é a perfeita metáfora do questionamento às tradições e do anúncio de que o novo chegara, trazendo os paradigmas do movimento liberal.

Saraiva (1998, pp. 454-455) alerta que a Geração de 70, adepta dos debates políticos e atenta a seu público, colaborou com diversos jornais e revistas e foi fundamental para o sucesso de *O Occidente*.

A expressão “geração de 70” pode, porém, tomar-se num sentido mais amplo. O pequeno grupo de companheiros de Antero em Coimbra não é uma isolada manifestação de talento. Não só na poesia e no romance surgiram, então, homens de excepcional valor. A segunda metade do século XIX registra uma produção cultural que não tem precedentes, a não ser no século XVI, e que declinou rapidamente a partir do início do século seguinte.

Além de *O Occidente*, havia outros espaços para a Geração de 70 se manifestar. A segunda metade dos oitocentos, época em que a imprensa começa a sinalizar o seu potencial

de indústria, foi rica para a história do jornalismo. Ramos (2010, p. 544) refere que entre 1860 e 1890, Portugal viu nascer 251 novos títulos, de diversas tendências e estilos. Citamos *O Diário de Notícias*, que foi um divisor de águas (1864), *A República* (1870), *O Século* (1880), *A Revista Ilustrada* (1890), *O Arquivo Popular* (1871), *O Primeiro de Janeiro* (1868), *O Universo Ilustrado* (1877), *Revista Popular de Conhecimentos Úteis* (1888) e também o nosso objeto de estudo: *O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878).

Novos jornais e revistas com muito mais qualidade. Rapidamente, a cultura urbana portuguesa sofreu uma reviravolta. Além do jornalismo enciclopédico e do ilustrado, que também ofereciam ilustrações para aumentar a informação dos leitores, surgiram os noticiosos. As elites das cidades portuguesas finalmente sentiam-se ligadas ao mundo, principalmente à Europa.

Aqui reportamo-nos a Sousa (2017, p. 89), que traça um perfil do jornalismo ilustrado do século XIX, no qual enquadrámos *O Occidente*:

As revistas ilustradas (...) afirmaram-se como um produto informativo e jornalístico diferenciado. Distinguíam-se da imprensa diária pela periodicidade (normalmente, semanal), pelo apuro gráfico, pelo formato de revista, pela exploração de um estilo ameno de leitura e, claro, pelo recurso massivo à imagem.

Sousa (2017, p. 25) também afirma que:

O Occidente e a *Ilustração Portuguesa*, foram as mais importantes revistas ilustradas e atualidades publicadas em Portugal entre o último quartel do século XIX e o primeiro quartel do século XX. Foram elas que introduziram, verdadeiramente, esse género de publicação em Portugal e que configuraram, pioneiramente, o modelo de jornalismo gráfico que seria seguido no país em publicações posteriores do século XX.

Consideramos importante sublinhar que uma importante característica do período da Regeneração foi o crescente aumento de políticos com credenciais acadêmicas, permitindo, assim, o surgimento entre os Liberais de uma *elite de estado*, como a define Ramos (2010, p. 532). Durante esse período, o exército português optou por se manter à parte da política. Deteve-se apenas as suas funções constitucionais e obediente ao poder civil. Em 1868, quando solicitaram ajuda aos militares para conter manifestações em Lisboa, o comando recusou-se a aceitar a ordem por temer que as forças se separassem em facções.

2.6 - *O Occidente*, antecedentes históricos, políticos e sociais

Quando o primeiro número de *O Occidente* saiu do prelo – como vimos, em 1º de janeiro de 1878 -, Portugal enfrentava nova crise econômica, política e financeira. A estabilidade proporcionada pela Regeneração diminuía e a monarquia constitucional era contestada pelos jovens, principalmente a Geração de 70 e os seus seguidores. O movimento republicano deixara de ser uma possibilidade e o enriquecimento da burguesia mudara as referências sociais.

A maciça imigração para o Brasil contribuía para que faltassem braços para o trabalho e indicava que, apesar do crescimento econômico, as classes menos favorecidas não haviam sido beneficiadas – ou não precisariam fugir para tão longe. Segundo Saraiva (1998, p. 439) entre 1879 e 1909, anos em que *O Occidente* circulou com sucesso, cerca de 618 mil portugueses emigraram. Nessa época também o anticlericalismo se fortaleceu, as ordens religiosas foram extintas, os cidadãos começaram a tomar posições, estimulados pela imprensa que, pela primeira vez, questionava valores até então tido como inatacáveis. Entres eles, a monarquia e a religião. Oliveira Marques (1998, p. 55) refere:

Na década de 1870 começaram a surgir agrupamentos republicanos e socialistas. Um decénio mais tarde, haviam cristalizado em dois partidos de alguma relevância, sobretudo o partido republicano. A sua agressividade mostrou-se em aumento espetacular e assim também a sua ousadia clamorosa e a sua obra subversiva.

Agravando a instabilidade interna de Portugal, agitado pelas novas ideias e reivindicações, a política externa também não favorecia a monarquia lusa. Em 1870, após a derrota na guerra Franco-Prussiana, a França novamente proclamara a república. Em 1873, a Espanha fez o mesmo. Segundo Homem (1998, p. 111), a primeira república espanhola durou um ano e vários golpes de estado, que repercutiram fortemente dentro das fronteiras portuguesas.

Se este surto doutrinário recebeu do exterior os seus fundamentos nutrientes, (...) no plano da política interior nada parecia favorecer a sua radicação. Entre setembro de 1871 e março de 1877, a governação irá obedecer à mão experiente e conservadora de Fontes Pereira de Melo.

Apesar do sucesso da política das obras públicas e da criação de empregos, em 1876, dois anos antes do lançamento de *O Occidente*, o governo de Fontes Pereira de Melo enfrentou alguns dissabores: o câmbio brasileiro caiu muito, houve uma corrida aos bancos e as vinhas do Douro foram duramente atacadas pela *Filoxera*, praga que também atingiu vinícolas no mundo inteiro e, no caso português provocou enormes prejuízos. Para Ramos (2010, p. 538), “este foi o momento que (...) determinou o futuro da monarquia constitucional”. Mas esse sistema de governo ainda duraria 34 anos, tempo em que *O Occidente* impôs-se como a mais importante revista ilustrada que Portugal jamais teve.

2.7 - Nasce *O Occidente*

No ano de estreia de *O Occidente* houve eleições gerais em Portugal. O Partido Regenerador venceu, mas não fez maioria parlamentar. Fontes Pereira de Melo, preocupado com o avanço das forças republicanas, cedeu, em 1879, a presidência do Conselho de Ministros a Anselmo Braancamp, do Partido Progressista. O *background* desta troca de ministros era uma enorme agitação política.

O partido e a imprensa progressistas, os universitários, os professores faziam discursos inflamados prometendo a república e a moralização do país. Até a vida pessoal de dom Luiz, que avalizava pessoalmente o poder de Fontes Pereira de Melo, serviu de motivos para protestos. Ramos (2010, p 539) aponta:

Alguns memorialistas, anos depois, viram aqui uma viragem histórica: “desde esse dia se pode dizer finda a monarquia em Portugal”, porque acabou “o prestígio do poder, o respeito pela autoridade, tudo aquilo que constitui o substrato das instituições.

A boa vontade dos progressistas com as propostas republicanas diluiu-se após Braancamp ratificar com a Inglaterra o Tratado de Lourenço Marques, que havia sido assinado por Fontes Pereira de Melo um ano antes. O tratado, que já sinalizava a grande questão africana que explodiria em 1890, aceitava o desembarque de tropas britânicas em Lourenço Marques e permitia o patrulhamento das costas moçambicanas por navios britânicos.

Monárquicos e republicanos repudiaram igualmente o tratado de Lourenço Marques, que ocupou a política portuguesa até 1885. Homem (1998, p.116) afirma que a ofensa não digerida fortaleceu os veículos de comunicação que, embalados na crise patriótica, firmaram os seus nomes ou lançaram raízes.

O primeiro lustro da década de 80 inicia-se sob o signo de um vasto movimento de contestação ao Tratado de Lourenço Marques. O republicantismo alargará a sua rede urbana de influência através da fundação de numerosas agremiações. (...) Consolida-se neste período uma imprensa democrática mais duradoura que a anterior, o que permite asseverar, no mínimo, uma maior curiosidade dos leitores citadinos pelas propostas e pontos de vista republicanos (...) O jornal *O Século*, fundado em Lisboa em 1880 (...) e o jornal portuense *A Folha Nova*, surgido em maio de 1851.

Respondendo à inquietude da época, A Sociedade de Geografia de Lisboa financiou a viagem de exploradores portugueses a Angola e Moçambique para rastreamos as quase desconhecidas colônias. No capítulo Política analisamos as atuações de Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e Alexandre de Serpa Pinto, os primeiros a cruzar, em nome de Portugal, a África do Atlântico ao Índico.

2.8 – A morte de líderes

A morte do progressista Anselmo Braascamp, em novembro de 1885, e do regenerador Fontes Pereira de Melo, em janeiro de 1887, mudaram os rumos da política portuguesa. Ambos receberam as capas dos números em que os seus desaparecimentos foram noticiados. A edição 249, 21 de novembro de 1885, registra o falecimento de Braascamp ocorrido no dia 13 e lhe dedica uma página de elogios burocráticos, sem entrar no mérito de sua política.

O óbito de Fontes Pereira de Melo, edição 292, 1º de fevereiro de 1887, provoca mais emoção. Praticamente toda a edição, texto e gravuras, é dedicada ao político que a “Chronica Occidental” (p. 29), assinada por Gervasio Lobato, descreve como “grande homem, inegavelmente o maior que Portugal hoje tinha”. No mesmo número e na mesma crônica, *O Occidente* registra a coincidência, tida por amigos de Fontes Pereira de Melo como “mau agouro”, da mudança do recém-falecido para a mesma casa onde, 14 meses antes, também morrera Braascamp.

Até 1890, ano de novo susto político, o Ultimato Inglês, Portugal passou por outras grandes transformações. A integração lusa no mercado dos países europeus não foi positiva. Ramos (2010, p. 546) registra que, a partir de 1885, os preços dos cereais e do vinho desceram 15%. A deflação também atingiu a exportação de gado que caiu de 20 mil cabeças em 1884 para 8 mil em 1889:

A deflação afectou os rendimentos dos proprietários rurais, que constituíam a maioria da classe média, e foi por isso encarada como uma ameaça ao modelo liberal de uma sociedade de cidadãos independentes.

Outros problemas perturbavam o cotidiano da política lusa. A dívida pública externa era imensa, o aumento do direito a voto acabara favorecendo os partidos conservadores, as crises financeiras se tornaram mais agudas com a descentralização administrativa e a mudança constitucional de 1885 abalara os progressistas. Ramos (2010, p. 547), citando Oliveira Marques, esclarece:

Tendo decretado o fracasso ou a irrelevância de todas as forças políticas, Oliveira Martins propôs “uma vida nova”, inspirada pelo que ele chamava de “socialismo”. Tratava-se de fundar uma democracia assente, não apenas na generalização dos direitos políticos, mas também na garantia estatal de meios de vida para todos – não directamente, por subsídios, mas indirectamente, pelo trabalho.

Apesar da agitação econômica e política, *O Occidente* mantém a sua rotina de não se preocupar com esses fatos e publicar, preferencialmente, textos sobre cultura, *fait divers*, monarquia, a História portuguesa e outros temas menos favoráveis a provocar dissensão entre os leitores. O ritmo editorial seguia sem sustos ou novidades quando explodiu, em 1890, a questão do Ultimato Inglês, cuja cobertura pelo *O Occidente* está analisado no capítulo Política.

2.9 – Nuvens negras

O início da década de 1890 e do reinado de dom Carlos não foi promissor. O novo rei enfrentou sérios problemas de família e no reino, uma revolução republicana no Porto e uma séria crise financeira, ambas em 1891. O movimento no Porto foi destaque no número 437 (11 de fevereiro de 1891, capa, pp. 34-35) e duas páginas com gravuras, todo o material

noticiando a troca de tiros, as mortes e o “*sauvre qui peut*” entre a multidão que aplaudia os revoltosos. Notamos o “salve-se quem puder” em francês no texto de Gervasio Lobato. Atualmente, as revoluções não são tão sofisticadas.

Em 1892, a crise econômica leva o governo a decretar moratória. Como se fosse pouco uma revolução republicana e tão grave problema financeiro, as crises políticas e constantes trocas de ministério fizeram dos anos 1890 o prenúncio da grande tragédia que aconteceria: o regicídio e a conseqüente aclamação da república.

Até chegarmos lá, porém, Portugal viveu um período negro com perda de investimentos nas obras públicas, desemprego, desvalorização da moeda, queda nos índices de construção civil, desequilíbrio na balança comercial, perda de poder de compra da população, crise bancária, aumento de impostos e corte no ordenado dos funcionários públicos, etc. Alheio a tudo isso, *O Occidente* continuava publicando um mundo sem maiores problemas e o povo parecia conformado. Oliveira Martins (1926, p. 198) observa: “nem forças tem para se sublevar. O cáustico dos impostos e deduções quase que foi recebido com bênçãos. Somos um povo excelente cujo fundo é a fraqueza bondosa e uma grande passividade”.

Entre julho de 1893 e janeiro de 1896, o parlamento funcionou durante apenas dois meses. Não foi uma época fácil, os republicanos, a cada dia, ganhavam mais força. A ordem pública acabou sendo afetada e, em 1894, a polícia recebeu permissão para sair às ruas portando armas de fogo para manter a ordem. Saraiva (1998, p. 481) registra que a oposição protestou “Os sectores conservadores (...) exigem que o poder constituído mantenha a ordem. Mas a acção repressiva desencadeia os protestos das forças da oposição e atrai-lhes a adesão de vastos sectores da população”.

No plano internacional também não era fácil a situação de Portugal que, agora, tinha em seus calcanhares, além da Inglaterra, a Alemanha, nova potência militar e industrial da Europa. Embora dom Carlos preferisse prestigiar a Inglaterra, às vezes a situação se complicava como ocorreu em 1898, quando Londres pediu a Lisboa para não alienar Lourenço Marques. Tal medida desagradava a nova todo-poderosa do continente e Portugal foi obrigado a atender a Alemanha. Uma situação dúbia que Ramos (2010, p. 561) refere:

“obrigou os ingleses (...) a reconhecer aos alemães, pelo tratado secreto de 30 de agosto de 1898, o direito de participar numa eventual partilha das colônias portuguesas”.

Novas leis eleitorais, novos distúrbios nas ruas de Lisboa e, em maio de 1906, novamente o parlamento fechado. Foi nesta ocasião que dom Carlos entregou o poder total a João Franco, que começou tomando medidas populares: aumentou o soldo das forças armadas, aboliu impostos sobre ordenados da função pública, tentou estabelecer uma trégua com o clero, imaginou um fundo de pensão para os trabalhadores e estabeleceu o descanso semanal obrigatório (Ramos, 2010, p. 570).

Os conflitos políticos persistiam, agora com a participação de grandes nomes e altos funcionários da vida portuguesa que se organizavam para vaiar o rei e tentar desestabilizar o regime. Franco reagiu com violência, ameaçou com a lei do degredo, e o resultado foi o assassinato do rei e do príncipe herdeiro na tarde de 1º de fevereiro de 1908. A cobertura de *O Occidente* do trágico momento da vida nacional está no capítulo Nobreza.

2.10 – República

Após o regicídio, João Franco, demitido pelo novo rei, dom Manuel, sumiu da vida política. Antes mesmo do sepultamento de dom Carlos e dom Luiz Filipe, os dois grandes partidos portugueses, os regeneradores e os progressistas, fizeram um pacto para acalmar o país e segurar o poder. Na verdade, tanto os progressistas quanto os regeneradores pretendiam dominar dom Manuel, o infante não preparado para a função de rei que, aos 18 anos, se viu no comando de um país em convulsão (Ramos, 2010, p. 572).

Para se manter no trono, dom Manuel tentou se relacionar com o partido socialista, atender reivindicações republicanas, ajudar as classes trabalhadoras, reinando afastado das grandes correntes políticas. O fato de não ter se ligado a nenhum partido enfraqueceu-o e aos políticos, que poderiam lhe servir de apoio. Ramos (2010, p 537) define os dois anos em que dom Manuel reinou com seis ministérios diferentes:

Em 1900 havia dois líderes reconhecidos. Em 1905, quatro – Hintze, José Luciano, Franco e Alpoim. Em 1910, sete (...). Havia ainda os nacionalistas (...) e os republicanos. Tornou-se impossível governar com um parlamento atomizado, com nove grupos políticos, nenhum com maioria, nenhum com a protecção do rei.

Criou-se um vazio de poder, oportunidade esperada há anos pelos republicanos. Nem a Inglaterra se preocupava mais com os rumos da dinastia Bragança. Ramos (2010, p. 575) observa “em julho de 1910, o subsecretário de Estado de Negócios Estrangeiros recebeu no *Foreign Office* uma delegação republicana portuguesa, a quem disse acerca do derrube da monarquia: ‘esse é um problema doméstico e exclusivamente doméstico’”.

Assim, ninguém reclamou quando, na noite de 2 de outubro de 1910, as sociedades secretas republicanas colocaram os militares nas ruas. Nem mesmo a grande burguesia sempre preocupada com seus lucros, que, a um regime tão fraco, optou por investir as suas fichas em outro capaz de tirar Portugal da letargia (Ramos, 2010, p. 576).

Apesar de ter havido uma dissensão entre os republicanos, após instaurada a república, entre 1910 e 1915, ano em que *O Occidente* para de circular, várias leis importantes foram implementadas: a do divórcio, a da separação da Igreja e do Estado e a da família. Segundo Serra (1997, pp. 9 -10), a lei de separação entre o Estado e a Igreja foi a que mais problemas causou.

O modo como a República recém-implantada se posicionou face à Igreja e ao clero exige uma atenção particular. Os republicanos tinham feito da laicização da vida portuguesa um dos principais temas da propaganda, com argumentos em que aliavam traços do liberalismo político e do positivismo filosófico. Eram anticlericais, segundo a tradição maçónica, do mesmo passo que se opunham à realeza: monarquia e clericalismo, a seus olhos, equivaliam-se (...) O Vaticano e os prelados portugueses reagiram de imediato. O primeiro cortou relações diplomáticas com o Estado português, os segundos cortaram relações com o regime republicano.

A nova Constituição, aprovada em 21 de agosto de 1911, resgata o espírito da Constituição de 1822. Mudaram os símbolos nacionais. Serra (1997, p. 11) explica:

A República triunfante quis erradicar os símbolos e apanágios do regime deposto. Assim, foram demitidos os funcionários ao serviço das casas reais, abolidos os títulos nobiliárquicos, distinções honoríficas ou direitos de nobreza, proscrita *ad aeternum* os membros da família de Bragança, adoptada uma nova bandeira e hino nacionais.

Ramos (2010, p. 577) concorda:

Os republicanos poderiam ter optado pela bandeira azul e branca sem a coroa e pelo hino da *Maria da Fonte*, associado à esquerda liberal: mas preferiram uma bandeira com as cores do partido, verde e vermelho, e escolheram para hino a marcha anti-inglesa de 1890, *A Portuguesa*. A moeda foi mudada de real para escudo.

O poder também foi descentralizado, como era norma nos regimes republicanos. O Congresso tornou-se a pedra angular de todo o poder: seus membros eram eleitos por voto direto, e estes, por sua vez, elegiam o presidente da república. O novo regime, porém, não impediu que a agitação diminuísse.

O movimento contra a Igreja desagradou a maioria do povo profundamente católico, os movimentos monarquistas se fortaleceram, os cidadãos, que aprenderam a protestar nas ruas, voltaram a tumultuar o cotidiano de Lisboa. A Primeira Guerra Mundial já se armava, aprofundando a dependência de Portugal da política externa inglesa, observa Serra (1997, p.p 7-8):

As preocupações com o reconhecimento internacional do regime dominaram o Ministério dos Negócios Estrangeiros, chefiado por Bernardino Machado, que orientou a sua pasta segundo critérios de extrema prudência. Rapidamente se apercebeu de que o relacionamento externo do

novo regime dependia largamente da atitude do *Foreign Office*. A cena europeia ia-se definindo, neste período que haveria de desembocar na Grande Guerra, em torno de dois polos antagonistas: Alemanha e Inglaterra.

Em agosto de 1911, Manuel Arriaga tornou-se o primeiro presidente eleito de Portugal. Enfrentando uma sucessão de crises, governou até maio de 1915. Os ânimos estavam tão exacerbados que Arriaga foi forçado a deixar o poder por imposição da revolta de maio de 1915. Mesquita (1982, p. 81) escreve que o golpe, ao qual Arriaga tentou resistir, deixou mais de 200 mortos e assustou a nação, que precisou enfrentar uma nova ditadura. Desta vez, comandada pelo general Pimenta de Castro.

Pimenta de Castro era um militar de carreira, afecto ao regime, mas hostil à desordem social e política que os seus compatriotas tinham lançado sobre o país. Sendo assim, e agindo segundo a sua mentalidade de militar, tomou imediatamente a resolução de publicamente decretar a ditadura em Portugal. De facto, a oportunidade havia surgido com o “Movimento das Espadas”, cujo desfecho culminou com a resolução do Presidente Arriaga de entregar nas mãos deste militar o futuro da Nação. Convidado a formar governo no dia 23 de janeiro de 1915, a sua primeira determinação foi mandar encerrar as câmaras do Senado e do Parlamento.

Menos de um mês depois do golpe, ocorreram eleições gerais com enorme abstenção. Segundo Ramos (2010, p. 594), “48% em Lisboa e 40,1% nas províncias”. Os acontecimentos que se seguem, num Portugal cada vez mais dividido, não pertencem à história de *O Occidente*, que fechou as suas portas em 10 de julho de 1915.

2.11 - Contextualização Social

Como vimos acima, a estrutura social portuguesa não mudou durante a segunda metade do século XIX. Porém, a sociedade, os hábitos e a cultura transformaram-se

radicalmente. Com a ascensão da burguesia, novos valores e modismos foram incorporados ao cotidiano e até a linguagem mudou. Citando Luís Lindley Cintra, autor de *Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa* (1972, p. 38), Ramos (2010, p 528) aponta: “foi, então, que se terá divulgado o pronome “você” como forma a utilizar entre iguais”.

Vaquinhas e Cascão (1998, pp 386-387) referem que, procurando criar modelos próprios de comportamento, diferentes dos da elite e também dos das classes menos favorecidas, a burguesia procura aprimorar a sua cultura e a sua educação consumindo manuais de civilidade, que ensinavam regras de cortesia e de conduta moral. Tais manuais foram êxitos de venda.

No século XIX, esta literatura, que terá grande êxito editorial, irá desempenhar um objectivo específico: o de transmitir os ensinamentos necessários à legitimação da nova classe ascendente (...) através dos preceitos e normas sociais aconselhados se podem inferir os valores e preocupações da burguesia oitocentista.

A burguesia valoriza a família e a autoridade do chefe da casa: o *pater familiae* torna-se incontestável em sua autoridade. Pais (1986, p. 755) aponta que a educação das filhas mulheres passa a ser mais valorizada e, além de alfabetizadas, elas começaram a aprender a falar francês e a tocar piano.

Cantar, dançar e tocar um instrumento — ao cabo, aptidões improdutivas — chegavam a considerar-se atributos associados à essência feminina e capazes de substituir os tradicionais méritos de dedicação ao lar. Aprender a tocar piano era mais importante que saber ler.

A preocupação com a educação musical de suas herdeiras levou a burguesia a adquirir bens que, até então, não faziam parte de seus hábitos. Ramos (2010, p. 528) relata que, na última metade do século XIX, houve um *boom* na importação de pianos:

A generalização de um certo estilo de vida apropriado à “classe média” pode ser avaliada pela importação de pianos, entre 1861 e 1890, de cerca de 500 pianos por ano, sendo o piano um dos símbolos da sofisticação social.

Apesar destas mudanças, as moças continuavam sendo educadas para desempenhar os tradicionais papéis femininos: o de mãe e o de dona de casa. Vaquinhas e Cascão (1998, p. 387), citam o livro *A mulher e a vida ou a mulher considerada debaixo de seus principais aspectos*, publicado em Coimbra, em 1872, de autoria de Lopes Praça: “É preciso que a inteligência feminina se revigore com o conhecimento das verdades religiosas para evitar o fanatismo e a superstição, em proveito da família, seu e da humanidade”.

As boas maneiras foram sobrevalorizadas, indicando que a burguesia sem berço pretendia ser aceita pela aristocracia menos rica, porém sofisticada. A maneira de vestir também sofreu uma reviravolta. Os homens despediram-se das jarretas setecentistas e adotaram casacas discretas, preferencialmente pretas, cor – ou a ausência dela – apontada como a mais elegante. Vaquinhas e Cascão (1998, p. 389), citam Fontes Pereira de Melo como exemplo de bem-vestir “é a elegância hirta de Fontes que domina, enquadrada nas linhas rectas de sua casaca preta”.

Cabia às senhoras alardearem o *status* financeiro do marido, exibindo-se com joias e vestidos caros. Para isto aproveitavam o Passeio Público, onde iam acompanhadas da família, as compras na baixa lisboeta, as *soirées* nos teatros e os saraus. Pais (1986, pp 752-753) refere:

Identidade social, porque, nesse “teatro de representação” que era a rua, a identidade surgia precisamente como ponto de confluência entre o desejo de bem aparentar e as condições necessárias à realização desse desejo (...) A silenciosa linguagem do corpo dificilmente poderia deixar de actuar nos meios urbanos e burgueses de Portugal do século XIX, onde precisamente a aparência, sob todas as suas formas, era o fundamento de uma posição social sujeita a um controlo público.

Paulo de Morais (1992, p. 125) cita o escritor Julio Dantas, que, em janeiro de 1907, escreveu na revista *Illustração Portuguesa*:

As extravagantes concepções dos alfayates de Londres ou dos leões ou dos *gandins* directamente da moda em Paris são exhibidas pontualmente nas plateas do S. Carlos, nas alamedas do Passeio Publico, nos bailes do conde de Forrobo, nas *sauteries* da marquiza de Viana.

A edição 337 de *O Occidente*, 1º de maio de 1888, na coluna “Resenha Noticiosa”, página 103, registra este novo mercado pujante, o da moda, citando o costureiro Charles Frederick Worth, considerado o pai da alta costura. Segundo Debom (2017, p.3), Worth afirmava ser o responsável pelos modelos que vestiam a imperatriz da Rússia, além de outras senhoras ricas e famosas.

Domingos (2015, p.2) relata quem foi o inglês que inaugurou a alta-costura parisiense:

Charles Frédéric Worth (1825-1895) um inglês que viveu em França desde os 21 anos é hoje considerado o pai da Alta-Costura por lhe ter dado impulso, com uma indústria do luxo voltada para a criação de modelos feitos à medida de cada cliente, substituindo o modelo dos cabides por modelos vivos. Anteriormente trabalhara em Londres como aprendiz, numa casa de comerciantes de tecidos e, já em França, depois de 12 anos como negociador de tecidos de seda, faz sociedade com um sueco e começa a trabalhar como costureiro. O seu talento de estilista chama a atenção da esposa de Napoleão III, a Imperatriz Eugénia, e a partir daí a sua fama espalhou-se pela alta sociedade de Paris. E não só. Toda a elite formada pela nobreza europeia e por actrizes americanas se vestiam na Casa Worth com sucursal em Londres.

A notícia de *O Occidente* esclarece que as criações de Worth podiam custar 2.240 contos de reis, caso de um vestido encomendado por uma dama da América Latina, e lamenta a desigualdade social que permite que umas tenham tanto e outras, quase nada.

O comentário da “Resenha Noticiosa”, apontando o luxo da elite, não diminuiu a força da nascente indústria da moda e, até os nossos dias, há mulheres com enormes guarda-roupas

e outras sem o essencial. Consideramos este detalhe importante para avaliarmos o suposto poder da imprensa em relação às forças de produção lucrativas. Quando há dinheiro envolvido, o jornalismo não costuma vencer. No caso da moda do século XIX, a máxima política “se não pode derrotar o inimigo, alie-se a ele” foi colocada em prática.

Os jornais e revistas aliaram-se à essa indústria, apesar de ela ser a área perfeita para se apontar as injustiças sociais. Mas a moda gerava lucro também para os veículos de comunicação, disputados pelas senhoras ansiosas em conhecer os novos ditames do bem-vestir.

A vaidade estimulou o surgimento de novas noções de higiene. Os médicos começaram a recomendar mais cuidados com o asseio diário. Gonçalves (2013, p. 53) registra:

No século XIX, os médicos recomendavam que se praticasse o ritual da toaleta, que consistia na lavagem das mãos, dos pés, das axilas, das virilhas, dos órgãos genitais e da boca. Tal ritual poderia ser regulado ou organizado, para o caso feminino, conforme os seus ciclos menstruais. A higiene começava a ser vista além dos cuidados com o corpo. As práticas de higiene bucal eram feitas com escova de dentes em osso e pós dentífricos em potes de faiança.

O franqueamento mais democrático a bens culturais também foi uma aquisição da nascente burguesia. Até esse novo segmento social fixar-se, a frequência aos teatros era uma exclusividade da aristocracia. Ramos (2010, p. 528) refere que “os teatros, de que havia 67 em 1866, eram mais de 120 em 1890”.

As férias nas praias do Tejo ou atlânticas também foram um hábito iniciado pelos novos donos do dinheiro. A mais sofisticadas eram as praias da Granja e da costa do Estoril, reservadas, segundo Vaquinhas e Cascão (1998, p. 389), às elites da capital, “as três aristocracias do sangue, do talento e do dinheiro”. Cascais entra na moda no reinado de dom Carlos, que costumava se mudar para lá com a família no mês de setembro.

A abertura das universidades à burguesia também permite um incremento na produção cultural. Saraiva (1998, p. 455) aponta que vários campos do saber lucraram com novos profissionais:

O trabalho desenvolvido no domínio da arqueologia, da história, da erudição, do direito, da medicina, da geografia, da linguística, não foi ainda, em muitos casos, ultrapassado. Por essa época (*segunda metade do século XIX*, grifo da autora) foram criadas numerosas sociedades científicas, publicadas revistas cujo nível de elaboração hoje nos surpreende e fundadas colectividades de cultura e recreio, que procuravam suprir o serviço cultural que as instituições públicas não asseguravam os motivos dessa intensa actividade estão, em parte, no facto de a Universidade ter sido franqueada a grupos sociais mais extensos após a revolução liberal

Apontamos a influência dos gostos das classes que, apesar de terem conseguido ascender socialmente, não deixaram de apreciar os divertimentos populares. Cada vez mais, Lisboa extasiava-se com os fogos de artifício, com o lançamento de balões, com quermesses, rifas e loterias, com espetáculos circenses, que tanto desagradavam a Gervasio Lobato, diretor-literário e cronista de *O Occidente*, como veremos no capítulo sobre a “Chronica Occidental.

A burguesia, após consolidar-se, impôs novas normas de relacionamento familiar e novos hábitos de convívio. A sociedade, como um todo, acabou por se aburguesar. A imprensa, ela também um produto da burguesia, foi um importante instrumento para a transformação das mentalidades, que marcou o oitocentismo português.

CAPÍTULO III - *O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*

3.1 - Estreia

O primeiro número de *O Occidente, Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, saiu no dia 1º de janeiro de 1878 e homenageou Alexandre Herculano, o grande intelectual do século XIX português e também o primeiro editor de *O Panorama*, revista na qual *O Occidente* se inspirou.

Alexandre Herculano, nome e imagem, são fortes signos da modernidade e do liberalismo. Escolhê-lo para ilustrar a primeira capa significava que *O Occidente* pretendia aliar-se às novas correntes europeias de pensamento.

3.2 - Alexandre Herculano

A capa, ou a página de honra da edição de estreia de *O Occidente*, traz uma gravura de Alexandre Herculano, o escritor que marcou os oitocentos por suas convicções liberais. Foi Herculano quem denunciou, no primeiro volume de *História de Portugal*, livro que inaugurou a historiografia científica portuguesa, que a Batalha de Ourique não passava de lenda. Coelho (2011, p.p 63-65) registra que, até então, Ourique era – ainda é – um dos mitos fundadores do país.

O novo paradigma histórico, de cientificidade, que Herculano perseguia não era, pois, descomprometido ideologicamente. A sua prática historiográfica norteava-se por valores éticos, educativos e cívicos, que davam sentido ao patriotismo e apontavam o caminho do fomento no presente e no futuro (...) Se insurge contra os “mitos fundadores”, do milagre de Ourique e das cortes de Lamego, desmistificando o apoio divino e a teoria contratualista da nossa nacionalidade.

A batalha de Ourique teria ocorrido em 25 de julho de 1139 e confrontado uma pequena tropa cristã, comandada por Afonso Henriques, e um grande exército mouro, que tinha na liderança cinco grão-vizires. Saraiva (1998, p. 69) considera que um combate com grande desproporção de forças realmente ocorreu em Ourique, ou Baixo-Alentejo, como era conhecida a região na Idade Média. E também relata a lenda: Afonso Henriques derrotou 400 mil mouros depois que Cristo lhe apareceu e garantiu a vitória cristã. Aires (2013, pp 70-71) questiona Saraiva:

Pouco se pode dizer com firmeza sobre Ourique. Há certamente relação entre Ourique e a situação militar que no verão de 1139 se verificava na Península (...) Não se sabe quando apareceu a ideia do milagre (...) O primeiro relato completo do milagre apareceu na crónica dos sete primeiros reis de Portugal, escrita em 1419.

Ourique rendeu o escudo de cinco quinas que, até hoje, faz parte do brasão português e garantiu a majestade de Afonso Henriques muito antes de o papa Alexandre III decretá-la em 1179. Na imaginação popular, se Jesus Cristo aparecera ao infante, havia uma determinação divina para a existência do Portugal soberano. Na opinião de Guerreiro (2010, p.18), Afonso Henriques se beneficia da crença e, em 1140, pela primeira vez, assina um documento timbrando sob o seu nome *Ego Afonsus Portugalensium Rex*.

Uma das formas de impor a ideia da superioridade do rei era pela utilização do título de rex nos documentos emanados pela sua chancelaria (...) Na grande maioria dos documentos régios verifica-se que rex é o título mais utilizado como marca de soberania.

Durante séculos, a lenda de Ourique fez parte da história oficial de Portugal. Em 1846, quando Herculano lança o primeiro volume de sua *História de Portugal*, com uma pequena nota de pé de página desmentindo a interferência divina em Ourique, a reação foi imensa. O liberalismo anticlerical atuava com força em terras portuguesas e o escritor foi perseguido pelas hostes conservadoras. Guerreiro (2010, p. 18) explica “Herculano ousou chamar de

fábula à lenda e com isso desencadeou uma reação extremamente violenta, durante a qual foi acusado de inimigo da fé e da verdade, de detractor das glórias nacionais”.

Chamamos a atenção para o ano inicial da polémica: 1846, dois anos após o encerramento da segunda série de *O Panorama*, do qual Herculano foi editor. Trinta e dois anos antes de *O Occidente* homenagear o racionalismo e o pensamento de vanguarda de Herculano, um gigante da *intelligentsia* no século XIX português.

O último número de *O Occidente*, o 1315, em 10 de julho de 1915, comporta-se naturalmente, sem textos de despedidas. Publica notícias da Primeira Guerra Mundial, uma matéria sobre vinhos, outra sobre livros recém-lançados. Nem uma palavra sobre o seu encerramento. Santos (2009, p. 102) refere que a revista fechou sem alarde, mas com uma nódoa em sua história “A revista (grifo da autora) havia sido indiciada em prática de favorecimento, num pronunciamento militar contra a república, e a revista, obrigada a declarar a sua orientação ideológica afirmava que era a mesma de há 37 anos”.

Após esta acusação, *O Occidente* é obrigado a declarar a sua linha editorial. Coube a Antonio Cobeira, então responsável pela “Cronica Occidental”, afirmar no número 1299 (30 de janeiro de 1915, capa e p 26): “Orientação política desta revista? Mas – muy señores nuestros – a resposta é clara e categórica: **NENHUMA**”

3.3 - *O Occidente*

Fundado por Caetano Alberto da Silva, gravador e principal capitalista; Manuel de Macedo, desenhista; Brito Rebelo e Guilherme D’Azevedo, jornalista, escritor, primeiro diretor-literário e criador do mais importante espaço editorial do periódico, a *Chronica Occidenta*. Sua administração foi confiada a Francisco António das Mercês, que ocupou o cargo por quase 13 anos. Substituiu-o, no fim do século XIX, Rodrigo Alberto da Silva, filho de Caetano Alberto.

A revista ilustrada *O Occidente* teve vida longa e ajudou o país a se expressar numa lógica mais cosmopolita, característica dos outros países europeus. Registrou e estimulou a

industrialização, a modernização e as novas formas de conhecimento que invadiram Portugal após 1850. Não pretendeu ser – e realmente não foi – uma revista popular. Dirigia-se à classe social mais favorecida e se empenhava principalmente em assuntos artísticos. Tinha correspondentes no Rio de Janeiro, Paris e Madrid e chegava, através de assinaturas, à Alemanha, à Inglaterra e à França. Santos (2009, p. 17) resume: “trata-se, pois, de uma revista de artes e letras numa Europa onde a educação era sinônimo de vanguarda civilizacional. Uma revista que demonstra a vontade do país em participar nessa dinâmica e adquirir maior visibilidade europeia”.

A linha editorial de *O Occidente* atendia aos mais variados assuntos. Curiosidades, notícias, moda, charadas, novidades, eventos em Portugal e no mundo, assuntos policiais e de saúde pública, realeza, avanços científicos, ensaios filosóficos ou sociológicos, além de *fait divers* – jargão jornalístico para definir assuntos que não podem ser incluídos nas editoriais tradicionais –, satisfaziam a necessidade de um público que fora desperto pelo *O Panorama*.

O projeto da revista nasceu num atelier de formação de gravadores dirigido por Alberto Caetano da Silva, que se tornou o diretor e principal acionista. Junto com *O Occidente*, Caetano Alberto fundou, também, uma oficina para formar gravadores que funcionava na rua do Loreto, Lisboa, e que foi o ponto fulcral para o sucesso de *O Occidente*. A revista se destaca pela excelente qualidade imagética.

Em *O Occidente* os leitores encontravam opiniões e críticas sobre arte, óperas, teatro, além de notícias semanais e de ilustrações primorosas, que lhes satisfazia a curiosidade, inclusive de fatos recentes. Desde o início, a iconografia foi rica, detalhista e preocupada em ilustrar os fatos o mais próximo possível dos acontecimentos. Por exemplo, na capa do número 334, 1º de abril de 1888, a revista valorizou o factual e expôs o incêndio do teatro Baquet, no Porto, rompendo, assim, com a monotonia das primeiras páginas de retratos, monumentos e cenas etnográficas. A análise sobre a cobertura deste incêndio está no capítulo dedicado aos *fait divers*.

É importante observarmos que, quando *O Occidente* foi lançado, a imprensa ainda pretendia exercer atividade educadora. Supunha-se que o seu principal propósito era transmitir cultura às novas classes que a recente industrialização fizera surgir com perfil de consumidores: a burguesia, o proletariado alfabetizado e um grupo que podemos designar por

classe média, exprimida entre a burguesia e o proletariado. Esses novos segmentos sociais estavam ávidos por conhecimentos que as alavancariam socialmente e despertariam o respeito de seus pares.

Publicada entre 1878 e 1914, a revista ilustrada *O Occidente* foi um marco na história do jornalismo português. Desde o primeiro número seguiu a antiga linha de acreditar que a qualidade de um jornal se liga à sua independência política. Macedo, 2012, p. 60) registra “não discutiam, nem polemizavam, não seguiam qualquer linha política definida, antes procuravam, principalmente, relatar factos importantes ou simplesmente interessantes com a verdade e a objectividade possíveis”.

No caso de *O Occidente*, porém, a opção de distanciamento político não é seguida à risca, fato que, na opinião de Correia (2012, p. 2) coloca a revista num espaço incerto e compromete a qualidade de sua informação “*Esta posição* (grifo da autora), revelar-se-á difícil de sustentar. Até porque assumirá, sobretudo em relação à política nacional, a forma de comentário, que dificilmente esconde as simpatias e as rejeições de quem o redige”.

O seu público-leitor, *O Occidente* escolhe: prefere se dirigir à aristocracia e à burguesia, sem se preocupar em atender ao gosto do proletariado. Nos textos, exercita sofisticação, usando – e apostando que os leitores eram capazes de entender – locuções latinas, referências filosóficas e expressões em inglês, francês, italiano e espanhol. Dominar outros idiomas e citações a filósofos não fazia parte da realidade da maioria do povo português que, afirma Tengarrinha (1999, p. 219), na época, muito mal dominava a própria língua.

O público leitor, que surgiu a partir das novas condições do país, não era detentor de uma cultura erudita que primava pela leitura das obras clássicas e se preocupava com o valor estético do texto. Antes, eram pessoas comuns, muitas das quais trocavam as leituras dos livros pelas do jornal, procurando em suas páginas assuntos do cotidiano, da administração pública e do estrangeiro, expressos de maneira simples e clara, bem como textos leves para o seu entretenimento.

Ou seja, *O Occidente* já nasceu com a proposta de atender aos mais informados. Sousa (2017, p. 317) aponta que os jornalistas que idealizaram *O Occidente* consideravam que a nova revista, mesmo que não pudesse vir a ombrear com as principais ilustradas estrangeiras, deveria se destacar pela qualidade gráfica e refletir, textual e iconograficamente, a realidade portuguesa com:

Conteúdos multifacetados, prometendo-se um cuidado particular no estabelecimento de uma relação de complementaridade entre texto e imagem. Portanto, fazer a revista, com essas características, seria um dever de interesse público.

Editado em Lisboa, *O Occidente* é um confiável registro da vida da cidade no último quarto do século XIX. A cultura, as mudanças paisagísticas, a rotina dos moradores, os programas culturais, o lazer, os acidentes, as modas e modismos. A revista registra, inclusive, lembranças do terremoto de 1755. Na rubrica “Cartas Familiares”, *O Occidente* publicou nas edições 618, 620, 622, 624, 627, 629, 630, 634, 636 e 641, entre 25 de fevereiro e 15 de outubro de 1896, cartas escritas por Giuseppe Baretto, que a revista identifica como José Baretto, conforme explica Correia (2012, p. 3): “*Baretto* (grifo da autora) se encontrava em Lisboa no tempo do terremoto de 1755. Tudo indica que foi *O Occidente* que as editou pela primeira vez em Portugal, numa tradução de Alberto Teles”.

Giuseppe Baretto foi um escritor e crítico literário italiano, que escreveu vários livros sobre as suas viagens, inclusive *Cartas Familiares*, nas quais relata o drama da cidade de Lisboa na época do terremoto. Valladura (1994, p. 158)⁴ observa:

Recordemos finalmente a Giuseppe Baretto, que através Espanha em 1760 y admiró el *Fray Gerundio de Campazas*, del jesuita José Francisco de Isla, a quien quizo ver tras su expulsion; Baretto dedica a la literatura española la carta LVII de su *Journey from London to Genova*

⁴ Finalmente lembramos de Giuseppe Baretto, que atravessou a Espanha em 1760 e admirou *Frya Gerundio de Campazas*, do jesuíta José Francisco de Isla, a quem quis ver após a sua expulsão. Baretto dedica à literatura espanhola a carta LVII de seu livro *Journey from London to Genova*, tradução livre da autora).

Também receberam atenção especial os parques e os jardins de Lisboa, a memória dos bairros, os carnavais, os bailes da aristocracia, a construção dos elevadores, incêndios, crimes, mortes e os vários terremotos. Estes, vividos com ansiedade, já que a população ainda estava traumatizada com a tragédia do século XVIII. A arte ornamental de Lisboa é examinada e descrita em matérias assinadas por Brito Rebello, que começam no número 120, 21 de abril de 1882, até o número 192, 21 de abril de 1884.

Edição após edição, durante dois anos, *O Occidente* examina as artes expostas na capital, inclusive a sacra. Uma nota pequena, acompanhada de uma gravura de meia página, anuncia no número 99, 21 de setembro de 1881, o início da abertura da Avenida da Liberdade, que foi inaugurada em 28 de abril de 1886. Gervasio Lobato escreve na “Chronica Occidental” da edição 265:

As calendas gregas já não são uma palavra vã. *É este* (a inauguração da Avenida da Liberdade, grifo da autora) um dos numerosos benefícios que Lisboa deve ao casamento de sua alteza, o Príncipe Real (1º de maio de 1886, capa).

Com o olhar voltado para Portugal e, em segundo lugar, para a Europa, *O Occidente* acreditava que a França era o centro intelectual e a vanguarda do mundo. Toda a arte de sucesso e divulgada na revista originava-se em Paris. Na opinião de Santos (2009, p. 28), os escritores Victor Hugo e Gustav Flaubert – Hugo também por seu humanismo – eram exemplos para um Portugal ainda preso aos cânones do romantismo.

A recepção de autores franceses no país foi visível durante todos os anos de publicação da revista (...) a obra de Gustave Flaubert era considerada moderna por descrever realisticamente a sociedade, ao contrário do que se passava na Europa, e particularmente em Lisboa, ainda românticas.

No fim do século XIX e no início do XX, as revistas ilustradas portuguesas veicularam uma ideologia desenvolvimentista que louvava as conquistas técnicas de então. *O Occidente* não agiu diferente e refletiu este pensamento principalmente através da divulgação dos caminhos de ferro portugueses. Em poucos anos, Portugal foi cortado por comboios numa das mais importantes manifestações de progresso do país.

A revista se orgulhava em anunciar cada nova linha inaugurada. O número 139, 1º de novembro de 1882, sinaliza, além do progresso português, a própria vocação de *O Occidente* para a vanguarda imagética. Publica uma gravura sobre uma fotografia de Emilio Biel. Desta maneira, alia a introdução da fotografia na imprensa aos caminhos de ferro, orgulhosos símbolos do Portugal moderno.

Também na área científica, como veremos no capítulo dedicado à Ciência, a França era glorificada. As visitas a Paris da rainha dona Amélia – inglesa de nascimento, mas pertencente à nobre família francesa Orleães – à procura de técnicas e de conhecimentos de vanguarda que poderiam ajudar a saúde da população portuguesa foram exaustivamente cobertas pela revista, como poderemos constatar no capítulo sobre a nobreza.

Aliás, *O Occidente* nunca nega espaço ao avanço científico-tecnológico. Tanto abre as suas páginas para o gênio inovador de Louis Pasteur como para o padre português António Gomes Himalaia, inventor de um aparelho chamado pirelióforo, para o qual a revista previu um longo sucesso. O pirelióforo, que foi uma grande atração na Exposição Universal de 1904, concentrava os raios solares num ponto qualquer definido por seu inventor e/ou pelos possíveis futuros usuários, criando um local de intenso calor capaz, inclusive, de fundir metais. Apesar da cobertura entusiasmada de *O Occidente*, o pirelióforo não conheceu vida longa por não ser economicamente viável.

Em relação à Inglaterra e à Espanha, simultaneamente amigas e inimigas viscerais, o noticiário oscila entre o respeito e as demonstrações de afeto ou muita irritação e mesmo agressividade. A maneira encontrada para manter o noticiário sobre a Espanha e a Inglaterra em tom ameno foi dedicando largo espaço às famílias reais destes países. O mesmo se passa com a Itália, onde nasceu a rainha Maria Pia.

O fato de dona Maria Pia pertencer à dinastia Sabóia, que cortara relações com o Vaticano, entusiasmava os liberais mais radicais. Isto fica claro quando Humberto I, irmão de Maria Pia, sucede ao pai, Victor Manuel. Maria Pia vai ao enterro do pai e à coroação do irmão, época em que, subitamente, morre o papa Pio IX. Apesar de estar em Roma, a rainha não comparece ao velório de Pio IX. Lopes (2013, p. 272) relata que, para satisfação dos anticlericais portugueses, dona Maria Pia volta a Portugal sem prestar homenagem ao papa falecido.

Humberto I prestou juramento como rei da Itália em grande cerimonia a que assistiu D. Maria Pia. Não foi impensada a presença da rainha de Portugal na coroação de Humberto. O papa era abertamente desafiado nas suas exigências de ruptura entre as duas casas reinantes. Um mês depois faleceu Pio IX, estando dona Maria Pia ainda em Roma (...) mas a rainha não se demorou em Itália, partindo no dia 10 de fevereiro.

A Alemanha, também serviu de referência, principalmente na literatura, na ciência e nos conhecimentos militares. Não podemos esquecer que dom Luiz e dom Carlos pertenciam à casa real Saxe-Coburgo Gotha, o que, de certa maneira, justifica o tom laudatório dos valores e do povo germânico: a excelência da disciplina, da filosofia e da arte. *O Occidente*, admirava a força política e militar desse país.

A importância que dava às origens de dom Luiz e de dom Carlos pode ser medida pela obra escolhida para ser o primeiro folhetim publicado. Da edição número sete, 1º de abril, até edição vinte e dois, 15 de novembro, praticamente todo o ano de 1878, *O Occidente* abriu espaço para os capítulos de *Os Últimos amores de Goethe*, de Maria Amália Vaz de Carvalho.

Destacamos a relação amigável da revista com a Igreja Católica. Apesar de o anticlericalismo fazer parte das convicções da *intelligentsia* da época, *O Occidente* não se intimidou e, em 37 anos de vida, dedicou cinquenta e uma capas aos papas do período, a cardeais, a bispos e a padres, provando que a revista os valorizava, assim como a fé que eles representavam.



Gravura número 1 - Influência Editorial nas Capas de *O Occidente*

O Occidente louvou os valores nacionalistas, acompanhou o desenvolvimento português – as matérias e ilustrações sobre a construção das estradas de ferro ou sobre a participação portuguesa nas Exposições Internacionais são bom exemplo do orgulho nacional desejado pelos editores –, estimulou a industrialização e ajudou o país a recuperar parte do orgulho diminuído pelo atraso econômico em relação aos vizinhos europeus.

As exposições universais, moda no século XIX, são assunto privilegiado pelo *O Occidente*. Todas as exposições ocupam imensos espaços na revista, que se orgulha dos progressos tecnológicos portugueses. À de Paris, 1889, o príncipe dom Carlos vai de caminho de ferro, demonstrando a modernidade do país, segundo relata o número 385:

Partiu para Paris no *Sud Express* (...) Sua Alteza o príncipe D. Carlos (...) Sua Alteza visitará incognito a Exposição de Paris, seguindo depois para a Italia onde vae assistir o baptisado dos filhos dos Duques de Aosta, em Turim (...) Depois volta por Paris, onde visitará novamente a exposição, regressando ao reino antes de 28 de septembro (1º de setembro de 1889, pp. 199-200).

Com tantos e tão variados assuntos para noticiar e comentar fazia-se necessário um corpo de redatores e editores de qualidade. Neste ponto, *O Occidente* foi privilegiado: contou com o auxílio da Geração de 70, não importando qual filosofia ou ideologia cada intelectual professasse. Esses homens ajudaram a fazer de *O Occidente* um periódico bem vendido não só pela qualidade dos textos, mas também por divulgarem as últimas correntes de pensamento europeu: o socialismo de Proudhon e de Hegel, o nascente movimento operário internacional, o Positivismo de Augusto Comte, a erudição das universidades alemães e o naturalismo dos romancistas franceses.

Na Geração de 70 destacamos os nomes de, entre outros, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Antero de Quental, Eça de Queiroz, Teófilo Braga, João de Deus, Abel Botelho, Antônio Ennes.

Oliveira e Silva (2014) aponta a importância desses homens na democratização da cultura. Eles foram, em parte, responsáveis pelo sucesso de *O Occidente*. A repercussão de seus artigos e ilustrações alavancava as vendas, permitindo que a revista cumprisse a sua missão de ensinar ao mesmo tempo em que auferia lucros, objetivo primeiro de qualquer empresa capitalista. “Suitando” ou republicando as matérias que tivessem aumentado as vendas, *O Occidente* divulgava a Geração de 70, o que valorizava e fortalecia a sua marca e ainda aumentava os seus rendimentos.

As artes, assunto privilegiado em todas as edições, também contaram com a participação de nomes de peso. Além de Caetano Alberto, colaboraram com *O Occidente* os artistas Soares dos Reis, Rafael Bordallo Pinheiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Ernesto Condeixa e José Malhã. Após o advento da reportagem fotográfica, *O Occidente* honrou a sua tradição de vanguardista imagético e abriu as páginas para a nova técnica. Joshua Benoliel, pioneiro do fotojornalismo em Portugal, foi colaborador da revista, assim como o fotógrafo francês Alfred Fillon, que também tinha um estúdio onde fotografava a elite da época.

Batizado pelo primeiro diretor Literário, Guilherme D’ Azevedo, o título *O Occidente* indica a intenção de a revista valorizar Portugal em relação à Europa. Alda Santos (2009, p. 11) confirma: “o nome da revista *Occidente* escolhido em 1878 por Guilherme de Azevedo”.

Na época, a Europa era considerada o centro da civilização ocidental e a revista pretendia legitimar a cultura lusa no espaço europeu. Também se propunha a despertar nos leitores um novo orgulho pelo país que, *O Occidente* acreditava, mais do que o passado heroico tinha um futuro promissor.

Occidente porque Portugal se reconhecia e legitimava na civilização europeia indiferente à posição marginal que ocupava? Independentemente da resposta, o título materializava, de forma imediata, Portugal como um lugar na Europa (Santos, 2009, p. 6).

Diagramado em três colunas com tipos e corpos diferentes, medindo 45X30 centímetros, oito páginas de numeração sequencial para, após encadernadas – as capas eram vendidas ao fim de cada ano –, as revistas formarem, de fato, uma enciclopédia., os exemplares deram origem a 39 livros.

Não há informações concretas sobre a tiragem, embora Correia (2012, p 4) afirme que “não seria superior a 1.000 de mil exemplares”. A distribuição contava, no caso dos assinantes, com os serviços de correio. Correia (2012, p. 4) também afirma que as vendas contavam com uma rede de agentes em “todas as capitais de Distrito do continente, Ilhas, Possessões Ultramarinas, em Berlim, Manchester, Paris, Leipzig, Madrid e em diferentes estados da Índia, Brasil, Califórnia, Japão, etc”. Ainda segundo Correia, o preço da revista era 200 Reis, só reajustado uma vez, em 1881:

Em relação ao preço de lançamento, a revista conheceu apenas uma actualização em 1881 (...) é notório que *O Occidente* procurou outras fontes de rendimento, como a edição de suplementos temáticos, sobretudo gravuras, a partir de 1880, e do *Almanach Ilustrado do Occidente*, a partir de 1887. A venda de espaço publicitário, que ocorre em 1902.

Sousa (2017, p. 313) acrescenta: “a assinatura anual custava, inicialmente, 2.600 Réis, e o número avulso, 120 Réis”. *O Occidente* publica dois exemplares mensais até o número

72, 15/12/1880. A partir do número 73, de 01/01/1881, atestando o sucesso e a aceitação junto ao público, começa a ser trimensal. Os números saíam nos dias 1.º, 11 e 21. As gravuras completavam a informação textual.

O gravador e sócio principal de *O Occidente*, Caetano Alberto da Silva, e o desenhista e ilustrador Manuel de Macedo, que igualmente fez aporte de capital, preocuparam-se com a qualidade da revista e de suas ilustrações. Entendendo que a demanda de gravuras seria grande e permanente, os dois, para evitar a perda de qualidade nas publicações, fundaram, junto com *O Occidente*, uma escola de gravadores, onde Caetano Alberto ensinava as suas técnicas. Essa escola influenciou as artes plásticas portuguesas. O *Dicionário histórico e artístico de Portugal* (2010) relata:

A maior dificuldade para fazer uma revista ilustrada com suficientes gravuras que correspondesse aos acontecimentos e à reprodução de obras de arte, era a quantidade de gravadores aptos para produzir essas gravuras. Não os havendo no país, seria mister contratá-los fora, mas nesse caso importava tanto como mandar vir as gravuras do estrangeiro, e a revista assim feita continuava a ser as penas de pavão a enfeitar a ilustração portuguesa. Era preciso criar artistas gravadores, pois desenhadores não faltavam. Foi o que fizeram Caetano Alberto e Manuel de Macedo.

No primeiro número, a equipe de gravuristas contava com os seguintes nomes: Domingos Casellas Branco, Rossalino Cândido Feijó, Jorge dos Reis, Manuel Diogo Netto, José Augusto. José António Kjolner e A. Francisco Villaça. O ateliê funcionou na Rua do Loreto, Lisboa, até o início do século XX, quando a fotografia ultrapassou em qualidade de reprodução e viabilidade econômica a gravura. É importante apontarmos que, todos os artistas que participaram do primeiro número, com exceção de três, ainda trabalhavam na oficina na edição do último número.

Quando a revista saiu do prelo pela primeira vez, contava com uma equipa de 7 artistas gravadores (...). Em 1903, quando a publicação celebrou os seus 25 anos de vida, os últimos três já haviam falecido. Possivelmente, nem foram substituídos porque, entretanto, a fotografia

ia batendo a ilustração, mercê da sua versatilidade, custo e promessa de veracidade. Sinal dos tempos, que *O Occidente* procurou acompanhar, chamando às suas páginas os “cliques” (fotografias) de Alberto Lima, Ciríaco Tavares da Silva, Benoliel, Rocchini, Carlos Relvas, Carlos Vieira, Coutinho, Menezes, Santos, J. Azevedo, F.G. Marques, Manoel Abreu, António P.A. Leite, além dos produzidos por amadores atentos e prevenidos, ou comprados a empresas nacionais e estrangeiras (Correia, 2012, p. 1).

A liberdade de opinião era respeitada na revista. Tomamos como exemplo, além da divulgação pelos colaboradores das novas ideias e filosofias que surgiam na Europa, a onda da filosofia pacifista do fim do século XIX. Entre os artigos assinados por diversos escritores, todas as opiniões se encontram nas páginas de *O Occidente*. A favor ou contra, a revista publicou os mais desencontrados argumentos em artigos assinados, o que deixava o ônus das posições assumidas sobre os seus autores.

Quase até a metade de sua existência, *O Occidente* usou o que, hoje, chamamos de “matérias de gaveta”. Só em sua época final há a preocupação de privilegiar o factual, principalmente em relação às notícias da Primeira Guerra Mundial, da qual *O Occidente* foi ativo porta-voz, como sempre dubiamente. Pregava a participação de Portugal no conflito, enquanto lamentava a destruição europeia (Lacerda, 2017, p. 8).

Notamos um fato interessante nos primeiros números de *O Occidente*. Em um jogo para distrair e fidelizar leitores, a revista publica, em várias edições de seu primeiro ano, uma brincadeira que estimulava o público a encontrar o gato numa ilustração que o disfarçava.

O número quatro (16 de fevereiro de 1878, p. 26) coloca ao pé da “Chronica Occidental”, a seguinte gravura com o título: “onde está elle?”



Gravura número 2 - Brincadeira de achar o gato nas páginas de *O Occidente*

Esta mesma brincadeira repetiu-se no início do século XXI, quando o Facebook se tornou a ferramenta mais utilizada para a comunicação na Internet. Durante alguns anos, volta e meia, os usuários compartilhavam o mesmo jogo: “onde está o gato?”. A gravura abaixo fez parte dos muitos momentos de procura do gato no mundo virtual e foi retirada da *web* pela autora em 2016:



Gravura número 3 - A mesma brincadeira repetida nas redes sociais no século XXI

Os 37 anos de existência de *O Occidente* devem-se, principalmente, aos profissionais que o dirigiram: o proprietário e principal diretor-editor, Caetano Alberto, e os articulistas que assinaram a “Chronica Occidental”, o mais importante espaço da revista. São eles Caetano Alberto, Guilherme D’Azevedo, Gervasio Lobato, João da Camara, Antonio Cobeira e João Prudencio. Apesar de ser uma revista ilustrada, *O Occidente* também é herdeiro da *Encyclopédie*, de Denis Diderot, o filósofo iluminista que agregou imagens aos textos com o intuito de facilitar a comunicação.

3.4 – Antecedentes

Gerada na Revolução Francesa e estimulada pela crescente industrialização, a política de educação que varreu o continente europeu acabou por chegar a Portugal, que, aliás, já dera os primeiros passos na reforma de ensino na época do Marquês de Pombal.

A reforma do ensino transformou-se na grande prioridade da década de 1760. (...). Com a reforma do ensino, Pombal visava três objetivos: colocar o ensino sob a tutela do Estado, secularizar a instrução e uniformizar os programas (Maxwell (2015, p. 126).

Ou seja, desde o quarto final do século XVIII uma pequena parte da população portuguesa, principalmente as classes superiores, tinha acesso à educação. Não só aprendeu a ler, aprendeu a gostar de saber. Quando *o Panorama* surgiu, preencheu a já existente demanda por uma publicação familiar. Silva (2015, p. 103) cita Alexandre Herculano, o primeiro diretor do periódico.

Alexandre Herculano (...) no texto introdutório do primeiro número, delimita com (...) precisão e clareza os públicos a quem o jornal se destinava (...) seria ambição do jornal interessar a titulares de todos os ofícios e satisfazer aqueles que pouco tempo podiam consagrar

à sua ilustração. Ou seja, seria ambição do jornal interessar a toda a gente, “até os últimos degraus da escala social.

Entre 1837 e 1868, *O Panorama* preenche as necessidades informativas e culturais dos portugueses. Quando deixa de circular fica um vazio. *O Occidente* ocupa este espaço.

3.5 – Sobre os pseudônimos

Antes de analisarmos os diretores-literários de *O Occidente*, registamos que há uma discordância a respeito dos pseudônimos usados por esses escritores. Em sua tese de mestrado, Santos (2009, p. 109) afirma que João Verdades era o outro nome utilizado por Caetano Alberto. Rodrigues(2016, p. 108) concorda com Santos:

Diretor-proprietário da revista, excelente gravador e grande intelectual, Caetano Alberto da Silva escrevia com frequência artigos para a revista, muitos dos quais assinava sob o pseudônimo de João Verdades.

Rita Correia, na ficha histórica (2012, p. 1) que acompanha os exemplares de *O Occidente* na *Hemeroteca Digital*, afirma que João Verdades era o pseudônimo do jornalista Tito Gonçalves Martins:

João Verdades: óbvio pseudônimo, que podemos atribuir a Tito Gonçalves Martins (1868-1946), jornalista com vasta colaboração em jornais e revistas portuguesas e brasileiros e com obra literária publicada.

Andrade (1999, p. 149) registra no *Dicionário de Pseudônimos e Iniciais de Escritores Portugueses*, que João Verdades era, como prefere Rita Correia, o jornalista José Augusto de Tito Gonçalves Martins.

Há outra discordância quanto aos nomes e pseudônimos. Santos (2009, p. 98) não afirma, mas sugere em sua tese, que os jornalistas Antonio Cobeira e João Prudencio são a mesma pessoa, ao colocar juntos, separados apenas por um hífen, o nome dos dois e adicionando o tempo de colaboração a *O Occidente* (1908-1915). No entanto, Andrade (199, p. 131) refere em seu dicionário, que João Prudencio foi o pseudônimo de Alfredo Mesquita, que assumiu o lugar do diretor-literário João da Camara quando este morreu.

Optamos por usar a forma indicada pelo *Dicionário de Pseudônimos e Iniciais de Escritores Portugueses* e corroborada por Correia.

3.6 – Caetano Alberto

O fundador e principal acionista de *O Occidente* nasceu em 1843 e morreu em 1924, nove anos após o término da revista que fundou, financiou, planejou, dirigiu e que serviu de porta-voz às suas crenças políticas. Gravador por profissão, garantiu que a sua revista publicasse somente ilustrações de qualidade, o que realmente aconteceu, marcando diferença na história do jornalismo português.

Embora estimulasse a liberdade de opinião entre os seus colaboradores e anunciasse que *O Occidente* não tinha partido nem ideologia, permitindo, assim, que a revista utilizasse um discurso variado capaz de atender a todos os tipos de leitores, quando assinava artigos com o seu nome, ou o pseudônimo João Verdades, assumia seu perfil conservador e nacionalista. Após a prisão de Gungunhana, ele não esconde o orgulho, como na coluna “Revista Política” do número 615, assinada por João Verdades.

De um extremo ao outro do país passou uma corrente electrica, que foi como o renascimento de um povo há tanto tempo adormecido sobre o louro de cem batalhas, quasi esquecido de sua historia, indifferente hoje, em vista de tantas glorias passadas, que julgou já não poder realizar, sendo a sua alegria de agora tanto maior quanto de maravilhoso foi o feito d'armas que o despertou do letargo em que jazia (25 de janeiro de 1896, p. 23).

Suas crônicas ocupam-se, principalmente, dos assuntos que tivessem se destacado nos dez dias entre um número de outro da revista. Os temas sobre a África, as explorações desse continente, os problemas que surgiram com o Ultimato Inglês, as investidas de outros países sobre as colônias lusitanas e as festas que honravam a memória portuguesa eram os seus preferidos. Nestas ocasiões, optava por, pessoalmente, assinar as crônicas ou usar a voz do diretor-literário. Ao contrário dos outros cronistas, que procuraram a leveza ou o lirismo em seus textos, Caetano Alberto é mais formal e nunca perde ocasião de sublinhar o seu amor e respeito por Portugal.

Baseando-nos apenas em nossa experiência profissional, acreditamos que, quando o periódico abandonava a sua propalada isenção, fazia-o por decisão pessoal dele. Ou na “Chronica Occidental”, assinadas por outros jornalistas, e/ou em matérias muitas vezes sem assinatura. Partidário da monarquia, Caetano Alberto preferia minimizar os acontecimentos políticos – inclusive as nascentes greves – para apoiar os Bragança.

Nos artigos acadêmicos que consultamos sobre a arte da gravura em Portugal, séculos XIX e XX, o seu nome não é citado. O que nos leva a crer que Caetano Alberto passou à história mais por sua revista esteticamente de vanguarda do que por seu talento artístico.

3.7 – Guilherme D’Azevedo

Poeta, escritor, jornalista, integrante da Geração de 70, socialista, anticlerical, defensor da Comuna de Paris, primeiro diretor-literário de *O Occidente*, dono de um texto irônico e

desafiador, Guilherme D’Azevedo nasceu em Santarém em 1839 e morreu em Paris, a cidade de seus sonhos, em 1882.

De família burguesa, frágil de saúde e sofrendo de deficiência física – tinha a perna esquerda mais curta, consequência de um acidente na infância –, Azevedo nunca superou a vergonha das suas limitações. Alguns estudiosos de sua vida consideram que esse acidente mal curado, que acabou por se transformar numa fístula tuberculosa, causando-lhe a morte aos 43 anos, fez aflorar o seu estilo irônico, crítico, a coragem de expor as ideias, o faro para identificar o ridículo, a disfarçada agressividade. Características que, segundo Loures (2013, p. 1) renderam-lhe o apelido de “diabo coxo”: “na terra, era antipático, chamavam-lhe o diabo coxo. (...) ele não podia consolar-se de ser defeituoso, e sem se queixar, evitava todos os ricochetes de palestra donde pudesse sair alusão à sua deplorabilíssima invalidez”.

O pai, escrivão da Fazenda de Santarém, interrompeu-lhe o sonho de estudar em Coimbra, exigindo-lhe seguir os seus passos. Azevedo conformou-se com o curso de letras no Liceu de sua cidade. Depois, sem vontade, obedeceu a ordem paterna. A luta entre o temperamento criativo e a rotina burocrática desaguou na fundação de um pequeno jornal, o *Alfageme*, com dois companheiros, Tomás Lino de Assunção e José Ferreira Braga.

Nas apenas seis edições, de agosto a outubro de 1871, Azevedo mostra o seu temperamento e o seu talento. Logo após a Comuna de Paris, não hesitou em escrever um artigo apoiando o movimento. Loures (2013, p. 1) cita que Santarém, então, revelou-se pequena para ele. O escândalo foi enorme.

À pequena escala do Burgo, o escândalo é clamoroso. Mesmo os poucos amigos que ainda tinha na cidade se afastam (...), porém, em contrapartida, são também estas posições ousadas que lhe valem a aceitação por parte dos escritores da chamada Geração 70.

Loures (2012, p. 12) explica que a Comuna de Paris de 18 de março de 1871, inspirada nas ideias de Karl Marx, foi um movimento popular que marca um dos primeiros momentos em que o proletariado chega ao poder na Europa.

O caráter revolucionário da Comuna fez com que a mesma se tornasse um marco na história das lutas políticas e de classe. O povo conseguiu tomar o poder, e aplicar uma nova dinâmica social que foi suprimida pelos interesses das classes dominantes. Isso influenciou não apenas a interrupção desta experiência socialista, como também o seu próprio funcionamento.

Quando o pai morreu, Azevedo tinha 35 anos. Após vender a herança, despediu-se do emprego que detestava e, em 1874, se mudou para Lisboa. O sucesso foi meteórico. Quase imediatamente tornou-se um nome conhecido. Não tardou para o jornalismo o convocar. Estreia na *Gazeta do Dia*, na coluna *Zig-Zags*, sob o pseudônimo Gil Vaz. Dividia este nome e o espaço com Guerra Junqueiro. Logo depois, faz parte do grupo fundador de *Lanterna Mágica*, dirigida pelo caricaturista Rafael Bordallo Pinheiro.

A amizade entre Azevedo e Bordallo era antiga, remontava aos tempos de Santarém e se fortaleceu em Lisboa. Sá (1986, p. 73) registra que ambos acreditavam que, da parceria dos traços de um com as palavras do outro, seria possível modificar a conservadora sociedade portuguesa.

Foi *como* (grifo da autora) colaborador literário de Rafael Bordallo Pinheiro que Guilherme de Azevedo mais se destacou. A sua capacidade de síntese, que Ramalho Ortigão apelidou de miniaturismo, (...) transformou-o num dos colaboradores mais perfeitos de Bordalo. Guilherme de Azevedo fazia com a pena o que o caricaturista fazia com o lápis: um simples traço, desenhado ou escrito, bastava a um e a outro para cobrir uma personagem ou um acontecimento de ridículo.

Acreditamos que o sucesso quase imediato de *O Occidente* deve-se aos textos leves, irônicos e informais de Guilherme D’Azevedo. A forma que, desde o primeiro número de *O Occidente*, ele deu à “Chronica Occidental, é, em nossa opinião, um dos motivos para a rápida aceitação da revista.

Santos (2009, p 33) relata que Azevedo usava o humor e uma escrita ágil para criticar a aristocracia, a burguesia, os velhos hábitos, a igreja, a monarquia, a política da época, a

Igreja, a sociedade, a monarquia, a nobreza, as forças armadas. Enfim, tudo que representasse poder servia para alimentar o discurso afiado de Azevedo.

Guilherme de Azevedo e a sua caricatura dos ridículos assumiam total protagonismo da revista. Semana a semana, a história dos mais notáveis acontecimentos através de um discurso humorístico e de uma escrita ágil de onde se escapavam desafiantes críticas aos poderes políticos-sociais instituídos.

Colaborador de quase todos os jornais da capital e do carioca *Gazeta de Notícias*, do qual foi correspondente em Paris, Guilherme de Azevedo inovou a imprensa portuguesa com o seu discurso bem-humorado, que não perdoava o atraso português em relação aos outros países europeus. Culpa, em sua opinião, dos poderes constituídos que haviam esquecido a Constituição de 1822. Santos (2009, p. 33) refere:

Semana a semana, (...) Guilherme de Azevedo prolongava a intenção crítica da Geração de 70, farpeando a sociedade, a Igreja e a política monárquico-constitucional (...) ideologicamente não escondia o seu apoio aos ideais democráticos de 1822, reiterando críticas à Carta Constitucional e assumindo uma postura anticlerical. Defendia que (...) o progresso só poderia ser alcançado através de um regime mais livre e democrático.

Definindo-se como um “iconoclasta inovador”, não tardou a se tornar conhecido nas rodas literárias. O sucesso de seu livro *Alma nova* (1874) impulsionou-lhe a vida pessoal e profissional. Em pouco tempo participava das reuniões do Cenáculo, um movimento de intelectuais que organizava reuniões para discutir política e literatura. No Cenáculo, nasceu a chamada Geração de 70. Sá (1986, p. 16) afirma que o convívio com estes pensadores de vanguarda amadureceu o espírito curioso e rebelde de Azevedo “Deste convívio resultou a renovação de suas leituras, o conhecimento das ideias caracterizadoras do momento histórico que então se vivia e a preocupação com a transformação social e política do povo”.

Em 1877, foi convidado pelo ilustrador Alberto Caetano para ser o diretor-literário da *Revista Ilustrada*, que estava prestes a ser lançada, Azevedo aceitou o convite e, estabelecida a linha editorial de *O Occidente*, assumiu, nas palavras de Alda Santos (2009, p 33), o protagonismo da revista. Também a batizou de *O Occidente*, fato comprovado pela própria publicação em seu número 913 (10 de maio de 1904, capa). Em matéria sem assinatura, que homenageava Guilherme de Azevedo, foi confirmada a história: “ele (...) batizou a revista de *O Occidente*”.

Autor da “não-declaração” de princípios da nova revista ilustrada, Azevedo escreveu no primeiro número de *O Occidente* que a nova publicação reconhecia como sua o programa de *O Panorama*, publicado há 43 anos. A “Chronica Ocidental” estreou ocupando as páginas sete e oito:

Sem mudança de uma vírgula podiam-se hoje estampar no frontispício desta publicação, as nobres e singelas palavras com que se apresentava *O Panorama*, esse semanário em que devia começar a afirmar-se a poderosa physionomia que, por uma coincidência dolorosa, é exactamente a que hoje occupa a página de honra do *Occidente*.

A citada página de honra é uma gravura de Alexandre Herculano, o primeiro editor de *O Panorama* e uma das admirações intelectuais de Guilherme de Azevedo. Alguns parágrafos antes, podemos supor que, num momento de premonição de que *O Occidente* seria objeto de estudos, Guilherme de Azevedo escreveu:

Que a posteridade saiba quando por ventura algum bibliógrapho investigue para supplicio ou lição dos coévos, os arcanos do Occidente, que houve alguém que escrevendo a zero fez (...) uma profissão de fé (1º de janeiro de 1878, pp. 7-8).

Francófalo, Azevedo não perdia a oportunidade de criticar os conterrâneos. Em sua opinião, a França representava a perfeição e era a mediadora entre Portugal e os outros países.

Alheio às decisões importantes, Portugal apenas aplaudia os triunfos dos outros e pouco se envolvia em embates ideológicos que, ele acreditava, estavam reorganizando o mapa do mundo.

O primeiro diretor-literário de *O Occidente* refletiu, sem pudores, o complexo de país pequenino, esquecido na ponta oriental da Europa. A partir do número dois em várias outras edições, Azevedo fustigou Portugal:

Paris, apesar de dançar o Cancan, faz todos os dias uma nova conquista no mundo dos factos e no mundo do pensamento. Lisboa – apesar de não dançar – apenas consegue conquistar o coração d’algumas meninas sentimentaes à hora da missa e ao som da música no Passeo Público (15 de janeiro de 1878, p. 15)

No número 13, ironizou o que considerava provincianismo: “Portanto, enquanto os franceses, por exemplo, procuram saltar o Canal da Mancha por meio d’um túnel ou de uma ponte, nós saltamos unicamente fogueiras” (1º de julho de 1878, p. 98).

Na edição 54, criticou a indolência portuguesa: “Esse horror às madrugadas, que não sejam manifestadas em versos, explica os motivos de nós fazermos em oito dias o que os outros povos fazem em oito horas” (15 de março de 1880, p. 42).

Ainda parecia pouco. Azevedo, acreditamos, tinha necessidade de expor o próprio complexo de inferioridade, representando-o em seu entorno. No número 56 (15 de abril de 1880, p. 58), ele continua a demolir a autoestima dos compatriotas “tudo que transpõe a fronteira tem a obrigação de ser serio. O próprio Figaro de Paris que hoje educa em Portugal a gente que se preza, é considerado como um Evangelho dos povos”.

A ironia de Azevedo em relação ao país não conheceu limites e, aparentemente, agradou ao público partícipe do mesmo complexo de inferioridade: Na edição número 9, Azevedo escreveu: “Retirado e pacato abrigo do mundo, neste genuíno Retiro dos pacatos da Europa, onde não se registram commoções fortes e impressões violentas” (1º de maio de 1878, p. 66).

O professor Sérgio Campos Matos, da Universidade de Lisboa, em entrevista a José Alejandro Gallego (2005, p. 4) explica:

Decadência é um sentimento e uma ideia que se exprime em Portugal a partir do século XVI (...) e que depois se associa ao sentimento de crise com os sinais de declínio de poderio marítimo no Oriente, à perda da independência em 1580 e, sobretudo, às grandes dificuldades do século XIX e primeiros decénios do século XX. As teorias da decadência difundem-se extraordinariamente a partir da ocupação francesa e da crise do antigo sistema colonial, no tempo do império napoleónico.

Através dos textos de Guilherme de Azevedo reconhecemos um homem que sofria por não ser um intelectual francês, alemão ou inglês, nacionalidades que ele julgava superiores. De seu espírito azedo não escapou nem mesmo o rio Tejo. No número 63 (1º de agosto de 1880, p. 126), Azevedo exagera:

O Tejo póde considerar-se um rio perdido e mesmo no estrangeiro as suas virtudes estão sendo ao que parece tão discutidas como o nosso credito a proposito do emprestimo de D. Miguel. (...) em Paris acaba de apparecer um panphleto intitulado “As febres do Tejo” attribuido a um viajante que há poucos mezes esteve debruçado sobre as águas das janelas do Hotel Central (...) Resta que os poderes publicos adoptem providencias energicas contra semelhante propaganda (...), mas isto depois de tomar (..) a seguinte providencia: desinfeta-lo.

Apesar da má vontade com Portugal exposta numa publicação que se proclamava nacionalista e respeitadora dos valores pátrios, os artigos de Guilherme de Azevedo conquistaram os leitores e colocaram a “Chronica Occidental” nas primeiras páginas, local de onde, poucas vezes, saiu nos 37 anos em que *O Occidente* foi publicado. Seus textos eram traduzidos e publicados na Espanha (Santos, 2009, p. 33). Lisboa inteira esperava o sábado para ler as novas provocações do “diabo coxo” que caíra no gosto de todas as classes sociais.

Socialista, republicano e radical, quando o país resolveu comemorar o tricentenário de Camões em 10 de junho de 1880 – dia que, graças ao imenso sucesso dos festejos acabou por

se transformar na Data Nacional – ele duvidou da lisura da Comissão da Imprensa, organizadora da festa. No número 54 (15 de março de 1880, p.42) disparou que o povo não sabia quem fora Camões e que os estrangeiros conheciam mais o céu português do que o poeta: “Depois de nosso bello firmamento e das nossas noites de luar, a preguiça pública constitue entre nós um dos mais justos assombros do estrangeiro”.

Acabou por mudar de opinião. Não sabemos se para atender ao proprietário Caetano Alberto, por ter descoberto na comemoração um laivo da energia vital, que, repetidamente, afirmava faltar em Portugal ou porque acreditou que o patriotismo gerado pela festa seria capaz de alterar o *status quo*. O fato é que Azevedo aderiu à efeméride camoniana. Referindo-se à trasladação dos restos mortais de Camões pelas ruas do centro de Lisboa, Azevedo escreveu no número 60 (15 de junho de 1880, p. 102) “ Era uma procissão em que o ídolo era o povo, glorificado pelo próprio povo, recebendo pela primeira vez a sua apotheose, e adquirindo a noção pacífica, a que muitos chamam de revolucionária, de que elle é o rei”.

Guilherme D’Azevedo foi o contraponto ao pensamento conservador de Caetano Alberto. Deixou, porém, poucas lembranças na história da literatura portuguesa. Sá (1986, p. 7) registra “a pouca atenção concedida pela crítica moderna a Guilherme de Azevedo (...) foi um dos motivos que nos levou a encetar o estudo (...) A biografia não passa, grosso modo, de pequenos artigos dispersos”.

Influenciado por Baudelaire e Victor Hugo, Azevedo escreveu os livros de poemas *Aparições* (1867), *Alma Nova* (1874) e *Radiações da Noite* (1871). Sem nunca deixar de acreditar numa revolução sociopolítica que levaria Portugal à vanguarda ideológica do continente, Guilherme de Azevedo cansou-se de sua pequena Lisboa e, em agosto de 1880, mudou-se para Paris, ocupando o cargo de correspondente internacional do jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*.

Sua última “Chronica Occidental” foi publicada no número 64 (15 de agosto de 1880, p. 134). Nela, Guilherme D’Azevedo não adiantou que estava abandonando o cargo de Diretor-Literário de *O Occidente* para viver em Paris, sua referência de civilização. Sua saída de *O Occidente* abriu espaço para o novo editorialista Gervasio Lobato.

Guilherme de Azevedo morreu em Paris em 6 de abril de 1882. Seu corpo foi trasladado para Lisboa em 1887.

3.8 - Gervasio Lobato

Substituir Guilherme D' Azevedo foi um enorme desafio, que Gervasio Lobato venceu com um senso de humor menos corrosivo do que o de seu antecessor. Na opinião de Santos (2009, p 87), essa característica o torna logo aceito pelo público conservador:

A “Chronica Occidental” perde o espírito de combate ideológico restringindo-se à crítica polida sobre o rotativismo do governo e a previsibilidade dos candidatos na altura das eleições. Discurso baseado nos conceitos tradicionais de pátria, família, autoridade, hierarquia, paz social.

Durante 15 anos Lobato escreveu para *O Occidente* – três crônicas por mês, o que contabiliza um total de 540 originais. Seus textos descrevem principalmente Lisboa, acontecimentos culturais, políticos, os tipos humanos, a sociedade. Esperanço (2013, p. 3) registra que as crônicas de Lobato são importante referência de pesquisa para os estudos do fim dos oitocentos.

Essa Lisboa de Gervásio Lobato, vista à lupa pela técnica do cómico, que introduz o tema da dissertação e evoca lugares. Lugares desaparecidos, com cambiantes, lugares que se tornam imprescindíveis (...). É apresentar a diferença da Lisboa física daquela construída literariamente. Relida e reescrita por tantos, Lisboa assume o espaço onde decorre a maior parte da acção da opera gervasiana, mas assume também o papel de agente, dotada de movimento e de rotineiros costumes. Lisboa é um cardápio de figuras que se entrecruzam nas ruas da Baixa e aí desfilam a sua sensaboria ou beleza estonteante, os seus ridículos comportamentos e se destila nervosamente as intrigas comuns dos mortais.

Antes de começar a trabalhar em *O Occidente*, Gervasio Lobato já era um dramaturgo conhecido. Durante a sua vida escreveu 25 textos originais, 115 traduzidos e 65 adaptados.

A vocação para a escrita já vinha da juventude, tendo fundado aos 15 anos, com alguns dos seus discípulos, o jornal literário “A Voz Académica”. Nessa altura, tinha como sonho uma carreira diplomática, tirando por isso o Curso Superior de Letras e a Cadeira de Direito Internacional da Escola Naval. Mas acabaria por fazer carreira no campo das artes e das letras (Santos, 2015, p.. 2).

Esperanço (2013, p. 2) destaca que, entre as suas peças teatrais destacam-se *Sua Excelência* (1884), *O Comissário de Polícia* (1890), e *Lisboa em Camisa* (1882): “*Lisboa em Camisa* foi um acontecimento para a comédia portuguesa de oitocentos, uma novela que explorou o lado humorístico da vida humana”.

Esperanço (2015, p. 51) também afirma que, nessas três peças, Lobato expõe com humor, mas criticamente, a vida da pequena e média burguesia de Lisboa, além de apresentar um quadro da política de então. Para *O Occidente*, além da “*Chronica Occidental*”, Lobato escreveu diversos folhetins que ajudaram a fidelizar os leitores.

Gervasio Lobato representa a sua época, tempos em que a identidade burguesa começava a se afirmar. Essa identidade encontrou no teatro e na palavra impressa um meio de exposição para as classes populares que, pela primeira vez, sentiam-se inseridas na sociedade. Em suas peças, Gervasio Lobato aponta a falta de cultura e de boas maneiras dos recém-endinheirados, ataca as manias da pequena burguesia, ridiculariza as suas ambições mundanas: “*Gervasio Lobato* (grifo da autora) registra as pequenas ambições burguesas, o anseio confessado de ascensão social e traz-nos uma comédia ligeira que é impossível de ser contada. “.

Ao mesmo tempo, diz Esperanço (2013, p. 80), Lobato admirava os homens que haviam trabalhado para construir as próprias fortunas, mudando, assim, um conceito vigente em Portugal desde o tempo das inquirições, século XIII, quando os reis retiravam o título de nobres que se dedicavam ao trabalho braçal.

Se até ao século XIX o trabalho estava associado a uma atitude do servo ou até do escravo relativamente ao seu senhor, as ideias liberais instigaram, ao invés, a valorização e a exaltação do trabalho como necessário para o processo de crescimento e desenvolvimento económico e social de um país.

Não era grande, mas era influente, o público que Lobato ironizava. Esse mesmo público lia as suas crônicas em *O Occidente*. Ramos (2009, p. 78) refere que, no último quartel do século XIX, Portugal tinha cerca de 5 mil profissionais liberais. Médicos, advogados, farmacêuticos, engenheiros que optaram por viver nas grandes cidades: Lisboa e Porto. No recenseamento de 1890, a classe burguesa aparecia como 14% da população total, quase 30% nos dois maiores centros urbanos. Ramos (2009, p. 78) defende que Estas pessoas eram respeitadas por exercerem profissões capazes de influenciar a sociedade em que viviam:

apesar dos números serem relativamente baixos no cômputo geral da população portuguesa de oitocentos (...). Esta “burguesia (supostamente) intelectual” (...) contribuiu decisivamente para modelar a opinião pública e para alterar o seu status.

Na crônica de estreia em *O Occidente*, número 65 (1º de setembro de 1880, p. 142), Gervasio Lobato estabelece o seu estilo: leve, crítico, bem-humorado e polido. Oferece mais informação e entretenimento do que opiniões pessoais. Também abriu mais espaço aos acontecimentos políticos e ao cotidiano da família real portuguesa. Sua posição política é dúbia. Segundo Esperanço (2013, p. 94), Lobato foi um liberal que nunca abandonou as ideias monárquicas:

Gervásio Lobato não aprofunda filiações políticas (...). Não há qualquer tomada de posição sobre este ou aquele partido político, embora possamos crer que se move claramente num ambiente liberal (...), mas ainda preso num mundo monárquico.

Nessa crônica notamos um fato interessante: Lobato faz os elogios de praxe ao antecessor que, um ano antes, criticara a sua peça teatral “Diz-se”. Na ocasião, Guilherme D’Azevedo escreveu:

Diz-se de Gervasio Lobato que há poucas noites subiu à scena no Gymnasio não é perfeitamente uma comedia; são cerca de quatro comedias desenroladas em quatro actos e confundidas entre si. Há n’ellas bons ditos, boas situações e excelentes typos; simplesmente o estado embrionario da acção não permite que o publico encontre na peça aquilo a que vulgarmente se chama o enredo (número 48, 15 de dezembro de 1879, p. 186).

Levantamos a hipótese de que Gervasio Lobato aproveitou a sua estreia para vingar-se e, mesclado às primeiras juras de amor à Lisboa, criticou discretamente a posição antinacional de Azevedo e a sua má vontade com a capital do país:

Effectivamente, Lisboa é uma das mais sadias e salubres cidades do mundo, embora digam todos os verões ao contrário os jornais da opposição e os folhetinistas sem assunto (1º de setembro de 1880, p. 142).

Também em sua primeira cronica, Gervasio Lobato inaugura uma das características de todas as suas crônicas para *O Occidente*: anunciar as opções de lazer da cidade:

Divertimentos tem ainda os Recreios, o teatro e a esplanada. Na esplanada tem fresco, feras, dansarinas hespanholas (...) no teatro tem os *Trintas Milhões de Gladiator*, uma comédia cheia de episodios engraçadíssimos, representada maravilhosamente, com uma verve irresistível (1º de setembro de 1880, p. 142).

Nascido em Lisboa, cidade na qual morreu, Lobato formou-se no curso superior de Letras também em Lisboa. Era romancista e professor de declamação, além de funcionário na Secretaria de Estado de Negócios do Reino. Jornalista reconhecido, também escreveu para, entre outros, a *Gazeta de Portugal*, *Gazeta Literária*, *Recreio*, *Diário Illustrado*, *Progresso*, *Correio da Noite*, *Século* e *Diário de Notícias*.

Nas mãos de Lobato o principal espaço de *O Occidente* torna-se mais próximo à realidade portuguesa. Lisboa tornou-se o grande assunto das “Chronicas Ocidentais”. Em cada número, Lobato comentava a vida da capital e de suas personagens: o frio, o calor, os hábitos, as óperas, os teatros, as praias, as festas, nascimento, mortes, a rotina, o povo e a nobreza. Seus textos legaram importantes informações sobre a capital portuguesa, sua população e seu modo de viver: “O tratamento atento e cuidadoso que é reservado à cidade de Lisboa fazem de *O Occidente* uma relevante fonte de informação sobre a cidade” (Correia. 2012, p. 4)

Apesar dos louvores à ideologia liberal, da ênfase em divulgar a igualdade e a fraternidade, notamos que Lobato reage quando sente que os seus privilégios são ameaçados. Ao comentar a sessão inaugural do Parlamento, ele se mostra surpreendido por não ter recebido dos funcionários do Palácio de São Bento a deferência que a sua condição de jornalista supostamente lhe oferecia:

A má criação dos contínuos aumenta de janeiro a janeiro, ao passo que a grande ideia da igualdade e fraternidade vae atingindo os cerebros indigenas. Os contínuos de São Bento vão comprheendendo, enfim, que todos os homens são irmãos, mas comprehendem-no à maneira de Caim (...) Ora, a respeito da raça contínuos, porque todos os contínuos formam uma raça à parte. (número 74, 11 de janeiro de 1881, p. 10).

Conceituado crítico de teatro e de música, Gervasio Lobato revela-se um profissional sério na estreia em Lisboa de *Lohengrin*, de Richard Wagner. Na edição 153, ele assume que lhe faltam informações para avaliar o pioneirismo da ópera: “Não é fácil (...) fazer-se em Portugal uma critica severa e seria de Lohengrin: (...) essa critica demanda uma educação musical completíssima (...) nós é que não a poderíamos fazer” (21 de março de 1883, p. 66).

Tão conhecido no jornalismo quanto na literatura, Lobato foi, principalmente, um homem ligado ao teatro. Nos oitocentos, o teatro era considerado um importante elemento civilizatório, que ajudava a socializar as pessoas ao divulgar o ideário da Ilustração.

É no século XIX que a cultura sai à rua, sobretudo à rua da cidade. O teatro, bem como outros espectáculos de sociabilidade cultural, a que se juntam outros espaços informais como as soirées das casas particulares e, sobretudo, os cafés, locais importantes de partilha cultural e política, e também espaços de elegância, constituíram um factor de desenvolvimento de uma cultura urbana própria (Esperanço. 2013, p. 34).

A capacidade apontada pelos estudiosos de sua obra teatral, a de recortar o lado bem-humorado do cotidiano, também foi aplicada às *Chronicas Occidentais*. No palco, Lisboa e as suas personagens eram as estrelas maiores. Nas crônicas, não foi diferente. Gervasio Lobato foi um amante da sua cidade: “Gervasio Lobato foi um mestre em aproveitar a vida real para elaborar os humorísticos quadros da vida pequeno-burguesa” (Esperanço, 2013, p. 7).

Com pulso para também se aventurar nos textos melodramáticos, Lobato, quando quer, dá um toque de humor mesmo às notícias tristes ou sérias. Tomemos como exemplo a “Chronica Occidental” do número 533, na qual ele comenta o aumento exponencial dos casos de tuberculose. Sua metáfora, embora de gosto duvidoso, exemplifica perfeitamente a gravidade da situação: “O tísico moderno não é conhecido de ninguém porque tão depressa inicia a ser tísico passa a ser defuncto” (11 de outubro de 1893, p. 226).

A morte do cardeal-patriarca de Lisboa também não escapou do olhar mordaz. Na edição 151 ele ironiza: “toda a população quiz ver como era um cardeal morto” (1º de março de 1883, p. 50)

Porém, na ocasião da morte do rei dom Fernando, viúvo de dona Maria II e pai do rei dom Luiz, Gervasio Lobato permite-se exercitar o seu lado sensacionalista e dramático. O comentário está no número 252:

O destino compadecera-se do grande monarca e furtara-o da lenta e dolorosa morte por esphacelamento que (...) epiloga (...) a terrível doença que o affligia – o cancro, fulminando- de subito com uma congestão. (...) na véspera, S. M. Cahira (...) a desorganização dos musculos promovida pelo cancro tinha-lhe provocado (...) uma atrophia nos órgãos visuais (21 de dezembro de 1885, capa).

Após longa enfermidade, Gervasio Lobato, assistido por João da Camara que o substituiu no cargo de diretor-literário de *O Occidente*, morreu no dia 26 de maio de 1895.

3.9 – João da Camara

Membro da alta aristocracia, João Gonçalves Zarco da Camara foi o primeiro escritor português indicado ao Prêmio Nobel de Literatura. Na época, 1901, já colaborava com *O Occidente*.

Formado pela Politécnica de Lisboa, no curso hoje equivalente ao de Engenharia, Camara fez carreira nos Caminhos de Ferro. Segundo Correia (2012, p. 1), Camara foi o responsável pela construção da linha de Cáceres, no Alentejo, de onde escreveu algumas crônicas para *O Occidente*.

Também acompanhou os trabalhos das linhas de Sintra, Torres Vedras, e Cascais, até que, em 1888, foi nomeado chefe de repartição da Companhia Real dos caminhos-de-ferro do Norte e Leste. Dois anos depois, ocupará cargo equivalente na repartição dos caminhos-de-ferro ultramarinos, onde se manteve até à data da sua morte, em 1908. .

Assumi o cargo de diretor-literário de *O Occidente* na época do rotativismo partidário entre regeneradores e progressistas. Mais tarde, tropeçou no governo ditatorial de João Franco. Por suas crônicas é possível acompanhar o turbilhão político da época. Inclusive o seu desconforto diante das restrições à liberdade de Imprensa, as censuras prévias e as prisões e deportações de jornalistas por crime de opinião.

A primeira “Chronica Occidental” assinada por João da Camara, número 592, relata a morte de Gervasio Lobato. Causou-nos forte impressão porque, afirmamos, a exposição da intimidade de alguém, a ponto de lhe descrever os últimos momentos, não faz parte dos códigos da imprensa contemporânea:

Foi no sabado pela manhã que a saude lhe fez a costumeira visita (...) foi preciso arranjar-lhe a cama (...) foi uma balburdia (...) Gervasio ria mostrando as bolhas enormes que os sinapismos lhe haviam feito (...)O seu castelo de felicidade continuava de pé, pobre Gervasio (...). Poucas horas depois, naquelle mesmo sitio (...) armava-se a camara ardente (...) Gervasio dormia (...) o rosto que a dohença transtornára (5 de junho de 1895, p. 122).

Já no ritmo da imprensa industrial, Camara não perde tempo lamentando o antecessor e amigo. No número 593 escreve sobre a cidade, dedicando apenas três parágrafos à homenagem que alguns artistas prestaram, no Theatro Dona Amélia, ao colega falecido:

Houve (...) um espetaculo que attrahia ao theatro enorme concorrencia (...) uma derradeira homenagem a Gervasio Lobato (...) os proprietarios do theatro Dona Amélia (...) cederam a salla (...) actores e actrizes de todos os theatros, muitos poetas (...) notaveis maestros portugueses (...) todos se offereceram para que a homenagem fosse digna d’aquelle a quem era prestada (...) todas as empresas theatrais se achavam representadas (15 de junho de 1895, p. 130)

João da Camara deu um toque de sofisticação à “Chronica Occidental” ao focar, principalmente, aspectos culturais e sociais de Portugal: literatura, artes plásticas, música, teatro, arquitetura, artesanato, festas populares, religiosas, política e os recentes acontecimentos do país. Seus textos também recuperaram o lirismo ao apresentar a natureza e a nas aldeias. Braga, Coimbra, Lisboa e Porto não lhes foram indiferentes.

Comentários sobre o teatro português aparecem na maioria de suas crônicas, que avaliam os atores. Quando necessário, Camara demonstra o seu desagrado com a presença de peças estrangeiras ou com o baixo nível da dramaturgia encenada. Na “Chronica Occidental” da edição 662, lamenta a decadência do teatro lisboeta:

A decadencia no theatro é manifesta (...) O theatro desceu às últimas abjeções (...) e tem trazido para o palco as produções de espíritos doentes, sem elevação nem arte, sem gosto e sem pudor, transformando o theatro numa feira de miserias, num lupanar desmoralizador e dissolvente (...) e com isso tem cavado mais fundo a desmoralização da sociedade! (20 de maio de 1897, capa).

Ativo participante do movimento renovador das artes cênicas, Camara, durante muitos anos, escreveu peças que animaram os palcos de Lisboa. Rebello (2006, p. 5) afirma que Camara transitou, com a mesma competência, entre o drama histórico e a comédia: “Da farsa à opereta ee ousara mesmo aventurar-se pelas nebulosas veredas do teatro simbolista (...) e mais não era preciso para merecer o título de melhor autor dramático, que, sem dúvida foi, depois de Garret e por muito tempo ainda”.

Sua peça *Os velhos* alcançou muito sucesso no Teatro Lucinda, Rio de Janeiro, Brasil, o que lhe valeu um convite para ser colaborador do jornal carioca *Gazeta de Notícias*. Aceitou o convite e, entre 1901 e 1905, escreveu 206 crônicas para um público ansioso por notícias de Lisboa. Araújo (2015, p. 16) refere:

Desta forma, a colônia portuguesa desempenhava um grande papel no desenvolvimento urbano, industrial e cultural da sociedade carioca, estando sempre presente de forma ativa nas principais decisões da cidade; seja através de suas instituições culturais e de benemerência, dos

homens públicos portugueses (...) as crônicas de uma das principais revistas de Portugal, O Occidente, direcionavam-se para o leitor português, pertencente, em especial, à aristocracia e à alta burguesia portuguesa, residentes nos centros urbanos, sobretudo Lisboa, que viviam de perto a crise. Por outro lado, as crônicas do jornal brasileiro, *Gazeta de Notícias*, destinavam-se ao leitor brasileiro e, em particular, ao imigrante português, provido em sua grande maioria do campo que, após fugir da crise de seu país, estabilizou-se no Rio de Janeiro, contudo, saudoso de sua terra natal.

Como todo escritor, João da Camara foi um arguto observador do cotidiano. Assim, a greve dos tipógrafos de Lisboa alertou-o para a existência de uma multidão já viciada nas informações diárias. Aparentemente, o ser humano gosta de saber das novidades, porque este fenômeno, a ávida procura de notícias, pode ser detectado hoje na extraordinária participação das pessoas nas redes sociais. Apesar de jornalista, profissão dependente da fidelidade dos leitores, João da Camara, no número 912 (30 de abril de 1904, p. 90), não perde a ocasião de ridicularizar quem já não conseguia viver sem os jornais: “Era uma falta que já se manifestava por mal-estar physico, digestões mal-feitas, insomnias persistentes (...) os jornaes do Porto é que tiveram larga venda em Lisboa durante a greve dos periodicos da capital”.

Lírico e sentimental, Camara foi o único entre os diretores-literários de *O Occidente* a escrever sobre as belezas de Portugal. Quando lhe faltava assunto, descrevia as belezas do Minho, o ar leve de Lisboa, as águas douradas do Tejo. Tudo servia de motivo, para louvar o cenário. No número 1.067, ele se inspira nas feiras de verão da cidade, onde, acredita, nunca falta o que fazer

Nos domingos e dias santos (...) o alfacinha não se aborrece à falta de distrações. Em assomando os prenuncios de verão, começam as feiras, que são sempre as mesmas, mas armadas em sitios diversos. A feira teve sempre regalos para todos os apetites: theatros, restaurantes, cavalinhos, tombolas, barracas de comes e bebes, fantoches e pim-pam-pum. (20 de agosto de 1908, capa).

Correia (2012, p. 1) afirma que, apesar de descendente direto do navegador que descobriu a Ilha da Madeira, João da Camara cultivava a simplicidade. Aliava ao berço nobre – nasceu no palácio do seu pai, na Junqueira, em Lisboa, em 1852 – um jeito discreto.

Ninguém o imaginava herdeiro, pelo lado paterno, dos marqueses e condes da Ribeira Grande e, pelo materno, dos duques de Lafões. Apesar de pertencer à alta aristocracia, deixou entre os amigos a fama de simples, generoso, bondoso, calmo e tolerante.

Os amigos mais próximos tinham-no como uma “creatura filosofica e misteriosa”, exprimindo assim a surpresa ou incompreensão que lhe causava a personalidade e opções de vida de João Gonçalves Zarco da Câmara. Impressionava-os desde logo a contradição (...) entre o seu berço nobre e sua natureza simples (humilde, segundo alguns), simultaneamente contemplativa e empreendedora. Traços que projectariam na sua obra, na sua vida e até no seu aspecto físico.

João da Camara se distancia de Guilherme D’Azevedo e de Gervasio Lobato pela sua visão generosa da vida e dos homens. Não exercita, como os seus antecessores, a ironia e a mordacidade. O jornalista Alfredo Mesquita, ao escrever, para *O Occidente*, o necrológio de Camara aponta a sua principal característica: os sentimentos delicados, que deram aos textos uma sutil gentileza. No número 1.045, Mesquita escreveu:

Não foram estas chronicas tão engraçadas como d’antes eram, mas tornaram-se graciosas, o que ainda não tinham sido (...) mantiveram-se no mesmo pé de distinção (10 de janeiro de 1908, p. 2).

Irmão do conde da Ribeira Grande, de quem era muito próximo, João da Camara morreu 10 dias após sepultá-lo. Ao noticiar a morte do conde, Caetano Alberto não imaginava que, em tão pouco tempo, João da Camara seguiria o irmão. O texto está no número 1.043:

Morreu o Conde da Ribeira Grande, irmão do nosso querido amigo D. João da Camara (...) em sua dor, o acompanhamos (...) Dom José Maria Gonçalvez Zarco da Camara era o nono Conde da Ribeira Grande, par do Reino hereditário e mordomo-mor de Sua Majestade a Rainha e

Senhora Dona Amelia. Era o prototipo do antigo fidalgo português (20 de dezembro de 1907, p. 2).

João da Camara morreu aos 55 anos, em 2 de janeiro de 1908. Foi substituído em *O Occidente* por Alfredo Mesquita, que também se assinava João Prudencio.

3.10 – Alfredo Mesquita - João Prudencio

Segundo Andrade (1999, p. 131) Alfredo Mesquita usava o pseudônimo de João Prudêncio.

Rodrigues (2016, p. 109) relata que Mesquita era escritor, diplomata, estudioso da História da cidade de Lisboa e jornalista. Nasceu nos Açores, numa família burguesa, em 1871.

Jornalista de destaque na imprensa portuguesa e antigo colaborador de ‘O Occidente’, para o qual já redigira, na ausência de seus titulares, algumas Crônicas Ocidentais, Mesquita, a partir de 20 de fevereiro de 1908, passou a assinar a coluna sob o pseudônimo de João Prudêncio.

Dono de um estilo elegante e ágil, Mesquita apresenta-se em sua primeira crônica, no primeiro número de 1908, o 1.045, assinando o seu nome verdadeiro, elogiando os antecessores e se comparando negativamente em relação a eles:

Quanto a mim, por pouco ou quase nada entra na graça e no sentimento que a crônica possa ter o modo de ser de quem o faça” (...) os acontecimentos, afinal, é que são tudo. Para se fazer um empadão a primeira coisa que se precisa é ter a lebre (10 de janeiro de 1908, p. 2).

Nesta assertiva aproxima-se de Machado de Assis, que afirmava ser a temática abordada mais importante do que os exercícios estilísticos do cronista. Na opinião de Machado de Assis, o tema da crônica guia as palavras do cronista. A revista brasileira *Época* reproduz as palavras do escritor brasileiro, escritas em 1859:

Se há criatura que tenha de andar toda a vida à mercê dos acontecimentos e ao sabor deles é o cronista. Se os casos são para rir, há que ir, se são para lastimar, há que lastimar (...) O folhetinista, na sociedade, occupa o lugar do colibri na esphera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules succulentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política. Assim aquinhoado póde dizer-se que não ha entidade mais feliz n'este mundo, excepções feitas. Tem a sociedade deante de sua penna, o publico para lel-o, os ociosos para admiral-o, e a *bas-bleus* para applaudil-o. Todos o amam, todos o admiram, por que todos têm interesse de estar de bem com esse arauto amavel que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação de hebdomadaria. (29 de março de 2003, p. 47).

Sendo assim, a seção “Chronica Occidental” que, até então, tivera tons oscilantes - humorístico, satírico e cômico com D’Azevedo e Lobato; gracioso com Camara - passa a ser audaz ou solene, variando de nuance de acordo com o assunto abordado. Alfredo Mesquita usa o seu nome até o número 1.048 (2 de fevereiro de 1908). Mas permanece na revista até 30 de novembro de 1911, assinando João Prudencio, data de sua última crônica. Sem fazer qualquer menção ao motivo de sua saída, ele entrega o espaço da “Chronica Occidental” a Caetano Alberto.

João Prudencio foi o mais *avant la lettre* dos cronistas de *O Occidente*. Pregou contra o tabagismo na edição 1.139 (20 de agosto de 1910, capa): “Vicio é o tabaco e dos piores; e o Estado não só não o prohiibe, mas ainda o explora”. Na “Chronica Occidental” do número 1.141 defendeu os benefícios do ar puro, tangenciando o assunto poluição:

Ar puro! Agua pura! São hoje o desideratum de todos os que se interessam pelo momentoso problema da saúde publica, como um dos principaes caminhos para resolver o problema do bem-estar social. (10 de setembro de 1910, p. 202)

A apologia à prática de exercícios físicos também fazia parte de seus textos. Na edição 1.150 (10 de dezembro de 1910, p. 274) escreveu “A Educação Física pretende habilitar o homem (...) a alcançar um quinhão de felicidade de que só podem fruir aqueles que se alimentam com simplicidade”.

Também é autor de textos variados: biografias, ensaios literários, contos, teatro, literatura de viagens e um romance. Seu livro mais famoso é *Alfacinhas* (1916). Entre 1911 e 1922 foi diplomata. Exerceu as suas funções em Durban, Melbourne, Constantinopla, Roma, Nova Iorque, Hamburgo e Paris.

Entre a saída de João Prudencio e a entrada de Antonio Cobeira como responsável pela “Chronica Occidental”, ocorre, em Portugal, a primeira reforma da língua portuguesa. A intenção era tornar o idioma mais fonético para auxiliar no combate ao analfabetismo. A edição 1186, 10 de dezembro de 1911, foi o último a trazer grafado o título “Chronica Occidental”. Na edição seguinte, 1187, 20 de dezembro de 1911, a Chronica, seguindo as novas determinações da portaria de 11 de setembro de 1911, publicada no Diário do Governo (número 213, terça-feira, 12 de setembro de 1911) é grafado *cronica*. O adjetivo *occidental* permanece com a dupla consoante.

3.11 – Antonio Cobeira

João Prudencio/Alfredo Mesquita desaparece sem explicações no número 1.213. Substitui-o, interinamente, Alberto Caetano. Durante quase todo os anos de 1912, a crônica esteve sob a sua responsabilidade até o jornalista Antonio Cobeira assumir o cargo de diretor-literário em outubro do mesmo ano.

Contemporâneo do movimento modernista em Portugal, Antonio Cobeira foi amigo de Fernando Pessoa, com quem trocou correspondência, e de Mario Sá Carneiro, que, em 1913, dedicou-lhe o poema “Salomé”. *O Occidente* publicou-o, com destaque, no número 1.261 (10 de janeiro de 1914, página três):



Gravura número 4 - Poema Salomé de Mário de Sá-Carneiro, publicado em primeira mão em *O Occidente*

Quase no fim de sua trajetória, *O Occidente* teve para o movimento modernista a mesma importância de *O Panorama* para o romantismo. Graças a António Cobeira, também ele poeta, a revista foi uma poderosa agente de divulgação do novo movimento literário.

Muito antes de a *Revista Orpheu* “inaugurar” oficialmente a estrepante estética, Cobeira já abria espaço na “Cronica Occidental” para apresentar os textos de Pessoa e Sá-Carneiro. Em dezembro de 1913 – portanto, um ano e meio antes de *O Orpheu* ser lançado – a “Cronica Occidental” do número 1.259 dedicou metade de seu espaço para louvar a inovadora poética de Sá-Carneiro:

Mário de Sá-Carneiro não é nome desconhecido, em absoluto, no meio pequenino da nossa literatura atual. Contos dispersos, narrativas vagabundas gritam, de sul a norte, a sua individualidade. Barros amassados em alma, estatuetas fumegantes de febre, flores entonteadas de desvarios, águias famintas de sol, hipógrifos sedentos de infinito – as figuras que a sua literatura de requinte sabe evocar, persistem, possessas e obsessas no círculo fluído da nossa imaginação (20 de dezembro de 1913, capa).

Antonio Cobeira não é um dos literatos mais conhecidos do século XIX. Quase não há registros sobre a sua atuação profissional. No entanto, devemos a ele a percepção de que *O Occidente*, embora editorialmente preso ao século XIX, deveria se levantar contra o conservadorismo estético português e abrir espaço para as novas tendências artísticas, caminho mais curto para inserir o país no cenário europeu, desde o início um dos propósitos de *O Occidente*. Müller (2009, p. 11) observa:

A revista *O Occidente*, apesar de se encaixar numa linha de imprensa mais tradicional e estreitamente ligada ainda aos modelos de ilustrações do século anterior, não deixou, contudo, de abrir as portas ao contemporâneo, ao moderno e de dar espaço aos novos nomes das letras portuguesas (...). Sendo uma revista sobretudo de cultura desempenhou com primazia o papel de difusor de ideias, consolidando, assim, juntamente com seus partes, a importância da imprensa periódica na literatura/sociedade portuguesas e, certamente, abriu sendas para que publicações posteriores, como *Orpheu*, tivessem relevo nas terras lusitanas.

Licenciado em Filologia Romana, professor estabelecido na cidade do Porto, onde lecionou no “Liceu Alexandre Herculano”, Antonio Cobeira foi, segundo Urbano Tavares. Novamente Müller (2009, p.8) refere:

Um dos poetas tangenciais à tendência saudosista-nacionalista da “Águia”. Nesta revista colaborou episodicamente e, por empenhada intercessão de Fernando Pessoa junto de Alvaro Pinto, a quem, depois de *Elegia da Alma* (1912), talvez, por sinal, a primeira poesia dedicada ao poeta renascente, este recomendara a *Romaria das árvores*, considerando-o um poema magnífico (...) Quando jovem, em Lisboa, os poetas de *Orpheu* (Pessoa, Sá-Carneiro, Côrtes Rodrigues...) tinham-no como um dos seus, não tendo, embora, colaborado na revista.

Em seu primeiro texto como titular da rubrica, publicado no número 1.218, Cobeira revela-se republicano e antimilitarista. Os nobres eram, em sua opinião, “uma relíquia veneranda da monarquia (...) O exército, um monstro adiposo e disforme”.

Também na primeira crônica, Antonio Cobeira revela o seu perfil modernista ao analisar a crônica como um gênero dissimulado:

Usando de seus atributos artísticos – maneira delicada, “névoa de palavras e perfumes” e “impressões finas”, à semelhança do que faz o anjo maligno –, consegue envolver, seduzir e conduzir o leitor sobre os mais diversos episódios da sociedade, inclusive os mais sérios e “sisudos” por meio do “seu sorriso ligeiro (...) em e tão junto a mim – e eu interpreto aos meus leitores tão junto a ela – até sinto a impressão de que é uma voz bem dentro de mim e bem profunda que me segreda (30 de outubro de 1912, p. 234).

Em relação ao próprio texto, Antonio Cobeira demonstra respeito, denominando-o de “D. Crônica”. Ou seja, em sua opinião esse gênero configurava um ser com vida própria, que não merecia um tratamento íntimo. Era simples e perigosa, sabedora de tudo e de todos:

Mas não que D. Crônica trambulhasse, um dia, (...) Não, D. Crônica jamais perde a linha da sua artificialidade artística, minuciosamente estudada e traçada (30 de outubro de 1912, p. 234).

Antonio Cobeira registra os números finais de *O Occidente*. Quase três anos de colaboração com a mais importante revista do *fin du siècle* português. Em nenhum momento, porém, ele revela a crise que já estava corroendo os alicerces. Pelo contrário, na última edição, número 1.315 (10 de julho de 1915, capa) Cobeira deixa uma mensagem de otimismo à grande proposta de *O Occidente*: “Que importa? Pequenas sombras da civilização – não chegam a embaciar de leve o astro radiosíssimo do **PROGRESSO**”.

CAPÍTULO IV - “Chronica Occidental”

4.1 – Crônica literária e jornalística

El Fahl (2010, pp 31-32), citando o poeta brasileiro Affonso Romano de Santanna diz que “o cronista é um indivíduo encharcado de seu tempo”.

E completa:

O jornalismo sempre foi um segmento profissional que atuou de forma incisiva nas polêmicas culturais. O papel do jornal se configura, no século XIX, como um meio eficaz de multiplicação de ideias. Os homens de letras utilizavam a mídia como palco ou tribuna da qual partiam os vários discursos que agitavam a sociedade. Nesse espaço, o escritor dos jornais passa a ter uma função central na estimulação das idéias que circulavam então. Seus textos passam a representar o elemento propagador do pensamento vigente do período. Nessa fase, o papel do jornalista e do escritor se confundem e se interpenetram. Entre essas atividades não existia uma linha demarcatória que separasse as duas funções, embora, de maneira sutil, essa separação estivesse próxima de acontecer, a partir da ascensão da figura do cronista, que terá a responsabilidade de tentar distinguir o jornalista, do escritor propriamente dito.

Rodrigues (2008, pp. 39-40), em sua dissertação de mestrado sobre Eça de Queiroz, diz que o escritor, em 1867, publicou no jornal *Distrito de Évora*, um artigo comentando o estilo praticado nos jornais portugueses de sua época:

A crônica como que a conversa íntima, indolente desleixada, do jornal com os que a lêem: conta mil coisas, sem sistema, sem nexos; espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das modas, dos enfeites, fala em tudo, baixinho, como se faz ao serão, ao braseiro, ou ainda de Verão, no campo, quando o ar está triste. Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amores, crimes terríveis; espreita porque não lhe (ca mal espreitar. Olha para tudo, [...], a crônica tem uma doídice jovial, tem um

estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China; ela conta tudo o que pode interessar pelo espírito, pela beleza, pela mocidade; ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal; [...] não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico.

Embora, no século XIX, os jornalistas fossem, antes de mais nada, literatos, as linguagens jornalística e da literatura são diferentes. Chiquim (2014, p. 1) considera que uma crónica tenta fazer destas linguagens uma só:

Apesar de ser um género caracterizado por sua leveza, brevidade e simplicidade, a tessitura da crónica não é uma tarefa fácil para os autores que se dedicam ao género – que precisam “driblar” as convenções inerentes ao jornalismo para oferecer para os leitores um “tira-gosto” literário no jornal diário. Neste sentido, comparamos os cronistas aos espíritos livres (um termo utilizado por Nietzsche), por saberem “brincar” com as regras do jornalismo e da literatura.

Chiquim (2014, p. 59) também chama atenção para as diferenças da linguagem utilizadas na literatura e no jornalismo:

A *primeira* (linguagem, grifo da autora) está centrada na mensagem, construída de forma particular, criativa e inovadora. Além disso, nesse caso, a forma é tão importante quanto o conteúdo e, por isso, é comum perceber nessa função o uso amplo de figuras de linguagem, como a metáfora, por exemplo. A segunda está focada no emissor e expressa a visão de mundo, os sentimentos e os estados subjetivos do escritor. O jornalismo, por outro lado, faz parte da função referencial da linguagem, aquela relacionada ao contexto da comunicação, utilizada essencialmente para informar, sem carregar (pelo menos aparentemente) qualquer juízo de valor do emissor.

Assim, as crónicas surgiram no espaço jornalístico como um híbrido de atualidades e literatura. Nasceram criando um espaço autoral, utilizando a estética literária e não abrindo

mão de difundir as notícias e de tratá-las como o jornalismo exige: com respeito e fidelidade. A ideia deste tipo de texto, em que existia liberdade para redefinir a notícia, comentá-la, criticá-la, enfim, torná-la mais apetecível, sem, porém, fugir à realidade, foi uma invenção francesa no início do século XIX. Voltaire, autor de muitas crônicas, definiu-a com precisão. Chiquim (2014, pp. 62-63) cita o pensador francês: *nous dansons avec nos chaînes*⁵ e acrescenta

Voltaire é ao mesmo tempo um escritor que, como os gregos, sabia se acorrentar à convenção, um homem de suprema liberdade de espírito. “A liberdade de espírito não está associada a rejeição da convenção, mas à brincadeira com a convenção (...)”. Foi de Voltaire que Nietzsche emprestou o termo “nós dançamos com as correntes” (*nous dansons avec nos chaînes*), para designar a forma de produção da arte literária assinada pelos franceses – inclusive dele próprio. Voltaire empregou a expressão numa carta, datada de 21 de janeiro de 1876, dirigida para Deodati de Tovazzi, autor do livro consagrado *Excellence de la langue italienne*, que abordava a riqueza do idioma italiano em comparação à língua francesa, julgada por ele como “pobre” e “rude”. O contraste entre a facilidade da poesia italiana e a complexidade da arte poética francesa inspirou Voltaire a criar a metáfora “dançar nas correntes”. No sentido metafórico, os italianos tinham mais liberdade para escrever em razão da estrutura da língua italiana, que oferecia mais possibilidade de fazer rimas.

Ou seja, “dançar nas correntes” é o papel de um cronista. Ele está preso à realidade que não pode distorcer. Porém, tem a liberdade de “dançar”, de brincar com ela. O cronista não rejeita as convenções do fazer jornalístico, mas as manipula a seu favor.

Na opinião do Bosi (1994, p. 15), a crônica tem a característica de ser informação histórica, apesar de muitos acadêmicos negarem-lhe a classificação de gênero literário.

Em nosso trabalho afirmamos que a crônica jornalística pode ser definida como um espaço livre, com características opinativas, em que os autores buscam inspiração em seus cotidianos. No lançamento da *Revista Illustrada O Occidente*, época em que o jornalismo ainda procurava os seus paradigmas, aprendia-se a profissão na prática cotidiana. Com a

⁵ *Nós dançamos com nossas correntes*, tradução livre da autora.

“Chronica Occidental” não foi diferente. Rapidamente, ela encontrou o seu tom, definido pelos diretores-literários Guilherme D’Azevedo e Gervasio Lobato.

Trinta anos após o lançamento de *O Occidente*, no número 1.045, o escritor e jornalista Alfredo Mesquita, compartilha esta opinião:

Tem estas chronicas tido sempre uma indole muito sua, que não convém modificar. Deu-lhes esta indole, ao créa-las, Guilherme D`Azevedo (...) A receita, ou preceito, para bem fazer estas chronicas, deixou-a elle a Gervasio Lobato (...) dizia assim a receita: ‘Para fazer uma destas chronicas toma-se uma meia dúzia dos últimos acontecimentos, tira-se-lhe bem a casca (10 de janeiro de 1908, p. 2).

Por apresentar os fatos sob o ponto de vista de seus autores, a “Chronica Occidental”, durante os 37 anos de vida de *O Occidente*, mudou as suas características de acordo com o jornalista que a assinava. No entanto, nunca deixou de abordar assuntos da vida cotidiana de Portugal. Crônica, palavra derivada do grego Cronos, nome do deus do tempo, caracteriza-se pela factuality. Ou seja, reflete o tempo em que está sendo escrita, sendo, por isso, uma confiável fonte de pesquisa.

4.2 - A “Chronica Occidental”

Sempre atenta ao cotidiano e aos acontecimentos, a “Chronica Occidental”, rubrica de maior destaque de *O Occidente*, foi, além de espaço de crítica social e política, um excelente observador e testemunha da vida e do pensamento português no fim do século XIX, início do XX. Quem precisar se informar sobre os hábitos portugueses, principalmente os lisboetas, do quarto final do século XIX, início do XX, tem na “Chronica Occidental” uma excelente fonte de informação.

Cada editor-literário imprime na crônica os seus gostos e a sua visão de mundo, sem prejuízo dos interesses da linha editorial. Guilherme D’Azevedo debocha de Lisboa e dos costumes lusos. Gervasio Lobato opta pelo tom melodramático e exalta Lisboa e, hiperbolicamente, as famílias reais. João da Camara é o único que descreve as paisagens e as belezas de Portugal. João Prudencio é o mais *avant la letre*: no fim do século XIX prega os malefícios do fumo e alardeia as benesses da alimentação natural. Antonio Cobeira, intelectual de vanguarda, é agressivo com o que considera tradições vinculadas à monarquia e divulga o nascente movimento modernista da literatura portuguesa.

Enquanto *O Occidente* foi publicado, a crônica esteve sob a responsabilidade dos diretores-literários Guilherme D’Azevedo (1878/1880), Gervasio Lobato (1880/1895), João da Camara (1895/1907), João Prudencio (pseudônimo de Alfredo Mesquita (1908/1912) e Antonio Cobeira (1913/1915). Alberto Caetano, esporadicamente, também assina esta página.

Principalmente nos textos de Gervasio Lobato encontramos extensos e dramáticos necrológios. Definindo um necrológio – função que, no jornalismo brasileiro contemporâneo, é reservado aos jornalistas em início de carreira -, Otto Lara Resende, citado por Gabriela Betella (2007, p. 2), escreveu:

É necessário lembrar que esse tipo de texto possui uma intenção de elogio a um falecido recente, mas transforma-se em evocação mais completa, com verdadeira devoção aos biografados (...). Gênero aborrecido, o necrológio (...). A tentação do lugar-comum. Sim, somos uns sentimentalões. (...) o elogio fúnebre brota mecanicamente do sobrevivente com a abundância vocabular.

Gervasio Lobato se enquadra na definição de Otto Lara Resende: usa e abusa de excessos verbais nos elogios fúnebres que assina. Quando morreu o cardeal patriarca de Lisboa, há anos destruído por um mal que o deixou inconsciente, Lobato, no número 151 (1º de março de 1883, p. 50), passa a impressão que nada sabia do falecido e que também não se preocupou em pesquisar. Para encher a página e dar por cumprida a missão de transmitir a notícia fúnebre, ele derrapa na falta de respeito à situação “Produzem-me sempre uma

profunda repugnancia e ao mesmo tempo um grande contentamento egoísta, esses espetáculos alegres, que se chamam grandes mortos officiaes”.

Ponto de encontro de várias tendências políticas – onde, porém, o conservadorismo português sempre encontrou abrigo –, os estilos de cada cronista se alternaram, dependendo de quem assinava a coluna, satisfazendo, assim, todo o tipo de leitores de *O Occidente*.

Apontaremos, agora, a diversidade de opiniões e assuntos que alimentaram as “Chronicas Occidentais” nas 1.315 edições de *O Occidente*. Procuraremos provar que a pretensão educativa e de esclarecimento da revista – no nosso entendimento, educar seria abrir as mentes dos leitores às coisas novas, ensiná-los a questionar o mundo em que viviam – não passou de um discurso impregnado dos conceitos e dos preconceitos da época. *O Occidente* olha o seu entorno e o registra em textos que se supõem educativos, mas apenas refletem as verdades de então.

Como já afirmamos, transcreveremos os enxertos referenciados respeitando a falta de acentuação gráfica e as normas de pontuação. No entanto, não faremos nenhuma avaliação linguística. Apenas ofereceremos à observação dos leitores a grafia do século XIX, início do XX, e as suas mudanças após a primeira reforma ortográfica de 1911. Essa reforma ocorreu apenas em Portugal e a portaria que a estabelece foi publicada no *Diário do Governo* (número 213, 1º de setembro de 1911, pp. 3.847-3.851).

Uma comissão — constituída por Gonçalves Viana, Carolina Michaelis, Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho Leite, Gonçalves Guimarães, Ribeiro de Vasconcelos, Julio Gonçalves Moreira, José Joaquim Nunes, Borges Grainha, e Augusto Silva (que pediu escusa) — para estabelecer uma *ortografia simplificada* a usar nas publicações oficiais e no ensino. As bases da Reforma Ortográfica, muito inspiradas nas propostas de 1885, foram oficializadas (...) permitindo-se um período de transição de três anos.

Assim, como quer Bosi (1994, p. 13), as crônicas nos darão “um reflexo de visão do mundo e da linguagem”. Por este motivo, transcrevemos-mas na ortografia da época,

4.3 - Ontem, conceito. Hoje, preconceito

Ocupando-se, como já observamos, de todos os temas, a “Chronica Occidental” não deixou de acompanhar a posição da mulher na sociedade. Embora Santos (2009, p.8) afirme que “num apostolado fervoroso assumia uma escrita também dirigida às mulheres, encorajando a sua ilustração”. Müller (2016, p. 5) concorda com Santos:

A mulher idealizada pela revista *O Occidente* seria moderna, intelectual, interessada na vida social das altas personalidades, nas artes, na literatura, na história, quem sabe por algumas curiosidades científicas e suas aplicações práticas, marcando a marcha do progresso civilizacional.

Nós pensamos diferente. Embora tente considerar as suas leitoras mulheres modernas, interessadas em História, Arte ou assuntos que escapam do tradicional feminino, *O Occidente* – e, particularmente a *Chronica Occidental* – não deixa de tratá-las como cidadãs de menor importância ou de ridicularizar o iniciante movimento que tentava colocá-las em lugar de mais destaque.

Um ótimo exemplo é a crônica do número 25 assinada por Guilherme D’Azevedo. Comentando a inauguração da “Sala da Rainha”, um aposento destinado apenas às mulheres na Biblioteca Pública de Lisboa, ele escreve:

Outro testemunho de consideração acaba de receber o sexo frágil (...) Foi aberta na Bibliotheca Pública de Lisboa a Sala da Rainha destinada às senhoras que desejem ilustrar o seu espírito das 9 às 3 com exceção dos dias santificados. Os exames do Lyceu não bastavam realmente. (...) a pátria deu-lhes uma sala (...) com a vantagem de ter fogão. (1º de janeiro de 1.889, p. 2).

O mesmo autor, na “Chronica Occidental” do número 75 conta que havendo eleições no Banco de Portugal, os acionistas levantaram a hipótese de as mulheres também votarem:

Olha lá, as mulheres devem votar. E se elas votassem? Está dito, que votem e a direção do Banco decidiu immediatamente que as mulheres deveriam ter voto e hontem o Banco de Portugal abriu suas urnas (...) ao sacrossanto direito de suas vinte acionistas do belo sexo. E assim, pois, começa a triunphar em Lisboa o eterno feminino(...) temos a esperança de dentro em breve ve-las no Parlamento (...) não há ninguém para governar uma casa como as mulheres e a nação nada mais é do que uma casa em ponto grande (...) trata-se de repartir com mais economia o cozido, que se chama orçamento (21 de janeiro de 1881, p. 18).

Em 1896, número 643, o cronista João da Camara não poupou as mulheres menos dotadas de beleza:

Apresentavam-se as primeiras toillettes de inverno, modas novas que vão sempre maravilhosamente às mulheres que o merecem, isto é, as bonitas, porque às outras tudo lhes vai mal, desgraçadas (5 de novembro de 1896, capa).

A propósito da visita de um navio de guerra japonês a Portugal, João da Camara, no número 1.032 volta a ser grosseiro:

Queira Deus que, na viagem, os marinheiros não tenham pesadelos sonhando com as mulheres portuguesas (...) Foi uma alegria por estas terras, que pena serem as mulheres tão feias (30 de agosto de 1907, p. 186)

Em 1910, a Feira Internacional de Bruxelas, reservou um espaço às novas atividades femininas. Ao comentar o convite para as portuguesas participarem, João Prudencio escreve na “Cronica Occidental” do número 1127, vinte parágrafos de louvores às compatriotas:

Não faltam na nossa Historia, nem na actualidade, os exemplos da mulher portuguesa que se distingue no valor político, moral ou social, nas sciencias, nas letras e nas artes (30 de janeiro de 1913, capa).

Porém, no parágrafo número 13, Prudencio deixa escapar um conceito oitocentista, hoje considerado preconceito:

Evidentemente, se o programa da exposição excluísse (...) tudo quanto não revestisse a forma material de objectos, quasi nulla seria a nossa representação da nossa actividade feminina (...). A situação da mulher portuguesa (...) é deplorável (...). O que mais conviria (...) em presença do convite da Belgica, seria occultar, muito para nós, a verdade de tamanhas tristezas.

A nova moda de chapéus excessivamente volumosos leva o cronista João Prudencio a avaliar, no número 1.074, que faltava educação estética às mulheres portuguesas. Apontamos o tom desrespeitoso de Prudencio afirmando que a solução para o mau gosto feminino seria o lançamento de um jornal de modas: “mas dirigido por homens, mulheres não entendem sequer de moda”.

A mulher moderna desconhece deploravelmente o sentido de proporção, todas as leis da esthetica, e as maravilhas da cor (...) o que falta ao nosso belo sexo, desprovido da intuição da verdadeira elegância, é um jornal que às mulheres saiba falar (...) O seu fim (*de um novo jornal de modas*, grifo da autora) seria assentar em mólas novas a educação de nossas mulheres, formando-lhes o gosto e desenvolvendo-lhes, por obediencia pertinaz, as prescripções cujo alcance, por enquamto, são ellas as menos competentes para avaliar (...) a gloriosa tarefa d’esse extraordinário jornal teria que se confiada a um grupo de homens; porque é forçoso que tenhamos por indispensável a particularidade de ser homem, para bem vestir as mulheres (30 de outubro de 1908, capa).

Quando, em 1911, a Academia Francesa abriu as portas para receber a química Marie Curie, duas vezes vencedora do Prêmio Nobel, João Prudencio escreveu uma crônica na edição 1.156 defendendo o direito delas de se igualarem intelectualmente aos homens. Mas, ao explicar que a intenção da Academia era “conservar em França a belleza” recorreu, novamente, a estereótipos:

Ora não há bellas maneiras, não há tradição francêza a que seja alheia a mulher. E uma mulher com nobreza, uma mulher de suprema distincção póde vantajosissimamente concorrer para constituir esta companhia, simbolizando, aos olhos de alguns, a flôr das virtudes francesas. (10 de fevereiro de 1911, capa).

Na mesma crônica, Prudencio se preocupa com um tema que, acreditamos, jamais envolveria um candidato masculino:

Resta ainda a questão da moralidade. Suppõe-se pois possível a entrada de uma mulher de máus costumes numa Academia? Não? Foi necessario sempre, e se lo há de futuro, para a admissão nas Academias um minimo de moralidade que nunca se compadeceria com a desfaçatez feminina de que usassem as mulheres envolvidas nessas questões eleitoraes (10 de fevereiro de 1911, capa).

O mesmo autor, no número 1.158, não se constringe em criticar duramente as feministas:

Muito há quem ainda no Velho Mundo julgue que a americana tem pelo homem aquelle desprezo a que o votam as nossas calçadas e barbudas propagandistas do feminismo, cuja virtude mais apreciavel é a de teimarem em não propagar a raça, pois de má raça são. Quanta illusão e quanta toleimada, Deus do céu (28 de fevereiro de 1911, capa).

Caetano Alberto, no número 1.207, defendeu o direito de as portuguesas votarem. Porém, impôs condições para elas exercerem a sua cidadania:

Há que transigir, não resta duvida, com o belo sexo, mas com uma condição *sine qua non*: que ele continue a ser a cara-metade do homem. (...). Sob a supradita condição, a cronica está 100% de acordo que o parlamento conceda (...) o voto, contanto que ele seja tão consciencioso como (...) o que ninguém lhes contesta, sobre o melhor calda da familia (...) ou sobre a última moda de Paris (10 de julho de 1912, capa).

Apontamos também um texto de Antonio Cobeira. No número 1.243, tentando elogiar os diferentes papéis da mulher na família e na sociedade, ele expõe os preconceitos da época:

Sómente as senhoras não puderam descuidar as garridices dos trajos, nem as plumas espaventosas dos chapéus. Ingénuas, inadvertidas, chalreadôras (...) animais bonitos e ternos timbram da inconsciencia que distingue uma gazela gentil ou uma gata de estimação. Os nossos homens publicos teem razão quando lhe cortaram os direitos de votar e de interferencia nos negocios politicos do país. (...) há motivos para acreditar que a Guerra de Troia foi vingança de Helena (...) foi a mulher o elemento de desordem e ruina e confusão (...). Tenham debaixo do olho assogras (...) Há sogras complacentes (raríssimas) (...) os genros são carnes de canhão para as suas astuciosas e complicadas estrategias (...) As consortes, se dantes eram submissas (...) agora alevanta a grimpa como galinha que conquistou o direito ao ninho (...) as filhas (...) ah, a impertinência de seus pedidos (...) as amantes, nestas é que mais se evidenciam os seus processos de combate demoníaco (...) que só recobram de requinte e perversidade nas sufragistas de peitos chatos e pés compridos da Inglaterra, e nas portuguesas de bigodes e ancas postças da liga republicana (10 de julho de 1913, p. 198).

Consideramos, no entanto, que estas afirmações refletem a realidade social e ideológica do século XIX, quando o papel das mulheres ainda era bastante limitado. Apenas chamamos atenção para o discurso de igualdade propagado pela *O Occidente*. Na verdade, ele esconde outro discurso, que revela o contexto social no qual o texto foi formulado. Neste momento, identificamos, como ensina Michel Foucault, a articulação entre o pensamento, as

palavras e a realidade dos autores das crônicas escritas no fim do século XIX. Resumindo: elas representam o século XIX.

Mattoso (1998, p. 387) explica a realidade feminina oitocentista. No contexto citado, os editores-literários de *O Occidente* apenas reproduziram, em palavras, essa realidade. Apesar da proposta de O Occidente de divulgar, como quer Müller (2016, p. 5), uma “mulher moderna, intelectual e interessada em artes (...)”.

Considerava-se axiomático que a função social da mulher era ser esposa e mãe e que, para desempenhar estes papéis, necessitava sobretudo de valores morais e sentimentais. Nesta linha de domesticidade, o conteúdo intelectual da educação feminina era praticamente nulo (...). A Regeneração irá imprimir algumas alterações neste modelo educacional. A necessidade de recuperar o atraso que nos separava de países mais cultos e civilizados, que promoviam a educação da mulher, e o reconhecimento de que a instrução feminina era um contributo indispensável à modernização do país fizeram-na avançar. (...) Porém não se tratava de favorecer a emancipação feminina ou de assegurar à mulher os meios que lhe permitissem escolher o seu futuro, mas tão só de a habilitar para o nobre cumprimento das funções de “mãe de família”. 387).

A revista – previsivelmente, é do século XIX – também manifesta espanto e rejeição à homossexualidade. Na opinião de Gervasio Lobato na “Chronica Occidental” da edição 308, (11 de julho de 1887, capa) crime maior do que tirar a vida de alguém é relacionar-se afetivamente com uma pessoa do mesmo sexo. Nesse número, Lobato narra o assassinato ocorrido dentro de um quartel e que chocou a cidade de Lisboa. Enciumado, um alferes matou um cabo, esfaqueando-o pelas costas: “Tinham uma amizade íntima. O crime era infame, mas mais infame ainda o seu motor, a abjeta paixão repugnante que armára o braço do assassino”.

A “Chronica Occidental” do número 831 não esconde que alguns médicos portugueses, após descobrirem na África o parasita causador da doença do sono, transformou vinte africanos em cobaias. Para continuar as pesquisas trouxeram-os para Portugal e os isolaram num aposento especial do Instituto Bacteriológico.

Depois de haverem feito a descoberta do micróbio especial causador da enfermidade, (...) isolados os desgraçados pretos num aposento especial, elles dormem, dormem!.... Que inveja não farão a tantos que são perseguidos pela insomnia (30 de janeiro de 1902, p. 18).

Outros vários preconceitos afloram nas crônicas. Inclusive, o etnocentrismo. Casas reais que não pertenciam ao mundo civilizado – ou seja, a Europa – eram tratados com ironia e até desrespeito, como podemos constatar no número 96 (21 de agosto de 1881, p. 186), que noticia a visita a Lisboa de David Kalakna I, rei da ilha Howaii, arquipélago de Sandwich, Oceania. Ironicamente, Gervasio Lobato registra a real presença: “Os antecessores de sua majestade comiam gente, o rei actual alterou um pouco o menu (...) e se satisfaz com linguado au gratin, com filetes de vaca à jardineira em vez de costeletas humanas ou miolos de philosopho”.

Apesar da pretensão de escrever para educar o povo menos favorecido, a discriminação social não falta às “Chronicas Occidentais”. Gervasio Lobato deixa claro a sua visão elitista de mundo em pelo menos em duas ocasiões. Na “Chronica Occidental” da edição 111 (21 de janeiro de 1882, p. 19), ao comentar o baile oferecido pela Associação Comercial de Lisboa aos reis de Espanha, que visitavam Portugal: “com multidão enorme e muito mesclada, onde roubam o “pardessus” – em português, o sobretudo – de Dom Afonso”.

Também logo após a inauguração do novo Coliseu de Lisboa, que começa a apresentar programas populares, no caso, um circo de cavalinhos. Este cirquinho começou a esvaziar os teatros da elite provocando, por parte de Lobato, uma reclamação que, acreditamos, é elitista. O texto está no número 428:

O theatro e a arte dramatica portugueza acabará sacrificada (...) em holocausto aos palhaços estrangeiros, aos elephantes amestrados, aos leões habilidosos, e aos burros sábios (...) O governo que subiu ao poder em nome do grande movimento nacional e patriótico consentirá que o theatro nacional morra em proveito dos cavalinhos estrangeiros? (...) está em jogo a arte dramatica portugueza (...) agora, porem, com dois circos a tirarem o publico ao theatro, ao deixarem-lhe suas salas às moscas (...) pela desorientação do gosto do público (...) e dos poderes a quem cabe a direcção superior do paiz (11 de novembro de 1890, capa e p. 250):

Apenas reclamar e apontar o mau gosto do público não pareceu suficiente. Gervasio Lobato, na edição 429, prossegue a campanha contra o “circo de cavalinhos” e chama de hipócritas os portugueses que esvaziavam os teatros nacionais, mas exigiam na abertura do espetáculo do Coliseu que fosse executada “A Portuguesa”. Passa-nos a impressão que Lobato acreditava que a liberdade e a igualdade tinham limites. Valiam desde que não ameaçassem a sua bem-sucedida carreira de dramaturgo:

Os patriotas desertam dos theatros nacionaes, deixam os artistas seus patricios a representar para os bancos, enchem os colyseus onde não há um unico artista portuguez, vão levar aos estrangeiros o dinheiro e o applauso que negam a seus compatriotas e depois em nome do patriotismo pedem ‘A Portuguesa’? Ora, francamente, tudo isso (...) é muito ridiculo (21 de novembro de 1890, p. 258).

O preconceito social aparece também na “Chronica Occidental” assinada, quem diria, pelo esquerdista Guilherme D’Azevedo. Na edição 61 (1º de julho de 1880, p. 110), comentando as sessões do Colliseu de Lisboa, ele repudia a presença de pessoas de classes menos favorecidas, que não sabem se comportar num teatro: “O contraste violento que se manifesta entre uma formosa mulher vestida de seda cor de rôsa e a sem cerimonia da geral, de chapéu derrubado e cigarro atraz da orelha por ser prohibido te-lo na boca”.

Os novos signos da ascensão social da burguesia também serviram de inspiração para as ironias de Gervasio Lobato. Na crônica do número 503, ele comemora o fato de o governo ter decidido cobrar imposto sobre a importação de pianos:

Medida que muito mais parece inventada por um humorista parisiense, do que por um estadista portuguez. (...) imposto sobre pianos (...) que vae encontrar apoio incondicional e entusiastico em todos os ouvidos lisboetas que vae (sic) descansar (11 de dezembro de 1892, p. 274).

A taxaço sobre os pianos atingiu, principalmente, a classe burguesa, segundo Esperanço (2013, p. 81): “uma das vítimas preferidas das obras de Lobato. Além da leitura, um importante dote feminino era o saber tocar piano. Sem qualquer dúvida, uma marca de distinção social e poderia ser uma vantagem no mercado nupcial”

A destruição, por nativos do Congo, do Padrão lá depositado pelo navegador Diogo Cão, foi noticiada na edição 942, (28 de fevereiro de 1905, capa), permitindo que João da Camara fizesse um comentário racista, talvez natural no início do século XX:

Não são picaretas de selvagens inferiores aos nativos d’África que podem assim dar cabo, na memoria grata dos homens, d’aquelles que tão heroicamente (...) arriscaram as vidas. (...) tentam estupidamente rasgar as paginas do nosso passado

Muitos outros exemplos do que hoje consideramos preconceito podem ser encontrados nas crônicas. Optamos por destacar os mais interessantes.

4.4 – A imprensa cor-de-rosa

Na “Chronica Occidental” da edição 226, Gervasio Lobato detectou o início de um fenômeno que permanece até hoje. A imprensa estimula as vaidades e muitos se exibem à procura de fama. O tom jocoso acompanha os comentários sobre esta situação a que nós, os jornalistas contemporâneos, estamos cada vez mais expostos:

Hoje todos são eminentes (...) Ao seu terceiro quadro (...), o pintor é “um mestre”; à sua segunda proposta de lei, o deputado é “um estadista”; ao seu terceiro artigo, um jornalista é “scintilante de verve e espírito”; um escultor premiado no salão torna-se “a esperança do paiz (...) o menor elogio que se faz a um ator é “ilustre” porque quando se diz d’elle apenas “celebre” declara-se offendido e deixa de nos cumprimentar (1º de abril de 1885, capa).

As atuais revistas de “celebridades”, muitas das quais trabalham com matérias pagas, provam que, em 1885, Lobato percebeu um nicho de mercado proporcionado pelo nascente jornalismo industrial. Indústria pressupõe lucro e a vaidade é uma boa moeda de troca. O Antigo Testamento adverte: “vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Eclesiastes, 1.2).

Se há quem pague para ter a sua fotografia nas capas e há quem compre para admirá-las, tais revistas dão lucro e continuarão existindo. A cada vez maior força da Internet e da facilidade de exposição pública, sem a mediação de um profissional de jornalismo, tem provocado debates frequentes sobre a importância da chamada imprensa cor-de-rosa, como refere Gomes (2007, pp. 1347-1355).

O gêneros discursivos mediáticos estão no epicentro das transformações sócio-históricas e culturais pelas quais passam as sociedades contemporâneas, já que na voz da media há um entrecruzamento de vozes econômicas, políticas, subjetivas. Submetido à lógica do mercado e do consumo, o jornalismo se rende aos anseios do índice (...) já que passa a ser produzido de forma a não desagradar a ninguém seja leitor, cliente, anunciante, grupos políticos e conglomerados econômicos. A essa maneira de se fazer jornalismo, Howard Kurtz (1993) denomina de jornalismo cor-de-rosa: focado antes em notícias de entretenimento do que em relatos aprofundados, complexos e ditos “sérios”.

Para McLuhan (1964, p.27), neste modelo o jornalismo “vive num regime de mimetismo e espetacularização, em que a regra é estabelecer elementos que atraiam compradores e investidores” para manter eficazmente as questões financeiras da empresa. A informação passa a ser a uma notícia-mercadoria, construída para atender, muitas vezes, à dinâmica do mercado competitivo. A consequência dessa imposição mercadológica nos meios de comunicação é a constituição e produção de novos gêneros discursivos, entre eles a publicidade mascarada de notícia.

Apesar da afirmação de Lobato no citado número 226, não encontramos em *O Occidente* nenhuma matéria com característica de ter sido paga. Fizemos o destaque apenas para sublinhar a visão premonitória do articulista.

4.5 – Humor

No número 347, a “Chronica Occidental” pela primeira vez se refere ao “astrônomo saragoçano”. Embora a meteorologia seja estudada desde tempos antigos e, em meados do século XVIII, tenha sido fundado, em Lisboa, o Observatório Infante Dom Luiz que, a partir de 1865, enviava diariamente um boletim meteorológico aos meios de comunicação, a “Chronica Occidental” declara uma guerra bem-humorada ao espanhol Noherlessom. Primeiro meteorologista amador a publicar um boletim com previsão quinzenal, Noherlessom vai se transformar em personagem bissexto das crônicas, na maioria das vezes sendo ridicularizado pelos erros que comete, como na edição 347, 11 de agosto de 1888, p. 178: “Finalmente o verão apareceu em Lisboa. Veiu (...) precedido d’uma profecia do astrônomo saragoçano que (...) nos dizia lá do fundo de sua heroica Saragoça que nos fossemos preparando para um calorzinho de 42° centigrados à sombra”.

Gervasio Lobato, na edição 512 comenta o tempo ruim de Lisboa, concorda com o saragoçano, mas não perde a ocasião de espezinhá-lo:

O astronomo saragoçano acertou d’esta vez. Depois d’estes bellos dias de primavera (...) vieram uns dias de temporal, de vendaval medonho (...) que encheram de regojizo e entusiasmo os admiradores fanaticos do celebre borda d’agua (...)O astronomo saragoçano (...) em vendo uma serie de dias bonitos, joga logo no feio e evidentemente hade accertar muitas vezes (11 de março de 1893, capa).

Na “Chronica Occidental” do número 464, Lobato volta a citar o meteorologista saragoçano, incapaz de prever um súbito temporal que alagou Lisboa:

Sem o sr. Noeherlesson, como bom empresario de tempestades, nos ter anunciado temporal, cae este sobre nós, sem previo reclame, inunda Lisboa (...), faz supor que era um temporal republicano. A cidade, em poucas horas, vê-se quasi toda inundada (...) o diluvio ameaça as existencias; (...) sobe à altura d’um metro (...), ameaçam a vida de creancitas (...) enfermos são

transportados ao collo (...) e foi assim, por causa da innundação, que desapareceu um dos nossos mais notaveis e mais honrados escriptores – Francisco Gomes do Amorim (11 de novembro de 1891, capa).

João da Camara continua a tradição de ironizar as previsões de Noherlessom. Na edição 617, ele escreve: “E o saragoçano a consultar os astros e os astros a rir, a rir, a rir”. Quase no fim do século XIX, no número 639, quando, novamente, as previsões se mostram erradas, Camara não perdoa:

Para segunda-feira, dia 21, estava, dizem, annuciado por Noherlessom um furiosíssimo temporal (...). Na vespera à noite appareceo no céu uma nuvensinha pequenina, branca, muito branca que o vento norte impelliu para a lua (...) E nada mais houve com respeito ao máo tempo (25 de setembro de 1896, capa).

Um belo dia o meteorologista saragoçano acerta e a “Chronica Occidental”, assinada por Lobato, aplaude a façanha. A edição 578 dá-nos conta de que, há muitos anos, Lisboa não vivia um inverno tão rigoroso, cumprindo a previsão de Noherlessom.

O famoso saragoçano triumphou mais uma vez. Anunciára para a primeira quinzena de janeiro grandes temporaes, inverno rijo e eis-nos a luctar com uma inverneira como há muito tempo não aparecia cá, chuvas torrenciaes, frios intensos, ventanias desenfreadas, trovoadas succesivas, vendavais em formas como raras vezes costumam os visitar. (15 de janeiro de 1895, capa).

Calderón e Leon (2009, pp3-4-7) informam-nos sobre o meteorologista de Saragoça que inventou o seu pseudônimo usando as primeiras letras de seu sobrenome e introduziu a moda de prever o clima com 15 dias de antecedência:

Francisco León Hermoso ha sido probablemente el meteorólogo más conocido por el gran público en España (...) alcanzó la fama en la época inicial del cultivo de la Meteorología (...) para y lo hizo como un heterodoxo, enfrentado a las corrientes oficiales desde su célebre “Boletín Meteorológico”. dirigido por “Noherlesoom” un seudónimo construido con la letras de sus apellidos. León Hermoso nació en (...) 1843 y, según él mismo cuenta, había estudiado Derecho, pero desde muy temprano desarrolló una intensa afición a la Meteorología que cultivó de forma autodidacta (...). Ya en la década de 1880 había iniciado actividades de información y previsión del tiempo en la prensa, y con esos precedentes, León Hermoso, Noherlesoom, lanzó, en febrero de 1890, su Boletín Meteorológico. Tenía una novedad sobre sus colegas del extranjero. Ofrecía la predicción del tiempo nada menos que para los quince días siguientes (...) D. Francisco León Hermoso era un ferviente católico (...) lo que hace difícil eludir el chiste fácil de que quizá rogando a Nuestra Señora el milagro del acierto en sus arriesgadas predicciones.

Muito eventualmente, o humor pelo humor era o assunto da “Chronica Occidental”. Separamos o texto publicado no número 576. Gervasio Lobato, lamentando o fim da tradição de se representar peças sacras nos feriados religiosos e relembrando *O Evangelho em acção*, de autoria de Braz Martins, encenada durante uma Semana Santa, brinca com uma das instituições mais respeitadas de Portugal: a Igreja Católica:

Havia dois meses, a Companhia estava sem dinheiro para pagar os artistas. Justo na apresentação do Sábado de Aleluia, levaram ao palco a ressurreição de lazaro.

O ator que fazia o papel de Christo dirige-se para a cova de lazaro e diz-lhe com grande unção religiosa e uma convicção profunda:

- Ergue-te, Lazaro e caminha.

Lazaro não se mecheu (sic).

- Ergue-te, Lazaro.

E Lazaro moita.

- Ergue-te, Lazaro, ordenou Jesus pela terceira vez com voz de stentor. E depois com voz mais baixa, mas que foi distintivamente ouvida na plateia, acrescentou:

-Levanta-te Bruto.

O Lazaro levanta então um bocadinho a cabeça, de sua lugubre morada, e declara terminantemente:

- Eu não me levanto d'aqui sem me pagar as duas moedas que me deve.

No dia immediato repetiu-se a peça, mas a empreza fez collocar sobre o cartaz este aviso: Por motivos particulares, o Lazaro não ressuscita hoje (21 de dezembro de 1894, p. 290).

O tom bem-humorado, iniciado por Guilherme D'Azevedo e que Gervasio Lobato conservou, é uma das mais importantes características da "Chronica Occidental". João da Camara e Antonio Cobeira tentaram mantê-lo sem, porém, alcançar o mesmo brilho dos primeiros diretores literários.

4.6 – Lisboa

A cidade foi assunto recorrente nas "Chronicas Occidentais". Todos os diretores-literários escreveram sobre ela. É fácil acompanhar os acontecimentos que marcaram a capital portuguesa no fim do século XIX, início do XX, na mais importante rubrica de *O Occidente*. Lisboa é apresentada, dependendo do autor, como a pérola do Atlântico ou como uma alegoria de pobreza. Nas crônicas existe a Lisboa física, as obras, o crescimento urbano, e também a Lisboa palco de amores, crimes, intrigas, encontros e desencontros. Esperanço (2013, p.3) registra que a Lisboa que passeia na Baixa, expondo as suas belezas e os seus ridículos, fornece os tipos humanos, que os cronistas captam e registram.

Lisboa é um cardápio de figuras que se entrecruzam nas ruas da Baixa e aí desfilam a sua sensoria ou beleza estonteante, os seus ridículos comportamentos e se destila nervosamente as intrigas comuns dos mortais.

Guilherme D’Azevedo, que era francófono e gostava de ironizar Portugal e os portugueses, aproveitou a “Cronica Occidental” do número 19 (11 de outubro de 1878, capa) para alfinetar a capital: “Lisboa, que, incontestavelmente, é a aldeia que em Portugal possui melhor iluminação e mais bonitos estabelecimentos”.

O que não o impede de registrar na edição 19 duas emoções que agitaram a cidade: a iluminação do Chiado e a chegada do presidente dos Estados Unidos:

Lisboa acaba de experimentar duas sensações estranhas. Teve a luz elétrica no Chiado pelo systema Jablochhoff⁶, e um ex-presidente da república no Hotel Central, pelo systema americano. O presidente da república (*o general Grant*, grifo da autora) não lhe produziu uma sensação extraordinária porque, realmente, um homem que viaja simplesmente com a sua mulher, trazendo por unico cortejo um criado, não se impõe facilmente à imaginação de um povo meridional. (1º de outubro de 1878, p. 162).

Em julho de 1879, uma epidemia de febre amarela assustou Lisboa. Guilherme D’Azevedo, na crônica da edição 37, não poupa as autoridades:

Lisboa n’este momento está quasi toda recolhida ao Lazareto (...) a auctoridade sanitaria tem sido tão solícita em esconjurar o germen do vomito negro quanto foi condescendente em o deixar se estabelecer a beira do Tejo (...). Também este era o unico meio de a referida auctoridade podia lançar mão para ver o seu nome elogiado nos jornaes (...) se ella (...) não deixasse desembarcar no caes de Belem a febre amarella, não tinha nunca a ocasião de a combater (1 de julho de 1897, capa).

⁶ O site da EDP, operadora de distribuição de energia em Portugal e uma das maiores empresas energéticas da Península Ibérica, esclarece o que é a vela de Jablochhoff: A vela de Jablochhoff era (...) constituída por duas hastes de carvão (...). A inovação que Jablochhoff introduziu consistia em colocar as duas hastes uma ao lado da outra e não em frente. As hastes estavam separadas por um isolador de caulino. Desta forma, o arco formava-se entre as duas extremidades e, à medida que as hastes se consumiam, o arco descia naturalmente, não sendo necessário nenhum mecanismo de ajuste da posição das hastes. (www.wikienergia.pt)

A proibição de festejar o carnaval de 1880 revela um povo educado e respeitador das autoridades. Novamente Guilherme D’Azevedo, na edição 52 registra:

A policia por meio de editaes pregados nas esquinas e firmado pelas autoridades auctoridade competente, havia prohibido que o delirio se manifestasse na cidade nos três dias de carnaval e o delirio soube respeitar a letra dos regulamentos não se manifestando nem por pós, nem por palavras, nem por ovos. (15 de fevereiro de 1880, capa).

O mesmo aconteceu com a proibição da cerimônia O enterro do Bacalhau, antiga tradição das semanas santas. A “Chronica Occidental” do número 55 reclama, mas registra que a ordem foi cumprida sem manifestações populares:

Este anno a cerimonia pagã do ‘enterro do bacalhau’, mantida entre nós pelo sacerdote José Augusto, expirou às mãos do governo civil. O intrépido pregador ainda luctou até à última extremidade (...), mas teve de baquear ao som do apito administrativo (1º de abril de 1880, p. 50).

A cerimonia do Enterro do Bacalhau era uma manifestação popular, documentada por escrito desde o início do século XIX.

Um julgamento e funeral paródico do bacalhau, que tinha lugar de modo geral no sábado de aleluia, embora também tenha ocorrido na Quarta-Feira de cinzas ou mesmo na Terça do Entrudo (...). No fim de contas, estes “enterros de bacalhau” tratam de parodiar o cerimonial da Justiça – com julgamentos em que o bacalhau se defende das mais diversas acusações – e o próprio ritual religioso do enterro (Sobral e Rodrigues, 2013, p. 31).

Enfatizamos a importância de Lisboa como pano de fundo para a “Chronica Occidental e, também, as matérias de *O Occidente*. A cidade foi bem retratada nas páginas da revista.

4.7 – Camões

Com caráter político-nacionalista, o movimento para homenagear Camões começou em janeiro de 1880, quando o jornalista republicano Teófilo Braga publicou no jornal *Comércio de Portugal* três artigos com o título “O centenário de Camões em 1880”. Incitados pelos artigos de Braga, diversos jornalistas e intelectuais de Lisboa organizaram a Comissão Executiva da Imprensa de Lisboa para organizar a festa.

Os festejos do terceiro centenário de Camões abrem uma discussão importante em *O Occidente*. A ideia de homenagear o poeta maior da língua portuguesa, de incentivar a população a aderir à comemoração, de valorizar a noção da pátria e da união de todos os sujeitos sob a bandeira portuguesa e, portanto, participantes da mesma história, tem clara influência da filosofia positivista. Simplificando, até porque não somos estudiosos de filosofia, o positivismo prega à humanidade valores intrinsecamente humanos, afastando-a da metafísica e da religiosidade. Como o iluminismo, o positivismo é filho direto da revolução francesa. Valoriza os métodos científicos e a ciência, única maneira de se chegar à verdade. Acredita no capitalismo, nos benefícios gerados pela industrialização e na necessidade de uma reorganização da sociedade através de uma revolução do pensamento.

O Occidente não reparou ou não quis veicular a influência do positivismo – ideologia adotada pelos republicanos – na festa. Apenas se preocupou com o caráter republicano da comemoração. Por isso, não a aceitou de imediato. Cunha (2011, pp 1-2) refere que o governo também não a via com bons olhos, principalmente por estar sendo organizada por jornalistas esquerdistas e antimonarquistas.

Foi evidente a desconfiança e a má vontade dos poderes públicos perante o Centenário (...) As comemorações provêm das festas cívicas da Revolução Francesa, da concepção de grande homem de Oitocentos e "de um mitigado culto da humanidade", herdado de Comte. Constituem representações simbólicas dos Estados-Nação para "consensualizarem o seu poder", substituindo as formas e funções do ritualismo religioso, para construir uma nova memória nacional, com a sua hagiografia secular e um calendário de festas cívicas. Como na tradição católica, elege-se o dia da morte, já que também se aprecia o mérito de uma vida.

No princípio, *O Occidente* preferiu, como era o seu perfil, alinhar-se ao governo. Replicando a opinião de Caetano Alberto ou expondo apenas a sua – o que duvidamos, já que Guilherme D’Azevedo era republicano e esquerdista –, a “Chronica Occidental” do número 56 afirma não acreditar que a festa seja realmente um desejo do povo português:

As festas do tricentenário de Camões preparam-se as mais ruidosas que é possível (...) É preciso que os poderes officiaes e a imprensa accordem por meios artificiaes os echos da fama adormecida, para que a alma popular desperte (...) e se disponha a partilhar um pouco do que nas circulares de convite se costuma chamar de “jubilo nacional” (...) Porque a verdade suprema é esta, meus senhores, o nosso povo não sabe muito bem quem foi Camões e o que elle fez (15 de abril de 1880, p. 58).

O povo se entusiasma, o governo aos poucos cede e *O Occidente* acaba aderindo à ideia. Essa tendência de mostrar-se refratário ao novo repete-se até o último número de *O Occidente*, caracterizando o seu perfil conservador. No caso do Tricentenário de Camões, é possível acompanharmos a mudança de opinião da revista nas “Chronicas Occidentais”. No número 57, D’Azevedo dá um jeito de introduzir o assunto Camões na crônica e, comentando a beleza do céu de Lisboa, que merecera elogios da atriz Sarah Bernhardt, insinua:

A impressão profunda que (*o céu*, grifo da autora) produz em nós mesmos, o facto de descermos à Terra uma vez por outra para nos occuparmos ou da fama de Camões ou das glórias das primas-donas. (1 de maio de 1880, p. 66).

Na edição 58, Guilherme D’Azevedo ainda comenta com certo desprezo a proximidade da festa de 10 de junho:

Sou dos que teem fé no entusiasmo civico e dos que acreditam que ele há de acordar no dia em que nos propomos a celebrar uma gloriosa data (...) Em quanto não chega 10 de junho, a cidade arrasta conforme pôde a attribulada vida (15 de maio de 1880, capa).

Na edição seguinte, a 59 (1º de junho de 1880, capa), *O Occidente* vira dá uma cambalhota. Já na capa, antes da “Chronica Occidental”, publica uma pensata refletindo a sua nova posição: “Para commemorar esta data gloriosa, *O Occidente* publicará no dia 10 de junho próximo um suplemento, numero especial, (...) allusivo à solennidade do dia”. Guilherme D’Azevedo, na “Chronica Occidental” da mesma edição, registra “o movimento accentua-se de dia para dia. Se bem que se possa supor não er a compreensão historica de Os Lusíadas que opera o milagre d’actividade que se nota na rua do Oiro e no Rocio”.

O suplemento ao número 59 é publicado no dia da festa: 10 de junho. Tem na capa uma imagem de Camões e é todo dedicado a elogiá-lo. O espaço reservado á “Chronica Occidental” traz um texto, assinado por Guilherme D’Azevedo, com o título “O tricentenario de Camões”. Nele, o editor-literário da revista, até então céptico quanto à celebração, escreve uma louvação ao poeta e à data:

A celebração do terceiro centenario ainda que não produzisse - pela impressão exterior das pompas com que se adorna, outro resultado senão concentrar a atenção do povo na sublime epopêa que resume a biblia das nossas glorias, ficaria em todo caso assignado como uma data memorável.

O número 60 noticia o traslado dos restos mortais de Vasco da Gama e Camões para Lisboa. Guilherme D’Azevedo escreve:

A transladação dos restos de Vasco da Gama e de Camões, pelo rio Tejo, (...) foi um espetáculo épico. (...) Os Vascos da Gama e os Camões não se improvisam (...) A tres séculos de esquecimento corresponderam tres belos dias de apotheose (...) o povo recebia um baptismo de ideal de que tanto necessitava (...) o grande cortejo cívico permanecerá por longos annos na memória popular (15 de junho de 1880, p. 102).

O assunto só se esgota no número 62, quando Guilherme D’Azevedo registra o quanto as festas camonianas repercutiram na França e no Brasil:

Nas illustrações estrangeiras a gravura encarregou-se de comemorar devidamente as festas camoneanas (...) O *Monde Illustrée*, uma das mais celebradas revistas francezas, chegou mesmo ao extremo da amabilidade (...) no número que tenho presente vejo dois bellos artigos (...) com periodos calorosos a respeito do grande fato comemorado (...). Os jornaes do Brazil aonde o terceiro centenário de Camões foi celebrado com pompa dedicaram tambem numeros especiaes à gloria do grande poeta. (15 de julho, de 1880, p. 118).

Finda a festa e a queda de braço entre o governo e a imprensa liberal, a paz voltou ao recatado *O Occidente* que, no número 65 (1º de setembro de 1880, p. 112) publica a substituição do cargo de diretor-literário e responsável pela “Chronica Occidental”. Sai Guilherme D’Azevedo, que se muda para Paris para ser correspondente do jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*, entra Gervasio Lobato.

4.8 – As crônicas de Gervasio Lobato

Após cumprir a praxe de louvar o antecessor – e lhe dar um leve puxão de orelhas, como comentamos no capítulo em que apresentamos o dramaturgo e jornalista Gervasio

Lobato – a “Chronica Occidental” segue a rotina de comentar os fatos da semana, apresentar os programas culturais de Lisboa e falar sobre a cidade, que se torna uma personagem nas crônicas de Lobato. Diretor-literário que mais tempo ficou em *O Occidente*, Lobato deu vida própria ao espaço editorial.

No número 86, a preocupação da “Chronica Occidental” é a epidemia de varíola em Portugal. Lobato registra com inconsequente bom humor a sua preocupação:

A variola passou a ser a *toilette* de verão mais usada em Lisboa. É a moda, uma moda ao alcance, infelizmente, de todas as pelles (11 de maio de 1881, p. 106)

Os reis da Espanha, dom Afonso XII e dona Maria Christina chegam a Lisboa em visita oficial e o assunto iberismo, que não fazia parte da pauta de Caetano Alberto, sequer é mencionado. A “Chronica Occidental” do número 110 (11 de janeiro de 1882, p. 10) assume o papel de coluna social “o comboio real chegou à 1 hora e 5 minutos à estação. El-Rei de Hespanha vinha à militar e sua majestade a rainha de Hespanha vestida de seda lilaz”.

Curiosidade financeira na “Chronica Occidental”, registrada por Gervasio Lobato no número 117 (21 de março, de 1882, p. 66) “O serviço de trens de praça era (..) muito bem feito e muito barato (...). Em Paris, o preço d’uma corrida é de 1 franco e 25 centimos, em Madrid uma peseta, em Lisboa era muito mais: três tostões”.

Guilherme D’Azevedo, primeiro diretor-literário de *O Occidente*, morre em Paris e a “Chronica Occidental” lamenta na edição 119 “longe da patria, da familia e dos amigos, Guilherme D’Azevedo sucumbiu a uma doença terrível, n’uma casa de saude em Paris” (11 de abril de 1882, p. 82).

Acreditamos que Gervasio Lobato, na “Chronica Occidental” da edição 124, ao comentar o desprestígio do Conselheiro Arrobas, governador civil de Lisboa, adianta a discussão sobre o trabalho de jornalistas e de historiadores: “não fazemos commentarios, fazemos simplesmente Historia”, (1º de junho de 1882, p. 122)

Rengarrinha (2001, prefácio) refere que essa discussão arrasta-se desde que a história se estruturou como ciência, também no século XIX e também como consequência do pensamento racional pregado pela revolução francesa:

Desde o século XIX, o tempo do historiador e o tempo do jornalista aparecem não já numa relação de defasamento ou de até de confronto (entre o tempo longo e o tempo brece, trepidante), mas numa cada vez mais estreita convergência e cooperação, ainda que, não podemos esquecer-lo, a História, ao contrário do Jornalismo, exija uma metodologia de abordagem dos factos que impõe regras científicas.

O Occidente e a “Chronica Occidental” acompanham entusiasmados a evolução da construção do caminho de ferro, na opinião da revista um dos símbolos mais fortes do progresso português. A inauguração da linha para a cidade do Porto é digna de festas, que Gervasio Lobato registra no número 12 (21 de julho de 1882, capa) “O Porto e todo o Norte preparam-se galhardamente para fazer uma recepção desusada aos monarcas portuguezes que por estes dias ahi irão, a uma das festas mais nobres da civilisação (sic), à inauguração de uma nova linha férrea”.

Era tão grande a liberdade que *O Occidente* oferecia ao jornalista que assinava a “Chronica Occidental”, que, no carnaval de 1883, número 148 Gervasio Lobato se permite exercitar um lado cruel:

S. Carlos prepara os seus dois salões para uns bailes à luz electrica – uma luz que deve ser cruel para os farrapos enxovalhados que os guarda-roupas, que n’estas noites se improvisam em todas as sobrelojas da Baixa, fornecem ao publico ‘qui s’amuse’ (1º de fevereiro, p. 26).

A registrar o uso do francês *qui s’amuse*, no lugar de quem se diverte. *O Occidente* usa e abusa de expressões em língua estrangeira.

4.9 – Suicídio

No número 158, a “Chronica Occidental” anuncia que os jornais de Lisboa decidiram, em conjunto, não mais noticiar suicídios. O tema suicídio é outro em que *O Occidente* não pratica o que escreve. Suicídios nunca deixaram de ser noticiados na revista, apesar das justificativas de Lobato:

Os jornaes de Lisboa vieram finalmente a um accordo inteligente e útil ácerca de uma questão importantíssima e assustadora na actualidade: - a questão dos suicidios. A imprensa de Lisboa decidiu não dar mais publicidade às notícias de suicidio (...) que, com sua besbilhotice, não faziam senão, ensinar aos outros a maneira de realizar esse negro projecto (...). Muito mais contagioso do que o assssinato e o roubo é o suicidio (11 de maio de 1883, capa).

O Occidente continuou noticiando os suicídios. Apesar de alertar que só escreve sobre tal assunto por se tratar de um amigo seu, no número 519, Lobato volta ao tema e alerta sobre o perigo de a imprensa dar este tipo de notícia:

Começamos a Chronica (...) por abrir uma excepção nos nossos habitos de chronista, dando lugar aqui a uma noticia de suicidio (...) pois está demonstrado por todos os psicologistas e corroborado por todas as estatistics que a mania de suicidio é uma enfermidade contagiosa (21 de maio de 1893, capa).

No número 346, o suicídio volta a ser discutido e Lobato questiona se é ou não ético noticiar os casos em que uma pessoa tira a própria vida: “N’um espirito já doentio, já perturbado pelo pensamento do suicídio, essas noticias podem de accordo apressar a transformação da idéa em acção”, (1º de agosto de 1888, p. 170).

O escritor Camillo Castello Branco se mata. Gervasio Lobato, na “Chronica Occidental” do número 413 (11 de junho de 1890, p.130) lamenta e afirma que Lisboa está

tomada por uma epidemia: “É claro, é evidente que estamos tomados por uma terrível epidemia – a epidemia dos suicídios (...). O mal alastra-se espantosamente, com violência desusada”.

Em 1889, na cidade do Porto, o escultor Soares dos Reis dá um tiro na própria cabeça. Gervasio Lobato esquece a discussão ética e dá vazão à sua veia dramática. A notícia está na “Chronica Occidental” do número 366 (21 de fevereiro de 1889, p. 42): A bala despedaçou-lhe o craneo tão violentamente que parte da massa encephálica foi parar a grande distância; depois de morto o corpo resvalara para o chão, onde a desolada família o encontrou.

Bentes (2014, p. 252) destaca a importância das ideias iluministas na descriminalização do suicídio:

Foi com a Revolução Francesa que aconteceu de fato a primeira “descriminalização” do suicídio na Europa moderna. Podemos constatar que não há no Código Penal francês de 1981 qualquer menção a este ato, assim como anteriormente no Código Napoleônico de 1810 (...) o início do século XX o suicídio passa a ser objeto de pesquisas psiquiátricas (...) quando, então, ele passa a ser tratado no âmbito da doença mental. A postura religiosa também se modifica e o suicídio é encarado como decorrência de problemas psicológicos.

No Brasil, o Código de Ética dos jornalistas não trata desse tema especificamente. O suicídio é um assunto evitado pela maioria dos grandes jornais e revistas, embora quando do suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 1954, sob a justificativa de “interesse público” (Bentes, 2014, p. 257), a sua morte – ele atirou no próprio coração – tenha sido exaustivamente noticiada.

4.10 – Jargão jornalístico

No número 161, na qualidade de enviado especial a Madrid para cobrir a visita dos reis portugueses à Espanha, Lobato utiliza, pela primeira vez e grifada em itálico, a palavra repórter:

Na chronica limitar-me-hei a ser um simples *reporter* das festas feitas em Hespanha (...) e, mesmo como reporter, terei que resumir as minhas informações porque o espaço é pouco (11 de junho de 1883, capa).

Adghirni (2005, p. 47) afirma que a palavra *jornalista* apareceu primeiro do que a palavra repórter:

O termo *journaliste* teria surgido no início do século XVIII, mais precisamente em 1703 no Journal de Trévoux, periódico semanal, um dos primeiros títulos em língua francesa considerado sério. O jornal pretendia ser “mais explicativo que informativo”, ao contrário da *Gazette de Renaudot*, que se considerava um “coletor” de notícias. Portanto, no início, a palavra jornalista tinha uma conotação positiva, respeitável, para se distinguir do “gazeteiro” (do jornal *Gazette*), que se limitava a divulgar fatos sem explicá-los. Segundo Ramonet, a palavra *journaliste* vem de *jour* (dia) e significa analista de um dia. Ele questiona se a palavra ainda tem sentido hoje diante da pressão da velocidade da informação em tempo real. Ramonet sugere que o jornalista passe a se chamar “instantaneista” já que a média do fluxo noticioso dos sites, em alguns casos, é de menos de um minuto.

Como vimos, Gervasio Lobato mantinha-se atento às mudanças da sua profissão. Adghirni(2015, p 48) refere:

O termo repórter apareceu mais tarde, tendo sido usado primeiramente pela imprensa americana e inglesa em meados do século XIX. Samuel Morse, foi um dos primeiros a se referir ao repórter. Ao experimentar a linha telegráfica que ele acabava de inaugurar entre Washington e Baltimore, enviou a primeira mensagem telegráfica no dia 23 de maio de 1844: “Peçam a um repórter para enviar um despacho ao *Baltimore Patriot* às duas horas da tarde”. O despacho chegou uma hora e meia mais tarde. A palavra repórter atravessou a Mancha e o

Atlântico e chegou na França em 1830, mas a expressão só se generalizaria nos anos 1860-1880.

A destacar que a palavra repórter deu um passeio linguístico antes de desembarcar na língua portuguesa. Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, repórter, aquele que reporta, origina-se do verbo inglês *to report*, que significa contar, relatar ou escrever um relatório. *To report*, por sua vez, origina-se no latim *reportare*, quem leva ou traz alguma coisa. Antes de chegar à Península Ibérica, *to report* transmutou-se em *repórteur*, na França medieval.

4.11 – Variedades

O ano de 1884 começa de maneira dramática. A “Chronica Occidental” da primeira edição do ano noticia o grande terremoto que abalou Lisboa pouco antes do dia de Natal:

Um grande abalo de terra acordou sobresaltada, uma madrugada, toda a população de Lisboa (...) felizmente, o abalo de terra que tanto assustou Lisboa, na noite de 21 para 22 de dezembro, não deixou vestígios de sua passagem. (número 181, 1º de janeiro de 1884, p. 2)

O cólera chega à Europa num navio asiático que aportou em Toulon, França. Lisboa prepara a quarentena. Verificamos que a “Chronica Occidental” do número 199 adota um discurso tranquilizador:

Está o cholera na Europa (...) Em Lisboa, apenas se soube oficialmente a noticia, o governo (...) convocou a junta de saude e decretou (...) quarentenas para toda as procedencias dos portos da França no Mediterraneo (...) não temos, portanto, motivos para nos aterrarmos nos portugueses (...) Não há, repetimos, motivos para terrores. (1º de julho de 1884, capa).

Quando o cólera se manifesta na Espanha e, então, a “Chronica Occidental”, assinada por extraordinariamente por João Costa, edição 206, mostra-se preocupada:

Ainda uma vez o Cholera vem de novo ocupar o lugar principal da chronica. Elle, que julgavamos já affastado (...) das fronteiras de Portugal, esconde-se malevolamente na bagagem de uma família vinda de Argel (...) q apparece ameaçador em Alicante (...) a umas cem léguas do Algarve (...) enquanto a nação vizinha se defendia heroicamente juntos aos Pyreneus (...) o flagello entrava-lhe por Alicante, dentro, muito bem embrulhado, nas roupas brancas de uma família indiscreta (11 de setembro de 1884, capa).

O ano passa com a epidemia assombrando os portugueses. Em setembro, a situação era de extrema preocupação e Gervasio Lobato sublinha na crônica do número 207 a importância da imprensa nos momentos em que a população se sente ameaçada.

Uma das primeiras coisas que o governo, as autoridades, os médicos e a imprensa devem ter n'estes momentos graves é um grande sangue-frio, uma grande serenidade para encarar o perigo tranquillamente e combatel-o com energia, e sem os desmandos inúteis e perigosos do terror. (21 de setembro de 1884, p. 21)

Dá para entender a preocupação de Lobato e sua incitação à calma e ao equilíbrio. O cólera chegou à Europa no século XIX e as populações costumavam reagir com violência à doença. Rocha Marques (2014, p. 26) afirma que o século do cólera é o XIX. Não só porque, em 1884, Robert Koch, o mesmo cientista que identificou o bacilo da tuberculose, conseguiu isolar o seu vibrião, mas, principalmente, porque foi nos oitocentos que a doença saiu pela primeira vez de sua região de origem, o delta do rio Ganges, para atacar a Europa e as Américas: Segundo o autor (2014, p. 27) “na Europa a ruptura social esteve quase sempre presente com a chegada da doença (...) As populações acreditavam que os governos e as elites queriam matar os pobres, envenenando-os”.

Os terremotos parecem apreciar as festas de fim de ano. Novamente um movimento sísmico, desta vez com mortos, é o assunto da “Chronica Occidental” do número 217:

O anno de 1884 despediu-se da Península com uma serie de abalos de terra que produziram algum panico em Lisboa, muito em Madrid, e muitissimo em Granada, onde occasionaram desastres e mataram mais de cem pessoas (1º de janeiro de 1885, p. 2).

Greve e tumultos na cidade do Porto. Lobato torna-se pedante na “Chronica Occidental” do número 218: refere-se aos acontecimentos citando a palavra em francês: *grève*:

Apresentaram-se com certa gravidade do no primeiro dia as noticias do tumulto do Porto, mas essa gravidade já desapareceu, ao que parece, e se a “grève” dos carreiros continua, já não tem o character de violencia e aggressão com que principiou (11 de janeiro de 1885, p. 10).

Na mesma crônica, em corpo maior e negrito, a crônica apela aos portugueses para ajudarem a Andaluzia, que o terremoto devastou. O tom do pedido é melodramático e, consideramos, humilhante para os andaluzes que, afinal, não tinham, eles mesmos, encomendado o terremoto: “Pedimos uma esmola para os desgraçados andaluzes!”.

A Terra volta a tremer na Andaluzia e a “Chronica Occidental”, edição 220 (1º de fevereiro de 1885, p. 26) teoriza sobre as causas do fenômeno, desconhecidas na época:

Os tremores de terra na Andaluzia (...) voltaram de novo. Os sabios começam agora a dar as suas opiniões (...), mas essas opiniões são tão desencontradas (...) os tremores (...) provem d'aquelle terreno ser composto desta ou d'aquella forma, provem do solo se assentar sobre cavernas, provem daquella região corresponder a tal ponto de nosso globo (...) e há uma pergunta muito ingenua a que ninguem deu ainda resposta (...) por que há um só um mez em que os tremores apparecem?

A “Chronica Occidental” da edição 240 (21 de agosto de 1885, p. 186) registra o lançamento do livro *A velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro. Gervasio Lobato aproveita a ocasião para apontar um problema que, ao menos no Brasil, ainda existe: a falta de pagamentos de direitos autorais: “Em Portugal, um homem de letras, por mais talento que tenha e por mais glorioso que seja, vive e morre pobre”.

Morre o rei dom Fernando e a “Chronica Occidental” do número 252 (21 de dezembro de 1885, capa) lamenta. Gervasio Lobato detalha a doença que o matou, comportamento que, hoje, é considerado sensacionalista e desrespeitoso:

O destino compadecera-se do grande monarca e furtara-o da lenta e dolorosa morte por esphacelamento que (...) epiloga (...) a terrivel doença que o affligia – o cancro, fulminando- de subito com uma congestão. (...) na véspera, S. M. Cahira (...) El Rei cahiu batendo com a face ulcerada pelo cancro n’uma parede.

Percebemos nas entrelinhas da crônica que a segunda esposa de dom Fernando, a cantora de ópera Elise Hensler – nomeada condessa de d’Edla pelo primo de dom Fernando, Ernesto II de Saxecoburgo Gota, rei da Saxônia –, não era muito apreciada pela família real portuguesa.

Dom Fernando deixou testamento fechado (...) em que lega à sua esposa, a Sra. Condessa d’Edla tudo que a lei puder dispor (...) incluindo a magnifica propriedade da Pena com todas as suas dependências e pedindo a El Rei seu filho que dê a sua proteção e a sua benevolência à sua viúva, deixando residir no Palacio Real das Necessidades se ella assim o quizer (...) O testamento de Dom Fernando tem sido muito discutido e commentado e alguns jornaes já chegaram a occupar-se d’ele. Nós apennas registramos as suas principaes disposições abstendo-nos de quaisquer commentarios que não nos julgamos com o direito de fazer. (21 de dezembro de 1885, p. 282).

Quando, em 1995, a Unesco declarou Sintra “Patrimônio Mundial”, os escritores Reis e Maria Helena (1996, p. 26)) desfizeram as dúvidas:

Elisa Frederica Hensler, de origem alemã e grande cantora, recebeu do Príncipe Ernesto II, de Saxe, o título de Condessa d’Edla. Posteriormente, em 1869, a Condessa d’Edla desposou D. Fernando II, que enviudara 16 anos antes. Após a morte de D. Fernando, em 1885, a Condessa d’Edla herdou o Palácio e o Parque da Pena. Mais tarde, na sequência de uma campanha de opinião pública contra este legado, a Condessa vendeu todos estes bens ao Estado Português, conservando, porém, o usufruto do seu *chalet*.

Apesar dos apelos paternos para que o filho cuidasse da viúva, o agora dom Luiz I contesta judicialmente o testamento. O número 378 (21 de junho de 1889, p 138) noticia o fim do *imbróglio*: o governo propôs a compra do Palácio da Pena para anexá-lo aos bens do Estado.

Seis meses após a morte de dom Fernando, chega à Lisboa para o seu casamento com o príncipe real dom Carlos, a princesa francesa Amélia d’Orléans. Sublinhamos o entusiasmo da “Chronica Occidental” do número 267. Apaixonado pela família real portuguesa, Gervasio Lobato não economiza elogios ao descrever a noiva:

Às 5 horas e 20 minutos chegava o comboio à (...) Santa Apolonia, onde esperava a noiva de Dom Carlos toda a família real (...) a princeza appareceu (...) e a primeira impressão foi logo triumphante (...) pela sua elegancia perfeitamente parisiense (...) sua alteza trajava com distincção suprema uma toilette elegante, d’azul e branco, as cores nacionaes (21 de maio de 1886, p. 114).

Ocupando uma página e meia, a “Chronica Occidental” traveste-se de coluna social e relata as festas de casamento do príncipe real no número 268. Acreditamos que Lobato cumpre seu papel de jornalista, elogiando o belo e criticando o mau gosto:

A ornamentação interna do templo estava riquíssima (...) mas se como riqueza era notavel esta ornamentação, não o era igualmente commo arte (...) um todo desharmonico, um amalgama defeituoso e incoherente, sem unidade, sem idea, sem estylo (...) a ornamentação das ruas (...) era vistosa, mas pouco artistica (...) uma ornamentação de arraial bonito, nada mais (...) algumas iluminações de Lisboa foram brilhantes (...) o Terreiro do Paço tinha doze mil lumes (...) mas de mau gosto (...) a fachada da igreja de São Domingos, dezenhada a gaz, estava bonita (...) a illuminação da rua de São Bento era vistosa e a do Largo de Camões notavel pelo mau gosto (...) a illuminação da Praça de Dom Fernando, em frente do Palácio de Belem, era tudo o que de mais bello temos visto em illuminação (...) a recita de gala de S. Carlos foi (...) a mais brilhante festa de todas do casamento do Principe (...)se o Sr. Campos Valdez não tivesse tido a boa idea de substituir o gaz pela luz elletrica, ninguém aguentaria o calor (...) a aglomeração (1º de junho de 1886, p. 122).

No número 275, a “Chronica Occidental” relata que alguns jornais especulam a possível gravidez da princesa Amélia. Gervasio Lobato registra:

O principe real dom Carlos partiu para Cascaes (...) acompanhado de sua esposa a princesa D. Amelia D’Orleans que, segundo noticiaram alguns jornaes, entrou já no seu estado interessante (11 de agosto de 1886, capa)

Às vésperas do nascimento de mais um membro da família real, a “Chronica Occidental da edição 297 comenta a expectativa com que Lisboa espera a salva de tiros que anunciará o evento. Reparámos que, em nenhum momento, Lobato afirmou a gravidez da princesa Amélia, registrando-a, apenas como boato no número 275, de 11 de agosto de 1886. Neste número, o assunto é novamente tratado com excessivo pudor, como se não fosse de bom tom comentar a gravidez de uma princesa. Gervasio Lobato usa, em vez de parto, a palavra francesa, *delivrance*.

Lisboa inteira tem passado estes oito dias d'ouvido à escuta (...) o que toda Lisboa hoje quer é ouvir um tiro, esse tiro tão anunciado, tão desejado, que hade participar à capital que Portugal tem mais um príncipe ou uma princesa e que os empregados publicos teem tres dias de feriado (...) a princesa Dona Amelia passa magnificamente bem (...) e Lisboa inteira espera com todo o interesse que lhe merece a gentil e virtuosa princeza (...) o momento de “sa delivrance” (21 de março de 1887, p. 66).

O nascimento do novo herdeiro, príncipe Luiz Filipe, ocupa toda a “Chronica Occidental” do número 298. Notamos que, pela primeira vez, a crônica associa aos títulos de princesa e alteza, usados por dona Amélia, o adjetivo real. Como se o nascimento do novo Bragança, garantia da dinastia, capacitasse totalmente a sua mãe a ocupar o cargo de rainha. Novamente, Gervasio Lobato usa eufemismos para se referir à *delivrance* de dona Amélia:

As fortalezas deram a salva de estylo, participando assim à cidade que Sua Alteza Real, a princeza Dona Amelia, acabava de dar à luz um filho (...) a princeza Dona Amelia e o recém-nascido estavam perfeitamente, as coisas tinham corrido o melhor possível e a familia real e o país inteiro festejavam o novo príncipe e o bom successo de sua jovem e augusta mãe (1º de abril de 1887, capa).

Batizado do novo príncipe. A “Chronica Occidental” do número 300 descreve detalhes da cerimônia. Lobato omite os nomes dos padrinhos e, novamente, utiliza metáforas para se referir ao parto feliz de dona Amélia:

Por causa das solemnidades da Semana Santa, que se seguiram logo immediatamente ao bom successo da Princeza Dona Amélia, o baptizado do novo príncipe só se pode realizar na quinta feira da semana passada, dia 14 d'abril (...) assim terminaram as festas do nascimento do príncipe da Beira e do feliz successo da Sra. Duqueza de Bragança (21 de abril de 1887, capa e p. 90).

Dom Pedro II, do Brasil, chega a Lisboa em viagem particular. Mesmo assim, é recebido pelo rei dom Luiz e pela rainha Maria Pia. A “Chronica Occidental” do número 309 destaca a modéstia do soberano brasileiro, irmão da falecida rainha Dona Maria II e, portanto, tio do rei dom Luiz:

El Rei Dom Luiz (...) instou com o seu augusto tio para que aceitasse hospedagem n’um dos palacios reaes, mas como das outras vezes, o Imperador do Brasil se recusou a aceitar o convite (...), insistindo em ir, como qualquer particular, alojar-se no Hotel Bragança (21 de julho de 1887, capa).

A família real viaja ao norte do país e a imprensa portuguesa adota a figura do correspondente-especial, atividade que os meios de comunicação contemporâneos mantêm. A “Chronica Occidental” do número 316 explica:

Quase todos os jornaes enviaram correspondentes-especais, acompanhando os reaes viajantes (...) lá fora é muito usado este systema da imprensa jornalística enviar correspondentes especiaes acompanhando nas viagens os altos personagens (...) Por exemplo, o Imperador do Brazil anda já há dois meses pela Europa (...) pois Sua Majestade anda, desde que sahiu do Rio de Janeiro, é acompanhado de correspondentes de jornaes do Brazil (...) entre nós este systema de “reportage” não estava ainda em uso, inaugurou-se agora na viagem de El Rei (1º de outubro de 1887, capa).

A imprensa sensacionalista assusta Portugal e a “Chronica Occidental” do número 324 registra. Indignado, Gervasio Lobato relata que, no dia 14 do mesmo mês, a princesa dona Amélia deu à luz uma infanta prematura que, duas horas depois, morreu. Aproveitando-se da situação que comovia Lisboa, um grupo desconhecido imprimiu um folheto que mandou vender nas ruas da cidade. Os jovens jornaleiros alardeavam “a morte da princesa, quem quer o suplemento da morte da princesa?”. Acreditando que a falecida era dona Amélia, o folheto

apócrifo esgotou-se em poucas horas. *O Occidente* ecoou a indignação de todos os jornais lisboetas:

A policia devia intervir, e intervir seriamente, n'esta especulação grosseira (...) desta vez o abuso não se limitou ao título do jornal (...) foi até a desfigurar completamente a notícia (...) os garotos atroaram toda a cidade com os gritos “suplemento à morte da princeza”. (21 de dezembro de 1887, p. 282).

O jornalista brasileiro Alberto Dines classifica as notícias sensacionalistas em três grupos. Entendemos que o caso que envolveu a princesa Amélia foi de sensacionalismo temático:

Dines (1971) divide, para fins didáticos, o sensacionalismo em três grupos: gráfico, lingüístico e temático. O gráfico é aquele que se dirige a leitores desacostumados com a leitura (...) O sensacionalismo lingüístico ou de texto inclui as opções pelas palavras vivas e ricas que provocam sensações, e o temático é ligado às matérias que vendem. (Amaral, 2017, p. 134).

O incêndio no Teatro Baquet, Porto, é o assunto da “Chronica Occidental” do número 334. Gervasio Lobato relata a tragédia com sua habitual dramaticidade. Também faz um balanço dos 28 grandes incêndios em teatro que, até aquele momento do século XIX, haviam matado 798 pessoas. No capítulo sobre a nobreza, comentamos a atuação da rainha Maria Pia nesse acontecimento que enlutou o país.

Tudo (...) impediu a sahida do theatro a mais de cem pessoas, que no dia immediato foram tiradas foram tiradas dos escombros desfeitas em pedaços carbonizados, e levadas para o cemmiterio mesmo sem à maior parte d'ellas se poder reconhecer a identidade (1 de abril de 1888, pp. 74-75).

Os comentários da “Chronica Occidental” do número 348 sobre a realização de um Congresso de Tuberculose, em Paris, permite-nos saber o quanto esta doença era desconhecida da medicina quase no fim do século XIX:

Em todos os países a tísica está tomando um incremento enorme e sendo a mais ardente e infatigável colaboradora da morte. A estatística da tísica na Europa é uma coisa assombrosa (...). Toda gente sabe que houve um tempo – que não vae muito longe ainda porque ainda sou d’elle – em que a tísica era contagiosa (...). Depois, um bello dia, appareceu a theoria opposta. A tísica não se contagia, disseram os medicos. E os resguardos dos tísicos acabaram (...) e o medo de que a tísica se apegasse passou a ser considerada (...) uma catureira de que toda gente illustrada se ria. Mas eis que, de repente, a sciencia moderna dá uma reviravolta (...) as investigações medicas e chimicas àcerca da tísica descobrem que a tuberculose tem o seu bacilo do mesmo modo que o tippo, que a raiva, que o cholera e, portanto, que se alastra pelo contagio (21 de agosto de 1888, capa).

Maltez (2014, p. 432) traça a história da tuberculose e afirma que, no século XIX, ela era “um flagelo” em Portugal:

A mortalidade se aproximava de 100% e a doença aterrorizava a opinião pública (...) Não estando ainda demonstrada a contagiosidade da doença (*o autor se refere ao ano de 1845*, grifo da autora), considerava a hereditariedade e a densidade populacional nas cidades como as razões determinantes para o problema.

Duas inaugurações entusiasmam a “Chronica Occidental”. A primeira foi a nova iluminação a gás em Lisboa, elogiada por Gervasio Lobato no número 377:

Nos primeiros dias d’esto mez os lisboetas tiveram um maná (...) a nova illuminação a gaz. Há tempos que esta illuminação estava por vir, mas (...) demorou-se desde o inicio do anno até primeiro de junho (...) A estreia da nova illuminação foi um acontecimento em Lisboa e não podia deixar de ser assim (11 de junho de 1889, capa).

A segunda, a recém-inaugurada linha do caminho de ferro que, chegando ao Algarve, revelou aos portugueses uma região quase desconhecida do país. Lobato registra a sua surpresa com a beleza do “novo” território no número 380.

A linha férrea do Algarve há dias inaugurada é uma d’essas linhas novas que está desafiando enormemente o apetite aos “touristes” de Lisboa. Dizem-se maravilhas desta provincia que até agora era praticamente desconhecida do resto do paiz. Quem de lá é, quem lá esteve uma vez, dizia que o Algarve é o Minho do Sul (11 de julho de 1889, capa).

Morre o rei dom Luiz. Gervasio Lobato, na “Chronica Occidental” do número 390, narra os acontecimentos em seu estilo melodramático e reproduz o boletim médico, emitido quatro dias antes do óbito. No capítulo nobreza analisamos com mais detalhes a cobertura da morte e do enterro de dom Luiz:

A vida de Lisboa está como que suspensa, paralysada – o Rei morreu! Dom Luiz I, acabou finalmente o seu longo e doloroso martyrio. (...) os pessimistas é que tinham razão (...) O “Diario do Governo” que conservara sempre um mutismo impenetravel sobre a doença do rei (...) quebrou, finalmente, na terça-feira, 15, este silencio e publicou, assinado por seis medicos o seguinte boletim aterrador: ‘S. M. El Rei o senhor D. Luiz, que há mezes foi accometido de nevralgias no plexo sciatico seguidas do phenomeno de akenesia, apresenta atualmente accidentes de decubito que hoje tornam muito grave o seu estado’. (...) tão medonha foi a tortura do Rei tão querido que (...) quando finalmente vei do Paço de Cascaes a noticia de El Rei ter exhalado o último suspiro dia 19, às 11 horas da manhã (...) o povo sentiu as lágrimas saltarem (...) e ao mesmo tempo um grande allivio: o Rei acabara, finalmente, o seu martyrio (19 de outubro de 1889, p. 234)

Um acúmulo de acontecimentos políticos e familiares marcam o início do reinado de dom Carlos e a “Chronica Occidental” do número 393 (21 de novembro de 1889, capa e p. 258) oferece-nos uma singular oportunidade de analisarmos os critérios editoriais de *O*

Occidente. Apontamos que Gervasio Lobato, contrariando as normas do jornalismo contemporâneo, divide o espaço da crônica para notícias sem o mesmo peso editorial. Acreditamos que, no fim do século XIX, o fazer da imprensa era aprendido e realizado ao mesmo tempo.

Os jornalistas trabalhavam com o próprio *feeling*, não havia normas estabelecidas de edição. Mesmo assim, acreditamos ser importante observar como um espaço nobre de *O Occidente* se comportou diante de uma enxurrada de fatos extraordinários. A crônica dessa edição dedica onze parágrafos ao nascimento e ao batizado do infante Dom Manuel. Outros onze parágrafos são igualmente dedicados à proclamação da república no Brasil. E vinte e dois parágrafos ao incêndio de “um dos maiores prédios do Chiado”. O suicídio de um rapaz da sociedade lisboeta merece oito parágrafos. A morte de um escritor famoso e de uma senhora da alta burguesia recebem dois parágrafos cada um.

No livro *Elementos do Jornalismo Impresso*, Sousa ensina que “os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais” (2001, p. 31).

Sousa (2001, p. 32) descreve os fatores para avaliarmos um bom trabalho de edição. Embora existam definições de outros estudiosos, optamos por nos referenciar às informações de Sousa:

- Proximidade, que pode ser geográfica, afetiva, cultural, etc.
- Momento: quanto mais recente um acontecimento, mais chance de ser publicado.
- Significância, quanto mais intenso ou relevante para um grande número de pessoas.
- Proeminência social dos envolvidos.
- Proeminência das nações envolvidas.
- Consonância, quanto mais agradável ou corresponder às expectativas dos leitores, mais chances de ser notícia.
- Composição, quanto mais o acontecimento se enquadrar num noticiário tematicamente equilibrado.

- Negatividade, quanto mais um acontecimento é ruim, tanto mais se enquadra na definição de notícia⁷.

Analisando o texto de Gervasio Lobato, notamos que o nascimento do infante Dom Manuel, segundo filho de dom Carlos e dona Amélia, reis ainda officiosos de Portugal, era uma nova garantia para a preservação da dinastia Bragança.

Fato comprovado, anos depois, quando o príncipe herdeiro dom Luiz Filipe foi assassinado e dom Manuel subiu ao trono. Afirmamos que este deveria ter sido o assunto de maior destaque da crônica por se enquadrar nas seguintes sete exigências: *proximidade geográfica e afetiva, significância, consonância, continuidade, proeminência social dos envolvidos, proeminência da nação envolvida* (o recém-nascido era o segundo na linha sucessória de Portugal) e *composição*.

O segundo assunto destacado deveria ter sido a proclamação da república brasileira por atender às seguintes seis exigências: *proximidade* (no caso, afetiva, dom Pedro II era também um Bragança, irmão de dona Maria II e tio-avô de dom Carlos), *proeminência social dos envolvidos, continuidade, proeminência da nação envolvida* (o Brasil já era, na época, o maior país lusófono), *imprevisibilidade* e *composição*.

Gervasio Lobato deveria ter enquadrado o incêndio no Chiado como o seu terceiro assunto mais importante. O incêndio respondia às seguintes cinco demandas: *proximidade geográfica*, (o desastre aconteceu em Lisboa, mesma cidade de *O Occidente*), *significância, continuidade, imprevisibilidade e negatividade*.

Finalmente, o suicídio do jovem filho da burguesia também pela *proximidade* geográfica, *proeminência social, imprevisibilidade e negatividade*. Cinco critérios que também podem ser aplicados ao falecimento do escritor famoso e o da senhora da sociedade. Gervasio Lobato (p

⁷ Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1999) foram os pioneiros em apresentar uma lista sistematizada de valores-notícia. Ao desenvolverem um estudo sobre a cobertura de três crises internacionais – Congo, Cuba e Chipre – em jornais estrangeiros, os pesquisadores dinamarqueses são os primeiros teóricos a reconhecer a existência de critérios de noticiabilidade como critérios suscetíveis de permitir a atribuição de valor noticioso a fatos e acontecimentos de forma a se sobrepor à subjetividade jornalística. Os autores partem do entendimento de que a comunicação noticiosa estrutura-se como uma cadeia, sendo esta iniciada a partir dos acontecimentos caóticos do mundo e encerrada na imagem pessoal produzida pelo receptor. Assim, focam-se na etapa inicial do processo: a percepção, a seleção e a construção de uma imagem dos acontecimentos pelos meios de comunicação (Silva, p. 174).

258) exprime a insegurança logo no início da crônica. Esquece-se até da gentil *delivrance* de dom Manuel e recorre ao substantivo utilizado para todas as mulheres que dão à luz: parto.

O nascimento de um principe, a queda de um imperio, o suicidio de um pobre rapaz de 17 anos (...), um incendio terrivel no coração da cidade a morte de um escriptor notabillíssimo e o falecimento de d'uma das senhoras mais formozas de nossa sociedade (...) Note-se que todos estes factos (...) não se deram durante a semana toda, accumulram-se em quatro dias apenas: 15, 16, 17 e 18 (...) No dia 15 pela manhã, Lisboa foi accordada por uma salva festiva de 21 tiros (...) o parto de Sua Majestade foi felicíssimo e a rainha e o recém-nascido passam de perfeita saude (...) No dia immediato (...) correu em Lisboa a noticia que tinha morrido no hospital o filho do querido e illustre escriptor Julio Cesar Machado (...) No dia do enterro do filho de Julio Machado (...) appareceu em alguns jornaes da capital uma noticia de duas linhas apenas (...) a noticia de ter sido deposto o imperador do Brazil e proclamada a republica (...) Como se não bastassem todas estas noticias (...) duas noticias lugubres, a da morte da exma sra D. Virginia Cardoso Serpa Pimentel e do Visconde de Benalconfór (...) um dos mais distinctos e elegantes escriptores de nosso tempo (21 de novembro de 1889, capa e p. 258).

Os acontecimentos que cercam a tumultuada ascensão ao trono de Dom Carlos estão analisados no capítulo nobreza. Aqui nos detemos apenas nas informações da “Chronica Occidental”.

Exilado, dom Pedro II e família chegam a Lisboa onde são recebidos afetosamente e alguma preocupação. A presença do tio-avô derrotado pelos republicanos brasileiros ameaça o brilho da próxima coroação de dom Carlos. Dom Pedro II percebe o problema e prefere se ausentar de Lisboa, hospedando-se na cidade do Porto. Gervasio Lobato, na “Chronica Occidental” do número 395, destaca:

O primeiro desse assumptos é (...) a chegada do imperador do Brazil a Lisboa (...) o imperador e a imperatriz receberam todos com bonomia e lhaneza e estavam (...) commovidos com as manifestações de sympathia e de estima com que Portugal os acolhia ao entrarem no seu exilio (...). As onze e meia da manhã chegou a bordo do Alagoas El Rei Dom Carlos (...). O Imperador (...) abraçou-o affectuosamente (...) a familia real (brasileira) occupa no Hotel Braganza 16 quartos pelos quaes paga 550\$000 Reis por dia (11 de dezembro de 1889, capa e p. 274)

Dom Carlos é aclamado rei. No mesmo dia, a imperatriz exilada do Brasil morre na cidade do Porto. Segundo a “Chronica Occidental”, a inesperada morte de dona Thereza Christina diminui o brilho dos eventos programados. Nesse caso também aplicamos os critérios de noticiabilidade enunciados por Sousa e concluímos que, novamente, Gervasio Lobato errou ao dedicar 24 parágrafos à morte de dona Thereza Christina e apenas 14 para a aclamação de dom Carlos.

A aclamação é o assunto ao qual deveria ter sido dado maior destaque. Ele atende aos seguintes requisitos: proximidade geográfica, afetiva, política e cultural. Embora os dois acontecimentos tenham ocorrido no mesmo dia, 28 de dezembro, as proximidades geográficas e afetivas eram maiores com dom Carlos. Portugal era o país do novo rei, do jornalista, do jornal e da maioria dos leitores.

A morte de dona Thereza Christina também atende a muitos critérios: *proximidade, momento, proeminência social* das personagens e do país envolvido, *imprevisibilidade, composição e negatividade*. Embora ambos atendam a sete exigências, a proximidade da aclamação era maior. Não se justifica a morte de uma imperatriz estrangeira ter recebido mais espaço do que a aclamação do rei local. Gervasio Lobato, no número 397, parece pressentir o erro que cometera ao exagerar nos elogios à nova rainha portuguesa, dona Amélia, na cerimônia de juramento no Parlamento.

As festas de aclamação de El Rei Dom Carlos foram cortadas por um acontecimento profundamente triste e desolador – a morte de sua majestade a imperatriz do Brazil (...) Sua Majestade, a rainha, (...), trajava uma elegantissima “toilette” branca bordada a ouro e um sumptuoso manto real, azul bordado a ouro d’um grande valor e de notavel bom gosto e preso por dois “agraffes” de brilhante, um diadema de brilhantes na cabeça e um fio de brilhantes no pescoço (1º de janeiro de 1890, p. 2)

Lobato continua confundindo as prioridades de notícias. No número 399, após comentar em 45 parágrafos o suicídio do pai do jovem que, há dois meses, também se matara,

a “Chronica Occidental” relata o assombro de Portugal e dos portugueses com o Ultimato Inglês, que fora entregue ao governo luso no dia 11 de janeiro de 1890.

O Ultimato reclamava para a Inglaterra a posse de uma terra entre Angola e Moçambique, ocupada oficiosamente por Portugal. Sobre ela, há tempos, existiam negociações entre Lisboa e Londres. A região, estratégica, permitia fácil acesso aos oceanos Atlântico e Índico. Classificando-o como “*brutal*”, Gervasio Lobato dedica 28 parágrafos ao Ultimato:

A bolsa ou a vida; ou cedez ou tomo posse de Lourenço Marques com as minhas esquadras, disse a Inglaterra, exigindo de mais a mais resposta na volta do correio (...) O governo cedeu (...) O effeito que produziu em todo o país esta cedencia e sobretudo a exigencia brutal e humilhante do gabinete inglez, foi perfeitamente a eixo da explosão de uma bomba de d’ dynamite (21 de janeiro de 1890, capa).

Novamente, segundo Sousa (2001, p. 31) Gervasio Lobato errou na edição da “Chronica Occidental”. O Ultimato Inglês, pelo que representou para Portugal e provocou de emoção na população, deveria ter sido o assunto com maior destaque.

O discurso inglês, consubstanciado no texto do Ultimato, é de humilhação para Portugal e rende assunto durante meses. A “Chronica Occidental” do número 400 registra a unânime e violenta reação lusa ao que considerava “um insulto” (capa) e faz um comentário que, cremos, aplica-se perfeitamente à política brasileira contemporânea:

O paiz até agora tem estado dividido em dois grandes grupos – o grupo dos exaltados, dos ambiciosos em política, e o grupo muito mais numeroso ainda dos indifferentes. Aquelles são cegos porque as paixões partidárias lhes obsecam a vista; estes são cegos porque a indiferença lhes cega os olhos (...) do paiz ninguém trata; os politicos tratam de seu partido, os indifferentes tratam de sua vida particular (1º de fevereiro de 1890, capa).

Santos (2011, capa) afirma que *A Portuguesa*, atual hino nacional português, música patriótica composta na época do Ultimato Inglês por Alfredo Keil (música) e Henrique Lopes de Mendonça (letra), foi espontaneamente escolhida pelo povo para representar o seu protesto diante da situação e, mais tarde, o seu desejo por uma nova forma de governo. Ressaltamos que, durante muito tempo, correu a lenda de que os versos “contra os canhões marchar, marchar” eram, originalmente, “contra os bretões marchar, marchar”.

A Portuguesa surge depois do ultimato da Grã-Bretanha, a 11 de janeiro de 1890. Uma parte expressiva da sociedade portuguesa manifestou-se revoltada com a humilhação britânica. Os intelectuais começaram a suspirar por uma “vida nova” e começou a falar-se abertamente em revolução. Os ânimos estavam inflamados, o patriotismo prevalecia em toda a cena pública. Nos últimos dias de janeiro, Keil procurou Henrique Lopes de Mendonça e pediu-lhe a letra para uma música que já estava composta (...) Passou a correr a lenda de que a estrofe “contra os canhões” teria sido originalmente “contra os bretões” (o que não era verdade). Keil e Lopes Mendonça procuraram esclarecer que *A Portuguesa* era completamente alheia à política dos partidos, era um canto patriótico e nada mais, a sua única ambição era reunir em volta da bandeira da Pátria todos os corações portugueses

A “Chronica Occidental” do número 414 noticia a discussão na imprensa portuguesa sobre a vida íntima do escritor Camillo Castello Branco. Gervasio Lobato critica um jornal do Porto, que expõe a vida do falecido. Afirmamos que, apesar do discurso supostamente ético, Lobato aproveita a oportunidade para também veicular notícias desnecessárias, em vez de se preocupar em não as ecoar:

Há muito tempo – de minha memoria nunca – que em Portugal se não faz à beira da sepultura d’um homem illustre o escandalo inaudito que se tem feito ao pé do tumulo de Camillo Castello Branco. Um jornal do Porto fez uma coisa perfeitamente nova entre nós, começou a publicar uma biographia critica tendente a demolir a fama, a nomeada litteraria do illustre morto. (...). Chegou-nos às mãos um dos numeros em que citam (...) um dito de Alexandre Herculano, que eu não conhecia e que é realmente de primeira ordem, dito que representa evidentemente uma “vontade” de humorista (...). Este dito é o seguinte: ‘– é tão ignorante que nem sabe escrever o seu nome – escreve camello, com i’ (21 de junho de 1890, p. 146).

As notícias se misturam na movimentada “Chronica Occidental”.

- O novo Coliseu da Rua de Santo Antão é inaugurado:

A “Chronica Occidental” do número 420 confessa a sua antipatia pelo espaço. Gervasio Lobato destaca o exagerado tamanho do teatro e as suas precárias condições de segurança:

A minha pouca sympathia pelo novo Colyseu começa pelo sitio que a 155eatro155 foi escolher para edificar aquela bizárma (...) que é com certeza a maior casa de 155eatro155ulos que há em Lisboa como uma das maiores que há na Europa (...) O circo é enorme (...) comporta opito mil pessoas e para oito mil pessoas n’um momento de 155eatro sahirem a são e salvo de um 155eatro, é preciso que este 155eatro tenha condições muito especiais de segurança (...) o aspecto exterior é muito feio (...) em compensação (...) o interior é magnifico (...). O deslumbramento do primeiro golpe de vista é tão grande que apaga completamente todos os defeitos que a casa tem e que não são poucos. (21 de agosto de 1890, p. 186)

- Uma peixaria lisboeta adota a novidade de vender peixe a quilo:

O fato é alvo de aplausos pela “Chronica Occidental”, no número 421. Não sem antes Gervasio Lobato se criticar porque os assuntos do dia são “o pão e o peixe”. Nas palavras dele – impensáveis nos dias atuais – seu texto era “quase um menu de restaurante de pobre esta cronica de hoje”:

Vendendo-se os peixes a peso todos os inconvenientes desaparecem e compram-se 250 grammas de peixe, do melhor, d’aquelle que se quer, como compram-se 250 grammas de vitella, ou de presunto, ou de bacalhau. (1 de setembro de 1890, p. 194)

- O número 430 comemora a notícia de que o médico alemão Roberto Koch anunciou a possível descoberta do bacilo da tuberculose:

Não conseguimos compreender porque apenas em 1890, oito anos depois de Robert Koch ter anunciado a sua descoberta na Sociedade Berlimense de Fisiologia (24 de março de 1882), *O Occidente* deu destaque à possibilidade de estar aberto o caminho para a cura de uma doença que era o flagelo da humanidade. Apesar de ser o segundo assunto, a “Chronica Occidental” lhe dedica 19 parágrafos. O texto de Gervasio Lobato abre com o necrológio do literato Ignacio de Vilhena Barbosa, que mereceu 14 parágrafos.

Uma descoberta científica que será com certeza a descoberta mais maravilhosa do século XIX – a da curabilidade da tuberculose. (...) Compreende-se bem todo o enorme alcance não só científico, mas profundamente humano, da maravilhosa descoberta do Dr. Koch que (...) passou de repente a ser a primeira celebridade do mundo 156acilos156o156neo (...) o 156acilos156o caçador de 156acilos conta (...) somente 47 anos (1º de dezembro de 1890, p. 266).

Novamente chamamos atenção o critério de noticiabilidade adotado por Lobato. A descoberta do médico Robert Koch deveria vir em primeiro lugar – e merecer mais espaço, como o cronista realmente o fez – por sua enorme significância. Acreditamos que, neste caso, a significância da notícia e seu impacto num mundo devastado pela tuberculose, supera todos os outros requisitos.

- Uma revolta militar do Porto proclama a República:

A “Chronica Occidental” do número 437 registra e lamenta. A rua de Santo Antonio, citada no texto, é a que hoje se chama 31 de janeiro, data desse motim republicano:

Correu em Lisboa a notícia (...) de que estava proclamada a República no Porto e que na casa da camara tremulava a bandeira republicana. (...) às oito horas da manhã do dia 31 de janeiro (...) os soldados insurrectos, comandados pelo Capitão Leitão e pelo Alferes Malheiros, acompanhados por uma multidão enorme, subiram a rua de Santo Antonio com as bandas marceaes (...) tocando *A Portuguesa*. Ao meio da rua de Santo Antonio (...) os revoltosos pararam suprehendidos pelo toque de clarim d’uma força municipal que, lá em cima, postada ao pé da Igrera de Santo Idelfonso dominava toda a rua (...) trava-se lucta renhida (...). As

primeiras noticias deram como sendo de 150 o numero de mortos (...). É avultadíssimo o numero de prisões tanto de militares como de paisanos (...). É ou não assombroso tudo isso? (11 de fevereiro de 1891, p 34).

Os revoltosos cantavam *A Portuguesa*, então um hino de protesto. Por vontade popular, e anos mais tarde foi oficializada com um dos símbolos da República Portuguesa conforme registra o Diário do Governo:

A revolução de 5 de outubro acabaria por recuperá-la e, logo em 17 de novembro, o Ministério da Guerra determinava que, sempre que se executasse o hino *A Portuguesa*, todos os militares presentes, quando fardados, fizessem continência e, estando à paisana, se descobrissem, conservando-se de pé, em ambos os casos, até ao final da execução. Contudo, a aprovação da versão oficial só se viria a dar-se em 1957, através da resolução do Conselho de Ministros (1.ª série, n.º 199, de 4-9-1957).

Assinada por Augusto de Mello, a “Chronica Occidental” do número 465 notícia a doença que, irá matar Gervasio Lobato:

A partir desse número, o diretor-literário de *O Occidente* começa a ser eventualmente substituído:

Gervasio Lobato (...) tem andado perigosamente doente (...) uma afecção grave, 157ealeza157s157, que encheu de pavor a todos que o estimam (...) dias angustiosos de perigo, quando as operações 157ealeza157s157 se repetiam (...) Felizmente, Gervasio Lobato vae melhor e, em breve, virá 157ealez de novo (...) o seu posto d'honra” (21 de novembro de 1891, p. 258).

No mesmo número e num estilo diferente do normalmente usado pelo titular, a “Chronica Occidental” (capa) também relata a visita dos reis dom Carlos e dona Amélia,

acompanhados do príncipe real dom Luiz Fillipe, à cidade do Porto. Três parágrafos são dedicados à visita real:

Foi 158ealeza158s158158ma e entusiastica a recepção feita pela liberal cidade do Porto aos seus ilustres hospedes (...) em frente ao doce 158ealeza158s158 158ealeza 158ealeza, que é um exemplo de elevadas virtudes e de verdadeiro amor, d'aquelles esposos que se adoram como simples 158ealeza158s (...) em frente d'esta 158ealeza exemplar todos se descobrem e todos se curvam. Quando o prestigio da 158ealeza se allia ao prestigio da virtude é certa a conquista da veneração e do respeito das multidões ((21 de novembro de 1891, p. 258).

- Dom Pedro II o imperador deposto do Brasil morre em Paris:

A “Chronica Occidental” do número 467, com a assinatura de Eduardo Schwalbach Lucci, lamenta:

E o velho D. Pedro de Bragança, o pobre ex-imperador de quem o telegrapho nos noticiou a morte (...) como se elle já não tivesse há muito morrido. Tudo elle procurou saber na vida e só esqueceu de uma coisa: a ingratição humana (...) n'uma monarchia nasceste, no seio de a outra vem procurar abrigo o seu 158adáver (11 de dezembro de 1891, p. 274).

- A “Chronica Occidental” do número 468 novamente assinada por Eduardo Schwalbach Lucci, relata que com honras reais dom Pedro II foi colocado no Panteão Real de São Vicente de Fora, Lisboa:

Os 158onarcas, as tropas, os altos homens da política, da sciencia, das artes, da literatura (...) de todas as classes sociais foram a S. Vicente prestar as últimas honras a D. Pedro de Bragança (21 de dezembro de 1891, capa).

- No sábado de carnaval, 27 de fevereiro de 1892, um violento tufão varreu a costa Norte de Portugal, deixando mortos e feridos:

Gervasio Lobato reassume a “Chronica Occidental” no número 475, que define o temporal como *a colossal tragédia de Leixões*. Novamente, podemos constatar como, em apenas um século, mudou completamente o entendimento do que é “uma colossal tragédia”.

O temporal (...) desencadeou-se com uma 159atástrof inaudita sobre as costas do norte de Portugal, na madrugada de sabbado gordo. O mar fóra da barra do Porto tomou um aspecto medonho (...) ameaçando de morte horrorosa os mil e tantos pescadores da Povia do Varzim, da Affurada, de Mathosinhos, de Buarcos (...) faltam-nos ainda noticias minuciosas da colossal 159atástrofe (...) o número de mortos ascende já a 108 e parece que não ficará por ali (...). No Porto é profunda a consternação. (1 de março de 1892, p. 50)

- A crônica do número 476 é inteiramente dedicado à tragédia ocorrida no Norte e relata a mobilização de todo o país para ajudar os sobreviventes:

A medonha 159rês159agos159 causada pelo tufão (...) produziu profunda 159rês159ag em todo o paiz (...) diz-se que o paiz é 159rês159agos159s a tudo (...), mas accorda 159rês159agos159s159e quando uma 159rês159ag forte lhe faz pulsar o coração (...). Todas as cidades, villas e aldeias se constituem para 159rês159agos 159rês159agos159s e festas em beneficio das 159rês159ago dos 159rês159agos (11 de março de 1892, p. 58).

Para socorrer os desabrigados, a rainha-mãe dona Maria Pia organiza uma quermesse para a qual toda a população de Lisboa é convidada. Segundo a “Chronica Occidental” do número 479 (11 de abril de 1892, p. 82), a quermesse movimentou Lisboa durante três dias e rendeu bom lucro: “E dizem que não há dinheiro! (...). Em 159rês dias e quatro noites que tantos durou a Kermesse, a receita excedeu vinte contos de réis!”

- Um urso é caçado nas ruas de Lisboa:

O inusitado encontra espaço na “Chronica Occidental”. Quem duvida que um urso já foi caçado nas ruas de Lisboa, deve consultar o número 497:

Um acontecimento de sensação: uma caçada ao urso, e em plena cidade, a dois passos de S. Sebastião da Pedreira. (...) dois ursos tinham fugido de sua jaula no Jardim Zoologico e morto o tratador e ferido gravemente um guarda do Jardim. A noticia fez sensação enorme na Baixa. (...) correu muita gente e então se soube que um dos ursos estava já preso e o outro fôra morto por uma bala d’um soldado da companhia fiscal. (11 de outubro de 1892, p. 226):

- Os reis portugueses visitam a Espanha para participar da comemoração de mais um centenário de Cristóvão Colombo. No século XIX, de clara influência positivista, era moda celebrar a data de falecimento dos grandes homens. Novamente notamos que a “Chronica Occidental” transforma-se em coluna social. Com os exageros habituais e permitindo-se, inclusive, a comparar a beleza, a elegância e a simpatia da rainha de Portugal com os mesmos atributos da rainha regente da Espanha, Gervasio Lobato comete alguns erros: é deselegante com a anfitriã e esbarra no preconceito de raça e no machismo, que na época não existiam. De qualquer maneira, a crônica foi deselegante. Sobre este assunto, alongamo-nos no capítulo dedicado à Nobreza.

A rainha Dona Amélia é a rainha do dia. Não tem a beleza regular, quase classica da hespanhola. Tem mais do que isso; tem a suprema e fascinante graça. E uma soberba cabeça dominadora, olhos nadando em effluvio, sempre com um sorriso nos labios, porte aristocratico de raça, a cintura flexível, as linhas do busto esculpturaes (...) o assumpto de todas as conversas é a belleza e a refinada elegancia da rainha de Portugal (...) Uma das folhas madrilenas maes importantes, *O Herald*, publicou ontem (14) um interessante artigo fazendo uma comparação entre as familias reinantes de Hespanha e de Portugal (...). Na Hespanha uma rainha d’um character completamente opposto ao character effusivo dos espanhoes e um rei que, ainda hontem, deixou os coeiros (...). Do lado de Portugal, uma rainha elegantissima, latina no coração e no sangue, (...) doce, effusiva (...) e tendo por companheiro um rei moço, cheio de vida, (...) um homem energico e viril, (...), um homem, enfim (21 de novembro de 1892, p. 258).

Apesar dos elogios de Lobato ao “porte aristocrático de raça”, o conceito de raça é, atualmente, ultrapassado. Raça existe apenas a humana: “O baixo grau de variabilidade genética e de estruturação da espécie humana é incompatível com a existência de raças como entidades biológica” (Pena, 2005, p. 321).

- Três semanas após a sua inauguração, acontece um desastre com o elevador da Graça, em Lisboa, provocando uma morte e vários feridos:

A “Chronica Occidental” do número 518 repercute a notícia sem apurá-la direito. Salvo uma situação extraordinária, no jornalismo moderno não se admite as expressões “segundo se diz”, “supõe-se”, “acredita-se”. Repórteres devem aprofundar as suas apurações e não devem voltar às redações com nenhuma ponta da notícia solta. Gervasio Lobato se precipitou:

Um grande desastre no elevador da Graça (...), que há semana se estreára com grande gaudio dos moradores (...) um carro tinha descarrilado (provocando) a morte de um pobre homem que ia (...) subindo a pé a ladeira da Graça (...) e ferimentos mais ou menos graves em todos os passageiros (...). O carro levava passageiros a mais da lotação sendo esta, segundo se diz, uma das causas do desastre (11 de maio de 1893, p. 106)

- Gervasio Lobato registra no número 522 a nova moda lisboeta: fugir de Lisboa no verão:

À Cascais ou a Sintra, vão os nobres e endinheirados, dependendo da escolha dos reis: “Começou já em Lisboa a debandada de verão. Quem deu o primeiro signal foram suas 161 ufa-lufa161 que já embarcaram para Cintra aonde vão passar os meses de verão (21 de junho de 1893, p. 138).

A moda não é tão recente assim. Gervasio Lobato, observador e amante de Lisboa, conta no número 530 a antiga mania lisboeta de banhar-se no rio Tejo e lembra que, em sua infância, 40 anos antes, a família real dividia espaço com os cidadãos comuns.

Setembro entrou e com ele a grande lufa-lufa dos banhos de mar (...) à praia da Torre, (...) água muito bem frequentada por tudo que havia de mais elegante e distincto da Lisboa de então, a começar pela rainha Dona Maria II que ia com todos os seus filhos (...). Lembro-me muito bem (...) fui muitas manhãs a tremer de medo (...) para dentro d'água. A barraca real, uma grande barraca de lona, em forma de barraca de campanha, estava armada logo ao princípio da praia, ao pé da Torre de Belém; mas o banho era descoberto e havia sempre uma grande roda de espectadores respeitosos, a verem nadar as senhoras infantas, então muito novas ainda, a Sra. Dona Marianinha e a Sra. Dona Antonia e que nadavam muito bem (11 de setembro de 1893, capa)

- A mesma "Chronica Occidental" registra o ciclone que arrasou os Açores no dia 28 de agosto de 1893:

São dedicados dezoito parágrafos aos banhos de mar e seis à ventania que destruiu os Açores. Não podemos afirmar que a precariedade de notícias sobre o ciclone deve-se ao pouco tempo entre o evento meteorológico e a data da edição do número 530 de *O Occidente*, já que a tempestade aconteceu dia 28 de agosto e a revista foi publicada em 11 de setembro. Acreditamos, porém, que, novamente, o cronista errou na avaliação dos acontecimentos:

No dia 28 do mes passado pairou sobre os Açores um terrível cyclone que se fez duramente sentir na Terceira, no Fayal, Pico e ilha de São Jorge. (...) foram enormes os desastres, importantíssimos os prejuízos causados por esse cyclone. *O Occidente* pede, portanto, aos seus leitores uma esmola para as victimas do cyclone dos Açores (p. 202).

- Nova quermesse para ajudar as vítimas do ciclone dos Açores:

Dessa vez organizada pela Comissão de Imprensa de Lisboa, movimentava a cidade. Mas, de férias, a família real e a elite não se comovem. A “Chronica Occidental” do número 535 reporta o sucesso da festa, apesar de Gervasio Lobato registrar que, nela, não havia nenhum membro da nobreza:

A multidão (...) era composta quasi exclusivamente de plebeu e de povo, sem o elemento aristocrático, a gente conhecida do *high life* dos jornaes, que de ordinário costuma concorrer a estas festas e que ainda anda em plebeu pelas estações d’água e pelas praias elegantes. (1º de novembro de 1893, capa)

- Desfile da Batalha das Flores:

Apesar da pretensão da política liberal de igualar os portugueses, o desnível social na Lisboa do século XIX ainda era chocante. A crônica do número 550 relata o desfile Batalha das Flores, que deveria ter ocorrido na segunda-feira de carnaval, mas, devido ao mau tempo, só aconteceu na terça-feira, dia 27 de março.

Carros com a elite portuguesa, inclusive a família real, desfilaram em alegorias repletas de flores, atiradas à multidão que assistia o espetáculo. Destacados os carros da rainha dona Amélia: “todo coberto de accacias amarellas, goivos, lilases e violetas de parma” (1º de abril de 1894, p. 82). O carro do infante dom Affonso: “posta-romana com três parelhas guiadas de boleia com os criados vestidos a rigor da época”. (1º de abril de 1894, p. 82). E o da família do conde de Valenças:

Carro grande enfeitado com flores, fitas e pombos embalsamados e que conduzia um enorme grupo de formosas e gentis meninas da nossa primeira sociedade (...) atirando flores com ruidosa animação e grande alegria (1º de abril de 1894, p. 82)

- Quinto centenário da morte de dom Henrique:

O número 548 revela, outra vez, a força do pensamento positivista na política portuguesa. O homenageado da vez é o infante dom Henrique, no quinto centenário de sua morte. A edição é inteiramente dedicada ao assunto e, desde que Guilherme D’Azevedo colocou a “Chronica Occidental” no espaço nobre, pela primeira vez ela é editada na última página. Coube a Gervasio Lobato relatar a parte social dos festejos, que contou com a presenças na cidade do Porto, local da comemoração, dos reis, dos príncipes, do presidente do conselho de ministérios, do ministério e de representantes dos jornais de Lisboa, correspondentes convidados a viajar no trem da família real.

O Porto que, com brilho desusado, 164omemorat o quinto centenário do nascimento do mais famoso dos seus 164omemorat – o infante D. Henrique, o conquistador de Ceuta, o sabio de Sagres, o inventor do nosso impedio ultramarino, como lhe chama Oliveira Martins (...). A 164omemorat de estrangeiros no Porto era enorme (...) em frente da casa onde nasceu o infante ou antes a casa edificada no local onde era essa casa, pois há mais de 300 annos que a primitiva casa foi demolida, El Rei descerrpou a placa 164omemorativa que ali agora foi colocada (11 de março de 1894, p. 72).

- Descoberta a vacina contra a difteria:

A “Chronica Occidental” do número 573 elogia a presteza da Rainha Dona Amélia em trazer a novidade para Portugal:

Está já organizado em Lisboa, o serviço de vacina anti-diphiterica (...) a rapidez com que entre nós se instalou este importante serviço (...) deve-se à (...) Dona Amélia (...) a descoberta da vacina anti-diphiterica importa, como dissemos, uma revolução completa na therapeutica moderna (21 de novembro de 1884, capa).

- O inverno prolongado:

Gervasio Lobato, o cronista que deu a *O Occidente* o perfil de jornal lisboeta e alegre, amante de música e teatro, afeito a festas, a passeios, às praias e à reverência à família real, assinou a sua última “Chronica Occidental” no número 589. Nela, comenta na capa o prolongado inverno, a preparação para uma nova Batalha das Flores, cuja renda destinava-se ao projeto Cozinhas Populares liderado pela Duquesa de Palmella:

A carruagem da senhora Duquesa de Palmella, a promotora da festa não é enfeitada, é a sua carruagem de gala, que é a mais suntuosa, com os lacaios e cocheiros empoados (5 de maio de 1895, capa).

No mesmo número, Lobato noticia a viagem de uma força expedicionária para Lourenço Marques no navio Vega, iluminado com luz elétrica. E encerra lamentando a chuva de maio, “que faz a gente formosa” (capa), mas poderia atrapalhar a festa das flores programada para breves dias.

4.12 – As crônicas de João da Camara

A primeira “Chronica Occidental”, número 592, assinada por João da Camara relata a morte de Gervasio Lobato. Acreditamos que a exposição da intimidade de alguém, a ponto de lhe descrever os últimos momentos, não faz parte dos códigos da imprensa contemporânea:

Foi no 166oença pela manhã que a 166oenç lhe fez a costumeira visita (...) foi preciso arranjar-lhe a cama (...) foi uma balburdia (...) Gervasio ria mostrando as bolhas enormes que os sinapismos lhe haviam feito (...)O seu castelo de felicidade continuava de pé, pobre Gervasio (...). Poucas horas depois, 166oença166 mesmo sitio (...) armava-se a camara ardente (...) Gervasio dormia (...) o rosto que a 166oença transtornára (5 de junho de 1895, p. 122).

- Vitória portuguesa na África

A celebração da vitória portuguesa na guerra da África e a fuga do poderoso rei africano Gungunhana são louvadas na “Chronica Occidental” do número 609. João da Camara capricha nos elogios à façanha:

Um feriado fora do almanach (...) a victoria das armas portuguesas(...) um Te-Deum em acção de graças (...). Fala-se da guerra d’Africa, fala-se do Gungunhana, um preto valente, poderoso, que traz consigo ninguém sabe quantos mil homens em armas (...) o preto fugiu com todo o seu exercito (25 de novembro de 1895, capa).

O *preto*, porém, não tardaria a ser motivo de celebração nas páginas de *O Occidente*.

4.13 – Novidades

Na “Chronica Occidental” havia espaço para todo o tipo de notícias.

- Mudança de século:

A crônica do número 619 avisa que 1896 é o último ano bissexto do século XIX e proclama que, para os portugueses, este século ficará conhecido como o “Século das Luzes”:

Passou despercebido o último 29 de fevereiro deste seculo (...) visto não se bissexto ano de 1900, o último do “século das luzes”, como vaidosamente o chamamos a este em que vimos a luz do dia (5 de março de 1896, capa).

- Início do cinema:

Anunciada, no número 635, a breve chegada de um Animatographo, que ocupará a sala do Theatro Dona Amélia. João da Camara explica:

O animatographo consta essencialmente de uma grande serie de imagens photographicas 167instantâneas, alguns centenas tiradas num minuto, que, por meio de um aparelho semelhante ao das lanternas magicas se vão sobrepondo n’um mesmo espaço iluminado (...) o animatographo que havemos de ver (...) causou furor no Alhambra de Londres, tão perfeitas são as photographias que apresenta, bem conservadas, nítidas e sem manchas, e tão bem dispostos se acham todos os aparelhos conservadas, nítidas e sem manchas, e tão bem dispostos se acham todos os aparelhos luminosos (15 de agosto de 1896, capa).

Salgueiro, Marques e Silva (1985, p. 380) referem:

No dia 18 de junho de 1896, o Real Coliseu de Lisboa, uma sala recentemente construída na Rua da Palma, foi palco de uma memorável estreia. O Animatographo (...) convenceu toda a gente que hontem esteve no Real Coliseu, e foi tão grande a concorrência, que não era um reclame artificioso o que dizia a imprensa com respeito a esta nova maravilha que constitui um dos mais pitorescos e belos espetáculos e uma das mais modernas aplicações da fotografia.

Foi grande a emoção das pessoas ao ver, pela primeira vez, a imagem em movimento:

Quando em 1895 o cinematógrafo foi apresentado ao mundo ninguém poderia supor quantas revoluções ele guardava potencialmente. O impacto provocado por imagens que reproduziam a realidade foi acachapante. O público iniciante, e inocente, ao ver o famoso trem capturado pelos Lumières se levantava assustado e imaginando poder ser dragado pela locomotiva gigante (Nóvoa, 2010, p. 159).

- Visita do tsar russo:

A “Chronica Occidental”, número 641 registra a visita do tsar russo à França e aproveita para criticar o exagero dos cardápios, citando Kuhne, o assunto do dia em Lisboa:” O que seria a grande invenção do século, e enorme benefício para a humanidade seria a aplicação do systema Kuhne à política, ou melhor, aos políticos” (15 de outubro de 1896, p. 226).

Superficialmente citado, Wilhelm Kühne (1837/1900) é o médico alemão que descobriu o papel das enzimas. Zimmer, Borré, Trentin, Frasson, Graef, Gomes, Macedo (2009, p. 124) referem:

Apesar de amplamente utilizadas pelas sociedades primitivas – a fabricação da cerveja na Babilonia data de seis mil anos antes de Cristo –, ninguém ainda conhecia a sua função exata. (*das enzimas*, grifo da autora.). Somente em 1878, passou-se a fazer distinção entre os

organismos inteiros e as moléculas capazes de realizar a catálise⁸ (...) que passaram a ser chamadas de enzimas, do grego, “fungo”, termo cunhado por Wilhelm Kühne, seu descobridor. A ação destas moléculas chama-se fermentação.

Quanto à grafia Tsar registramos que segundo o dicionário da língua portuguesa de Antônio Houaiss, a forma preferencial é “tsar”, embora seja comum encontrar as grafias “czar” ou “tzar”. No Brasil ambos os termos são aceitos. Em Portugal “czar” é a palavra correntemente utilizada. Algumas publicações, porém, utilizam “tsar”, como o livro *História da Europa*, Jean Carpentier. 2002, Lisboa: Editorial Estampa.

- Crime e perversão:

Um crime brutal – a mãe asfixia o filho adulto – leva João da Camara, no número 644, a citar o livro *Lições sobre epilepsia e pseudo-epilepsias*. Nele, o médico e professor Miguel Bombarda relaciona a epilepsia às tendências cruéis:

Na opinião do professor, no epilético vamos descobrir um conhecimento mais ou menos exato do mal, mas um conhecimento pervertido que o leva a amar o mal pelo mal e adorar o mal como um fim”. O crime é produto de uma degenerescência (15 de novembro de 1886, p. 150).

⁸ De acordo com o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2013), catálise, em Química, significa o aumento de velocidade de uma reação devido à adição de uma substância (catalizador). Assim, a catálise pode ser simplesmente definida como sendo a ação do catalizador.

- Teatro na perspectiva doméstica:

A “Chronica Occidental” do número 662 reclama da qualidade das peças teatrais de Lisboa. A visão de João da Camara não leva em conta a existência de discursos diferentes do seu próprio. É o etnocentrismo em perspectiva doméstica:

A 170eatro170cia no 170eatro é manifesta (...) O 170eatro desceu às últimas abjeções (...) e tem trazido para o palco as produções de espíritos doentes, sem elevação nem arte, sem gosto e sem pudor, transformando o 170eatro numa feira de mizerias, num lupanar desmoralizador e dissolvente (...) e com isso tem cavado mais fundo a desmoralização da sociedade! (20 de maio de 1897, capa).

- Teóricos do terror:

No número 657, João da Camara dá voz ao arquiteto Adães Bermudes, que diz ser capaz de provar a instabilidade do Mosteiro dos Jerônimos, na opinião dele, prestes a desabar. A notícia interessa para sublinhar a existência, desde sempre, de teóricos do terror:

A estabilidade das 170bóbodas incomparaves da nave e cruzeiro da igreja se acha gravemente 170bóbodas170l170a; que a disparatada Torre Cinnati ameaça breve e 170bóbodas170l ruina, bem como as 170bóbodas do coro, e que é, portanto, criminosa qualquer demora em effectuar os indispensáveis trabalhos de consolidação das 170bóbodas e de demolição do coroamento da torre (30 de março de 1897, p. 66).

- Longa ausência:

Após uma ausência de 321 anos, os reis de Portugal, dom Carlos e dona Amélia, visitam o Algarve. João da Camara, no número 676, lembra de dom Sebastião rumo a Alcácer-Quibir, o último soberano português a estar no extremo sul do país:

A tão discutida viagem da família real ao Algarve realizou-se, enfim (...) desde janeiro de 1576 que o velho reino, última conquista dos portugueses aos moiros, não abriga o rei dentro de suas fronteiras (...) seria curioso comparar a viagem do rei actual e a recepção que vai lhe ser feita, com a jornada d'el Rey D. Sebastião e os festejos com que foi celebrada pelos povos do Baixo Alentejo e Algarve. (10 de outubro de 1897, capa).

- O caso Dreyfus:

Na França, após escrever artigo *J'accuse*, em defesa do capitão Dreyfus, supostamente vítima de um erro judiciário provocado por antissemitismo, o escritor Émile Zola é condenado a um ano de prisão e a pagar multa de 13 mil francos. A “Chronica Occidental”, número 690 alia-se ao movimento internacional de intelectuais que defendem Dreyfus e Zola:

Zola foi condemnado; mas 171ofrendo171ente eram para elle as sympathias de quase todos (..) Dreyfus continuará na Ilha do Diabo 171ofrendo tormentos inquisitoriais (...) o que nos fere, o que nos magôa é que a gente de Paris não queira a luz neste seculo de luzes (28 de fevereiro de 1898, capa).

- A falência de Bordalo Pinheiro:

Raphael Bordalo Pinheiro fechou a sua fábrica de faiança em Caldas da Rainha. A “Chronica Occidental” do número 715 lamenta. Um texto antigo definindo a realidade sempre atual da imensa maioria dos artistas:

Não corre prospero o tempo para os artistas portuguezes (...) mas o caso acontecido (sic) a Bordallo Pinheiro acordou os mais 171Indiferentes e descuidados (10 de novembro de 1898, capa).

- Companhia Maria Guerrero:

Referindo-se ao crescente sucesso das temporadas teatrais em Lisboa, a “Chronica Occidental” da edição 731 recorda a proposta maior do jornalismo enciclopédico e ilustrado:

O público facilmente se educa. Haja vista o 172eatr (...) das obras 172eatro172as do 172eatro hespanhol desempenhadas pela companhia de Maria Guerrero. Umas ensinaram a perceber as outras (20 de abril de 1899, p. 86).

- Verão extraordinariamente quente:

João da Camara comenta o clima com bom humor no número 742:

Segundo 172rãos172amas de Villa Fernando, o thermometro ao sol marcou sessenta e tantos 172rãos. Se devemos dar crédito (...) o alemtejano descende por força da salamandra (10 de agosto de 1899, p. 174).

- Nostalgia:

Portugal recebe em festa a tropa comandada pelo major Manoel de Sousa Machado, vencedora de uma campanha em Moçambique, na região de Mataka. João da Camara, na edição 759, elogia os soldados recorrendo ao glorioso passado da nação:

A historia de Portugal é toda ella cheia de feitos d’armas; guerreiros foram a maior parte de seus homens 172endária. Cabem às armas portuguesas as grandes glorias, desde as 172endárias batalhas contra os moiros até às não menos famosas dos tempos da guerra peninsular e dos modernos tempos em Africa (30 de janeiro de 1900, capa).

- Além do sensacionalismo:

Um discurso sem pudor. Na “Chronica Occidental” do número 788, Camara relata os momentos finais do compositor e maestro Ciriaco de Cardoso. Mais do que sensacionalismo, mau gosto:

Beijos inchados, torcidos (...) arfava cansadíssimo(...) caira-lhe a mascar de algodão e pudemos ver que enorme estrago lhe fizera no rosto a doença (...)falou incoherencias com a voz tão mudada, a língua mal podendo mover-se na boca (20 de novembro de 1900, p. 254).

- Novo século:

A “Chronica Occidental” do número 792 louva o fim do século XIX e as suas descobertas:

Está o velho a estrebuchar. Grande velho, moribundo, está apenas por umas horas (...) fomos nós que inventamos o telegrapho e as machinas de vapor, o phonographo e o 173morfo173e, os antisepticos e as injeções, a machina de costura e o fosforo 173morfo (30 de dezembro 1900, p. 286).

- Luxo:

Reforçando o poder real dos Bragança, discurso habitual de *O Occidente*, a “Chronica Occidental” do número 807 é dedicada ao juramento solene do príncipe real às Cortes. O baile comemorativo também é comentado:

Com toda solemnidade que manda a 173agníficos realizou-se no dia 20 (...) a cerimonia do juramento do Principe, sr. D. Luiz Fillipe, herdeiro do throno de Portugal (...) seguiram-se as festas de estylo que se realizaram nos 173agníficos salões do Palacio da Ajuda. (30 de maio de 1901 capa).

Na mesma crônica, Camara aproveita para reforçar a convicção monárquica de *O Occidente*, ao mesmo tempo em que quase presente o destino trágico do jovem príncipe:

Um dia, que Deus nos traga muito longe, há de elle presidir os destinos da nação. Que é a fraze sabida que se diz das obrigações d'um rei. Quem se lembraria primeiro de assim falar de destinos! Se há de ser o que tiver que ser, dê-lhe Deus boa sorte (30 de maio de 1901 capa).

- Detalhe importante:

João da Camara relata no número 810 (30 de junho de 1901, capa) que, graças ao “*telegrapho que trabalha sem cessar*”, todas as novidades da visita dos reis dom Carlos e dona Maria Amélia à Madeira e aos Açores estão sendo publicadas em tempo recorde. Essa observação, o telégrafo que trabalha sem cessar, ser-nos-á útil na análise das crônicas da época do regicídio quando *O Occidente* se acovardou vergonhosamente.

- Transporte público:

No número 820, a “*Chronica Occidental*” comenta que a cidade de Lisboa “diminuiu” com a entrada em circulação dos Elétricos. A população, após o susto inicial, habitou-se à nova e maior velocidade do transporte:

Um ou outro carro de mulas que passa parece-nos um fantasma pre-histórico (...) já ninguém, como nos primeiros dias, acha perigosa a 174elocidade com que correm (10 de outubro de 1901, p. 218).

- Viagem real:

A “*Chronica Occidental*” da edição 934 regozija-se com o sucesso da viagem oficial do rei dom Carlos e da rainha, dona Amélia à Inglaterra. No número seguinte, o 935, Camara

relata a primeira vitória diplomática da viagem de Dom Carlos à Inglaterra: pescueiros ingleses vão parar de praticar pesca de arrasto nas costas portuguesas:

O governo inglez já 175roprietários, antes das conclusões que resultarem das negociações já entabuladas, conseguiu dos 175roprietários dos navios que abandonassem as águas de Portugal (20 de dezembro de 1904, capa)

- Máximo Gorki:

O pensamento iluminista realmente chegara ao coração e às mentes dos cidadãos. Apoiando o movimento de indignação que percorria a Europa e as Américas, estudantes de Lisboa e homens de letras reuniram-se na Associação dos Lojistas para protestar contra a condenação à morte, por motivos políticos, do escritor russo Máximo Gorki. A “Chronica Occidental” de João da Camara, edição 940 traz a notícia:

Gorki seria condemnado à morte, enforcado (...) o mais assombroso talento dos tempos modernos, por ordem d’um qualquer carrasco militar, às mãos de um carrasco de profissão teria em breve o seu final (...). Então o resto do mundo (...) revoltou-se contra a 175mediat (...) Gorki não era da Russia, era do mundo (10 de fevereiro de 1905, capa).

A edição 942 noticia a libertação de Máximo Gorki e Camara comemora:

A poderosa Rússia lá continua 175mediata constantes revezes. D’ahi também só uma boa notícia (...) a libertação de Maximo Gorki que segundo diz o 175mediatam, partiu 175mediatamente para o estrangeiro (28 de fevereiro de 1905, capa)

- Esbanjamento:

Todos os cronistas exaltam a família real, sem questionar a origem dos recursos que alimentam a sua vida luxuosa. Encontramos, em duas crônicas seguidas, louvores aos reis e príncipes de Portugal e de outros países. A “Chronica Occidental” foi, durante os 37 anos de vida de *O Occidente*, o espaço de maior relevância no apoio à realeza. No número 870, João da Camara comenta a viagem de dona Amélia, acompanhada dos filhos, no iate real. Segundo Camara, ela viaja para recompor a saúde “um bocadinho abalada”. No roteiro, dezesseis portos de diferentes países:

A Sra. Dona Amélia viajará sob o nome de Marquiza de Villa Viçosa. Será durante a sua viagem pelo Mediterrâneo acompanhada pelos srs. Conde de Figeiró, Visconde de Asseca, aio dos príncipes, Kerausch, preceptor, D. Antonio de Lencastre, medico da real camara, 176apelão Fiadeiro e pintor Casanova (28 de fevereiro de 1903, capa).

- Visita real:

Três edições depois, no número 873, a “Chronica Occidental” relata que Lisboa, alvoroçada, prepara-se para receber Eduardo VII, rei da Inglaterra e Imperador da Índia:

Voltam-se agora todas as atenções para a chegada a Lisboa D’El Rei de Inglaterra, Eduardo VII (...) O aluguer das 176onarca nas ruas onde há de passar o cortejo teem 176onarca176 um preço fabuloso(...). E é do que se fala e mais nada há de falar (30 de março de 1903, p. 66).

Para a “*Chronica Occidental*” da edição 874, a visita de Eduardo VII é um discurso da importância de Portugal no cenário europeu:

Esteve Lisboa em festa e 176onarca176u-se Portugal com a visita e com as palavras do 176onarca mais poderoso da Terra, senhor d’uma quinta parte do inteiro mundo a qual, dia a

dia, mais se vae alargando. Visitou-nos Eduardo VII e para Portugal se dirigiu a primeira vez que, depois de coroadado, sahio de seus estados (10 de abril de 1903, p. 74).

- Automóvel:

Automóvel em Lisboa. Na opinião bem-humorada de João da Camara, na “Chronica Occidental” do número 880, “nada melhor para esmagar innocentes”:

Felizmente, o senhor Conde de Penha Longa effectuou sem percalços uma viagem de Madri a Lisboa e poderam os amigos abraçar-o 177fusivamente por motivo da velocidade e de vel-o são e salvo. Sciencia e sorte (10 de junho de 1903, capa).

- Morte do papa:

A “Chronica Occidental” do número 885 confirma a morte do Papa Leão XII e os preparativos para o conclave que elegerá o seu sucessor. A morte do papa foi feriado em Portugal, mas já sem tantas condolências. João da Camara registra, sem perceber, que o espírito prático do liberalismo havia se imposto:

Excepto nas escolas e lyceus onde, em tempo de exames, seria muito desvantajoso para professores e 177lunos que assim veriam encurtadas as chamadas ferias grandes, a todos tão necessárias (30 de julho de 1903, p. 162).

- Tempestade:

Mau tempo em Portugal, ciclone nos Açores são as notícias que João da Camara destaca na “Chronica Occidental da edição 884:

Desastres produzidos pelos temporaes em varias terras do reino. Foi nos Açores que mais se fizeram sentir e maiores 178rejuízos causaram. No dia 9 passou pelas ilhas um violentíssimo cyclone, sendo pelo observatório de Ponta Delgada registrada em 106 kilometros a velocidade do vento (20 de julho de 1903, capa).

- Novo papa:

Na crônica do número 886, Camara anuncia a eleição do papa Pio X: “De origem muito humilde (...) o novo Papa Pio X pertencia à ordem dos cardeaes prebysteros (...) era arcebispo de Veneza”. (10 de agosto de 1903, p. 170).

- Terremoto:

Pequeno terremoto em Lisboa e arredores, notícia que sempre interessa aos portugueses, nunca recuperados do trauma de 1755. João da Camara, na edição 890, registra:

Uma sacudidela que há dias padeceram os 178róximos178 de Lisboa pôs em alarme grande parte da população (...) muito mais pequeno do que o tremor da terra do mez de agosto e muito menos duração (...) rachou alguns estuques de 178róximos178 178róximos ao rio (20 de setembro de 1903, capa).

- Ligação norte-sul:

Na edição 902, a “Chronica Occidental” registra “o grande passo em direção ao completo progresso”. João da Camara comemora a conclusão da ligação sul/norte de Portugal através dos caminhos de ferro:

Uma grande festa, há dias, foi a da inauguração da nova linha 178rovín (...) está toda a região sul de Portugal finalmente ligada com as 178rovíncias do Norte (20 de janeiro de 1904, capa).

- Prejuízo:

Fome e prejuízo, escreve João da Camara. Duas palavras desagradáveis num discurso. A “Chronica Occidental” do número 904 relata a crise provocada pelo mau tempo:

O Tejo tem enchido consideravelmente e estão já inundados os campos marginaes com gravíssimo dano dos agricultores (...) os trabalhos do campo todos paralyzados augmentam a 179iséria dos pobres que, dias e dias, não ganham um bocadinho de pão (...) é negra a palavra fome (10 de fevereiro de 1904, p. 26).

- Greve:

Em protesto às propostas da fazenda, o comércio de Lisboa entra em greve. João da Camara registra na crônica do número 908 (20 de março de 1904, p 58): “afinal a manifestação dos 179omerciantes fez-se com tal ordem, que não valeu a penna nem o; apparto policial, nem o terror das senhoras”.

- Manobras militares:

O exército português realiza manobras militares. O evento vira notícia, com toques de colunismo social, na “Chronica Occidental”, edição 925:

Foi no Bussaco que n'este mez se realizaram as manobras militares (...) a animação era 179tençõ. Por todos os lados se cruzavam cavalleiros e velocipedistas com as carruagens de 179tenções179s. Os vestidos claros das senhoras eram notas alegres no fundo escuro da grande matta (...) Atrahiu todas as 179tenções a figura esbelta da Rainha, montada n'um soberbo cavallo preto. Assim acompanhou El Rei e o príncipe nas revistas que passaram às tropas (...), mas do espectaculo o mais bello parece ter sido a missa campal resada pelo Sr. Bispo Conde (10 de setembro de 1904, p. 196).

- Refinamento:

A “Chronica Occidental” do número 947 elogia o gosto musical do povo de Lisboa e comenta a sua lenta evolução. João da Camara festeja o que considera um sucesso dos meios de comunicação:

A educação musical do publico de Lisboa tem se feito pouco a pouco. Não vae longe o tempo em que Beethoven, Mozart ou até autores modernos com Wagner, Berlioz e Grieg, não teriam em toda a cidade meia 180úzia de ouvidos que os escutassem de bom grado (20 de abril de 1905, p. 82).

- Dom Quixote:

Os 300 anos da publicação de ‘Dom Quixote’ é o assunto da *Chronica Occidental* da edição 949 e um bom motivo para João da Camara esnober a Espanha:

A sua vida (*de Cervantes*, grifo da autora) foi completamente esquecida, perdendo-se a noticia da data e logar de nascimento, triste 180esdém180cia180a da 180esdém180cia da Hespanha reflectida no 180esdém pelos representantes ainda os mais altos do espirito nacional (10 de maio de 1905, p. 98).

- Variola:

Epidemia de variola na cidade de Coimbra. A crônica do número 963 comenta:

Em Coimbra está grassando violentamente uma epidemia de Variola e 180ães e tutores teem, com muito justificado receio, pedido ao governo que addie para mais tarde a abertura da Universidade (30 de setembro de 1905, p. 210).

- Crueldade:

Crueldade da revolução em Odessa, na Rússia. A “Chronica Occidental” expõe a sua emoção na edição 967:

Havemos de voltar os olhos para esta Russia que uma barbara revolução encheu de sangue e de fogo! Custa a acreditar (...). As atrocidades 181rejuízos causam horror (...) ao lado dos que legitimamente combatem por um nobre ideao, os vagabundos, o criminoso, o epileptico surge (...) sequioso de ainda ver correr mais sangue (...) os 181rejuízos são avaliados em trinta milhões de rublos (10 de novembro de 1905, p. 242).

- Boatos:

A crise política portuguesa derruba ministérios atrás de ministérios. A “Chronica Occidental” da edição 980 traz muitas novidades. João da Camara comenta:

Os boatos (...) avolumaram-se depois da visita do Sr. José Luciano a El-rei que, segundo consta, se negou a assignar decretos ditatoriaes para que era reclamada a sancção régia (...), mas o vento, desta vez, soprou contra os progressistas. O Sr. José Luciano teve que pedir a sua demissão e a do 181nístério a que presidiu (20 de março de 1906, capa).

- Sublevação:

O movimento republicano começa a mostrar a sua força. A crônica do número 983 comenta a sublevação dos marinheiros do cruzador dom Carlos:

A primeira sublevação de marinheiros a bordo do navio Dom Carlos; 181ninguém pensava que àquella hora da noite, um signal de nova revolta iria sobressaltar a cidade (20 de abril de 1906, p. 82).

- Comício:

Um comício republicano no Porto é destaque na “Chronica Occidental do número 992:

Na melhor ordem correu o comicio republicano no Porto (...) Diz-se que foi um dos mais imponentes que se tem realizado em Portugal. A 182ntanto182de no 182ntanto nunca teve de intervir para chamar à ordem os oradores (20 de julho de 1906, capa).

- *Tsunami* em Cascais:

João da Camara se assusta com o mar de Cascais, que sobe repentinamente e deixa mortos e feridos. Embora a “Chronica Occidental” não utilize a palavra *tsunami* – ainda não incorporada à língua portuguesa – houve quem desconfiasse, inclusive Camara, que o súbito aumento do mar poderia ter sido causado por um terremoto. A notícia está na crônica do número 998:

O desastre da Baía de Cascaes foi mais do que commentando, mais do que discutido (...) tão repentina foi a elevação do mar e tão fora de expectativa que querem alguns suppor que fosse devida a qualquer phenomeno sismico (20 de setembro de 1906, capa):

Dicionários portugueses e brasileiros discordam quanto ao uso da palavra *tsunami*. Alguns autores defendem que o termo *tsunami* é um estrangeirismo desnecessário, que significa o mesmo que “maremoto”, já existente em português há séculos. É o caso do dicionário Priberam (Portugal). Já os dicionários da Porto editora (Portugal) e os brasileiros Houaiss e Aurélio atribuem sentido diferente aos dois fenômenos: os maremotos seriam qualquer movimentação anômala do mar proveniente de um terremoto (em terra firme próxima, ou mesmo abaixo do oceano), ou mesmo por outros fatores, enquanto os tsunamis seriam as ondas provocadas por um maremoto – especificamente, no caso, só as ondas que atingem alguma área continental, provocando efeitos sobre a superfície terrestre.

- Crise:

A “Chronica Occidental”, assinada por João da Camara, relata, com espanto, no número 1005, que João Franco, presidente do Conselho de Ministros, expulsou dois deputados republicanos do recinto da Câmara. Um deles, Affonso Costa, por ter discursado contra os adiantamentos de dinheiro à família real, estando o país em situação de penúria:

Caso sem precedente na nossa historia parlamentar, nunca tal ocorrera em Portugal. Saem com o sr. Dr. Affonso Costa os mais deputados republicanos e os dissidentes. O povo, que fora mandado sair das galerias vem descendo as escadas, quando se encontra com os deputados que vão sahindo em meio da tropa; a um grito de viva a liberdade, responde com vivas à república (...) é incrível o barulho que vae na camara, quando o orador termina seu violentíssimo ataque à monarchia (30 de novembro de 1906, p. 258).

- Mais crise:

João da Camara resume o clima político em Portugal na “Chronica Occidental” do número 1006:

Expulsão do sr. Dr. João de Menezes pelo sr. Presidente da camara dos deputados e readmissão do mesmo deputado por deliberação da camara; meeting no Porto e tiros do guarda municipal; discursos no parlamento; jornaes 183ários183dos; pendencias d’honra; boatos muito graves; muitos diz-se e 183ários desmentidos. Q mais? (10 de dezembro de 1906, capa).

- Liberdade de imprensa:

A situação da monarquia e da política portuguesa deteriorara-se rapidamente e a “Chronica Occidental” acompanha a situação em várias edições seguidas. No número 1014 (28 de fevereiro de 1907, capa), João da Camara alerta que o governo de João Fontes ameaça a liberdade de imprensa. A classe jornalística reage: “a questão da imprensa, entre outras, está

longe de terminada, e ainda no domingo 24, se realizou em Lisboa um comicio imponente e favorável à liberdade”.

- Ditadura:

Segundo a “Chronica Occidental” da edição 1022, as câmaras foram dissolvidas e João da Camara não duvida que o país vive sob uma ditadura:

Está o governo em dictadura. Se assim procurava socego, não parece que lhó queira consentir a eleição, que vae tornar-se violentissimo progressista: “A comissão executiva do partido progressista, considerando a resolução do governo, de não convocar os eleições e de fazer administração por dictadura, constitue de facto a suspensão da carta constitucional, e considerando como illegaes para todos os actos as providências decretadas em dictadura pelo actual governo, resolve, de accordo com as demais eleições monarchicas, empenhar os seus esforços de conseguir o restabelecimento da normalidade constitucional”. (20 de maio de 1907, capa)

- Violência:

A “Chronica Occidental” do número 1.025 é assinada por Caetano Alberto porque seu titular João da Camara adoeceu subitamente. O diretor do jornal relata a violência em Lisboa provocada pela política:

Na estação do Rocio vimos sinais de luta. Vidros partidos pelas pedradas do povo contra a policia e a guarda municipal, e outros furados por balas das forças armadas. No café Martinho, onde chegou-se a armar-se barricada, vidros quebrados também, e nas humbreiras das portas sinais de balas (...). Diz-se que há algumas úzias de prisões, mas não se sabe o numero ao certo à hora em que escrevemos (20 de junho de 1907, p. 130).

- Censura:

João da Câmara retorna avisando que a censura está atuante. Sua crônica do número 1.031, 20 de agosto de 1907, capa, alerta e lamenta:” Só a politica daria volumes (...), mas de que não é permitido escrever”.

- Entrevista:

João da Camara anuncia, na crônica do número 1.040 a nova moda jornalística das entrevistas:

Andam na moda as entrevistas. Os jornalistas portuguezes batem à porta de todos os políticos para saber de suas opiniões e planos futuros. Qualquer questão que se debata – entrevista (20 de novembro de 1907, capa).

- Agitação:

O governo, pressionado pela crescente crise política, proíbe a circulação de alguns jornais. A “Chronica Occidental”, edição 1.041, comenta:

A suspensão de grande numero de jornaes e o receio com que n’outros se escreve não moderou o andamento das 185ínguas que, por todos os cantos de Lisboa, falam muito mais do que d’antes. Lei da compensação. Nunca a política andou tão ativa como agora (...) o partido republicano vae crescendo (...) a agitação cresce (30 de novembro de 1907, p. 258).

Nota-se, nas entrelinhas, a afirmação de Camara que não se pode censurar os pensamentos nem as conversas. E, segundo o autor, Lisboa nunca falou tanto. Sempre se pode dar um jeito de driblar a censura.

4.14 – Ontem, como hoje

No primeiro parágrafo de *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, Karl Marx lembra que Hegel disse que os fatos e os personagens de grande importância da história do mundo se repetiam duas vezes. No mesmo parágrafo, Marx completa: “a história se repete a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. (Rebouças, 2011, p. 1).

Consideramos que podemos aplicar esta afirmação ao mundo contemporâneo. Não afirmamos, porém, se, entre outros problemas que se arrastam no tempo, a história dos muitos anos de guerra entre o Islã e o Ocidente nunca acabou – ainda está em sua fase inicial – ou se já virou tragédia. Muito antes de Afonso Henriques (1109-1185), islâmicos e cristãos já lutavam entre si. Quase dez séculos depois, a história, ou a tragédia, continua. Só mudam as personagens.

- Grécia:

No número 656 constatamos que os discursos mudaram, mas o mundo pouco mudou entre o fim do século XIX e o início do XXI. João da Camara relata a dramática situação da Grécia:

Paiz arruinado mais do que o nosso, mais do que o nosso decadente, porque se chama a Grecia e de mais longe veem as suas tradições, ao grito que soltou correndo para a morte quasi certa, respondeu o mundo 186nteiro com um brado de entusiasmo. Foi o grito ouvido em Portugal e, reunidos em Coimbra os estudantes, enviaram uma mensagem de sympathia a seus irmãos de Athenas (20 de março de 1897, p. 58).

- Avanço islâmico:

Em outra “Chronica Occidental”, número 669, João da Camara analisa premonitoriamente a política internacional: eis que o avanço islâmico começa a assustar a Europa:

A Grecia perdeu muitas das sympathias que inspirava o seu entusiasmo (...) a paz assigna-se; mas nada asseguras aos christãos que vivem no Oriente 187nos187tí, que não hajam de sofrer novas 187nos187tício, as 187nos187tíci torturas do grande poder dos islamitas. A causa que foi a razão da primeira campanha vive e há de viver, que a lucta tem que durar seculos. Muito gastou o Occidente para por para fora de suas fronteiras os 187nos187tíci de Mafoma, que ali estão mais em sua casa. No último reducto que ainda conservam na Europa e pensam em alargar, há de ser mais cruenta a guerra. Não é uma paz que se assigna, é um simples 187nos187tício por 187nos, por mezes, talvez apenas por uns dias (30 de julho de 1897, p. 162).

- Turcos e muçulmanos:

A história se repete, os discursos idem. Problemas que nos parecem contemporâneos, a “Chronica Occidental” já publicava. No número 737, Camara relata a violências de turcos e muçulmanos:

Há dias os jornaes publicavam o 187erritóri seguinte: Belgrado, 16, às 9h30 – os albaneses e musulmanos da fronteira da Servia, acompanhados por mil soldados turcos, entraram no 187erritório da Servia matando os habitantes de varias povoações e saqueando as casas. Por este motivo considera-se inevitável a guerra, tendo a Servia enviado já um ultimatum à Turquia (20 de junho de 1899, capa).

- Guerra Santa:

No Marrocos, um líder muçulmano pregava abertamente a guerra religiosa. Discurso recorrente que, como podemos constatar, já incomodava o Ocidente e *O Occidente* no fim do século XIX: A mesma edição 737 registra: “*Muito peor foi o que se deu no Marrocos, um cherife (...) pregou na mesquita de Tanger a guerra santa*” (20 de junho de 1889, capa).

4.15 - Peste bubônica

A peste de 1899 revelou a força e a coragem do médico e cientista Ricardo Jorge, nascido na cidade do Porto. Na época responsável pelo Laboratório Bacteriológico Municipal, ele se tornou internacionalmente conhecido durante essa epidemia.

Foi Ricardo Jorge quem chegou à prova clínica e epidemiológica da peste através de material retirado dos doentes, que examinou pessoalmente em seu laboratório. Jorge apontou as “ilhas” da cidade – bolsões de miséria, onde a população vivia em condições precárias de higiene – como causa das sucessivas epidemias. Orientou as operações profiláticas, entre elas a evacuação das casas, sua desinfecção, o isolamento dos doentes e, por fim, a polêmica medida que despertou a revolta da população: a quarentena. Ninguém podia sair ou entrar nas áreas cercadas, que ele declarou as mais perigosas.

O Porto era uma cidade comercial, tais medidas provocariam prejuízos nos negócios e, portanto, irritaram alguns políticos. Ameaçado, Ricardo Jorge refugiou-se em Lisboa. Ramalho de Almeida (2014, p. 217) explica:

Quando Ricardo Jorge apelidou o Porto de “cidade cemiterial” não se referia apenas ao enorme problema de saúde pública causado pelo surto de Peste Bubônica em 1899, mas sim a todo um contexto de cidade doente (...) Ricardo Jorge (...) apontou o dedo à causa de tanta doença: as ilhas do Porto. Contabilizou 1048 ilhas com 11.128 casas onde residiam cerca de 55 mil seres humanos, mais de um terço da população da cidade (...) o que o levou a concluir que só mesmo uma medida sanitária de fundo, contemplando o fim das ilhas, poderia por cobro a tal calamidade. Num espaço exíguo com cerca de 15 a 20 metros quadrados viviam famílias inteiras (...) Para além da

exiguidade da área habitável, as ilhas não recebiam a luz do sol, os esgotos eram a céu aberto, em suma, condições favoráveis para o desenvolvimento de doenças.

Na “Chronica Occidental” da edição 743, João da Camara confirma a eclosão da peste:

Confirmaram a existencia da terrivel epidemia os homens da sciencia. Portugal está isolado do resto da Europa. Consequencia fatal. Nos portos não entram navios. A Hespanha colocou um cordão sanitario ao longo da fronteira (...)os casos averiguados teem sido poucos e a percentagem de mortalidade relativamente pequena (20 de agosto de 1899, p. 182).

A epidemia se agrava e Camara, na edição 747, tenta acalmar os leitores:

Medicos notaveis de muitas nacionalidades agora estiveram no Porto estudando a doença e fazendo experiencias com diferentes sôros. (...) os casos annunciados são ultimamente em maior numero, mas um regular tratamento medico tem provado a sua efficacia com algoritmos eloquentíssimos. (30 de setembro de 1899, capa).

Apesar de, durante todo o ano de 1899, acompanhar a evolução da doença, *O Occidente* minimiza a reação popular e não registra os tumultos como, por exemplo, o acontecido em frente ao edifício da bolsa, conforme relatado por Pontes (2012, p. 74).

A mesma multidão volta ao Palácio da Bolsa no dia seguinte, 31 *de agosto de 1899* (grifo da autora), mas desta vez a polícia e cavalaria municipal intervêm para a dispersar. O governador civil havia avisado, no dia anterior, os órgãos da associação para a proibição de ajuntamentos não autorizados. Os comerciantes protestam que “a polícia nada tinha que fazer ali, nem podia expulsar os sócios da sua própria casa”. Os agentes da ordem fazem cinco presos e nesse dia, sem que haja conhecimento de uma convocatória prévia, muitos dos estabelecimentos comerciais da cidade decidem fechar portas em sinal de luto. No dia seguinte, os estrangeiros

çam bandeiras nas suas casas, “para que sejam respeitados no caso de vir a perigar a ordem pública.

4.16 – Crônicas de João Prudencio

Caetano Alberto assina a crônica da edição 1.044 (30 de dezembro de 1907). A do número 1.045 (10 de janeiro de 1908, capa) é de autoria de Alfredo Mesquita e já anuncia a morte de João da Camara, ocorrida no dia 2 de janeiro de 1908. Camara é substituído na “Chronica Occidental” por Alfredo Mesquita que, na edição 1.049 (20 de fevereiro de 1908), adota o pseudônimo João Prudencio. Sobre a dúvida quanto ao uso deste nome, optamos pela apontada por Andrade (1999, p. 147) em seu dicionário, como já referimos no capítulo sobre a revista *O Occidente*.

4.17 – O reinado de dom Manuel

No capítulo sobre política analisamos o comportamento de *O Occidente* na ocasião do regicídio. Rei morto, rei posto. Na edição 1.069, a “Chronica Occidental” é dedicada à inauguração da Exposição do Rio de Janeiro. Assina-a João Prudencio:

Está inaugurada a secção de Portugal na grande exposição do Rio de Janeiro, patenteando o que de mais bello e culto se produz na industria portugueza (10 de setembro de 1908, p. 194).

- Noiva para dom Manuel:

Na “Chronica Occidental” do número 1.079, Prudencio especula sobre o casamento de dom Manuel II:

Tem-se insistido muito e insiste-se em dar por verdadeira a notícia de que o senhor Dom Manoel II será esposo da Princeza Victoria Luiza, filha unica dos imperadores da Alemanha (20 de dezembro de 1908, capa).

- Pobreza:

O aumento da mendicância em Lisboa é observado pela “Chronica Occidental”, número 1.097:

Todo o afan da imprensa periodica de Lisboa parece concentrar-se agora, e mais uma vez, na questão da mendicancia que tomou, nos ultimos tempos, um aspcto, por assim dizer, grave. Sobretudo a vagabundagem infantil tem crescido por um modo assustador (...) ainda um d’estes dias os poderes públicos, pela palavra do Sr. Governador civil de Lisboa, declaravam que, por absoluta falta de recursos eram impotentes para resolver a questão momentosa da mendicidade da capital (20 de junho de 1909, capa).

- Auditoria:

Acusando de má administração os gestores da família real, a “Chronica Occidental”, no número 1.102, comenta o resultado da auditoria de uma Comissão Parlamentar sobre os adiantamentos do Tesouro Real ao falecido dom Carlos. João Prudencio é duro:

Refiro-me ao caso dos adentamos e penso que, com vassalos taes, o destino dos reis é o exílio (...) os adeantamentos feitos às pessoas da família real constituem irregularidades de administração cujas causas são as dificuldades financeiras da Casa Real e as deficiencias na legislação de contabilidade devido às quaes podiam os ministros da fazenda, até há pouco, por operações de tesouraria, efetuar pagamentos sem fiscalização nem conhecimento das camaras (...) o relatorio da comissão parlamentar traz como conclusão a necessidade de uma lei de responsabilidade ministerial, e outra que não consinta despesas extraordinárias com o Paço sem prévia autorização das camaras. Das conclusões precisas realmente a monarchia. Do relatório é que não precisava (10 de agosto de 1909, capa e p. 171).

- Transporte aéreo:

A França convoca uma Conferência Internacional para elaborar o regime judiciário da locomoção aérea. A “Chronica Occidental”, no número 1.106, divaga sobre este novo tipo de transporte:

Quer se queira quer não, a navegação dos ares que um tão vertiginoso impulso tem tomada nestes ultimos tempos, conduzirá fatalmente à adopção de uma legislação internacional destinada a fixar o regimen juridico dos aerostatos e de seus passageiros. Um balão póde rapidamente passar de um paiz para outro, embora não seja facil, por emquanto, delimitar as fronteiras celestes dos diferentes estados (20 de setembro de 1909, capa).

- Sacrifício:

O Occidente corre atrás do prejuízo e começa a se manifestar com firmeza em assuntos diários. João Prudencio afirma que o tempo de só se armar para defender as colônias africanas ficou para trás e, na “Chronica Occidental” da edição 1.122, lamenta o sacrifício a que o povo português é submetido por falta de organização administrativa:

Definha-se a olhos vistos uma população inteira, diremos mesmo, um paiz inteiro; é visível a desproporção entre os encargos de cada um e a exiguidade de seus proventos; e, não só não se preocupa em atenuar o mal, mas ainda com uma atroz indiferença, deshumanamente, se prossegue numa imposição de sacrificios, num continuo agravamento dos impostos existentes, directos e indirectos, e na criação de outros novos, como se o povo vivesse num mar de venturas (28 de fevereiro de 1911, p. 42).

Os números 1.144 e 1.145, publicados em uma só edição, são dedicados à proclamação da República de Portugal. Excepcionalmente, *O Occidente* não abriu espaço para a “Chronica Occidental”. No capítulo sobre a política comentamos a cobertura jornalística de *O Occidente* deste importante momento da vida nacional portuguesa.

4.18 – A República

Já apontamos a identificação do povo com *A Portuguesa*. João Prudencio revela no número 1.146 que a população, espontaneamente, escolheu a música composta por Alfredo Kell (a letra é de autoria Henrique Lopes de Mendonça) para novo hino nacional. Num passe de mágica, a “Chronica Occidental se torna republicana e explica as transformações semiológicas da nova forma de governo em Portugal:

A intenção do republicanismo continuar o programa cultural e político da modernidade iluminista e liberal exigiu a visibilidade e o reconhecimento de um novo poder simbólico, que usou vários instrumentos simbólicos, entre os quais estavam a bandeira nacional (verde e vermelho, escudo das armas nacionais com 5 quinas e 7 castelos, esfera armilar manuelina), o hino nacional (*A Portuguesa*), a moeda nacional (escudo dividido em centavos), o busto oficial (imagem de república-mulher, da autoria de escultor Simões de Almeida, vindo a ser símbolo obrigatório em edifícios públicos), o barrete frígio, o calendário de feriados oficiais e de festas nacionais, a divisa oficial (“saúde e fraternidade”), a festa da árvore (realizada pela primeira vez em 1907 no Seixal por iniciativa da Liga Nacional da Instrução, teve um grande impulso entre 1911 e 1915), o panteão nacional (em Abril de 1916, a Igreja de Santa Engrácia foi escolhida como monumento para o receber), a Ordem Militar da Torre e Espada (a única que se manteve logo a seguir à revolução), a toponímia¹², a numismática ou a filatelia republicanas (30 de outubro de 1910, p. 125).

- Divórcio:

A República tenta se mostrar de vanguarda e aprova a Lei do Divórcio. A crônica do número 1.147 aplaude:

Em 1900 houve um homem que a inesperada coragem de apresentar ao parlamento portuguez um projeto de lei instituindo aqui o divorcio (...) decorrem apenas dez annos(...) e ahi temos, ja decretada em lei 9 (...) as nossas condições de felicidade social (10 de novembro de 1910, p. 250).

Coube a um deputado conservador apresentar a proposta que foi recusada em 1900. A mesma crônica assinala que o registro desse pedido está nos anais da Assembleia Legislativa de Portugal: “Em 1900, o deputado conservador Reboredo Sampaio apresenta ao Parlamento um projecto de lei sobre o divórcio que, no entanto, será recusada”.

- Proletariado:

Esquerdistas, esquerdistas, os meus direitos à parte. Como, aliás, até hoje. A “Chronica Occidental”, na edição 1.148, revela, mais uma vez, o perfil conservador da revista, não sendo muito simpática às aquisições do proletariado e à ideologia socialista:

Quando aqui ninguém ouvira falar de socialismo ou coisa parecida, as classes laboriosas queixavam-se muito menos e pareciam tirar muito mais proveito da vida em paz de alma e contentamento sóbrio. Os salários não eram tanto, o trabalho era mais; e os patrões que enriqueciam mais depressa, só se fossem muito carrascos é que não (...) podiam contar com um amigo em cada um de seus 195roletári (...). Vieram as idéas novas (...). o homem de trabalho, que passou a chamar-se 195roletário e não quis mais que o tratassem por outro nome, encheu-se da vaidade de ser a primeira machina produtora de riquezas e imaginou exigências, que por não ser possível contenta-las, só serviram de apoquentação (20 de novembro de 1910, p. 258).

- Reforma ortográfica:

Em 1911, entre os números 1.186 (10 de dezembro de 1911) e 1187 (2 de dezembro de 1911), atendendo à primeira reforma ortográfica da língua portuguesa, iniciativa da república recém-instalada, que pretendeu tornar o idioma escrito mais fonético, a coluna “Chronica Occidental” passa ser grafada “Cronica Occidental”. Esta grafia é utilizada até o último número (10/07/1915).

- Lisboa-Nova York:

Inaugurada a linha regular de navios de passageiros na rota Lisboa-Nova York-Lisboa. A “Cronica Occidental” da edição 1.162 comemora a rapidez dos modernos meios de transporte:

O Governo da República tomou a iniciativa do estabelecimento de carreiras directas de grandes transportes entre Lisboa e Nova Iorque (...) Meia duzia de dias será o bastante para nos deslocarmos do Mundo Velho para o Novo Mundo” (10 de abril de 1911, p. 74).

- Conspiração:

O movimento monárquico demonstra o seu descontentamento com a recente república. A “Chronica Occidental” do número 1.168 comenta:

A conspiração contra a República! (...). Das coisas singulares que se têm manifestado depois que se proclamou a República em Portugal (...) é a opposição violenta de homens que directa ou indirectamente muito concorreram para a queda do velho regimen (10 de junho de 1911, capa).

- Assembleia Constituinte:

Instalada a primeira Assembleia Nacional Constituinte. Na “Cronica Occidental” do número 1.170, Prudencio é ufanista:

A República, já consagrada em ardentes aclamações populares, recebe no seu primeiro parlamento a força que faltava, para se impôr ao reconhecimento das nações (3 de junho de 1911, capa).

- Presidente Arriaga:

Eleito pela Assembleia Nacional Constituinte, Portugal tem o seu primeiro presidente: Manoel d'Arriaga. A crônica do número 1.176 (30 de agosto de 1911, p 86) comemora: “pela grande sala do parlamento ressoou uma unanime aclamação ao presidente eleito e à República”.

4.19– Crônicas de Caetano Alberto

- Naufrágio do Titanic:

O naufrágio do Titanic obrigou a “Crônica Occidental”, número 1.200 a sair “deste recanto do Ocidente” para comentar o desastre que “impressionou o mundo”. Essa crônica, assinada por Caetano Alberto, manifesta assombro com as coincidências existentes entre o naufrágio e o romance *Futility*, de Morgan Robertson, publicado em 1898:

O *Daily Mail*, de Londres, lembra um romance de Robertson, publicado há 14 anos sob o título *Futility* que (...) imaginou o “Titan”, um enorme transatlântico de 45.000 toneladas, transportando 2 000 passageiros, e que se afunda ao bater num *iceberg* (bloco de gelo). (...) O romance de Robertson, que passou como uma fantasia de um romancista, mais parece agora uma profecia, pois que o naufrágio do Titanic se deu precisamente sob as mesmas condições do Titan imaginado por Robertson (...) esta enorme catástrofe servirá para prevenir este louco caminhar para a morte na ambição de ganhar tempo e gastar a vida? (30 abril de 1912, pp. 90-91).

O romance citado por Caetano Alberto, autor da crônica, foi comentado, também em tom de espanto, pela revista *Time* em 14 de abril de 2012, em artigo assinado por Heba Hasan:

*The novella Futility, written in 1898 by U.S. writer Morgan Robertson, shows some eerie similarities to the famed story of the sinking of the Titanic, the Associated Press reports. Just how many similarities? Let's take a look: **Name:** In Futility, the boat is described as the largest ship of its day and was called the Titan. **Size:** The ships were practically the same size, with the Titanic measuring only 25 meters longer. **Date:** Both ships, described as "unsinkable," hit an iceberg and went under in mid-April. **Speed:** Both were capable of speeds over 20 knots. **Safety:** Despite having thousands of passengers on board, both ships carried the bare legal minimum number of lifeboats⁹.*

- Drama:

O embate entre monarquistas e republicanos provoca uma tragédia. Após uma tentativa frustrada de invasão pela fronteira com a Espanha, um tenente da marinha, de convicção monárquica, dava as suas opiniões políticas à porta do Café Brasileira, em Lisboa, quando a multidão enfurecida o matou a tiros. Com assinatura de Caetano Alberto, a "Cronica Occidental", edição 1.208, surpreende-se com o tamanho do drama:

A senhora com quem o desditoso oficial vivia, dona Maria do Carmo Sequeira de Vasconcelos, ao saber a infausta nova, tão profundamente se sentiu em seu coração, que sobre ele desfechou um revolver caindo também morta (...) A nossa linda Lisboa viu as suas ruas manchadas de sangue pela exaltação apaixonada de alguns de seus cidadãos (...), que assim, talvez, tiravam vingança pelos republicanos que nas fronteiras cahiam varados de balas dos conspiradores (20 de julho de 1912, p. 134).

- Perdem-se os anéis:

⁹ O romance *Futility*, escrito em 1898 pelo escritor norte-americano Morgan Robertson, mostra algumas estranhas similaridades com a famosa história do naufrágio do Titanic, relata a Associated Press. Vamos conferir. **Nome**, no romance, o navio é descrito como o maior de sua época e foi chamado de Titan. **Tamanho**: Os navios eram praticamente do mesmo tamanho, sendo o Titanic apenas 25 metros maior. **Data**: ambos os navios foram descritos como "inafundáveis", bateram em um *iceberg* e afundaram em meados de abril. **Velocidade**: Os dois navios eram capazes de desenvolver velocidades acima de 20 nós. **Segurança**: Embora transportassem milhares de passageiros, os navios levavam o número mínimo legal de botes salvavidas" (tradução livre da autora).

A História portuguesa começa a se perder pelo caminho. O leilão das joias da rainha dona Maria Pia comove a “Cronica Occidental”, que, no número 1.209, não esconde o seu pesar. Novamente, Caetano Alberto assina:

Vieram joalheiros do “esquare” Thiers, da rua Lafayette e da Avenida Villiers de Paris, assim como vieram de Madrid disputar a aquisição (...)o amor do fausto, o requintado gosto, o desapêgo do dinheiro de uma rainha acumularam toda aquela riqueza (30 de julho de 1912, p. 162).

- Avião:

Pela primeira vez, Portugal assiste ao voo de um avião. O aeroplano *Farmam-Maurice* cortou os céus da cidade do Porto, surpreendendo a população e Caetano Alberto escreveu na “Cronica Occidental” do número 1.213 (10 de setembro de 1912, p 194): “ao vasto campo do Castelo do Queijo (...) chamou mais de 60.000 pessoas que presenciam o novo espetáculo”.

O novo espetáculo transformou-se em atividade comercial. O impacto na imprensa com os desastres que atingiram dirigíveis e aviões está analisado no capítulo sobre os *faits divers*.

4.20 – Crônicas de António Cobeira

Já assinada por Antonio Cobeira, o articulista que mais valorizou a literatura, a “Cronica Occidental” do número 1.239 chama atenção para o fato de a tumultuada vida política não impedir a vida artística portuguesa de, a cada dia, tornar-se melhor:

Dia a dia, um novo Encantadôr da Prosa descobre a nossos olhos maravilhados, um mundo real de observações e pensamentos (...) a música é cultivada notavelmente. Organizam-se córos orfeônicos por todo o paiz (...) saraus musicais são frequentes (...) os concertos, distintíssimos

(...) as audições de canto succedeem-se (...) exposições *de arte* – topamos com ellas a cada passo (30 de maio de 1913, p. 146).

- Panos quentes:

Continua acirrada a disputa entre monárquicos e republicanos, provando que os discursos políticos, em sua essência, não mudam. A “Cronica Occidental” tenta apaziguar os ânimos na edição 1.247 (20 de agosto de 1913, p. 246):

Os republicanos não querem desconhecer nos monarquicos o direito de rebeldia pois que, êles proprios, nos seus tempos, de opposição, destemida e encarnçada se revoltavam. (...)os monarquicos não querem desconhecer nos republicanos, o direito de defeza, pois que êles proprios, nos seus tempos de dominio, se defendiam. Os ideais são diferentes (...). Entanto, são igualmente dignos e respeitaveis.

- Bernardino Machado:

Aumenta a crise política e o ministro de Portugal no Brasil, Bernardino Machado, é chamado para reorganizar um ministério. O povo o recebe com entusiasmo, a “Cronica Occidental”, no número 1.265, dá-lhe boas-vindas, indagando o que ele poderia fazer de tão milagroso para salvar a desorganização pátria:

O que nos traz Bernardino de seu longo e meditativo exilio para a salvação do mundo? Que milagroso elixir recolheu por terras do Brazil? Doce de goiaba? Plumas de periquito? Um papagaio? Planos de governança? (...). Tenhamos esperança (20 de fevereiro de 1914, p. 50)

- Anistia:

O presidente da República anistiu os presos políticos. A “Cronica Occidental” da edição 1.267 louva o decreto:

O bacálhau tem encarecido tanto e de tal modo carecido que já se vae sentindo, com urgencia, entre o povo, a falta de peixe espada (...) A amnistia foi concedida, é certo. Todavia, a amnistia é restrita. Todavia, o decreto é equivoco. Entanto, bemdita a amnistia (10 de março de 1914, p. 74).

Abençoada anistia que libertou pessoas confinadas pelo crime de pensar. Mas o pão nosso de cada dia também é importante. Cobeira não poderia deixar de criticar o governo, pela alta do preço do bacalhau.

4.21 - A Primeira Guerra Mundial

Comentando a confusão política europeia após o assassinato, em Sarajevo, do príncipe herdeiro austro-húngaro, arquiduque Francisco Fernando, e de sua mulher Sofia, Cobeira, na “Cronica Occidental” do número 1.282 (10 de agosto de 1914, p. 254) *prevê* o pior: “tudo nos leva a crer que estamos em vespera de um dia de carnificina hedionda (...) a guerra européia esboça-se”.

- Guerra:

A crônica do número 1.283 informa que Portugal se mobiliza para a guerra. Cobeira torna-se irônico:

Portugal deseja intervir de pronto com a sua armada formidanda e poderosíssimo exército na Grande Guerra (...). Colocámo-nos incondicionalmente ao lado da Inglaterra (20 de agosto de 1914, p. 266).

- Contra a Guerra:

A extensão da guerra surpreende a “Cronica Occidental”. No número 1.284 Cobeira se revolta e expõe claramente o seu antimilitarismo:

Meu Deus – que irá resultar deste conflito gigantesco? Nove nações andam empenhadas na luta – luta de extermínio, luta de morte – e o resto do mundo (...) em volta apresta-se em segredo para dlhe dar o seu contingente de carnificina (...). Entrementes, o nosso governo impõe-se a missão de apreender gazetas varias por motivos de segurança do Estado (30 de agosto de 1914, p. 278).

- Destruição:

A destruição que se espalha pela Europa horroriza a “Cronica Occidental”. No número 1.288, Antonio Cobeira lamenta a destruição:

As atrocidades praticadas pelos alemães sobrepujam os maiores atentados da barbaria (...) a ferocia antiga subtilizou-se de requinte (...). Bombardearam a catedral de Reims (...)o templo gloriosíssimo não era pertencença da França, pertencia a todo mundo; - não era pertencença do século XX, pertencia a todos os seculos dos seculos. Bombardearam a catedral. Barbaro. (10 de outubro de 1914, p. 326).

- Boato:

A “Cronica Occidental”, edição 1.289 (20 de outubro de 1914, p 338) registra o boato que Portugal mandará um contingente aos campos de batalha:

Correm insistentemente boatos de que são tensas e cheias de melindre as nossas relações com a Alemanha (...) aproxima-se, pois, o momento (...) de enviar aos páramos da batalha os primeiros contingentes de reforço (Antonio Cobeira, p. 338).

- Tropas:

Lacerda (2013, p. 1) comenta que, nos círculos oficiais, sabia-se que a vontade do governo português era enviar tropa para o combate porque assim, acreditava, ocuparia um lugar de destaque no vitorioso pós-guerra: “Era claramente uma política de governo, sem maiores compromissos com as condições do povo e a situação das forças armada (...) Mas aí começaram os avanços alemães sobre territórios portugueses na África, vizinhos de colônias germânicas”.

- Ácido germânico:

A “Cronica Occidental” do número 1.291 (10 de novembro de 1914, p 362), assinada por Cobeira, também registra que a política alemã obriga Portugal a reforçar o seu contingente em África: “o acido germanico começa a corroer lento e lento as nossas colônias da Africa 204cidental e urge atalhar eficazmente o mal que vae alastrando”.

- Contas:

No número 1.292, o pacifista Antonio Cobeira faz uma análise interessante sobre a guerra que se alastra. Quanto se gastará nestes combates? Quanto o desenvolvimento dos países está sendo prejudicado pela guerra?

Um canhão de 100 mm pode dar 750 tiros, pouco mais ou menos; um canhão de 164 mm, 7 380 tiros. Um de 274 mm, 150 tiros. Um de 305 mm, 100 tiros. No calculo de que nos occupamos é preciso juntar ao preço do projectil e da carga a soma das amortisações do custo da peça. Os canhões de 305 mm, couraçados, pesam 46:000 quilogramas e custam 500:000 francos. Os preços da carga (100 quilos de polvora) e do projectil (388 quilos) somam 2.000 francos. A amortisação é de 3.333 francos. O preço do tiro é, poiz; 5 333 francos (...) aplicados convenientemente ao desenvolvimento industrial, comercial, agricola dos paizes, agora, em luta, marcariam, sem duvida, uma sigbnificação mais favorável de progresso. Entretanto...” (20 de novembro de 1914, p. 374).

O Parlamento, em sessão histórica, decide pela participação portuguesa na guerra. A crônica do número 1.293 registra:

A cooperação militar de Portugal na guerra actual ao lado da Inglaterra é um dever indeclinavel – afirmaram unanimemente os chefes políticos de nosso paiz (30 de novembro de 1914, capa).

A “Cronica Occidental” do número 1.315, último número de *O Occidente*, foi assinada por Antonio Cobeira. Sem nenhuma despedida ou acerto de contas, Cobeira dedica-se a lamentar a situação política portuguesa, as arruaças nas ruas e a guerra sangrenta que destruíra a Europa, agora utilizando armas químicas, que envenenam os soldados. Cobeira fecha a longa vida da “Cronica Occidental” com uma mensagem de otimismo. A mesma que, desde o primeiro número, é a preocupação dos diretores-literários: louvar o progresso: “Que importa? Pequenas sombras da civilização – não chegam a embaciar de leve o astro radiosissimo do **PROGRESSO** (10 de julho de 1915, capa).

Inegavelmente, a “Chronica Occidental” foi um porta-voz da vida portuguesa durante o último quartel do século XIX e início do XX.

CAPÍTULO V - Política nacional e internacional

5.1 – Muitas transformações

Em 1878, ano de estreia de *O Occidente*, o Partido Regenerador, substituindo o Avilista, assumiu o poder. Em 1879, o Partido Progressista, oposição do Regenerador, venceu as eleições. Porém, os Regeneradores voltaram em 1881 e 1884. Em 1887 e 1890, o Progressista tornou a vencer. Ramos (2010, p.537) relata:

Entre 1868 e 1871 houve cinco eleições, um golpe de Estado (o último de Saldanha) e oito governos. Para a instabilidade contribuíram, certamente, as dificuldades financeiras, traduzidas em enormes défices e no colapso do crédito do Estado (...), mas também a fragmentação da esquerda em facções mutuamente hostis (reformistas históricos e saldanhistas) e as suas ligações políticas com a Espanha.

O caldeirão político-social modifica até as relações interpessoais. A burguesia, cada vez mais forte, ampliava o seu espaço. Ramos (2010, p. 528) afirma que os burgueses se esforçam para alcançar o *status* exibido pela baixa nobreza. Segundo Ramos (2010, p. 528), até a linguagem se modifica:

Foi então que se terá divulgado o pronome “você” como forma a utilizar entre iguais. A generalização de um certo estilo de vida apropriado à “classe média” pode ser avaliada pela importação, entre 1861 e 1890, de 500 pianos por ano – sendo o piano um dos símbolos da sofisticação social.

Os Manuais de Civilidade da época revelam o esforço das classes emergentes em se adaptar. Inclusive o operariado, que, após aprender a ler para conseguir operar as máquinas da

incipiente industrialização, também começa a se destacar e a seguir as pegadas da nova burguesia. Mattoso (1998, p. 422) explica o sentido da palavra operário na época: *Operário* (grifo da autora), o termo definia tanto o “artífice” como o operário industrial propriamente dito”.

O liberalismo, a grande marca do século XIX, o nacionalismo, o eurocentrismo – fortemente presente na linha editorial de *O Occidente* –, o marxismo, o socialismo, o movimento republicano, o feminismo, o anarquismo, o pacifismo, o positivismo, o darwinismo, o cientismo e a psicanálise obrigam os homens a lançar um novo olhar sobre si. Surpreendentes espaços de pensamento e de poder se abrem, Outhwaite e Bottomote (1996, p. 7) referem:

No final do século XIX, o termo “social” ainda era relativamente recente, assim como o era, de modo geral, a noção de “ciências sociais” distintas. As primeiras associações e publicações profissionais estavam apenas despontando e, enquanto novas ciências sociais, como a sociologia, vinham conquistando reconhecimento, a ciência econômica, como disciplina mais antiga, passava por um intenso desenvolvimento, tanto sob a forma neoclássica que lhe conferiram Carl Menger, Léon Walras, Alfred Marshall e outros, como na vertente que dava peculiar ênfase aos trabalhos da escola histórica alemã. Todas as ciências sociais sentiam-se no direito de reivindicar precursores nos séculos XVIII e XIX, ou ainda mais remotos no caso da ciência política e da história, e as idéias de alguns desses pioneiros permaneceram influentes.

Apesar deste quadro dinâmico, *O Occidente* opta por se manter distante de tantas transformações. A proposta de não se envolver com as demandas sociais portuguesas, anunciada na primeira edição, é levada ao pé da letra. Do número 1 ao número 361, em 1º de janeiro de 1889, quando surge uma nova rubrica, “Revista Política”, a revista segue a moda então vigente de não se filiar politicamente e de não polemizar. Sousa (2011, p. 60) confirma: “*Periódicos e jornais* (grifos da autora) procuravam, principalmente, relatar factos importantes ou simplesmente interessantes com a verdade e a objetividade possíveis”.

Reforçando a ideia de que a política não era um assunto que merecesse destaque, Tengarrinha (2001, p. 90) afirma “na necessidade de encontrar um público mais largo, o

jornal procura manter uma atitude imparcialmente objetiva, dirigindo-se assim a todos e não a um grupo de leitores ideologicamente afins, necessariamente muito mais restrito”.

Assim, desde seu lançamento, as raras notícias políticas de *O Occidente* primam pela *secura*. Quando a direção da revista necessitava se manifestar ou recorria a eventuais artigos de fundo – pequenos, mas publicados em destaque, como na edição 59 (1º de junho de 1880, capa), quando anunciou oficialmente a sua adesão à homenagem a Camões, ou apelava ao diretor-literário, que inseria o assunto na “Chronica Occidental”.

Logo no número 4, em 15 de fevereiro de 1878, *O Occidente* noticia uma reforma ministerial. Abre espaço para ilustração dos novos ocupantes do cargo: rostos, nomes e nada mais. Sobre a vida e as convicções de cada um, nem uma palavra.

O número 21, em 1º de novembro de 1878, dá conta, através da “Chronica Occidental”, que Portugal viveu eleições gerais. A notícia é dada em tom generalista e não fornece nenhum detalhe.

No número 36, em 15 de junho de 1836, os leitores são informados de nova reforma ministerial. Desta vez, além das gravuras das recém-empossadas autoridades, a revista publica um pequeno currículo de cada um. Cabe à “Chronica Occidental”, assinada por Guilherme D’Azevedo, comentar o acontecimento:

Há quinze dias apenas um ministério resvalou no pó dos túmulos e não falta já quem ache velho o que lhe succedeu (...) Enquanto o minotauro popular vao roendo os ossos da *situação* (grifo do autor) que, um dia, mais cedo ou mais tarde, entregará os esqueletos aos seus ginetes de correio a outra que se proponha a sallvar-nos definitivamente. (pp. 91, 93 e 94).

Sem se comprometer, *O Occidente* vai relatando os movimentos da política nacional. Os novos ministros da Marinha e da Guerra (números 63 e 73), novos ministérios (por exemplo, nos números 105, 175, 259, 357, entre outros), festa liberal no Porto (número 166, p. 170). Também no Porto, a surpreendente *grève* - assim, em francês -, dos carreteiros e os

tumultos que se seguiram só foram registrados pela “Chronica Occidental” do número 218, 11 de janeiro de 1885.

Na morte do rei dom Fernando, 15 de dezembro de 1885, viúvo de dona Maria II e pai de dom Luiz I, Portugal assombrou-se com o seu testamento. O falecido legara à sua segunda mulher, com quem se casara oficialmente após 16 anos de viuvez – a condessa D’Edla, Elisa Hensler, nascida na Suíça, plebeia e cantora lírica, que, para supremo escândalo da conservadora sociedade portuguesa, era mãe solteira – dois castelos em Sintra: o da Pena e o dos Mouros, com todos os objetos que eles continham.

Se o casamento não fora bem-recebido, o testamento provoca enorme discussão. *O Occidente* registra a morte, o enterro, a missa de sétimo dia, as exéquias (30.º dia), a emoção lusa e publica um artigo de Ramalho Ortigão defendendo a vida afetiva de dom Fernando II no número 254 (11 de janeiro de 1886, p. 10). Só registra a presença da condessa na edição 253 (1º de janeiro de 1886, p. 2), ao noticiar o momento em que o corpo foi levado para o velório na capela do Paço das Necessidades. Depois deste momento, a viúva some do noticiário.

Como a família real mantivesse silêncio sobre o assunto (dom Luiz só contestará judicialmente o testamento alguns meses depois), a revista, em matéria não assinada – o que revela a posição oficial do periódico –, trata de se isolar dos comentários pró e contra a decisão de dom Fernando na edição 255 (21 de janeiro de 1886, p. 18):

No cumprimento do nosso programa, de fazermos a história contemporânea illustrada, vamos registrar as paginas de O Occidente este facto histórico, completando assim a chronica d’esse acontecimento que (...) enlutou a nação portugueza.

A História portuguesa esqueceu-se da condessa que, acuada pela pressão popular, acabou devolvendo os palácios. A negociação foi feita pelo rei dom Carlos, filho de dom Luiz, que, em 1890, indenizou a viúva do avô em 410 contos e recuperou as propriedades para o governo português.

Na sequência de uma campanha de opinião pública contra este legado, a Condessa vendeu todos estes bens ao Estado Português, conservando, porém, o usufruto do seu *chalet*. (Reis, 1996, p. 26).

A notícia é publicada na edição 378, sem citar a decisão judicial e comprometer a família real. Apenas informa que:

Um facto recente trouxe para a discussão do Parlamento e da imprensa o Palácio da Pena (...) este facto foi a proposta que o governo apresentou em côrtes para a compra d'este palácio aos herdeiros de dom Fernando, incorporando-o aos bens do estado (21 de junho de 1889, p. 138).

A opção de manter os leitores “ao facto do que se vae passando na política”, mas com distanciamento crítico, revela-se difícil de sustentar. Em se tratando de política nacional, os poucos comentários não conseguem esconder as inclinações dos vários autores de matérias assinadas ou as de Caetano Alberto, que, como afirmamos, utilizava para se expressar as “Chronicas Occidentais” ou artigos de fundo. Consideramos que, com o passar do tempo, a direção da revista observou que o não comprometimento com o cotidiano ideológico português começara a ficar excessivo.

Entre 1876 e 1899 – ano em que é lançada uma nova seção, a “Revista Política” –, Portugal vive momentos muito importantes. Reviravoltas políticas, o agravamento da crise financeira, o aumento da migração do interior para Lisboa e o Porto (criando bolsões de desempregados), o fortalecimento do partido republicano, o alargamento do direito de voto, a morte do influente político Fontes Pereira de Melo, a regulamentação do registro civil, o reconhecimento da Geração de 70, o grupo ativo de intelectuais, entre os quais se destacavam Antero de Quental, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, todos com pensamento europeísta e que ansiavam por ver Portugal no mesmo caminho dos países mais avançados. Ramos (2010, p. 545) refere:

Eram autores da classe média, que olhavam para a população com a mesma combinação de filantropia e desespero dos colonizadores europeus confrontados com os indígenas de outros continentes.

Foi esta geração que antecipou, com sua linguagem crítica, a modernidade portuguesa. Também ensinou o pensamento transgressor.

5.2 – A “Revista Política”

Portugal fervilhava social e politicamente, mas a revista mantinha-se distante destas transformações. Citava-as *en passant*, sem profundidade ou tentativa de análise. Para compensar a deficiência informativa nesta área, *O Occidente* inaugura no número 361 (1º de janeiro de 1889, p. 7) a rubrica “Revista Política”, assinada por João Verdades. Nela, propõe-se a manter os leitores informados do que se passa na vida portuguesa, da mesma maneira que o faz “nas regiões da arte, da ciência, da litteratura e da industria”. E, no texto de inauguração, completa:

E assim seremos tão concisos, como afinal de tudo o é a política portugueza no acanhado de seus ideaes, em que apenas se permite o girar em torno da urna eleitoral (...) a situação política não tem soffrido sensíveis alterações, e as reformas que se fazem hoje, desmancham-se amanhã (...) Annuncia-se já uma boa provisão de reformas que o governo apresentará ao parlamento (...) Essas reformas interessam à secretaria do reino, aos caminhos de ferro, à camara dos pares, é lei eleitoral e é de se esperar que mais algumas apareçam durante a época legislativa (...) tudo isto nos leva a crer que vamos entrar numa idade de ouro, sorridente que nos resgatará desta madorra innata em que vivemos sob este céu dourado.

A “Revista Política”, que se torna o espaço mais próximo dos acontecimentos portugueses é sempre publicada na sétima página e assinada por João Verdades. Observamos que o discurso permanece dúbio, nem lá nem cá, apesar dos últimos anos tumultuados politicamente. Segundo Ramos (2010, p.545), desde 1886, a esquerda mandava no país e implementara importantes reformas administrativas e socioeconômicas. Além de aumentar os impostos, o governo também apertara o controle sobre as câmaras municipais. A nova contribuição industrial provocara, em 1888, motins na cidade do Porto, que deixaram mortos e feridos. Em sua primeira “Revista Política”, *O Occidente* prefere ignorar tais medidas. Afinal, a elite apreciava o novo *modus vivendi*, conforme registra Ramos (2020, p. 548).

O governo progressista estabeleceu o monopólio público da fabricação de tabaco e da emissão de moeda, restringiu as importações de cereais e preparou uma nova pauta alfandegária protecionista. Muitas destas políticas convinhavam financeiramente ao Estado, porque aumentavam a receita fiscal. Mas correspondiam também à uma nova moda cultural. Depois de anos de cosmopolitismo, a elite cultural encantava-se com o mito do genuinamente “nacional”.

Sem grande paixão ou envolvimento, a “Revista Política” segue o ano de 1899 noticiando sem profundidade os acontecimentos internos do país. O número 362 relata a abertura do Parlamento no dia 2 de janeiro, e comenta, além do “monstro do deficit”, as propostas de leis da Coroa:

Treze ao todo (...): reforma da lei eleitoral, modificação na lei de recrutamento, reforma do processo commercial, reeforma da medicina legal, a aposentação dos parochos, modificação na decima de juros, reforma no regimen fiscal dos cereaes, providencias para auxiliar os bancos portuenses na solução dos encargos do caminho de ferro da fronteira a Salamanca, augmento da marinha de guerra, reformas do codigo da justiça militar e da instrucção do exercito, providencias para a industria e agricultura (11 de fevereiro de 1889, p. 15).

Os assuntos em pauta quando *O Occidente* dava os primeiros passos na arte de se equilibrar na corda bamba da política interna portuguesa eram, principalmente, críticas ao não comparecimento dos legisladores às sessões, comentários sobre o levantamento da dívida de dom Miguel junto ao governo francês, a confusão e até o ridículo no Parlamento, corrupção, comícios e insatisfação popular.

Os motins na cidade do Porto, as eleições, a compra de votos, os novos ministérios, o disparate de nomeações políticas para o ministério – o titular da pasta da marinha é engenheiro civil e o de obras públicas, advogado –, também alimentaram os comentários da nova rubrica.

No número 391 (1º de novembro de 1889, p. 247), a “Revista Política” não se acanha em afirmar que as eleições recentes em nada haviam mudado “o rebanho docil e confiante que está no Parlamento apenas para aprovar o que o governo quizer”.

5.3 – Ultimato Inglês, a reviravolta editorial

A grande reviravolta ideológica de *O Occidente* e da “Revista Política” ocorre em 1890, imediatamente após o ultimato inglês. Nesse ano, a maior parte da seção política dedica-se ao assunto. A “Chronica Occidental” e matérias assinadas ou não também exploram o que *O Occidente* considera “uma grande humilhação” (número 399, 21 de janeiro de 1890, p. 23). No número 403 (1º de março de 1890, p. 56), a frase “da Inglaterra não se pode esperar nada de bom para Portugal” (p. 56) revela o ânimo pessimista de *O Occidente* ante a agressão.

O Ultimato Inglês é o momento em que *O Occidente* assume completamente a sua posição nacionalista e colonialista. O periódico não usa meias palavras para atacar a Inglaterra. Os textos fazem-se acompanhar por gravuras abertas em página inteira. As manifestações do povo nas ruas de Lisboa e do Porto são descritas com entusiasmo e estimuladas a se repetirem.

No primeiro número após o ultimato, a edição 399, a indignação ocupa quase todas as páginas. A “Chronica Occidental”, assinada por Gervasio Lobato, define a exigência inglesa e a cedência lusa como uma “bomba de dinamite” e continua:

A grande alma popular que muita gente julgava adormecida para sempre na nossa terra despertou entusiasta, viril, heroica, o amor santo da patria vibrou em todos os corações que muitos julgavam mortos na indiferença, e ao insulto do estrangeiro atrevido a nação ergueu-se toda n’um impeto brilhante, grande e audaz, de sagrada indignação (21 de janeiro de 1890, p. 18).

A página central é aberta com ilustrações dos movimentos populares contra o Inglaterra e a legenda não deixa margem às dúvidas quanto a posição da revista: “As manifestações patrióticas em Lisboa”.

A “Revista Política” desta edição também não esconde o seu desagrado e anuncia que a queda do ministério “foi a primeira resposta à vergonha”:

O governo portuguez amedrontou-se com a demonstração de força que a Inglaterra lhe fez (...) e fez passar Portugal por mais uma vergonha. (...) De um extremo ao outro ressoou um grito de indignação, que foi um verdadeiro protesto patriótico contra o novo attentado cometido contra a integridade de nossos territorios em Africa (...) A consequencia deste clamor foi a immediata queda do ministerio (21 de janeiro de 1890, p. 23).

É preciso conhecer a história deste ultimato, nem que seja a *vol d’oiseau*. Momento de capital importância no século XIX português, o Ultimato vinha se armando desde 1876, quando a Inglaterra, Alemanha e França, lideradas pela Bélgica, reuniram-se em Bruxelas numa cimeira chamada Conferência Geográfica, que criou a Associação Internacional Africana. Portugal, dono de vastas colônias no continente, não foi convidado a participar deste encontro, que pretendia promover a exploração e civilização da África Central. Segundo Marques (1998, p. 220):

Na prática, a associação tinha implícitos fins políticos (...). O rei Leopoldo (*da Bélgica*, grifo da autora) surgiu como uma espécie de árbitro na cobiça e rivalidade das grandes potências (...) Portugal não foi convidado, o que correspondia à política deliberada de ignorar as suas pretensões coloniais como provindas de uma nação pequena e subdesenvolvida. (Marques, 1998, p. 220).

A Associação Internacional Africana não apenas ignorou os direitos adquiridos por séculos de efetiva colonização portuguesa. Também desafiou Lisboa ao determinar que a região ao sul do rio Zaire passasse a ser zona de livre comércio, aberta a todas as nações. A Europa sabia que Portugal tinha História e passado, mas não tinha força e dinheiro. Mendonça e Policarpo (2006, p. 5) analisam: “na época, o consenso era de que Portugal, pequeno, poderia sumir com a agressividade da política germânica”.

É a primeira humilhação. *O Occidente*, que apoiou o colonialismo e defendeu os territórios luso-africanos, abre imensos espaços, com textos e gravuras, cobrindo essas expedições que classifica de heroicas.

Na verdade, a rápida industrialização europeia requeria novas matérias primas e os governos das nações mais avançadas optaram por encontrá-las através de uma política imperialista na África. Diante da atitude agressiva desses estados, Portugal estimulou expedições científicas e se preocupou em tornar mais poderosa a defesa de suas colônias, conforme comenta Reis (2005, p. 177):

A política económica do colonialismo exigia o bom conhecimento das riquezas e das potencialidades naturais africanas. Por isso se realizaram várias incursões no interior (...) e viagens de exploração desde a parte ocidental (Angola) à parte oriental (Moçambique). Estas expedições tinham, simultaneamente, uma intenção de pesquisa científica, cujos resultados foram brilhantes nos domínios da geografia, da etimologia, da zoologia, da botânica, da hidrografia e da linguística.

Em 1878, número 291 (21 de janeiro de 1887, p. 20), já em resposta à Cimeira de Bruxelas, *O Occidente* louva, em texto e gravuras, a coragem do major Serpa Pinto e do tenente Augusto Cardoso. Os dois, explorando uma região até então desconhecida, levaram a bandeira portuguesa do lago Nhassa à costa de Moçambique. Santos (1991, p. 20) registra:

Serpa Pinto (...) rompendo de Bihé para leste, e vencendo o nome portuguez, n'uma das mais notáveis e arrojadas travessias do Continente Negro (...) urgia levar a bandeira (...) às margens desse lago (...) por interesse e segurança do direito e da expansão política da soberania portugueza na costa orie que daquelle lado frequentemente ameaçam, de há muito, as missões e explorações inglezas, ao mesmo tempo que o commercio importantíssimo da região se tem ido escoando em direcção a Zanzibar.

Anunciando o lançamento do livro “De Angola à contra-costa”, que relata a viagem dos “intrépidos exploradores de Hermegildo Capello e Roberto Ivens”, o número 293 (11 de fevereiro de 1887) publica uma página inteira com gravuras de africanos (p. 37) e, em matéria assinada por C. A. reforça a autoridade de Portugal sobre aquelas terras e declara, com todas as letras, a adesão de *O Occidente* à política colonialista portuguesa:

A obra (...) é mais uma afirmação do quanto, n'estes ultimos annos se tem trabalhado em Portugal, a favor da civilização africana (...) um percursso de 4.500 milhas vencidas em quatorze meses. Destas 4. 500 milhas, cerca de 3.000 em território que nunca foi pisado por europeus e raro por naturais. (...) *O Occidente*, que desde sua fundação, tem sempre acompanhado com o maior interesse todo esse movimento produzido em favor da África, que tem sido talvez o periodico que desde o seu princípio mais se tem occupado de assuntos africanos, não pode deixar de saudar o novo livro.

Com o passar do tempo, o problema entre Portugal e os países mais ricos da Europa agrava-se. Novamente, as potências se reuniram, dessa vez com presença portuguesa, com o propósito declarado de dividir a África. A Conferência de Berlim aconteceu entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885. Terminou com a Alemanha, que até então não

tinha territórios na África, administrando o sudoeste do continente. Nesta conferência, Portugal apresentou a sua proposta que Saraiva (1993, p 240) relata: “um grande império na África Austral da costa do Atlântico à costa do Índico, sugestivamente representado no ‘mapa cor de rosa’ da responsabilidade de Henrique de Barros Gomes”.

Todos os países presentes, inclusive a Inglaterra, concordaram com a intenção lusa de unir Angola e Moçambique através de um território que, até então, não tinha dono e que ficava entre as duas grandes colônias portuguesas. A conferência também considerou que seria um pressuposto de posse a capacidade que cada país tinha ou teria de defender os seus próprios interesses. Ou seja, a presença militar. Reis (2005, p. 177) acredita que o domínio das colônias dependia de outros fatores:

A política económica do colonialismo exigia o bom conhecimento das riquezas e das potencialidades naturais africanas. Por isso se realizaram várias incursões no interior (...) e viagens de exploração desde a parte ocidental (Angola) à parte oriental (Moçambique). Estas expedições tinham, simultaneamente, uma intenção de pesquisa científica, cujos resultados foram brilhantes nos domínios da geografia, da etimologia, da zoologia, da botânica, da hidrografia e da linguística.

Durou apenas cinco anos o acordo. Em 1890, unilateralmente, Londres ameaçou Portugal com uma guerra se Lisboa não desistisse de sua intenção de ligar, através de Angola e Moçambique, os oceanos Atlântico e Índico. Mattoso (1998, p. 266) explica este episódio:

Em 11 de janeiro de 1890, um ultimato formal, exigindo a imediata retirada das forças militares das áreas que considerava fora da soberania portuguesa em Moçambique, isto é, o abandono da zona do Chire e das terras da Macololo e Machonas.

O tom do ultimato foi arrogante. A rápida resposta lusa, cedendo à determinação da Grã-Bretanha, feriu cada cidadão português, unindo-os em uma onda de fervoroso

nacionalismo, que deu início à derrocada da Casa de Bragança. José Hermano Saraiva (1993, p. 241) reproduz o ultimato, do qual destacamos a insolência do último parágrafo:

“Mr. Petre ver-se-á obrigado, à vista de suas instruções, a deixar imediatamente Lisboa, com todos os membros de sua legação, se uma resposta satisfatória à precedente intimação não for por ele recebida esta tarde; e o navio de Sua Majestade, Enchantress, está em Vigo esperando as suas ordens. Legação Britânica, 11 de janeiro de 1890”.

A resposta portuguesa ainda tentou manter alguma dignidade, confirma Saraiva (1993, p. 246):

Na presença de uma ruptura iminente de relações com a Grã-Bretanha e de todas as consequências que dela poderiam talvez derivar-se, o governo de Sua Majestade resolveu ceder às exigências formuladas nos dois memorandos a que alude (...), o Governo de Sua Majestade vai expedir para o governador-geral de Moçambique as ordens exigidas pela Grã-Bretanha.

Um século depois, Torgal e Roque (1998, p. 266) analisaram o impacto da decisão inglesa e submissão portuguesa na alma do povo luso, que tanto se orgulhava da história do país:

Não será difícil avaliar o choque profundo e duradouro que o ultimato britânico provocou em Portugal. Na verdade, a cedência passiva da Corte à pressão exercida pela “velha aliada” viria a provocar um descontentamento profundo e a acentuar uma não menos profunda divisão na sociedade portuguesa.

O Occidente, até então um pacato periódico, transforma-se em um dos mais inflamados porta-vozes do descontentamento nacional. Na “Revista Política”, na “Chronica Occidental” ou em matérias gerais, divulga sem parar as aventuras de exploradores portugueses, a ida e a volta das tropas que combateram nas colônias, a bravura e a força dos

soldados e o inalienável direito português sobre as suas posses africanas. Paralelo à essa tomada de posição, manteve o tom dúbio em assuntos internos que, realmente, pareciam não o interessar.

A aparente e súbita mudança política de *O Occidente* só surpreende a quem não o lê com atenção. Compreendendo também a política – e este é o nosso propósito – como o apoio aos movimentos de afirmação de cidadania, à manipulação dos sentimentos nacionais, ao fortalecimento do passado em prol da manutenção do *status quo*, então *O Occidente*, apesar de desprezar a política menor, a política partidária, exerce com vigor um papel político. Há pouco ou nenhum espaço para os problemas e disputas eleitorais locais. Espaço existe para a construção do Portugal moderno e inserido na nova realidade europeia.

5.4 – Exposições universais

A afirmação da história lusa encontrou outro espaço para ser divulgado: as exposições universais, que, nas palavras de Filipa Lowndes Vicente, citadas por Alda Santos (2009, p. 58), “eram o maior símbolo de progresso inventado no século XIX”. Nelas, a participação portuguesa é sempre valorizada através de textos e gravuras publicados com destaque. Também nelas, *O Occidente*, que, segundo Santos 2009, p 59), defendia “que as conquistas civilizacionais deveriam ser alcançadas através do trabalho, da ciência e da arte”. Hobsbawn (2004, p. 95) afirma que, nas exposições internacionais, a burguesia europeia gloriava-se “o triplo triunfo da ciência, tecnologia e manufacturas”. Portugal também aproveitava as ocasiões para mostrar ao mundo os seus progressos e as suas obras de arte.

Embora as exposições universais fossem realizadas em outros países, a cobertura feita pelo *O Occidente* foca-se apenas nos interesses lusos. As cidades que abrigaram as exposições – entre outras, Paris, Londres, Filadélfia (USA), Barcelona e Viena – serviam apenas de cenário para Portugal apresentar ao mundo a sua modernidade.

Celebrando a produção capitalista, cerne da lógica burguesa, e exaltando a sociedade industrial, as exposições comemoravam os novos modos de produção e a classe social

emergente, estes, fiéis leitores de *O Occidente*. Santos (2009, p. 59) refere que “através destes eventos mesmo uma nação pequena, como Portugal, assegurava a cordialidade de suas relações internacionais (...) A participação de cada nação era quantificada permitindo uma avaliação de seu grau de desenvolvimento”.

5.5 – Regicídio

Apesar das renovadas manifestações de apoio à monarquia, o vício de não relatar o cotidiano político português acaba sentenciando *O Occidente* à morte. Em nossa opinião, no dia 1º de fevereiro de 1908, data do regicídio, o periódico começa a acabar. Não consegue superar o baque do quase inacreditável amadorismo à cobertura do assassinato do rei dom Carlos e de seu filho, o príncipe herdeiro Luiz Filipe. Afirmamos que os diálogos entre o discurso de *O Occidente* e os discursos político e humano dos acontecimentos foram nenhum. A revista mostrou-se incapaz de reagir, ou mesmo entender, a gravidade do momento.

Não afirmamos, porém, que *O Occidente* foi colhido de surpresa. O primeiro-ministro João Franco, fundador e líder do Partido Regenerador Liberal, acumulava excesso de poderes delegados por dom Carlos. Para controlar a agitação política, Franco instalara uma ditadura, comentada por João da Camara. Na penúltima “Chronica Occidental” que escreveu antes de morrer, Camara alertou para excessiva agitação política:

Nunca a política andou tão activa quanto agora. A attitude dos partidos, depois de efectuadas as respecticas reuniões, excita a curiosidade (...) Boatos, e muitos, já correm sobre as decisões que serão tomadas pelo bloco liberal (...) o partido republicano vae crescendo (número 1041, 30 de novembro de 1907, p. 258).

Saraiva (1998, p. 488) considera que a instalação da ditadura, decidida por João Franco, adubou ainda mais os ânimos já exacerbados:

Em 1907 (...) o rei concedera a João Franco o que, alguns meses antes, tinha recusado a Hintze Ribeiro: o governo sem parlamento. A reacção de todas as forças políticas a esta attitude foi de reprovação enérgica e violenta. O Conselho de Estado, a Câmara dos Pares, a Câmara dos Deputados, o Município de Lisboa, os partidos tradicionais, elaboraram representações dirigidas ao monarca condenando a suspensão das câmaras.

Além do mais, os jornalistas sentiam no exercício da própria profissão os malefícios que a política de endurecimento de João Franco trouxera à sociedade portuguesa. Tengarrinha (2006, p. 52) relata que, em 1907, com a desculpa da “necessidade urgente e inadiável de pôr cobro à agitação”, foi promulgado um decreto que estabeleceu a censura:

Fica (grifo da autora) proibida a circulação, exposição ou qualquer outra forma de publicidade de escritos, desenhos ou impressos atentatórios da ordem ou segurança pública. Nenhum novo periódico podendo publicar-se sem preceder autorização do governador civil do respectivo distrito. Sem que vigorasse formalmente a censura prévia, era de facto impedido o debate sobre a situação política, apenas sendo autorizado o que incidisse em matéria estritamente doutrinária

É certo que ninguém esperava o regicídio, apesar de as convulsões político-sociais indicarem claramente que o quadro se agravaria. A assinatura, na véspera do atentado, do decreto que penalizava com degredo os inimigos do governo, foi a gota d’água. Numa redação contemporânea, repórteres já estariam preparando biografias das principais personagens e historiando o clima pesado do país. As matérias seriam colocadas “na gaveta”, como define o nosso jargão, para que, no momento certo, só se precisasse atualizá-las, além de cobrir os últimos fatos. Reis (2005, p 186) explica o momento (entre outros) que nós acreditamos exigir o plantão dos jornalistas:

A instabilidade agitava a vida política (...). O Partido Republicano (reforçado com a instituição da Carbonária) aumenta a contestação (...) avolumam-se as ameaças à ordem estabelecida: a monarquia responde com a prepotência do autoritarismo: instala-se a ditadura de João Franco.

O tumulto político culminou com o assassinato do rei e de seu filho e herdeiro na tarde do dia 1º de fevereiro de 1908. O atestado de óbito de ambos registra as mortes às cinco horas. *O Occidente* só faz este registro no número 1049 (20 de fevereiro de 1908, p. 38): “dos autos que ali se leram e assignaram, consta que el-rei e o principe real falleceram às 5 horas

da tarde do dia 1º de fevereiro de 1908”. Ou seja, 20 dias após as mortes, a revista faz a declaração formal do horário em que elas ocorreram.

Aos jornalistas de *O Occidente* faltaram criatividade, ousadia, coragem. Faltou, principalmente, espanto, sentimento que move um bom jornalista. Nós, os profissionais de veículos de comunicação, nunca podemos deixar de nos surpreender diante de um acontecimento. Deixamos de ser jornalistas quando perdemos a curiosidade.

Apático, *O Occidente*, após o regicídio, continuou cumprindo a sua agenda. Publicou o número 1.048 na data prevista: 10 de fevereiro de 1908, exatamente dez dias após a tragédia. Na capa, uma foto de dom Manuel II, já tratado como sua majestade, o rei de Portugal. A “Chronica Occidental” dessa edição (p 26) assinada por Alfredo Mesquita, tenta agradar aos monárquicos e aos anarquistas, comentando que o crime fora responsabilidade de todos os seus atores:

O rei dom Carlos de Bragança, assassinado em pleno dia numa das praças de seu reino, e o professor Buiça, seu assassino, procuraram resgatar do desprestígio, num angustioso momento histórico, o caracter portugues. (...) O rei e o regicida se defrontaram (...) no mesmo intuito de bem proceder.

A bem da verdade, *O Occidente* não esteve sozinho nessa linha de dividir as responsabilidades. Outros jornais, republicanos ou socialistas, defenderam a mesma tese. Não aplicamos a *O Occidente* o rótulo nem de republicano, nem de socialista, nem de vanguarda. Consideramos que a crônica seguiu esse caminho no intuito, sempre presente na revista, de agradar a todos os leitores. Embora não pertença ao nosso campo de estudo, registramos que muitos jornais europeus e portugueses defenderam os assassinos. Parte da *intelligentzia* lusa também aderiu ao movimento em prol dos carbonários. Saraiva (1998, p. 493) reproduz as palavras de Guerra Junqueiro escritas na época: “Diante dos cadáveres dos homicidas descubro-me, ajoelhando, com frémios de terror, lágrimas de piedade e, por que não hei de confessá-lo? de admiração e carinho”.

Essa discussão não nos pertence e, portanto, voltamos ao comportamento de *O Occidente* no período do Regicídio. O mesmo número 1.048 ao qual já nos referimos, o primeiro após a morte de dom Carlos, usa gravuras e fotos de arquivo. Traz, na página 26, uma biografia de dom Carlos e dom Luiz Filipe como se os portugueses não os conhecessem e não soubessem o que lhes tinha acontecido. Apresenta El Rey dom Manuel II lamentando a sua dor e louvando-lhe a coragem e o “caráter lhano e franco” (p.26) e relata a história do atentado, já notícia velha.

A matéria sobre dom Carlos aparece na página 27 acompanhada por uma gravura de dona Amélia com dom Luiz Filipe recém-nascido ao colo, gravura que fora capa no número 305, de 11 de junho de 1887, quando, enfim, o público viu a primeira imagem do herdeiro recém-nascido. Na mesma página, um artigo sobre dom Luiz Filipe e outro sobre o novo ministério. Aliás, o novo ministério, com fotos dos ocupantes dos cargos, ocupa mais espaço editorial do que as fotos e os textos sobre a família real.

Um capítulo do folhetim *O conto do fidalgo da aldeia*, de Miguel José Rodrigues, um boletim meteorológico, a indicação do livro *Elementos para o estudo da condição physica e intellectual da mulher* (p. 31), uma gravura da Praça do Comércio (p. 32), além de alguns anúncios pagos (p. 32) completam a primeira edição de *O Occidente* após a tragédia que comovera o mundo inteiro. Nesse número, a “Revista Política” não é publicada.

A edição 1.049, de 20 de fevereiro de 1908, tenta – inutilmente, cremos – justificar-se com os leitores pela péssima cobertura do regicídio, acusando a imprensa pela onda de violência que se abateu sobre o país e pregando um discurso mais contido. Reforça a sua posição de distanciamento dos fatos, dedicando uma surpreendente capa aos novos reis da Suécia – como se, em Portugal, não tivesse nada de interessante ou emocionante para registrar –, e relata os funerais do rei e do príncipe apenas na página 34, logo após apresentar as majestades do país nórdico.

Com o título “O funeral de El Rei D. Carlos e do princepe Luiz Filipe”, cobertura fotográfica e ocupando parte das páginas 34 e 38, além das páginas 35, 36, 37, *O Occidente*, em matéria sem assinatura, descreve em detalhes o início do sepultamento desde quando os corpos foram levados do Paço das Necessidades até a Igreja de São Vicente de Fora.

Observamos que, nessa matéria, a grafia da palavra *príncipe* não segue nenhuma norma. Ora é grafada *princepe*, ora *príncipe*.

O mesmo acontece com o vocábulo *paço*, que é grafado em caixa alta ou não. Manuel também é motivo de discordância entre os redatores. Tanto pode aparecer com *U*, Manuel, como com *O*, Manoel. No texto não há nenhuma referência a ele, às rainhas ou ao infante dom Afonso, que, com a morte do irmão e a subida do sobrinho ao trono, tornara-se o novo príncipe herdeiro. Não há sequer uma citação aos exames dos cadáveres, que já haviam sido feitas no dia 2 de março de 1906, segundo o documento que se segue referido por Samara e Tavares (2008, p. 109):

Relatório do exame no cadáver de Sua Majestade El Rei o Senhor Dom Carlos [...] Conclusões: 1ª A morte de Sua majestade El-Rei Senhor Dom Carlos foi causada por ferimento com arma de fogo. 2ª Foram dois os projecteis que feriram Sua Majestade, ambos penetraram pelas costas, um na transição da nuca para o tórax, outro do lado direito da coluna vertebral ao nível do 5º espaço intercostal; o primeiro projectil fracturou a coluna vertebral, lesou a medula, perfurou os tecidos moles do pescoço e saiu pela região supra-hioideia média; o segundo penetrou na cavidade do tórax e deve ter ferido o pulmão direito, ficando alojado na referida cavidade. 3ª Os ferimentos foram mortais. Lisboa e Paço das Necessidades, em 2 de Fevereiro de 1908.

Os mesmos autores (2008, pp. 109-110) reproduzem o documento oficial que analisou as causas da morte de dom Luiz Filipe:

Relatório do exame no cadáver de Sua Alteza o Príncipe Real Dom Luís Filipe [...] Conclusões: 1ª Sua Alteza o Príncipe Real Senhor D. Luís Filipe recebeu dois ferimentos feitos com arma de fogo; um na região pré-cordial, que rompeu e descolou a pele num pequeno trajecto cego, por diante do osso externo e saiu, recuando, sem ter penetrado na cavidade do tórax; outro na face; neste o projectil profundou adiante do pavilhão da orelha esquerda, ao nível

do lóbulo deste pavilhão, fracturando a base do crânio, contundiu as meninges e o encéfalo e saiu pela nuca, causando a morte. 2ª O agressor ou agressores deviam achar-se em frente e ao lado esquerdo do Príncipe, quando dispararam os tiros que feriram Sua Alteza. Lisboa e Paço das Necessidades, 2 de Fevereiro de 1908.

O número 1.050, de 29 de fevereiro de 1908, sai normalmente, sem nenhuma referência à família real. A vida segue sem novidades, ao menos no entendimento de *O Occidente*. Dom Carlos, dom Luiz Filipe e todo o significado político de suas mortes foram, para a revista, apenas um detalhe da vida portuguesa. Voltam a ser publicadas as matérias sobre a África, os folhetins e as crônicas que divulgam o movimento cultural de Lisboa. A edição segue o ritmo de sempre, sem comentários sobre os bastidores do poder, que fervilhavam. A “Revista Política” é silenciada, não há sequer uma pensata sobre o vácuo de autoridade que se abria. Mas notícias relacionadas ao regicídio não faltavam conforme registra Saraiva (1998, p. 491):

A morte do rei e do príncipe causaram uma profunda emoção, e nenhuma força política aceitou a responsabilidade moral do regicídio. As investigações policiais, conduzidas com timidez, tentaram relacionar os grupos anarquistas com o caso, mas não conduziram a qualquer resultado. O atentado pareceu ter deixado estupefacto os próprios dirigentes republicanos, que não esboçaram qualquer movimento para explorar o momento de pânico e de debandada geral que a morte do rei provocou nas forças monárquicas.

A morte do rei e, principalmente, do jovem príncipe não responsável pelo caos, mobilizara, como era natural, os corações portugueses. A nação chorava. Ramalho de Almeida (2008, p 111) registra:

Um período de estupefacção e de luto caiu sobre o país (...) luto e pesar (...) De especial menção, o pesar pela morte do príncipe Luís Filipe, figura simpática, ainda puro nas questões dos conflitos de Estado, com uma imagem positiva na vida do país. .

Ramalho de Almeida (2008, pp. 96-101) ressalta a atuação do jornal *O Primeiro de Janeiro*, da cidade do Porto, que, apesar das dificuldades de comunicação, publica os assassinatos já no dia três de fevereiro:

A horas a que escrevemos não temos notícias precisas do trágico sucesso, nem facilidade em obtê-las, porque o telefone foi vedado ao serviço particular e o telégrafo está funcionando sob rigorosa censura (...) A primeira notícia dos acontecimentos tivemo-la às 5 horas e meia da tarde, por via telefônica. Devemo-la à amabilidade d'um colega, que, no entanto, no momento, não pode fornecer pormenores. Os poucos estabelecimentos que estão abertos, cafés e restaurantes, regurgitam de gente, apreciando acaloradamente os acontecimentos.

Nos dias subsequentes, segundo o mesmo autor (2008, p. 100), o jornal do Porto mantém os leitores informados, citando, inclusive, a reação da rainha dona Amélia, que precisou de atendimento médico.

Lisboa, 3 – às 10 e 40 da manhã. A rainha Dona Amélia chamou ao Paço o Sr. José Luciano (...). Tendo a rainha uma violenta crise, aconselharam-na os médicos a que não o recebesse (...) A rainha passou toda a noite sentada ente os leitos mortuários do rei e do príncipe, com as mãos nas do marido e do filho.

Outros jornais também publicaram as muitas novidades do episódio. Provando que *O Occidente* não se manifestou porque não quis ou porque a incompetências não lhe permitiu. Na manhã seguinte ao atentado, *O Diário de Notícias* de Lisboa abriu um título em oito colunas.



Gravura número 5 - Notícia do regicídio no jornal *Diário de Notícias*

Nobre (2004, p. 32) afirma que os jornais mundiais acompanharam pari passo a emoção portuguesa: “em Londres, os jornais exibiam fotos das campas dos regicidas, cobertas de flores com a legenda *Lisbon's shame!*¹⁰”.

A notícia ecoou na Europa, nas Américas e até na Ásia. Fava (2009, p. 25) relata que correspondentes do mundo inteiro chegam a Lisboa para cobrir o primeiro (e único) regicídio português.

A imprensa estrangeira acabou por transformar o regicídio de Lisboa num acontecimento de grandíssimas repercussões internacionais, criando imensa avidez pelo seu conhecimento e dando-lhe foros de caso paradigmático, no qual os povos, os soberanos e os chefes políticos deveriam beber ensinamentos. Ao abrigo deste pressuposto e dando resposta aos seus leitores, os jornais passaram a análises mais comparativas, tendo como ponto de partida a abordagem e leitura de vários aspectos da realidade portuguesa, com relevo para formas de organização e clientelas dos partidos políticos, dirigentes partidários e modos de constituição do tecido social e de distribuição da riqueza. A ênfase é colocada nos agrupamentos políticos e nas «verrinosas lutas» partidárias que tudo envenenam.

¹⁰ Vergonha lisboeta! Tradução livre da autora.

Mas *O Occidente* insistiu em permanecer alheio. Como já citamos “o estilo folhetinesco servia ao gosto dos leitores, sempre desejosos de partilhar uma tragédia” (Sousa, 2006, p. 57). Tragédia maior do que a que estava acontecendo, seria impossível encontrar. No entanto, *O Occidente* seguia robotizado, noticiando os fatos como se ocorressem em outro planeta. Recordamos o a edição 810, de 30 de junho de 1901, quando os reis visitaram a Madeira e os Açores. Esse número de *O Occidente* ressaltou “os telegraphos que trabalham sem cessar”, permitindo que o continente se mantivesse informado sobre a viagem real. Se havia condições técnicas em 1901, claro que também existia em 1908. *O Occidente* se omitiu por incompetência ou covardia.

Esgotadas a trégua política e as emoções, os partidos políticos voltam a brigar e as sessões do parlamento tornam-se, a cada dia, mais tumultuadas. Dom Manuel não passava segurança e autoridade e, mesmo no estrangeiro, a impressão era de tibieza. Portugal, assustado e dividido, precisou entender quando uma parte da população resolveu homenagear os regicidas. Saraiva (1998, p. 493) refere:

O jornal *O Mundo* organizou uma subscrição para ajudar os filhos de um dos assassinos e, pouco depois, tomou a iniciativa de grandes romagens de homenagens às suas campas, perante as quais, nos domingos de fevereiro de 1908, desfilavam muitos milhares de republicanos, que ali deixavam mensagens e coroas funerárias com expressões comovidas.

Nada, porém, chega às páginas de *O Occidente*, que segue impassível. Três meses depois, o número 1.057 traz uma capa imponente: a foto da abertura do parlamento por dom Manuel II. Nesta edição, a “Chronica Occidental” (10 de maio de 1908, p. 98) reafirma a vocação monarquista de *O Occidente*:

A mudança de regimen implicaria em Portugal conflictos de natureza externa que afundariam a ordem publica, e com ella ou a independencia pollitica ou a liberdade pessoal. Hoje, a monarchia é o penhor da segurança e da independencia, embora a independencia seja imperfeita e a segurança precária.

Não podemos deixar de registrar que *O Occidente* era uma revista monárquica. Defender os Bragança significava defender os seus próprios interesses empresariais. Por isso, não nos espantou encontrar na edição 1.058, de 20 de maio de 1908, um texto assinado por C. A. (Caetano Alberto) relatando a aclamação de dom Manuel II. Na opinião do diretor e proprietário de *O Occidente*, nenhuma outra aclamação no século XIX foi cercada de tão grande entusiasmo e carinho popular. Discreta cobertura fotográfica (p. 108) ilustra o texto. A edição se completa com notícias frugais.

O Occidente volta à temática corriqueira: artigos sobre vitórias na África, a campanha da Guiné, a comemoração de cem anos da guerra peninsular, terremotos na Itália, temporais e inundações no norte do país, vida social de dom Manuel II, o juramento diante das Cortes do novo príncipe real, o infante dom Afonso, tio de dom Manuel. Nessa matéria, – número 1126, 10 de abril de 1910, p. 74 – a revista insiste em registrar o brilho, a imponência e a participação popular no evento.

Enfim, entre o assassinato de dom Carlos e a implantação da República, em 4 de outubro de 1910, Portugal, sob a ótica de *O Occidente*, viveu no mais sereno dos mundos. A onda republicana que avançava, atropelando os desacertos da vida portuguesa, não mereceu mais do que comentários. Também não mereceram os seis ministérios diferentes que, durante este período, tentaram administrar um país dividido entre os antigos partidos, nenhum em posição majoritária para garantir alguma governabilidade. Muito menos a agitação do operariado que fazia greves e ameaçava a ordem instituída. Segundo Ramos (2010, p. 575), a confusão era tão grande que, em janeiro de 1910, um juiz da Instrução Criminal de Lisboa escreveu:

Já ninguém salva isso, a não ser uma forte ditadura militar (...) Um cortesão, o Conde Mafra, chegara à mesma conclusão – ‘não vai já sem muita porrada e algum sangue’ – apenas para perceber: ‘a tal porrada de que muitos falam é fácil de dizer. Mas não creio que possam fazê-lo agora. Os tempos não estão para isto.

As edições de 1910 não sinalizam nem o caos político nem a veloz aproximação da grande mudança no sistema de governo. Um mês antes da implantação da república, o número 1.140, de 30 de agosto de 1910, relata, na “Chronica Occidental”, os encantos de dom Manuel pelo Bussaco, onde acabara de passar um *séjour de repos* (capa).

Em 30 de setembro de 1910, três dias antes de eclodir o movimento republicano, a edição 1.143 é dedicada à comemoração do centenário da Batalha do Bussaco, quando, em 1810, as tropas anglo-lusas impediram nova invasão francesa a Portugal. Na capa, uma gravura do Duque de Wellington, comandante da tropa aliada. Nas páginas interiores, com grande cobertura fotográfica, as notícias dos festejos e os elogios de praxe a dom Manuel.

5.6 - A República

O número seguinte, atrasado, engloba as edições 1.144 e 1.145 e sai no dia 20 de outubro de 1910, mais de quinze dias depois da deposição dos Bragança. Outra vez, *O Occidente* prova que perdera a mão da notícia e o bonde da História. Essa edição especial tem como título da capa ‘Proclamação da República em Portugal’. Também na capa, um subtítulo: ‘O Marechal Hermes da Fonseca em Lisboa’. A visita do recém-eleito presidente do Brasil é tratada com mais destaque do que a nova república:

Os acontecimentos não se fizeram esperar muito e vieram comprovar o presentimento de qualquer coisa de extraordinário. Umas setenta horas depois de o presidente eleito da República dos Estados Unidos do Brasil ter chegado ao Tejo, Lisboa proclama a república. Notável coincidência.

Essa matéria, sem assinatura, relata nas páginas 226, 227 e 228, com cobertura fotográfica, a visita de Hermes da Fonseca. Somente na página 229, a revista se debruça sobre a realidade lusa. Da página 229 à página 240, em textos e fotos, noticia a revolução, o primeiro governo da república, a saída do rei, a proclamação da república no Porto e nas

principais cidades do país, o programa de governo, o que acontecera nas colônias e nas ilhas. Ou seja, conta tudo que os leitores já sabiam – outros periódicos haviam publicado. Só não conta que, Ramos (2010, p. 578) refere que quase a república não acontece.

Os conspiradores de 1910 apostaram numa insubordinação dos quartéis e da marinha de guerra em Lisboa. Mas na noite de 3 para 4 de outubro nada correu bem. A maior parte dos carbonários (...) faltou à chamada. Os oficiais e sargentos conjurados só actuaram em dois dos dez regimentos da cidade (...) Na madrugada de 4 de Outubro a situação pareceu tão pouco prometedora, que o chefe da conspiração, vice-almirante reformado Cândido dos Reis se suicidou. Os líderes republicanos esconderam-se. Nos cafés do Chiado, durante a manhã, todos previam o fracasso da revolução (...) O comando da divisão militar de Lisboa nunca os atacou seriamente. Nem sequer impediu a publicação de jornais e a circulação nas ruas.

O fato é que, diante de tanta incompetência revolucionária, a monarquia caiu mesmo de madura. Os oficiais do exército e da marinha não queriam defender um novo governo que classificavam de esquerdista. Novamente, citamos Ramos (2010, pp. 576-579):

Quando, na noite de 3 de outubro, os sargentos filiados nas sociedades secretas republicanas trouxeram umas centenas de soldados para a rua em Lisboa, ninguém, dentro ou fora de Portugal, defendeu o regime. Alguns dias depois, um grande proprietário, par do reino e antigo amigo de D. Carlos, escreveu (...) que aceitava a república, porque ‘a monarquia que existia não merece o sacrifício de quem quer que seja’. (...). O governo, pelo seu lado, parece ter preferido tentar desmobilizar os revolucionários, por intermédio de emissários, a entregar a sua defesa a militares em quem não confiava.

Saraiva (1998, p. 497) anota que se instalou um clima de indisciplina, ninguém sabia quem mandava ou o que acontecia: “em todo o país, a notícia da implantação do novo regime foi recebida sem oposição. A expressão corrente de que a República se implantou pelo telégrafo é verdadeira”.

A situação ficou no ar até o momento em que cruzadores amotinados no Tejo bombardearam o Palácio das Necessidades. Então, apareceram os revolucionários que logo posaram para os fotógrafos. *O Occidente*, que passara a vida louvando a coragem dos reis, dá esta notícia nos números 1.144 e 1.145, publicados em uma só edição (20 de outubro de 1910, p. 237) de maneira deselegante e oportunista: “Na tarde de 4, logo que começou o bombardeamento do Paço das Necessidades, o Rei D. Manoel foi tomado de um profundo pavôr, perdendo toda a coragem e resolvendo logo fugir de Lisboa”..

Fiel à máxima monarquista de rei morto, rei posto, a revista se alinha à nova situação como se tivesse sido republicana desde o primeiro número. Mais de metade da edição do número 1.146, de 30 de outubro de 1910, é dedicada ao enterro dos novos heróis da pátria: o suicida vice-almirante Cândido dos Reis, chefe da conspiração, que pôs termo à vida ao duvidar do êxito de sua própria revolução, e o médico neurologista Miguel Bombarda, republicano e ativista, que, no dia 2 de outubro – portanto, na véspera do movimento –, foi assassinado em seu consultório por um paciente com transtornos mentais.

Os detalhes dos funerais ficam a cargo da “Chronica Occidental” (p. 243), assinada por João Prudencio após um enorme *nariz de cera*¹¹:

Refere-se a Chronica aos funeraes do dr. Miguel Bombarda e do Vice-Almirante Cândido dos Reis, a grandiosa manifestação do sentimento do povo por amor de quem tabto e tão denodadamente haviam trabalhado e soffrido os dois caudilhos da revolução.

Seguem-se mais de duas páginas repletas de interjeições e adjetivos. O último parágrafo (.p 246) indica os novos rumos da revista:

¹¹ *Nariz de Cera*, na linguagem das redações brasileiras, é um texto longo e desprovido de informações, usado apenas para encher a página quando faltam informações. É considerada péssima atuação jornalística.

Se um sopro de alma pudesse perpassar novamente os olhos para sempre serrados d'aquelles dois portugueses valorosos, com que desvanecimento elles veriam ali o começo da realização de sua obra libertadora.

O reconhecimento da república portuguesa por vários países – o Brasil é um dos primeiros a fazê-lo – e as discussões sobre a nova marcha patriótica *A Portuguesa*, composta na época do Ultimato, que, nas ruas, logo se torna o hino nacional tornam-se o assunto preferencial da revista. *O Occidente* noticia o cotidiano da estreante república como se, sempre, tivesse sido um ardoroso defensor desse sistema de governo. Repetindo o mesmo erro cometido na cobertura dos eventos reais, sequer questiona que, como questiona Ramos (2010, p. 583), para a maioria da população, a república repete os velhos vícios monárquicos.

Os líderes republicanos (...) não se diferenciavam da antiga elite política por origens sociais ou percursos acadêmicos e profissionais: na Assembleia Constituinte eleita em 1911, como em todos os parlamentos desde 1820, noventa por cento dos deputados tinham curso superior (...) Aos olhos da (...) população terão sido indistinguíveis de seus antecessores: faziam parte da classe dos que não trabalhavam com as mãos, não tinham o rosto queimado de sol, não vestiam ganga nem usavam boné, e sabiam ler e escrever. É verdade que falavam em nome do povo, discursavam em comícios e usavam grupos de populares armados – mas a esquerda liberal tinha feito o mesmo no século XIX.

José Tengarrinha, que classifica *O Occidente* de “conservador” (2006, pp. 52-53-174), refere que, cinco dias após a implantação da república, foi revogada a lei de 1907, que restringia as atividades da imprensa. Mas a nova lei, por força das pressões e da instabilidade social, acabou recebendo adendos que, de um jeito ou de outro, voltaram a limitar o exercício da profissão. A total liberdade de imprensa nunca chegou. Nada que preocupasse *O Occidente*, fiel à sua política de não oferecer o pescoço à guilhotina.

Em 28 de outubro seguinte, (foi) promulgada uma nova Lei de Imprensa que estabelecia ‘o direito de expressão de pensamento pela Imprensa cujo exercício é livre, independente da caução, censura ou autorização prévia’, (artº 1), permitia a mais ampla liberdade de crítica aos actos do Governo (artº 13), e restituía ao júri o julgamento de todos os crimes de liberdade de

imprensa (artº 28) (...). A verdade, porém, é que (...) várias medidas e práticas acabaram por limitar a plena aplicação dessas bases (...). Ao receio dos inimigos do sistema (...) juntava-se (...) o das forças políticas e sociais consideradas desestabilizadoras.

Acreditamos que *O Occidente* apreciou a mordaza do governo por lhe proporcionar a oportunidade de sobreviver ainda mais quatro anos, oferecendo ao público textos de amenidades e um belo espetáculo iconográfico, agora baseado em fotografias. A revista só volta a ter uma posição – aliás defendida com vigor – na Primeira Guerra Mundial. Então, ela se posiciona a favor da entrada de Portugal na guerra, como veremos adiante.

Entre 1910 e 1913, *O Occidente* serve aos leitores apenas o trivial: as estreias teatrais, livros, edição de folhetins, necrológios, etc. Ignora as modificações impostas pela República, destinadas a criar uma real separação entre o velho e o novo regime. A mudança da bandeira de azul e branco para vermelho e verde. O novo hino, *A Portuguesa*, a implantação de nova moeda, o escudo, moeda que substituiu o real e a reforma ortográfica, que pretendia simplificar a escrita, tornando o português uma língua mais fonética. O decreto sobre a nova ortografia foi publicado no Diário de Governo, n.º 213, de 12 de setembro de 1911:

- 1) A eliminação de todos os dígrafos de origem grega, substituídos por grafemas simples: *th* (substituído por *t*), *ph* (substituído por *f*), *ch* (com valor de [k], substituído por *c* ou *qu* de acordo com o contexto) e *rh* (substituído por *r* ou *rr* de acordo com o contexto).
- 2) Eliminação de *y* (substituído por *i*).
- 3) Redução das consoantes dobradas (ou geminadas) a singelas, com exceção de *rr* e *ss* mediais de origem latina, que têm valores específicos em português.
- 4) Eliminação de algumas "consoantes mudas" em final de sílaba gráfica, quando não influíam na pronúncia da vogal que as precedia.
- 5) Introdução de numerosa acentuação gráfica, nomeadamente nas palavras proparoxítonas.

Essas mudanças aparentemente sem importância, mas que apontavam o advento de uma nova época, ou não são registradas pelo *O Occidente* ou o são em matérias opinativas, o que transferia para o autor do texto o ônus da opinião.

5.6 - Leis republicanas

Em 1911, foi aprovada a Lei da Separação, que tratava da ruptura entre a Igreja e o Estado, algo até então impensável num país ultracatólico e conservador como Portugal. Foi uma ruptura traumática, que apontava a rígida posição anticlerical da República. Marques (1998, p. 353) refere:

A lei da separação de 1911 – por muitos considerada a pedra angular do novo regime – fora precedida de várias outras leis que claramente testemunhavam da (sic) política anticlerical da República. Assim, foram abolidos os juramentos, e as invocações de tipo religioso, incluindo as das escolas, suprimidos os feriados católicos e decretado obrigatório para todos o registro civil de nascimentos, casamentos e óbitos.

A aprovação da lei do divórcio, menos de um mês depois, em 4 de outubro, já deixara o clero insatisfeito. As leis que se seguiram criaram uma grave crise entre o Estado e a Igreja. O papa Pio X procurou interferir com a bula *Jamdudum in Lusitania* (1911, confirmada em 1912). O nome desta bula despertou a nossa atenção. Consultamos a Associação Portuguesa de Professores de Latim e Grego e recebemos a seguinte resposta da professora doutora Isaltina Martins, presidente da Associação, conforme *e-mail* anexo à bibliografia: “O nome da Epistola/Encíclica é, em latim, *Iamdudum* ou *Jamdudum in Lusitania*, que quer dizer “Desde há muito em Portugal”.

O professor doutor Miguel Barbosa do Rosário, do Departamento de Letras Clássicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em *e-mail* também anexado à bibliografia, confirma a tradução da doutora Isaltina Martins e ensina uma particularidade dos textos papais: as primeiras palavras de uma bula ou encíclica são também o seu título. Assim, *Jamdudum in lusitania*, que significam “já faz tempo em Portugal”, são simultaneamente as três primeiras palavras e o título da encíclica de Pio X.

O governo, porém, impediu que a bula papal fosse publicada no país e, em 1913, foram rompidas as relações diplomáticas com o Vaticano. A maioria da população recebeu com desagrado tais medidas. A confusão entre o estado português e a Igreja católica não alterou o cotidiano pacato de *O Occidente*. A revista relata por alto a lei do divórcio e demais embates entre os dois poderes. A “Chronica Occidental” do número 1.147, de 10 de novembro de 1910, assinada por João Prudencio, lembra que, em 1900, já havia sido apresentado ao Parlamento um projeto igual e não se posiciona nem contra nem a favor a implantação do divórcio.

A edição de 1.160 (20 de março de 1911, pp. 58-59) relata a rebeldia do bispo do Porto, dom António Barroso, que foi destituído do cargo por decisão do governo civil após desobedecer a ordem de não ler, nem deixar ler em suas paróquias, a pastoral em que o clero português criticava as autoridades. A edição 1.167 segue o ritmo de tentar se envolver o mínimo possível nas confusões pátrias e recorre à inquisição para justificar o clima pesado que a Igreja supostamente criava em Portugal.

A separação do Estado e da Igreja só contrariou o clero português (...) É que a separação, em Portugal, está já feita de há muito no interior de todas as consciências rectas e sinceras. Esta é a verdade (...) Em face dos crentes o Estado conserva-se numa attitude conciliação e harmonia. A obra da separação não é de hostilidade e de ataque, mas ao contrario uma obra de exclusivo intuitos de paz (30 de maio de 1911, p.114).

Apelar à inquisição para “provar” o mal-estar que a Igreja impunha ao povo português é, acreditamos, tentar manipular demasiadamente a emoção dos leitores. Apesar de ter durado dois séculos e deixado marcas indeléveis na História e na cultura lusas, o último Auto-de-Fé com exibição pública dos condenados e execuções nas fogueiras ocorrera em 1765, como refere Laurinda Gil Mendes (2010, p. 36) no livro *Judeus de Penamacor e a Inquisição*. Ou seja, *O Occidente* usou como argumento um fato ocorrido 146 anos antes.

Em seus três últimos anos, a revista só demonstra entusiasmo em apoiar a entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial. No mais, arrasta-se em assuntos sem apelos comerciais, sem matérias factuais, sem ânimo e sem alma a rotina de refletir um cotidiano português

longe daquilo que, na verdade, ele o era. *O Occidente* se recusava a noticiar os ânimos quentes.

Às vezes, quase sempre pela pena de Caetano Alberto, esclarece alguma dúvida que pudesse ferir a nacionalidade. É o caso do número 1.196. Respondendo ao deputado Ezequiel de Campos, que interpelara o ministro dos Negócios Estrangeiros sobre uma possível mudança em acordos internacionais que dessem segurança à Portugal, Caetano Alberto escreve, sossegando o parlamentar e os portugueses:

Posso responder a V. Excia com uma grande satisfação que o governo sabe que não existe tratado algum entre o Reino Unido (...) e o Imperio da Alemanha que contenha seja o que fôr, de natureza a ameaçar a independencia, a integridade ou os interesses de Portugal, ou de qualquer de seus domínios. (20 de março de 1912, p. 58).

Aparentemente, nada acontecia de importante em Portugal, apesar da incessante luta pelo poder das diversas facções republicanas que chegaram, inclusive, ao confronto armado que, afirma Ramos (2010, p. 594), foi violento. Em 1915, Manoel Arriaga, o primeiro presidente eleito da República de Portugal, tentou um golpe de estado:

O golpe de 14 de maio de 1915 foi muito mais sangrento do que o de 5 de outubro. O exército não mostrou zelo, mas os grupos armados de Machado Santos, ao lado do governo, deram luta. Poderá ter havido, segundo a imprensa, 200 mortos e 1000 feridos. Pimenta de Castro e Machado Santos foram presos e Arriaga forçado a resignar. A violência anticlerical agravou-se (...). O PRP, como deixou claro em 1915, reservava-se o direito de recorrer à revolução armada para modificar qualquer situação política em que não predominasse.

O *affair* Arriaga é notícia nas páginas de *O Occidente*. Aliás, desde uns meses antes, a revista registra, em seu estilo sonso, a ebulição política. E, logo após o movimento de maio de 1915, publica uma “Crônica Ocidental” no jeito de sempre: apregoando que os outros veículos de imprensa, ao tomarem posição no conflito, não puderem analisar os fatos com

clareza. Ao contrário de *O Occidente*, cuja imparcialidade, conseguiu “ver” o que iria acontecer, conforme afirma Antonio Cobeira no número 1.310:.

Não seria necessário ser profeta para prever esses acontecimentos. Nós, que não timbramos de excessiva clarividência em assuntos de política, previmos-os com facilidade e pudemos anunciá-los às claras nesta revista. Para isso não utilizamos dados excepcionais de observação – simplesmente esforçamo-nos para ver com imparcialidade (20 de maio de 1915, capa).

Viu, mas não viu tão bem assim. Nada ocorreu de repente. Em janeiro, Arriaga provocou a demissão do governo e confiou ao amigo general Pimenta de Castro a organização de um novo ministério. Com o poder nas mãos, Pimenta de Castro convocou os colegas de armas e entregou sete das nove pastas aos militares, fato incomum na história portuguesa. Em março, o parlamento foi impedido de se reunir para a última sessão. Ou seja, havia uma nova ditadura. Na opinião de Marques (1998, p. 252) não era necessário ser bom observador para pressentir o desastre, que acabou acontecendo no dia 14 de maio:

Em 14 de maio, fizeram eclodir uma revolução armada em Lisboa, que teve a participação da marinha, de parte do exército e de grande número de civis, enquadrados pela Maçonaria (...). A revolta, que custou centenas de mortos e feridos, conseguiu derrubar o governo (...) Arriaga demitiu-se, e o Congresso elegeu Teófilo Braga para completar o seu período presidencial. .

Não à toa, *O Occidente* fecha as portas no mesmo ano de 1915. Dependendo de seu noticiário acreditaríamos que, fora a Primeira Guerra Mundial, assunto de destaque na revista, Portugal vivia anos tranquilos. As edições que se seguiram à revolta de maio de 1915 noticiam somente amenidades.

- O número 1.311, de 30 de maio, destaca poemas e a educação moral das crianças.

- O 1.312, de 10 de junho, repete os mesmos assuntos.

- Em 20 de junho, a edição 1313, relata a conflagração europeia.
- O 1.314, de 30 de junho, abre duas páginas para as fotografias da exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes.
- O número final, 1.315, de 10 de julho de 1915, lamenta os rumos europeus e discute a questão dos vinhos da região do Douro.

A revista, porém, volta a sinalizar vitalidade ao noticiar no número 1.218, 30 de outubro de 1912, a Guerra dos Balcãs, antessala da Primeira Guerra Mundial. As guerras europeias e a Primeira Guerra Mundial são até o número final – o 1.315, de 10 de julho de 1915 –, as principais notícias de *O Occidente*.

5.7 – Política Internacional

5.7.1 – África

O discurso de *O Occidente* sobre a África é transparente. O importante era ressaltar as colônias e o direito de Portugal sobre elas.

O nacionalismo declarado de *O Occidente* conduz à outra de suas tendências políticas: o colonialismo. A África – seus exploradores, suas guerras, as disputas políticas em torno dela – é assunto preferencial nas edições da revista, que não perde nenhuma oportunidade de defender as possessões ultramarinas. O assunto é explorado desde o lançamento de *O Occidente*. Já no número 2, em matéria assinada por Luciano Cordeiro, *O Occidente* noticia o embarque de uma expedição exploratória:

O Zaire é um pacote de carreira (...). Seguiu no Zaire a expedição geográfica portuguesa que ia como que representar o paiz na gloriosa e dura campanha do desvendamento scientifico dos sertões africanos (15 de janeiro de 1878, p. 6).

Nas primeiras edições, *O Occidente* foca a riqueza e a beleza das terras africanas às quais, em sua opinião, os governos não davam a merecida atenção. A revista não desconhecia que a cobiça dos países europeus mais desenvolvidos pelas colônias portuguesas na África era antiga. Anterior, inclusive, ao lançamento do primeiro número de *O Occidente*. Desde o início do século XIX, a África se tornara um tabuleiro de xadrez onde a Inglaterra, a Alemanha e a França mexiam as suas pedras para ocupar espaços considerados sem dono ou para se apropriarem dos que pertenciam à Lisboa. Marques (1998, p. 217) comenta que Portugal empenhou-se em manter os que considerava de sua propriedade por direito adquirido pela descoberta e posterior colonização.

A história política da África e da Ásia portuguesas durante o século XIX e começos do XX caracterizou-se por uma intensa atividade diplomática, destinada a manter e ocupar os territórios existentes e por uma não menor atividade guerreira para os ocupar com continuidade

Apesar de seu passado pioneiro – era a única nação europeia que podia argumentar, historicamente, que descobrira e conquistara as suas colônias –, Portugal, com o tempo, tornara-se fraco diante das potências. Não tinha dinheiro nem força militar e não lhe sobrava mão de obra colonizadora para deslocar ao além-mar. As políticas de emigração para Angola e Moçambique falhavam (Serrão, pp. 597-598) e os portugueses mais pobres, principalmente do Norte, continuavam insistindo em se transferir para o Brasil.

Mesmo durante a época contemporânea, não obstante a independência do Brasil (1822) e a legislação profundamente revolucionária de Mouzinho da Silveira (1832-1834), atinente a uma reorganização da vida metropolitana, a partir dela mesma, e no intento de separá-la de condicionalismos ultramarinos, não será ousado afirmar-se que, nessa época, não sofreu alteração sensível, tal modo de vida tradicional. Com efeito, sobretudo a partir do início da segunda metade do século passado, manteve-se caudalosa até 1930 a emigração portuguesa para o Brasil, e, entretanto, pretendia-se lançar em Africa (Angola e Moçambique) os alicerces de «novos Brasis».

Despovoadas, Angola, Moçambique, Guiné e as outras terras tornavam-se presa fácil à ambição alheia. Apesar de enfraquecido, Portugal enfrentou a disputa desigual, sempre com o apoio de *O Occidente*. No entanto, para entendermos a situação do quarto final do século XIX, é preciso fazer um pequeno retrocesso na história de Portugal, suas colônias e os embates que a caracterizam.

O historiador Joel Serrão (1982, p. 600) aponta o quanto é antigo o problema da administração colonial:

Lembremos que, durante o século XVI, especialmente durante a primeira metade, a vida portuguesa se nos depara como que polarizada, fundamentalmente, pelas empresas no Indico. Sucedem-se as armadas na rota do Cabo e Goa transforma-se num vasto centro urbano. Militares, funcionários régios, religiosos, comerciantes, aventureiros dirigem-se às plagas orientais. E embora se afigure impossível calcular, com rigor, os quantitativos dessa deslocação populacional, é certo que ela se fez sentir na rarefação das gentes do Reino.

No entanto, segundo o mesmo autor, o sistema de castas vigente nessas colônias impediu a miscigenação entre os portugueses e os locais, o que demandou a utilização de enorme capital humano que a metrópole não estava em condições de suportar. Face à reconhecida intangibilidade da Ásia, quando a cobiça colonial, fruto do capitalismo à procura de mão de obra e de novas oportunidades, lançou-se sobre as colônias portuguesas, somente a África foi lembrada.

Mattoso (1998, p. 225) afirma que o interesse de outros países nas colônias era antigo. Em 1830, os ingleses tentaram invadir a ilha de Bolama, nas costas da Guiné. O pequeno contingente luso que ali estava, resistiu e conseguiu expulsar os invasores. Mas outros episódios parecidos estimularam o governo a reformular a organização e o recrutamento das tropas, além de modificar a estratégia de ocupação colonial. No recrutamento das tropas passaram a ser usados degredados, voluntários, europeus e africanos. Até então imobilizados

no terreno, nas costas das colônias, os novos batalhões começaram a se movimentar para ocupar o interior e reafirmar a soberania portuguesa.

Ao longo de todo o século, mas especialmente em sua segunda metade, (organizaram-se) múltiplas acções militares, envolvendo sempre um número mais ou menos limitado de efectivos europeus. Se se detectam refregas, correrias e campanhas desde os anos 1820, será pela década de 1860 que a nova política de penetração suscitará um envolvimento armado mais sistemático.

Em seus 37 anos, *O Occidente* manteve-se atento aos movimentos na África, defendendo os direitos nacionais e louvando o heroísmo dos exploradores e soldados portugueses. Também publicou textos e usou recursos gráficos não só para exaltar a beleza das terras distantes da metrópole. Em seu intuito educativo, publicou mapas que explicavam o andamento das batalhas e a exata localização das colônias no mapa africano. A revista foi um excelente porta-voz da ideologia colonialista e da Sociedade de Geografia de Lisboa, cuja Comissão Nacional Portuguesa de Exploração e Civilização da África, mais conhecida como Comissão da África, preparou as grandes expedições científico-geográficas.

Essas expedições, financiadas por subscrição nacional, ajudou a levar ao conhecimento público os problemas das colônias e as investidas dos outros países. *O Occidente* foi parte importante desse esquema, veiculando as atividades da Comissão da África e ajudando a divulgar os sucessos dos exploradores e soldados portugueses.

A África era um continente misterioso, de perigos e de mortes. Os números 43, 44 e 46 (de 1º de outubro, 15 de outubro e 15 de novembro de 1879) trazem “notícias terríveis vindas do reino de Dahomé” (edição 43, p. 148). Matéria-folhetim, enriquecida com gravuras, relata a prisão de comandante do forte de São João Baptista de Ajudá e de alguns soldados portugueses pelo rei de Daomé. Depois de muita preocupação com o possível assassinato dos reféns e da intromissão da Inglaterra e da França tentando ajudar, fica-se sabendo que reter visitantes era, na região, uma forma de mostrar alegria por recebê-los. O próprio *O Occidente*, em matéria assinada pelo mesmo Alberto de Cervaes, esclarece na edição 46:

Enfim, passou-se um tempo e a canhoeira portugueza, a Quanza foi mandada à costa d'Ajudá. O governador e os soldados de Portugal regressaram sãos e salvos. Soube-se depois (...) que, o que à Europa ser afigurou ser prisão, é apenas a fôrma particular de hospitalidade africana, quando se quer mostrar ao hospede que se preza a sua companhia. (15 de novembro de 1879, p. 171).

Trazendo na capa a reprodução de uma fotografia de Hermenegildo Capello e Roberto Ivens quando regressaram da África Equatorial, o número 54 de *O Occidente*, de 15 de março de 1880, começa a publicar a série de viagens dos exploradores, que também contou com a participação de Serpa Pinto. A exploração, encomenda do governo, começou em 1877 e tinha como objetivo reconhecer as bacias hidrográficas dos rios Zaire e Zambeze. Apesar da divisão da expedição – Serpa Pinto seguiu outro rumo após se desentender com Capello –, em março de 1880, sem que nenhum europeu tivesse morrido ou se ferido gravemente, os três foram triunfalmente recebidos em Lisboa.

O Occidente não mediu elogios e entre os números 54 e 63, de 15 de março a 1º de agosto de 1880, publicou matérias, assinadas por Alberto de Cervaes, com detalhes das viagens e inúmeras gravuras dos novos territórios estudados. Várias outras matérias sobre o assunto, sempre assinadas pelo mesmo autor, aparecem, sem sequência, em inúmeras edições. O relato sobre a trajetória dos viajantes só se encerra no número 86:

A recompensa de Serpa Pinto, de Hermenegildo Capello e de Roberto Ivens está na glória de seu trabalho e ainda no contraste que faz a grandeza d'esses trabalhos com a pequenez dos ministros (...) cheios de microscópicas vaidades e microscópicas ambições enquanto elles, em Africa, estudam, trabalham, luctam, soffrem e arriscam com coragem as suas vidas pela sciencia e pela patria. (11 de maio de 1881, p. 111).

Pela ótica de *O Occidente*, mais de três séculos após ter aberto os caminhos do mundo para os outros povos, Portugal voltava a cumprir o seu destino de nação-vanguarda no descobrimento de novas terras. No caso, o interior da África. Oliveira Marques considera essas expedições de fundamental importância, não apenas para Portugal.

A partir dos finais do século XVIII e até ao século XX, expedição após expedição largou das zonas costeiras de Angola e de Moçambique com objectivos vários e resultados diversos. Essas viagens deram a conhecer ao mundo ocidental vastos territórios entre os paralelos 7 e 27 de latitude sul, cavando os alicerces da colonização europeia – não apenas de Portugal, mas também da Grã-Bretanha e da Bélgica – nas actuais Zambia, Malawi, Zimbabwe e Zaire (1998, p. 162).

O Occidente participou destas aventuras e compartilhou o orgulho por cada uma. A partir do número 37, de 1º de julho de 1879, até o número 48, de 15 de dezembro de 1879, a revista relata, com o título “Viagem através da África Austral/ major Serpa Pinto/ o Explorador e a Exploração”, a expedição do militar e começa a tecer a lenda em torno de seu nome. Além dele, outros exploradores são citados com destaque nesta matéria-folhetim. No número 37, matéria de Alberto Cervaes enaltece as virtudes heroicas do homem que caminhou em terras até então desconhecidas:

Em maio de 1869 oferecia-se para fazer parte da columna que ia atacar, nas margens do Zambebe, o rebelde Bonga. Eta então Serpa Pinto tenente (...) Eis o modo aventureiro porque debutou em Africa o que havia de ser, dez annos depois, um dos heroes de sua exploração (...) Apresentou-se, então, Serpa Pinto, como em 1869 se apresentara para a guerra na Zambezia, inflammado pelo seu amor as aventuras, dos perigos desconhecidos e pelo desejo de colocar Portugal a par das nações que, pelas suas descobertas modernas, haviam esquecido as nossas antigas façanhas (1º de julho de 1879, p.99).

Em 1884 e 1885, Capello e Ivens realizaram outra viagem. Dessa vez, atravessaram a África da costa atlântica à do Oceano Índico. Novamente a revista abre enormes espaços para narrar as aventuras e louvar a coragem dos portugueses que fixavam limites num solo que pertencia à nação, apesar de distante e ainda virgem. A expedição, além de estudos geográficos e hidrográficos, realizou também investigações etnográficas e linguísticas. A volta de ambos, em 20 de setembro de 1885, foi apoteótica. A edição de *O Occidente* publicada imediatamente depois, o número 244, de 1º de outubro de 1885, homenageia-os apenas na “Chronica Occidental”.

Acreditamos que os dez dias que decorreram entre a chegada dos exploradores e o número 244 seria tempo suficiente para *O Occidente* noticiar com destaque. O fato de não o ter feito – preferir adiar a homenagem para o número 245, vinte e um dias mais tarde, já aponta a tendência de a revista de se movimentar paquidermicamente, sempre perdendo o *timing*:

Continuam ainda os festejos em honra de Capello e Ivens. Os illustres exploradores tem sido em toda parte onde aparecem alvo das mais entusiasticas ovações e a imprensa hespanhola, enchendo-os de justissimos elogios, louca igualmente a patria que tão entusiasticamente, tão unanimemente, sabe honrar os seus filhos gloriosos (11 de outubro de 1885, capa).

A cobertura da viagem ocupa parte da edição 245, de 11 de outubro de 1885, que coloca na capa uma gravura de Capello e Ivens cercados por coroas de louros. O texto a eles dedicado, porém, ainda é pequeno. Ocupa apenas parte da página 226. As gravuras encarregam-se de revelar a importância de ambos. Matéria de Manuel M. Rodrigues, na página 234, do número 246, e na página 243 do número 247, de 21 de outubro e 1º de novembro de 1885, relata a visita de Capello e Ivens à cidade do Porto. Gravuras mostram o entusiasmo popular em Villa-Franca, Santarém, Aveiro, Pombal e Coimbra. Multidões esperavam os heróis nas estações do Caminho de Ferro. (número 247, p 237). A capa da edição 247, em desenho de J. Christino, registra o elegante banquete que lhes foi oferecido no Palácio de Cristal. O tom do texto é ufanista:

Teve o Porto a honra insigne de receber dentro de seus muros os illustres africanistas Brito Capello e Roberto Ivens e, ao acolhe-los com preito sincero de seu patriotico regosijo, sentiu apenas que a brevidade do tempo não lhe permitisse solemnizar esse acontecimento com as manifestações dignas da terra que as tributava e dos beneméritos que as recebiam (1º de novembro de 1885, p. 234).

Em compensação, *O Occidente* tenta disfarçar as derrotas portuguesas, como acontece no número 446 (11 de maio de 1891, p. 107). Após nove parágrafos, em que é narrada a história da Guiné, a revista publica dois telegramas do dia 21 de abril, oriundos de Bissau, que dão conta de derrotas frente aos africanos, com perdas de vidas portuguesas e de material de combate deixado nas mãos do inimigo. Só então, Manuel Barradas, o autor do texto, permite-se fazer comentários desabonadores:

As nossas cousas d’Africa estão infelizmente collocando o país na situação dolorosa de entregar as colônias por completo, não aos bocados. Como até hoje o temos feito, ao estrangeiro que tão assidua guerra tem votado a uma nação honrada e leal, mas empobrecida e desacreditada.

A “Revista Política” do número 561 (21 de julho de 1894, p. 175) noticia que os alemães haviam ocupado os territórios de Kionga, ao sul de Rovuma na África Oriental. O texto avisa que Kionga fica dentro das fronteiras portuguesas e, mais uma vez, alerta para o abandono das colônias. A mesma rubrica, na edição 563 (11 de agosto de 1894, p. 192) ainda se reportando aos alemães em Kionga, incentiva Portugal a uma reação:

Onde estão as indignações (...) por causa do ultimatum da Inglaterra, (...) que nos levava boa parte da Africa? (...) Faz-se, em verdade, um contraste singular com que se passou em 1890 e o que está se passando agora.

A agressão alemã abandona a “Revista Política” para ocupar lugar de destaque em *O Occidente* no número 567. Ocupando pouco mais de uma página, em uma coluna, o texto, assinado por E.P. tenta minimizar a suposta invasão:

No muito sobre o litigio, agora já terminado entre a Allemanha e Portugal se tem escripto, só recentemente se reconheceu a não razão de nossas pretensões. Essa descoberta provém de uma

ideia de direito de posse, imaginada pelos diplomatas, (...) ora, interpretando justa e precisamente esta letra pelo Direito Internacional, razão alguma havia para que se mostrasse dúvidas aos nossos limites, que tão perfeitamente estavam expressos: subindo o curso de Rovuna. Quando um rio limita dois paizes de diversa soberania, o limite está (...) no centro do rio e no mais fundo do seu leito” (21 de setembro de 1894, p. 219).

Em 15 março de 1895, no número 584, os leitores são informados de que fora enviada a segunda expedição militar a Lourenço Marques. Como as tropas embarcaram no mesmo dia da publicação da revista, a notícia resumiu-se a dois parágrafos, sem destaque. Apenas o nome do comandante, número de oficiais e praças, número de peças de artilharia e a informação de que o rei não pode assistir ao embarque por estar adoentado.

O objetivo da expedição enviada à África era derrotar Gungunhana. Rei de vasto território no qual se incluía Moçambique, Gungunhana compreendeu o jogo político da região e negociava, simultaneamente, com portugueses, ingleses e alemães, aproveitando-se do melhor de cada um e criando instabilidade política nos territórios lusitanos. Em setembro de 1885, num gesto aparentemente de cordialidade, Gungunhana enviou a Lisboa embaixadas para selar a amizade. A primeira, falhou. A segunda, em 1887, acabou em um tratado de amizade e vassalagem entre os dois reis, dom Luiz e Gungunhana. *O Occidente* cobriu com destaque ambas as visitas, dedicando meia página da edição 249, (21 de novembro de 1895, p. 260) aos emissários em seus trajés.

A revista ajudou a criar a terrível fama de Gungunhana atribuindo-lhe dons de poder e requintes de perversidade. Classifica-o como “régulo”, apesar de Gungunhana dominar um território de 90 mil quilômetros quadrados com um milhão e meio de súditos. Pouca autoridade, não tinha. O termo régulo aplica-se, acreditamos, pelo fato de os vátuas, povo de Gungunhana, ser classificado pelos portugueses como bárbaro.

A importância do discurso da imprensa no aumento do poder de Gungunhana e na construção e defesa do Império Africano foi fundamental. Textos e gravuras, além de informarem as riquezas e a beleza que estavam sendo ameaçadas, estimulavam o patriotismo dos leitores. Martins (2014) sustenta que a revista *O Occidente* exerceu importante papel de divulgação e de conscientização do povo na defesa dos territórios ultramarinos. A obra, com

mais de 800 fotografias e gravuras do século XIX, foi analisada no jornal Ribatejo e citada por Mario Beja Santos (2012, p. 18).

A autora refere a existência de revistas que tiveram um grande desempenho divulgativo, caso da revista *O Occidente* (...). Com exuberância, vemos avenidas na cidade da Beira, pontes sobre o rio local ou no distrito de Bengala, ilustrações dos grandes exploradores e suas comitivas, o lustre das suas conferências e jantares de homenagem ou até mesmo receções apoteóticas aos exploradores. E neste contexto emerge o exotismo, reis africanos sentados nos seus tronos, os perigos que comportam as florestas, perfis dos diferentes povos, imagens de rara beleza e em contraste, a seguir ao Ultimato Britânico (1890) mostra-se a atitude torcionária das autoridades britânicas, pondo povos à fome ou fazendo execuções sumárias. Também aparece desenhos de Bordalo Pinheiro a caricaturar a subserviência dos governantes portugueses face ao poder britânico.

O Occidente noticia todas as guerras ocorridas em África, inclusive as que não aconteceram em suas colônias. No número 94, além de relatar a sublevação do sargento-mor de Moçambique, lembra as campanhas derrotadas em 1867, 1868, 1869 e também revela uma guerra na Província de Oran, Algéria, possessão francesa. Observamos nesta notícia que o uso da expressão “guerra santa” para definir combates onde estejam envolvidos muçulmanos reporta-se, na imprensa ocidental, pelo menos ao século XIX:

Os recentes acontecimentos na provincia D’Oran tem chamado para a Algeria as atenções da Europa. Aquella guerra terrivel, chamada *Guerra-Santa* (grifo da autora), contra os europeus, dirigida por Bou-Amena (...) tem todos os horrores e todo o maravilhoso das grandes luctas fabulosas das lendas orientaes (...) 1 400 mulheres e creanças foram assassinados, torturados e queimados (...) A população europeia é de 300 mil almas e a indigena três milhões. Isto é um colono para cada cem árabes (1º de agosto de 1881, pp. 173-174).

Registramos que o livro sagrado dos Muçulmanos, datado do século VII d.C., refere-se à guerra contra os não muçulmanos como Jihad. Na tradução brasileira de Mansour Chalita, Jihad¹² foi referida com Guerra Santa.

Pela importância do registro feito pelo *O Occidente* em relação à Jihad consideramos válida nossa interrupção da avaliação da cobertura das guerras coloniais, assunto para o qual agora voltamos.

Mesmo consciente da desvantagem das forças, *O Occidente* apostava no heroísmo do caráter português e a cada expedição que saía, a revista os incentivava, abrindo grande espaço para noticiar o embarque ou a volta das campanhas. Quando, em 1883, o major Luiz Quillinan, adido militar de Portugal em Londres, reagiu a uma série de insultos proferidos contra Portugal numa sessão do Parlamento inglês – discutia-se a posse do Zaire, então colônia lusa – *O Occidente*, em três edições seguidas, abre uma página e meia para exaltar o militar e sua coragem em defender a pátria. No número 156, a revista enaltece Quillinan:

A acção do senhor Luiz Quillinan (...) despertou os sentimentos nacionaes, e todas as classes dirigiram e dirigem felicitações ao nosso compatriota, que demais a mais é oriundo de ingleses, pelo seu nobre procedimento. Apresentamos aos nossos leitores o senhor Luiz Quillinan e (...) seguilo-hemos de algumas notas biográficas” (21 de abril de 1883, p. 91).

Os números 384 e 385, 21 de agosto e 1º de setembro de 1889, matérias de Jayme Batalha dos Reis relata, em duas páginas e meia de cada edição, o direito dos portugueses sobre a região conhecida por Terras do Nhassa, que a Inglaterra e a Alemanha cobiçavam.

¹² O capítulo dois do livro islâmico (p. 19) contém várias incitações à Jihad: “Façam guerra pela causa de Alá e saibam que Ele ouve e sabe todas as coisas. Matai-os onde quer que os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave do que o homicídio. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos incrédulos. Combatei-os até terminar a iniquidade e prevalecer a religião de Deus.”

Quem relancear os olhos no mappa da Africa Oriental, traçado conforme descrições antigas dos portugueses, (...) Ahi os portugueses exerciam autoridade, tinham capitães-mores e missionários dominicanos (...) e existiam capellas onde os frades diziam missa (...) Ainda se encontra esta colonia nos mappas portuguezes sob a designação de “terras portuguezas” (21 de agosto de 1889, pp. 196-197).

Apesar de não lucrativas, de drenarem o erário e de serem um sorvedouro de vidas, a metrópole considerava questão de honra manter os seus territórios no além-mar e *O Occidente* apoiava todos os movimentos que visassem a ocupação e a defesa desses espaços. Consideramos que, em política nacional, a África foi, desde o lançamento, de *O Occidente*, o assunto prioritário.

Edição após edição, a revista noticiava ou comentava os acontecimentos africanos e as intenções, nem sempre sub-reptícias, das potências para se apoderar do que pertencia a Portugal. Assunto nunca faltou. De tropeço em tropeço, todos noticiados em destaque pelo *O Occidente*, armou-se, em África, o teatro perfeito para uma guerra colonial de grandes proporções:

Para tornar efectiva uma soberania que até então não correspondera a mais do que uma relação vaga com poderes indígenas, os militares portugueses estiveram envolvidos numa primeira guerra colonial em larga escala (...) entre 1894 e 1907. Em 1895, a submissão de Gungunhana, um rei do Sul de Moçambique, justificou o envio de uma expedição de três mil homens, cerca de 15% do efetivo das Forças Armadas e aumentou o défite em 30% (Ramos, 2005, p. 563).

Com o continente em ebulição, *O Occidente* não perde um detalhe, faz propaganda da força militar portuguesa publicando, em página inteira, gravuras dos navios de guerra e de armas modernas de artilharia, reitera as homenagens prestadas pela sociedade lisboeta e do Porto aos africanistas e, na edição 410, reclama da inércia da nação:

Parece que na ocasião que Portugal mais precisa em Africa dos serviços de seus africanistas, é que elles recolhem à metropole em obediencia às conveniências políticas da ocasião, que impõem um status quo nas nossas explorações nas regiões africanas sobre que incidem as pretensões da Inglaterra. É assim que chegam a Lisboa Antonio Maria Cardoso, Paiva de Andrada, Serpa Pinto e Victor Cordon que todos lá andavam pela Africa trabalhando pela patria e para a patria (11 de maio de 1890, p. 107).

Na década de 1890 praticamente não há uma só edição de *O Occidente* sem notícias da África. Foi uma década conturbada nas relações com as colônias e Marques (1998, p. 232) registra:

Na década de 1890, os ataques vátuas a Lourenço Marques provocaram enorme receio entre a população branca e europeizada. (...) preparou-se até ao pormenor uma campanha sistemática contra os vátuas e (...) conseguiu-se uma primeira e retumbante vitória em Marracuene. O governo da Metrópole enviou reforços.

Essa é uma época importante na História da África. Ao mesmo tempo em que se acirra a guerra colonial, os exploradores Serpa Brito, Hermenegildo Capello e Roberto Ivens encerram as suas viagens exploratórias, arma-se a crise diplomática que desagua no ultimato inglês e o poder do líder africano Gungunhana começa a preocupar Lisboa.

5.7.2 – A crise inglesa

No dia 20 de agosto de 1890 foi assinado, em Londres, o Tratado Anglo-luso que referendava o ultimato e, novamente, desfavorecia Portugal em relação às suas colônias. *O Occidente* publica o Tratado integralmente no número 421 (1º de setembro de 1890, pp. 198-199). Na mesma edição, em matéria de duas páginas assinada por Manuel Barradas, a revista expõe o seu desacordo com o que classifica de humilhação portuguesa:

A empreza do Occidente, porem, não descansa em trabalhar para o restabelecimento do prestigio nacional (...) Chega o tratado com a Inglaterra (...) Grande indignação (platonica) (...) Roubama-nos o Zaire, levam-nos o Zambeze, a Matianvua (...) Consolemo-nos dizendo: infeliz patria (1º de setembro de 1890, pp. 195-198).

A política interna, que já estava convulsionada, pois progressistas e regeneradores disputavam o poder palmo a palmo, alvoroçou-se ainda mais. Ramos (2010, p. 553) aponta que a assinatura do Tratado fortalecia os republicanos: “ Furiosos, os progressistas passaram a atacar D. Carlos, como tinham feito a D. Luís, votaram em candidatos republicanos (...) e denunciaram o acordo colonial negociado com a Inglaterra em 1890”.

Meses após o Ultimato Inglês, pressionado pelos acontecimentos e sob os aplausos de toda a população, além da cobertura entusiasmada de *O Occidente*, Portugal enviou tropas para Luanda. Apoiada em gravuras que atestam o clamor e o otimismo popular, a revista noticia no número 415:

O espirito patriotico reviveu jubilosamente, como que recordando as glorias d’este povo heroico que levou aos confins do mundo o seu nome e as suas armas, foi a do embarque de uma força de marinheiros militares que partiu para Loanda (...) Os acontecimentos do Bihé, determinaram ao governo (...) enviar para a Africa forças militares, a fim de assegurarem o prestigio portuguez (...)Aquele punhado de homens que o povo victoriou Enthusiastamente, levam consigo as sympathias e as benções da patria (1º de julho de 1890, p. 147).

As manifestações de *O Occidente* não se restringiram, porém, a noticiar o envio de tropas. Ao homenagear a coragem do tenente português Azevedo Coutinho, que combateu ao lado de Serpa Pinto e derrotou guerreiros Makalolos, a edição 419 menospreza o exército inglês:

Chamamos-lhe valente, não por ter batido os inglezes, que de resto pouco valem como soldados, mas porque a coragem e a intrepidez com que se dedicou às commissões que lhe foram incumbidas e o modo com d'ellas se tem desempenhado no interior da Africa (11 de agosto de 1890, p. 178).

No mesmo número, no afã de enaltecer o amor à pátria manifestado pelo militar, a revista também elogia a sua indisciplina. Após os inglezes terem queimado a bandeira portuguesa em território português, Coutinho decidiu não obedecer a ordem de seus superiores, instruindo-o a não reagir. Preferiu pedir baixa do exército e se enfrontar no interior da África para vingar a ofensa ao pavilhão luso:

Azevedo Coutinho não podendo sofrer impassivel a nova afronta, que acabava de ser feita a Portugal, resolvera entregar as suas dragonas de official ao governador da provincia e despreendido das obrigações de seu posto, ir como simples portuguez e com um bando de voluntarios para o interior da Africa bater os sintultadores da bandeira portugueza (...) essa noticia produziu grande sensação que lisougeou (sic) o nosso orgulho nacional (11 de agosto de 1890, p. 178).

A retórica nacionalista ultrapassa os feitos militares. *O Occidente* aproveita-se de toda e qualquer situação para atacar a Inglaterra. A rubrica “Resenha Política” do número 423, (21 de setembro de 1890, p. 216), após 16 parágrafos de adjetivos dedicados a ofender a Grã-Bretanha – ignominia, brutal e criminosa ambição, maldito, orgia, supurado, baixeza, torpeza – relata a “humilhante” ofensa dirigida ao embaixador português em Londres:

Entre outras baixezas e inconveniencias (...) resalta a do embaixador portuguez ter esperado quatro horas na antecâmara do *Foreign Office* trocando bilhetinhos com Salisbury sobre as preliminares das negociações, na mais ridícula e aviltante posição.

Um batalhão de portugueses oriundos do Brasil para combater na África não chegava a ser novidade nem para o Brasil nem para a África. Lucas (1998, p. 257) refere:

Angola mais parecia uma colónia brasileira que portuguesa, e não foram raras as tentativas de no sentido de uma união com o Brasil (...) A burguesia colonial de Angola era constituída não só pelos agentes directos dos poderosos mercadores residentes no Brasil e por alguns negociantes emigrados de Portugal, bem como as grandes famílias crioulas, bem implantadas e adaptadas ao clima, mantendo ligações estreitas com Portugal e o Brasil e desenvolvendo, ao mesmo tempo, um bom relacionamento com os africanos.

A “Revista Política” do número 431 (11 de dezembro de 1890, p. 279) enfatiza a gravidade das notícias que chegam da África Oriental e incita os leitores a reagirem, de alguma maneira, “contra um bando de salteadores que infesta a nossa África”. Nesse clima de paixão desenvolve-se o noticiário de *O Occidente*, que, aliás, não estava sozinho em seu clamor nacionalista. Segundo Tengarrinha (2006, p. 165), os veículos de comunicação da época ajudaram a construir uma opinião pública generalizada e superficial.

Este é um caso significativo de como (...) o que poderíamos denominar “opinião pública crítica” pôde ser em grande parte impulsionada e até dominada pela “opinião pública generalizada e superficial, segundo a classificação de Jorge Borges de Macedo (...) A opinião pública crítica foi contaminada e superada por uma conceptualização articulada em termos superficiais, submergida pela onda de emoção. O discurso predominante era do imediatismo, mesmo nos mais elaborados não existindo uma perfeita inteligência do significado do Ultimatum como uma peça no complexo processo de viragem da Europa para a África.

De tão intensa, a exploração do Ultimato Inglês pelo *O Occidente* sozinha rende uma tese. Nós analisamos apenas as edições que relatam a ida/volta das tropas, os combates e a derrota do régulo Gungunhana, que, no imaginário português, representava o grande poder africano. Mas *O Occidente* ainda oferece muito a ser estudado sobre a reação portuguesa com a Inglaterra no fim dos oitocentos.

5.7.3 – Índia

Uma revolta na Índia portuguesa dispersa os esforços militares de Portugal e uma tropa, comandada pessoalmente pelo infante dom Afonso, irmão do rei dom Carlos é enviada a Goa. Somada às batalhas na África com as tribos locais, o acúmulo de guerras nas colônias tornou-se oneroso para Portugal. Na edição 606, *O Occidente* volta a bater na tecla da necessidade de fortalecer o exército e a marinha:

Parece que é tempo de cuidar seriamente nos nossos domínios de além-mar, organizando o exercito a modo de garantir a integridade da patria, sem estas medidas extraordinárias que, pela frequencia que estão tendo e que, infelizmente, é de esperar que continuem, bem indicam a necessidade de uma grande reforma na organização militar (25 de outubro de 1895, p. 234)

Sublinhando o perfil colonialista da revista, o mesmo número traz um artigo assinado pelo dr. A. M. de Távora explicando o que significam os movimentos Nativista e Indianista. Após analisar etimologicamente a palavra nativismo – derivada do latim *natus, natural de* – e discorrer sobre a história e valores culturais, o texto conclui:

Nativismo e indianismo são coisas absolutamente incompatíveis com o nosso direito público moderno. À luz deste princípio applaudimos como cidadão português a última expedição enviada às águas de Goa para restabelecer a ordem e o império da lei (...) A Índia é parte intepatente da monarcha portuguesa, consubstanciada com ella (25 de outubro de 1895, p. 237).

Os revoltosos parecem ter lido a opinião do dr. Távora e ficaram contrariados. O número 607 de *O Occidente* (5 de novembro de 1895, p. 242) alerta que as notícias da Índia

não são tranquilizadoras e que os rebeldes, bem armados e violentos, aumentam de número a cada dia. Para contrabalançar a novidade ruim, a revista apela à sua riqueza iconográfica e publica três gravuras de paisagens e de pessoas indianas.

A sorte sorri para Portugal e para *O Occidente*, que explode em uma boa notícia na edição 609. O régulo Gungunhana, que há tempos combatia as tropas lusas em Moçambique, é finalmente derrotado. A importância do fato é tão grande que o governo decreta feriado e determina que as igrejas celebrem um *Te Deum*, em agradecimento. A “Chronica Occidental” derrama-se em alegrias e descreve a felicidade das famílias dirigindo-se às igrejas para assistir o culto:

Vão os passeios cheio de gente, correm as carruagens em duas filas (...) Passam correndo um bando de crianças (...). Solemnes, graves, cheios de confiança no futuro passam os pequenitos do collegio militar. E vão-se atraz d’elles olhos de todos, como se lhes pedissem que nos trouxessem uma vez também um dia santo como aquelle (...) Cantam as mesmas paixões em nossas almas, teem os peitos portuguezes o mesmo valor d’outrora. O mesmo entusiasmo faz correr lagrimas pelas faces, anima-as com as mesmas cores. (25 de novembro de 1895, p. 258).

A “Revista Política” da edição 611 ainda ecoa a felicidade portuguesa com a vitória:

Nos ultimos tempos o que mais tem dado o que fallar são as colônias portuguezas em Africa (...) uma serie de conflitos (...) até que o ultimo conflito com o potentado Gungunhana veio acender uma guerra em Africa em que as armas portuguezas acabam de alcançar a mais assinalada victoria (15 de dezembro de 1895, p. 280).

A edição 630 noticia, em tom de júbilo discreto, a volta da tropa comandada pelo infante dom Afonso. O sucesso militar do príncipe passa longe do de Mouzinho da Silveira e outros tantos que lutaram em África. O cronista dá um jeito de proteger a fama castrense do infante:

Se estas *tropas* (grifo da autora) não trouxeram as corôas gloriosas que, eternamente, hão de enflorar as bandeiras que voltaram da Africa, se melhor sorte quiz ali proteger os nossos homens e se o prestígio do nome portuguez foi tanto que por si quase bastou para a completa victoria, nem por isso deixaram os nossos soldados de provar uma vez mais, pelo arador que manifestaram, pela disciplina a que sempre se mostraram fieis, pelo arrojo com que buscaram os perigos, que (...) são dignos filhos d'aquelles, que, com tanta gloria, nessa mesma India edificaram um império poderosissimo (25 de junho de 1896, capa).

O resto da edição nada comenta sobre a expedição, nem sobre os soldados. As edições seguintes também não tocam no assunto. A campanha à Índia portuguesa, liderada pelo infante Dom Afonso, parece não ter tido importância nem na História de Goa nem na portuguesa. Os historiadores contemporânea consultados pouco se referem a este episódio. Em Lobo (2003, p. 158) há vaga citação ao evento tratado pelo *O Occidente* com ufanismo. A autora refere-se às revoltas goenses do final dos anos 1890 apenas de passagem:

Em finais do século 19, as grandes mudanças nos rumos do colonialismo português e as mudanças ambientais locais tiveram um impacto profundo em Goa. Ao agravar o debate do europeísmo e do nativismo que dominou a última década do século com gravíssimas consequências políticas, abertas com o massacre de 1890 e fechadas com a violenta repressão das revoltas de 1895-1897.

O périplo de dom Afonso em Goa não marcou a história portuguesa. Foi apenas um novo motivo para *O Occidente* louvar a família Bragança, cada vez mais necessitada do apoio da imprensa.

5.7.4 – Gungunhana

Gungunhana é, em si, um discurso de poder. Não necessita de nenhum adjetivo acoplado ao nome. No imaginário português era uma espécie de guerreiro invencível. Déspota em uma zona colonial portuguesa, representava o que, na época, as crenças europeias colavam à África: primitivismo e barbárie. Oliveira Marques (2015, p. 557) afirma que os vátuas, povo liderado por Gungunhana, “representavam uma ameaça constante à soberania portuguesa”, pois afrontava a soberania dos donos da área. Gungunhana guerreava com as tribos vizinhos, cobrava altos impostos, redistribuía terras que Portugal dominava e contrariava as ordens do governador de Moçambique. Além do mais, Gungunhana relacionava-se com os inimigos de Portugal: “dos colonos ingleses e sul-africanos, os vátuas recebiam auxílio militar, financeiro e técnico” (Oliveira Marques, 2015, p. 557).

O embate entre Portugal e o reino de Gungunhana prolongou-se por dez anos, até que ambos os lados assinaram um acordo em que Gungunhana abria mão de grande parte de seus poderes. Também concordava que a bandeira portuguesa fosse hasteada em seus territórios, aceitava não declarar guerra a outras etnias sem a autorização de Portugal, permitia a construção de igrejas e escolas sem a sua permissão e aceitava que um representante do governo de Além-Mar se instalasse dentro de sua corte.

O acordo, claro, falhou. Além de menosprezar a imensa autoridade já adquirida por Gungunhana, Portugal não levou em conta que o líder africano sabia que os países europeus disputavam poder sobre o interior da África. Ramos (2010, p. 563) refere que, de acordo com as suas conveniências, Gungunhana negociava indistintamente com os governos português e inglês, justamente nos anos após o humilhante ultimato.

Para tornar efetiva uma soberania que até aí não correspondera a mais do que uma relação vaga com os poderes indígenas, os militares portugueses estiveram envolvidos numa primeira guerra colonial em larga escala (...) Em 1895, a submissão de Gungunhana (...) justificou o envio de uma expedição de três mil homens, cerca de 15 por cento dos efectivos das forças armadas.

A dubiedade de Gungunhana provocou ainda mais a ira de Lisboa e a lenda em torno de seu nome cresceu com a ajuda da imprensa. A pressão cada vez maior que Gungunhana

exercia sobre a região de Lourenço Marques – além da revolta de tribos que, até então, apoiavam Portugal e que, subitamente, cercaram a mesma cidade – foi a gota d’água numa relação que já não funcionava há tempos. Antonio Enes foi nomeado Comissário Régio de Moçambique e tropas portuguesas enviadas para essa região da África. Teixeira (2017, p. 432) considera que a época do ataque foi bem escolhida:

O momento mostrava-se (...) favorável porque o Estado Vátua atravessava uma série de crises e estava militarmente enfraquecido (...) por revoltas internas (...) um surto de epidemias e pela emigração da população mais jovem para as minas de ouro da África do Sul.

A prisão de Gungunhana é narrada como grande feito heróico do capitão de cavalaria Mouzinho da Silveira. Supostamente sozinho, Mouzinho da Silveira teria invadido o local onde o rei dos Vátuas se refugiava e esta história ecoou fortemente em Portugal, despertando os melhores sentimentos pátrios. Para Teixeira (2017, p. 432), o *framing* da derrota de Gungunhana e do orgulho que a prisão provocou nos portugueses é a humilhação sofrida no Ultimato Inglês: “A prisão do (...) soberano, o célebre Gungunhana (...), assumiu foros heroicos de façanha militar e serviu, no imaginário político imperial, como a desforra simbólica do ultimatum”.

Gungunhana foi preso e trazido para Lisboa onde desfilou dentro de uma jaula para o delírio da multidão, que assim comprovava que Gungunhana era, verdadeiramente, um ser sobrenatural. Apenas grades de ferro – e um capitão português – tinham forças para detê-lo.

Bretes (1989, pp. 79-80) mostra o impacto que o espetáculo exerceu sobre o povo e como o desfile do poderoso rei derrotado ajudou a sincronizar as emoções políticas portuguesas:

A figura de Gungunhana penetrou na mitologia nacionalista portuguesa (...) O Gungunhana desembarcou em Lisboa, não vem sozinho. O poder não anda só (...). Quem daria crédito a um pobre prisioneiro que chega sozinho, quem ousaria acreditar que foi importante, que a sua palavra foi lei, que era o senhor mais poderoso da África Oriental, um potentado, como dizem?

(...). Após o desembarque, Gungunhana e os que o acompanham passeiam em Lisboa. É necessário que a multidão (...) o veja. Lisboa inteiro acotovela-se para ver passar os pretos (...) O cortejo, verdadeiro espetáculo onde o poder se consolida, introduzirá um sentimento de ordem.

A prisão de Gungunhana serviu para distrair os corações lusitanos. A edição número 614 traz a notícia do líder derrotado e a exaltação ao feito heróico do capitão Mouzinho da Silveira, “honra e glória do exército português”. Acompanhado dos tenentes Miranda e Costa Couto, do médico dr. Amaral e mais 46 praças, Mouzinho efetuou a prisão de Gungunhana praticamente sozinho. *O Occidente* registra o feito, publica o telegrama enviado de Moçambique (p 13), descreve o momento da prisão num texto assinado por Eduardo Noronha, com o título de “Lucta de heroes” (p. 14) no qual o mérito dos vencedores merece um exagero de adjetivos: “Os combates (...) e a captura de Gungunhana formam um cyclo luminoso escripto com o sangue de nossos compatriotas em letras fulgurantes, onde se imprime indelevelmente a varonilidade da geração actual” .

O mesmo número também abre espaço para elogiar os tenentes e dedica quase três páginas (pp 14–15), para biografar e louvar Mouzinho da Silveira. Ramos (2010, p. 563), porém, lembra que ninguém lembra da decisão de Mouzinho da Silveira após a prisão de Gungunhana.

A 25 de setembro de 1895, 50 soldados comandados pelo capitão Joaquim Mouzinho da Silveira capturou Gungunhana (...). Mouzinho logo fuzilou uma série de ajudantes de Gungunhana para grande entusiasmo da ‘guerra preta’, isto é, dos seus próprios auxiliares africanos que, segundo ele, ‘mostra que eles confundem perfeitamente a força e a coragem com a crueldade, e que é absolutamente necessário dar destes exemplos para os dominar e fazermos respeitar.

O número 615, de 25 de janeiro de 1896, é, do início ao fim, uma exaltação à chegada da força expedicionária vitoriosa na África. A capa é uma imagem do vapor Zaire, que trouxe os soldados. No corpo da revista, outra ilustração do desfile das tropas na Rua Áurea, centro

de Lisboa, e da aclamação do povo. Esse número equilibra-se entre o tom ufanista e o melancólico, já que os combatentes chegaram apenas cinco dias após a morte do poeta e educador João de Deus. Mesmo assim, a edição conseguiu que, discretamente, a vibração patriótica se impusesse. Até a “Revista Política” (p 23) dedica-se a louvar o sucesso das armas portuguesas.

Gungunhana rendeu várias edições de louvor à coragem e ao heroísmo dos portugueses. O número 620 (15 de março de 1896, pp 58-59-61) noticia a exposição de Gungunhana enjaulado com as mulheres e o filho exibidos nas ruas do centro de Lisboa, acreditamos que, apesar do nacionalismo exacerbado, *O Occidente* foi discreto na paginação e diagramação. A notícia é dada em tom vibrante na “Chronica Occidental” e, depois, ocupa duas páginas. A gravura de Gungunhana e suas mulheres a bordo do *África*, navio que o trouxe, e da fortaleza de Monsanto, onde ele acabaria os seus dias.

Esta prisão, constitue o mais brilhante feito do nosso exército neste século (...). Hoje, como nos séculos do descobrimento, os portugueses mostraram o seu valor, sacrificando tudo pela honra e integridade da patria. Acompanhou-os a gloriosa bandeira que então os guiou pelo Mar Tenebroso e foi testemunha de inúmeras conquistas e victorias que assoberbam a Historia d’este povo navegador, d’este povo de heroes.

As campanhas africana e da India encerram a fase mais apaixonada de *O Occidente* em relação ao ultramar. Mas, até o fim, a revista foi defensora dos direitos portugueses às suas colônias e nunca deixou de noticiar nada que envolvesse as possessões lusas.

A cobertura internacional foi rica em *O Occidente*. Da mesma maneira que ocorreu com o noticiário da política interna, à medida que o tempo passa, a revista se torna mais presente nos acontecimentos internacionais. As guerras da segunda metade do século XIX tiveram bastante destaque e, pelo noticiário da revista, percebe-se claramente a primeira Guerra Mundial se armando na Europa. Em 1898, a revista já a vislumbrava. No número 699 (30 de maio de 1898, p. 122) a legenda para a gravura de Gladstone, chefe do partido liberal inglês, revela a possibilidade do grande confronto: “enquanto a Europa vae se armando na expectativa angustiosa de uma guerra talvez geral”.

5.7.5 – Guerras

Entre as várias guerras noticiadas pelo *O Occidente* – inclusive a guerra do Pacífico (1879/1884), que envolveu o Chile, o Peru e a Bolívia –, escolhemos nos deter na primeira guerra dos Balcãs (1912/1913), que modificou o cenário geopolítico europeu; a guerra entre a Turquia e a Grécia, (1897), pela similaridade entre os problemas do final do século XIX e os do início do XXI; e a guerra hispano-americana, primeira vez em que os Estados Unidos da América mostram seu perfil imperialista por meio da aplicação da Doutrina Monroe, que *O Occidente*, num feliz momento jornalístico, identificou.

5.7.6 - Guerra hispano-americana

Nessa guerra, especialmente, vemos *O Occidente* exercitar o bom jornalismo. Os editores, antes mesmo da oficialização do conflito entre a Espanha e os Estados Unidos, perceberam que a intromissão norte-americana em Cuba e nas Filipinas, colônias espanholas, nada mais era do que a aplicação prática da Doutrina Monroe.

Essa doutrina foi estabelecida em 1823 pelo presidente norte-americano James Monroe e, nos séculos XIX e XX, influenciou fortemente os destinos não só das Américas, mas do mundo inteiro. Após as Guerras da Coreia (1950/1953) e a do Vietnã (1965/1975), a Doutrina Monroe ampliou o seu limite. Do original “América para os americanos” passou a significar “O mundo para os norte-americanos”. Na opinião de Mendes (2006, pp. 168-169), o atentado de 11 de setembro de 2001 enfatizou ainda mais esta perspectiva.

Na década de 1820, o presidente James Monroe proferiu a famosa Doutrina que assumiu seu nome, influenciado em grande medida por seu Secretário de Estado, John Quincy Adams. A mesma baseava-se em dois pressupostos fundamentais. Em primeiro lugar, reconhecia o direito de liberdade e independência dos recém-formados países na América Latina, considerando que os mesmos não deveriam ser objeto de “futuras colonizações por qualquer potência europeia”. Complementando essa consideração, assinalava que seriam entendidas como uma ameaça direta aos Estados Unidos da América as tentativas realizadas com objetivos recolonizadores por parte das nações europeias. Parcela significativa daqueles que escrevem sobre as origens do imperialismo norte-americano apresentam essa data como um momento-chave para o processo. Assinala este grupo de historiadores que a Doutrina Monroe, normalmente lembrada pelo lema “A América para os americanos”, marcaria uma proposta já de manifesto desejo de avançar pelo conjunto do continente. Caracterizaria, assim, ainda nesse momento, a vontade de supremacia que os Estados Unidos se reservava o direito de possuir.

Na edição 622, *O Occidente* identifica a Doutrina Monroe por trás da guerra de 1898:

A declaração de Monroe foi (...) na sua applicação primitiva, uma confissão implicita de que existiam para a America perigos de complicação com a Europa, relativas a seus interesses externos (...) São factos bem recentes as intervenções dos Estados Unidos nas questões de Venezuela e de Cuba e a sua manifesta má-vontade com respeito ao canal do Panamá, o que significa que a importancia das referidas questões (...) acabará por impelir os Estados Unidos a assumirem o papel de grande potência marítima no Oceano Pacifico, e a emprenderem a ruptura de um vasto canal, que lhes facilite mais commodo transito e mais facil communicação entre as suas costas banhados pelos dois Oceanos – o dogma accomodando-se, pois, com notavel elasticidade às circunstâncias e as suas sucessivas variantes, faz com que os Estados Unidos se considerem com direito não só de exercerem tutela política sobre todas as outras nacionalidades dos dois continentes americanos como também de intervirem, opportunamente, em sua defesa (5 de abril de 1896, p. 75).

Portanto, dois anos antes da explosão do navio Maine no Porto de Cuba, motivo pelo qual os Estados Unidos lançaram as suas forças sobre as Filipinas e a própria Cuba, a revista conseguira perceber o avesso do discurso belicista norte-americano e publicou um longo artigo – três páginas, uma coluna e meia em cada página – assinado por P.S. O título é *Doutrina de Monroe* e, nele, P.S. analisa a atuação da emergente potência norte-americana, embora não preveja que aquela seria a primeira vez que, apoiados na citada doutrina, os Estados Unidos venceriam uma guerra contra um país europeu.

A revista cobre o confronto hispano-americano – conflito que mudaria, para sempre, as guerras ocidentais – tomando posição a favor da Espanha. As notícias são dadas quase sempre na “Chronica Occidental”, assinadas por João da Camara. Marques (2001, pp. 147-148) refere a importância, na época, da teoria Darwinista que desmerecia os povos latinos:

Por razões de ordem histórica e geográfica, era natural que a opinião pública portuguesa fosse particularmente sensível à difícil conjuntura que precedeu a guerra (...). Um mês antes de deflagrar o conflito, um jornalista anónimo do (*jornal*, grifo da autora) *Mala da Europa* chegava a afirmar: "Se Portugal fora um povo forte e pudesse tomar parte na pugna, estamos certos de que estava ao lado da Espanha. E não era no desejo de que continuasse a dominar Cuba". Estava então muito difundida a teoria darwinista da decadência e degenerescência dos povos latinos, face aos anglo-saxónicos.

O Occidente só publica a explosão do Maine na edição 690, de 28 de fevereiro de 1898. Portanto, treze dias após ele ter ocorrido. Por coincidência, a notícia chega à redação junto com a da condenação de Émile Zola por difamação.

O escritor escrevera *J'accuse*, uma carta aberta ao presidente da república francesa, publicada na primeira página dos jornais, acusando o país de antissemitismo e defendendo o capitão Dreyfus, condenado injustamente por espionagem. João da Camara vacila, sem saber em qual notícia dará ênfase. Acaba favorecendo Zola, com quem se solidariza. A explosão do Maine merece somente um parágrafo de seis linhas.

O número 693 retoma o assunto do conflito hispano-americano. A “Chronica Occidental” sugere que a Inglaterra pode ter se unido aos Estados Unidos que, claramente, se prepara para a guerra:

O governo norte-americano prepara-se para a lucta, isto é, fora de duvidas, compra navios de guerra e n'elles transforma navios mercantes. A Hespanha, pelo seu lado, não desanima (...) arruinando-se pela honra de seu nome. O rompimento da hostilidade parece estar para breve (30 de março de 1898, capa).

A “Chronica Occidental” da edição 694 (10 de abril de 1898, capa) comenta “o estado de cruel incerteza em que a Hespanha e a America teem vivido” e afirma que os Estados Unidos desejam a guerra e a Espanha lutará somente pela honra e a dignidade. O texto também afirma que o governo colonial de Havana, em nota oficial, conclama ao desarmamento. João da Camara não observa, mas observamos nós, a dubiedade da nota cubana que, ao mesmo tempo em que prega a paz, já anuncia o seu parlamento de país livre, fato que só poderia ocorrer após o confronto entre os Estados Unidos e a Espanha:

Sem perigo nem azares offerecem-se-nos dilatados horizontes para um futuro prospero. Cesse, pois, o ruido das armas (...). Fala do futuro parlamento da Cuba autônoma tendente a fazer cessar de uma vez a insurreição, procurando trazer as populações ao caminho da legalidade

(...) Uma grande alegria deu a volta ao mundo quando se falou que seria aceite a mediação do papa na questão cubana (10 de abril de 1898, capa).

O convite ao papa Leão XIII foi descartado por McKinley, o presidente americano. Para ele, a intromissão de uma autoridade católica poderia desagradar os seus compatriotas protestantes. A “Chronica Occidental” da edição 694 resume com clareza a situação entre o Velho e o Novo Mundo:

Em meio da embrulhada, continuam os preparativos para a guerra, e sejam quaes forem os erros dos hespanhoes na administração de suas colonias, a Hespanha tem conquistado inegavelmente agora as sympathias e o respeito de todas as nações (10 de abril de 1898, capa).

O Occidente cobre a guerra contrapondo a fidalguia espanhola à brutalidade *yankee*, fama que acompanhará para sempre as forças armadas norte-americanas. Sem chegar a um acordo de como deveriam tratar a Espanha, deputados democratas e republicanos se confrontaram fisicamente dentro do congresso dos Estados Unidos. *O Occidente* aproveita o episódio para assinalar o quanto a tradição e a nobreza do passado são importantes para o carácter de um povo. Ao mesmo tempo, identifica e critica a justificativa dada à guerra: “sentimentos humanitários”. Lembramos que essa justificativa ainda é utilizada pelos Estados Unidos da América quando se propõe a guerra em qualquer parte do mundo. Consideramos que a sensibilidade de *O Occidente* analisando esse litígio merece especial atenção:

A narração do que se passou em Washington, na camara dos representantes, comparado com o procedimento da Hespanha (...) patenteia o abysmo que separa as duas nações, uma grande raça e a enorme misturada de sangue, um país cheio de tradições gloriosas a esse que hoje apela hypocritamente para os sentimentos humanitarios, esquecido da lucta cruel contra os pele-vermelha (número 695, 20 de abril de 1898, capa).

Apesar do apoio de *O Occidente* e dos portugueses, a Espanha não perde a ocasião de alfinetar Portugal. A “Chronica Occidental” do número 697 reage à publicação num jornal espanhol, de uma caricatura depreciativa a Portugal, crítica à posição oficial de neutralidade adotada pelo país. O discurso da revista, até então digno, adota um desalentado – e desagradável, achamos – tom de vitimismo:

Em Hespanha muitos nos são ingratos à dedicação de nossos corações. (...) produziu dolorosa impressão em Lisboa a publicação de uma caricatura (...) Portugal (...) era representado sem braços nem pernas, mendigo à beira d’uma estrada. E por baixo a legenda ironica – sou (10 de maio de 1898, p. 98).

No entanto, a mesma crônica reassume a vibração altiva para lamentar o desastre que foi o encontro, nas Filipinas, das armadas beligerantes:

Enorme foi o sentimento manifestado pelos portugueses ao serem aqui recebidas as tristes noticias do encontro da esquadra americana com os poucos e maos navios que o governo hespanhol tinha a seu serviço nas Filipinas (10 de maio de 1898, p. 98).

Os espanhóis se queixaram pela mania de se queixar. Toda a sociedade portuguesa, inclusive a *Intelligentsia*, apoiava o país vizinho. No livro *A arte de ser pai, cartas de Eça de Queiroz para seus filhos* (1898, p. 95), o escritor lamenta o acontecimento e incita os herdeiros a apoiarem a Espanha:

Est-ce que vous parlez beaucoup des Espagnols? (...) que vous tous, vous etes pour ces chers Espagnols. Aujourdhui tout le monde ici est bien chagrin a cause de Ia nouvelle qui vient d'arriver qu'ils ont perdu une grande bataille sur mer, dans les Phillipines (...). Mais comme

*les Espagnols sont de si braves marins, et si vaillants, nous esperons qu'ils prendront sa revanche*¹³.

Havia mais de um motivo para a preocupação de espanhóis e portugueses. Além da guerra em si, na época estava em ascensão a doutrina darwinista que pregava a inferioridade genética dos povos latinos. Matos (2001, p. 2) afirma que a sucessão preocupante de desastres bélicos envolvendo latinos e o fortalecimento da Alemanha no espaço europeu potencializaram a preocupação lusa com as suas colônias:

Estava então muito difundida a teoria darwinista da decadência e degenerescência dos povos latinos, face aos anglo-saxónicos. Os *desaires* militares da França perante a Prússia (1870) e da Itália na Etiópia (1896), bem como o Ultimatum inglês de 1890, que pusera fim ao projecto português de um grande império na África austral, da costa atlântica à contracosta do Indico, pareciam confirmar essa teoria organicista.

O Occidente também manifesta preocupação com o rumo dos acontecimentos. No número 701 traz na capa os reis de Espanha Afonso XIII e a sua mãe, a regente dona Maria Christina, e uma declaração de Lorde Salisbury, o primeiro ministro inglês:

Há nações moribundas, como disse o celebre político inglez, não sei se pensando em Portugal, se em Hespanha, mas a agonia de uma nação dura annos e do estertor, ainda às vezes se arriba (...) as ultimas desventuras de Portugal tiveram, pelo menos, uma vantagem, accender um muitos um amor que parecia prestes a apagar-se (20 de junho de 1898).

¹³ Vocês falam muito dos espanhóis? Espero que vocês estejam ao lado da Espanha. Hoje estamos todos tristes por causa da notícia da derrota deles numa grande batalha naval, nas Filipinas. Mas como os espanhóis são bravos e valentes marinheiros esperamos que eles consigam se vingar (tradução livre da autora).

A informação e a contrainformação, a censura imposta em Espanha às notícias da guerra fazem *O Occidente* vacilar sobre o fim do confronto. No número 704 a “Chronica Occidental” assume que a Espanha foi derrotada:

Mas de tantas noticias contradictorias, e até contrarias, alguma coisa se conclue e essa bem triste para o resultado da lucta a que a Hespanha se atreveu contra os Estados Unidos (...) Devemos ainda lembrar-nos de como os jornaes falavam do exercito e da marinha americanos. Eram chavecos que os officiaes não sabiam commandar, eram tropas de mercenarios (...) Sucederam-se as victorias e a esperança da desforra foi pouco a pouco desapparecendo (...) O desastre é fatal. Deu-se ou está para dar-se. Deu-se, é o mais certo. Já não há que fiar em desmentidos (20 de julho de 1898, capa).

E aproveita a ocasião para levantar o moral de espanhóis e portugueses preocupados com o estilhaçamento do império vizinho. A mesma “Chronica Occidental” enaltece a valentia dos derrotados, adivinhando que até os norte-americanos admiram-lhes as qualidades de soldados:

Os hespanhois continuam a ser admirados pro sua extraordinaria valentia. Os proprios adversarios a cada momento buscam ensejo para lhes mostrar o seu respeito pelas qualidades de animo que hão demonstrado desde o inicio da campanha (20 de julho de 1898, capa).

A paz, assinada em dezembro de 1898, é citada apenas vagamente na “Chronica Occidental” do número 718. O texto é superficial:

A forma porque os Estados Unidos souberam usar da vitória na guerra contra a Hespanha ficará memoravel. Ainda, há dias, quando foi aberto em Washington o Congresso federal, o capelão, recitando, como é hábito, a oração de abertura pronunciou estas palavras sentidissimas: – ‘Rogamos-te, Senhor, que abençoes a Rainha Regente da Hespanha, o seu

filhinho e toda a Nação hespanhola. Possam as graças celestes levantar e animar aquelle povo aflito' (10 de dezembro de 1898, capa).

Notamos, na cobertura de *O Occidente*, a preocupação em sempre levantar o moral de espanhóis e portugueses, estes também preocupados com a possibilidade do estilhaçamento do império vizinho.

5.7.7 - Guerra greco-turca

A primeira guerra greco-turca começou em fevereiro de 1897. Após a independência grega do domínio turco (1821), os gregos, orgulhos do passado e de suas tradições, não admitiram que a Ilha de Creta, milenarmente pertencente à Grécia, ficasse sob a autoridade otomana. A guerra foi curta, durou menos de um ano. Mobilizou a Europa que, cada vez mais, enfrentava as novas ideologias (Biondo, 2007, pp. 220-227). A imprensa, que diminuiu a distância entre os fatos e as pessoas, um país e outro, também aproximou os pensamentos que passaram a não caber dentro de uma só fronteira.

A guerra grego-turca de 1897. A insurreição para libertar Creta da dominação otomana relacionava a Ásia mediterrânea e islâmica com o colonialismo europeu nesta área, o nacionalismo grego, o radicalismo nacionalista na Itália e o anarquismo nos últimos anos do fim do século XIX. Em diversos países europeus, sobretudo na Itália, apesar da oposição dos governos, alastrou-se um movimento de apoio às pretensões nacionalistas gregas.

A cobertura de *O Occidente* reflete o preconceito da época – ainda vigente nos dias de hoje – sobre os muçulmanos. A primeira notícia de um conflito entre a Grécia e a Turquia aparece na “Chronica Occidental” do número 654. Embora não sejamos adeptos do politicamente correto, consideramos que o cronista João da Camara poderia ter sido mais discreto em seu comentário:

Vae medonha em Lisboa a guerra contra os chapéus altos, peor que a dos turcos em Creta contra os christãos. (...) D'um lado a civilização representada pelos gregos, do outro a selvageria representada pelos turcos e os tremoços (28 de fevereiro de 1897, capa).

A edição seguinte, número 655 (10 de março de 1897, pp. 50-51) traz na capa, lado a lado, ocupando o mesmo espaço, Abdul-Hamid II, sultão da Turquia, e o Rei Jorge I, da Grécia. Em duas colunas, com o título “Questão do Oriente”, a matéria assinada por E., disserta sobre as personagens que fazem a capa da revista, sobre a história e a geografia da ilha de Creta e, claramente, condena a posição da Grécia: “os gregos, intemeratos, romperam todas as combinações tacitas da política internacional”. O autor se preocupa, principalmente, com a estabilidade europeia: “As gravíssimas circunstâncias, de que se revesta a questão, (...) considera-se um perigoso e critico momento, este, para o equilibrio europeu”.

Como no episódio da guerra hispano-americana, *O Occidente* revelou-se um excelente analista de política internacional. Previu, com um século de antecedência, que o islamismo se tornaria ameaçador ao mundo ocidental.

5.7.8 – Muçulmanos

Entre março a junho de 1897, a revista mantém silêncio sobre a guerra Turquia e Grécia. No número 664, abre um espaço para avaliar, sem piedade, o papel da derrotada Grécia. Espantosamente, essa análise serve, com perfeição, para a Europa contemporânea. Pesquisar o passado faz-nos crer que, como querem Hegel e Marx, a História se repete. E, nem sempre, a segunda vez é uma farsa. Basta pensarmos no mundo contemporâneo:

O que é certo, e não soffre dúvidas sequer, é que os estados europeus não podem consentir na mutilação do pequeno país cristão que teve a audacia de citar o infiel. A Europa assiste quase indiferente ao esmagamento de um povo christão pelas hostes do propheta (10 de junho de 1897, p. 123).

Apesar de a guerra ter irrompido por motivos de posse territorial, a imprensa dá enfoque religioso à disputa. A matéria, sem assinatura, ocupa quase duas colunas e meia e relata os combates passo a passo.

5.7.9 - Guerra dos Balcãs

A Primeira Guerra dos Balcãs (1912), envolvendo novamente a Grécia e a Turquia, além de Sérvia, Montenegro, Romênia e Bulgária, volta a colocar nas páginas de *O Occidente*, nesta altura já agonizante, o problema religioso. A revista, como das outras vezes, antecipa nesse conflito o conflito maior que se armava: a Primeira Guerra Mundial.

Com a desculpa de proteger os cristãos da Macedônia e se aproveitando do fato de a Turquia estar em guerra com a Itália, a Liga Balcânica (Grécia, Sérvia, Bulgária e Montenegro) cercou um território turco localizado no espaço europeu.

A primeira notícia da nova possível conflagração – já usando a reprodução de fotografias em preto e branco – aparece em matéria assinada por J. A. Macedo de Oliveira em três colunas no número 1212. O autor percebe o movimento do xadrez europeu: a visita de um ministro francês à Rússia para discutir a possibilidade uma guerra maior, o que desagradou ao governo alemão; a intervenção do ministro de negócios estrangeiros da Áustria-Hungria na guerra Itália versus Turquia; a ameaça albanesa de marchar contra Constantinopla; a animosidade na Bulgária, Sérvia e Montenegro contra a Turquia; o receio de que a luta alcance “um caracter geral” (p. 190). Nada escapa ao olhar atento do jornalista que conclama os países europeus a intervir na situação:

Chega a vez de intervirem as grandes potencias e a proposta de (...) tenderia a esse resultado caso fosse aceite pela Turquia, o que, aliás, não succedeu para pesar, com pesar manifesto da Áustria, que buscava um optimo pretexto para entrar no conserto europeu. (30 de agosto de 1912, pp. 190-191).

O grande passo para a Guerra Mundial – que ocorreria logo depois, em 1914 –, havia sido dado e *O Occidente* o registrou: o conflito dos Balcãs enfraqueceu o Império Otomano e a desestabilizou a região. A situação europeia é tensa. *O Occidente* permanece atento e, na edição 1.214, a “Cronica Occidental” registra que todos os países europeus aproveitam o tempo bom de outono para as suas forças armadas realizarem manobras militares. O continente se prepara para virar uma praça de guerra, embora ainda que apenas em treinamento:

“Encontram-se neste momento alguns milhões de homens em armas por esse mundo fóra, não tanto pelas guerras que estão se ferindo na Turquia ou em Marrocos, mas pelas manobras de varios exercitos (...) às quase acodem todas as tropas licenciadas e de reservas a receberem a instrução pratica no campo (20 de setembro de 1912, p. 202).

Para uma revista que pregava o pacifismo, a possibilidade de uma guerra de grandes proporções era assustadora. O número 1.217 traz na “Cronica Occidental” a tristeza de quem atesta que, na Europa, a realidade e o discurso não coincidem:

Nunca, como nesses últimos anos, tem se falado e dissertado tanto sobre paz, solidariedade e fraternidade. Nas deliciosas conferencias internacionais de Haia, ergueram-se em extase transcendente, olhares de visionações serenas (...) Aquí e ali, pólo a pólo, turvam-se os ares. E a paz – Resquiecat in pace (...). É em nome da paz que a Italia em peso se lança contra a Turquia, e a Turquia esmaga os Balkans e os Balkans se arrastam contra a Turquia. Naturalíssimo, no entanto - tudo isso. O estado naturalda vida é a guerra (...) E assim, em volta da Turquia – parece! - vai enredando-se o fio subtil da antipatia que vagamente toma as dubias proporções de uma intriga diplomática. Ai dos vencidos! (20 de outubro de 1912, p. 226).

A rubrica “Pelo Mundo Fóra, Notas de um curioso”, assinada por J.A. Macedo de Oliveira, usa quase cinco páginas, de 234 a 238, para descrever a pré-guerra e profetizar que essa se estenderá pelo século “do radio e do aeroplano”. Ou seja, o XX. Por trás de tudo, a ânsia de poder e de lucros, além da ambição geográfica, que se disfarçam em sentimento

religioso. Chamamos a atenção para a similaridade de muitas das notícias veiculadas nesta e em outras edições de *O Occidente* (p. 234) com os fatos contemporâneos, início do século XXI, quando ainda cristãos e muçulmanos se enfrentam com selvageria:

Às causas políticas da actual guerra veem juntar causas accentuadamente religiosas, que produziram sempre profundas dissensões, e odios entre cristãos e mahometanos, os quaes se chacinam constantemente, chegando a praticar scenas verdadeiramente cannibalescas (30 de outubro de 1912, p. 234).

Após analisar a história dos povos envolvidos no conflito, Macedo, ainda na edição 1.218, considera um barril de pólvora a multiplicidades de práticas católicas na região – por exemplo, a Igreja Ortodoxa grega, firmemente apoiada pelo patriarca de Constantinopla –, e a atuação agressiva do governo turco contra estas comunidades:

Assassinatos impunes, prisões arbitrarias, exílio para a Ásia Menor, granjas incendiadas, mulheres e donzelas violadas, todas estas e outras espécies de violências suscitaram tanto ódio nos corações dos christãos da Macedonia que um grande número d'entre elles, chegados ao paroxysmo do desespero e não tendo já nada para perder formaram esses bandos gregos, servios e bulgaros que, pelos seus attentados repetidos a dynamite, exerceram represalias terriveis contra os turcos e tentaram a todo custo a attenção da Europa para a triste situação de seus irmão (30 de outubro de 1912, p. 235).

Foi rico o número 1.218, que também noticia uma revolução na Turquia: o poder na mãos do chamados “jovens turcos” devolveu a paz aos cristãos, que acreditaram não precisar mais da Europa. Essa paz, porém, durou pouco. Logo os “jovens turcos”, que haviam elaborado uma constituição otomana, voltaram a perseguir os cristãos, que finalmente, se uniram contra o inimigo comum. *Pari passu* à guerra dos países balcânicos contra Turquia, surgiu o problema nunca solucionado: uma guerra civil e paralela entre muçulmanos e cristãos:

É de presumir que a par da guerra propriamente dita, se produzirá uma guerra civil atroz que provavelmente ultrapassará em horror as hecatombes dos campos de batalha em que serão degoladas as tropas regulares (30 de outubro de 1912, p. 238).

Não há nada de novo nessa notícia. Desde que os islâmicos invadiram o Ocidente, que cristãos e islâmicos se matam. O infante Afonso Henriques, no início do século XII, fez exatamente a mesma coisa. Passaram-se os séculos e os problemas dos anos 1100 e 1897 repetem-se em 2017.

Na análise de *O Occidente*, observamos que Macedo de Oliveira, o autor do artigo e perspicaz observador da política internacional, tinha, provavelmente, conhecimento do Alcorão, pois alerta para a degola que ocorrerá nos campos de batalha. Attingir os inimigos na altura do pescoço é uma ordem do próprio Maomé e pode ser encontrada no Alcorão, o livro sagrado do Islã. Mansour Chalita (1993, p. 224), que o traduziu para a língua portuguesa, aponta no capítulo (ou Sura) 47, versículo 4: “Quando, no campo de batalha, enfrentardes os que descreem, golpeai-os no pescoço”.

Acreditamos que o maior mérito de *O Occidente* e de seu articulista Macedo de Oliveira, na cobertura da Guerra dos Balcãs foi o de prever que estas lutas já sinalizavam a Primeira Guerra Mundial. A Áustria, pretendendo anexar ao seu território parte das terras retomadas pelas nações combatentes, apontavam para um novo e pior desastre. O texto não deixa dúvidas.

A guerra ainda está longe de seu termo, talvez. Mas as potencias aguardam já cubiçosas (sic) os despojos dos vencidos (...). A attitude da Austria pôde levar à conflagração européia (...) a não ser que a Europa, unanimemente, impeça a intervenção austríaca (...) a complexidade dos problemas europeus, que constantemente surgem, torna com effeito neccesário o concerto geral (...) caso se pretenda que a inevitável contradicção de interesses não degenere, mais dia menos dia, num gravissimo conflicto (10 de novembro de 1912, p. 243).

O Occidente acompanha cada acontecimento. O período final de *O Occidente* é um dos melhores momentos jornalísticos da revista que, até então, não se destacara pelo cuidado com o factual. A notícia da Conferência Europeia no castelo de Saint James, em Londres, à procura de um acordo para a Guerra dos Balcãs, aparece no número 1.223. Dessa vez, cabe à “Cronica Occidental”, assinada por Antonio Cobeira e publicada na capa, dar a notícia e avisar:

E das resoluções tomadas pelos plenipotenciários dependerão os destinos da guerra, talvez o equilíbrio europeu, e – quem sabe? – os destinos da Europa e do mundo (20 de dezembro de 1912, p. 274).

Macedo de Oliveira testemunha, e relata aos leitores de *O Occidente*, a primeira guerra mundial pouco a pouco sendo construída pelo não acordo de Londres (número 1.227, 30 de janeiro de 1913, p. 18) e o respectivo envio de um ultimato à Turquia.

5.7.10 – Armamentismo

O golpe de estado na Turquia, que forçou Constantinopla a não aceitar o Ultimato, acabou provocando o assassinato do grão-vizir e uma profunda divisão no exército turco. A desconfiança de que a Alemanha estivesse, nos bastidores, controlando a situação e a certa observação de Macedo de Oliveira, afirmando, no início do século XX, que a indústria de armamentos estava por trás da inalcançável paz estão na edição 1.229 na coluna “Pelo Mundo Fóra” e com o título “Guerra nos Balkans”:

O novo grão-vizir havia sido homem por excelência do *marechal von der Goltz pachá*, e que deixara ótimas relações na Alemanha, principalmente na fabrica Mauser, em Oberdorf, discípulo da escola alemã (...) adido militar turco em Berlim. (20 de fevereiro de 1913, p. 34).

A fábrica Mauser é sediada em Oberndorf, sul da Alemanha, desde 1872. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Mauser deu origem à maior fábrica de armas da Europa, a Heckler&Koch. Na guerra hispano-americana, a Mauser foi a responsável pelo armamento das forças armadas espanholas. Concordamos que as guerras são negócios altamente lucrativos e, por isso, nunca deixarão de existir.

A paz armada sempre serviu de desculpa para a indústria armamentista. Cada país, na justificativa de se defender, é consumidor voraz da indústria de armamentos. Acaba tendo de escoar o que comprou e está se tornando obsoleto para comprar equipamentos mais modernos e tecnológicos. A solução é desovar as armas em uma guerra, qualquer guerra, desde que nenhum país sofra prejuízos financeiros. As vidas jovens perdidas não entram, nunca entraram e jamais entrarão nesta equação. Na edição 1.237, Macedo de Oliveira volta ao assunto:

Grande agitação causaram as afirmações do deputado socialista Lisbknecht que, no Reichstag, fez grandes acusações contra certas fábricas de material de guerra que, na ancia de fazerem negocio, provocam movimentos de opinião, dizendo-se mesmo que a famosa casa Krupp fizera publicar num jornal francêz um artigo tendente a excitar a campanha de armamentos (10 de maio de 1913, p .124).

À Turquia derrotada, notícia no número 1232 de (20 de março de 1913, p. 75) soma-se o assassinato do rei Jorge I, da Grécia, veiculado na edição 1233 (30 de março de 1913, p. 75). Na Coluna “Pelo Mundo Fóra”, J. A. Macedo de Oliveira descreve o atentado como: “mais um dos *coupés de théâtre* que a Guerra dos Balkans tem patenteado no mundo e que ninguém sabe quando terão fim”.

Após um silêncio sobre os Balcãs, o número 1.237 anuncia a novidade dos atentados praticados com bombas. Macedo de Oliveira traz a notícia que, novamente, aproxima o início do século XX ao início do XXI:

Multiplicam-se os destruidores de vidas humanas, a que parece de dia para dia se vae se dando menos importancia. A bomba (...) é largamente empregada lá pelas bandas do Oriente, tendo se feito sentir nos domínios da Turquia asiática (...) o vice-rei da India ingleza, Lord Hardinge, esteve às portas da morte, em consequência de uma bomba atirada d'um telhado quando ia num cortejo (...) na Conchinchina, um anamita atira uma bomba para o terraço d'um café, matando dois officiaes francêses e ferindo seis civis também europeus (10 de maio de 1913, p. 124).

“A paz entre a Turquia a as nações balcânicas já é um facto assente”, anuncia Macedo de Oliveira na rubrica “Pelo Mundo Fóra”, edição 1.240. A Turquia perde os seus territórios europeus à custa de, aproximadamente, apenas no lado dos vencedores, 74 mil vidas. O articulista não tem os dados dos mortos turcos, mas acredita terem sido muito maiores:

Se estas são as perdas dos vencedores imagine-se o que terá sido a hecatombe dos pobre turcos, que soffreram também os horrores da peste e da fome. Está, pois, por assim dizer, acabado o dominio mussulmano na Europa (10 de junho de 1913, pp 159-160).

A edição 1.248 (30 de agosto de 1913, p. 260) é desanimadora. Guerra civil na Turquia, o germanófilo grão-vizir foi assassinado, provocando imensa repressão. Macedo de Oliveira faz as contas e conclui que “os grandes países industriaes estão gastando mais de 400.000:000 de libras em armamentos”.

A paz balcânica foi assinada em Bucareste, mas permaneceram pontos perigosamente insolúveis. Praticamente todos os números do ano de 1913 – que começa na edição 1.225, 10 de janeiro, e termina com o número 1.260, 30 de dezembro – trouxeram notícias do conflito balcânico e das manobras de vários países para se manterem na defensiva diante do caos maior que se anunciava.

5.7.11 – Conflito mundial

O ano de 1914 inicia no mesmo compasso e *O Occidente* não deixa de noticiar um só acontecimento. Nem bem o ano começa, a Turquia compra um poderoso encouraçado da marinha do Brasil, preocupando a Itália, a França e a Grécia. A guerra dos Balcãs recrudescer, a Turquia tenta reconquistar a Albânia. A Áustria-Hungria continua demonstrando a sua vontade de guerrear.

O equilíbrio político na Turquia é, a cada dia, mais tênue. A Áustria e a Alemanha orquestram uma campanha contra a Rússia, alegando que a compra de armamentos por parte desse país tem como objetivo destruir a Alemanha. As bolsas de valores de Berlim e São Petersburgo reagiram a essa notícia com violenta queda. A certeza de uma guerra global é tanta que a Europa já pergunta: quando?

A Bulgária, de maioria muçulmana, degola sem vacilar os sérvios, que publicam um livro em inglês, francês, alemão, italiano e russo, fartamente ilustrado com fotos e gravuras, para denunciar ao mundo o excesso de horror – os séculos XX e XXI anunciados no XIX.

Francisco Fernando, arquiduque herdeiro da Áustria-Hungria e sua mulher, a duquesa de Hohenberg, são assassinados em Sarajevo, capital da Bósnia, anexada à Áustria graças aos esforços diplomáticos do arquiduque recém-assassinado. A coluna “Pelo mundo Fóra”, edição 1.279 dedica todo o seu espaço à tragédia.

Além de narrar, em detalhes, o atentado, a história dos arquduques mortos e a dor do imperador Francisco José, também noticia que o crime provocou perseguição aos sérvios residentes na Áustria, em Sarajevo, na Croácia e na Herzegovina. O jornalista prevê na coluna “Pelo Mundo Fóra” que o crime trará consequências graves à já conturbada Europa:

Dado ao papel considerável que a Austria tem tido na crise albanesa, em que a sorte do príncipe está prestes a decidir-se, é fácil conjecturar o efeito produzido pela tragédia de Sarajevo (10 de julho de 1914, p. 221).

Na edição 1.282, a próxima guerra européia é antevista na “Cronica Occidental”. Antonio Cobeira escreve:

Tudo nos leva a crer que estamos em vespéras de um dia de carnificina hedionda (...) o pacifismo é agora, como será ainda amanhã, uma ilusão de bem-intencionados (...) os tempos falam hoje pelas gargantas das metralhadoras (10 de agosto de 1914, p. 254).

Outra vez, *O Occidente* derrapa diante do tragédia fartamente anunciada. O número 1.282, de 10 de agosto de 1914, apesar da grave situação mundial e do espanto que percorre a Europa, abre a capa com manchete para um concurso literário. O início da guerra só é noticiado na página 259. Ou seja, a página cinco da edição. O título está em destaque – “Conflagração das potências da Europa”, além de fotos dos reis dos países envolvidos.

No início da primeira guerra, que tanto preocupou a revista, *O Occidente* sofre uma recaída na precariedade editorial. Somente após o anúncio de um concurso literário, da “Cronica Occidental”, de “Pelo mundo Fóra”, de gravuras de quadros, espaço para poemas, foto de uma ponte na Sérvia e comentários sobre livros, aparece a grande notícia da conflagração mundial. Acreditamos que a noção de impacto da notícia e de sua capacidade de aumentar a vendagem era, no século XX, diferente da que usamos hoje. Ou, então, *O Occidente* nunca soube administrar situações realmente importantes.

A coluna “Pelo Mundo Fora” relata em detalhes a movimentação dos países envolvidos. O pânico nas bolsas, a elevação das taxas de juros praticadas pelos bancos assustados com a guerra, a provisões de carvão, o recrutamento, os primeiros tiros. A guerra, finalmente, chegou. *O Occidente*, durante o tempo em que ela se armou, acompanhou passo a passo os preparativos da conflagração. Previu a guerra, fez dela e de seus preparativos, notícia de quase todas as edições de 1913 e 1914. O jornalista Macedo de Oliveira, responsável pela política internacional em *O Occidente*, fez um cuidadoso trabalho de pesquisa, observação e confrontamento de dados. A cobertura da pré-guerra foi, em nossa opinião, excelente.

5.7.12 - Portugal na guerra

De Portugal não se fala, até o momento em que Lisboa percebe que a Alemanha pretende avançar sobre as colônias portuguesas que faziam fronteira com as suas próprias colônias na África. O número 1.285 (10 de setembro de 1914, p. 290) destaca que Portugal resolveu enviar tropas para Angola e Moçambique. Em matéria de duas páginas, destaca, além do fato de os componentes da expedição serem voluntários, o apoio que o governo lhes prestará ou às suas famílias. O texto também alerta que as expedições são preventivas e que se destinam “a evitar qualquer atentado contra os nossos domínios em África”. Lacerda (2013, p. 4) refere:

Em setembro de 1914, tropas portuguesas foram deslocadas para as duas colônias (*Angola e Moçambique*, grifo da autora). Na maioria eram formadas por soldados com baixo nível de instrução, equipadas precariamente e vestidos com uniformes inadequados para o clima africano. Era difícil, senão impossível, fazer frente aos combatentes alemães.

Apesar de, internamente, Portugal estar vivendo uma crise econômica e institucional, sua intenção era participar da guerra, a despeito da má vontade da Inglaterra, que considerava o país sem condições de arcar com tanta despesa. Lacerda (2013, p. 7) comenta os bastidores:

Portugal declarou-se neutro e recebeu garantias da Inglaterra de que, caso fosse atacado, o Império Britânico o protegeria. (...) Sabia-se, no entanto, que o governo lusitano desejava participar do conflito ao lado de sua aliada, para ocupar uma posição de destaque no vitorioso pós-guerra que, se pensava, não ultrapassaria o fim do ano. Era claramente uma política de governo.

Portugal aproveita as chances que tinha para transformar qualquer evento que o vincule à guerra em espetáculo político. O embarque das tropas para a África foi uma

apoteose, com direito à presença do presidente da República que, inclusive, embarcou num navio da marinha portuguesa para acompanhar os expedicionários até a saída do Tejo. A edição 1.286, na coluna “Pelo Mundo Fóra”, assinada por Macedo de Oliveira, relata:

O dia da partida foi como um dia de gala em Lisboa, pois não só houve tolerância de ponto em todas as repartições do Estado, como a maior parte dos estabelecimento de comercio e industria fecharam dando soeto a seus empregados para irem ao bota-fóra dos expedicionários (...) sua excisa, o presidente Arriaga dirigia-se com a sua comitiva e os ministros para o Arsenal de Marinha a embarcar no Adamastor que o devia conduzir ao bota-fóra da expedição (20 de setembro de 1914, pp. 302-304).

No mesmo número, com fotos de página inteira e texto sem assinatura, *O Occidente* retoma, na matéria “Expedição militar às províncias de Angola e Moçambique” (p. 304), o tom épico do tempo das guerras africana:

Em um número antecedente nos referimos (...) às forças que compõem a expedição, a mais numerosa e completa que depois da celebre expedição ao Gungunhana se tem organizado nos últimos tempos.

Até deixar de ser publicado, em 10 de julho de 1915, data de sua última edição, *O Occidente* continuou atento aos combates da Primeira Guerra Mundial. Como sempre, na coluna “Pelo Mundo Fóra”. No número 1.284 (30 de agosto de 1914, p. 280), Macedo de Oliveira afirma: “o conflito atual, nascido entre a Austria e a Servia, alastra-se pela Europa toda e ameaça estender à Ásia e à Africa. É a maior lucta de que reza a história”.

A cobertura segue rotineiramente até maio de 1915. Repetindo a lógica de não usar o assunto principal no *lead* da matéria, Macedo de Oliveira só noticia que, pela primeira vez e desrespeitando os códigos de Haia, a Alemanha atacara com gás clorídrico, no último parágrafo da coluna “Pelo Mundo Fora” do número 1.309:

Em Ippres os allemães surprehenderam os alliados com gazes asphixiantes, em que se reconheceram vapores de chloro, formol e enxofre, contra as convenções de Haya, causando sensiveis effeitos nas tropas, algumas das quais sucumbiram com terriveis bronchites (10 de maio de 1915, p. 152).

Ao fim de um ano de guerra, na edição 1.311, a coluna “Pelo Mundo Fóra” calcula o quanto a guerra já queimou de dinheiro:

“O custo da guerra, não contando as mortes, ruinas e prejuizos de toda a especie, é de 1. 333.333 contos por mês. 44.444 por dia; 1.835 por hora; 30 por minuto, 500 mil réis por segundo! (30 de maio de 1915, p. 176)

O lucro, segundo Macedo de Oliveira, fica nas mãos do norte-americanos, maiores fabricantes de munição e de peças de artilharia para os aliados. Essa notícia está no número 1.312:

Uma só encomenda (...), feita pela Russia, importou em 83 milhões de *dollars* e foi satisfeita pela casa Carandy Foundry (...) outra encomenda, de 30 milhões de *dollars*, foi feita à mesma firma (...) As fábricas norte-americanas tiveram pedidos de peças de artilharia e metralhadoras de 15 milhões de *dollars*. O total de encomendas feitas às fábricas norte-americanas attinge a cifra de 250 mil contos. N’esta condição é para duvidar dos esforços dos Estados Unidos para por termo à presente conflagração. (10 de junho de 1915, p. 189).

A revista acaba repentinamente. O número 1.315, de 10 de julho de 1915, noticia a guerra com os detalhes de sempre. Para quem acompanhava a Primeira Guerra Mundial pelas páginas de *O Occidente* fica um vazio. O jornalista Macedo de Oliveira fez um trabalho que garantiu às gerações futuras uma ideia clara dos motivos da guerra e de seu dia a dia.

Acreditamos que a cobertura de política internacional de *O Occidente* foi muito superior à cobertura da política interna.

5.7.13 – Pacifismo

Vários outros assuntos ocuparam a atenção da editoria internacional de *O Occidente*. Escolhemos para analisar a relação da revista com a ideologia pacifista que, apesar de muito antiga, ganhou corpo de pensamento de vanguarda durante o século XIX. Sobre o pacifismo existem registros na civilização chinesa e indiana, muitos séculos antes do início da Era Cristã. É também conhecida a *Pax Romana*, que se impôs pela força das armas.

A ideologia pacifista é muito mais antiga do que pretendem os seus defensores contemporâneos. Na história do pensamento humano, esta ideia veio sendo retomada até chegar ao século XIX repaginada e com ares de retórica liberal. Em *O Occidente*, o neopacifismo mistura-se à ideia de uma Europa unida, onde um supremo tribunal de Justiça resolveria as possíveis pendências entre os vários países. Santos (2009, p. 47) aponta:

José Máximo Pinto da Fonseca Rangel, Ministro da Guerra (1823-1824) publicava, em 1821, um sugestivo *Projecto de Guerra Contra as Guerras, ou da Paz Permanente Offerecido aos Chefes das Nações Europeias*, onde propunha que as principais potências europeias, reunidas em Congresso, renunciassem à guerra e resolvessem de forma pacífica os conflitos. Sugeria a criação de um Conselho Suremo, ou Supremo Tribunal de Justiça, onde cada potência confederada estaria representada por dois deputados.

É ainda Alda Santos (2009, p. 53) que afirma que, no último quartel do século XIX, conviviam duas ideologias pacifistas. Uma religiosa-humanista e a outra baseada na Internacional Socialista:

Duas correntes de pensamento pacifista coexistem na época (de *O Occidente*, friso da autora): uma, na linha de tradição secular internacionalista eivada de ideais religiosos e humanistas; outra na linha da tradição de um internacionalismo socialista.

Para *O Occidente*, os eventos onde se discutia o melhor meio de serem evitadas as guerras eram as prestigiadas reuniões científicas. Nessa época surgiram, entre outros, a Liga Internacional para a Paz (1889) e o Prêmio Nobel da Paz (1897). As iniciativas pacifistas eram administradas pelas lojas maçônicas, pela Liga Nacional dos Direitos dos Homens, pela Liga Portuguesa da Paz e pela Sociedade Geográfica de Lisboa. As Conferências de Haia foram organizadas em torno da pretensão de paz e união. Paz e união dos povos serviam de *leitmotiv* para a divulgar uma espécie de “Projeto Monroe” no Velho Continente: a Europa para os Europeus. Embrião da ainda distante União Europeia.

Fechando questão com a ideologia pacifista, *O Occidente* e seus colunistas – monarquistas, conservadores, republicanos e socialistas – aderiram à ideia. Poucos, manifestaram ceticismo diante da utopia da paz. Entre eles, Francisco de Noronha que escreveu na edição 846: “é na guerra que principalmente se pensa, é para a guerra que as nações incessantemente se preparam” ((30 de junho de 1902, p. 156).

Embora os países não parassem de se armar, *O Occidente* acreditava que os avanços científicos se encarregariam de sobrepujar a força da espada e acabaria por levar o mundo à tão desejada paz geral. Em muitos artigos, a revista endossa essa corrente de pensamento. Macedo de Oliveira, na rubrica “Pelo Mundo Fóra, do número 1.139 também adere ao pacifismo:

Não se deve esperar dos chefes de estado nem dos capitalistas esse movimento a favor da paz pois que uns e outros, se não fazem a guerra, favorecem pelo menos a paz armada, que não é mais do que um estado de guerra disfarçado. Os esforços reunidos da classe média instruída e dos socialistas, que sofrem os efeitos do militarismo, permitir-lhes hiam impor aos governos a necessidade de desarmamento, que poria nas mãos da colectividade enormes capitães para se realizar toda especie de reformas sociaes (20 de agosto de 1910, p. 190).

Em muitas outras edições, de anos diferentes, o apoio ao movimento pacifista é claramente demonstrado pelo *O Occidente*. A arbitragem internacional para resolver pendências entre os países é um ideal perseguido pelos intelectuais. A “Revista Política”, autoria de João Verdades, número 437 afirma:

Se a civilização caminha e a humanidade aspira a um successivo aperfeiçoamento deve libertar-se desses meios violentos que ensanguentaram os seculos passados e fazer antes triumphar as suas conquistas pelas forças das convicções em vez de as fazer triumphar pela força das armas (11 de fevereiro de 1891, p. 39).

Em 1899 aconteceu em Haia, Holanda, a Conferência da Paz. Proposta de Nicolau II, czar da Rússia, que acreditava ser possível o desarmamento de todas as nações. *O Occidente* se manifesta sobre a Conferência na edição 737 (20 de junho de 1899, p. 134), num artigo assinado por João da Camara: “Na Haia estão reunidos os conferentes para a paz universal. O grande ideal do Tzar da Russia vai, cada vez mais, parecendo uma utopia”.

João da Camara, infelizmente, acertou.

CAPÍTULO VI - Cultura e Ciência

6.1 – Arte

Os jornais que surgiram nos séculos XVIII e XIX consideravam que a sua principal obrigação era entregar conhecimento aos leitores e apresentá-los às mais variadas artes.

Não causa espanto que as mais importantes propostas de *O Occidente* foram as de informar e educar os leitores. O número beta da revista, sem data e apenas uma demonstração de sua proposta editorial, traz o seguinte texto de abertura:

O empreendimento de uma publicação ilustrada que exprima justamente o estado da arte em Portugal e seja exclusivamente nosso (...). A vida portugueza não está de todo extinta. É preciso affirmar-o com documentos (...) que provem termos sahido da vida historica da tradição para a existência positiva dos factos (...) contemporâneos, interessando-nos as conquistas da sciencias e os esplendores da arte, (...) *O Occidente* servirá à ideia civilizadora de trazer para a evidencia da luz a vida nacional que palpita no mundo obscuro do esquecimento publico (...) A navegação, o commercio, a guerra, a religião, os costumes, as invenções, as viagens (...) toda essa multidão de fatos comovedores de que o mundo moderno é theatro (...) serão comentados.

O Occidente alcançou o propósito. Através da “Chronica Occidental” que, independentemente de quem a assinava, divulgava os programas culturais de Lisboa, principalmente teatro e música e, no período final, o movimento modernista na literatura. Pela rubrica “Portugal Pitoresco” que apresentava, usando gravuras, as belezas e as curiosidades do país. Publicado aleatoriamente, do primeiro até o último número, sempre houve espaço para “Portugal Pitoresco” enaltecer Portugal.

O Occidente também se preocupou em publicar, em capítulos de várias edições, os fatos mais importantes da história portuguesa, além de folhetins de autores famosos. Também

divulgou as Belas Artes por meio de gravuras de quadros e esculturas. . Reis (2005, p. 181) que identifica a ideologia burguesa por trás das artes do século XIX comenta:

Foi na produção literária e artística que a cultura e a mentalidade burguesa melhor se exprimiram. As letras e as artes conheceram, ao longo do século XIX, um extraordinário florescimento. O clima de liberdade permitiu tão radioso fenômeno que nem a partidarização excessiva da vida política nem os acidentes da economia obstaram a tal brilhantismo.

O Occidente entendeu esse importante aspecto do século XIX. Noticiou com destaque as exposições e as conferências. Reconheceu a importância de escritores e pensadores portugueses no contexto europeu. Enfim, nunca deixou de solicitar aos leitores maior participação emocional e intelectual nos fatos que construíram e continuavam construindo a cultura comum a todos. Do início ao fim, a revista foi um libelo em favor das artes que, nos oitocentos, conheceram uma época especialmente pródiga.

6.2 – Teatro

Fazia parte da rotina: as “Chronicas Occidentais” comentavam as peças e óperas que estavam em cartaz em Lisboa. As programações dos teatros São Carlos, Gynnasio, Dona Maria II, Rua do Conde e Colyseu apareciam em destaque. A cada número, novas críticas. Apesar da intensa divulgação da arte cênica no fim do século XIX, uma estatística demonstrou que das cercas de 1.300 peças apresentadas em Lisboa entre o lançamento de *O Occidente* e a instauração da república, menos de ¼ foram escritas ou compostas por autores portugueses. Marques (1998, p 154) afirma: “entre 1870 e 1880, apenas 19%. Entre os anos 80 e 90, 22%. De 1890 a 1900, 36%. Entre o início do século e 1910, 37%”.

Coelho (2003, p. 1) detalha o ambiente cultural europeu do fim do século XIX:

A cultura mundana, tanto a aristocrática quanto a burguesa da Europa do final do século XIX, construiu um conjunto de signos para identificar a sua condição de linguagem do homem civilizado que, enfim, assumira o cenário social de um mundo marcado pelas transformações materiais e mentais características de uma época racionalista, laica e cientificista. Os bens culturais, fossem na forma de literatura, fossem no corte da indumentária, passaram a circular pelos canais da mundialização do capitalismo e do mercado, aproximando centros geograficamente distantes, como São Petersburgo e Rio de Janeiro, Buenos Aires e Londres, Lisboa e Belém. O consumo da ópera na Europa *fin de siècle* manifestou-se como uma das mais expressivas e refinadas representações da cultura mundana e urbana perfilhada pelo homem civilizado. Ir à ópera, ser visto nos cenários do canto lírico, privar do convívio de compositores, maestros e músicos, como revela a novelística europeia de então, era sinónimo de status e de representação social.

As visitas de grandes artistas mereceram páginas como, por exemplo, a de Sarah Bernhardt, considerada a melhor atriz do mundo, em 1882 e 1888. Em 1882, edição 120 (21 de abril de 1882, p. 90), Gervasio Lobato abre a “Chronica Occidental” louvando-a: “todas as preocupações se calaram perante a grande preocupação do momento – arranjar um bilhete para ir ver a Sarah Bernhardt”.

A edição 335 traz um texto de uma coluna e meia, assinada apenas por R.

Não há no theatro moderno individualidade mais original, mais característica, mais poderosa e mais brilhante do que d’essa excepcional artista e excepcional mulher que, pela segunda vez, dá a Lisboa a honra de sua visita (...) Nunca, no mundo artistico, se admirou (...) uma individualidade tão poderosamente accentuada (...) *O Occidente*, publicando hoje o retrato de Sarah Bernhardt registra (...) essa visita que é para Lisboa um acontecimento de primeira ordem. (11 de abril de 1888, p. 82)

Em 1880, o compositor brasileiro Carlos Gomes regeu, no Teatro Dom Carlos, Lisboa, a sua composição *O Guarany*. A edição 56 (15 de abril de 1880, capa e pp. 58-59), analisa a ópera e os seus cenários. A crítica, assinada por Fillipe do Amaral, aponta o estado letárgico dos compositores portugueses e brasileiros e afirma que “a grande fortuna do sr. Carlos

Gomes constitui, pois, ter sido educado em Italia”. Fillipe do Amaral garante ainda que *O Guarany* fez e faz sucesso pela fácil melodia, “facilmente perceptíveis do clima e da raça” e acentua “a sua falta de originalidade”.

Enfim, uma crítica pouco favorável, embora também aponte algumas qualidades, entre elas que “a execução em Lisboa foi excelente”. No mesmo número, Fillipe do Amaral também chama atenção para o fato que, em 1880, dez anos depois de *O Guarany* ter sido apresentado, com sucesso, no Scala de Milão, o público de Lisboa já ter os ouvidos e a sensibilidade educados pela apresentação de grandes nomes da música: “15 ou 20 annos mais cedo, há dez annos ainda, teria agradado bastante, hoje, porem, o publico, educado pela música moderna, soube, julgo eu, fazer criticamente as distincções justas”.

A cenografia mereceu outra matéria, esta assinada por Spectator, que classifica de “magnífica” a criação de Luigi Manini para os cenários da ópera de Carlos Gomes:

De uma maneira geral, contudo, a imprensa musical de Lisboa posicionou-se favoravelmente à música, à cenografia e à instrumentação de *O Guarany*. Jornais e revistas, na sua grande maioria, reconheciam e proclamavam a genialidade do compositor brasileiro, apontando-lhe qualidades indiscutíveis de composição.

A sociedade lisboeta esperava a publicação semanal de *O Occidente* para organizar os seus programas culturais. Como ainda acontece atualmente com os veículos de comunicação mais importantes, não importava se a opinião era contra ou favor. O importante era ser publicado em *O Occidente*. A revista é uma excelente fonte de informações para quem deseja pesquisar a vida teatral portuguesa do fim do século XIX, início do XX.

6.3 - *A Portuguesa*

A evolução da música *A Portuguesa*, de autoria de Alfredo Keil e Henrique Lopes de Mendonça, escolhida espontâneamente pelo povo para, após a República, se tornar o novo hino português, também é seguida atentamente pelo *O Occidente*, que registrou seu sucesso junto ao público no mesmo ano em que ela foi composta, 1890.

A música foi uma resposta patriótica ao ultimato inglês e caiu no gosto do povo, que não cessava de pedir que os teatros a tocassem antes de cada récita. O número 405, de 21 de março de 1890, publicou um encarte com a partitura e a letra, além das gravuras dos autores.

No mesmo ano em que é composta, a pauta de “*A Portuguesa* é publicada no suplemento do número 405, 21 de março de 1890.

A matéria da edição 405, citada acima, conta que *A Portuguesa* nasceu na noite de 12 de janeiro de 1890, dia seguinte do ultimato inglês, entre a sobremesa e o café de um jantar informal de amigos. O momento em que, nas ruas, o povo gritava a sua revolta e seu amor a Portugal ficou bem marcado na música de Keil e na letra de Lopes de Mendonça:

Tem este grande valor *A Portuguesa*: o de ter sido produzida no momento em que a população mais se agitava nas suas manifestações patrióticas, estabelecendo uma verdadeira corrente de entusiasmo comunicativo de que Alfredo Keil também se possuiu para o seu inspirado improvisado. (25 de março de 1890, p. 67).

Na revolução republicana do Porto, 31 de janeiro de 1891, *A Portuguesa* foi cantada pelos revoltosos e a “*Chronica Occidental*” da edição 437 (11 de fevereiro de 1891, p. 34) registra:

Os soldados issurrectos commandados pelo capitão Leitão e pelo alferes Malheiro e acompanhados pór uma multidão enorme, subiram a rua de Santo Antonio (*atual 31 de janeiro*, grifo da autora) com as bandas marciaes a frente tocando *A Portugueza*.

A Portugueza foi então considerada uma canção de protesto e proibida pela monarquia, atitude que surpreendeu os seus autores, Santos (2011, p.3) refere:

A luta pelo poder assumia novas dimensões e *A Portuguesa* foi apropriada pela esquerda republicana como um contra-hino, com o objectivo de amesquinhar o hino oficial. Doravante, *A Portuguesa* passou a dominar as manifestações patrióticas, a música adaptou-se à letra de Lopes Mendonça e passou a correr a lenda de que a estrofe “contra os canhões” teria sido originalmente “contra os bretões” (o que não era verdade). Keil e Lopes Mendonça procuraram esclarecer que *A Portuguesa* era completamente alheia à política dos partidos, era um canto patriótico e nada mais, a sua única ambição era reunir em volta da bandeira da Pátria todos os corações portugueses.

Santos (2011, p.1) também relata que, quando da instauração da república, os portugueses espalharam-se nas ruas cantando-a.

Na manhã de 5 de Outubro de 1910 (...), os revolucionários que desceram da Rotunda pela Avenida da Liberdade até à Câmara Municipal para aí proclamarem a República tiveram a companhia de duas bandas de música, as dos regimentos de Caçadores 5 e Infantaria 6, que incansavelmente fizeram ouvir *A Portuguesa*, composta vinte anos antes por Keil, ao tempo em que este já era um nome conhecido como um dos mais conceituados compositores ou práticos nacionais.

A edição 1.144/1.145, de *O Occidente*, número especial em comemoração à aclamação da república, registra:

Apos a proclamação, espalhou-se o povo pelas ruas cantando *A Portuguesa*, aplaudindo os vultos mais em evidencia da democracia e assim tem andado na exibição entusiastica de seu jubilo (20 de outubro de 1910, p. 236).

Em 11 de junho de 1911, a Assembleia Nacional Constituinte decretou que *A Portuguesa* passava a ser considerada o hino nacional. O decreto pode ser consultado no «Decreto da Assembleia Nacional Constituinte de 19 de junho»¹⁴.

6.4 – Ourique

O número três (1º de fevereiro de 1878, p. 21), ao noticiar a morte do historiador Augusto Soromenho, lembra que Soromenho era professor de árabe no Lyceu Nacional de Lisboa. O antigo professor, António Caetano Pereira, fora exonerado, por ordem de Alexandre Herculando, pois o contestara sobre o episódio do Campo de Ourique. Assim, *O Occidente* relembra – e traz ao conhecimento do público – a posição de Alexandre Herculano sobre o milagre de Ourique, fato que, em 1846, rendeu enorme discussão com a Igreja Católica e com os intelectuais conservadores.

Conforme registramos no capítulo sobre a revista *O Occidente*, o Milagre de Ourique ainda é um dos mais importantes mitos na história da fundação de Portugal. Conta que Afonso Henriques, ao efetuar uma *razzia* no interior profundo dos territórios dominados pelos mouros, foi surpreendido e cercado por um imenso exército islâmico. Jesus Cristo, porém, apareceu ao infante garantindo-lhe a vitória e pedindo que Afonso Henriques adotasse por armas as suas chagas: os cinco escudos que, até hoje, adornam as Armas de Portugal. Alexandre Herculano foi o primeiro a, publicamente, questionar este fato ao lançar a sua *História de Portugal*, em 1846. Saraiva (1998, p.71) analisa:

¹⁴ Página oficial da Presidência da República Portuguesa. 19 de junho de 1911. <http://www.presidencia.pt>.

Muito antes de Herculano, a realidade histórica do fato já tinha sido negada; fê-lo, por exemplo, Luís Antonio Verney no *Verdadeiro Método de Estudar*, publicado em 1746, exactamente cem anos antes do primeiro volume de *A História de Portugal (...)* mas naquela altura não se verificava a situação de explosiva confrontação cultural que se seguiu ao liberalismo e a impiedade não causou protestos. Herculano ousou chamar *fábula* à lenda e com isso desencadeou uma reacção extremamente violenta, durante a qual foi acusado de inimigo da fé e da verdade, de detractor das glórias nacionais. (...) Esta polémica, que se prolongou durante muito tempo, ficou quase tão célebre quanto a batalha.

Machado (2008, pp.1-6-10) reitera recorrendo a documentos cristãos:

Durante oito séculos, a história de Portugal foi construída através de narrativas literárias e históricas que procuraram constituir aquilo que podemos chamar de “caráter nacional” entre as elites políticas. Nelas, nota-se a presença constante da descrição do Milagre de Ourique – mito fundador da nacionalidade portuguesa – como um elemento simbólico decisivo para a afirmação da identidade nacional portuguesa. Mas é somente no século XIX que será possível pensar a nação como um corpo político cujo contorno foi definindo-se após a revolução liberal (1820) e, principalmente, a partir da historiografia produzida em meados desse século (2008, pp. 1-6).

E também os que registram a passagem árabe pela Península:

Da mesma forma ele não encontrou sequer algum registro escrito pelos árabes sobre este acontecimento, o que o leva a crer que a narrativa do milagre de Ourique foi criada a posteriori. (...) Na ausência de uma documentação que comprove as narrativas construídas pelos clérigos, tempos depois, Herculano expõe, pela primeira vez na historiografia portuguesa, algumas hipóteses que contestam tal versão mítica da história, afirmando ainda que “se acreditarmos os cronistas antigos e ainda os historiadores modernos a batalha de Ourique foi a pedra angular da monarquia portuguesa. (...) Na busca por uma verdade científica, Herculano, não percebeu que para desconstruir um mito enraizado no imaginário social lusitano era preciso substituí-lo por outro, ou melhor, ele não percebeu que o campo da política não é um espaço feito somente pela

razão e, que os elementos simbólicos – representados pelos mitos –, reconstituem o elo vital entre a realidade e a ficção.

O comentário de Herculano sobre Ourique não passou de um pé de página na primeira edição de sua *História de Portugal*, publicada em 1846. Buescu (2010, p.37) o reproduz:

Discutir todas as fábulas que se prendem à jornada de Ourique fora processo infinito. A da aparição de Cristo ao príncipe antes da batalha estriba-se em um documento tão mal forjado que o menos instruído aluno de diplomática o rejeitará como falso ao primeiro aspecto.

Aparentemente sem importância, essa nota rendeu enorme discussão entre Herculano e o clero, além de envolver intelectuais que concordavam de que o fato não passava de lenda, mas defendiam sua permanência na história portuguesa pelo muito que representava para o povo. A polêmica arrastou-se durante anos e acabou se transformando numa questão pessoal entre Herculano e a Igreja Católica. O fundador da historiografia científica em Portugal considerava a questão como um avanço do pensamento reacionário e, em 1856, publicou um opúsculo, *Eu e o Clero*, no qual declarou guerra ao pensamento religioso e transformou o caso em escândalo público. Buecu (2010, p.44) refere:

Com a publicação de *Eu e o Clero*, a questão passou a escândalo público e cristalizaria aquela que seria a leitura e a interpretação que Herculano fez da polêmica: se à luz da história o milagre não tinha sustentação, as razões para o ataque de que fora alvo eram outras.

O professor português Luís Carmelo (1999) classifica a Batalha de Ourique de “mito de sobrevivência nacional”, título de um artigo que publicou sobre este assunto.

6.5 - Igualdade até certo ponto

Apesar da preocupação pedagógica e da proclamada intenção de oferecer conhecimento ao grande público, *O Occidente* não escapa de, eventualmente, usar um tom elitista, prova de que o discurso de “Liberdade, igualdade, fraternidade” não era para ser levado tão ao pé da letra.

Acusação, lamentação, reconhecimento que, apesar da “pouca qualidade”, os circos lotam todas as noites e um episódio que, na edição 429, (21 de novembro de 1890, capa e p. 258), Lobato qualifica de “cômico”: o povo que atende as sessões circenses “exige que se toque *A Portuguesa*”. Depois aproveita para questionar o excesso de patriotismo por parte “de quem não se preocupa em destruir a arte cênica nacional”.

Os patriotas desertam dos theatros nacionaes (...) enchem os Colyseus onde não há um único artista portuguez, vão levar ao estrangeiro o dinheiro e o applauso que negam a seus compatriotas e, depois, em nome do patriotismo pede *A Portuguesa*! Ora, tudo isso é muito ridiculo (...). Deixa os theatros nacionais às moscas, atulha os espetaculos das companhias estrangeiras e, para manifestar o seu amor à patria, pede *A Portuguesa*! (21 de novembro de 1890, p. 258).

A pouca simpatia de Gervasio Lobato pela mistura de classes permitida pelo Colliseu estende-se ao novo Colyseu de Lisboa, inaugurado em 14 de agosto de 1890, e local onde se apresentam os circos que ele detesta. No número 420, Lobato anuncia a abertura do Colyseu, declarando a sua pouca simpatia pelo espaço:

A minha pouca sympathia pelo novo Colyseu começa pelo sitio que a empreza foi escolher para edificar aquela bizárma, que é com certeza a maior casa de espetáculos de Lisboa e uma das maiores da Europa. Aquelle Colyseu, estimado a receber em seu seio oito mil espectadores, foi se esconder no recanto d’uma das ruas mais estreitas de Lisboa, a rua de Santo Antão (21 de agosto de 1890, p. 186).

Embora a rua de Santo Antão seja na Baixa lisboeta, ponto central da cidade, *O Occidente* se esmera em achar defeitos na nova casa de espetáculo: o Colyseu era exageradamente grande e o acesso, difícil, pois obrigava o público a subir uma ladeira íngreme; a dificuldade de acesso e de fuga, ambos através das mesmas portas, mataria todos em caso de incêndio; as condições de segurança eram ínfimas para a quantidade de pessoas que pretendia abrigar; o aspecto interior “muito feio”; o palco, desproporcional e “mais parecia um coreto para a orchestra de um circo” (p. 186); a acústica era excelente, mas a visão, em certos lugares, ficava comprometida.

A ópera escolhida para a sua inauguração foi *Boccacio*, que, naturalmente, recebeu uma péssima crítica de Gervasio Lobato na edição 420:

Na 1ª noite houve uma enchente enorme e a companhia que cantou *Boccacio* foi muito aplaudida. Esta companhia (...) tem alguns cantores de boa voz e de merecimento, mas para nós tem o defeito de todos os italianos a cantarem ópera francesa – a falta de vida, de *verve*, d’*entrain*, a italianização da musica ligeira dos maestrinos que a transforma completamente e a torna massadora (21 de agosto de 1890, p. 186).

6.6 – Centenários

As comemorações dos grandes vultos da história portuguesa também serviram a *O Occidente* para veicular as grandezas do país e a importância de seu passado desbravador. Nas comemorações do tricentenário de Camões, já analisadas por nós, Pinheiro Chagas escreve sobre o poeta apaixonado pelas mulheres e aproveita para enaltecer as qualidades amantes dos varões portugueses, detalhe que, cremos, angariou mais leitores para *O Occidente*, já que os homens nunca resistem a este tipo de lisonja:

Camões amou D. Catharina? (...) amou-a com todo affinco e o enthusiasmo de um poeta portuguez, que os vates cá da terra sempre tiveram fama de galanteadores e requebrados desde el-rey D. Diniz (suplemento ao número 59, 10 de junho de 1880, p. 90).

O número tem, ainda, reprodução de um quadro do pintor belga Slingeneyer, que mostra o poeta salvando “Os Lusíadas” do naufrágio, gravuras – inclusive da igreja de Sant’Anna onde, até então, Camões estivera sepultado –, e reproduções de versos. É importante ressaltarmos que a edição 59, 10 de junho de 1880 é publicada no momento em que aconteciam as homenagens a Camões. Trata-se, portanto, de uma homenagem paralela às oficiais, é o apoio de *O Occidente* à decisão do governo português de organizar as festas, pois circula em Lisboa simultaneamente aos momentos em que os restos mortais de Camões e também Vasco da Gama são colocados no Mosteiro dos Jerônimos.

Na base das grandes comemorações nacionais está o próprio Estado e o intuito de afirmar a identidade e singularidade do país na cena internacional. De um ponto de vista interno, as comemorações procuram unir os cidadãos em torno de imagens, símbolos, referências e valores susceptíveis de contribuir para a unidade e coesão nacional. Em relação ao exterior, servem para projectar imagens que singularizam e identificam o país, que lhe conferem visibilidade e um estatuto de prestígio (João, 1999, p. 14).

Na mesma edição 59 (10 de junho de 1880, pp. 102-103), a matéria sobre Vasco da Gama e a descoberta da rota para as Índias, assinada por Brito Rebello, chamou a nossa atenção por se referir aos navegadores usando a palavra *nauta*: “um momento amedronta os nautas, a maior parte, porém são homens experimentados”¹⁵.

¹⁵ Consultamos dois dicionários de língua portuguesa, o Priberam e o Houaiss. Em ambos encontramos a mesma definição para *nauta*: “aquele que navega, mareante, marinheiro, do grego *náutes*, pelo latim *nauta*”. Argonauta, a palavra usada no epitáfio de Vasco da Gama, na igreja Nossa Senhora das Relíquias, em Vidigueira, a sua vila natal, significa: “tripulante da nau Argo que, segundo a lenda grega, foi à Cólquida, antigo país asiático junto ao ar negro, à procura do velo de ouro”.

Os mesmos dicionários classificam astronautas como “tripulante de um veículo espacial”. *O Occidente* ainda não poderia saber. Nós, porém, acreditamos que os nautas e os astronautas foram valentes que abriram novos caminhos. São igualmente vencedores em espaços até então desconhecidos. Com uma vantagem para os nautas: eles não dispunham de nenhuma tecnologia, navegaram apenas com a coragem e o coração: Cymbron (2011, p

O Occidente pretendeu e conseguiu alcançar a burguesia emergente e a rarefeita elite intelectual e política. Foi uma revista que, apoiada na burguesia ainda sem refinamento, na aristocracia decadente e na pequena classe média, divulgou a importância da liberdade plena, do trabalho e da cultura.

Dividido entre o provincianismo tradicional e as novas ideias liberais, *O Occidente* conviveu e propalou os valores do movimento romântico e, em seu final, do modernismo. Nomes como Alexandre Herculano, Almeida Garret, Julio Diniz, Camilo Castelo Branco, João de Deus e outros marcantes dos períodos do romantismo são citados e até é possível encontrar matérias assinadas por eles. Também é possível encontrar referências a Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa nos anos finais da revista. O cronista Antonio Cobeira era amigo de Mário de Sá-Carneiro e divulgou as suas poesias, algumas em primeira mão.

6.7 - Artes plásticas

Além do teatro e da música – noticiado e criticado em todas as edições pela “Chronica Occidental” –, o romantismo literário e nas artes plásticas são as mais importantes manifestações culturais de *O Occidente*. As exposições de Belas Artes, com reprodução dos quadros e esculturas, foram assuntos presentes na revista. Podemos observá-las em diversas edições, sempre em destaque. Embora o neoimpressionismo e o Cubismo tenham sido movimentos contemporâneos à revista, não nos foi possível encontrar obras dessas escolas em nenhuma edição.

Consideramos que, também nas artes plásticas, *O Occidente* optou por um viés conservador. O cubismo, que usou a geometria na representação dos objetos e foi uma revolução nas artes, nunca foi sequer citado, apesar da obra de Pablo Picasso, *Les demoiselles d'Avignon*, que estabelece o início da linguagem cubista, ser de 1907. Perez (2008, p. 4) aponta:

31) lembra os versos de Miguel Torga: “nautas, aeronautas, astronautas, cosmonautas... a coisa vai. Estamos aqui, estamos a encontrar o homem”.

Num mundo onde a energia criativa parece não ter valor comercial e (...) nos desdobramentos da pintura cubista, que insinuam a visão da realidade por múltiplos ângulos e, portanto, de formas de leituras diferentes num mesmo tempo, passam a ser fortemente rechaçadas por sociedades calcadas em teorias estagnadoras e autoritárias (...) O cubismo é a pesquisa analítica sobre a estrutura funcional de uma obra de arte. Um quadro cubista é um mundo em quatro dimensões de lógica própria pois, (...) Picasso colocou a simultaneidade, a junção espaço-tempo num único quadro. No *Les Femmes d'Alger* a mulher agachada está representada simultaneamente de costas e de frente. Essa representação pode ser pensada como a projeção da quarta dimensão (...) Sua estrutura formal é a demonstração de que é possível enganar o tempo, e que a matéria que está contida no espaço é o que o define e lhe dá significado.

Vanguarda demais para a conservadora *O Occidente*, que optou por continuar divulgando os pintores acadêmicos. É possível conferir a nossa afirmação nos números 20 (15 de outubro de 1878), 37 (1º de julho de 1879), 45 (1º de novembro de 1879), 111 (21 de janeiro de 1882), 227 (11 de abril de 1885), 260 (11 de março de 1886), 294 (21 de fevereiro de 1887), 328 (1 de fevereiro de 1888), 412 (1º de junho de 1890) e 483 (21 de maio de 1892), entre outros.

6.8 – Literatura

O escritor francês Victor Hugo foi uma das devoções de *O Occidente*, que nunca deixou de homenageá-lo. Em 1885, quando de sua morte, a revista dedica dois números ao que considerava “um grande gênio que viverá eternamente na história” (número 232, 1º de junho de 1885, p. 122). Escritor, político, filósofo, dramaturgo, Victor Hugo era, na pátria das luzes, a referência que os escritores portugueses transformaram em paradigma. O número 232, que noticia a sua morte, é todo dedicado a Victor Hugo e traz artigos de conhecidos intelectuais que assinaram os seus textos em letra cursiva. Algumas assinaturas são

ininteligíveis e, entre as que podemos identificar, destacamos as de Ramalho Ortigão, Caetano Alberto, João de Deus, Augusto de Lacerda, Antonio Cândido e Brito Rebello.

A edição seguinte, 234 (21 de junho de 1885), traz na capa uma gravura sobre fotografia do velório do escritor no Arco do Triunfo. Novamente, toda a edição lhe é dedicada. Chamou a atenção de Caetano Alberto, que redigiu a matéria sobre o enterro (p. 139), a disposição testamentária do escritor que deixou escrito não querer, em suas exéquias, a participação de nenhuma religião, embora “creia em Deus”.

A morte do intelectual português João de Deus foi outra que mereceu atenção especial de *O Occidente*. João de Deus tornou-se famoso como pedagogo e por ter criado um método de alfabetização, que logo foi adotado em todo Portugal e também no Brasil. Segundo Oliveira (1998, p. 49), “A *Cartilha Maternal*, (grifo da autora), elaborada pelo poeta português João de Deus em 1876 (...) teve significativa repercussão no Brasil durante o decorrer da Primeira República”. O autor (p. 50) também afirma que este método, que eliminou o som das letras e passou a valorizar o significado pleno das palavras, transformou João de Deus no precursor do chamado Método Global, ainda hoje utilizado:

O que propõe a *Cartilha Maternal*? Propõe um ensino fundado na *língua viva*, apresentando somente um abecedário, que deve ser ensinado por partes, de modo a formar palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se explique, segundo o próprio autor (...) ao invés de o principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura de palavras (...) inteligíveis (...) O método não permite a utilização de silabários que, na opinião do autor, são série de combinações mecânicas que não penetram na ideia.

A edição 614, 15 de janeiro de 1896, publicada quatro dias após a morte de João de Deus, dedica-lhe a capa e quatro páginas, com os exagerados elogios, comuns nos textos fúnebres de *O Occidente*.

O intelectual e explorador inglês Richard Burton que, em 1885, traduziu pela primeira vez para uma língua ocidental – no caso, o inglês – a versão completa do livro *As mil e uma*

noites, mantendo inclusive as passagens eróticas, visitou Lisboa. Seu colega Serpa Pinto recebeu-o para almoçar e um dos convidados foi Pinheiro Chagas, colaborador de *O Occidente*. Chagas escreveu uma matéria publicada em duas edições, a 549 (21 de março) e 550 (1º de abril), ambas em 1894. No número 549 (pp. 75-78), a matéria apresenta os textos de maneira confusa. Culpa da diagramação que faz uma salada de informação visual e acaba misturando Jesus Cristo com Scherazade, já que o número 549 foi publicado na semana santa.

Na edição 550 (pp. 83-86) foi publicado o capítulo três, seguindo a mesma lógica confusa. Pinheiro Chagas, que conhecia a fama de intelectual, poliglota, antropólogo, e explorador de Burton, relata, na primeira matéria, o encontro que acontecera, segundo ele, “há sete ou oito annos”. Confessa que se deixou fascinar pela simplicidade esnobe de Burton, embora o critique: “Falava de Camões, que traduzira – e muito mal como depois vim a saber –, o mais frequentemente que podia”.

Infelizmente, Pinheiro Chagas não poderia ter citado a extraordinária tradução inglesa de *Mil e uma noites*, publicada um ano depois. A tradução de Burton é, ainda hoje, considerada uma das melhores já feitas. Na época em que foi lançado, o trabalho foi muito comentado por ter chocado a Inglaterra vitoriana com a crueza dos relatos eróticos, acentuados por notas de pé de página em que Burton relatava os hábitos sexuais dos povos orientais.

Escolhemos falar sobre Richard Burton e em sua citação pelo *O Occidente* porque no século XX, o escritor argentino Jorge Luiz Borges, de renome mundial e um dos responsáveis pelo *boom* da literatura latino-americana nos anos 1960, considerava a versão de Burton perfeita. Moraes (2008, resumo) afirma que Borges guardava um exemplar em sua biblioteca particular e inspirou-se nela para escrever vários de seus contos.

O livro das mil e uma noites, traduzido por Richard Francis Burton do árabe para o inglês, no século XIX, causou forte impacto na sociedade vitoriana por seu conteúdo erótico (...) A tradução, constante na biblioteca pessoal de Jorge Luiz Borge, inspirou um considerável número de contos desse autor (...) No âmbito da literatura comparada as *Noites* representam um importante hipotexto para a obra borgeana, que reutilizou seus temas, argumentos, imitou seu estilo (...) Borges reutiliza o tradicional conto árabe, modernizando-o e adaptando- a seu próprio estilo e aos tempos modernos, criando formas inteiramente novas de narrativa.

6.9 - Os irmãos Lumière

Uma nota pequena assinada por E. P., editada na última página da edição 530 (11 de setembro de 1893, p. 207), registra sem nenhum entusiasmo a invenção dos irmãos Lumière: o cinema. A notícia, em tom científico, citando as reações químicas propostas pelos inventores, sequer desconfiava que a sétima arte dava os primeiros passos: “uma novidade que nos dá o boletim da Sociedade Francesa de photographia é que os srs. A. e L. Lumière se propõem a estudar se os saes colbalticos podem ser reduzidos pela lus”.

Em dezembro de 1895, os Lumière apresentam em Paris o cinematógrafo, aparelho que movimentava as fotografias. O primeiro registro de um cinematógrafo em Portugal só é feito na edição 632 (15 de julho de 1896, p. 154) que relata em quatro linhas o sucesso da novidade no Teatro do Coliseu: “até agora o que tem conseguido atrahir maior concorrência tem sido, no Colyseu, o animatographo, quadros de photographia animada, verdadeiro prodígio da sciencia”.

O assunto é retomado na capa no número 635 (15 de agosto de 1896, p178). Dessa vez, com mais entusiasmo:

Lisboa já fez conhecimento com o animatographo (...) consta, porém, que o que a empresa de D. Amélia vai agora expôr é muitíssimo mais perfeito, quer como photographia, quer como aparelhos lUminosos (...). O cinematógrafo que brevemente havemos de vêr no theatro D. Amelia causou furor no Alhambra de Londres.

O texto se alonga louvando as maravilhas do cinematographo que, segundo João da Camara, se tivesse sido inventado há mais tempo poderia “ter registrado a partida de Vasco da Gama para as Índias”. Camara sugere – *avant-première* da discussão sobre as edições virtuais

- que o cimeatógrapho substituirá, com vantagem, o livro “ser-nos-á facil assistir as grandes batalhas, as grandes festas, as revoluções”.

6.10 - Religião

Outra notícia que chamou a nossa atenção, e que revela o quanto os jornalistas de *O Occidente* tinham múltiplas referências culturais, foi a de que os portugueses que descobriram o caminho marítimo para as Índias, encontraram na nova terra um grupo de cristãos nestorianos. Essa notícia, publicada no número 579 (25 de janeiro de 1895), surpreende pela existência, no século XVI, de uma seita supostamente dissolvida pela Igreja Católica no Concílio de Éfeso, em 431 (Simões, 2009, p.64):

Banida pela ortodoxia do Estado Bizantino no século V, as ideias heréticas nestorianas migraram da região do Egeu e do Oriente Médio, onde nasceram, para a Mesopotâmia e a Pérsia, e, depois, para a Índia e a China, através das estepes da Ásia Central, vindo a se constituir como uma igreja cristã independente.

Podemos dizer, de maneira bastante simplória, que o Nestorianismo, filosofia do bispo Nestório de Constantinopla, indagou a dupla natureza humana e divina de Jesus e tentou preservar a integridade das duas realidades na mesma pessoa. Seus seguidores acreditavam que Jesus era o Verbo e o Homem, entidades tão unidas que quase podiam ser encaradas como única. Quando Jesus realizava ações humanas era a parte humana que se manifestava.

Quando realizava os atos de natureza divina, a parte divina estava em ação. A filosofia nestoriana também não reconhecia Maria como mãe de Deus (theotokos). Ensinava que ela deu à luz um ser que foi o instrumento da divindade (christotokos), mas não a própria divindade. A matéria do mesmo número 579, assinada por Pinheiro Chagas, afirma que:

A notavel semelhança que encontravam entre muitos ritos e tradições do culto Budhista e os ritos e tradições christãs, o que os fez suppôr que estavam deveras entre christãos. Não tardaram a desilludir-se, mas affinal sempre acharam christãos verdadeiros, christãos da antiga seita nestoriana que tinham ido ter à Índia fugindo à perseguição catholica.

O texto não explica como os nestorianos foram identificados e Pinheiro Chagas não revela em qual fonte histórica se baseou. Defende que a expansão comercial da Idade Média foi um importante instrumento na divulgação do nestorianismo, conforme quer Simões (2009, p. 63):

Por meio de um relato de viagem de um adepto desta doutrina, a importância das trocas comerciais como sendo uma atividade importante para a difusão desta crença, possibilitando a constituição de espaços de trocas, contatos e ideias.

Consideramos importante recordar que, em 431, o primeiro concílio de Éfeso condenou Nestório, e mais tarde, no Primeiro Concílio da Calcedônia, em 451, o nestorianismo foi definitivamente condenado como heresia.

6.11 – Androide

Esse termo da ficção científica, largamente utilizado pela tecnologia da informação, foi registrado por Augusto de Mello na “Chronica Occidental” do número 582 (25 de fevereiro de 1895, p 42). Mello, que substituiu o titular o adoentado Gervasio Lobato, usou a palavra para se referir aos marionetes fabricados pelo multifacetado artista Sr. Chaves: “o sr. Chaves é ventríloquo, somnambulo, prestigador e fabrica fantoches a quem muito bem chamou androides”.

A ideia de androides liga-se à ficção científica, robôs e inteligência artificial. O filme *Blade Runner*, 1982, baseado no livro do norte-americano Philip K. Dick *Do androids dream*

*of electric sheep*¹⁶ (1968) é uma visão pessimista sobre o desconcertante futuro da humanidade às voltas com máquinas capazes de ter desejos e o desespero humano para derrotá-los.

Na citação da “*Chronica Occidental*”, porém, o termo foi utilizado na acepção de fantoche, registrado pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa¹⁷.

6.12 – Modernismo

Optamos por encerrar o capítulo dedicado à cultura com o apoio que *O Occidente* deu ao nascente movimento modernista em Portugal. Antonio Cobeira que, nos dois anos finais de publicação, assumiu o cargo de diretor-literário e autor da “*Cronica Occidental*”, já grafada sem o *H*, era amigo do poeta Mário de Sá-Carneiro (1890/1916), um dos líderes do movimento, que contou com a presença de, entre outros, Fernando Pessoa. Antonio Cobeira e sua atenção ao momento que mudaria as letras da língua portuguesa é um dos toques *avant la lettre* de *O Occidente*.

Apesar do texto rebuscado e pedante, Cobeira teve a sensibilidade de identificar quem oferecia novidades à cultura. No Salão de Humoristas Portugueses, realizado em 1913, ele destaca, na edição 124 (20 de junho de 1913, p. 175), o trabalho de Almada Negreiros e Jorge Barradas, dois dos primeiros nomes do modernismo luso:

Almada Negreiros distingui-se por um poliformismo infatigável e desanuviante, por uma visão estética superior e o sendo nitido do colorido (...). Jorge Barradas impõe-se à consideração dos críticos mais rebeldes a sua compleição artística.

¹⁶ *Os androides sonham com ovelhas elétricas?* (tradução livre da autora)

¹⁷ Androide: semelhante ao homem, autômato com figura humana, títere, fantoche. Registramos o uso da palavra por nos ter surpreendido o seu uso num texto do século XIX.

O nome do escritor Mário de Sá-Carneiro, um dos grandes destaques da Geração de Orpheu, movimento que introduziu o modernismo nas artes portuguesas, é evidenciado na edição 1259. A “Cronica Occidental” começa com o nome de Mário de Sá-Carneiro e seguem-se 12 parágrafos de elogios e encantamento com o novo estilo:

Mário de Sá-Carneiro não é nome desconhecido, em absoluto, no meio pequenino da nossa literatura actual. Contos dispersos, narrativas vagabundas – gritam de sul a norte a sua individualidade (...) a narrativa torna-se eminentemente notável pelo simbolo que reanima, intenção psicologica e esboça estilizado de atitudes (...). As (...) realidades são super realidades, as (...) acções esbatidas de factos. Milagres, ruínas, pesadêlos, forças de luz, torres altas de marfim (20 de dezembro de 1913, capa e p. 300).

Sá-Carneiro toma conhecimento da homenagem e envia para Antonio Cobeira o poema “Salomé”, que é publicado, com destaque na edição 1.261 (10 de janeiro de 1914, p. 3). O reconhecimento de Cobeira ao Modernismo é citado por Müller (2009, p. 3):

Outro órgão de relevo da imprensa lusitana que comentou e divulgou as obras de Mário de Sá-Carneiro antes que as mesmas tivessem sequer saído do prelo foi a revista *O Occidente* (1878-1914) que, já na edição de 20 de dezembro de 1913, (número 1259) publicam, na seção “Cronica Occidental” uma interessante crítica sobre o conjunto da obras sá-carneriana.

Na edição 1264 (10 de fevereiro de 1914, p. 39), *O Occidente* publica, também com destaque e em meia-página, o novo poema, *A catedral*, de autoria de Antonio Ferro e dedicado a Mário de Sá-Carneiro. Antonio Ferro é outro importante nome do modernismo português. Jornalista, ficcionista, cronista, político, Antonio Ferro foi, com apenas 20 anos, o editor da revista *Orpheu*.

Estranhamente, o mesmo Cobeira capaz de tecer loas a Mário de Sá-Carneiro publicou um libelo retrógrado, incitando a literatura a não mais olhar para a frente na intenção de construir o futuro, proposta dos modernistas. Na edição 1.269, tentando minimizar uma

suposta influência maléfica estrangeira sobre os valores nacionais, Cobeira prega na “Chronica Occidental” um retorno aos valores passados. A literatura não ficaria fora desta onda retrô:

Na literatura, a inspiração recorre às fontes originarias, palheta-se de oiro primitivo, e reoma a simpleza antiga de seus motivos e temas. A historia literaria indicar-nos-á o momento em que nos contaminou de virus cosmopolita (30 de março de 1914, p. 98).

O início da Primeira Guerra Mundial desviara a atenção de *O Occidente* de temas culturais para os políticos. Continuaram as publicações de poemas de diversos autores, de fotografias e de gravuras. No entanto, a maior parte do espaço editorial foi dedicado à guerra, que já analisamos.

Acreditamos que *O Occidente* cumpriu a sua proposta inicial de levar informação e cultura aos leitores. Na edição de estreia, Guilherme D’Azevedo, diretor literário e responsável pela “Chronica Occidental”, escreveu:

O programma da primeira revista illustrada portugueza, foi escripto há quarenta e tres annos. Sum mudanã d’uma virgula podiam-se hoje no frontispicio d’esta publicação, as nobres e singelas palavras com que se apresentava *O Pannorama* (1º de janeiro de 1878, p. 8).

O programa, que *O Occidente* cumpriu, baseava-se nesta declaração sem assinatura editada no primeiro número da revista illustrada *O Panorama*:

A Sociedade Propagadora de conhecimentos uteis julgou dever cumprir o exemplo dos paizes mais illustrados, fazendo publicar um jornal que derramasse uma instrucção variada, e que pudesse aproveitar a todas as classes de cidadãos, accomodando-o ao estado de atrazo, em que ainda nos achamos (...) Trabalhemos por nos instruir e melhorar nossos costumes, augmentando a civilisação nacional (6 de maio de 1837, p. 2).

Correia (2012, p. 3) refere que a proposta de *O Panorama*, seguida pelo *O Occidente*, pretendia “formar cidadãos, homens instruídos, economicamente independentes e politicamente livres”. Para isso, propunha-se a fazer um jornalismo instrutivo, por levar aos leitores conhecimentos e informações de valor universal, e também interveniente, já que se dispunha a alterar a sociedade que o acolhia ao contribuir para o seu progresso.

Afirmamos que, das intenções iniciais, a que melhor foi cumprida foi a cultural. O *Occidente* cobriu intensivamente 37 anos das atividades artísticas portuguesas, abrindo espaços generosos para a música, teatro, pintura, escultura, literatura, filosofia, ideologias, questões sociais e a História portuguesa.

6.13 – Ciência

6.13.1 - “Actualidades Científicas”

Em *O Occidente*, a rubrica “Actualidades Científicas” é versátil. Divulga as recentes descobertas e pesquisas científicas, fala de astronomia, comenta invenções que nunca chegaram a ser úteis, noticia os avanços da medicina. Sua preocupação é manter os leitores informados com o que existia de moderno na área das ciências.

O século XIX é pródigo em avanços científicos, vários e importantes descobertas acontecem no decorrer dos oitocentos. Além do extraordinário desenvolvimento da medicina, o século XIX também testemunha acontecimentos que modificam o ritmo da vida e o entorno humano: o comboio, os trilhos, o apito, as estações, o telégrafo, os horários, a velocidade, novidades que se imprimem na relação espaço-tempo e se exprimem nas paisagens, consequências do processo de industrialização e de urbanização.

Na primeira “Chronica Occidental” (1º de janeiro de 1878, p. 8) Guilherme D’Azevedo escreveu sobre as novidades científicas que já assombravam o século XIX: o barômetro, exposto numa rua do Chiado; o telefone, que Lisboa demorava a aceitar; o telegrama que, na imaginação de D’Azevedo, um dia permitiria – e realmente permite, em

nosso século e na versão eletrônica – “escutar canções vagabundas ou couplets maliciosos sem perigo da seriedade nacional sossobrar diante das tentações infernaes”.

Guilherme D’Azevedo estava certo em, no primeiro número de *O Occidente*, apontar as grandes mudanças científicas e tecnológicas do século XIX. Até 1878, ano em que a revista foi lançada, a locomotiva (1804), o termômetro clínico (1866), a lâmpada incandescente (1854), o telefone (1854), o dirigível (1863), a anestesia com clorofórmio (1846) – que a rainha Vitória usou no nascimento dos filhos caçulas, Leopoldo e Beatriz –, as enzimas (1848), entre outras descobertas, já haviam começado a mudar o mundo.

O pensamento também se modificara com o nascimento do marxismo (1848), da teoria de Darwin (1859), das leis da hereditariedade de Mendel (1865). Até o fim do século, muitas outras coisas novas ainda impressionariam e influenciariam o comportamento humano. Inclusive o reconhecimento da importância do inconsciente, em 1900, ano de publicação por Sigmund Freud do livro *A interpretação dos sonhos*. A teoria do pai da psicanálise, porém, não foi noticiado pelo *O Occidente*.

6.13.2 – Pasteur

O século XIX ficou conhecido com o século das descobertas – que, claro, geraram novas dúvidas. Nós nos deteremos apenas nos fatos mais importantes. O químico francês Louis Pasteur foi o grande nome dos avanços médicos. Coube a ele a descoberta dos microorganismos, do vírus da raiva, ou encefalite rábica, e os méritos da primeira cura desta moléstia através de aplicação de vírus atenuado (vacina) numa criança infectada por um animal hidrófobo.

A edição 200 registra, na coluna “Resenha Noticiosa”, a primeira notícia da cura da raiva. Ainda sem destaque, apenas a quarta nota da coluna com o título *cura da raiva ou hydrophobia*:

Deve-nos causar profunda satisfação, a noticia que o celebre chimico francez, o sr. Pasteur, tem descoberto um remedio para a cura d'esta enfermidade. O assumpto é tão grave, e o illustre sabio tão concencioso, que por em quanto não ousou tentar a applicação do remedio, que é inoculação, em nenhum ser humano, por não estar decididamente convencido de sua efficacia (11 de julho de 1884, p. 59).

Em 1885, Pasteur ousou aplicar a sua nova técnica no menino Joseph Meister, condenado a morrer por ter sido contaminado por um cão hidrófobo. O cientista, diante do fim certo e doloroso da criança, decidiu arriscar o nome e a carreira, já que Meister morreria, tanto fazia ser pela hidrofobia ou por alguma reação à sua terapêutica. Joseph Meister salvou-se e, pela primeira vez, o mundo científico constatou a eficiência de uma vacina e, simultaneamente, a cura de alguém já com o vírus presente no sangue. Meliço (2014, p. 249), no livro editado por Ramalho de Almeida, registra a dúvida do próprio Pasteur em inocular a criança com a vacina:

Neste conflito entre a ética e a ciência, Pasteur plasma no papel o seguinte pensamento: a morte da criança parecia inevitável. Decidi, não sem profunda angustia e ansiedade, como se pode imaginar, aplicar em Joseph Meister o método que eu havia experimentado com sucesso consistente nos cães.

Os contemporâneos de Pasteur reconheceram-lhe o mérito e, ao ser recebido na Academia Francesa, foi saudado com as seguintes palavras. Silvestre e Almeida Ramalho (2014, p. 250) registram:

A Humanidade deve ao senhor a supressão de um terrível mal., isto é, da desconfiança a que sempre se misturava as carícias feitas a um animal em que a natureza melhor exibiu o seu sorriso bondoso.

Em 1886, Pasteur apresentou os resultados positivos para o tratamento da raiva na Academia de Ciências Francesa. Só então, quase um ano após a cura do pequeno Meister, *O Occidente* noticia, em destaque o extraordinário feito. Embora consideremos a espera pela oficialização do procedimento como uma atitude positiva, condizente com o jornalismo sério, observamos a ausência de critérios para estabelecer a importância de uma notícia.

No jornalismo contemporâneo, a cura da raiva humana – ou, num exercício de imaginação, a cura comprovada do câncer – renderia primeira página, manchete, subtítulo com as primeiras informações e o resto das informações já no *lead*. Isso se não levarmos em conta a Internet que se ocuparia das primeiras divulgações, abrindo espaço ao jornalismo impresso para matérias científicas e de reflexão. Não nos esqueçamos que, segundo Sousa (2001, p. 32), a significância desse evento era enorme para o mundo inteiro.

Estamos falando do século XIX e do nascimento da lógica jornalística. Louis Pasteur já era um cientista famoso e fizera descobertas fundamentais. Quando, pela primeira vez na história da medicina, conseguiu impedir, através de vacinação, o desenvolvimento do vírus rábico numa pessoa contaminada, *O Occidente*, em vez de destacar este feito extraordinário, publica em três edições – 263, 264 e 266, de 11 e 21 de abril e 11 de maio de 1886 – extensa matéria sobre a vida científica de Pasteur. Apenas no segundo capítulo do número 264 (21 de abril de 1886, p. 94) é noticiada a cura do mal que, até então, não perdoava e provocava mortes dolorosíssimas. João Mendonça assina a matéria:

Todas as descobertas que temos apontado, são de alto valor científico e de utilidade prática, mas Pasteur com a atenuação do vírus rábico, como profilaxia contra a raiva, alcançou glória imorredoura e collocou o seu país, graças a seu esplendente genio – na vanguarda da sciencia. É à França, que por meio de Pasteur, cabe a gloria de ter resolvido o grande problema: a prevenção contra a hydrophobia.

Louis Pasteur também abriu o caminho das descobertas do bacilo da febre tifóide (1880), da tuberculose (1894) da difteria (1883), e da peste bubônica (1894). Doenças de alta letalidade, que assustavam a Europa.

Em Portugal, no fim do século XIX, a mortalidade por tuberculose atingia 15.000 a 20.000 pessoas por ano (...) Em Lisboa era responsável por 19% dos óbitos (...) A mortalidade por tuberculose nas principais capitais europeias era de 400 a 700 pessoas por cada 100.000 habitantes, por ano, atingindo 30% da mortalidade geral (Maltez, 2014, pp. 439-440).

Sua morte, em 28 de setembro de 1895, é notícia na “Chronica Occidental” da edição 604, 5 de outubro de 1895. Quem a assina é João da Camara que, antes de tecer loas ao gênio falecido, gasta palavras comentando os exames finais dos alunos portugueses e exaltando a atriz Sarah Bernhardt que irá se apresentar em Lisboa. Pasteur é o terceiro assunto e encerra a crônica. O número 606 (25 de outubro, p. 235) apresenta a biografia de Pasteur e o assunto se esgota.

No entanto, no número 655, *O Occidente* reconhece a extraordinária importância de Louis Pasteur e o classifica de “homem do século” na “Chronica Occidental”, assinada por João da Camara:

Mais o heroe do seculo, aquelle a quem mais deve a humanidade, foi sem contestação Pasteur (...) esse sim, decerto, doi um benfeitor. A media dos annos de vida devido a seu engenho cresceu (...). Pasteur foi um genio do bem (...) tornou-se digno da veneração da humanidade inteira. (10 de março de 1897, p. 50).

Pasteur foi o fundador da microbiologia ao isolar os microorganismos. Sua tese de doutoramento em química, *Teoria germinal das doenças infecciosas* (1848), afirmando que a maioria das doenças eram provocadas por micróbios é, ainda hoje, considerada um dos mais importantes avanços médicos. Nela, Pasteur também pregava o revolucionário conceito da higiene nas práticas médicas e no cotidiano dos cidadãos.

Além da descoberta do vírus da raiva, que, na época, não podia ser visto no microscópio, Pasteur identificou três microorganismos responsáveis por inúmeras doenças: os

estafilococos, os estreptococos e os pneumococos. Ou seja, Pasteur também desvendou o mundo das bactérias (Maltez, 2004, p. 439).

Graças a Louis Pasteur, a evolução da microbiologia na segunda metade do século XIX foi notável e, entre os passos de extraordinária importância, destacamos:

Pasteur abriu as portas para a descoberta do médico alemão Robert Koch. Após muito divagar sobre a tuberculose, veiculando ora que esta doença não era transmissível ora que o era, o número 430, 1º de dezembro de 1890, noticia na “Chronica Occidental” a descoberta do bacilo da tuberculose por Robert Koch (p. 266). Observamos que o assunto não foi considerado prioritário. Antes de anunciar a cura de uma doença que, na Europa e também em Portugal, “era um flagelo” (Maltez, 2004, p. 432), o cronista Gervasio Lobato achou mais importante registrar o falecimento de Ignacio Vilhena Barbosa, considerado por ele “um dos literatos mais eruditos de nossa terra”.

6.13.3 - Robert Koch

A cura da tuberculose merece 17 parágrafos do número 430. Já a partir do primeiro, o tom é de exaltação à grande vitória contra “a mais mortífera inimiga da humanidade”:

O mundo inteiro está sendo profundamente emocionado pela noticia d’uma descoberta scientifica que será com certeza a descoberta mais maravilhosa do seculo XIC – a da curabilidade da tuberculose. É da Allemanha, da patria da sciencia, que vem essa descoberta e é seu auctor um sabio cujo nome é de há muito conhecido e reputado em todo mundo medico, mas que hoje anda em todas as boccas, tem uma fama universal – o dr. Roberto Koch (1 de dezembro de 1890, p. 266).

O entusiasmo de Gervasio Lobato tem razão de ser, até então a tuberculose era um mal terrível. A mesma edição 430 explica que, em 1882, ano em que Koch apresentou à Sociedade

de Fisiologia de Berlim a bactéria que leva o seu nome, “*uma em cada sete mortes na Europa e nas Américas era provocada por ela*”. Maltez (2014, p. 432) esclarece qual era, na época, a situação de Portugal ante a tuberculose:

No século XIX. A tuberculose em Portugal já era um flagelo, como mostra um relatório de 1845 dos hospitais de Lisboa, em que aparecia como a segunda causa de internamento na capital, depois das pneumonias (...) a mortalidade aproximava-se de 100% e a doença aterrorizava a opinião pública.

O número 431 (11 de dezembro de 1890, p 280) anuncia, na coluna “Resenha Noticiosa”, que a descoberta do dr. Koch está sendo aplicada pela medicina e avisa que, em Madrid: “já se organizou uma comissão de médicos para dar principio ao tratamento segundo aquella descoberta”. A seguir publica o protocolo estabelecidos pelos médicos espanhóis, sendo o primeiro critério: “não submeter ao tratamento senão enfermos em que o microscopio confirme a existencia da tuberculose”.

Em 1888, nos laboratórios do Instituto Pasteur de Paris, Alexandre E. Jean Yersin e Pierre P. Émilie Roux isolam a toxina diftérica, abrindo caminho para a cura efetiva dessa doença, até então incurável. Embora não se refira diretamente à difteria, o número 355, na matéria sob o título “Inoculações Antirrábicas”, explica a lógica descoberta por Pasteur e que Yersin e Roux colocaram em prática:

A vacina preservadora provém do proprio virus virulento attenuado. Estes processos de laboratorio, que constituem hoje uma esola e até uma arma preciosa contra diversas affecções mortaes, realisam todas as attenuações (...) até à virulencia nulla (1º de novembro de 1888, p. 245).

No capítulo sobre a nobreza, referimo-nos à interferência de dona Amélia no intuito, bem-sucedido, de trazer para Portugal as primeiras vacinas antidiftéricas. A rainha excedeu-se em esforços para livrar os portugueses do mal que tinha as crianças como as suas vítimas preferidas. Cunha (2014, pp 53-54) explica:

A difteria foi uma das doenças infantis mais mortíferas até ao início do século XX (...) no século XVIII a doença era das principais causas de morte nas crianças da Europa e da América (...) até a última década do século XIX a doença era de difícil diagnóstico e desprovida de qualquer tratamento eficaz, com exceção da traqueotomia paliativa.

O século XIX continuou surpreendendo. Até 1896, o diagnóstico da tuberculose dependia da experiência do médico e de sua capacidade de bem auscultar o doente. Sobre o desenho de um pulmão, o clínico ia marcando os espaços lesionados e o nível de gravidade destas lesões. Ao doente cabia carregar no bolso o seu diagnóstico para o caso de ser atendido por outro médico. Na Biblioteca Municipal da Cidade do Porto existe o registro, ainda neste sistema primário, da tuberculose do poeta português Antonio Nobre que, aliás, morreu vitimado pela doença.

6.13.4 – Raio-X

Sendo a tuberculose uma doença interna, altamente letal e contagiosa – em 1894 uma lei obrigou os médicos portugueses a participarem os casos de tuberculose detectados em sua atividade clínica –, pode-se imaginar o espanto que causou a descoberta, em 1896, do Raio X pelo físico alemão W. C. Röntgen. O número 621 publicou a notícia na rubrica “Novidades da Sciencia” sob o título “A photographia atravez dos corpos opacos”. O primeiro parágrafo mostra bem a importância da mais recente inovação:

O seculo XIX não quis tornar-se indigno do XX, nem de seus antecessores, aos grandes decobrimentos scientificos, que já o assoberbam, mais um se juntou – O DA PHOTOGRAPHIA DO INVISIVEL (...). No campo do diagnostico medico e cirurgico todos os dias o celebre descobrimento recebe um novo e mais perfeito resultado (25 de março de 1896, p. 67).

O texto, com informações técnicas de como se dá o processo de “fotografar o invisível”, é acompanhado por ilustrações: o esqueleto de uma rã viva, mãos sadias e com tuberculose óssea e de uma caixa fechada de madeira que guardava uma corrente e um relógio em seu interior. Diagnosticar tornava-se, então, bem mais fácil.

Numa entrevista ao jornalista norte-americano Henry Dam (Martins, 1998, p. 358), em janeiro de 1896, logo após a divulgação de sua descoberta, o físico alemão Wilhelm Conrad Röntgen – que trabalhava em outra pesquisa quando notou a presença de um tipo de luz diferente “manchando” um papel que continha platino-cianeto-de-bário –, revelou a sua disciplina de cientista e a rigidez com que testou a descoberta até poder anunciá-lo ao mundo.

Eu não estava consciente de nada mais além do fenômeno estranho em meu laboratório. Era um fato ou uma ilusão? Eu estava dilacerado entre a dúvida e a esperança, e não queria ter quaisquer outros pensamentos que interferissem em meus experimentos. Tentei excluir tudo que fosse pertinente ao trabalho de laboratório de minha mente. Qualquer interferência poderia ter me levado a falhar na criação de condições idênticas para substanciar a descoberta. Fiz as observações muitas e muitas vezes antes de ser eu próprio capaz de aceitar o fenômeno. Durante esses dias de testes, eu estava como em estado de Choque.

No mesmo número 621, a notícia de que Portugal também pesquisava os Raios Röntgen encerra o longo espaço dedicado à mais nova maravilha do século XIX:

Na Universidade de Coimbra, o sr. Dr. Henrique Teixeira Bastos, ilustre cathedratico da segunda cadeira de physica da faculdade de philosophia encetou no principio do mez passado (...) alguns ensaios do novo processo photographico (25 de março de 1896, p. 69).

Apesar de, teoricamente, os maiores problemas da tuberculose – a identificação do bacilo e a possibilidade de se ver como, realmente, estava a parte danificada do corpo –,

estarem resolvidos, o tratamento intensivo demora a ser colocado em prática. Segundo Rosenberg (2012, p.7), como todas as descobertas médicas, Koch e Röntgen provocaram controvérsias entre os seus pares.

No XI Congresso Médico Internacional, Berlim 1890, Robert Koch soltou a segunda bomba ao anunciar ter descoberto uma substância que se difunde nos meios líquidos de cultura do bacilo da tuberculose (que chamou de "linfa"), a qual "insensibiliza animais de laboratório à inoculação de bacilos tuberculosos, e é capaz de deter o processo tuberculoso nos já infectados, sendo provavelmente de utilidade no tratamento da tísica humana". Em 1891, Koch publicou o histórico artigo "Sobre um remédio para a cura da tuberculose", que ulteriormente recebeu o nome de tuberculina (...). A notícia espalhou-se como rastilho de pólvora por toda a Europa e nos Estados Unidos, sendo logo a tuberculina considerada o medicamento milagroso. Em toda a história da medicina, não há exemplo de maior noticiário sensacionalista pela imprensa mundial quanto foi o da tuberculina.

O tratamento quimioterápico da tuberculose só se tornou acessível à toda a população na década de 1950 do século XX. Até lá, a prevenção e os bons hábitos de higiene foram as armas com as quais se tentava diminuir a doença. Rosenberg (2012, p. 51) afirma que, em 1992, num Congresso sobre Tuberculose realizado em Viana do Castelo, Portugal, foi unanimidade entre os médicos que “a tuberculose continua a ser um problema não resolvido”.

6.14 – Tecnologia

6.14.1 – Telefone

Além das descobertas médicas, o século XIX também se excedeu em avanços tecnológicos. A edição número três abre espaço para comentar a descoberta do telefone, que foi apresentando ao mundo na Exposição da Filadélfia, em 1876. O texto comenta que muitos acreditaram que a invenção de Graham Bell tinha mais um aspecto curioso do que utilitário, o que o tempo desmentiu. Explica como funciona a novidade, elogia a prodigiosa velocidade

“com que o som se transmite através do aparelho” e conta que, em Portugal, os primeiros telefones foram instalados em:

Observatorio metereologico da Escola Polytechnica e o Observatório Astronomico da Ajuda (...) os experimentos começaram, segundo creio, no mez de novembro de 1877, com aparelhos mandados vir da Allemanha (...) a distancia entre os dois é de, aproximadamente, tres Kilometros. Muitas das experiencias, porem, foram realizadas com fio intercalar de 200 kilometros (...). Estas experiencias que se teem continuado ate hoje teem dado sempre o melhor resultado (1º de fevereiro de 1878, p. 19).

O telefone deve ter se incorporado aos hábitos lisboetas porque poucas vezes volta a ser notícia. No número 454 (1º de agosto de 1891, p. 176), *O Occidente* relata a existência de telefones instalados em Paris e Londres respectivamente, que não permitiam uma perfeita comunicação entre os usuários. A alegação é que “os sons chegam de tal forma estropeados aos seus destinos que se tornam absolutamente incompreensíveis”. O problema, porém, não era técnico, era linguístico. Ingleses e franceses, ao se expressarem em uma língua não materna, produziam sons imperfeitos, que dificilmente se deixam compreender”. O autor do texto considera a tentativa de experiência entre os dois países uma “embaraçosa transmissão” e sugere o emprego de intérpretes.

Com um século de antecedência, *O Occidente* percebeu um problema insolúvel: a falibilidade da linguagem humana. Acreditamos não existir tecnologia, nem mesmo a utilizada nos modernos aparelhos de telecomunicação, capaz de superar as limitações dos falantes não nativos de um idioma.

6.14.2 - O Cosmo

O cosmo sempre atraiu a humanidade, espantada por desconhecer o mistério que a rodeava. No número 26 (15 de janeiro de 1879, p. 15), *O Occidente* inicia uma série de

matérias com o título “A lua será habitada?”. Assinada por Camillo Flamarion, a reportagem começa traçando um histórico da lua desde a antiguidade. Cita Plutarco, Galileu, Cyrano de Bergerac, Julio Verne e, após duas colunas e meia de questionamentos, lança a pergunta que fundamentará os textos que se seguirão nas edições seguintes até o número 34, 15 de março de 1879.

Na matéria que inicia série, da citada edição 26 (p. 15), Flamarion indaga que, com a tecnologia disponível naquele momento, em que os telescópios davam ideia do astro “a uma distância de cerca de 96 léguas, alguém poderia realmente afirmar que a lua era desabitada?”

Sabemos que uma légua tem 6,6 quilômetros. Em 1879, portanto, a lua era estudada a cerca de 633,3 quilômetros de distância. O que, convenhamos, poderia deixar margem a dúvidas. Flamarion escreve que, a uma distância de 63.333 metros, se alguém observasse a Terra, “as pirâmides do Egito passariam certamente despercebidas”.

Camillo Flamarion, astrônomo francês adepto da religião espírita, foi um dos mais fervorosos discípulos de Alan Kardec, o primeiro a definir o corpo das ideias espíritas. Sua ruptura com o mundo científico francês aconteceu após o lançamento do livro *La pluralité des mondes habités* (1862)¹⁸.

Sua contribuição aos conhecimentos astronômicos, porém, é importante. Usando linguagem popular, Flamarion escreveu dezenas de livros sobre os planetas e a vida no cosmo.

Uno de los géneros literarios que se establece a mediados del siglo XIX y que tendrá gran aceptación será la «epístola científica» (...). Pero el ejemplo paradigmático de este fenómeno es la obra de Nicolas Camille Flammarion. Flammarion nació el 26 de febrero de 1842 (...), al este de Francia (...) (...) sus estudios habían despertado en él la pasión por la escritura y un encendido amor por la astronomía (...). A la edad tan temprana de cinco años había observado un eclipse de sol utilizando un rústico instrumento artesanal: había dispuesto un cubo de agua de manera tal que el eclipse se reflejara en la superficie del líquido y fuera más fácil de

¹⁸ *A pluralidade dos mundos habitados* (Editora Aucth, Brasil), no qual misturou ciência e religião.

observar. A partir de ese momento no dejó de interesarse por los fenómenos cósmicos y de observar el cielo (Panza e Prezas (2002, p. 2)¹⁹.

A série sobre a lua, com a linguagem de Flamarion, parece-nos, hoje, apenas curiosa. Ou mesmo engraçada. Nas matérias publicadas pelo *O Occidente*, o autor descreve um enorme vulcão ativo na superfície lunar, nota a presença de um círculo de 1,5 quilômetro de diâmetro na beira da cratera Higinus, nunca observado, relata sobre crateras que aparecem e desaparecem, calcula que a atmosfera lunar deve ter 32 quilômetros de altura (número 29, de 1º de março de 1879, p. 39), sugere movimentos geológicos. Não afirma, mas suspeita da presença de algum tipo de vida inteligente na lua. O texto final, no número 34, afirma que com um telescópio mais potente, que custaria cerca de um milhão de francos, seria possível acabar com a dúvida de ser ou não a lua habitada:

Chamamos a atenção dos leitores para as ultimas observações telescópicas que provam não ser a lua um astro sem vida podendo mesmo actualmente ser habitada por uma raça diferente da nossa (15 de maio de 1879, p. 79).

Entre muitas outras matérias sobre astronomia, destacamos a publicada no número 425, (11 de outubro de 1890, p. 230). O capítulo XI – os outros dez capítulos são publicados em edições anteriores – discorre sobre o nosso sistema planetário e, citando filósofos, principalmente Kant, quase se aproxima da Teoria do *Big Bang* formulada em 1927 pelo padre católico, físico e astrônomo Georges-Henri Édouard Lemaître, de nacionalidade belga. O termo *Big Bang* popularizou a partir de 1949.

¹⁹ Um dos generos literários que surge em meados do século XIX é a epístola científica (...) Mas o exemplo paradigmático deste fenômeno é a obra de Nicolas Camille Flammarion. Flammarion nasceu em 26 de fevereiro de 1842 (...) ao leste da França. Seus estudos despertaram-lhe paixão pela escrita e um imenso amor pela astronomia (...) Muito cedo, com cinco anos, observara um eclipse do sol utilizando um rústico instrumento artesanal: havia colocado uma bacia de água de tal maneira que o eclipse se refletisse na superfície do líquido e fosse mais fácil de observar. A partir desse momento, não deixou de se interessar pelos fenômenos cósmicos e de observar o céu (tradução livre da autora).

Em 1927, Georges Lemaître, um cosmólogo e teólogo belga publicou um artigo que propunha uma solução para as questões levantadas pela teoria da relatividade geral e da forma como esta não conseguia englobar o conceito de um universo em expansão. Este estudo viria mais tarde a ser a base conceptual da teoria da formação do universo, denominada como *Big Bang* (...). A Igreja católica, confrontada com a sugestão de que o universo poderia não ter sido criado por mão divina reagiu e o padre cientista teve de justificar a sua posição. Mais tarde, e perante o facto de esta teoria não explicar o que teria acontecido no primeiro segundo de existência do universo, veio a conciliação: “Não importa como o universo se desenvolveu ou como seria no início. O primeiro impulso foi divino!” (Alves (2015, p. 37).

Assim, podemos dizer que o padre Lemaître foi o primeiro cientista a formular a teoria da expansão do universo:

Todo el mundo sabe algo de Galileo, Newton o Einstein, por citar tres nombres especialmente ilustres de la física. Pero pocos han oído hablar de Georges Lemaître, el padre de las teorías actuales sobre el origen del universo. La teoría del "Big Bang", la Gran Explosión que, según se cree, originó nuestro mundo, pertenece a la cultura general de nuestra época. Originalmente fue formulada por el belga Georges Lemaître, físico y sacerdote católico (Artigas, 1995, p. 1)²⁰.

Nesta edição 425, no capítulo final da matéria sobre “A Origem do Cosmo”, Flamarion escreveu que:

Sendo extremamente frias as regiões do céu onde se effectuava o movimento (...) os aneis rodantes de materia solar, em contacto com essas geladas atmosferas, foram perdendo a pouco a pouco o calor, contrahiram-se em volumes gradualmente menores e, reunindo-se aos centros de atracção mais eminentes (11 de outubro de 1890, p. 230).

²⁰ Todos sabem alguma coisa de Galileu, Newton ou Einstein, para citar três nomes especialmente ilustres da física. Mas poucos escutaram falar de George Lemaitre, o pai das teorias atuais sobre a origem do universo. A teoria do *Big Bang*, a Grande Explosão, que, segundo se acredita, deu origem ao nosso mundo, pertence à cultura geral da mesma época. Foi formulada originalmente pelo belga Georges Lemaite, físico e sacerdote católico. (Tradução livre da autora)

O céu teológico e o céu astronômico foram motivos de um texto na rubrica “Actualidades Scientificas” do número 291:

Occupar-se-hão do ceo por estes tempos em que o livre pensamento é epidemico. Eis o que traduz uma certa coragem (...). É muito para rir essa *innocencia* do *Figaro*, verdadeira *calinada*. E o que dirão os assíduos leitores do *Figaro*? (21 de janeiro de 1887, p. 23).

Um congresso astronômico em Paris, e a confusão feita pelo redator do jornal *Le Figaro*, serviu de mote para *O Occidente* ironizar a noção do céu “onde Deus recebe as almas, julgando-as ou absolvendo-as com o amplissimo espaço, incommensuravel no infinito”. A noção clara que tais espaços eram/são distintos – supomos que um deles, talvez, só exista na imaginação humana – fica claro no tom jocoso com que a revista brinca com o tema.

6.14.3 – Eletricidade

A exposição de eletricidade em Paris, em 1881, foi noticiada com ênfase no número 98. O texto, em tom de admiração pela alta tecnologia apresentada, comenta que o Palácio da Indústria:

Local onde se tem verificado exposições universais e que se julgou outrora sufficiente para esse effeito, parece hoje acanhado para acolher (...) os productos de uma único ramo da physica contemporanea. Quando se pensa que a primeira pilha electrica foi construida por Volta no inicio d´este seculo custa a crer o enorme desenvolvimento que o simples aparelho do célebre physico italiano tomou em tão pouco tempo (11 de setembro de 1881, pp. 202-204-205).

A matéria explica as muitas aplicações da luz eléctrica e destaca a sua importância futura já que, na exposição, há a reprodução de uma casa em que todos os aposentos, inclusive a casa de banho, são iluminados pela electricidade.

A história do uso da energia eléctrica, principal força motriz da segunda revolução industrial, pertence ao quarto final do século XIX. Rapidamente, desta exposição francesa, o uso da electricidade se expandiu. Em Lisboa, porém, a iluminação a gás começa em outubro de 1878, com a doação, pelo rei dom Luiz, de seis candeeiros de lâmpadas tipo Jablochkoff. Fernandes (1992, pp. 15-63) refere:

A inauguração da iluminação pública eléctrica na cidade de Lisboa deu-se em Outubro de 1878, quando o rei D. Luís ofereceu à Câmara Municipal seis candeeiros de lâmpadas de arco tipo Jablochkoff, que tinham sido usados pela primeira vez, a 28 de Setembro desse ano, na Cidadela de Cascais, por ocasião das festas de aniversário do príncipe D. Carlos (Fernandes, 1992, pp 15-63).

As lâmpadas eram iguais às que iluminavam, na altura, a praça do Teatro da Ópera em Paris e o rei deu ordens para a compra de seis lâmpadas desse tipo, para serem experimentadas em Portugal, cuja iluminação pública e particular, na época, era feita a gás pela *Companhia de Gaz Lisbonense*. Após esta experiência, a novidade da instalação eléctrica não se impôs logo na cidade, porque a sua expansão implicava muitos custos..

As novas lâmpadas provocaram na “Chronica Occidental” do número 19, 1º de outubro de 1878, um comentário irónico do articulista Guilherme D’Azevedo (capa): “Lisboa, que incontestavelmente é a aldeia, que em Portugal possui melhor iluminação”.

A revista só comenta as lâmpadas no número 21 (1º de novembro de 1878, pp. 167-168) e, mesmo assim, numa notícia sem destaque, na qual se resume a comentar o que exatamente é uma lâmpada Jablochkoff, invenção do cientista russo do mesmo nome. Na edição seguinte, número 22 (15 de novembro de 1878, p. 170), a “Chronica Occidental” dedica os cinco parágrafos iniciais à nova iluminação. Consideramos que duas editoriais envolvidas na divulgação da mesma técnica é um erro compreensível. A noção do factual e da agilidade na notícia ainda não existia nos primórdios do jornalismo industrial, quarto final do século XIX.

A popularização da eletricidade começou a causar preocupação e no número 406 (1º de abril de 1890, p. 80), uma pequena nota na última página de *O Occidente* alerta para os perigos do uso descontrolado desta nova fonte de energia. O texto cita um artigo de Edison, sem explicar se repete as palavras do norte-americano Thomas Edison, o que tornaria o alerta mais válido. Só no transcorrer da leitura tivemos certeza de que a opinião é, realmente, do grande inventor. *O Occidente* refere o artigo original com as afirmações de Thomas Edison, que foi publicado na revista *North American Review*, 1º de janeiro de 1890, p. 79). Nela, Thomas Edison escreveu que: “Não há razão alguma que justifique o emprego das altas tensões e das correntes alternativas, que no ponto de visto commercial quer no scientifico (...) o meu desejo pessoal é que sejam proibidas, de maneira absolutas, as correntes alternativas”.

Com argumentos prós e contra a opinião de Edison, *O Occidente*, no número 390, faz uma reflexão preciosa: tal discussão seria impensável alguns anos antes, quando a manipulação da energia elétrica apenas começava. Finaliza os comentários afirmando que o tempo dirá quem tem razão na disputa, se os eletricitistas ou Thomas Edison: “veremos para o futuro se Edison tem razão e se arrepear dos perigos da iluminação elétrica, e se os industriaes terão que engulkir todas as invectivas que hoje lhe estão dirigindo (1º de janeiro de 1890, p. 80)”.

Entusiasmados com a beleza da luz elétrica, os franceses projetaram para a Exposição Universal de Paris, realizada em 1889, uma torre de 300 metros de altura. A torre, noticia no número 235 de *O Occidente* (1º de julho de 1885, p. 147), é a que hoje conhecemos como Eiffel. Entre outros detalhes de alta tecnologia, teria “grandes gallerias destinadas a exposições permanentes de eletricidade”.

A edição 276 publica que a ciência começava a avançar no sentido de fornecer energia elétrica para as cidades. A novidade, publicada na rubrica “Resenha Noticiosa”, aponta para a força “quase gratuita” da água como possível geradora de eletricidade:

O systema empregado será o da incandescencia por meio de 200 focos equivalentes, cada um, à potência de 5 bicos de gaz, dos actualmente empregados na iluminação publica. Estes 200 focos custarão (...) 315 reis por cada hora de luz de todos elles. (21 de agosto de 1886, p. 192)

O número 402, a coluna “Novidades da Sciencia” noticia que as cidades Ottawa e Marselhas, a doze quilômetros de Ottawa, foram eletrificadas a partir de uma queda d’água existente na cidade de Marselhas. O importante da notícia é o avanço na tecnologia de distribuição de energia, já que uma só fonte, utilizando uma subestação em Ottawa, conseguiu iluminar as duas cidades:

Uma turbina actua um dynamo Heisller de 700 lampadas e 30 bugias repartidas em série sobre dois circuitos de 35 KL de extensão cada uma (...). O sistema Heisller de distribuição em serie com correntes alternativas a alta tensão está adquirindo na America desenvolvimento muito importante (21 de fevereiro de 1890, p. 47).

Moreira (2013, p. 1) registra o extraordinário avanço da tecnologia de distribuição de eletricidade, afirmando que a Exposição Universal de Paris ficaria marcada pela aparição e divulgação da eletricidade e de tudo que ela traria de inovação para o mundo.

As cidades modernamente preparadas para receber os visitantes de Exposições Comemorativas a eventos Centenários, erigiram signos metonímicos. Originariamente construídos para serem monumentos, a Estátua da Liberdade, a Torre Eiffel e o Cristo Redentor são apelos a imagens simbólicas (...). A imensa torre ostentando o poder da França na construção em ferro, comemorando o Centenário da Revolução Francesa sob as luzes da “fada eletricidade”, a Cidade Luz (...) este trabalho concentra seus esforços na difusão da ciência, das novas práticas urbanas, seus agentes e os monumentos emblemáticos que constituem a cidade moderna, exibidos em grandiosos eventos receptores de milhares de pessoas, ávidas por observarem cenários urbanos monumentais em exposição, modernização urbana e signos metonímicos.

Moraes (2013, p. 43) afirma, porém, que a iluminação pública a partir da energia elétrica foi demorada. A Alemanha, até o início do século XX, continuou utilizando lamparinas de petróleo e lâmpões a gás:

A lâmpada ósmico-wolfrâmica, conhecida pela abreviação Osram, abriu o caminho para o lançamento, em 1912, de lâmpadas com filamento totalmente à base de tungstênio no mercado alemão. A tecnologia básica da lâmpada incandescente, portanto, foi desenvolvida de 1854 a 1912. E com ela, a eletricidade conquistou as casas e as ruas da Europa e do mundo.

Lisboa também se contentou com a iluminação a gás até bem tarde, como noticia *O Occidente* no número 377:

Sim, senhor, tardou, mas arrecadou, honra lhe seja! (...) a estreia da nova illumination foi um verdadeiro acontecimento em Lisboa (...) correu de bocca em bocca que a companhia velha preparava para a primeira noite de illumination da companhia nova um golpe de mestre: accender todos os seus candieiros para desbancar os candieiros novos (11 de junho de 1899, p. 130).

O último candeeiro a gás na cidade de Lisboa deixou de funcionar em 1965.

6.14.4 – Bicicleta

A bicicleta, quem diria, não é tão inocente assim. Desenvolvida ao longo do século XIX, ela foi questionada como possível responsável por problemas no assoalho pélvico feminino. *O Occidente* 779 (20 de agosto de 1900, pp 183-186) traz um artigo de três páginas sobre a bicicleta – ainda denominada velocipédia – no qual questiona, além de “deselegância de uma dama numa machina que a obriga a trabalhar desgraciosamente com as pernas, a possibilidade de o selim provocar pressão excessiva sobre os ossos da bacia”.

Abrindo espaço para opiniões médicas contra e a favor ao uso da bicicleta pelas mulheres, o autor da reportagem cita a consequências do uso da velocipedia em inúmeros casos médicos: mulheres obesas, “meninas com nervos”, accidentes, influência deste tipo de

esporte na função digestiva, “nos neuropathias, nos neurosthenicos (sic), nos arterio-esclerosos” e, finalmente, “sobre os órgãos genitais”:

Os órgãos genitais podem ser prejudicados pelo abuso da bicycletta, principalmente se tem alguma affecção inflammatoria (...). Num artigo publicado nos *Annales des maladies des voies genito-urinaire*, o doutor de Pezzer descreveu as lesões das partes moles que são comprimidos pelo selim (20 de agosto de 1900, p. 184).

A matéria, que deve ter despertado enorme interesse, não é assinada e tem continuação nos números 780, 781 e 782, publicados entre 30 de agosto e 20 de setembro de 1900.

Engana-se quem pensa que a preocupação sobre o uso constante da bicicleta e suas consequências na saúde sexual das mulheres e dos homens era uma preocupação protocientífica do século XIX. No século XXI, teses são defendidas para mostrar que, sim, os ciclistas contumazes podem sofrer de, inclusive, impotência sexual. O site UOL (22 de abril de 2010, p. 2) publicou matéria com a seguinte afirmação:

Os pesquisadores estimam que 5% dos homens que andam de bicicleta desenvolvem disfunção erétil severa a moderada (...). O elo entre os selins e a impotência foi primeiramente divulgado em 1997, quando um urologista de Boston, Irving Goldstein, que tinha estudado o problema, afirmou que "há apenas dois tipos de ciclistas – os impotentes e os que ficarão impotentes".

Nesse caso, *O Occidente* foi uma revista de vanguarda, publicando, no início do século XX, uma preocupação que, no século XXI, ainda não é estudada, carece de fundamentação científica e, provavelmente, alimenta-se de lendas e mitos.

6.14.5 – Submarinos

Os submarinos foram um sonho perseguido pelos homens. Até Leonardo da Vinci desenhou o projeto de um barco que navegaria sob a superfície. Através dos séculos, vários projetos, em diferentes países europeus, surgiram. Como, por exemplo, o que é considerado o primeiro submarino funcional, desenvolvido pelo holandês Cornelis Drebbel em 1620. Neves (2014, p. 29) refere:

Com base no que disse Joaquim de Almeida Henriques (1915), no seu artigo publicado nos ACMN (Anais do Clube Militar Naval), em 1624, Cornelius Drebbel, um cientista holandês, construiu o primeiro submarino de que há registo. Este fez provas no rio Tamisa, na presença do Rei de Inglaterra, Jorge I, contudo não há dados concretos quanto ao sucesso das provas, apenas rumores como os de Robert Boyle que escreveu: "pessoas dignas de fé contam que teria inventado um barco podendo navegar debaixo de água, e que uma experiência no Tamisa, com surpresa de todos, tinha sido coroada com sucesso.

Portugal também fez pesquisa nesse sentido e desenhou um submarino, denominado Estação Submarina Fontes, que foi notícia no número 553 (1º de maio de 1894, p. 107), informação que entra em contradição com a tese de mestrado de Neves (2014, p. 22) que cita *O Occidente*:

Apesar das dificuldades sentidas, não se pense que Portugal não foi pioneiro desta arma. Conhecem-se dois projetos da autoria do Primeiro-tenente Fontes Pereira de Melo e do Primeiro-tenente Valente da Cruz, datados de 1889 e 1905 respetivamente, que muitas tintas fizeram correr e muita curiosidade despertaram, não só no meio envolvente das Forças Armadas, mas também nos meios de comunicação social da época. Tendo sido escritos e publicados diversos artigos em revistas e jornais da época, como por exemplo, a revista *Occidente*, e o jornal, *Correio Nacional*.)

Constatamos que *O Occidente*, além da já citada edição 553, noticia o submarino Fontes nos números 536 (11 de novembro de 1893, p. 255), 537 (21 de novembro de 1893, p. 263) e 539 (11 de dezembro de 1893, p. 279). Continua noticiando nos números 542 (11 de janeiro de 1894, p. 15), 543 (21 de janeiro de 1894, p. 19), 553 (1º de maio de 1894, p. 107), 554 (11 de maio de 1894, p. 119), 555 (21 de maio de 1894, p. 125), 557 (11 de junho de

1894, p. 143) e 560 (1 de julho de 1894, p. 163), quando, então, encerra, as matérias sobre o projeto dos irmãos Fontes.

6.14.6 – Automóvel

A invenção do automóvel – que, na verdade, só assume sua característica industrial com Henry Ford, em 1908 – foi notícia no número 650. Com o título “O Automobilismo”, o texto é premonitório:

A locomoção do futuro pertence ao automobilismo. Vehiculos sem animaes. É este o desideratum da industria de transporte, no seu capitulo da viação ordinaria e accelerada (20 de janeiro de 1897, p. 11).

Com diversas ilustrações, a matéria em duas páginas, relata que “n’esto momento há em nossa alfandega geral um vehiculo automovel importado por um cavalheiro de Coimbra” e coloca em pauta a discussão que acompanha todos os desenvolvimentos humanos.

6.14.7 – Aviação

São muitas as novidades, os avanços, as notícias sobre o desenvolvimento do mundo. Navios a vapor cada vez mais modernos, encurtando as distâncias entre o velho e o novo mundo – o Titanic naufraga em 1912, a cobertura de *O Occidente* está analisada no capítulo *Fait Divers*. As estradas de ferro que tornaram a Europa menor. Os balões, os dirigíveis e, finalmente, os aviões.

O primeiro avião a decolar em Portugal recebeu a capa do número 1.215. A “Cronica Occidental” registra este momento extraordinário realizado pelo biplano *Farman Maurice*:

Todos poderam vêr milhares de bôcas abertas em espontaneo pasmo quando o Farman Maurice, muito serenamente se elevou por espaço de 7 minutos, que mais não permitiu a

irreverencia do vento, pouco cortez com quem lhe quer invadir os dominio (30 de setembro de 1912, p 210).

Muito antes, os aeróstatos – os balões de São João são aeróstatos, voam por estarem cheios de ar quente, mais leves, portanto, que o ar – e balões já haviam sido notícia em *O Occidente*. O número 158 reclama porque a França comemora o centenário dos irmãos Montgolfiers, supostos inventores do aeróstato, ignorando a primazia do padre português Bartolomeu de Gusmão. A matéria, que tem o título “Invenção dos aeróstatos na França e o seu inventor o padre Bartolomeu de Gusmão”, usa um tom de ironia para se dirigir à pretensão francesa e defende as cores nacionais:

O sr. Freire de Carvalho (...) começou a colligir os materiaes dispersos (...) para fundamentar a gloriosa reivindicação de um dos mais arrojados inventos do genio do homem para o nosso paiz (11 de maio de 1883, p. 107).

Os números 168 (21 de agosto), 171 (21 de setembro), 174 (21 de outubro), 177 (21 de novembro), todos de 1883, e também os 181 (1º de janeiro), 186 (21 de fevereiro), 187 (1º de março), 188 (11 de março), 189 (21 de março), 190 (1º de abril), 192 (21 de abril) 193 (1º de maio), 194 (11 de maio), 196 (1º de junho) e 204 (21 de agosto), estes de 1884, continuam repetindo o mesmo assunto: quem inventou o aeróstato foi o padre português Bartolomeu de Gusmão.

Tanto espaço editorial despertou a nossa curiosidade. Além de personagem no livro *Memorial do Convento* de José Saramago (1982) – é Gusmão quem acrescenta ao nome da personagem principal, Blimunda, o apelido Sete Luas –, pouco sabíamos sobre o inventor da Passarola. Português, Gusmão nasceu no Brasil em 1865 e foi perseguido pela Inquisição por suas ideias pouco ortodoxas.

6.14.8 – Fonógrafo

O fonógrafo do onipresente inventor Thomas Edison recebeu atenção no número 389. A matéria classifica-o como:

Um dos mais prodigiosos espíritos de nosso tempo, que principiou a estudar a eletricidade, cogitando no modo de melhor a aproveitar, como elemento prestável e útil para a humanidade (...) uma d'essas descobertas foi o phonographo que apresentou em 1878 (11 de outubro de 1889, p. 227).

A técnica de gravação da fala não começou, porém, voltada apenas para a difusão da música.). O próprio Edison sugeriu algumas utilidades para o seu invento. Em um artigo para a revista *North American Review* (1878), Edison considerou que teria utilidade para ditado de cartas, ensino de locução, registro das memórias vocais de uma família, reprodução de música, preservação de idiomas pela exata reprodução de sua pronúncia, produção de audiolivros para pessoas cegas, brinquedos e caixinhas de música. Gomes (2014, pp 73-76) refere:

No final do século XIX, no ano de 1877, o cientista norte-americano Thomas Edison inventava o primeiro aparato capaz de gravar e reproduzir a fala humana: o fonógrafo. Embora a gravação e reprodução sonora fossem um sonho da ciência desde o século XVI, a invenção proposta por Edison para tal fim revelou-se relativamente simples. O fato, contudo, é que o gramofone revolucionou a música popular a tal ponto que podemos afirmar que a duração consagrada das canções populares, até hoje – em torno de três minutos –, é resultado de seu advento.

O Occidente foi um importante periódico no esclarecimento de seu público-leitor formado, principalmente, por cidadãos urbanos, alfabetizados, de bom poder aquisitivo, perfil político conservador e curiosos sobre o novo mundo que os rodeava. É impossível imaginarmos a ciência e muitos dos confortos contemporâneos sem nos reportarmos ao século

XIX. *O Occidente*, que tinha com proposta editorial educar os seus leitores, cobriu com segurança e abrindo relevantes espaços todos os movimentos que modificaram o pensamento científico e o cotidiano oitocentista. Deu à ciência quase o mesmo espaço que deu às artes.

Também observamos que, para noticiar os avanços médicos ou novas tecnologias, *O Occidente* tomou o cuidado de que o redator escalado para escrever sobre as novidades tivesse informações sólidas que o qualificassem para o serviço. Nota-se a preocupação com o que hoje chamamos de pesquisa. Tudo era muito bem detalhado, chegando, muitas vezes, às raias da incompreensão para o leitor comum. Como é o caso, por exemplo, da explicação da produção das vacinas. Referindo-se à pesquisa de Louis Pasteur, *O Occidente* publica no número 264:

Uma dificuldade se apresentou ao sabio microbiotecnicista. O microbio do curbunculo (...) transforma-se (...) em cellulas ovulares com o protoplasma perfeitamente resguardado (...). Pasteur obstou (...) às produções de esporos e teve tempo (...) de modificar pela acção do ar o mycelium, que é a forma mais fraca do microphyto para assim atenuar a forma mais resistente que o esporo (21 de abril de 1886, p. 91).

A autora desta tese não conseguiu entender como Pasteur fabricava as suas vacinas, nem como resguardava os protoplasmas. Também acredita que a maioria dos leitores da época – excetuando os de formação científica –, nada entenderam. O apelo à explicação metódica e racional dava credibilidade ao texto. Como, aliás, até hoje.

Encerramos este capítulo afirmando, sem hesitação, que *O Occidente* foi um importante veículo de divulgação e esclarecimento do avanço científico-tecnológico do século XIX.

CAPÍTULO VII – As famílias reais

7.1 - Família real portuguesa

O Occidente não perde uma oportunidade para enaltecer a família real portuguesa. No casamento do príncipe dom Carlos com dona Amélia de Orleans, edição 267 extrapola nos elogios:

Essa formosa princeza noiva, esse gentil noivo-príncipe, é o que o país lhes deseja, desfraldando na sua passagem as bandeiras festivas, atapetando-lhe com as virentes rosas do nosso perfumado maio peninsular eu hoje elles começam a caminhar juntos, e que se lhes abre amplíssima, cheias de muitas promessas que principiam já a ser realidades, ante os seus olhos deslumbrados de esposos amantíssimos (21 de maio de 1886, p. 114).

As matérias dedicadas à realeza ocupam lugar de destaque em múltiplas edições. Apesar de o tipo de texto em voga no século XIX permitir narrativas barrocas, *O Occidente*, quando se trata de divulgar os Bragança, abusa das metáforas e das hipérboles. A língua portuguesa parece insuficiente para louvar as glórias e magnificências de suas majestades.

Quando *O Occidente* foi lançado, em 1878, o rei de Portugal era dom Luiz I, segundo filho de dona Maria II e dom Fernando de Saxe-Coburgo Gota. Dona Maria II era filha de dom Pedro I do Brasil e IV de Portugal. O número 2 de *O Occidente* abre com uma gravura de dom Luiz, seguida por um texto de Ramalho Ortigão com o título “Sua Magestade o senhor dom Luiz”. O tom é cordial, apesar de, no primeiro parágrafo, Ortigão ter conseguido expressar o seu sentimento antimonárquico:

A monarchia – essa instituição tão perigosa, que bastou ella só nas mãos de um Carlos V, de Fillippe II, de um Fillippe IV e de um Carlos II para corromper até ao mais intimo de seu heroismo nativo o mais nobre paiz do mundo (15 de janeiro de 1878, capa e p. 10).

Logo após, elogiando os reis portugueses, não mede palavras para criticar antigos monarcas:

Os reis portuguezes não provocaram com a accumulção de seus crimes as represalias da posteridade. Como aquelle imperador que depois de ter esmagado a legitima insurreição (...) da *Santa Liga* (...) dizia cynicamente às cortes de 1538: ‘meus camaradas, não lhes peço opiniões, o que lhes peço é dinheiro’ (...) como aquelle Filippe IV, o inepto, que era ao mesmo tempo pae da Igreja e de 32 bastardos (...) como aquelle Carlos II, o mais sanguinario dos imbecis (15 de janeiro de 1878, p. 10).

O texto é benevolente: “a monarquia portugueza nunca se manchou com nodos indeleveis”. Afirma ainda que dom Luiz mantêm a tradição dinástica de “brandura”, apesar de não ser “um grande rei”. Classifica-o de “*gentleman*”, alardeia a sua fluência em seis idiomas – foi tradutor de Shakespeare –, além de excelente esportista e amante das artes.

Evidencia-se, nesta matéria, a mais-valia noticiosa, que acontece quando o autor se refere às pessoas de elite para reforçar o valor do texto. As matérias de *O Occidente* sobre família real portuguesa recorrem, muitas vezes, a esse expediente e se concentram, basicamente, em dom Luiz, dona Maria Pia e seus filhos e, mais tarde, em dom Carlos, dona Amélia e seus filhos. Eventualmente há espaço para os infantes dom Augusto, irmão de dom Luiz, e dom Afonso, irmão de dom Carlos. A revista tenta fazer que o povo não esqueça que o trono português é muito antigo. Em várias edições traz textos e gravuras sobre os reis e rainhas de outros tempos, todas elogiosas: dona Filipa de Lencastre e seus filhos, a Ínclita Geração (número 25, de 1º de Janeiro de 1789, p. 8), dona Luiza de Gusmão, primeira soberana Bragança (números 229, 230, 231 e 233, de maio e junho de 1885), dom Diniz (número 157, de 1º de maio de 1883, p. 98, infante dom Henrique (números 317 e 321) e rainhas de Portugal (número 19).

Dom Carlos foi mais penalizado que o pai na relação com os veículos de comunicação. Já no reinado de dom Luiz, a cada vez maior força da imprensa e uma nova classe de intelectuais, que não era tão conservadora quanto a das décadas anteriores, começaram a obrigar a realeza a tentar se entender com o novo e desconhecido poder dos jornais e revistas. Sárdica (2008, p. 356) aponta que, como Portugal não tinha uma corte faustosa, não dispunha da quantidade de aristocratas da Inglaterra ou a pompa marcial da Alemanha, a comunicação entre a tradicionalmente discreta família real e o povo, que começava a ser mediada pelos jornais, tornou-se difícil:

A discrição da família real era causa, e também consequência, do seu mau relacionamento com a nova imprensa (...) havia, na generalidade dos jornais, um propósito firme de ataque ao Paço (...) da esquerda à direita, dos extremos radicais aos extremos miguelistas (...). Dom Luiz tentou inverter este sentimento, fugindo à clausura do palácio de Queluz e procurando ser popular (...) passeando na capital com a rainha e os filhos.

7.2 - Dona Maria Pia

Afirmamos que, no momento de inflexão na comunicação entre os portugueses e a sua casa real, dona Maria Pia e, mais tarde, de dona Amélia, supriram lacunas e foram capazes de despertar a simpatia popular. Na opinião de Marinho e Vidal (2016, p. 47), um dos principais papéis que elas desempenharam foi servir de modelo à sociedade e de referência à nação.

Desde os primórdios, as sociedades criam heróis, deuses e ídolos com virtudes, atributos físicos e intelectuais e de grande moral, cujos valores atribuídos refletem o ideal desta sociedade. Os heróis, materializados em reis e rainhas, tornam-se figuras às quais a sociedade reserva um espaço e um poder simbólico, com elevada capacidade de persuasão e modelos de conduta do povo.

À medida em que a revista vai se impondo, adquirindo leitores e confiança, as matérias tornam-se mais frequentes e, mais assiduamente, as rainhas servem de “gancho” para variadas notícias. A lembrança do dia em que a rainha dona Maria Pia – com 14 anos, apenas uma princesa italiana adolescente – chegou a Lisboa para casar com o rei dom Luiz, que só tinha 23, foi publicada no número 36 assinada pelo visconde de Benalcanfor. A matéria, que tem a intenção de noticiar que a pneumonia dupla que atacou a soberana em abril estava completamente vencida, aproveita para descrever o impacto positivo que dona Maria Pia causou ao desembarcar em Lisboa em 1862:

A alliança da graça ingenua com a majestade real, que transluziam na gentilissima rainha (...) ganharam-lhe os affectos do povo (...) agora mesmo sua magestade acaba de socorrer com valioso donativo de dois contos de reis, os operarios de Lisboa sem trabalho (...), o brado de angustia se levantou, quando em 11 de abril ultimo, correu (...) que uma terrivel pneumonia dupla ammeaçava (...) uma vida tão preciosa (...) a rainha ressurgiu para a saude entre as benções do povo inteiro que a adora (15 de junho de 1879, pp. 90-91).

O noivado com a princesa “bela e de porte real”, pela qual o povo se apaixonou à primeira vista, fora precedido de muita negociação entre a Itália e Portugal. Lopes (2012, p. 249) relata que dona Maria Pia, apesar de tão jovem, estivera prometida a dom Pedro V, irmão de dom Luiz, que falecera prematuramente.

Logo após a morte de D. Pedro, o governo e o rei italianos insistiram na ideia de casar a princesinha com o rei de Portugal, agora D. Luís (...). Uma exposição do marquês de Sá da Bandeira, ministro da guerra, aconselhava o casamento do rei com a princesa Maria Pia de Sabóia. Sá da Bandeira invocava interesses nacionais e dinásticos e lembrava que “entre as casas soberanas católicas” havia algumas que não podiam ser contempladas devido aos princípios políticos absolutistas que professavam. Entendia que casar o rei nas famílias de Saxe-Coburgo e de Hohenzollern não traria quaisquer vantagens políticas. Escolher a família de Orleães, inimiga do imperador dos Franceses, poderia acarretar a má vontade dele e tornar-se pretexto para a sua hostilidade. Assim, parecia-lhe ser a princesa de Sabóia a melhor opção.

Realizado para atender as respectivas políticas nacionais, o casamento de dona Maria Pia, princesa da casa de Sabóia, e dom Luiz quase deu certo. Acreditamos que, por conta da idade, os jovens se apaixonaram. Lopes (2012, p. 258) registra que, em 30 de julho de 1863, dona Maria Pia, grávida de sete meses do primeiro filho, escreveu ao marido:

Há já um século que não te vejo, meu amor. Vem depressa ter com a tua pequenina que te ama tanto e que não pode ficar sem ti [...]. Dói-me um pouco a cabeça e sinto náuseas, estou certa que é do desgosto de não te ter aqui, meu bem-amado [...]. Amo-te tanto, meu amor, bem o sabes, estou tão feliz contigo e só te tenho a ti, meu amigo. Pensas em mim? Amor, oh! Amo-te tanto que penso constantemente em ti, meu tudo.

A resposta de dom Luiz foi no mesmo tom. Segundo Lopes (2012, p. 306), ele trata a mulher por “querido amor”, confessa-lhe que a ama muito e que longe dela não sente prazer em nada. Com o tempo, porém, dom Luiz voltou a exercitar o seu lado mulherengo, que a rainha classificava de “doido”.

Dona Maria Pia marcou o seu tempo e a história de Portugal. Majestosa e elegante, como *O Occidente* a ela se refere inúmeras vezes, representou com perfeição o sentimento de amor ao próximo defendido pela política liberal. É ainda Lopes (2012, p. 275) quem afirma que ela foi a concretude da filantropia liberal, motivada não por devoção a Deus, mas por respeito a seus semelhantes. Sempre que uma desgraça atingia o país, era a primeira a chegar ao local para consolar os aflitos. Em 1876, após o grande temporal – classificado pelo *O Occidente* como tufão – que atingiu o norte de Portugal, dona Maria Pia criou um fundo permanente para assistir as vítimas de desastres climáticos.

A rainha (grifo da autora) tornara-se popular pela sua acção (...) Em Dezembro desse ano (1876, grifo da autora) (...) nomeou uma comissão para promover donativos a nível nacional e junto dos portugueses residentes no estrangeiro. Nesta comissão, Maria Pia teve papel activo e não mera presidência nominal. Foram angariados mais de 250 contos (250.351.050 réis) e sobejaram mais de 55. Decidiu-se que o saldo se aplicasse em inscrições para constituir um fundo de reserva para outras calamidades.

Em 1888, o Teatro Baquet, no Porto, pegou fogo e mais de cem pessoas morreram. Ao saber do acontecido, dona Maria Pia foi de comboio até esta cidade para consolar os feridos e as famílias dos mortos. *O Occidente*, no número 334, noticia a viagem da rainha numa matéria de duas páginas com o título em caixa alta: “O incendio do Theatro Baquet”, assinada por Manoel M. Rodrigues:

A rainha dona Maria Pia, por um destes impulsos caridosos, (...) veio pessoalmente (...) associar-se (...) ao pezar, alentando ao mesmo tempo, com as suas commovedoras palavras de conforto (...) espalhando com a mão prodiga valiosos socorros aos mais necessitados (...) Sua majestade a todos consolava, a todos socorria (...) Todos a bendizem, todos a abençoam.(1º de abril de 1888, p. 76).

Em 1884, no afã de recolher donativos para sua Associação de Creches, a rainha inovou ao criar uma quermesse realizada na Tapada da Ajuda. A cidade – nobreza, comerciantes, burguesia, intelectualidade – apoiou-a com entusiasmo e o evento reuniu cerca de 70 mil pessoas. A quermesse foi um sucesso absoluto e *O Occidente*, edição 195, registra:

Caridade, eis o trabalho grandioso e sacratissimo, o milagre poderoso e extraordinario feito pela augusta e gentilissima Rainha de Portugal (...) um exito excepcional coroou a excepcional obra da Rainha Maria Pia (...) foi a festa mais brilhante, mais concorrida e mais extraordinaria que se tem feito em Lisboa n’esses ultimos annos (...) a lenda da rainha Izabel tem um *pendant*, que a vale bem, a vida da Rainha Maria Pia (21 de maio de 1884, p. 114).

O número seguinte, 196 (1º de junho de 1884, capa, pp. 122-123) descreve dona Maria Pia em texto quase rococó: “o perfume de santidade (...) que deixou a rainha Santa Izabel (...) condensou-se em torno da formosa filha de Vitor Manuel”.

O mesmo número abre uma gravura de página inteira para a quermesse, suas 16 barracas de atrações e a multidão que compareceu à festa. Lopes (2012, p. 276) descreve:

A quermesse de 1884, outro êxito de Maria Pia, foi realizada na Tapada da Ajuda nos dias 17 a 19 de Maio, com o objectivo de captar fundos para as creches. Esta modalidade de angariação de receitas nunca fora experimentada e a adesão à iniciativa foi enorme e entusiástica. A quermesse foi uma festa e a ideia era precisamente essa: chamar os lisboetas a divertir-se, atraí-los com a presença da rainha e da alta aristocracia, deslumbrá-los com as decorações, a animação e os jogos que decorriam no recinto. Criava-se cumplicidade entre eles e a soberana, promovia-se a fidelidade à dinastia, simulava-se interclassismo e chamava-se a atenção para a importância das creches. Pela quermesse terão passado mais de 70.000 pessoas.

As viagens incógnitas, quase sempre para visitar a família na Itália, também são alardeadas pelo *O Occidente*. Acreditamos que classificar a viagem de um membro da família real como incógnita apenas significa que a viagem não era oficial. E, muitas vezes, como em abril de 1893, realmente, não foi. Na ocasião – a edição 516, 21 de abril de 1893, faz questão de informar –, dona Maria Pia visitou a terra natal para, em nome do filho dom Carlos, pedir apoio nas negociações da dívida externa portuguesa.

Na opinião de Lopes (2012, p. 282), dom Carlos nunca negociou diretamente com o tio Humberto ou com o primo Vítor Manuel III. A interlocutora dos Sabóias foi sempre dona Maria Pia, que, por ser irmã do rei Humberto, desempenhou um importante papel na política externa portuguesa. O peso político do rei Humberto baseava-se na Tríplice Aliança, formada pela Itália, Alemanha e a Áustria-Hungria.

Em Abril de 1893, D. Maria Pia partiu para Itália. Não saía de Portugal há cinco anos e era a sua primeira viagem ao estrangeiro depois de viúva. O objectivo era muito compreensível, pois fez-se saber, e assim se tem repetido, que ia assistir às bodas de prata do casamento do irmão. Na realidade, ia em missão diplomática junto do rei italiano e do imperador da Alemanha, que encontraria em Roma. A rainha-viúva conseguiu o apoio do rei de Itália e do kaiser para que fosse assinado um acordo com os credores externos da dívida pública portuguesa, o que

permitiria salvar Portugal da bancarrota. O acordo foi assinado a 20 de Maio de 1893 e a acção da rainha ficou oculta.

Nessa viagem, a rainha, usando o título de condessa de Guimarães, revelou o seu prestígio ao ser recebida na estação ferroviária de Madri, pela rainha regente dona Maria Christina e todo o ministério espanhol. O número 516 de *O Occidente* (21 de abril de 1893, capa) relata:

Sua magestade a rainha a sra. dona Maria Pia, acompanhada por seu filho o senhor infante dom Affonso partiu de Lisboa, no dia 13 do corrente, em direcção à Itália onde vae assistir as bodas de prata de seu irmão, El-rei dom Humberto.

7.3 - As joias reais

A vida social e esportiva dos reis e príncipes também ocupava espaço em *O Occidente*. Quando, em 1878, dom Luiz venceu uma regata e doou o prêmio, a revista, número 19, dedicou-lhe meia página. O mesmo texto relaciona os régios presentes enviados ao rei do Daomé. Na opinião da revista, o africano não iria entender o que estava recebendo:

Pelo transporte *Africa* (...) vão sendo conduzidos para serem entregues ao rei de Dahomey varios brindes, com que S. M. El-Rei o sr. D. Luiz (sic) presentea aquelle soberano, ainda semi-barbaro, mas amigo de Portugal. (...) um bastão de ebano encimado por uma grande esphera de prata com as armas de Portugal e as iniciaes M. P. e L. sobremontoadas pela coroa real, tudo de oiro (...) duas peças de brocado de seda, das quaes um cor de rosa bordada a prata e uma encarnada bordada a oiro (1º de outubro de 1878, p. 120).

Nem para o vencedor da regata nem para o rei do Daomé, dom Luiz economizou para comprar as prendas. Muito menos para o cálice de cinco quilos de prata banhada a ouro que ofereceu ao papa Leão XIII em 1888, para comemorar o jubileu de sua santidade. A gravura do cálice está na edição 327 (www.hemerotecadigital.com-lisboa.pt 21 de janeiro de 1888, p. 21).

Os livros de contabilidade da empresa A. Leitão&Irmão, ourivesaria oficial da casa real portuguesa, revelam as despesas da família Bragança. Segundo o inventário da ourivesaria, em 1878, relatado por Pinto (2014, p. 27), “o objeto mais caro, uma urna prémio de regata (...) ascendia a 440.000 réis”. Mas dinheiro não era um problema para a família real e a ourivesaria sabia disso. Os mesmos registos da A. Leitão&Irmão provam que, em cada peça vendida à monarquia, a firma lucrava mais de 100% sobre o preço de custo conforme refere Pinto (2014, p. 38):

Num livro designado por Joalheria (Livro de Registos de Entradas, Custo e Saída de Artigos de 1883), constam os lucros sobre as peças vendidas. D. Luís vem referido como tendo adquirido três berloques e uma caixa de fósforos de aço, em junho de 1883 conforme quadro nº 7. Um dos berloques tinha um valor de custo de 1.300 réis e foi vendido por 3.000 réis. Aqui a joalheria obteve cerca de 130% de lucro sobre o custo original. Nos outros berloques, ambos têm um valor inicial de 2.200 réis e foram vendidos por 4.500 réis cada, neste caso a margem de lucro foi cerca de 105%. Também é mencionada para o mesmo ano e mês, a aquisição de uma caixa de fósforos em aço que foi adquirida pelo rei D. Luís por 16.500, tendo o seu custo sido de 6.500 réis, aqui a margem de lucro foi de aproximadamente 154% sobre o custo. Concluindo-se que a joalheria obtinha avultados lucros.

As joias – diademas, colares, broches, anéis, pulseiras, peças de decoração doméstica – eram despropositais em tamanho e riqueza para um país em crise econômica. A rainha dona Maria Pia, que deixou fama de caridosa e mãe dos pobres, não se preocupava em gastar sem medidas. Pinto (2014, p. 42) afirma que, entre 1877 e 1884, suas despesas na compra de joias alcançaram a soma de 10.114.640 réis.

Em Portugal, atravessavam-se tempos difíceis e de carência e a Casa Real contraía empréstimos para poder suportar as despesas cada vez maiores com a representação dos reis. A rainha não se coíbia de gastar altas quantias em roupas ou joias, porque achava que tinha a obrigação de estar sempre impecável, elegante, interpretando na perfeição a sua obrigação de rainha.

O Occidente nunca parou para avaliar o que representava financeiramente esse excesso de ouro e pedras preciosas. Apenas louvou as maravilhas criadas pela ourivesaria portuguesa. Como, por exemplo, no número 273:

Todas estas joias foram produzidas nas officinas dos srs. Leitão&Irmão e são, tanto pela sua belleza como por seu valor, verdadeiros presentes reaes (...) As joias em questão não são trabalhos vulgares (...) raras vezes se mandam executar (21 de julho de 1886, p. 162).

Para comemorar o casamento da princesa francesa Amélia de Orleans com o príncipe herdeiro dom Carlos, os reis Luiz e Maria Pia se superaram. Os presentes que a princesa recebeu dos sogros são destaque no número edição 273:

O diadema, presente de S. M. El rey dom Luiz (...) contém cerca de 800 brilhantes (...) o collar no mesmo estylo que o diademas foi presente de Sua Majestade a rainha (...) o numero de brilhantes contidos n'este collar ascende a 500 (...) o outro collar, em forma e ramo, foi oferta de Sua Alteza Real o Principe Dom Carlos é formado de diamantes e saphiras (...) e a saphira que forma o centro é de grandes dimensões e belleza (...) são 23 saphiras em que se entremeiam brilhantes sendo estes em número de 300 (p 162). brilhantes sendo estes em número de 300 (21 de julho de 1886, p. 162).

Os infantes dom Afonso e dom Augusto também presentearam a noiva com brilhantes, o que nos leva a afirmar que dona Amélia, no dia de seu casamento, ganhou mais de mil diamantes custeados pelo estado português. Pinto (2014, p. 27) refere que a joalheria A.

Leitão&Irmão utilizava o expediente conhecido como “caixa dois”. Ou, como se diz em Portugal, “saco azul”. Registrava o seu movimento financeiro em dois livros-caixa: um oficial e outro officioso. Não podemos afirmar se o recurso ilícito servia para proteger os gastos da realza ou se para disfarçar os próprios lucros. Essa contabilidade criativa teria rendido uma excelente matéria se *O Occidente* fosse menos monárquico e mais atento.

Para o ano de 1880/1889, as compras efetuadas, para o mesmo período de janeiro a junho, pelo rei D. Luís foram registadas em dois livros distintos, enumerando as mesmas aquisições no montante de 1.888.500 réis, acrescido da quantia de 63.000 réis relativa a duas facas no montante unitário de 18.000 réis e uma pena na quantia de 27.000 réis, que só consta num livro, perfazendo o valor total em compras para este ano 1.951.500 réis, relativos a vinte e uma peças.

Pinto (2014, p. 32) revela-nos outro apontamento de contas escamoteadas:

Para o ano de 1886 figuram como adquiridas pelo rei D. Luís, dezoito peças num total de 1.462.407 réis. Neste montante está incluído o valor da aquisição de caixas de toilette, não se sabe a sua quantidade e não foram incluídas no número total de peças adquiridas. O artigo mais caro foi o alfinete triplo pérolas de cor por 206.500 réis e a mais barata um anel de senhora com um rubi e uma safira, por 2.007 réis.

7.4 - Casamento real

No noivado e casamento de dom Carlos e dona Amélia, *O Occidente* não economizou espaço. Noivado anunciado, a princesa Amélia foi capa do número 259. A matéria que a apresenta aos leitores comenta que “a união é simpática a ambos os países latinos (...) e que para tornar a aliança ainda mais auspiciosa, o amor concorre para ella”. No dia das bodas, 22 de maio de 1886, na Igreja de São Domingos, Lisboa, a cobertura ficou a cargo de Gervasio

Lobato que, na edição 268, (1º de junho de 1886, capa e p. 122) relata os detalhes do acontecimento. As opiniões de Lobato estão no capítulo “Chronica Occidental”.

7.5 - O herdeiro

O nascimento do herdeiro do herdeiro rendeu outra série de matérias-homenagem. Na capa do número 297, 21 de março de 1887, exatamente o dia em que nasceu o príncipe Luiz Filipe, *O Occidente* relata a ansiedade do povo português, há dez dias aflito à espera da salva de tiros que anunciaria o nascimento do infante.

Meses após o nascimento real, com e diversas matérias comentadas no capítulo sobre a “Chronica Occidental”, a edição 305, 11 de junho de 1887, traz na capa uma gravura, baseada em foto de Fillon, de dona Amélia com o filho ao colo. Chamam a atenção a beleza do olhar da princesa e a absurda semelhança da criança com o pai, dom Carlos. Dá-nos a impressão que a fotografia foi manipulada para que o príncipzinho se assemelhasse ao pai. O resultado não foi bom. O neném, com expressão de adulto, passa uma impressão desagradável. Mas, naquela época, a monarquia já parecia saber a importância do universo simbólico das imagens. Nascimento (2009, pp. 20-22-28) afirma:

A imagem torna-se (...) elemento reflexivo de leitura, mesmo que o texto continue a ser elemento de partida (...) nada pode substituir a emoção de colocar a realidade onde se sente que deve estar para exprimir não o que se vê, mas justamente o que se sobrepõe ao que se vê. (...)A representação iconográfica fixa um conteúdo mais do que uma figura. A par de um discurso verbal constrói-se um mundo de representação que vive da imagem e transporta consigo um universo simbólico.

7.6 - Mortes reais

O afã de prestigiar o rei era tão grande que, eventualmente, as editorias se atropelavam. Alguns momentos foram cobertos pela revista e, simultaneamente, pela

“Chronica Occidental”. Notamos claramente essa redundante convivência de espaços editoriais no número 388, 1º de outubro de 1889, que noticia a morte e o sepultamento do infante dom Augusto, irmão do rei dom Luiz. Gervasio Lobato dedica 100% do espaço da crônica ao acontecimento (p. 218). Na página 219, C. A. (Caetano Alberto) assina matéria de duas colunas e meia sobre o mesmo assunto e com a mesma abordagem: os elogios de praxe – generoso, lhano, humilde, caridoso, espirito brilhante, corajoso etc. –, a doença, a morte, o desvelo da cunhada rainha, as exéquias.

Três semanas depois, morre dom Luiz. O falecimento do soberano é noticiado no número 390, 21 de outubro de 1889. Observamos a coincidência de os filhos de dona Maria II morrerem próximos um do outro. Dom Pedro V e dom João com dois dias de diferença, em novembro de 1861. Dom Fernando, dezembro do mesmo ano. Dom Luiz, e dom Augusto, outubro de 1889.

O primeiro comunicado oficial do estado do soberano, publicado na “Chronica Occidental” da edição 390 (21 de outubro de 1889, p. 234), registra que dom Luiz sofria de “neuralgia do plexo ciático seguida de phenomeno de akenesia (...) e accidente de decubito”.

Acreditamos que os jornalistas não devem se deter diante do inexplicável. O comunicado nada esclarece. Nenhum dos médicos com quem conversamos – embora soubessem qual enfermidade matara dom Luiz – identificou a doença escondida nessas palavras. Dom Luiz, poderia ter levado um tombo e perdido alguns movimentos (acidente de decúbito e aquinesia). Poderia estar apenas com neuralgia no nervo ciático – que dói, impede alguns movimentos, mas não mata. Poderia ter sofrido um acidente vascular cerebral. Poderia estar com inúmeras enfermidades compatíveis com a sua perda de movimentos. Poderia, simplesmente, ter acordado em decúbito dorsal e sentir dificuldade de locomoção, como Gregor Samsa, a personagem de Kafka em *A Metamorfose*. A verdade é que a declaração da casa real não explica rigorosamente nada.

Procurando decifrar as causas da morte de dom Luiz aos 51 anos, descobrimos que o monarca sofria de um mal que, na época, não tinha tratamento e provocava uma morte lenta e dolorosa: neurosífilis. Gervasio Lobato registra, no mesmo número 390, os boatos que circulavam em Lisboa sobre a saúde do rei e o estado lastimável em que o transportaram, à noite, para Cascaes, onde veio a óbito: “informação official não havia nenhuma, se alguma

apparecia, era desmentindo estes sinistros boatos”. Depois, afirma que, na “dolorosa” transferência entre palácios na “cadeirinha-maca” constatou-se a veracidade de tudo o que se dizia a respeito da saúde de dom Luiz: seu estado era gravíssimo. Fato confirmado por Rocha Martins (1926, pp. 150-154): “chagas abertas, paralização da bexiga e do recto, gangrena nas extremidades, lesão medular e afirma: (*os médicos*, grifos da autora) conheciam a vida cancerosa do pae do rei e as suas loucuras de moço”.

Médicos portugueses contemporâneos, entre eles o médico Ramalho de Almeida (2014, p. 234), afirmam que a *causa-mortis* de dom Luiz foi neurosífilis e/ou câncer de reto. As notícias da época – publicada inclusive em *O Occidente*, edição 390 – relatam que, tão logo dom Luiz exalou o último suspiro, dona Maria Pia encenou uma cena romanesca:

Quando a hora extrema soou, quando a esposa se viu viuva, lembrou-se que era mãe e que era rainha, e voltando-se para o seu filho (...) com uma magestade e uma grandeza ideal, que há muito se julgava fagida (sic) do mundo, refugiada apenas nas tragedias antigas, exclamou: ‘o rei está morto, viva o rei. Abençoo-te. Meu filho (...)’ e para dar exemplo de obediencia (...), curvou-se ante o seu filho e beijou a mão de Dom Carlos I, o novo rei de Portugal (21 de outubro de 1889, p. 234).

Por tudo que *O Occidente* escreveu sobre dona Maria Pia – inclusive sua reação à morte do marido – afirmamos que ela tinha perfeita noção do jogo de cena exigido pela monarquia. *O Occidente* não percebeu a dimensão desse gesto. Omitiu ou não reparou que, como relata Rocha Martins (1926, p. 155), ela aguardou as portas dos aposentos serem abertas aos nobres para anunciar e reforçar o poder do novo rei, seu filho: “abriram-se de par em par as portas do aposento e a Rainha, diante da Corte, que se achegava (...) voltou-se para o herdeiro do trono, debruçou-se, abraçou-se ao cadáver, encheu-o de lágrimas e de beijos e, erguendo de novo, exclamou: ‘o rei está morto, viva o Rei’”.

A edição 391 (1º de novembro de 1889, capa, pp. 242-243-246) cobre os funerais. Dessa vez, a “Chronica Occidental” e o editor do jornal se entenderam sobre quem escreveria o quê. Lobato comenta por alto o sepultamento e faz os elogios de praxe em sete parágrafos pequenos.

Os diversos textos que compõem a revista dão os detalhes. Na matéria “O funeral de Sua Majestade Dom Luiz I” é usada, pela primeira vez, a palavra *reportage* (em francês). A matéria, assinada por C. A (Caetano Alberto) ocupa três páginas, além de uma dedicada às gravuras do acontecimento:

“Não nos alongaremos em pormenores (...) de *reportage*, como agora se diz (...) e que servem unicamente para encher papel (...). Tinham-se propalados muitos erros com respeito a varias mutilações feitas no corpo de El-Rei, mas (...) os primeiros trabalhos de embalsamamento desmentiram as noticias porque (...) Sua Majestade a Rainha Dona Maria Pia concedeu que entrassem na camara real os *reporteres* (...) e elles então puderam ver o corpo (1º de novembro de 1889, p. 243).

7.7 - Dom Carlos

Dom Carlos, e dona Amélia, os novos soberanos, são destaque no número 392. Um texto apresenta-os, manifestando esperança de que o reinado estreante seja tão brilhante quanto o anterior:

O novo monarcha que subiu ao throno vem precedido das honrosas tradições de seu augusto pae (...) sob estas condições não póde deixar de sorrir a esperança no novo reinado (11 de novembro de 1889, capa e p. 251).

A partir dessa época, a corte portuguesa perde a noção do muito que ostenta e *O Occidente* faz questão de anunciar o excesso de luxo, como se isso tornasse dom Carlos e dona Amélia mais poderosos. Nem por um instante, a revista questiona a necessidade de tantos gastos num país com a situação financeira desequilibrada. O príncipe recém-nascido Luiz Filipe recebe uma colcha bordada a ouro, que fica em exposição nas salas do *Commercio de Portugal*.

A Sra. D. Maria Margarida Callado Carrilho, de Alter do Chão, bordou uma riquíssima colcha de seda (...) vermelho bordada a ouro e prata representando os genios que sustentam as armas de Portugal (...) É um trabalho primoroso que levou três annos para fazer a sua auctora (*O Occidente*, número 301, 1º de maio de 1887, p. 103).

Na aclamação de dom Carlos, oficialmente declarado o novo rei, dona Amélia comparece à cerimônia ricamente vestida. *O Occidente* número 398 (11 de janeiro de 1890, p. 11) descreve: “uma linda *toilette* de seda branca bordada a ouro com um manto azul claro também bordado a ouro”.

Dias antes, numa cerimônia realizada no Teatro São Carlos, a rainha já havia impressionado pela riqueza das roupas e imponência das joias. Dessa vez, o registro fica por conta da “Chronica Ocidental”, edição número 397.

Sua magestade, a Rainha (...) compareceu e a sua presença deu à festa um grande brilho e realce (...). Sua Magestade trajava uma elegantíssima toilette branca e ouro e um sumptuoso manto real, azul bordado a ouro d’um grande valor e de notável bom gosto, preso por dois *agraffes* de brilhantes, um diadema de brilhantes na cabeça e um fio de brilhantes ao pescoço (1º de janeiro de 1890, p. 2).

Não foi fácil o início do reinado de dom Carlos, quase um presságio do triste fim. Quinze dias após o enterro de dom Luiz, foi proclamada a república no Brasil. A notícia da deposição da monarquia brasileira chegou ao palácio de Belém ao entardecer de um 15 de novembro especialmente feliz: naquela manhã nascera o infante dom Manuel, segundo filho de dom Carlos e dona Amélia.

A notícia da queda do império acertou em cheio dom Carlos. Não só pela possível influência que esse acontecimento poderia exercer na vida política portuguesa, mas também porque as dinastias dos dois países eram descendentes diretas de dom Pedro I do Brasil e IV

de Portugal. O imperador deposto, dom Pedro II, era irmão de dona Maria II. Portanto, tio-avô do novo monarca luso.

Antes de 1889 acabar, dom Carlos foi receber o ex-imperador brasileiro que, com a família, chegou a Lisboa. *O Occidente*, na edição 395 (11 de dezembro de 1889, pp. 274, 275), registra a recepção afetuosa, a concessão de honras reais aos nobres exilados, a oferta feita por dom Carlos de um palácio para os parentes residirem. A recusa de dom Pedro II também foi noticiada, mas não a razão pela qual ele preferiu ir para um hotel no Porto e, mais tarde, mudar-se para Paris. A verdade é que ambos, dom Carlos e dom Pedro, sabiam que a presença do monarca destronado poderia desestabilizar a monarquia lusa e estimular o movimento republicano. Rocha Martins (1926, p. 174) registra o momento difícil:

Dom Carlos pensara em acomodá-los na Necessidades ou na Ajuda, porém dom Pedro (...) dissera-lhe preferir o Hotel Bragança (...) de resto, em breve partiria para Paris a-fim-de não complicar com a sua presença em Portugal a vida dos dois países que deveriam estar estreitamente unidos (...) O Rei (*dom Carlos*, grifo da autora) retorquiu-lhe que a sua presença em coisa alguma nos prejudicaria.

Os atropelos sobre o jovem rei ainda não haviam terminado. Num curto espaço de tempo, entre meados de dezembro e o início de janeiro de 1890, a questão africana sinalizou que iria piorar, o novo príncipe foi batizado, a imperatriz brasileira exilada faleceu repentinamente na cidade do Porto e dom Carlos foi aclamado, tendo a família real que se dividir entre as festas do novo rei e as exéquias da tia-avó. Novamente há coincidência de datas: no dia 28 de dezembro de 1889, uma quinta-feira, dom Carlos foi aclamado e dona Tereza Cristina morreu.

O Occidente administrou bem o excesso de informação. O primeiro número de 1890, o 397 (1º de janeiro, capa e pp. 2-3-5) foi quase todo dedicado à aclamação de dom Carlos. Na capa, uma gravura dos novos monarcas. A “Chronica Occidental” dedica 24 parágrafos ao falecimento e 18 parágrafos a dom Carlos. Relata, além do súbito óbito que estarreceu a todos, os apuros dos Bragança portugueses divididos entre três acontecimentos: a aclamação, a passagem do ano e o luto:

Sua Alteza o Infante Dom Affonso partiu no Domingo à noite para o Porto a dar os pezames ao Imperador seu tio, voltou para Lisboa na terça de manhã e deve partir de novo para o Porto na quarta-feira à noite para assistir os funeraes da imperatriz, que deve se realizar na quinta e acompanhar o cadaver para a capital.

O corpo da revista cobre com mais destaque a aclamação, inclusive abrindo uma gravura de página inteira para dom Carlos. O conflito anglo-português, que se agravava, também merece página nobre: logo após os relatos sobre a festa. O resto do espaço é dedicado às matérias “de gaveta” ou previamente editadas.

A edição 398 (11 de janeiro de 1890, capa, pp. 10-11-14-16) volta ao assunto aclamação dedicando, além da capa, gravuras e um longo texto ao acontecimento. Sobre a ex-imperatriz brasileira, com o título “Imperatriz do Brasil” uma matéria de duas colunas e duas gravuras na última página. Consideramos que *O Occidente* soube equilibrar as duas notícias importantes, sem desmerecer a morte da esposa de dom Pedro II e dando o tempo certo para o novo rei português.

Não foi fácil o reinado de 18 anos e 17 ministérios de dom Carlos. Coube-lhe enfrentar um novo paradigma: a opinião pública. Sárdica (2008, p. 352) aponta que os meios de comunicação de massa começavam a viver a sua época de ouro e criticavam, questionavam e ajudavam o povo a pensar e se manifestar, fato que ajudou a dificultar o reinado.

O tempo do reinado de dom Carlos tornou-se (...) o tempo de uma indústria informativa e cultural, um verdadeiro “quinto poder” (como, um dia, definiu José Dias Ferreira), mais vasto e influente do que os outros (...) era a grande imprensa de massas (...) que fabricava e conduzia a opinião pública urbana.

A “opinião pública”, entidade abstrata e poderosa retroalimentada pelos jornais e revistas, questionava sistematicamente antigas certezas culturais. Dom Carlos foi o primeiro

rei português a governar num espaço público, com a imprensa em seus calcanhares. O primeiro a precisar dialogar com a dupla força das palavras: as delas em si mesmo e as multiplicadas exponencialmente por estarem organizadas em instituições ideológicas capazes de atingir, simultaneamente, um número imprevisível de pessoas. Sárdica (2008, p. 347) refere: “os jornais e revistas (grifo da autora) contribuíram para difundir na opinião pública uma atitude iconoclasta, feita de desdém, vaga hostilidade e indisciplina nas camadas sociais mais expostas à renovação cultural e social”.

Apesar dessa nova realidade, para a qual não fora educado, dom Carlos agiu com a possível sabedoria. Auxiliados pela perspectiva do tempo, compreendemos que seria impossível para o rei e os seus colaboradores terem decodificado plenamente as extraordinárias mudanças provocadas pelo jornalismo *fin-du-siècle*. Apenas supomos que, cansado de remar contra a maré e de administrar um tempo que não compreendia, dom Carlos desistiu. Entregou o governo à ditadura de João Franco e foi tratar da vida, conforme propõe Sárdica (2008, p. 366):.

É difícil compreender a transição do século em Portugal, a erosão da credibilidade monárquica na opinião pública e a forma como as promessas oposicionistas, sobretudo republicanas, ganharam adeptos (...) se não se perceber o mundo dos jornais e a maneira como a monarquia, incapaz de se reformar e de reformar o país, perdeu a corrida pela manutenção da sintonia com o discurso padrão por eles veiculado.

Sárdica (2008, pp. 35-37) também afirma que dom Carlos tentou conviver com a imprensa. Os quatro períodos de censura de sua governança não foram muito violentos e, segundo seus biógrafos, ele adquiriu o hábito de, diariamente, ler tudo o que se publicava, contra ou a favor. Foi amigo e mesmo admirador de diretores e donos de jornais da oposição, sobretudo no último decênio do século XIX.

A gestão da opinião pública e das suas inclinações entrou (...) na agenda do rei bem cedo e como um problema central de governação (...) A leitura da imprensa ocupava regularmente os hábitos quotidianos do rei (...) Lia *O Mundo* (diário republicano radical, grifo da autora) e não

fazia segredo disso e (...) mantinha relações com (...) diretores de diversos jornais oposicionistas.

Em seus últimos anos, dom Carlos foi o assunto predileto dos jornalistas e dos chargistas, que o desenhavam cada vez mais gordo e deselegante – *a point pour abbatoir*, nas palavras de Guerra Junqueiro, que serviram de legenda à uma caricatura de Leal da Câmara.

7.8 - Dona Amélia

Mesmo sem também compreender o novo poder que ameaçava o seu próprio, a rainha dona Amélia, repetindo a sogra, liderou movimentos de caridade. Embora a sua participação tenha sido mais importante e com consequências positivas maiores, ela nunca atingiu a popularidade de dona Maria Pia. No entanto, partiu de dona Amélia a primeira preocupação com a prevenção e tratamento da tuberculose. Antes dela, Portugal não tinha uma política de governo para combater esta doença que provocava imensas mortes (Maltez, p. 443).

Em 1899, a rainha fundou o Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos, primeiro passo estatal no combate ao bacilo de Koch. Apesar da oferta da imprensa de ajudar na divulgação das novas diretrizes de saúde e até o jornal *A Vanguarda*, supostamente republicano, ter contribuído financeiramente, *O Occidente*, estranhamente, dá pouco destaque à iniciativa da rainha. A capa da edição 737 publica poucas linhas:

Ainda há poucos dias, na grande sala do ministério do reino, se reuniram a convite da sra. D. Amelia representantes de todas as classes (...), e, por iniciativa da caritativa senhora, foi aberta a subscrição para a fundação de asilos para o tratamento de tuberculose. Com tamanho entusiasmo foi a ida acolhida que logo n'esse momento a subscrição atingiu somma importantissima, superior a sessenta contos de reis (20 de junho de 1899).

A rainha acertara em cheio, *O Occidente* poderia ter lhe dado mais atenção. Também poderia – já que um de seus propósitos era a educação dos portugueses – aproveitar a ocasião para informar aos leitores as medidas que, então, faziam a profilaxia da doença. Em Portugal, no fim do século XIX, era muito alto número de óbitos provocados pela tísica, conforme registra Maltez (2014, pp 443-444).

A mortalidade por tuberculose atingia 15.000 a 20.000 mil pessoas por ano (...) Em Lisboa era responsável por 19% dos óbitos (...) No cumprimento de seus objectivos, a rainha inaugura (...) uma consulta para tuberculosos pobres, a quem a medicação era distribuída gratuitamente

Após essa decisão de dona Amélia foram inaugurados dispensários, hospitais marítimos, sanatórios em clima de montanha, institutos para o tratamento, hospitais especializados e outras instituições que favoreceram o desenvolvimento da saúde pública do país. Dona Amélia também se preocupou em trazer para Portugal a tecnologia para o desenvolvimento das vacinas antirrábicas, descoberta de Louis Pasteur, encarregando o Instituto Bacteriológico, do Hospital São José, de produzi-la. Fundou o Instituto de Socorro aos Náufragos, em 1892. Visando o bem estar dos portugueses, dona Amélia não alcançou o sucesso social de dona Maria Pia, mas deixou uma herança mais sólida.

A capa de *O Occidente* número 573 afirma que a vacina antidiftérica – contra o crupe, como se dizia na época – chegara a Portugal antes de qualquer outro país do mundo graças à intervenção de dona Amélia junto ao doutor Émilie Roux, que desenvolvera a terapêutica. Pessoalmente, Roux enviou para Lisboa amostras do *serum* para as vacinas serem desenvolvidas localmente:

Foi (...) à alta intervenção da augusta soberana, que se deve a rapidez com que o pedido de Portugal foi atendido, no meio do enorme aluvião de pedidos identicos que de toda parte do mundo chove no laboratorio do illustre sabio francez, (...) Dr. Roux atendeu immediatamente, com a maior gentileza, a requisição da rainha dos portugueses e há tres dias (...) Sua Majestade recebeu de Paris uma porção do serum antidiftérico (...) Bendita seja a Rainha! (21 de novembro de 1894, capa).

Por intercessão e trabalho de dona Amélia, os portugueses não precisavam mais temer a terrível encefalite rábica (raiva humana) e a difteria. Também começava a ter cuidados profissionais para enfrentar a devastadora tuberculose, atesta Pereira (2012, p. 11).

Em Portugal, as primeiras acções contra a doença foram impulsionadas pela Rainha D. Amélia (1865-1951) (...) A sua obra capital é a luta que Ela empreende contra a tuberculose, cujos progressos em Portugal são assustadores. Os dispensários, os sanatórios, os hospitais, foram, por toda a parte, instalados pelos seus ensinamentos. A monarca, oriunda da Casa de Órleans, aproveita as suas frequentes viagens ao estrangeiro, principalmente a França, para aumentar e completar as suas noções científicas, esforçando-se por adquirir todos os conhecimentos para a direcção e aperfeiçoamento das obras antituberculose. O contacto com o panorama internacional, patrocinado pela monarquia, é a razão pela qual a luta contra a tuberculose em Portugal está a par dos últimos progressos internacionais. A rainha fazia-se acompanhar nas suas viagens por médicos portugueses. Em 18 de Dezembro de 1904, acompanhada pelo médico D. António de Lencastre (1857-1944), ela visita o hospício de jovens tuberculosos de Villepinte. (...) aí observa a separação dos jovens pelos diferentes graus de doença, a cura do ar, o jardim de inverno, o tratamento moral. “É este médico que desempenha uma acção preponderante para a fixação dos princípios de actuação e criação das regras gerais para a construção dos primeiros dispensários.⁸ A Liga Nacional Contra a Tuberculose e os Congressos Contra a Tuberculose.

Nem a força da imprensa, o Ultimato Inglês (1890), a bancarrota (1891), a revolta republicana do Porto (1891) e a sua discreta aceitação pelos portugueses, que preferiam amar dona Maria Pia, impediram dona Amélia de trabalhar em suas obras. Em reconhecimento a seu esforço assistencial, o papa Leão XIII ofertou-lhe, em 4 de Julho de 1892, a Rosa de Ouro.

Essa rosa costuma ser enviada pelos papas aos reis, príncipes, personalidades e até cidades que se destacam em obras de caridade praticadas em nome da Igreja Católica. *O Occidente* abriu um grande espaço no número 488.

A rosa foi trazida de Roma por um enviado especial do papa (...O enviado de Leão XIII é um homem ainda novo, physionomia inteligente e simpatica (...)) a cerimonia realizou-se na capela do Paço das Necessidades (...) elegante e ricamente ornamentada, mas pequena (...) A Rainha D. Amélia, elegantíssima com um rico vestido de setim côr-de-rosa, longo manto bordado com espigas de prata e mantilha branca (...) à noite houve iluminação em todos os edificios publicos (11 de julho de 1892, capa).

A matéria também explica a história da Rosa de Ouro que, apesar de cercada por muitas lendas, parece ter sido instituída por Leão XI, no início do século XI:

A *versão* (grifo da autora) mais aceita (...) estabelece este uso a Leão XI (1030) (...) A rosa de Ouro agora conferida à Rainha Dona Amélia, é o testemunho de alto apreço em que o Summo Pontífice tem as virtudes desta augusta princeza, como espoza, como mãe, como desvelada protectora dos pobres (11 de julho de 1892, p. 155).

O número 347 apresenta uma pintura da ainda princesa Maria Amélia: um alentejano. A “Chronica Occidental explica:

Mãos privilegiadas, de certo, prepararam e levaram a cabo tão graciosa obra artistica (...). É de uma senhora, o quadro que a nossa gravura hoje representa, e é da mais alta estirpe – a Esposa do Regente (11 de agosto de 1888, capa e p. 78).

Calculamos que o talento de dona Amélia não era tão especial assim. Segundo a RTP Notícias (2006) um quadro assinado por ela, levado a leilão em Lisboa, não alcançou grande preço:

Um dos lotes para leilão é um quadro atribuído à Rainha D. Amélia, cujos dotes de pintura do marido, rei D. Carlos I, eram bastante conhecidos. A pintura, intitulada "pajem" tem uma base de licitação de 1.500 euros.

Constatamos que, em *O Occidente*, o espaço dedicado à mulher de dom Carlos é maior e mais repleto de elogios do que os inspirados por dona Maria Pia. Principalmente na “Chronica Occidental”. Não importa quem a assine, a rainha dona Amélia é alvo dos adjetivos mais exacerbados. No número 540, a Chronica Occidental”, sob o título “O Natal e a Rainha”, não sabe mais como exagerar:

Na sua gentilíssima alma de mulher, no seu grande coração de mãe, no seu radiante espírito de rainha (...) commemorou o dia de Natal por uma instituição de caridade (...) altamente humanitária (...) Este piedoso acto de caridade regia praticado tão modestamente, quasi na sombra, sem annuncios nem réclames (...) inexgotavel é o tesouro uberrimo de caridade que faz da rainha (...) a mais virtuosa e querida rainha da Europa (...). Colocada no alto de um throno, cercada de respeitos e de adorações, esposa estremecida, mãe amantissima (...) Bendita seja a rainha de Portugal (25 de dezembro de 1893, capa e p. 282)

Nem mesmo quando dona Amélia viaja para assistir a morte do pai, na Inglaterra, os adjetivos rareiam. A edição 561 relata a sua partida e a cobre de elogios:

Tendo se aggravado (...) o estado de saúde do conde de Paris (...) partiu (...) para passar uns dias em sua companhia, sua augusta filha, a gentilíssima rainha dos portuguezes (...). Nem bem apeou-se, abraçou affectuosamente seus parentes e amigas (...) com a afabilidade encantadora que lhe é peculiar (1º de setembro de 1894, p. 202).

No número seguinte, 566, 15 de setembro de 1894, é noticiada a morte do conde de Paris. No 567, a revista lamenta:

Apesar de não ter se dado em Portugal, esta morte feriu (...) tão pungentemente no seu coração de filha amantissima a excelsa rainha dos portuguezes (...) sua magestade retornou no

domingo a Lisboa (...) da tristissima viagem que seus affectos de amor filial a lveram a emprender (...)todas estas manifestações de sentimento (...) são demonstrações de respeito, de sympathia, de affectuosa consideração pela grande dor que enluta o coração de Sua Magestade a rainha, é bem merecedora a augusta princeza que pelas suas altas virtudes e excepçionaes dotes de coração e de espirito tão bem se tem sabido querer e adorar pelos portuguezes (21 de setembro de 1894, p. 218).

Para veicular as maravilhas da monarquia bastavam as duas rainhas. Dom Carlos, quando o assunto é política externa, recebeu de *O Occidente* um tratamento elogioso. As visitas que fez a diversas cortes européias, a honra de ser visitado por outras casas reinantes e até pelo presidente da França, Émilie Loubet, são divulgadas pelo *O Occidente* como momentos exitosos de seu reinado.

Destacamos, entre essas visitas, duas de maior importância. A do rei inglês Eduardo VII, que escolheu Portugal para a sua primeira viagem após a coroação (1903), e a do presidente francês (1905). A capa da edição 874, 10 de abril de 1903, diante da manifestação popular de boas-vindas ao rei inglês, anuncia: “a significação da visita a ninguém se esconde, a ser a primeira, redobrará-a”. Uma foto do momento da chegada e a edição quase inteira é reservada à visita histórica. O texto destaca a participação entusiasmada do povo, que saudou o rei da Inglaterra com alegria.

Na visita do presidente francês Émilie Loubet, noticiada no número 966 (30 de outubro de 1905, p 234), a revista omite a mesma manifestação popular – desta vez a favor da república – e elogia o povo: “que tomou na festa uma activa parte e, mais uma vez, por sua educação, sabendo manter a ordem”. Rocha Martins (1926, p. 471) registra a mudança de humor da população:

Era o que se distingua com a música (...) A maçonaria mobilizara todos os seus recursos, além de que o partido inimigo das instituições pudesse ter algumas horas de liberdade para gritar os seus vivas (...): ‘ viva a republica, viva a republica...francesa. E cantava-se entontecidamente o hino da França (...) Quando Loubet entrou no Paço de Belem, o povo continuava a aclamar (...) a revolução.

As maiores críticas sofridas por dom Carlos – das quais o movimento republicano soube tirar proveito – foram sobre o seu espírito perdulário. Há algum tempo, a despesa da casa real ultrapassava a verba que lhe era atribuída, fazendo com que os monarcas pedissem adiantamentos ao Estado para cobrir os seus gastos. No reinado de dom Carlos, esse fato agravou-se e a dívida dos Bragança junto ao tesouro português tornou-se enorme. Mas o rei não mudava o seu alto padrão de vida. Em 1907, a crise acentuou-se.

Lemos cuidadosamente todos os exemplares de 1907 e encontramos notícias sobre o Parlamento fechado, a morte de Hintze Ribeiro, líder do partido Regenerador, as viagens de dom Carlos e dom Luiz Filipe, incêndio em Lisboa, acidente no Porto, troca de ministros. Reparámos, nas entrelinhas, a situação política se agravando. Em nenhum número a revista falou claramente sobre o problema dos adiantamentos. Procuramos saber o quanto dom Carlos custou aos cofres públicos naquele ano e o quanto a situação financeira do rei poderia ter afetado a vida política do país. Descobrimos, em uma ata da Câmara dos Deputados (1907) que, no ano econômico de 1907-1908, foram designadas para os membros da família real as seguintes quantias: “El-Rei D. Carlos (um conto de réis por dia) 366:000\$000 S.M. a Rainha D. Maria Amélia 60:000\$000 S.A. o Príncipe Real 20:000\$000 S.A. o Infante D. Manuel 10:000\$000 S.M. a Rainha D. Maria Pia 60:000\$000 S.A. o Infante D. Afonso 10:000\$000 Total 526:000\$000” .

Na mesma sessão, registrada na mesma ata, o deputado António José de Almeida, comparando o orçamento da família real com a de um português comum, declarou:

Tomemos uma situação média, a do professor de 3ª classe. Ganha esse professor de 3ª classe 165\$000 réis por ano, ou sejam 13\$700 réis por mês, ou cerca de 460 réis por dia. Vejamos agora qual pode ser, dentro destes limites, o seu passadio ordinário Nunca come carne, nem bebe vinho. O desgraçado, porém, tem mais gastos. Pelo menos tem de comprar um chapéu cada ano, tem de fazer dois fatos, um de saragoça para o Inverno e outro de cotim para o Verão, há-de despender em calçado, em roupa branca de cama e para vestir. Vejamos então esse orçamento suplementar, que é afinal tão preciso como o pão para a boca. (...) Temos, à roda do ano: 1 chapéu 1\$000 1 fato de saragoça 7\$000 1 fato de cotim 6\$000 Calçado 3\$000 4 camisas a 600 réis 2\$400 4 pares de ceroulas a 300 réis 1\$200 7 pares de meias a 120 réis \$840

Roupa de cama, lençóis, travesseiros, etc. 2\$560 Soma: 24\$000 Ou sejam 2\$000 réis por mês, ou 65 réis por dia. Somando 395 réis, que são as despesas de comedorias, com 65 réis de despesas suplementares, temos o total de 460 réis, que a munificência do Estado dá ao desgraçado professor de 3ª classe. (...) Almoço: Jantar: Um pedaço de broa 35 réis Um caldo 40 réis. Uma posta de bacalhau e tempero 60. Um pedaço de broa 35 réis Um caldo 40. Ceia: Um pedaço de broa 35 réis Uma posta de bacalhau e tempero 60. Lenha e luz para todo o dia: 40 réis A sua servente, para lhe fazer o caldo, lavar a roupa, varrer a casa, etc. 50. Soma: 395 réis.

Registramos o nosso espanto diante da omissão de *O Occidente* diante de tão grave período político. E não estranhamos o regicídio, que foi uma crônica da morte anunciada. Analisamos a cobertura do assassinato de dom Carlos no capítulo Política.

7.9 - Os outros Bragança

A família exilada de dom Miguel também mereceu atenções de *O Occidente*. Apesar de filha do proscrito rei – não pertencia oficialmente ao clã Bragança –, a infanta dona Maria Anna é destaque no número 516 (21 de abril de 1893, p. 90) ao casar com o grão-duque herdeiro de Luxemburgo. Nesse mesmo número, a viúva de dom Miguel, dona Adelaide de Loewenstein, através de um telegrama enviado ao Conde de Rendinha, anuncia as bodas: “Lisboa, 5 de março de 1893, minha filha Maria Anna foi pedida em casamento pelo Grão-Duque herdeiro de Luxemburgo, Adelaide”. *O Occidente* se rasga em elogios: “a augusta filha do rei exilado, D. Maria Anna de Bragança, é (...) formosíssima, de superiores qualidades de espírito e coração, em todo o esplendor da vida.” Afinal, Maria Anna ingressaria na antiquíssima família Nassau e seria grã-duquesa reinante em Luxemburgo. Nossa opinião é que a revista não perderia a ocasião de lembrar aos leitores a nova importância da infanta portuguesa, promovida de exilada à princesa herdeira.

7.10 – Famílias reais da Europa e do mundo

7.10.1 – Reinos exóticos

O Occidente gostava tanto das famílias reais que no número 656 (20 de março de 1897, pp 59-64) abre espaço até para comentar as vicissitudes de Ranavalo, a rainha destronada de Madagáscar.

Com direito à gravura, a matéria sem assinatura relata que ela foi deposta e exilada pelas tropas francesas que dominaram a ilha e descrevem-na como uma desocupada apreciadora da moda parisiense. O toque de preconceito, fato comum em *O Occidente* quando se refere às famílias reais de locais distantes, aparece no comentário final: “passa a vida jogando damas ou o loto, que n’estes casos assume a regalia de um jogo de príncipes, quando mais não seja de príncipes pardos”.

Felizmente, no século XIX ninguém estava preocupado em ser politicamente correto. Em 1894, na morte do sultão Muley Hassan, do Marrocos, *O Occidente*, edição 558, faz um comentário impossível nos dias atuais:

Muley Hassan, foi, (sic) um monarca prudente e se não foi tão habil que melhorasse a sorte de seu paiz fazendo-o entrar no caminho da civilização, deve-se ter em vista os apertados caminhos de sua religião, intransigente e de seu povo fanático, em opposição a todas as coisas da civilização europea (...) occulto é o viver interno daquelle povo, não obstante estar n’um extremo da Europa civilisada (21 de junho de 1894, p. 147).

No capítulo sobre a “Chronica Occidental” registramos os comentários preconceituosos quando da visita oficial a Portugal do rei Kalakua I, das ilhas Sanduiche.

7.10.2 – Rainha Victoria

No entanto, os reis e rainhas europeus receberam atenção, espaço nobre e os elogios de praxe. Nem precisa se fazer uma leitura atenta para descobrir-se que, na realeza europeia, todos são primos ou cunhados de todos. Lopes (2012, p. 250) relata que, quando dom Luiz procurava uma noiva – como já vimos, a escolhida foi a princesa italiana Maria Pia de Sabóia –, ele foi se aconselhar com a rainha Vitória da Inglaterra, a quem tratava por tia.

D. Luís (...) aconselhou-se com a “tia” Vitória de Inglaterra. Como não gostava dos Sabóias, esta considerou que uma aliança com essa família era a que menos convinha, devido à política e sobretudo ao carácter moral de Vítor Manuel II; além disso, afirmava, a princesa era demasiado jovem.

Na época, a rainha Vitória já era viúva do príncipe Alberto Saxe Coburgo Gota, primo direto de dom Fernando Saxe Coburgo Gota, o pai de dom Luiz. Daí o tratamento familiar que o rei português dispensava à monarca inglesa, sua parente. Por afinidade, mas parente.

Um dos muitos encontros oficiais entre os reis de Portugal e de Espanha é noticiado no número 29 (1º de março de 1879, pp 37-38). O texto, assinado por Brito Rebello, ocupa duas colunas, sendo que a terceira coluna é ocupada por uma gravura da enchente em Miragaia, no Porto. O erro comum de diagramação e paginação – as gravuras numa página, o texto, em outra – é encontrado com frequência nos primeiros números de *O Occidente*, quando a revista ainda amadurecia o seu discurso gráfico.

Esta visita proporcionou, porém, a oportunidade de *O Occidente* publicar, em vários números (34, 35, 36, 41, 44, 51, 56, 59, 61, 62, 64 e 69, nos anos 1879 e 1880) fatos da História portuguesa: reis portugueses e espanhóis se enfrentando em batalhas nas fronteiras entre os dois países. Essas matérias representam *O Occidente* cumprindo a sua missão educadora, expressa no seu primeiro número: valorizar a consciência e a identidade nacionais e formar cidadãos. A capa do número 160, 1º de junho de 1883, que cobriu a visita de dom

Luiz e dona Maria Pia “a seu primo, o rei dom Afonso XII da Espanha” dá o recado de orgulho nacional e independência:

Ciosos da autonomia da patria, folgamos, ainda assim, com estas demonstrações de estima que há tempos para cá, se trocam entre os chefes das duas nações da Península Iberica.

Usaremos essa visita como emblemática de todas as outras que ocorreram em clima festivo e de amizade e que foram registradas pelo *O Occidente*.

Não havia, uma só casa real europeia sem laços de sangue com as outras. Para ilustrar esta consanguinidade, apresentamos o exemplo da descendência da rainha Vitória e do príncipe Alberto, primos diretos que tiveram sete filhos. A mais velha, Vitória, casou com o imperador Frederico III e era mãe do também imperador Guilherme II, ambos da Alemanha. O Rei Eduardo VII, que é bisavô da rainha Elizabeth II, casou-se com Alexandra, princesa dinamarquesa. A princesa Alice, além de avó do príncipe Philip da Grécia e Dinamarca, marido da atual soberana inglesa, era mãe de Alexandra, a última tsarina da Rússia, fuzilada com os filhos e o marido Nicolau II na revolução de 1917.

O príncipe Alfredo era pai da rainha Maria, da Romênia. A caçula, princesa Beatriz, casou com um príncipe alemão da casa Battenberg e era avó do rei Juan Calos I, da Espanha, pai do atual monarca, Felipe VI. Por sua vez, a rainha Sofia, mãe de Felipe VI, é bisneta da princesa Vitória, irmã mais velha da avó do marido. Não tão complicado assim: as casas reais europeias são uma “ação entre amigos”. Melhor dizendo, entre parentes.

A rainha Vitória permaneceu no trono da Inglaterra por 63 anos e sete meses. Quando *O Occidente* foi lançado, ela já reinava há 41 anos. Assim, embora a revista abrisse generosas espaços para a monarquia inglesa, sua atenção focava-se mais em seus filhos e netos. O jubileu de ouro da rainha Vitória, em 1887, é publicado no número 307 (1º de julho de 1887, pp 146-147). A matéria, assinada por Pinheiro Chagas, em vez de lhe traçar a biografia ou contar os festejos, prefere divagar sobre o que acontecerá à Inglaterra quando Vitória morrer, já que, mais do que rainha, *ela é uma instituição*. A “Chronica Occidental” do mesmo

número registra que, em homenagem à data, a embaixada inglesa em Lisboa ofereceu um grande baile ao qual compareceram os infantes Augusto e Afonso.

Vitória morreu em 22 de janeiro de 1901 e nada de incomum aconteceu à Inglaterra. A notícia é publicada na edição 795, de 30 de janeiro de 1901, com as honras que a matriarca da realeza européia merecia. *O Occidente* traz na capa a tarja preta de luto, a gravura da rainha e os detalhes do falecimento na “Chronica Occidental”. O texto da crônica afirma que todos os jornais do mundo destacaram o fim do longo reinado de Vitória, acontecimento que enlutou praticamente todas as casas reais européias. O espetacular cerimonial do enterro – acompanhado pelos números 796 (10 de fevereiro de 1901) e 797 (20 de fevereiro de 1901) – sublinha a importância da falecida rainha.

Não afirmamos, mas sugerimos, que o protocolo da Casa Real Inglesa percebeu o novo poder dos veículos de comunicação na divulgação das virtudes de Vitória, que se prolongavam além da vida. Do velório ao enterro na capela de Windsor, passando pela procissão marítima da transladação do corpo de Osborne House, ilha de Wight, para a Londres, foi tudo pensando como um show capaz de potencializar a admiração e amor que os ingleses – *y compris*, o mundo – sentiam pela rainha.

Pela primeira vez, um funeral recebia tanta atenção dos jornais e revistas, que se encarregavam de não deixar a emoção diminuir. Rondelli e Hersmann (2000, p. 7) referem que o enterro da rainha Vitória foi a *avant-première* do enterro da princesa Diana em 1997, que alcançou a marca de um bilhão de espectadores em todo mundo: “a Rainha Elizabeth deu pompas reais a seu enterro (*da princesa Diana*, grifo da autora) só atribuídas anteriormente à Rainha Vitória, fez um esforço de aproximação com a *media* (chegou a fazer um raro pronunciamento à nação) e com seus súditos”.

7.10.3 – A casa de Sabóia

A casa de Sabóia liga-se intimamente à dos Bragança: por linha materna, dom Carlos é um Sabóia. A edição número três de *O Occidente* (1º de fevereiro de 1878, capa e p 18) traz a

notícia da morte do rei Vitor Manuel II, da Sardenha, pai da rainha Maria Pia de Portugal. Registramos que tanto Vitor Manuel como dona Maria II eram filhos de duquesas austríacas da casa Habsburgo. Ou seja, dom Luiz e dona Maria Pia eram primos. A capa dessa edição é uma gravura do rei falecido e a matéria, assinada pelo Visconde de Benalcanfôr, traça-lhe um perfil positivo. Segundo o autor, Vitor Manuel *escorou a cauda da independência e da Unidade italianas*. Recém-lançado e ainda procurando o próprio discurso, *O Occidente*, nesse caso, não usou seus habituais recursos linguísticos barrocos para descrever a dor da filha rainha de Portugal. Dona Maria Pia sequer é citada no texto.

7.10.4 – Casas reais da Espanha e da Inglaterra

As monarquias da Espanha e da Inglaterra são as preferidas de *O Occidente*. A revista acompanha as reviravoltas da família real espanhola: a morte da rainha Maria das Mercedes, 18 anos, que se casara com Afonso XII apenas seis meses antes. O número cinco (1 de março de 1878, pp 36-37) aproveita o casamento para comentar a situação política calamitosa da Espanha e aposta que a união do casal pode acabar numa linda história de amor ou, então, no exílio, já que as ruas de Madri protestaram no dia da cerimônia. Mas não previu o fim trágico da rainha, nem informou, para esclarecer a teia familiar das monarquias, que as mães dos noivos, infantas espanholas, eram irmãs. Além do mais, Maria das Mercedes era neta, pelo lado paterno, do rei da França Luiz Felipe de Bourbon. A prematura morte da rainha é noticiada na edição número 14. No texto, *O Occidente* começa a lançar mão das hipérboles e do excesso de adjetivos:

Poucas palavras nos resta (sic). A princesa Mercedes acabava de desposar o rei e (...) resplandecia entre os fulgores da aurora, entretecida n'uma coroa de rainha, uma coroa de noiva (15 de julho de 1878, p. 110).

O segundo casamento de Afonso XII, com a duquesa austríaca Maria Christina de Habsburgo mereceu registro no número 47 (1º de dezembro de 1879), tendo a noiva ocupado a capa da edição. Dom Afonso XII morreu em 1885, deixando Maria Christina grávida daquele que seria dom Afonso XIII. *O Occidente* reserva a edição 250 (1º de dezembro de 1885, capa e p. 266) para noticiar a morte do rei espanhol num cenário de incertezas políticas e sem a existência de um herdeiro varão. A “Chronica Occidental” é dedicada a este assunto. Gervasio Lobato deixa escapar o machismo natural da época, sequer lembrando que o falecido deixara duas filhas, uma delas usando o título de princesa das Astúrias, o tradicional para os herdeiros do trono espanhol:

Um rei que desaparece do throno, não deixando atraz de si, mãos fortes, energicas e varonis que ergam o sceptro que de suas mãos inanimadas cahiu (...) Quando um rei deixa herdeiro (*no masculino*, grifo da autora) hábil, energico, inteligente. (1º de dezembro de 1885, p. 266)

A segunda matéria, assinada por C. A. (Caetano Alberto), também é inteiramente dedicada ao desaparecimento do rei. Lamenta o ocorrido e, discretamente, desconfia que a rainha grávida não dará conta do recado, pois havia apenas 13 anos que a república cedera novamente lugar à monarquia. Mas a duquesa austríaca, a nova regente do trono espanhol, surpreende. Inclusive porque o filho Afonso XIII, nascido quase seis meses após a morte do pai, já com o título de rei da Espanha, não impressionava pela saúde.

A capa do número 402, 21 de fevereiro de 1890, de *O Occidente*, quando Afonso XIII tinha dois anos e meio, é desalentadora: mostra uma menino doentio, pequeno e com aspecto infeliz: o rei da Espanha. Acreditamos que dona Christina ter conseguido guardar o trono para um filho que era a encarnação da fraqueza, revela a sua força e a sua inteligência. Não à toa, *O Occidente* dedica a ela muitas de suas edições.

7.10.5 - O príncipe de Mônaco

Havia muito mais a noticiar, a realeza era uma fonte inesgotável de novidades, uma excelente oportunidade de *O Occidente* abusar de textos melosos. Em 1894, a visita do príncipe Alberto, de Mônaco, em seu iate Alice, rendeu comentários na “Chronica Occidental” da edição 563, de 11 de agosto de 1894.

Recebido pela família real portuguesa com honras de chefe de estado – o que, aliás realmente era – Alberto era um renomado oceanógrafo e estimulou em dom Carlos, um apaixonado pelo mar, a curiosidade pelas aspectos científicos da costa portuguesa. O Banco Princesa Alice, descoberto nos Açores apenas dois anos depois por uma expedição oceanográfica comandada pelo príncipe Alberto, encontrou, a quase 100 quilômetros a sudoeste da ilha do Pico. Segundo Saldanha (1997, p. 1), uma área de baixa profundidade, excelente zona pesqueira.

A sua ligação próxima ao Príncipe Alberto do Mónaco, um dos mais brilhantes oceanógrafos (...) foi certamente decisiva ((...). D. Carlos começou o seu primeiro cruzeiro com experiências preliminares na Baía de Cascais, nos finais de Agosto de 1896. Cerca de um mês antes, em Julho de 1896, o banco Princesa Alice tinha sido encontrado acidentalmente pelo Príncipe Alberto, a sul dos Açores. A importância desta descoberta em águas portuguesas foi certamente um factor crucial de encorajamento ao Rei D. Carlos, para que conduzisse as suas próprias pesquisas no mar.

Dom Carlos incrementou a sua atividade de oceanógrafo com o estímulo do príncipe de Mônaco.

7.10.6 – A filosofia Niilista

Abriremos um parenteses para analisar o assassinato do tzar Alexandre II por niilistas, como noticiou a imprensa da época, e a possível influência do jornalismo industrial no crescimento dessa filosofia que, apesar de ser citada em textos do século XVIII, conheceu o apogeu no fim do século XIX e grande parte do XX. Segundo Barros (2008, p. 46), o niilismo, entre outras propostas, negava o cristianismo:

Durante o século XVIII e início do século XIX a explosão da tecnologia, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial promoveram sentimentos de euforia e otimismo. No entanto, alguns filósofos surgiram com a doutrina do niilismo. Baseado na negação da ordem social, do esteticismo (supremacia dos valores estéticos) e da metafísica-teológica cristã, o niilismo favorecia o utilitarismo e o racionalismo científico.

O crime, que chocou o mundo, foi cometido no dia 13 de março de 1881 por anarquistas socialistas de um grupo conhecido como “Vontade do Povo”. Barros (2008, p. 46) afirma que, apesar de muitos filósofos se ocuparem do niilismo, o alemão Friedrich Nietzsche (1844/1900) é o mais conhecido pensador ligado à corrente de negação de valores. Coube a ele a definição: “niilismo significa que os valores superiores se depreciam”.

Na segunda metade do século XIX, Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) segue essa doutrina como destino histórico, desencadeado pela morte de Deus. O niilismo não é, para Nietzsche, a interpretação deste ou daquele espírito, nem um acontecimento histórico, mas o advento da consciência de que todos os valores que até então davam sentido à vida humana se tornaram caducos. O pensamento nietzschiano requer a “transvalorização” dos valores tradicionais.

Não pretendemos discutir filosofia, não é a nossa área de estudos. Mas apontamos que, no século XIX, o termo circulava igualmente na Europa Ocidental e na Rússia, onde, já

vimos, designava os revolucionários que pretendiam mudar o *status quo*. Porém, desperta-nos a atenção a importância da imprensa tanto na veiculação do termo com significado político, quanto no seu significado existencial de falta de esperança e de ceticismo. Monteiro (2008, p. 6) afirma *que o termo* “nihilista para classificar os revolucionários russos foi imposto pela imprensa e pela literatura”.

Comentando o atentado a Alexandre II, o jornal *New York Times* (24 de março de 1881, p. 4) publicou matéria sob o título “*What the nihilists want*” (O que querem os nihilistas):

*The demands of the Russian revolutionists are these: no more monarchy; no more state religion; no land proprietors; the soil to be as free as the air; no more armies; no more administration; no more Siberia; liberty of press; liberty of speech; liberty of conscience (...) the ultimate aim of nihilists is anarchy*²¹.

Confundida com o anarquismo no século XIX e, atualmente, englobando várias escolas de pensamento, inclusive o existencialismo de Jean Paul Sarte e o absurdismo de Albert Camus, o nihilismo político e filosófico foi uma resposta à ruptura de valores que, até então, eram considerados absolutos. Acreditamos que o século XIX foi o das mudanças radicais e coube à imprensa, com a modernização dos meios de comunicação e num curto espaço de tempo histórico, divulgar as descobertas que destruíram as antigas certezas do mundo real.

De repente, a nova força da imprensa revelava que tudo passara a ser passível de críticas e questionamentos: igreja, estado, autoridades, forças armadas, monarquia,

²¹ As exigências dos revolucionários russos são estas: não mais monarquia; não mais religião de estado; não aos proprietários de terras; o solo tão livre quanto o ar; não mais exércitos; não mais administração; não mais Sibéria; liberdade de imprensa; liberdade de expressão; liberdade de consciência (...) o objetivo final de nihilistas é anarquia (tradução livre da autora).

No Dicionário de português online (<https://www.lexico.pt>) é esta a definição para o termo nihilista:

“1. (Filosofia) Sistema que recusa a existência de qualquer tipo de realidade relevante ou considerável; reduz a realidade a absolutamente nada; 2. (Filosofia) Sistema que recusa a hipótese da verdade; 3. (Filosofia) Referente ao sistema ou comportamento que rejeita qualquer género de condicionamento ou regra moral; 4. (Política) Sistema que rejeita a necessidade de um Estado e defende a liberdade total do indivíduo; muito banalizada na Rússia oitocentista; o mesmo que sistema anárquico ou anarquismo. (Etm. do latim: *nihil*).

aristocracia, noção de pátria, família, etc. O rompimento entre o saber tradicional e o novo mundo científico abalou as verdades estabelecidas, criando um *gap* rapidamente ocupado pelo desencanto absoluto. O que, afinal, ainda era verdade? Perguntavam-se os contemporâneos do *boom* da imprensa. Ninguém reconhecia em seu entorno nada que, durante toda a sua vida e a de seus pais e avós, fora uma referência quase sagrada. Os paradigmas sociais eram superados tão rapidamente que as pessoas não tinham tempo de se recolocarem diante deles.

Usamos, neste parágrafo, o conceito de Nietzsche, citado por Araldi (2011, p 2): “modernidade é a época do declínio do poder e da disciplina de espírito”. Consideramos que, sob o estrito ponto de vista da relação niilismo X meios de comunicação e focando apenas o fim do século XIX, o niilismo, tanto o político quanto o filosófico, representa a modernidade veiculada pelos órgãos de imprensa.

Representa também as expectativas de que outras informações virão para desfazer as que, num determinado momento são consideradas absolutas. Representa, enfim, o novo e impactante papel dos meios de comunicação no imaginário de quem, nem sempre, tinha condições intelectuais de lidar com o excesso de novidades. Por falta de conhecimento formal, os leitores não conseguiam filtrar nem administrar o estranho mundo no qual começavam a se sentir ideológica e espiritualmente desconfortáveis.

Pela rapidez, baixo custo e alcance de suas informações, a maioria dos jornais e revistas da segunda metade do século XIX ajudou a construir um novo imaginário social. Mesmo sendo a sua justificativa a de informar os leitores, o relato detalhado de crimes cruéis – até bem tarde, o jornalismo permitia-se usar o tom melodramático e explorar os detalhes sensacionalistas –, a divulgação de novas verdades científicas, o litígio entre o estado e a Igreja católica, a desmoralização sistemática das autoridades contribuíram para o fortalecimento das correntes contestatórias e para a sensação de desamparo emocional do público leitor. De um lado, a consolidação do anarquismo político. De outro, a força cada vez maior do pensamento niilista. Monteiro (2008, p. 71) compara: “podemos pensar esta imprensa da segunda metade do século XIX com um valor aproximado à quase instantânea transmissão de imagens e informações via satélite para o terrorismo atual”.

Acreditamos ter sido a imprensa a criadora da confusão entre os conceitos ‘anarquista’ e ‘niilista’, ao reduzir ambos a um só significado. Procurando assuntos e estilos que

despertassem a emoção e incentivassem as vendas, eles abusavam de textos melodramáticos, que o tempo se encarregou de disciplinar, e ajudaram os revolucionários a criar, em diferentes países, um padrão de comportamento.

Da mesma forma, plantaram na cabeça dos leitores a expectativa de outras verdades, oferecendo a cada dia mais novidades e “suitando”²² matérias que haviam provocado emoção. Veicularam a novidade da ciência, o poderoso deus que desmistificava crenças antigas. No capítulo dedicado à ciência reportamos as muitas descobertas do século XIX. Tantas que mudou a noção humana ante a sua finitude – a nova medicina ampliara a média de vida –, e alterou a sua consciência do inexplicável. Afinal, a ciência provava, a cada dia, que os mistérios podiam ser decifrados. Não espanta que o niilismo tenha florescido neste ambiente.

O número 82 de *O Occidente* destaca o imperador da Rússia Alexandre II, assassinado por niilistas/anarquistas em 13 março de 1881. Repetindo o vocabulário vigente na época, a matéria, assinada por G. L. (Gervasio Lobato,) utiliza o termo niilistas para se referir aos criminosos:

Estas bombas que os niilistas, para desnortear a polícia, tinham espalhado que estavam a fazer em Londres, foram feitas em São Petersburgo e por mulheres (...) A sua valentia (*do czar*, grifo da autora...) revoltara-se com as precauções a que (...) o tinham obrigado os manejos terríveis do niilismo (...) Eis a historia do imperador que acaba de sucumbir ao odio implacável dos niilistas (1º de abril de 1881, p. 75).

Coube também a um niilista a responsabilidade pelo assassinato, em Genebra, da imperatriz Elizabeth da Áustria, em 10 de setembro de 1898. O criminoso, Luigi Lucheni, um anarquista italiano nascido na França, surpreendeu a imprensa – por extensão, os leitores – pela excessiva boa educação no trato com a polícia e as autoridades judiciais. O *New York Times* espanta-se com a declaração de Lucheni no tribunal: *fiz o máximo para tornar o golpe fatal*. Monteiro (2008, p. 70) afirma que o *heroísmo* de Luchesi apenas repetia o comportamento de outros anarquistas famosos pela frieza, muitos dos quais foram executados

²² Termo usado na imprensa brasileira para designar matérias que pautam novas matérias.

por seus crimes demonstrando *assombrosa coragem*, como relatam os jornais da época e pode ser constatado na página sete do *New York Times* de 11 de novembro de 1898.

O Occidente também registrou o assassinato da imperatriz que passou à História com o apelido de Sissi. O número 710, de 20 de setembro de 1898, relata a tragédia apenas na “Chronica Occidental” sem dar nenhuma explicação para o atentado. A matéria de maior importância está no número 711 (30 de setembro de 1898, p 218) que dedica a capa à imperatriz. Assinada por D. Francisco de Noronha, o texto acusa os anarquistas, principalmente os italianos: “existem n’aquella península historica, focos secretos de fermentação anarchica”.

O que define um jornal é a sua linha editorial e as ideias que defende. *O Occidente* era uma revista de linha editorial conservadora. Assim, não podemos acusá-la nem de ter incensado os anarquistas/nihilistas nem de ter participado da desconstrução de verdades que caracteriza a imprensa do quarto final do século XIX. Sardica (2009, p. 21) propõe que este papel ficou reservado aos jornais diários, que se pretendiam formadores de opinião.

O poder mediático da imprensa instalou-se então como barómetro e espelho de todos os acontecimentos, debates e reformas do final da Monarquia. A sua capacidade de fazer opinião, trazendo para a leitura camadas populacionais do «país real», e não apenas do «país legal», e de as movimentar, no espaço urbano, transformou o jornalismo num contrapoder a que, algumas vezes, o sistema conservador monárquico teve de responder com tomadas de posição mais ou menos censórias cujo efeito contraproducente era reforçar ainda mais a centralidade e a importância do mundo dos jornais. Era muitas vezes em reacção aos desencontros e conflitos entre os poderes políticos e a imprensa que os profissionais da opinião pública elaboravam a sua doutrina de defesa da utilidade e das virtualidades da mesma.

Também chamou a nossa atenção, na pesquisa sobre a relação da imprensa industrial com o nihilismo, a intuição dos profissionais da época. Monteiro (2008, p. 71) observa que, após construírem, talvez sem perceber, a aura de valentia dos anarquistas e/ou nihilistas no imaginário social, noticiando a maneira fria e orgulhosa com que eles enfrentavam a morte

que punia os seus crimes, os jornais entenderam que também tinham força para destruir essa mesma a aura, que motivava os seus companheiros a continuar a lutar.

As autoridades do século XIX, sempre aliadas à imprensa “de massa”, começaram a descobrir uma possível forma de “matar” de forma definitiva o anarquista-terrorista, tentando bloquear a continuidade de sua vida no prosseguimento da luta por seus companheiros (...) começou-se a buscar a “invencibilidade” do anarquista frente à morte. Dois dias após a execução de Émile Henry, uma notícia pequena (...) foi publicada no *New York Times* (e, sem dúvida, também por jornais europeus): “*Dr. Benoit (...) after a (...) examination of the body of Emilie Henry, The Anarchist, who was beheaded yesterday, express his opinion that Henry was already dead when the Knife fell (...) Dr. Benoit believes that the Anarchist died from syncope, due to intense excitement before the Knife was released.*”

Como refere Monteiro (2008, p. 71), “a morte por intensa emoção” aos pés da guilhotina provaria o pavor do condenado e ajudaria a destruir a lenda da coragem dos terroristas. Outras notícias se seguiram, sempre no mesmo tom, ressaltando a emoção, a palidez, o temor e a covardia dos que iriam morrer. Acreditamos que, nessas ocasiões, a imprensa dava os seus primeiros passos na manipulação da opinião pública. Se era importante que os anarquistas e/ou niilistas perdessem a fama de extraordinária coragem, nada melhor que apelar ao alcance dos meios de comunicação para ajudar na divulgação dessa ideia. Como relata Barros, essa foi a atitude do *New York Times* ao noticiar a morte de Sante Genonimo Caserio, que, em 1894, assassinou o presidente francês Sadi Carnot.

O tom de zombaria (...) sobre Caserio frente à morte é explicitado pelo próprio autor da reportagem: um terrorista considerado covarde não seria transformado em mártir (...). A estranha impassibilidade dos (...) anarquistas (...) que tanto desafiou a compreensão do governo estaria espalhando-se notícias como esta, finalmente derrotada (2008, p. 87).

O cronista Gervasio Lobato, diretor-literário de *O Occidente* e responsável pela coluna âncora, a “*Chronica Occidental*”, identifica no número 480 a confusão entre niilismo e anarquismo e a presença de ambas as ideologias nos jornais de toda a Europa:

Agora que se falla tanto em anarquismo e em niihilismo, que não se pode abrir um jornal qualquer, francez, hespanho, inglez, italiano, allemão sem encontrar a respeito dos anarchistas e dos niihilistas longos artigos, interminaveis noticias (21 de abril de 1892, p. 90)

Seu texto nesse número, uma recessão do livro *Assim falou Zaratustra*, demonstra que Lobato conhecia bastante bem filosofia e que se encantou com a obra de Frederick Nietzsche, que identifica como platônica, pois ao final, após enfrentar a derrota de todas as verdades que sustentam a civilização ocidental – inclusive a morte de Deus –, Zaratustra se encontra com si mesmo, uma sombra, e com as representações de tudo que, até então, ele acreditava ser realidade. Ou seja, a impossibilidade do conhecimento, o Mito da Caverna, de Platão:

Zaratrusta espera ainda o Revelador, chama-o pela última vez (...). Finalmente, vê-o: ‘Eis enfim a minha verdade que me vae fallar, exclama elle’. E a sua verdade diz-lhe unicamente: ‘- infeliz Zaratrusta (21 de abril de 1892, p. 90).

7.10.7 - Novidades reais

Nascimentos, casamentos, mortes, batizados, coroações, sepultamentos – morreu o rei, viva o rei – tudo era motivo para *O Occidente* comemorar a nobreza. Inclusive divórcios. O dos reis da Sérvia foi assunto servido em tom de fofoca. O pivô da briga teria sido a educação do herdeiro, príncipe Alexandre, que acabou sendo afastado à força de sua mãe, a rainha Nathalia. Mas, continua a edição 349 de *O Occidente*: “Se diz que a rainha Nathalia é vitima de amores ilicitos de seu marido com outra ou outras mulheres, que o fazem repudiar a sua legitima esposa (1º de setembro de 1888, p. 194)”.

A edição 352 (1º de outubro de 1888, capa e p. 219) relata a confusão real. O rei Milan é apresentado com o algoz adúltero da infeliz rainha, apoiada pelos súditos e que, graças a

intervenção do imperador austríaco, não foi jogada na rua da amargura. Não perdeu o título, as benesses e as pensões, embora o marido a tenha rejeitado publicamente, pois “ele está sempre à procura de novos amores”. Já o divórcio dos príncipes alemães, Frederico Carlos e Luiza, recebeu tratamento respeitoso na “Resenha Noticiosa” da edição 184 (1º de fevereiro de 1884, p 32). Embora nas entrelinhas se possa ler uma reprimenda à esposa, autora do pedido de separação, que “resiste que se fale em acomodação”.

O Occidente segue sua rotina de noticiar os eventos reais europeus. A coroação do novo czar, Alexandre III, só acontece em 1883. Além da preocupação com possíveis atentados, havia um ritual a ser seguido porque, além de chefe político, o czar era também o chefe espiritual da Rússia.

A morte de Afonso XII mereceu grande espaço em *O Occidente*. O suicídio do príncipe herdeiro da Áustria, em 1889, comoveu o número 365 (11 de fevereiro de 1889, capa e p. 35). A matéria relata o motivo do gesto desesperado: uma jovem nobre pela qual o príncipe, apesar de casado, se apaixonara.

Três edições depois, o número 368, 11 de março de 1889, p. 59, esclarece que a culpa do suicídio do “infeliz príncipe Rudolpho d’Austria” cabia à madame Baltazzi, baronesa de Vertsera e mãe da amante do suicida: “Ela conhecia a louca paixão, mas não procurou desviar sua filha do caminho perigoso (...) antes deixou livremente os dois namorados porque esse namoro a orgulhava e satisfazia as suas ambições de grandeza”.

Finalmente, relata a revista, o príncipe Rudolpho entendeu que os seus deveres se sobrepujam ao amor e se afastou da jovem. Na mesma hora, a mãe ambiciosa tratou o noivado da filha com um capitalista francês, que sabia o passado da noiva, mas não se importou, já que ela trazia generoso dote. Foi demais para a cabeça do pobre príncipe Rudolpho, que não controlou o ciúme da amada.

Terminou como sabemos, ambos mortos. Ela envenenada por cianureto; ele, com um tiro na cabeça. Assim pode ser traduzida a matéria do número 368, explicando que o príncipe austríaco não passara de uma vítima nas mãos de duas criaturas vis e sem moral, que destruíram o jovem arquiduque e toda a família real, pois só pensavam nas vantagens que poderiam auferir junto ao poder. Nesse caso, também notamos o machismo de *O Occidente*,

culpando o lado feminino pelo desequilíbrio masculino. Mas concordamos que este era o discurso normal do século XIX e apenas refletia o pensamento da época.

7.10.8 - Moda real infantil

As gravuras e fotos das crianças reais mostram uma curiosidade na indumentária do século XIX. Meninos e meninas, até bem tarde, vestiam-se igualmente com saias, babados e laçarotes. Esse fato pode ser comprovado em várias edições de *O Occidente* como, por exemplo, nos números 374, 11 de maio de 1889, que traz na capa uma gravura da princesa Guilhermina da Holanda aos sete anos e no número 420, 21 de agosto de 1890, que apresenta, também na capa, uma gravura do príncipe português Luiz Filipe com três anos. As roupas de ambos se confundem: vestidos claros, com laços nos ombros, e alguns babados. O mesmo se verifica com o rei infante Afonso XIII na edição 402 (21 de fevereiro de 189, capa). Trinca (2014, p. 49) refere que, apesar de ter quase quatro anos, a gravura apresenta o reizinho vestido de marinheiro. Mas, em lugar das calças, usa uma saia rodada de pregas.

Era impossível distinguir um menino de uma menina antes dos quatro ou cinco anos, e esse hábito se fixou de maneira definitiva durante cerca de dois séculos. Por volta de 1770, os meninos deixaram de usar o vestido com gola aos quatro-cinco anos. Antes dessa idade, porém, eles eram vestidos como meninas, e isso continuaria até o fim do século XIX: o hábito de efeminar os meninos só desapareceria após a Primeira Guerra Mundial.

7.10.9 – Os reis dinamarqueses

Os reis dinamarqueses – igual à rainha Vitória da Inglaterra, uma espécie de avós da nobreza europeia – comemoraram em 1892 as suas bodas de ouro: 50 anos de casamento. Vinhas (2012, p. 223) comenta que, na época, raramente esta comemoração acontecia, a idade média dos europeus era excessivamente baixa: “Sabe-se que as doenças até então conhecidas,

se mantiveram acompanhadas de uma baixa esperança média de vida, que só no fim do século XIX terá atingido os 30-35 anos”.

Para comemorar, o rei Christiano IX e a rainha Maria Luiza – ele com 74 anos, ela com 73 – organizaram festas que duraram sete dias e contaram com a presença de quase toda a realeza da Europa. O número 486 (21 de junho de 1892, capa, pp. 138-139) relata as comemorações em matéria sem assinatura. Segundo *O Occidente*, “na capital da Dinamarca se reuniram as homenagens de todo o mundo civilizado”. Na apresentação dos filhos do casal, *O Occidente* informa que príncipe herdeiro, Christiano Frederico, é casado com a princesa Luiza, da Suécia e Noruega.

A segunda filha, Alexandra, é futura rainha da Inglaterra, já que se casou com o príncipe Eduardo de Gales, herdeiro da rainha Vitória. O terceiro, Christiano Guilherme, com o nome de Jorge I, tornou-se o rei da Grécia. A quarta, Maria Sophia, é a esposa de Alexandre III, czar da Rússia. No total de seis filhos, quatro ocupam lugares importantes na hierarquia da nobreza europeia. Apesar de tanta importância e títulos, o rei dom Carlos preferiu ficar em casa. Foi representado pelo conselheiro português em Berlim.

Os festejos serviram de cenário para Christiano IX mostrar a sua enorme influência geopolítica. Até o czar da Rússia e o príncipe herdeiro inglês vestiram uniformes das forças armadas dinamarquesas. Na entrada do jantar de gala, Cristiano IX deu o braço à filha tsarina e o czar acompanhou a rainha Luíza. Na hora de agradecer a multidão que se aglomerava diante do palácio, Christiano apareceu no balcão levando ao colo o príncipe herdeiro da Grécia, seu neto.

No emaranhado sanguíneo das famílias reais, o número 525 (21 de julho de 1893, pp. 162-163) anuncia o casamento do futuro rei inglês, duque Jorge de York, com a princesa Maria de Teck, que havia sido noiva do herdeiro principal, falecido em 1892. A capa estampa os noivos e a matéria sem assinatura, relata a cambalhota do destino que colocou a “noiva-viúva” de volta aos degraus do trono britânico. O cunhado – filho do príncipe Alberto e da princesa Alexandra e neto da rainha Vitória da Inglaterra e do rei Christiano da Dinamarca – era apaixonado por ela desde a época em que o irmão ainda vivia. O enredo novelesco não para aí. O noivo já havia sido casado na Ilha de Malta, sem autorização da avó paterna, o que tornava as bodas nulas na Inglaterra. Em seu retorno à corte, após se tornar o herdeiro

presuntivo, ele abandonara os três filhos dessa união. *O Occidente* não perde a chance de noticiar o escândalo:

Boatos agora espalhados em Londres (...) que o duque de York desposara há tres annos, em Malta, a filha de um official da marinha ingleza, tendo já tres filhos d'esse matrimonio, realisado sem auctorisação da Rainha, pelo que se considera nulo segundo as leis do paiz (21 de julho de 1893, p. 163).

Porém, a atitude pouco ética do duque bígamo não impediu *O Occidente* de incensá-lo:

O príncipe Jorge Frederico Ernesto, duque de York, é (...) o filho mais velho do príncipe de Gales (...) faz parte da marinha de guerra ingleza, onde é um dos officiais mais distinctos, sobresaindo n'elle os dotes litterarios e scientificos, a par de uma grande distincção que logo a primeira vista denuncia a sua nobre origem (21 de julho de 1893, p.163).

7.10.10 – Luto

Dois anos depois, a pompa dá lugar ao luto. Aos 49 anos, o czar Alexandre III morre de câncer (pp. 258-260): “parece que não era o mal de Bright, como se disse, e sim, um cancro nos rins”. A capa de *O Occidente* número 572, 11 de novembro de 1894, é dedicada a ele. Apenas como ilustração, informamos que, hoje, o mal de Bright é referido como insuficiência renal crônica. A matéria, sem assinatura, classifica-o de “colosso” (p 259) e traça uma biografia elogiosa, com os exageros habituais. A tsarina viúva recebe a homenagem de uma gravura editada em meia página, três colunas.

O tom da reportagem da morte do czar é completamente diferente da usada na morte, no mesmo ano, do sultão do Marrocos, publicada na edição 558. Na do czar, a abordagem foi

sentimental e pesarosa. No do sultão, política. A grande preocupação não foi se o sultão fora bom governante, tinha filhos, reinava para o povo, etc. e tal. A preocupação do texto foi no sentido de como se daria a sucessão e de que maneira poderia influenciar a política europeia, já que:

O acontecimento (...) despertou razoáveis apreensões sobre a sorte d'aquelle paiz, attentas as ambições de proponderancia que as diversas nações da Europa têm sobre aquella parte d'Africa (21 de junho de 1894, p. 147).

Um comentário xenófobo encerra o texto sem assinatura: “É tudo que podemos dizer do governo de Muley Hassan (...) tão oculto é o viver interno daquelle povo, não obstante estar num extremo da Europa civilizada” (ídem).

A edição 778 (10 de agosto de 1900, capa e p. 175) noticia o assassinato, em 29 de julho, do rei italiano Humberto I, irmão da rainha Maria Pia, mãe de dom Carlos. A capa, com gravura do falecido, traz uma tarja negra de luto. A “Chronica Occidental” lamenta a morte e o triste destino dos reis. A matéria relata o atentado, as últimas horas de vida de Humberto I e noticia que a rainha Maria Pia: “soube, em Aix Les Bains, da morte de seu irmão, que muita amava. Mandou logo preparar um comboio especial e partiu para Monza”.

A biografia do rei assassinado é o que costumamos chamar de “matéria de gaveta”. Provavelmente já estava pronta – como, até hoje, as redações costumam ter prontas as biografias de pessoas importantes para facilitar a edição em caso de urgência – e quase nada acrescenta ao fato de Humberto I ter sido assassinado por um anarquista ou sobre as relações da Casa de Sabóia com as várias dinastias portuguesas. *O Occidente*, sinalizando a sua vocação para a imobilidade diante do imprevisto, sequer acrescenta que estas relações remetem ao início do reino de Portugal. Marques (2013, pp 1-9-20) registra que a esposa de Afonso Henriques era uma Sabóia. Mafalda ou Matilde, os documentos registram as duas formas.

D. Mafalda de Mouriana e Sabóia ganhou um lugar na História de Portugal pelo seu casamento com D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal (...). Tomando por base os documentos da chancelaria de seu marido e uma fonte coeva, do final de sua vida, os *Annales domni Alfonsi portucalensis regis*²³, ao lado do nome Mafalda é admissível a forma Matilde, cuja equivalência, aliás, a versão breve da *Chronica Gothorum* indica, “*Matildam, vel Mafaldam*”.

A edição seguinte, 779, tem na capa gravuras de Victor Emanuel II e sua mulher, a rainha Helena. O texto não chega a ocupar uma coluna, nem parece que o novo rei italiano é primo direto de dom Carlos e o assunto interessa diretamente à política externa portuguesa.

A morte do rei Milan da Sérvia, que havia se divorciado da esposa para assumir as amantes, também é notícia na edição 798 (28 de fevereiro de 1901, p. 43). Mais que a sua morte, a revista se ocupou de relatar-lhe a vida rocambolesca. Após se separar, abdicou, retirou-se de cena e acabou voltando para a primeira mulher, mãe de Alexandre, que subiu ao trono aos 14 anos e, quando o pai morreu, vivia sérios problemas por seu casamento com a rainha Draga, viúva e 14 anos mais velha.

Por causa da mulher, Alexandre exilou a mãe e amealhou a má vontade da opinião pública. Ressaltamos que a história do rei Alexandre e da rainha Draga já havia sido comentada por João da Camara na “*Chronica Occidental*” do número 778 (10 de agosto de 1900, p. 174).

7.10.11 – Noivado, casamento e um bom susto

Em 1905, os duques de Connaught – ele irmão de Eduardo VII da Inglaterra, ela uma princesa prussiana – visitam Portugal com as duas filhas. *O Occidente* abre espaço para a presença dos nobres ingleses, anunciando que o motivo que os trouxera a Lisboa era o futuro casamento do príncipe Luiz Filipe com uma das duas princesas, netas da rainha Vitória. O número 938 é dedicada ao casal e às duas filhas e os relatos da visita ficaram por conta da “*Chronica Occidental*”:

²³ Anais de D. Afonso Henriques, rei dos portucalenses

Essa distinção (*a visita*, grifo da autora) deve-se a intimidade de relações entre a família real inglesa e os nossos governantes (...) num futuro próximo (serão) mais apertadas com o enlace de Sua Alteza Real o Príncipe Luiz Fillipe com a Princesa Victoria Patricia, filha dos duques de Connaught (20 de janeiro de 1905, capa e p. 10).

O Occidente também destaca a beleza do clima lisboeta que, em janeiro, ofereceu dias de azul radiante e noites sem uma nuvem sequer. A movimentação social foi grande e a revista registrou os almoços e jantares com a excessiva adjetivação que caracteriza os seus textos sobre a nobreza. De Lisboa a família Connaught foi para a Espanha para apresentar o rei Afonso XIII às meninas casadoiras.

O espanhol Afonso XIII já devia ter outros planos porque, um ano e meio depois, o número 988 (10 de junho de 1906, capa e pp. 122-123) noticia o seu casamento com outra princesa inglesa Vitória Eugenia, também neta da rainha Vitória, filha de sua filha caçula, a princesa Beatriz. As bodas reais foram marcadas por um evento trágico: quando saíam da igreja, Afonso e Vitória Eugenia tiveram a carruagem atingida por uma bomba, escondida em um buquê de flores, atirada do quarto andar de um prédio. O casal nada sofreu, embora, segundo *O Occidente*, cerca de 100 pessoas, inclusive membros da realeza espanhola, tenham morrido ou ficado feridas.

A cobertura de *O Occidente* oferece detalhes interessantes para quem se debruça sobre a história dos meios de comunicação: a publicação de uma foto tirada no momento em que a bomba explodiu, sorte do fotógrafo – chamado pela revista de senhor Romano – que colocara a sua câmara no lugar certo. Outro fato a ser destacado é que, graças a detalhes físicos do criminoso divulgados pelos jornais, foi fácil prendê-lo rapidamente.



Gravura número 6 -Atentado contra o rei Afonso XIII.

A foto, considerando a precariedade imagética do início do século XX, é bastante clara e foi publicada na página 124, descolada do texto que relata o atentado. Hoje, certamente, seria a capa de qualquer jornal ou revista, embora *O Occidente* tenha optado por abrir a edição com as imagens do novo casal real. Para a época, a fotografia é tão extraordinária que *O Occidente* se sentiu na obrigação de explicar como o senhor Romano a conseguira, talvez por medo de ser acusado de fraude:

A explicação deste instantaneo é facil sabendo-se que por todo o trajecto do cortejo real estavam dispostos photographos com as suas machinas tirando clichês do que se ia passando, acontecendo que o sr. Romano tinha a sua machina assestada para photographar o coche real, no momento em que veio a bomba e fez a explosão.

O criminoso fugiu da cena do crime, não sem antes ter sido identificado como Mateo Moral. Os jornais do dia publicaram a sua descrição física. *O Occidente* repercutiu:

Não tardou muito para que ele fosse preso (...) Mateo Moral dirigira-se a uma locanda onde comeu, mas o locandeiro observando-o pareceu-lhe reconhecer, pelos signaes descriptos nos jornaes do dia, o auctor do attentado (...). Sob esta impressão sahiu o locandeiro da casa e, encontrando um cabo de policia, comunicou-lhe o que tinha observado.

O cabo prendeu Mateo Moral que conseguiu, após ferir o militar, suicidar-se. O texto não informa se o soldado sobreviveu. Para nós é bastante claro o alcance da imprensa e sua atuação em favor da lei: se o taberneiro não lesse jornais ou se os jornais não penetrassem tanto na sociedade, provavelmente Mateo Moral conseguiria fugir.

O número 1.024 (10 de junho de 1907, capa e p. 122) destaca o batizado do primeiro filho do casal, Affonso Pio, nascido em 10 de maio. *O Occidente* sublinha que o batizado do ansiado príncipe das Astúrias – seu pai já nascera com o título de rei – foi de grande gala, com a presença de toda a nobreza, dos Grandes de Espanha, do corpo diplomático e dos representantes do papa. Os padrinhos foram três soberanos reinantes: Eduardo VII, da Inglaterra, tio-avô do recém-nascido, o imperador da Áustria Francisco José e o rei português dom Carlos. A madrinha, sua avó rainha Cristina. A cerimônia, realizada em 18 de maio, contou com todos os luxos previstos pelo protocolo: dossel bordado a ouro, bandejas também de ouro, procissão de nobres e *Te Deum*.

7.10.12 - A lembrança do ultimato quebra o protocolo

Eduardo VII da Inglaterra morre após nove anos de reinado. *O Occidente* abre a edição 1129 (10 de maio de 1910, capa, pp 98-99) para homenageá-lo. A capa, com a fotografia do falecido, usa o recurso de meias linhas de luto delimitando a mancha gráfica.

Uma na parte superior da foto, a outra, de margem não coincidente, na parte de baixo. Detalhes que conferem à capa, além de leveza, um aspecto mais moderno.

A “*Chronica Occidental*”, assinada por João Prudencio, é inteiramente dedicada ao luto que também atingiu Portugal. Elogia Eduardo VII, sua amizade com os portugueses, mas não deixa de lembrar do ultimato de 1890. A matéria, além da biografia do rei morto, informa que ele faleceu às 23h45 de 6 de maio. Havia tempo para uma apuração mais detalhada, mas *O Occidente*, que nunca trabalhou bem sob estresse, começava a exalar os últimos suspiros e preferiu não investir na agilidade da notícia. Apenas informou que um resfriado adquirido em Biarritz, França, transformou-se em bronquite quando o rei voltou para Londres e, rapidamente, surgiu o problema cardíaco que o matou.

O número 1.130 ignora o luto inglês e protesta, num editorial assinado pela redação, contra os ingleses que resolveram combater o comércio do cacau português produzido na Ilha de São Tomé. A alegação inglesa é que este cacau é produzido por mão de obra escrava, fato negado pelo *O Occidente* que, novamente, veste a camisa de revista nacionalista:

É uma questão patriótica que interessa a todos os portugueses (...) *O Occidente* que, há trinta e tres annos acompanha o movimento de nossa nacionalidade, não pode deixar de se occupar de assunto tão importante (...) para a nossa patria (...) injustamente atacados nesta guerra moderna da luta de interesses (20 de maio de 1910, pp 106-120)

Esse número – que, rompendo a tradição, tem 15 páginas em vez das oito habituais – é inteiramente dedicado à Ilha de São Tomé. Reproduz, na íntegra, um artigo em francês baseado na conferência feita por August Chevalier “explorador botânico altamente conceituado no mundo científico” e reproduz fotografias que mostram “a oppulencia da vegetação e a importancia de suas (...) plantações”. A intenção é restabelecer a verdade e provar ao mundo que, como afirma o artigo de monsieur Chevalier, em São Tomé não existe

escravatura e que talvez não exista no mundo agricultura tão lucrativa *avec si peu de bras e si peu de moyens*²⁴.

A edição seguinte, 1.131 (30 de maio de 1910, pp 122-123-124) retoma o luto pelo rei inglês. Com fotografias enviadas de Londres, dedica a capa aos novos soberanos ingleses, Jorge V e Maria de Teck, além de os funerais de Eduardo VII e as exéquias realizadas em Lisboa pela colônia inglesa. Três fotos são dedicadas aos eventos. A da Abadia de Westminster tem excelente qualidade.

7.10.13 - É dando que se recebe (frase atribuída a São Francisco de Assis)

Para noticiar sobre a realeza portuguesa e mundial, *O Occidente* sempre encontrou assunto. As matérias, todas, têm um tom exaltatório, como também podemos ver no número 1.119, de 30 de janeiro de 1910, na coroação do novo rei da Bélgica. Ou na suposição da possível futura esposa do quase deposto rei dom Manuel, no número 1.114, de 10 de dezembro de 1909. Para *O Occidente*, a eleita seria a princesa Vitória, da casa real inglesa, que mereceu a capa da revista e um texto biográfico e sem emoção. Podemos afirmar que, se a princesa Vitória, em vez de ser apontada com a quase futura rainha de Portugal tivesse morrido, *O Occidente* não mudaria uma vírgula no texto que publicou.

A criação de um novo reino na Europa, o de Montenegro, também mereceu destaque no número 1.142 (21 de setembro de 1910, capa e p. 210), que se ocupou do assunto, despertando o nosso interesse porque o recém-criado país, que tinha um longo passado de lutas para manter a sua independência, teria um destino turbulento. Belançon (2015, p. 363) refere:

No final da década de 1980, o mapa geopolítico da região sudeste da Europa passou por algumas alterações, sendo a Iugoslávia o país que mais se modificou ao longo da primeira metade da década de 1990. A região abriga diferentes povos, religiões e idiomas, que devido a

²⁴ Com tão poucos braços e tão poucos meios, tradução livre da autora.

esta característica multicultural, passaram por diversos conflitos ao longo de sua história. Quando no século XX foram unidos sob o estandarte de uma mesma república federada, os povos da Eslovênia, Croácia, Bósnia Herzegovina, Sérvia, Montenegro e Macedônia, tiveram de se perceber como uma mesma nação iugoslava, mesmo sem que esse reconhecimento identitário de fato existisse. Após pouco mais de quarenta anos, essas diferenças, que durante séculos de história causaram conflitos, voltam a aflorar entre estes grupos e somado à crise do sistema político sob o qual viviam e a uma crise econômica enfrentada pela Iugoslávia, surgem os desejos de independência e as aspirações nacionalistas que levam a região a ser palco de alguns dos conflitos mais violentos da década de 1990.

Poderíamos nos alongar. Em *O Occidente* sobram exemplos de matérias sobre as monarquia portuguesa e europeia. Finalizamos este capítulo afirmando que as manifestações de apoio à realeza sempre demonstrada pela revista atende ao princípio da redundância apontado por Marshall McLuhan (1964, p. 245). Os leitores de *O Occidente* sabiam exatamente o que iriam encontrar, a forma como era tratada a nobreza, o tipo de linguagem utilizado para exaltá-las: “os donos dos meios (*media*, grifo da autora) sempre se empenham em dar ao público o que o pública deseja”. (McLuhan, 1964, p. 245).

Os monarquistas e conservadores, como é a linha editorial de *O Occidente*, à procura de notícias daqueles que consideravam maiores, recorriam à revista porque, como afirma McLuhan (1964, p. 239):

Os primeiros tópicos que atraem a atenção dos homens são aqueles que se referem às coisas que eles já conhecem (...). A experiência traduzida num novo meio fornece, literalmente, uma agradável lembrança, um delicioso playback de um conhecimento anterior. A Imprensa repete o prazer que sentimos no uso de nossas faculdades espirituais pelas quais traduzimos o mundo.

O Occidente não decepcionou o seu público. Deu-lhe o que ele ansiava, recebeu de volta a fidelização dos leitores.

CAPÍTULO VIII – *Fait Divers*

8.1 - *Fait Divers*

Ana Maria de Alencar (2014, p. 1) afirma que *fait divers* é uma expressão do jargão jornalístico e designa os assuntos extraordinários, que não pertencem às editoras tradicionais: política, política internacional, economia, cidade, esportes, cultura etc. Existe, no jornalismo contemporâneo e nos meios de comunicação sérios, um grande cuidado para evitar que um *fait divers* acabe sendo designado ou confundido com o sensacionalismo. Por isso, seu tratamento é cuidadoso. Nos média populares, porém, uma linguagem de apelo emocional é utilizada para destacar estas notícias que Roland Barthes afirma prescindir de conhecimento prévio. Barthes (2003, p. 58) esclarece: “não é preciso conhecer nada no mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete formalmente a nada além dele próprio”.

Os *fait divers* fazem parte do universo da informação e os jornais e revistas reservam um lugar para as notícias diferentes ou curiosas. Alguns não as destacam. Outros, consideram-nas a sua especialidade. Dion (2007, p. 125) cita Roland Barthes ao afirmar que esta é uma forma de discurso popular e que pede linguagem popular, pois têm apelo fácil e a capacidade de “vender” os veículos de comunicações.

Roland Barthes chama, com justiça, esta seção do *fourre-tout* (total abrangência, tradução livre da autora) dos inclassificáveis da informação. Os jornais que concedem um grande lugar aos *faits divers*, assim como os semanários que se dedicam a esse gênero, são geralmente considerados como imprensa popular, até mesmo populachos.

Esse tipo de notícia é feito de, geralmente, acontecimentos trágicos ou inusitados: crimes passionais, incêndios, catástrofes naturais, milagres, fenômenos da natureza, visitas de alienígenas, crimes, acidentes, delitos, etc., despertando grande interesse do público.

Sustentamos que a popularidade dos *fait divers* se baseia no fato de a nossa cultura buscar na palavra a certificação do cotidiano. Isso é muito claro no sucesso das novelas televisivas com a sua estrutura de capítulos, nos quais as situações se explicam à medida que progridem. Os *faits divers* utilizam a mesma fórmula: apelam ao imaginário dos leitores que, à medida que leem a notícia, encontram explicações para aquilo que lhes despertou a curiosidade. Dion (2007, p. 126) resume a lógica dos *fait divers* ao escrever que a sua realidade não se sustenta por si, é necessária a palavra para avalizá-la.

Outra característica do *fait divers* (*além da imanência*, grifo da autora) é de se passar por uma história verídica, atual e próxima do leitor. De fato, o *fait divers* fascina pela ilusão da sua proximidade. A acumulação dos detalhes que dão credibilidade, os assuntos e as confidências, tanto dos autores dos crimes quanto das vítimas, as entrevistas e as fotografias, são muitos dos procedimentos que contribuem para a autenticidade da narrativa e a ilusão da proximidade.

A morte da princesa Diana, em 1997, prova o quanto, mesmo na contemporaneidade, a palavra escrita é fundamental para que as pessoas consigam realmente entender e concretizar a veracidade de um fato surpreendente.

Os *fait divers* são democráticos. Colocam nas páginas tanto a elite quanto o público anônimo. Não narram apenas eventos políticos, da realeza, de países distantes. Também trazem à tona os dramas comuns protagonizados por cidadãos também comuns, que nunca se imaginaram notícias nos jornais que leem. Na opinião de Dion (2007, p. 131) cabe ao jornalista que noticiará o adultério, o sequestro, o temporal que deixou desabrigados – coisas que acontecem diariamente a todas as pessoas, inclusive a nós, os leitores, que não estamos imunes às reviravoltas da vida –, encontrar o tom correto para noticiar o corriqueiro de modo a torná-la rentável e instigante.

O *fait divers* se apresenta sempre como uma história vivida, uma história assombrosa, curiosa, horrível ou extraordinária, mas verdadeira. Enfim, um *fait divers* é a narração de uma transgressão (social, moral, religiosa ou natural). Nomeando o desvio, este tipo de informação

identifica pelo próprio fato as proibições sociais, reforçando, assim, o sistema de valores prescritos pela sociedade na qual ele se inscreve.

8.2 - *Les canards*

Honoré de Balzac, ao escrever a *Monografia da imprensa parisiense*, publicada em 1844, critica a imprensa moderna inaugurada por volta de 1836 por Émile de Girardin, fundador de *La Presse*, primeiro jornal acessível ao grande público. A inserção da publicidade permitia a sua venda por um preço baixo. Crítico da atividade jornalística que, segundo ele, corrompia a literatura, Balzac cunhou, na Monografia, o termo *Canard*²⁵. Rossi (2004, p. 246) explica “com tanta razão pelo fato de que não é feito sem penas, e que pode ser colocado em qualquer molho”. Os *canards*, do gênero *La Presse*, ganham nova carga literária na década de 1860, quando são reconfigurados através do *Le Petit Journal*, o primeiro a ser vendido por um tostão.

Sob o novo nome, *fait divers*, os *canards* passam a significar a notícia extraordinária, transmitida em forma romaneada, num registro melodramático (Rossi. 2004, p. 246).

Dion (2007, p. 128) refere que coube ao pensador francês Roland Barthes dissecar o fenômeno dos *fait divers*, que ele classifica de má literatura.

Após delimitar a estrutura do *fait divers* pela relação entre o acontecimento e a causalidade ou a coincidência, Barthes conclui que o *fait divers* se constitui pela junção de dois movimentos: a causalidade aleatória e a coincidência ordenada. Ambos, para ele, acabam por recobrir uma zona ambígua onde o acontecimento é plenamente vivido como um signo cujo conteúdo é, no entanto, incerto. É o que Barthes chama de mundo da significação, daí a comparação com a

²⁵ *Canard* significa pato, mas também boato ou pasquim, tradução livre da autora.

literatura. Tal comparação é pertinente, sobretudo se considerarmos que (...) a página de faits divers é a única que não envelhece: Se é impossível, hoje, ao ler um jornal antigo, compreender algum fato político sem recorrer ao contexto, sem apelar para nosso conhecimento histórico, a leitura de um fait divers ainda pode, cem anos depois, causar os mesmos arrepios ou espanto. O relato desse tipo de crônica se caracteriza por sua intemporalidade e constitui uma informação “imaneente”, total, que contém em si mesma todo seu saber.

O Occidente tem uma coluna, “Resenha Noticiosa”, que, supostamente, abrigaria os *fait divers*. Não é o que ocorre. Os fatos que assim podem ser classificados estão espalhados no corpo das edições. Caberá, portanto, ao nosso julgamento apontar o que acreditamos ser ou não os *fait divers* da revista que ora analisamos.

8.3 - Um tubarão no Tejo

Um *fait divers* clássico – atemporal, notícia que se basta, começa e termina nela mesma e é decodificada hoje como a mesma emoção de há 123 anos – foi publicado na edição 553 (1º de maio de 1894, p. 109). Um peixe medindo oito metros e meio, com quatro metros de diâmetro e peso aproximado de seis toneladas, foi retirado das águas do Tejo, na região de Paço D’Arcos, por pescadores que se valeram de arpões e das próprias forças. A matéria, que traz duas imagens de espécime, tem o título “O peixe monstro de Paço D’Arcos”:

Como se vê pelas nossas estampas, tendo o aspecto de um enorme cação, apresentava (...) pelle muito aspera, de cor azulado escuro, compridas barbatanas e boca enorme onde à vontade caberiam dois homens. Para uns era um baleote, para outros um espadarte, outros diziam que era um “peixe-frade”. Facil era a um naturalista reconhecê-lo (...). Os franceses o chamam de *Selache maximus* (...), o monstro era um esqualo, vulgarmente um tubarão. Por outro lado, só

o “peixe-frade” (...) combina tão grandes dimensões com uma enorme bocca armada de dentes muito pequenos²⁶.

A matéria, que ocupa três colunas em duas páginas, também informa que este é o terceiro peixe-frade que aparece em águas portuguesas. O primeiro, em 1840, foi capturado em Viana do Castelo e era de dimensões inferiores. O segundo apareceu na Póvoa do Varzim em 1850 e, pelo tamanho da pele, deve se equiparar ao este pescado no Tejo. Finalmente, capturaram o esqualo da notícia, cuja pele foi retirada e entregue ao Museu Nacional.

8.4 - O crime da Escola do Exército

Um crime ocorrido nas proximidades da Escola do Exército e que envolveu dois militares homossexuais traz à tona o quanto este era um assunto tabu no século XIX. O que hoje seria noticiado apenas como mais um assassinato – se o movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais) deixasse, a este movimento interessa transformar tudo em homofobia –, serviu de palanque para um discurso que, para nós, do século XXI, soa preconceituoso. O fato foi publicado na edição 308. Ao narrar o acontecido – o alferes Marinho da Cruz, friamente e pelas costas, atirou no cabo Pereira, “rapazinho muito novo e que fora em tempo seu amigo íntimo” –, Gervasio Lobato transpira desconforto: “a morte

²⁶ O texto se aproxima do diagnóstico feito pelo doutor Miguel de Almeida, médico-veterinário municipal de Almada, Portugal, e estudioso da Ictiologia que, em entrevista à autora, confirmou tratar-se de um tubarão-frade ou peixe-frade (na gíria dos pescadores): O nome científico que vem referido no texto “selache Maximus” não está aprovado pelas normas taxonómicas internacionais, o nome correto é “Cetorhinus maximus”. O texto diz que os pequenos dentes servem para se alimentar de pequenos peixes, mas, na verdade, não servem para quase nada. A alimentação é por filtração da água pelas guelras gigantes que tem (...). É uma espécie de distribuição cosmopolita, habitando todos os oceanos, mas evita as águas quentes equatoriais. É o segundo maior tubarão, depois do tubarão-baleia e, como ele, também se alimenta de zooplâncton, por filtração. Espécie migratória, está em perigo de extinção devido à pesca excessiva (...). O adulto tem em média sete metros de comprimento, mas as fêmeas podem chegar aos 10 metros (...). É inofensivo para o homem, mas pode ser perigoso quando arpoado, pois, debate-se com muita agressividade. Normalmente habita o alto-mar, mas pode chegar perto da costa. Em Portugal, ocasionalmente são pescados por barcos de arrasto ou dão à costa, já cadáveres.

fêmeas podem chegar aos 10 metros (...). É inofensivo para o homem, mas pode ser perigoso quando arpoado, pois, debate-se com muita agressividade. Normalmente habita o alto-mar, mas pode chegar perto da costa. Em Portugal, ocasionalmente são pescados por barcos de arrasto ou dão à costa, já cadáveres.

pensada, meditada, era o epílogo de qualquer drama passado entre os dois”. E qual drama fora? Lobato destila veneno:

A resposta veio rápida a essa interrogação, porque o drama era bem e escandalosamente conhecido de todos os companheiros do assassino e do assassinado. E era tão repugnante, tão vil, tão asqueroso esse drama, que nenhum jornal se atreveu a conta-lo senão por meias palavras (...). Por toda a cidade correu um fremito de horror, de indignação e de repugnância (11 de julho de 1887, capa).

O texto não usa nem uma vez as palavras homossexual ou homossexualismo e abusa de adjetivos que descrevem a náusea social, e a de Gervasio Lobato, diante desse crime passional envolvendo dois homens. É um *fait divers* do que, na época, era considerado um fato grotesco. Não mereceu sequer registro policial, pois o motivo da morte era muito pior do que a morte. Ao menos na opinião de Gervasio Lobato que, ainda na capa da edição 308, escreveu: “O crime era infame. Mas mais infame ainda era o seu motor, a abjeta paixão repugnante que armara o braço do assassino”.

A homossexualidade só começa a ser assunto médico em meados do século XIX e, até nesta área científica, era recheada de ideias pré-concebidas. Machado e Martins (2010, p. 3) referem

A teoria da degenerescência marcou muito os espíritos do século XIX, extrapolando os limites dos lugares oficiais de produção do discurso científico e se disseminando pelo tecido social. Primeiramente formulada pelo psiquiatra francês Benedict Augustin Morel, esta teoria afirmava que os vícios, taras e anormalidades dos indivíduos poderiam ser transmitidos hereditariamente e agravados de geração em geração. A aceitação e reprodução desta teoria articulada a outras transformações sociais permitiram que os médicos deslocassem seu olhar do casal heterossexual reprodutor em direção a definição e controle dos indivíduos de sexualidade anormal, desviante ou perversa. Ora, foi a teoria da degenerescência que possibilitou o estabelecimento de uma relação entre perversão, hereditariedade e degenerescência dos indivíduos, fazendo das perversões sexuais uma preocupação para com o devir da civilização. É assim que na segunda metade do século XIX as perversões sexuais começaram a ser

interrogadas pelos indivíduos capacitados a pronunciar a verdade sobre a saúde da sociedade. Os médicos buscaram assim cercar, definir, classificar e controlar aqueles sujeitos que carregavam consigo os vícios que colocariam em risco o futuro da raça. Desta maneira, o corpo homossexual começa a ser desenhado nos manuais médicos.

Acreditamos que nos 37 anos de vida de *O Occidente*, Lisboa tenha sido palco de muitos outros crimes motivados pelo homossexualismo. Mas esse, talvez pelo fato de envolver dois militares, foi o que maior repercussão alcançou nas páginas da revista.

8.5 - Dois pesos, duas medidas

O assassinato de uma moça pobre revela a mola que movimenta os *fait divers*: mesmo que disfarçado, neles estão presentes o sensacionalismo e o apelo à curiosidade humana, sem limites diante de qualquer circunstância. Também aponta para o preconceito social que maltrata os menos afortunados. Esse drama, no Brasil, atinge até hoje os desfavorecidos, que continuam incapazes de merecer respeito.

A notícia, divulgada por Gervasio Lobato relata a descoberta de uma jovem assassinada por 19 facadas:

Uma mulher de vinte e tantos annos (...) vestida pobremente de chita, roupas muito lavadas, muito arranjadas, mas extremamente modestas que denunciavam mulher de baixa esphera, creada de servir, operaria fabrica ou cousa parecida (11 de fevereiro de 1893, capa).

Segundo Lobato, edição 509, 11 de fevereiro de 1893, capa, na impossibilidade de identificar a vítima, menina igual há milhares de outras meninas pobres que viviam em Lisboa, o comissário de polícia encarregado do caso, “o sr. dr. Veiga, numa decisão inteligentíssima”, resolveu colocar o corpo em exibição pública num morgue improvisado no cemitério dos Prazeres: “Mais de 20 mil pessoas correram logo ao primeiro dia da exposição

do cadáver para ver a pobre vítima do horroroso crime, que tão grande impressão produzira na cidade”.

Pereira (1969, p. 92) afirma que, nessa época, Lisboa tinha cerca de 612 mil habitantes. Portanto, o comissário apostou na lei das probabilidades. Uma simples regra de três revela que, só no primeiro dia, mais ou menos 3,2% da população lisboeta viu a morta. No entra e sai de gente, alguém acabou por reconhecê-la. Assim, chegou-se ao assassino: o marido, numa crise de ciúme.

Afirmamos que se a assassinada exibisse um código da classe alta – boas roupas, bons sapatos –, a decisão tomada pelo inteligente comissário de polícia seria outra. Burgueses e aristocratas, mulheres e homens, não eram/são expostos à curiosidade pública. Mesmo mortos impõem-se. Consideramos que os estudantes de jornalismo devem ser treinados a enxergar, em todas as pessoas envolvida em qualquer tipo de notícia, um ser humano merecedor de respeito. Respeito de abordagem, de linguagem, de enfoque na construção do texto que o citará.

Afirmamos que essa notícia é o exemplo perfeito de como manipular as emoções dos leitores através de um *fait divers*. Independentemente de se ser bem nascido, ter cultura ou dinheiro, a curiosidade mórbida move o público. Apreciar o corpo de uma jovem assassinada, comentar o show que foi essa exibição, é diversão é notícia. Desde que a exibida, claro, não seja uma bem-nascida. Voltamos a repetir Sousa, que afirma que “os leitores estão sempre desejosos de partilhar uma tragédia” (2006, p. 57).

8.6 – Tempestades

Os diversos temporais que assolaram Portugal durante a vida de *O Occidente* são incluídos por nós no capítulo *Fait Divers*. Separamos aqueles mais importantes para registramos que os acidentes meteorológicos, não importa a época em que deles tomamos conhecimento, transmitem o mesmo sentimento de impotência e de horror. A força

incontrolável da natureza assusta, mata, mas também cria ocasiões para demonstrações de coragem e de orgulho.

O número 476 registra um tufão que alcançou o norte de Portugal, provocando naufrágios e fazendo cerca de 110 vítimas fatais. O número inteiro é dedicado ao que a revista define como “medonha catastrophe”, com textos relatando o ocorrido e gravuras revelando a força do mar e a devastação. A família real se mobiliza diante do acontecido, a burguesia e a nobreza organizam tertúlias e espetáculos musicais para angariar dinheiro. Países estrangeiros enviam recursos, os teatros fazem récitas com renda destinada aos desabrigados: “não há memória de um sinistro tão immenso nas costas marítimas do norte do paiz” (11 de março de 1892, p. 59).

A matéria descreve “a horrorosa hecatombe” em detalhes. Fala nos afogados, nos gritos de dor, nas viúvas e órfãos, nas cenas desoladoras, no pavor e no desespero. Entre tantos apelos sensacionalistas, um texto descreve os tipos de Póvoa do Varzim, pescadores duramente atingidos pela devastação do temporal, mas ainda capazes de manter a coragem. A página 63, da mesma edição 476, registra que, quando inquiridos sobre as suas nacionalidades, os pescadores responderam: “a gente somos poveiros, meu senhor”. A autora desta tese confessa a sua emoção com a dignidade dos homens diante da tragédia. Com certeza, eles representam o ilustre peito lusitano.

O número 475 antecipa a catástrofe ocorrida no norte ao descrever um imenso temporal, ainda sem as informações que o caracterizou como violento tufão. No sábado de carnaval, esse temporal atingira o Porto e Porto dos Leixões:

O temporal (...) desencadeou-se sobre as costas do norte de Portugal com uma violência inaudita, na madrugada de sabado gordo. O mar fóra da barra do Porto tomou um aspecto medonho, terrível, e ameaçando de morte horrorosa os mil e tanto pescadores de Povia do Varzim, da Affurada, de Mathosinhos, de Buarcos que nas suas campanhas andavam arrancando do mar traiçoeiro o pão de cada dia para si e para os seus (1º de março de 1892, p. 50).

Não importa se o texto é do século XIX. A insegurança e o temor permanecem em que se reconhece à mercê de outra catástrofe igual.

Outros temporais também foram destaque em várias edições. A inundação da ilha Terceira, Açores, ocorrida em 22 e 23 de julho de 1891, foi notícia na edição 457. O texto, escrito na primeira pessoa, deveria ser assinado por José Julio Rodrigues, a quem o próprio Caetano Alberto encomendara a matéria. Em carta enviada ao proprietário de *O Occidente*, Rodrigues alega ter estado doente e explica que optou por reproduzir um texto já publicado em Angra do Heroísmo, assinado por José Joaquim Pinheiro. O nascente jornalismo podia se dar ao luxo de não cumprir prazos e de delegar obrigações a seu bel prazer:

Meu caro Caetano Alberto, pediu-me um artigo (...) relativas à catastrophe recente da ilha Terceira. Aceitei o encargo (...) uma enorme constipação me invadiu de subito e para a qual é pequena a minha cabeça, tão apertada a sinto (...)Extraia, pois o meu prezado artista, desse volume que lhe envio, recentemente publicado pelo sr. José Joaquim Pinheiro (...) o que mais opportuno julgar para as informações de seus leitores (1º de setembro de 1891, p. 195).

O título da matéria original de José Joaquim Pinheiro lembra-nos o livro de Gabriel Garcia Marques: *A incrível e triste história de Candida Erêndira e de sua avó desalmada* (1972). No mesmo clima de suspense, Pinheiro dá à sua matéria o título “Memoria descriptiva da horrorosa catastrophe na Ilha Terceira dos Açores na noite de 22 para 23 de julho”. O realismo fantástico, supostamente latino-americano, antecipa-se na matéria que narra a inundação açoriana.

Com o saldo de três vítimas fatais, consequência de um aluvião, o texto é mais dramático do que as notícias que reproduz. Faz uma descrição detalhada do que aconteceu nos vários bairros da Terceira e, na página 198, explica o motivo de a enxurrada ter sido tão destruidora:

Há toda a probabilidade de o alluvião (...) proveio de uma tromba d’água vinda do occidente, que se rompeu, ou desfez, a meia ilha, na Serra da Caldeira, entre a Achada e o Pico da Cruz

(...) Por felicidade nossa, rompeu-se em um lugar de rusticas pastagens (...). Se fôra em Angra contaria hoje o reino de Portugal uma de suas antigas cidades de menos, no Archipelado dos Açores (1º de setembro de 1891, p 198).

Outras notícias, publicadas em diferentes edições de *O Occidente* sobre imensas tempestades nos Açores, levaram-nos a procurar uma explicação para a frequência e a intensidade desses fenômenos. Além de citar características geográficas, meteorológicas e até mesmo de ocupação humana, que escapam ao nosso conhecimento, os geógrafos Bateira, Resendes e Rebelo (1998, pp. 5-6-8) afirmam que o arquipélago – principalmente a ilha de São Miguel – é sujeito a “estes fenômenos brutais”:

Pelo menos desde meados do século XVIII, existem notícias sobre cheias nos concelhos da parte oriental da ilha de S. Miguel (...)A característica mais marcante de todos os relatos diz respeito ao carácter violento das cheias (...). Em quase todas as descrições se salientam dramas relacionados com os bens e as vidas que não foi possível salvar dado o carácter repentino e surpreendente das cheias. Igualmente todos os relatos dão muita importância à quantidade e à intensidade da precipitação que, para a população local é considerada frequentemente como pouco vulgar (...). Entre Setembro e Novembro (...) com trajectórias de sul e de sudoeste, as 8 (sic) depressões frias regeneradas por ciclones tropicais provenientes das Antilhas (...) Provocam fortes tempestades no mar e chuvas copiosas ao passar pelas ilhas (...) a frente fria pressiona o sector quente; o que provoca uma muito forte instabilidade convectiva, com chuvas diluvianas e grandes tempestades.

Talvez não existissem, na época, explicações científicas para a instabilidade dos Açores. De qualquer modo, essa foi uma ótima pauta que *O Occidente* deixou escapar.

8.7 – Terremotos

A Ibéria é uma região sujeita a tremores de terra. Como sabemos, Portugal está sobre uma falha geológica que já provocou um terremoto de enormes dimensões. O povo português não esquece o tremor ocorrido em 1755, que destruiu Lisboa e foi sentido em diversas partes do país e também no exterior. Tão grande foi esse sismo, seguido por *tsunamis* que invadiram o Tejo, que podemos afirmar que o pensamento ocidental se modificou após esse evento. Sob a emoção da incalculável destruição, Voltaire escreveu a obra *Cândido*, publicada em 1759. Em tom sarcástico, a personagem cita Lisboa e questiona o otimismo, a religião e a presença de Deus no cotidiano humano – lembramos que a tragédia aconteceu em horário de missa e num feriado religioso, 1º de novembro. Lucas (2017, p.1) comenta a tragédia:

O Terramoto de 1755, e uma guerra, a dos Sete Anos (1754-63), assumira contornos de violência inéditos, dividindo a Europa e deixando o mundo em colapso. Nesse período, um cientista e filósofo alemão, Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), publicava um tratado em defesa do optimismo: se Deus criara o mundo, então todo o mal que nele existisse teria de ser encarado em função de um bem maior; vivíamos, segundo Leibniz, no melhor dos mundos possíveis (...) Voltaire reagiu a tudo isto com um livro, uma pequena sátira onde desconstrói a filosofia de Leibniz e o fanatismo religioso, parodiando tragédias recentes. Publicado em 1759, *Cândido ou o Optimismo* ridicularizava todo o pensamento e poderes então vigentes. Após viver em dificuldades, a personagem Cândido embarca para Lisboa, onde chega em pleno terramoto, a grande catástrofe que aconteceu no Dia de Todos os Santos e que fez tremer o mundo católico, que vê a natureza como uma espécie de intermediária da vontade de Deus. Se Deus era bom e misericordioso, como explicar a catástrofe? Voltaire deu um forte contributo para esse abanão no fanatismo religioso ocidental, não só com *Cândido ou o Optimismo*, mas com o *Poema Sobre O Desastre de Lisboa*. Um e outro títulos fazem parte da génese do Iluminismo, que por sua vez iria originar a Revolução Francesa e marcar a entrada na modernidade. Era o racionalismo a questionar a mitologia religiosa que vira no terramoto um castigo de Deus por males que era preciso continuar a punir. Voltaire escolhe o absurdo para desmontar a crueldade implícita nesse raciocínio.

O questionamento de Voltaire e a cambalhota que ele propôs no pensamento europeu é um detalhe fascinante, pouco lembrado pelos estudiosos da catástrofe portuguesa. Infelizmente, não nos cabe esmiuçá-lo aqui. Apenas apontamos que, com tal história em seu

passado, é natural que Portugal sinta medo de outro evento igualmente trágico e transmita esse medo de geração a geração.

*Con anterioridad al gran terremoto de 1755 ya se habían registrado en Portugal temblores de tierra de intensidad bastante significativa. En la actualidad, las cartas sismotectónicas enseñan que tanto la región de la Gran Lisboa, como la costa sur atlántica y costa algarvia son las que presentan mayor peligrosidad sísmica. Los temblores de tierra fueron desde siempre un asunto de preocupación para la población portuguesa que habitaba estas regiones, provocando temores y fobias que fueron transmitidos de generación en generación*²⁷ (Tavares, Pinto e Serrano, 2005, p. 1).

Sendo um fantasma no imaginário português, as notícias refletem o sentimento do povo e acrescenta pormenores aterrorizantes. O número 218 continua a cobertura do terremoto espanhol e acrescenta detalhes assustadores:

O aparecimento d'um vulcão n'uma serra próxima de Granada (...) em Malaga as ruas têm aberto largas fendas e, por algumas dellas, tem brotado agua a ferver, e segundo a oppinião d'outros homens de sciencia, os tremores de Granada teem intima ligação com a apparição reecente de um vulcão no mar (11 de janeiro de 1885, p. 10).

Por estarmos adotando como método, ao longo deste capítulo, apresentar como *fait divers* os fatos que podemos ler e compreender sem precisarmos recorrer às informações adicionais, selecionamos um dos muitos abalos ocorridos ao longo do século XIX e início do XX. O número 217 relata:

²⁷ Antes do grande terremoto de 1755 já se haviam registrado tremores de terra de intensidade bastante significativa. Atualmente, os mapas sismo tectónicos mostram que tanto a região da Grande Lisboa como a costa atlântica sul e a costa do Algarve são as que apresentam maior perigo sísmico. Os tremores de terra são, sempre, motivo e preocupação para os portugueses que habitam estas regiões provocando medos e fobias transmitidas de geração a geração (tradução livre da autora).

O anno de 1884 despediu-se da Peninsula com uma serie de abalos de terra que provocou algum panico em Lisboa, muito em Madrid e muitissimo em Granada, onde occasionaram desastres e mataram mais de cem pessoas. De todos os phenomenos terrestres são os mais terriveis e aterradores. Portugal soube já, tristemente, há muitos annos, o que era um termos de terra a valere (1º de janeiro de 1885, p. 2)

Este texto, publicado quase no fim do século XIX, poderia ter sido escrito no fim do século XX ou durante os muitos séculos que virão. Transmite o espanto, o medo, a tristeza diante de um fato violento e imprevisível que, subitamente, revira um país de ponta à cabeça. Terremotos são sempre iguais, variam na capacidade de destruição e os locais onde ocorrem. Caracteriza-se como um típico *fait divers*.

Tremores menores, que assustaram a Espanha e Portugal, merecem espaço no número 219 (21 de janeiro de 1885 p. 18): “os tremores de terra continuam enchendo a Andaluzia de pavor e de conmiseração o mundo inteiro”.

Um movimento sísmico em Lisboa é notícia na edição 887. Sob o título “Phenomenos sismicos”, a matéria relata que no dia 9 de agosto, “às dez horas, dez minutos e dez segundos, brangendo uma area extensissima”, a cidade de Lisboa e seus arredores sofreram um violento abalo de terra:

O panico que elle produziu foi indescriptível, pois que todos conhecem mais ou menos, que da historia, quer de terem ouvido contar aos seus avós, os estragos produzidos pelo abalo de terra de 1 de novembro de 1755. A cidade de Lisboa foi então quasi toda desmoronada (...). O phenomeno foi precedido de ruidos subterraneos semelhando a trovão, sobressaltando a população (20 de agosto de 1903, p. 182).

Outro terremoto a receber destaque foi o que aconteceu no Ribatejo. A capa do número 1.093 (10 de maio de 1909, pp. 98, 99, 100, 101) já utilizando fartamente a fotografia, apresenta uma foto do rei dom Manuel visitando a área afetada. A “Chronica Occidental”, assinada por João Prudencio, usa o tom jocoso muito característico *de O Occidente* quando

esquece que o seu lema é igualdade e fraternidade. Referindo-se às vítimas do sismo e à generosidade dos portugueses que, imediatamente, se mobilizaram para socorrer, com recursos e alimentos, as vítimas, Prudencio afirma que:

Algumas das victimas do desastre (...) se mostravam agora em muito boas tenções de não voltar tão cedo para o trabalho, visto o que não lhes faltar de comer e de beber por amor de Deus (10 de maio de 1909, capa).

Fora o que classificamos de mau gosto do cronista, que insiste em afirmar que “pedir é também um dos outros predicados da nossa alma nacional” (capa), a revista fez uma boa cobertura do sismo, relatando a violência do choque, a sua direção (de norte a sul), os inúmeros tremores secundários, os estragos materiais e as perdas de vidas, principalmente nas localidades de Benavente, Samora e Salvaterra, “que ficaram arrasadas”. A página 99 destaca a fragilidade de Lisboa e a resistência do Porto ante esses acontecimentos:

A intensidade de um seismo (sic) é inversamente proporcional à rigidez do terreno (...). Por esse motivo o Porto, cujo solo é essencialmente granítico, é mais susceptível de resistir a um seismo do que o solo de Lisboa, onde existe o calcareo em abundancia (10 de maio de 1909, p. 99).

Um mapa com os diversos movimentos que abalaram o país em vários séculos acompanha a matéria, que termina com um estímulo ao povo aterrorizado: “O caso poder-se-há repetir, sem dúvida, mas as probabilidades a nosso favor são mais abundantes do que as probabilidades contra (10 de maio de 1909, p. 99)”.

O número 1.082, (20 de janeiro de 1909, p. 14), portanto quatro meses antes do terremoto do Ribatejo, publicou com destaque um destruidor terremoto na Calábria e na Sicília, Itália. *O Occidente* observa que, embora passados mais de 20 dias do grande temor, os tremores secundários ainda não pararam e continuam provocando pânico e vítimas. Com um imenso número de mortos e feridos, o sismo, que destruiu as cidades de Messina e de Reggio,

colocou, novamente, sob a luz dos refletores o cientista espírita francês Camilo Flamarion, que apresentamos no capítulo dedicado à Ciência.

Flamarion dá a sua explicação para os movimentos sísmicos: “explosões produzidas no interior da terra por acumulação de vapor d’água a alta tensão”. *O Occidente* reproduz a opinião do cientista esotérico, que também traça um mapa alertando que o planeta está entrando em um período ativo de convulsões “que deverá durar mais alguns anos”. A previsão mostra-se verdadeira no terremoto do Ribatejo, sobre o qual falamos nos parágrafos acima.

8.8 – Incêndios

Incêndios são considerados *fait divers*. Não precisam de outra explicação além do fogo que surpreende e provoca maior ou menor número de vítimas e de prejuízos. Dos muitos incêndios noticiados pelo *O Occidente*, escolhemos analisar o ocorrido no teatro Paquet, na cidade do Porto, em 20 de março de 1888 e noticiado no número 334 (1º de abril de 1888, capa e pp. 74-75-76-77-78).

Observamos que, no século XIX, foram comuns grandes incêndios em teatros, com vítimas fatais. *O Occidente* deu destaque especial ao fogo na Ópera de Viena, no qual morreram mais de mil pessoas, edição 108 (21 de dezembro de 1881, capa). Também o incêndio que consumiu a Ópera Cômica de Paris, número 305 (11 de junho de 1887, capa e p. 131) foi destaque.

Com direito a gravura na capa, baseado num croqui enviado do Porto, o incêndio do teatro Paquet comoveu Portugal. O motivo do fogo foi simples: a iluminação do palco roçou na parte superior do cenário, que se incendiou. Ou, como diz a “Chronica Occidental” do número 334, “uma das gambiarras roçára pelas bambolinas”. O fogo se alastrou em poucos minutos:

Foi um salve-se quem puder (...). O terror, o panico, as difficuldades de sahida, a confusão produzida pelas trevas que logo se fizeram, cortadas apenas pelo sinistro clarão rubro das chammas, a rapidez como o incendio se propagou, a fumaraça asphixiante que n'um momento envolveu toda a salae todos os corredores, as pessoas que na precipitação da fuga cahiam, impedindo a sahida daquellas que vinham atraz e que a seu turno cahiam tambem, formando assim um montão de corpos d'onde sahiam gritos lancinantes de pavor, de desespero, d'agonia (1º de abril de 1888, p. 74).

Apesar do horror que transmite, o texto é a típica descrição de um incêndio com elevado número de mortos. Em 1º de fevereiro de 1974, o edifício Joelma, na cidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, pegou fogo, provocando uma das maiores tragédias brasileiras: 188 mortos, muitos desaparecidos, mais de 300 feridos. Se compararmos as notícias dos jornais da década de 1970 com as do *O Occidente*, ambas cobrindo um incêndio de grandes proporções, veremos que, apesar das mudanças de linguagem impostas pelo tempo, o enredo é exatamente o mesmo.

8.9 - O monstro

Um monstro, não importa o século em que é encontrado, sempre rende um ótimo *fait divers*. O número 225 noticia o aparecimento de um animal de 12 metros de comprimento, “que nos transporta à epocha do mastodonte, do ictyosaurus”:

Além da cabeça principal, tem no lugar correspondente aos hombros duas outras cabeças, perfeitamente formadas, e colocadas a par, e todas tres se assimilham a um cão. As quatro patas são curtas e robustas e terminal em garras fortissimas. As pernas, ventre e pescoço são cobertos por escamas rijissimas (21 de março de 1885, p. 71).

O estranho ser apareceu supostamente na Bolívia. Duvidamos que os leitores de *O Occidente* soubessem onde ficava a Bolívia. Se hoje já não é fácil para os europeus localizarem esse país sul-americano, no século XIX deveria ser praticamente impossível.

8.10 - Acidentes aéreos

Os *fait divers* repetem a mesma emoção. A notícia muda no conteúdo, não na forma emotiva em que os veículos de comunicação informam aos leitores uma grande tragédia ou alguma surpresa capaz de abalar o cotidiano. Talvez a primeira notícia de um acidente aéreo, a queda do dirigível *Republique* mereceu de *O Occidente* o título “A catástrofe do Dirigível *Republique*”. Publicada no número 1.108 (10 de outubro de 1909, pp. 218-219), a matéria traz na capa duas gravuras: a tripulação do dirigível e o momento de sua queda: “o formidável aerostato *Republique*, que constituía uma das maiores conquistas da ciência aerostática da França (...) acaba de ser aniquilada”.

O texto revela o espanto mundial por uma máquina tão moderna e poderosa ter sido derrubada por motivo tão tolo: “uma simples pá de hélice, principal instrumento de força e movimento do aerostato, deslocando-se de seu eixo e incidindo sobre o involucro do aerostato, rompeu-o e esvanziu- instaneamente”.

Também comenta a imprevisibilidade que cerca os desastres: “desgraçadamente, uma simples ruptura produzida pela hélice derrotou um das maiores invenções humanas”. O tom é de espanto, de pesar pelas vidas perdidas, de surpresa diante do imponderável atrapalhando o caminho da ciência.

O tom sempre será esse – espanto e pesar – na cobertura dos desastres com perda de muitas vidas. Foi novamente com espanto e pesar que a imprensa mundial noticiou o acidente com um novíssimo DC-10, o extraordinário avião capaz de transportar mais de 300 passageiro. O ano foi 1974, o local do acidente, os arredores de Paris, de onde a grande máquina acabara de decolar. O número de mortos chocou o mundo: 345 pessoas.

A emoção humana não muda, os *fait divers* também não. *Mutatis mutandis*, a reação da imprensa no acidente do DC 10 foi exatamente igual à de *O Occidente* quando da queda do *Republique*.

A *Folha de São Paulo* repetiu, 65 anos depois, a mesma manchete de *O Occidente* para descrever o primeiro desastre com um DC-10: “Catástrofe em Orly, 345 mortos”.

Além da manchete, o jornal brasileiro repetiu o espanto por uma máquina tão poderosa e moderna ter sido derrubada por um motivo tão tolo: um erro no projeto tornava vulnerável a porta do compartimento de bagagem. Na época, o inquérito oficial da Secretaria de Estado de Transportes da França apontou este problema:

O acidente foi o resultado da ejeção da porta de carga traseira do lado esquerdo em pleno voo: a súbita despressurização que se seguiu levou à ruptura da estrutura do pavimento (da fuselagem), fazendo com que seis passageiros e peças do avião fossem ejetadas, tornando o motor número 2 inoperante e prejudicando os controles de vôo (superfícies da cauda), de modo que era impossível para a tripulação recuperar o controle da situação.

Através do tempo, acidentes de aviação e incêndios despertam os mesmos sentimentos de horror, pesar e medo. Os veículos de comunicação registram a emoção dos leitores que não escapam de pensar, lendo as notícias, que ninguém está livre de sofrer um grave acidente. Nem mesmo ele, o leitor comum de jornal comum. As tragédias não avisam antes de acontecer e os *Fait Divers* conseguem registrar a emoção e o medo dos leitores.

8.11 - Aquecimento Global

Hoje, o aquecimento global tem editoria própria. Revistas especializadas, repórteres com doutorado e mestrado no assunto. Matérias sobre mudanças climáticas são editadas em espaço nobre. Para a nossa surpresa descobrimos que, no início do século, esse assunto já

causava preocupação e merecia um espaço no jornal. Mesmo que o espaço tivesse características de *fait divers*: um assunto perdido, sem uma editoria para o ancorar. A matéria “A estação de chuvas está mudada?”, número 1.029, (30 de julho de 1907, p. 167) expõe o susto da Europa diante da anormalidade do clima. O texto relata a preocupação dos meteorologistas com o que consideram um deslocamento da estação das chuvas por culpa do *Gulf Stream*, ou Corrente do Golfo, como chamamos atualmente.

Um primor de pesquisa, levando-se em consideração aos meios oferecidos na época. Explorando a possível anormalidade da primavera excessivamente chuvosa, a matéria apresenta um quadro estatístico elaborado pelo Observatório do Infante e conclui que tudo continua como antes. Além do pânico dos meteorologistas, nada mudou.

Para os que hoje defendem a ideia de que o aquecimento global é um embuste dos países desenvolvidos para frear o progresso dos que estão em desenvolvimento, o texto é o argumento perfeito. Compara as temperaturas e índices pluviométricos desde o ano 1860 até 1907, afirma que os períodos seca/chuva repetem-se com regularidade e chega à uma conclusão otimista:

Passado este período, os factos retomam à normalidade e desde 1893 até 1907, não se repetiram sequer uma vez, para naturalmente agora se manifestar um novo periodo mais ou menos longo de deslocamento. Estamos crentes de que se se fizesse para qualquer outra região metereologica, dentro ou fóra do nosso país, egual estatistica, os resultados obtidos seruiam perfeitamente analogos.

Annos	Inverno meteorologico		Primavera meteorologica	
	D. T. F.	Excesso	M. A. M.	Excesso
	mm	mm	mm	mm
1860	208,2	86,2	122,0	—
1861	507,2	352,9	154,3	—
1862	364,2	81,9	282,3	—
1863	196,5	3,0	103,5	—
1864	155,3	—	282,2	126,9
1865	371,6	212,4	159,2	—
1866	214,1	—	355,3	141,2
1867	197,2	—	216,2	19,0
1868	162,9	86,5	76,4	—
1869	322,9	182,5	140,4	—
1870	297,1	185,9	111,2	—
1871	321,0	110,5	211,5	—
1872	474,4	309,8	164,6	—
1873	365,6	60,5	305,1	—
1874	177,2	74,7	102,5	—
1875	251,6	116,8	114,8	—
1876	203,1	64,8	138,3	—
1877	614,9	292,2	322,7	—
1878	123,2	—	194,0	71,7
1879	400,8	225,3	175,5	—
1880	136,4	—	210,0	73,6
1881	435,0	100,0	335,0	—
1882	129,0	—	155,1	26,1
1883	342,1	—	354,8	12,7
1884	220,6	—	368,2	147,6
1885	397,3	225,9	171,4	—
1886	243,4	—	293,5	50,1
1887	169,7	—	202,2	32,5
1888	272,6	72,0	200,6	—
1889	233,7	—	235,5	1,8
1890	83,3	—	275,3	192,0
1891	235,7	96,7	159,0	—
1892	316,3	13,9	302,4	—
1893	261,0	—	273,2	12,1
1894	220,3	5,1	215,2	—
1895	502,0	271,0	231,0	—
1896	181,0	111,1	69,9	—
1897	338,4	107,3	141,1	—
1898	172,3	37,2	155,1	—
1899	318,4	200,9	108,5	—
1900	319,3	57,9	261,4	—
1901	277,6	79,8	197,8	—
1902	397,7	241,7	156,0	—
1903	198,2	31,8	166,4	—
1904	334,9	234,7	100,2	—
1905	134,1	16,5	117,6	—
1906	203,0	87,3	115,7	—
1907	68,5	—	223,0	154,5

Gravura número 7 - Atentado no dia do casamento do rei espanhol Afonso XIII

Examinando este quadro vemos que, desde o inverno de 1860 até ao actual, as chuvas na primavera foram mais intensas que as do inverno nos annos de 1864, 1866, 1867, 1878, 1880, 1882, 1883, 1884, 1886, 1887, 1889, 1890, 1893 e 1907. E n'essas differenças approximam-se muito do afastamento do anno de 1907, os annos de 1864 (Diff 126^{mm}9), 1866 (141,2), 1884 (147, 6) e sobretudo o anno de 1890, em que a differença foi de 192^{mm},0 ou seja a mais 37,5 do que a do anno em que escrevemos estas linhas. Se efectivamente o deslocamento das estações se tivesse dado, o que não teve lugar, já o mesmo facto, e então ainda mais pronunciado, poderia ter preocupado os meteorologistas em 1890. De mais, convem citar que houve quasi que uma serie ininterrupta de factos da mesma natureza, desde 1878 até 1893, durante os quaes, as chuvas cahiram de preferencia, na primavera em dez annos meteorologicos como se verá do quadro acima. Passado esse periodo, os factos retomaram a sua normalidade, e desde 1893 até 1907, não se repetiram sequer uma vez, para naturalmente agora se manifestar um novo pe-

riodo mais ou menos longo de deslocamento. Estamos crentes de que se se fizesse para qualquer outra região meteorologica, dentro ou fóra do nosso pais, egual estatistica, os resultados obtidos seriam perfeitamente analogos.

ANTONIO A. O. MACHADO.

Gravura número 8 - Índice de aquecimento global publicado em fins do século XIX

A apresentação desta tabela e o seu comentário é um *fait divers* que poderia ser usado em qualquer jornal contemporâneo. Discutir esta notícia é discutir o aquecimento global, que, hoje, tanto espaço ocupa na imprensa mundial. A matéria de *O Occidente*, publicada no início do século XX, faz-nos pensar: será que o Acordo de Paris está realmente certo?

8.12 - Economia

Assuntos de economia não costumam render *fait divers*. A não ser quando ocorre algo tão inusitado que a solução é noticiá-lo mais como aventura do que como medida de saneamento das finanças. Em 1893, diante da situação delicada do tesouro português, o senhor Dias Ferreira, presidente do Conselho de Ministros, apresentou à Câmara dos

Deputados algumas medidas para tentar regularizar a vida do país. A solução foi noticiá-las na rubrica “Revista Política” do número 507 porque os portugueses, ao tomarem conhecimento das ideias de Dias Ferreira encararam-nas como manifestação de bom humor e piada. Claro, os deputados ainda iriam discutir o assunto, mas Lisboa já gargalhava com as novidades.

Entre outras sugestões, Dias Ferreira propôs estabelecer em Portugal um imposto para as famílias que contratassem criados:

Procurou mais o que tributar e encontrou os criados, as criadas e as amas-de-leite. Quem precisar de servos terá que pagar, além do ordenados e sustento dos ditos, mais uma contribuição pesada por esse luxo. Ou não hão de haver criados, ou se os houver, os amos que paguem ao Estado por precisarem d’elles. Dahi o não haverem criados, é claro (21 de janeiro de 1893, p. 23).

Tendo o seu público leitor maioritariamente entre a burguesia e a aristocracia, segmentos que, até hoje, não se desvincularam do hábito de ter serviçais, *O Occidente* reagiu mal à proposta da criação de um imposto sobre os empregados domésticos. No mesmo número, na “Chronica Occidental” (p. 18), Gervasio Lobato ridiculariza a novidade que, se aprovada, atingiria principalmente a classe ao qual ele pertencia e também aquela que lhe pagava o salário:

Como tudo n’este mundo tem a sua compensação, essas medidas ao passo que causam tristeza a muita gente, tem feito, porém dar um bom par de gargalhadas com os commetarios humoristicos que tem provocados aos jornaes (...) em summa, não é mau ir dando estas largas a hilariedade emquanto esta lei está apenas em projeto (21 de janeiro de 1893, p. 18).

Embora não seja um *fait divers* clássico, optamos por colocar essa notícia neste capítulo pela originalidade da proposta ministerial. Chamamos atenção para o vocabulário usado na redação dos textos. Os termos escolhidos – criados, amos, servos – são os que o

modernismo politicamente correto se abstém de usar por exporem a relação de poder entre o contratante e os contratados.

Acidentes em Lisboa e no Porto, tempestades, assaltos, assassinatos, muitos outros assuntos aleatórios encheram as páginas de *O Occidente*. Escolhemos apresentar aqueles que nos pareceram mais emblemáticos. Afirmamos que *O Occidente* não usou de modo abusivo os *fait divers*. Mas, quando o fez – talvez porque fosse moda na época – recorreu a um tom melodramático, chegando, algumas vezes, a um certo mau gosto. No número 1.108, após a queda do *Republique*, a revista não se intimidou em descrever em detalhes o estado dos corpos da tripulação:

É fácil imaginar o estado dos desgraçados aeronautas ao caírem na terra esmagados pela formidável máquina despenhada da altura de 150 metros. O capitão marechal, numa atitude aterradora, tinha o craneo fendido. O tenente Chauré tinha uma profunda ferida na arcada superciliar e outra numa virilha. Os dois ajudantes com as pernas partidas ficaram esmagados sob o motor. O ajudante Réau tinha também além disso o queixo partido (10 de outubro de 1909, p. 219).

Esse erro – a descrição do estado das vítimas mortais de acidentes – a imprensa moderna abdicou. Já a Internet, recomeçando a aprendizagem do que é ou não ético, publica, sem cerimônia, fotografias dos corpos das vítimas de todos os tipos de acidentes.

8.13 - Um ponto de interrogação

Um *fait divers* questiona os profissionais de imprensa, sempre pressurosos em encontrar razões para tudo. Sem explicação fora de si mesmo, essas notícias exploram o imponderável e a imprevisibilidade da vida. Um *fait divers* provoca a reflexão dos jornalistas. Ao receber a notícia de um algo inusitado, vacilamos em nossas certezas e questionamos os critérios de noticiabilidade: qual a sua importância editorial? Merece um espaço no jornal?

Qual espaço? Como trataremos tal assunto sem cairmos na *literatice*? Ao mesmo tempo, remete-nos à apregoada distância profissional, ensinada nas universidades. De repente, cai o avião de uma seleção de futebol. Ou o presidente da república se mata. E agora? Onde fica a nossa emoção? Como explicar o que ninguém sabe como aconteceu?

O *fait divers* é, portanto, o nosso ponto de interrogação. Quando alguma coisa confunde o ritmo de trabalho e dispersa a nossa atenção, quando precisamos parar e esperar o desenrolar dos fatos para entendê-lo, quando não sabemos exatamente que tratamento editorial dar à alguma novidade, estamos diante de um *fait divers*.

Garantia de expressiva venda de uma edição, linha tênue entre o bom e o mau jornalismo, expressão concreta de que, sim, existem fatos que não correspondem à lógica com a qual trabalhamos, o *fait divers* é um gancho de muita importância na produção de uma revista ou jornal.

Acreditamos que *O Occidente* soube trabalhar os *fait divers*, apesar de usar o tipo de texto comum à época, que não economiza metáforas, hipérboles e adjetivos de mau gosto.

CONCLUSÕES

Como propomos em nossa Introdução, estabelecemos um diálogo com *O Occidente* à procura da antítese de seu discurso. Ou seja, procuramos as ideias opostas ao texto, escondidas pelo próprio texto. Também identificamos as ideologias, assumidas ou não, que sustentaram os 37 anos de sucesso da revista.

Para chegarmos à nossa conclusão, além de nos debruçarmos sobre os enunciados verbais de *O Occidente*, valemo-nos, também, das nossas pesquisas sobre o tema, nossa experiência profissional adquirida nos muitos anos em que trabalhamos em redações jornalísticas, bem como de leituras realizadas durante a vida.

Nossa primeira descoberta refere-se à realidade jornalística, presente desde que o jornalismo se tornou uma atividade industrial no século XIX. Afirmamos que *O Occidente* e todos os jornais e as revistas, de qualquer época, diferenciam-se pouco ou nada de uma fábrica de, por exemplo, enlatados. Em que pese a intenção dos jornalistas de, em todos os tempos, acreditarem que se engajar politicamente e noticiar as injustiças sociais é um dever profissional.

Quem decide a linha editorial de uma publicação é o proprietário. Os senhores dos grandes veículos de comunicação, da mesma maneira que os senhores das fábricas de enlatados, não querem sofrer prejuízos. Sendo assim, a indústria – qualquer indústria, a de enlatados ou a jornalística – precisa identificar os seus consumidores e atender-lhes os gostos. Acreditamos que a imprensa industrial começou exatamente como está terminando no início do século XXI: seguindo a lógica capitalista do lucro que, atualmente, privilegia as publicações *online*.

Para *O Occidente* - muito mais do que para os veículos do século XX -, encontrar o equilíbrio na relação leitores fieis versus contabilidade positiva foi, forçosamente, um esforço grande. Num país em que poucos sabiam ler, não havia chance de errar. Ou se acertava o discurso ou o veículo morreria. Como, aliás, morreram muitos lançados na mesma época. O próprio *O Occidente* reconhece isto em seu número 176 (11 de novembro de 1883, p. 251):

Felizmente, a empreza (no caso, a revista *O Occidente*, grifo da autora) conhecia perfeitamente o caminho que ia trilhar, tinha-o estudado e achava-se habilitada para executar o seu programma (...) o favor publico com que *O Occidente* foi recebido (...) é a prova mais evidente que o nosso paiz aceita com interesse todas as manifestações que denunciem progresso.

De quando se acreditava que o jornalismo não deveria ser engajado – como na época de *O Occidente* – à atualidade, na qual supostamente existe a liberdade de imprensa, nada mudou. *O Occidente* e os jornais contemporâneos são iguais e se manifestam da mesma maneira: em editoriais – no caso de *O Occidente*, os editoriais estão incluídos na coluna “Chronica Occidental” – e artigos de fundo, espaço reservado à opinião dos veículos. Ou seja, a de seus proprietários ou dos interesses aos quais atendem.

Sabemos que, em todas as épocas, os intelectuais escolhem uma profissão de fé, uma ideologia que comprove o seu pensamento humanista e de vanguarda, que, aliás, nem sempre condiz com a realidade. Enfim, aparentá-la é fundamental. Atualmente, ao menos no Brasil, os intelectuais – e os pretendentes a – se declaram “de esquerda”. No fim do século XIX, a moda era ser liberal e/ou socialista, além de republicano. Anarquista e nihilistas também existiam, sem muitos aplausos. *O Occidente* não abrigou esses últimos e também não noticiou essas correntes de pensamento, a não ser para criticá-las. O que, de certa forma, ajudou a divulgá-las.

No emaranhado filosófico dos oitocentos, *O Occidente* levou adiante as suas ideias, apesar de não perder a oportunidade de afirmar a neutralidade de seu discurso. Como questionamos em nossa introdução, não há discursos neutros, nem discursos alienado de ideias capazes de resistir 37 anos e 1.315 edições. Nos capítulos anteriores, provamos que *O Occidente* tinha várias ideologias ocultas nas aparentes palavras que propagavam neutralidade. A revista refletiu todos os conceitos e preconceitos de seu tempo.

Três discursos de *O Occidente* manifestam-se com clareza e podem ser verificados em todos os capítulos desse trabalho. A revista é nacionalista e colonialista e nunca perdeu uma

ocasião de fazer essas profissões de fé. Também foi conservadora, refletindo o pensamento de seu fundador, o gravador Caetano Alberto.

Nacionalismo e colonialismo eram, claro, a verdade de Portugal inteiro, como também o seria de qualquer outro país. Todos defendem a sua história e o seu espaço geográfico. Se, como no caso português, existem colônias, mesmo que além-mar, o povo as considera parte do território, terras a serem protegidas a qualquer preço. Por esse motivo, defender os territórios, falar mal dos ingleses foi uma das atividades preferidas de *O Occidente*. O número 403 é um bom exemplo:

N'este momento em que a Inglaterra, cobardissimo paiz que vive de rapina há mais três seculos, (...) parece-nos opportuno publicar um estudo sobre os vultos nacionaes que a nação traidora dos piratas fez desaparecer (...) não recuando deante do assassinio e da tortura (1º de março de 1890, p. 50).

Ao ser nacionalista e colonialista, *O Occidente* não fez nada além do que refletir os sentimentos que amalgamam a alma de uma nação. O apoio ao colonialismo e o incentivo ao nacionalismo são exemplos de assuntos que conseguem aglutinar um país. *O Occidente* soube manipular a emoção nacional a seu favor defendendo as colônias e a sensação de propriedade que Portugal tinha sobre aquelas terras e os seus habitantes.

Ressaltamos os textos sobre os feitos dos soldados portugueses que iam combater em Angola, Guiné, Moçambique ou Goa ou sobre os exploradores Roberto Ivens, Serpa Pinto e Brito Capelo, entre outros, referenciados como heróis da pátria. Esses textos são um incentivo ao nacionalismo e à honra à pátria.

Ao se adotar conservadora, a revista refletiu o pensamento do proprietário, um burguês que amealhara dinheiro suficiente para bancar um periódico. O veículo de comunicação de Caetano Alberto defendia a sua origem e o pensamento de sua classe social. O conservadorismo, palpável em quase todas as edições, às vezes manifestava-se em afirmações surpreendentes. Sessenta anos após a independência do Brasil, *O Occidente* ainda lamentava o

fim das remessas financeiras que ajudavam a equilibrar a balança comercial portuguesa. Na edição 496, João Verdades reclama:

Bastou que (...) nos deixasse de vir dinheiro do Brazil, para cahir por terra todo esse castello de cartas que se chamava a riqueza e a prosperidade nacionaes (1º de outubro de 1892, p. 224),

Nacionalista, colonialista e conservador, *O Occidente* dirigia-se, portanto, à elite. Sendo ou não de caso pensado, uma escolha consciente para amealhar leitores, a revista nasceu com um público pré-definido que, por acaso, também era o público alfabetizado e em condições de gastar semanalmente uma quantia para se manter informado. Apostando na redundância, *O Occidente* falou o que esse público desejava ouvir. Só podia ter tido uma carreira bem-sucedida.

Em todo caso, ao se dirigir à classe dominante portuguesa, *O Occidente* se cuidou para, ao noticiar a política interna, não desagradar nenhuma facção que disputava o poder. Afinal, o seu público tanto era o aristocrata arruinado e o burguês novo-rico quanto os intelectuais e profissionais liberais, oriundos da nova classe média, que tendiam a tomar posições progressistas como, por exemplo, ser socialista ou a favor da república.

Meio lá, meio cá, equilibrando-se entre muitas opiniões, *O Occidente* apregoou um discurso que, afinal, não foi tão neutro assim. Lendo as suas 1.315 edições, esbarramos em conceitos que, talvez, a revista não tivesse a intenção de revelar. Em nosso trabalho citamos, por exemplo, o tratamento dispensado às mulheres que o discurso oficial incensava. Teoricamente *O Occidente* se dirigia à mulher moderna e participante da vida pública. Como diz Santos (2009, introdução) a revista “ num apostolado fervoroso assumia uma escrita também dirigida às mulheres”. Oficiosamente, porém, *O Occidente* não pode ser mais defensor dos tradicionais papéis femininos.

Apresentamos exemplos dessa dicotomia no capítulo “Chronica Occidental” e não nos furtamos a lembrar as palavras de Guilherme D’Azevedo na edição 25 (1º de janeiro de 1879, p. 2). Ao noticiar a abertura da Sala da Rainha, dedicada às mulheres, na Biblioteca Nacional. Muito *avant la lettre*, muito simpático, mas o colunista não perdeu a chance: “Os

exames do Lyceu não bastavam realmente. (...) a pátria deu-lhes uma sala (...) com a vantagem de ter fogão”.

Outro assunto em que não é raro *O Occidente* tropeçar nas próprias intenções é o tratamento dado aos estrangeiros em geral e às casas reais não europeias em particular. Em nenhum momento, os editores assumem serem xenófobos. Mas o são, diversas vezes. Ao comentar sobre os reis e rainhas de países distantes, ao menosprezar o caráter do povo inglês. Quando o periódico se aborrecia demais com decisões unilaterais inglesas, os redatores apelavam à ofensa pessoal. Constatamos isso no número 421, no qual o jornalista Manuel Barradas, falando textualmente em nome de *O Occidente*, ataca a ancestralidade feminina do nobre inglês envolvido das negociações do Ultimato:

Não se levanta mão do conflicto com a Inglaterra e apoz o ultimatum butral d’esse odre que se chama Salysbury, descendente de uma mulher que deixava, intencionalmente cahir as ligas nas sallas de baile (1º de setembro de 1890, p. 195)

Manuel Barradas refere-se à instituição de uma das mais altas condecorações inglesas, a Ordem da Jarreteira. Segundo a lenda, em 1348, num baile da corte, o rei Eduardo III dançava com a Condessa de Salisbury quando a liga (jarreteira) que ela usava, caiu ao chão. O rei apanhou-a e amarrou-a em sua própria perna, provocando comentários maliciosos dos outros convidados. Irritado, Eduardo III falou as palavras que são o lema da ordem: *Honni soit qui mal y pense*²⁸.

A admoestação teria sido dita em francês medieval, a língua oficial da corte inglesa na época. Essa pequena história mostra o nível da irritação de Manuel Barradas, que foi buscar um episódio ocorrido cinco séculos antes do ultimato para tentar provocar melindres num descendente da condessa em questão.

Consideramos que *O Occidente* não notou o quanto foi elitista. Diversas vezes, a “Chronica Occidental” manifesta pouco caso com os menos favorecidos, os textos nunca

²⁸ Envergonhe-se quem vê nisto malícia, tradução corrente desta frase.

eram escritos para o povo mais simples. Este, que trabalhava de sol a sol, nunca entenderia “o enfado dos lisboetas qui s’amusement nos passeios de domingo”, citação da edição 438 (21 de fevereiro de 1891, capa). Nem que esse povão tivesse paciência com a “betise humaine” (edição 479, de 11 de abril de 1892, p. 82), sentimento que costuma maltratar a classe operária, sem ela saber. Aliás, ao referir-se ao operariado, que prestigiou um evento conduzido por dom Carlos e dona Amélia, *O Occidente* define-o como “massa elementar” (número 467, 11 de dezembro de 1891, p. 275). Mais elitismo, *c’est pas possible*.

Sobram em muitas páginas da revista a visão elitista da sociedade. Apresentamos aqui apenas pequenos exemplos. Afirmamos que *O Occidente* olhava e julgava o mundo pelos padrões aristocráticos. A raia miúda jamais lhe interessou.

Também ao tecer comentários sobre a realeza de países distantes, *O Occidente* derrapa na xenofobia. Relembramos o número 96 (21 de agosto de 1881, p 186), que noticiou a visita do rei da ilha Howaii a Lisboa. Gervasio Lobato aproveitou a ocasião para debochar da majestade exótica: “os antecessores de sua majestade comiam gente, o rei actual alterou um pouco o menu (...) e se satisfaz com linguado au gratin”. A xenofobia torna a ficar clara na edição 436, que noticia a morte do mesmo rei David Kalakua I. Apesar de frisar que o falecido monarca fora educado na Europa, a matéria acentua o exotismo da *ilha-estado* em que ele reinou:

Este pais, há pouco menos de um seculo, vivia em estado selvagem, sendo o assassinio e o roubo a sua feição principal por que era conhecido de alguns viahjantes que tinham a infelicidade de lá aportarem (1 de fevereiro de 1891, p. 30).

Observamos igualmente o nenhum espanto de *O Occidente* ante a um caso claro de racismo. A notícia foi dada já no século XX, edição 831 (30 de janeiro de 1902, p. 18) e relata, em tom corriqueiro, que médicos portugueses transformaram 20 africanos em cobaias para estudar a evolução da doença do sono. Os 20 negros foram retirados da África e trancados no Instituto Bacteriológico de Lisboa sem que *O Occidente* questionasse a validade de seres humanos serem tratados de tal forma. Aliás, a própria revista refere-os como

“cobaias” (30 de janeiro de 1902, p. 18). Existem várias outras passagens em que os negros são citados em tom de pouco caso. Expomo-los no capítulo Política.

O preconceito social, identificado na reação ao popular “circo de cavalinhos”, também se faz presente nas críticas às roupas simples vestidas pelas pessoas menos favorecidas, que rompiam o protocolo e ousavam ir ao teatro. Ou na naturalidade quase ingênua em que se noticia que o corpo de uma jovem do povo foi exposto à curiosidade pública. Poderíamos citar o excessivo e pedante uso nos textos de locuções estrangeiras e até em latim, mas preferimos desconsiderar este fato. Não o interpretamos como preconceito social, consideramos que *O Occidente* sabia para quem estava escrevendo.

O tratamento dado à política interna é bastante dúbio. Entendemos que a revista é conservadora e monárquica e observamos, com prazer, que os jornalistas e intelectuais convidados a assinar matérias tinham liberdade de expressar valores diferentes dos da linha editorial. A cobertura dos acontecimentos portugueses não nos permite afirmar que *O Occidente* se inclinava a esse ou aquele partido. A filosofia do morde-assopra foi seguida por todos os columnistas fixos.

Até o nascimento da coluna “Revista Política” na edição 361 (1º de janeiro de 1889, p. 7), a cobertura da política interna não passava de notícias soltas e sem profundidade. Só com a nova rubrica, *O Occidente* começou a analisar com mais cuidado a conturbada vida portuguesa. Acreditamos que esta coluna surgiu pela impossibilidade de a revista continuar se comportando com se nada acontecesse à volta dela. Até esta data, *O Occidente* cultivou discreta omissão diante dos confusões políticas do país. Supomos, porém, que os diretores da revistas entenderam que o seu público desejava informações mais concretas e realistas e, então, a nova coluna foi criada. Sempre assinada por João Verdades, pseudônimo que já foi motivo de análise em nosso estudo.

Cuidadosa, tentando não se indispor com nenhum partido, a rubrica “Revista Política” cumpriu o primeiro ano. Perdeu a dubiedade e subiu o tom em 1890, na época do ultimato inglês. Após a onda de exaltação patriótica, quase voltou ao normal. Nunca mais, porém, adotou o discurso morno que caracterizou o seu primeiro ano de existência, embora continuasse a tentar agradar a variedade de leitores. A cobertura do que acontecia em Portugal é o calcanhar de Aquiles da revista. Para saber da Lisboa *fin du siècle*, das temporadas

teatrais, das visitas de artistas famosos, da história portuguesa, de tudo, enfim, que não compromettesse a marca *O Occidente*, a revista é excelente fonte de informação. Quem pretende conhecer as reviravoltas da política interna da época, deve consultar outro periódico.

A cobertura do regicídio – em nossa opinião, o momento em que *O Occidente* começa a morrer – é a prova de que, quando se tratava de noticiar o que acontecia dentro de casa, *O Occidente* foi um fracasso. Embora com as notícias sobre a Primeira Guerra Mundial, ela tenha conseguido adiar por alguns meses a sua morte, o assassinato de dom Carlos e de seu filho dom Luiz Filipe é o início do fim. Conforme estudamos no capítulo Política, *O Occidente* ficou imobilizado diante da tragédia. De nenhuma maneira atendeu a seus leitores. Pelo contrário. Quem, na época, esperou pelas informações de *O Occidente* demorou dez dias para saber o que se passara.

Na época já existiam recursos técnicos para que a revista tivesse rodado uma edição especial. Mesmo que esta edição recorresse à gravuras e fotografias antigas e se preocupasse apenas em atualizar as informações. Afirmamos que, nesse momento, na absoluta falência da atividade de bem informar, *O Occidente* entrou em decadência. Sobreviveu apenas mais seis anos e meio.

Sousa (2017, p. 325) afirma que a dificuldade dos diretores da revista em compreender os novos tempos teria precipitado o fim. Ainda dependentes do perfil artístico que *O Occidente* cultivava desde o seu início, eles não perceberam a mudança de interesse do público, cada vez mais ansioso por notícias, principalmente as gráficas:

Mas o recurso às gravuras de madeira significava despesa, morosidade e menos iconicidade na representação gráfica da realidade. E o apuro artístico não significava atualidade, num tempo em que o público queria consumir notícias gráficas (...). A relativa falta de atenção à atualidade e a à fotorreportagem terá, pois, contribuído para o declínio e a morte de *O Occidente*.

Essa incompreensão dos novos tempos foi levada ao paroxismo quando do assassinato do rei. Mesmo sabendo que julgamos com o olhar experiente no cotidiano de uma grande

redação, o desinteresse de *O Occidente*, o não envolvimento dos diretores em um fato de tanta gravidade política e humana é incompreensível. *O Occidente*, só poderia ter saído dessa demonstração de incompetência com a reputação irreversivelmente chamuscada.

O noticiário sobre a implantação da república é outro momento em que a dubiedade de *O Occidente* incomoda. Novamente, como no regicídio, a revista tentou afastar-se dos acontecimentos, publicando notícias de menor importância e ignorando o movimento que eclodira no Porto. Acabou tendo de ceder à realidade e, ao relatar o fim da monarquia, fez um papel lastimável. Ferrenho defensor dos Bragança até a véspera – o número anterior, o 1.143 (30 de setembro de 1910, p 218) referia dom Manoel como *rei moço, cheio de vida, que não duvidará em derramar o seu sangue pelo povo* –, o periódico mudou de opinião da noite para o dia e publicou, em edição dupla, nos números 1.144/1.145, em 20 de outubro de 1910, páginas e páginas laudatórias ao novo regime. Na página 237, algumas frases humilhantes e ofensivas em relação a dom Manuel, o monarca deposto. A análise dessa notícia está no capítulo Política Nacional. Na implantação da república, a atitude de *O Occidente* foi, para dizer o mínimo, constrangedora. Classificamos o novo discurso republicano de oportunista e covarde e o consideramos o mais triste momento de *O Occidente*.

Em compensação, a melhor editora, a mais bem noticiada, a mais séria e jornalística, principalmente na época final de *O Occidente*, é, em nossa opinião, a de Política Internacional. Além de cobrir sem lacunas os movimentos que envolveram as colônias, as guerras do fim do século XIX e início do XX são descritas por ótimos comentaristas e excelentes observadores do jogo político. Na leitura de *O Occidente* vemos a Primeira Guerra Mundial se armar. As matérias da época, que emitem opiniões embasadas e revelam detalhes importantes, são, ao nosso ver, o grande momento da revista.

A Política Internacional revela, também, o lado vanguarda de *O Occidente*, pois identificou e noticiou na edição 622 (5 de abril de 1896, p. 75) a doutrina Monroe ser colocada em prática pela primeira vez. Também, no número 1.229 (20 de fevereiro de 1913, p. 34) apontou a influência da indústria de armamentos por trás das guerras. Entendeu a hipocrisia e ridicularizou a justificativa norte-americana para a guerra Hispano-americana – “sentimento humanitário”, discurso que ainda não mudou – na edição 695 (20 de abril de 1898, capa).

O Occidente divulgou o ideário do pacifismo oriundo do liberalismo, que desejava a criação de organizações supranacionais para resolver as questões entre os povos, ser a favor do não intervencionismo e por acreditar na dependência econômica entre os estados livres, o que dificultaria as guerras, já que traria prejuízo para todos os lados envolvidos. Como refere Maria Manuela Tavares Ribeiro (2007, p. 112), “a teorização federalista, universalista, europeísta era, pois, inseparável, dos ideais pacifistas”. *O Occidente* expõe a existência da ideia de uma união europeia, apoia e divulga a proposta de paz. Durante o ano de 1887, Caetano Alberto assina diversos textos que revelam a adesão da revista ao movimento pacifista. Mas se recusa a aderir à ideia de Iberismo que, em sua opinião, terminaria com a nacionalidade portuguesa. Na “Cronica Occidental” do número 1.304, pouco antes de fechar as portas, *O Occidente* se posiciona:

De resto temos sido um protetorado de potencias que se revezam. Espanha, França, Inglaterra, Alemanha exerceram, alternadamente, sobre esta nacionalidade, as influencias irresistíveis de seus poderios (...) A nossa nacionalidade tem sido derrubada aos poucos por uma rale intelectual sem nome (20 de março de 1915, p. 86).

No número 400, João Verdades, alter-ego de Caetano Alberto, encerra as veleidades de outros articulistas a respeito da união de Portugal e Espanha:

Não nos illudamos com umas idéas que por ahi apparecem importadas, de federação ou alianças vizinhas, porque a nossa situação não lucraria com isso o suficiente para nos tirar da posição de um rato entre dois gatos (...) Deixemos, porém, os nossos irmãos republicanos entregues aos seus caprichos inconsiderados (...) não nos illudamos com uma ideias que para ahi apparecem importadas, de federação, ou alianças vizinhas porque a nossa situação não lucraria com isso o suficiente para nos tirar da posição de um rato entre dois gatos (1º de fevereiro de 1890, p. 32).

A segunda editoria mais bem trabalhada é a *Fait Divers*, apesar do risco que esse tipo de notícia traz em si. Bem editados, os *faits divers* de *O Occidente* raramente incorrem no sensacionalismo barato, embora a linguagem da época permitisse arroubos hoje impensáveis. Afirmamos que a maneira que a revista apresentava os *fait divers* também atendia aos gostos dos leitores, já que eles eram noticiados com a elegância discreta que a burguesia em ascensão acreditava ter e a aristocracia decadente lutava para manter.

O espaço reservado à nobreza não deixa dúvidas que a revista defendia a monarquia. Isso sequer pode ser considerado um discurso velado, a maioria das edições trazem textos elogiosos à família Bragança. As casas reais portuguesa e europeias eram assuntos prioritários, não só por atenderem as opiniões pessoais de Caetano Alberto. Também por ser interessante empresarialmente, uma vez que o reduzido público alfabetizado se interessava em repetir os hábitos dos bem-nascidos. Vivendo a custas do Estado – ou das políticas de Estado que lhes favorecia as transações comerciais - estes cidadãos apoiavam quem lhes garantia o bem estar. A monarquia, enquanto ela existiu. A república, após 1910.

Observando *O Occidente* – e também as modernas revistas que cobrem exclusivamente as cortes europeias – concluímos que as mulheres, rainhas e princesas, são a parte mais visível, a que merecem mais espaço nos veículos de comunicação. Consideramos importante *O Occidente* ter percebido que as rainhas e princesas invadem o nosso espaço lúdico, são mais simpáticas, mais bonitas, mais elegantes, desfilam joias valiosas e, portanto, simbolizam mais que o rei o poder de um país. As mulheres da realeza são- ainda hoje, basta abrir a revista *Hola* - mais capazes de emocionar e cativar os súditos.

Não acreditamos que, no século XIX, existisse um *marketing* organizado, até porque nem existia este conceito. *O Occidente* intuiu que a melhor forma de “vender” a casa real portuguesa era focar nas rainhas Maria Pia e Amélia, que não tiveram filhas. Tornaram-se, portanto, as donas absolutas do espaço editorial reservado à monarquia.

Para ilustrar o monarquismo ferrenho de *O Occidente* separamos a “Chronica Occidental” da edição 501 (21 de novembro de 1892, p. 258), em que Gervasio Lobato relata a viagem oficial de dom Carlos e dona Amélia à Espanha. Hiperbolicamente, Lobato compara a “realeza” da visitante, filha do Conde de Paris, pretendente exilado à coroa francesa, com a da anfitriã, esquecendo-se que, nobreza por nobreza, dona Maria Christina, a espanhola, tinha

mais *pedigree* que dona Amélia: nascera arquiduquesa austríaca, princesa da Hungria, da Boêmia, da Eslovênia, da Croácia e da Dalmácia. Pertencia à casa Habsburgo, a família real mais poderosa que o mundo já conheceu. Para completar a falta de tato e de assunto, Lobato atropelou a viuvez da rainha da Espanha, escrevendo que dona Amélia transpirava beleza e felicidade por ser casada com um rei másculo.

A imprensa da época não podia imaginar o quanto se transformaria o pensamento do século XX. Afirmamos que a influência dos veículos de comunicação oitocentistas, pela primeira vez atacando sistematicamente entidades e segmentos sociais até então inatacáveis e demolindo verdades supostamente incontestáveis, favoreceu o nascimento da filosofia niilista. As pessoas nunca haviam visto os pilares de suas crenças e da sociedade, a religião e a monarquia, serem tão dura e constantemente contestadas. Desabitadas a pensar, elas perderam o rumo. Formulamos a hipótese de que instigado por dúvidas que, antes, nem acreditava existir, o rarefeito público letrado da época começou a duvidar daquilo que o cercava e que construía, desde sempre, as suas mais profundas crenças: a fé em Deus e a autoridade real.

Não espanta que tantos movimentos filosóficos tenham surgido durante o século XIX. Inclusive, o niilismo, que representava a derrocada de todos os valores de então. Como sabemos, a filosofia niilista – está referido no capítulo Nobreza – influenciou diretamente o pensamento do século XX. Jean Paul Sartre e Albert Camus, para citarmos apenas dois expoentes do século passado, são filhos diretos do pensamento de Nietzsche. Explicando a noção do bem e do bom nestes pensadores, Gesser (2011, p. 10) aponta a identificação entre o niilismo e o existencialismo e resume: “Em Nietzsche, Sartre, Camus, o bom é o poder ou o nada”.

Em *O Occidente*, que não abriu espaço para os duros questionamentos à Igreja Católica ou aos Bragança, é interessante observarmos, principalmente nas notícias da casa real russa, o aumento das atividades do movimento anarquista, que a revista e toda a imprensa confundiam com o niilismo. Sobre esse tema, a influência da imprensa oitocentista na gênese do pensamento contemporâneo, dissertamos superficialmente no capítulo da nobreza. Oferecemos esta ideia como sugestão de pesquisa aos colegas que nos sucederem.

Também oferecemos aos futuros colegas a exploração mais detalhada da cobertura do ultimato inglês. Não só em *O Occidente*. Também em outros jornais e revistas da época. Notamos que, na época do ultimato, a pressão exercida pela imprensa na opinião pública foi positiva. Se, na época do Tratado de Methuen, que desfavorceu economicamente Portugal a ponto de impedir Lisboa de usufruir 100% a riqueza descoberta no Brasil, a história portuguesa – e, propomos, também a do mundo ocidental – poderia ser outra. Em 1703, a vigilância da imprensa fez muita falta.

Em relação à dicotomia entre os discursos - o imagético era vanguarda, o literário, conservador – propomos que não tem, para nós, outra explicação, além da comercial. *O Occidente*, como todo veículo de comunicação que pretende uma vida longa, preocupou-se, principalmente, com os consumidores/leitores e com a preservação do nome. Ou, sendo mais objetivos, com o lucro. Para isso, nada melhor do que oferecer páginas bonitas e um discurso sem novidades.

Acreditamos que o proprietário de *O Occidente*, Caetano Alberto da Silva, fundou-o principalmente para ser uma empresa rentável. A burguesia detinha grande parte do poder econômico e se afirmava como o grande segmento consumidor de notícias. Se valia a pena cortejar a família real – e, como vimos, *O Occidente* cortejou-a sem pudores – também valia manter a paz com os capitalistas sem berço.

Durante o período em que *O Occidente* circulou, saber ler significava poder, articulação mental, capacidade de decisão, racionalismo e bom nível social. Ler impunha o devido respeito às classes menos favorecidas. Era, portanto, imprescindível a um órgão de imprensa que pretendesse dar certo, “falar” a língua daqueles que estavam no topo da pirâmide e podiam influenciar o resto da população. E os que frequentavam o topo eram pouquíssimos.

O resultado é positivo. *O Occidente* soube administrar o conservadorismo que o abrigava e a necessidade de modernização exigida pelos novos tempos. Publicou o que os seus leitores desejavam: cultura, o sucesso luso em África, a beleza e a felicidade da casa real reinante, assuntos leves na “Chronica Occidental”, a vida da elite, os encantos de Lisboa, necrológios lamurientos se fosse o caso, crimes sangrentos e suicídios. A revista educou o

povo e, simultaneamente, refletiu-o. *O Occidente* foi um jogo de espelhos: refletiu a sociedade como ela se via.

Aproveitando o factual para repercutir a grandeza lusitana, *O Occidente* recorreu também à história portuguesa – muitos episódios foram publicados em folhetins-, aos movimentos socioculturais dos emigrantes que viviam no Brasil, aos vários Congressos internacionais de antropologia e literatura, de medicina, de direito, de sociologia, da União Postal Internacional, todos realizados em Lisboa e cuja a cobertura enfatizava o amadurecimento intelectual dos profissionais portugueses. A revista usava essas reuniões de intelectuais e cientistas internacionais para apresentar Portugal como um país de vanguarda, civilizado, moderno e em condições de receber, em pé de igualdade, nomes importantes da época.

Também podemos ver intenções de valorização nacional nas gravuras que, sob a retranca “Portugal Pitoresco”, divulgam as belezas do país. O destaque dado à construção e inauguração dos Caminhos de Ferro, símbolos de um Portugal moderno, é outro assunto emblemático do orgulho da revista pelo desenvolvimento nacional. Sem demonstrar grande interesse pelos problemas domésticos – que, Caetano Alberto, na “Cronica Occidental” (assim, já grafada sem o H) do número 1.192 (10 de fevereiro de 1912, p. 26) classifica “de assuntos condenáveis e estéreis” –, *O Occidente* segue até julho de 1915, quando encerra, sem explicações, sua bem sucedida carreira.

(Dutra de Menezes, Angela)

BIBLIOGRAFIA

ABDO, Humberto. Oito invenções de Thomas Edison que mudaram o mundo. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/02/8-invencoes-de-thomas-edison-que-mudaram-o-mundo.html>. Acesso em 24 de fevereiro de 2018.

Abolição da Pena de Morte. Hemeroteca Digital de Lisboa (consultado em 27/11/17). Também disponível em <http://150anosdaabolicaodapenademorteemp Portugal.dglab.gov.pt>

ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 45-57, jan. 2005. ISSN 1984-6924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2088/1828>>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Entretenimento: valor-notícia fundamental. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 13-23, jun. 2009. ISSN 1984-6924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p13/10217>>. Acesso em 19 de abril de 2015.

AIRES, Augusto Nascimento. A Vida de São Teotônio. Lisboa: Editora Colibri, 2013.

ALENCAR, Ana Maria de. Fait Divers, a exposição do pitoresco e o interesse coletivo. Disponível em http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=143 . Acesso em 5 de dezembro de 2017.

ALENCAR, Ana. GLENADEL, Paula. Viver com Barthes, o que é Fait Divers? Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2005.

ÁLVARES, Henrique Joven. A mais bela explicação sobre a criação, segundo Albert Einstein. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/01/ciencia/1443683295_903407.html (consultado em 27 de setembro de 2017).

AMADOR, Maria José. TAVARES, Ferro. PINTO, Filomena “et allis”. Tremores e temores. Salamanca: Editora da Universidade de Salamanca. 2005.

AMARAL, Marcia Franz. Sensacionalismo: inoperância explicativa. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/66/26>>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

ANDRADE E SILVA, José Bonifácio. Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil Sobre a Escravatura. Rio de Janeiro: Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000009490&bbm/4174#page/8/mode/2up>>. Acesso em 10 de julho de 2016.

ANDRADE, Adriano de Guerra. Dicionário de Pseudônimos e Iniciais de Escritores Portugueses. Lisboa: Edição Biblioteca Nacional, 1999.

ARALDI, Clademir. Nietzsche: o nihilismo e a consumação da modernidade. Disponível em <ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/VIII/2.3.pdf>. Acesso em 22 e 23 de junho de 2017.

ARAÚJO, RDECL. As crônicas portuguesas de dom João da Camara na Gazeta de Notícias. Disponível em <https://alsafi.ead.unesp.br/bitstream/handle/11449/94021/araujo_rcl_me_assis.pdf?>. Acesso em 7 de outubro de 2016.

ARAÚJO, Rita de Cássia Lamino de. O teatro de dom João da Camara. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132226/000851799.pdf?sequence>> Acesso em 5 de março de 2017.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Carta de Eça de Queiroz a seu filho José Maria. Disponível em <digitarq.arquivos.pt/details?id=4169370>. Acesso em 12 de julho de 2017.

ARQUIVOS DE JORNAIS E REVISTAS: *O Globo*, *A Folha de SPaulo*, *A Capital*, *Diário de Notícias*, revistas *Veja e Visão*.

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/saraazevedo.pdf> > (consultado em 12 de setembro de 2017).

BARTHES, R. *Structure Du Fait Divers, Essais Critiques*. Paris: Editions Seuil, 1966.

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Editora Perspectica, 2003.

BATEIRA, Carlos. Resendes, João. Rebelo, Fernandes. Escoamento torrencial e processos geomorfológicos da bacia da Povoação (São Miguel, Açores). Disponível em <[https://digitalis.uc.pt/pt-pt-artigo/escoamento_torrencial_e_processos_geomorfol%C3%B3gicos_na_bacia_da_povoa%C3%A7%C3%A3o_s_miguel_a%C3%A7ores_cheias](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/escoamento_torrencial_e_processos_geomorfol%C3%B3gicos_na_bacia_da_povoa%C3%A7%C3%A3o_s_miguel_a%C3%A7ores_cheias)> (acesso em 14 de julho de 2017)

BENTES, Lenita. *As Patologias do Ato*. Rio de Janeiro: Editora Usina de Letras, 2014.

BENTO, Angelita. SALVIA, Denis Berte. SILVA. Roberto Peterson “et allis”. *Comuna de Paris*. Disponível em <petercast.net/wp-content/uploads/2011/04/base.pdf> (consultado em 24 de setembro de 2016)

BESSA-LUÍS, Agustina. Sebastião José, Marquês de Pombal. Lisboa: Guimarães Editores, 2003.

BETELLA, Gabriela Kvacek. "Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse" e suas biografias vicárias: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos na escrita de perfis. **Estud. av.**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 247-270, Aug. 2007. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000200020&lng=en&nrm=iso>. acesso em 7 de maio de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142007000200020>.

BIONDI, Luigi. Sob três bandeiras. Anarquismo e imaginário anticolonial (Benedict Anderson, 2005). **Tensões Mundiais/Word Tensions**. Disponível em < <http://www.tensoesmundiais.net/index.php/tm/article/view/45/55>>. Acesso em 12 de abril de 2017.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Editora Cultrix. 2010

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

BRAGA, João. História: estilo e modas. Disponível em <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/28>> Acesso em 14 de junho de 2016.

BRETES, Maria da Graça. Arqueologia e um mito: a derrota de Gungunhama e a sua chegada a Lisboa. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2690763>>. Acesso em 23 jan. 2017.

CABRERA, Ana. Jornais, jornalistas e jornalismo, século XIX e XX. Lisboa: Livros Horizonte, 2012.

CALDERÓN, Manuel Palomares. LEON, Francisco Martin. Francisco León Hermoso, alias, Noherlessom (1843-1879), el primer hombre de tiempo en España. Disponível em <<http://www.divulgameteo.es/uploads/Noherlessom.pdf>>. Acesso em 29 de junho de 2016.

CANDEIAS, Manoel Levy. O retrato político de Gervásio Lobato. Disponível em <www.revistas.usp.br/desassossego>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

Cartas, consultas e mais obras de Alexandre de Gusmão. Disponível em <digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4248712>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

CASTELRIANAS y Blásquez. Los calendarios Zaragozanos. Disponível em < <https://puntorojolibros.com/Los-calendarios-zaragozanos-Joaquin-Yague-Mariano-Castillo-y-la-prediccion-del-tiempo-XIX.htm> >. Acesso em 23 de junho de 2016.

CASTRO, Pedro Jorge. Os hábitos e as extravagâncias da família real nas férias. Disponível em <<http://www.sabado.pt/vida/detalhe/os-habitos-e-as-extravagancias-da-familia-real-nas-ferias>>. Acesso em 9 de ago. 2017.

CHALLITA, Mansur. O Alcorão. Rio de Janeiro: Editora Associação Cultural Internacional Gibran, 1995.

CHIQUIM, Giovana. O cronista e a arte de dançar nas correntes. Disponível em <revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/59>. Acesso em 5 de abril de 2015.

COELHO, Maria Helena da Cruz. Alexandre Herculano, a história, os documentos e os arquivos do século XIX. **Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social**. Disponível em <URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27893>>. Acesso em 19 de novembro de 2016.

SOARES DA COSTA, César Augusto. PREMISSAS CONCEITUAIS SOBRE A FORMAÇÃO DO MATERIALISMO DE MARX. **Prax. filos.**, Cali, n. 31, p. 61-72, July 2010 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-46882010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de abril de 2018.

CUNHA, Carlos. III centenário da morte de Camões. Disponível em <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17069/4/III%20Centen%C3%A1rio%20da%20morte%20de%20Cam%C3%B5es%20281880%29.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2017.

CYMBRON, José Manuel. O Portugal de Miguel Torga. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10284/5219>>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

DA SILVA, Marcos Paulo. Como os acontecimentos se tornam notícia: uma revisão do conceito de noticiabilidade a partir das contribuições discursivas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 173-184, mar. 2010. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n1p173>>. Acesso em 12 de abril de 2017.

DALMONTE, Edson Fernando. Presente, o Tempo do Jornalismo e seus desdobramentos. Disponível em <www.scielo.br/pdf/his/v29n1/19.pdf>. Acesso em 15 de set. 2017.

DEBOM, Paulo. O precursor da alta costura. Disponível em. <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20moda%20-%202016/GT/GT06-MODA-CULTURA-E-HISTORICIDADE/GT-06-O-PRECURSOR-DA-ALTA-COSTURA-COLOQUIO.pdf>>. Acesso em 18 de agosto de 2017.

Diário da Câmara dos Senhores Deputados. Sessão número 52, de 6 de abril de 1907. Disponível em <debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd>. Acesso em 13 de novembro de 2016.

Diário do Governo 213, 12 de setembro de 1911, Relatório das Bases da Reforma Ortográfica. Disponível em <<http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/index.php/reforma-da-ortografia-diario-do-governo-n-213-de-12-de-setembro-de-1911-lisboa-typ-de-francisco-luis-goncalves-1911-biblioteca-deducacao-nacional>>. Acesso em 27 de maio de 2017.

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 2008. Disponível em <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/reporter>>. Acesso em 23 de junho de 2017.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em <https://www.dicio.com.br/houaiss>. Acesso em 8 mai. 2017.

Dicionário Infopédia, Porto Editora, disponível em <https://www.infopedia.pt>. Acesso em 2015, 2016, 2017, 2018.

Dicionário Portugal Histórico. Disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionario/ocidente.html>. Acesso em 23 de junho de 2015.

DION, SYLVIE. O *fait divers* como genero narrativo. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11944>. Acesso em 12 de agosto de 2017. Disponível em <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9009.pdf>. Acesso em 4 de jun. de 2016.

DOMINGOS, Minda. Alta Costura e Boas Maneiras. Disponível em <https://executiva.pt/10670-2/>. Acesso em 18 agosto de 2017.

EL FAHL, Alana de Freitas. Algumas considerações sobre a crônica literária no Brasil e os periódicos do século XIX. Disponível em www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p31-41.pdf. Acesso em 5 de abril de 2015.

ESPERANÇO, Ricardo Manuel Pereira, 2013. Uma Leitura de Lisboa em Camisa: a comédia humana de Gervásio Lobato, disponível em <http://hdl.handle.net/10362/10363>. Acesso em março e abril de 2016.

ESPERANÇO, Ricardo Manuel Pereira. Uma leitura de Lisboa em camisa: a comédia humana de Gervásio Lobato. Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/10363>. Acesso em 26 de novembro de 2016.

Familia real espanhola. Disponível em www.casareaaldeespanha.rs. Acesso em 25 de setembro de 2016.

FAVA, Fernando E. Mendonça. Os livros do regicídio. Disponível em <https://journals.openedition.org/lerhistoria/1896> > (consultado em 12 de novembro de 2106).

FERNANDES, Abílio. Lisboa e a eletricidade. Disponível em <http://www.colecoesfundacaoedp.edp.pt/Nyron/Library/catalog/winlibsrch.aspx?key=&cap=&pesq=5&thes0=37&prn=true&doc=10267>. Acesso em 7 de março de 2018.

FERREIRA, João José Brandão. Pacifismo. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2696> >. Acesso em 5 de novembro de 2017.

FERRO, Tavares “et alli”. Terremoto de Lisboa de 1755, tremores e temores. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/12222/4/Tese%20de%20Mestrado%20em%20Hist%C3%B3ria%20Contempor%C3%A2nea_11102013_v10.pdf. Acesso em 7 de julho de 2017.

FIALHO, Irene. Geração de 70 – República antes da República. Disponível em <http://rgplrc.libware.net/ojs/index.php/rcl/article/view/38/37>. Acesso em 18 de setembro de 2017.

FONSECA, Fernando Taveiro. Uma história dentro da história. Coimbra: Editora Imprensa da Universidade. 2001.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Lisboa: Edições 70, 2013.

French Secretary of State for Transport. <[Turkish Airlines DC-10 TC-JAV- Report of accident in the Emrmenonville Forest, France on 3 march of 1974](#)> Air Accidents Investigation Branch. Acesso em 4 de jul. de 2017.

French Secretary of Transport (fevereiro de 1976) Turkish Airlines DC-10 TC-JAV – Report of accident in the Emrmenonville Forrest, France, on 3 march of 1974. Air accidents investigation Branch. Disponível em <<https://www.gov.uk/...reports/8-1976-turkish-airlines-dc-10-tc-jav>>. Acesso em 27 de outubro de 2017.

GALEANO, Eduardo. As fábricas de guerra. Disponível em <<https://brecha.com.uy/las-fabricas-de-la-guerra/>>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

GAMA, Maria Luiza. A Construção do Poder Feminino em Portugal. Disponível em <www.cidehus.uevora.pt>. Acesso em 27 de maio de 2016.

GIL, Laurinda. Os judeus de Penamacor e a inquisição. Disponível em <www.redejudiariasportugal.com>. Acesso em 14 de março de 2017.

GOMES, Antonio Martins. 2010. Navegações. *Revista da Cultura e da língua portuguesa*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Volume dois. Jul/Dez. 2010.

GOMES, Antônio Martins. O exemplo do Brasil no crepúsculo da monarquia portuguesa. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/8437/6022>>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.

GOMES, Rodrigo Menezes. Algumas reflexões sobre música e tecnologia. Disponível em <scholar.google.com/citations?user=6gib5dAAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em 9 de julho de 2017.

GOMES, Maria Carmem Aires. Gêneros de mídia: configurando o gênero reportagem-publicidade. Disponível em <linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/80.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2017.

GONÇALVES, João Pedro dos Reis Veloso. A Farmácia e a Cosmética no Século XIX Em Portugal. Disponível em <recil.grupolusofona.pt>. Acesso em 19 de maio de 2016.

GOUVEIA-MATOS, João Augusto de Mello. Pasteur. Disponível em <qnesc.s bq.org.br/online/qnesc06/historia.pdf>. Acesso em 30 de outubro de 2017.

GUERREIRO, Maria João Peste Santos, 2010. Por Graças de Deus, Rei dos Portugueses, Sas Intuições Régias de Dom Afonso Henriques e Dom Sancho I. <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1584/1/MJGuerreiro.pdf> >. Acesso em 23 de outubro de 2015.

HASAN, Heba. Author 'Predicts' Titanic Sinking 14 Years Earlier. Disponível em newsfeed.time.com/.../author-predicts-titanic-sinking-14-years-earlier (consultado em 17 de setembro de 2017).

HENRIQUES, Luiz Nuno Pinto, 2015, Ilustração. Imagem da Modernidade em Portugal, disponível em <diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/66422/1/01.%20LNPH_TESE.pdf >.

HOBBSAWN, Eric. J. A Era das Revoluções. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

JARDIM, Maria Antônia. Da Hermenêutica à Ética em Paul Ricoeur, Contributos para um Desenvolvimento Educativo e Moral Através da Literatura. Porto: Edição Universidade Fernando Pessoa, 2003.

JARDIM, Maria Estela et al. A prática oceanográfica e a coleção iconográfica do rei dom Carlos I. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 883-909, Sept. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000300883&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de abril de 2016

JOÃO, Maria Isabel da Conceição, 1999. Memória e Império, comemorações em Portugal, disponível em <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2466> >. Acesso em 2016.

KARAM, Francisco José Castilhos. HAUSER, Vanessa. Retórica e dialética: o tributo dos jornalistas aos greco-romanos. Disponível em <www.ec.ubi.pt/ec/10/pdf/EC10-2011Dez-15.pdf>. Acesso em 12 de junho de 2016.

LACERDA, César Augusto Araripe de. Portugal e a grande guerra. Disponível em <www.portugal1914.org/.../6594-a-historia-da-participacao-portuguesa-na-grande-guerra>. Acesso em 12 de agosto de 2017.

LAMINO, Rita de Cássia Araújo. Portugal Finissecular nas crônicas de D., João Da Câmara publicadas na revista portuguesa O Ocidente e no jornal brasileiro Gazeta de Notícias (1901-1905). Editora Unesp, São Paulo, SP. Brasil, 2015. .

LEAL, Castro Ernesto. República portuguesa, secularização e novos símbolos (1910-1926).

LOBO, Sandra Maria Calvinho Ataíde. Dessassosgo goês. Cultura e política em Goa do liberalismo ao acto colonial. Disponível em <<https://run.unl.pt/handle/10362/10822>>. Acesso em 3 de agosto de 2017.

LOPES, Maria Antónia. Portugal e o Piemonte, a casa real portuguesa e os Sabóia. Disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32355/1/Portugal%20e%20Piemonte_artigo7.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

LOPES, Maria Antonia. BLYTHE, Alice Raviola. Portugal e o Piemonte: a casa real portuguesa e os Sabóias. Coimbra: Editora Universidade de Coimbra, 2013.

LOURES, Carlos. Guilherme de Azevedo, poeta, dramaturgo e jornalista: 1839-1882. Disponível em <<http://adstr.dglab.gov.pt/2017/11/17/guilherme-de-azevedo-santarem-1840-paris-1882-poeta-cronista-e-dramaturgo/>>. Acesso em 21 de setembro de 2016.

LOURIDO, Rui D'Ávila de Fontes Alferes. Do Ocidente à China pelas rotas da seda. Disponível em <www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004494>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

LUCAS, Isabel. Candido ou o Optimismo. Disponível em <<http://visao.sapo.pt/lerfazbem/2017-02-28-A-VISAO-oferece-Candido-ou-o-Optimismo-de-Voltaire>>. Acesso em 19 de outubro de 2016.

LUCAS, Isabel. Voltaire, o homem contra o dogma. Disponível em <<http://visao.sapo.pt/lerfazbem/2017-02-28-A-VISAO-oferece-Candido-ou-o-Optimismo-de-Voltaire>>. Acesso em 27 de maio de 2017.

MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. MARTINS, Ana Paula Vosne. Patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal do Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Disponível em <www.historia.ufpr.br/.../2010/1.../leonardo_diogo_cardoso_nogueira_machado.pdf>. Acesso em 12 de fevereiro de 2016.

MACHADO, Maria Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação, uma Abordagem Metodológica. Disponível em <www.seer.ufrgs.br>. Acesso em 12 de novembro de 2015.

MACHADO, Veronica Castanheira. Um debate do oitocentos: Alexandre Herculano e a polémica em torno de milagre de Ourique. Disponível em <periodicos.ufes.br/agora/article/view/5032>. Acesso em 21 de outubro de 2015.

MAIA, Fernanda Paula Sousa. As remessas dos emigrantes portugueses no Brasil e a capitalização da economia local: alguns exemplos. Disponível em <www.cepesepublicacoes.pt>. Acesso em 12 de agosto de 2017.

MALTEZ, Fernando. História das Doenças Contagiosas, Porto, editores Fernando Maltez e Ramalho de Almeida, 2014.

MARINHO, William Ricardo Vidal. A monarquia é ela: a função política de relações públicas em uma forma de governo. Disponível em <www.lume.ufrgs.br>. Trabalhos de Eventos> Ciências Sociais Aplicadas. Acesso em 15 de maio de 2017.

MARQUES, Maria Alegria Fernandes. Portugal e o Piemonte, A Casa Real Portuguesa e os Sabóia. Coimbra: Editora Universidade de Coimbra, 2013.

MARQUES, Rocha. História das Doenças Contagiosas, Porto, editores Fernando Maltez e Ramalho de Almeida, 2014.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. A incrível e Triste História de Cândida Erêndira e Sua Avó Desalmada. Rio de Janeiro: Editora Record, 1973.

MARTINS, Isaltina. Associação portuguesa de professores de latim e grego. Disponível em <Aplg@mail.pt>.

MARTINS, Leonor Pires. Um império de papel, imagens do colonialismo português na imprensa periódica ilustrada. Lisboa: Edições 70, 2014.

MARTINS, Roberto de Andrade. A descoberta do Raio X: o primeiro comunicado de Rontgen. Disponível em <www.academia.edu/.../A_descoberta_dos_raios_X_o_primeiro_comunicado_de_Röntgen>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

MARTINS, Rocha. Dom Carlos e a História de Seu Reinado. Lisboa: Editora ABC, 1926.

MATOS, Sérgio Campos. A guerra hispano-americana e suas repercussões em Portugal. Disponível em <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2865.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2017.

MATTOSO, José. História de Portugal, O Liberalismo. Lisboa: Editorial Estaampa, 1998.

MAXWELL, Kenneth. O Marquês de Pombal. Lisboa: Editora Manuscrito, 2015,

MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação Como Extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MELIÇO-SILVESTRE, História das Doenças Contagiosas, Porto, editores Fernando Maltez e Ramalho de Almeida, 2014.

MENDES, José M. Amado. Sobre as relações entre a indústria portuguesa e a estrangeira no século XIX. Disponível em <analisesocial.ics.ul.pt>. Acesso em 30 de abril de 2017.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. AMÉRICA LATINA – INTERPRETAÇÕES DA ORIGEM DO IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 31, dez. 2009. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2316>>. Acesso em 7 de abril de 2017.

MINDA, Domingos. Dom João V, O Rei Sol Português. Disponível em <<https://executiva.pt/d-joao-v-o-rei-sol-portugues>>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

MITIDIERI, Ana Maria Amorim. O traje da noiva na cena do casamento. Disponível em <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202008/42506.pdf>>. Acesso em: 14 de junho de 2017.

MONICA, E. O regicídio na imprensa suíça. Disponível em <https://issuu.com/clepul/docs/o_regicidio_portugues_nas_pginas>. Acesso em 27 de junho de 2016.

MORAES, Thais de Godoy. **O “Livro das mil e uma noites” em Jorge Luiz Borges**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-28082013-102743>. Acesso em 28 de junho de 2017.

MORAIS, Paulo. Boletim da Academia Portuguesa de Ex-libris. Disponível em <<https://in-libris.com/products/boletim-da-academia-portuguesa-de-ex-libris>>. Acesso em 18 de dezembro de 2015.

MOREIRA, Adilson de Souza, 2013, Modernidade em exposição e signos metonímicos, 2013, disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/>>. Acesso em 23 de agosto de 2016.

MOREIRA, Adilson de Souza. Modernidade em exposição: modernização urbana e signos metonímicos. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123057>>. Acesso em 2 de novembro de 2015.

MOREIRA, Nuno Gonçalo. Elite e Poder. Lisboa: Editora de Ciências Sociais, 2007.

MÜLLER, Fernanda Suely. ECOS DO MODERNISMO E DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO NA REVISTA O OCIDENTE (1878-1914). **Revista Desassossego**, São Paulo, n. 2, p. 51-61, dec. 2009. ISSN 2175-3180. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/47399>>. Acesso em 9 de outubro de 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v1i2p51-61>.

NASCIMENTO, Ayres A. O poder da imagem: encantos, ambiguidades e vaalorizações. Disponível em <<https://institutodehistoriadaarte.wordpress.com/revista-de-historia-da-arte-n-o-7-2009/>>. Acesso em 20 de julho de 2017.

NEVES, Vladimiro Maio, 2014, O submarino Fontes, um projeto esquecido, disponível em <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/17355>>. Acesso em 4 de junho de 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratrusta. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

Nobel Prize. Nomination Data Base Literature. Disponível em <www.nobelprize.org/nomination/literature/nomination.php?>. Acesso em 12 de abril de 2017.

NOBRE, Eduardo. Duelos&Atentados. Lisboa: Quimera Editores, 2004.

NOGUEIRA, Paulo. D. Pedro V de Portugal. Disponível em <historiaschistoria.blogspot.com/2017/07/d-pedro-v-de-portugal.html>. Acesso em 12 de novembro de 2016.

NÓVOA, António. O espaço público da educação: imagens, narrativas e dilemas. Disponível em <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4797>>. Acesso em 27 de outubro de 2016.

NÓVOA, Jorge. Cinematógrafo. Laboratório da razão poética e do “novo” pensamento. Disponível em <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/> (consultado em 24 de novembro de 2016)

OLIVEIRA MARQUES, A. H. Breve História de Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 2015.

OLIVEIRA MARQUES, A. H. História de Portugal, Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

OLIVEIRA, Cátia Regina. João de Deus, a cartilha maternal e o ensino da leitura em Portugal. Disponível em <seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30688>. Acesso em 12 de junho de 2016.

OLIVEIRA, João Pacheco. FREIRE, Carlos Augusto. A Presença indígena na Formação do Brasil. Brasília: Edição do Ministério de Educação, 2006.

OUTHWAITE, William. BOTTOMORE, Tom. Dicionário Social do Século XX. Rio de Juaneiro: Editora Zahar, 1996.

Página oficial da presidência da República Portuguesa. <<http://www.presidencia.pt>>. 19 de junho de 1911. Acesso em 17 de novembro de 2016.

PAIS, José Machado. A Imagem da Mulher e os rituais de galantaria nos meios burgueses do século XIX em Portugal. Disponível em <repositorio.ul.pt>. Acesso em: 18 de junho de 2016.

PAIS, José Machado. A Imagem da mulher e os rituais de galantaria nos meios burgueses do século XIX em Portugal. Disponível em <repositorio.ul.pt>. Instituto de Ciências Sociais (ICS) ICS. Acesso em 12 de maio de 2016.

PANZA, Marco. PRESAS, Albert. Introducion a la Divulgacion de Las Ciencias, Science Population in The 19th Century: the Works of Flammarion. Disponível em <quark.prbb.org/26/026030.htm>. Acesso em 28 de junho de 2017.

PENA, S. D. J. Razões para banir o conceito de raça da medicina brasileira. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000200006>. Acesso em 16 de novembro de 2017.

PEREIRA, Henrique Garcia. A Cidade e as Praias, Ramalho Ortigão, Um Escritor Saudável. Disponível em <hgp.ist.utl.pt/artigos/Ramalho.pdf>. Acesso em 12 de outubro de 2016.

PEREIRA, Mariana Consciência, 2005, Dispensários: A Arquitectura da Luta Antituberculose, disponível em <up.pt/handle>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

PEREIRA, Mariana Consciência. Dispensários: a arquitectura da luta contra a tuberculose. Disponível em <https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=27857>. Acesso em 30 de agosto de 2016.

PEREIRA, Miriam Halpern. Demografia e desenvolvimento em Portugal na segunda metade do século XIX. Disponível em <https://www.econbiz.de/.../demografia-e-desenvolvimento-em-portugal-na-segunda-metade-do-seculo-XIX>. Acesso em 9 de abril de 2017.

PEREZ, Valmir. Cubismo e Relativismo, um salto na dimensão das ideias. Disponível em <www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/slides/slides_diciplina_ar.../Luz%20e%20Arte.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2017.

PINTO, Lurdes Maria Neves Marques. A Leitão& Irmão (1877-1897) e as joias da família real portuguesa. Disponível em <repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20382/1/ulfl179127_tm.pdf>. Acesso em 27 de julho de 2017.

PONTES, David. O cerco da peste no Porto. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10216/73326>>. Acesso em 27 de outubro de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. Metodologia do Trabalho Científico, Nova Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil, editora Feevale, 2013.

RAFAEL, Gina Guedes; SANTOS, Manuela. Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX. Lisboa: edição Biblioteca Nacional, 2001.

RAMALHO DE ALMEIDA, A História das Doenças Infecciosas. Porto: Edição de Ramalho de Almeida e Fernando Maltez, 2014.

RAMOS, Rui. História de Portugal. Lisboa: Editora A Esfera dos Livros, 2010.

REBELLO, Luiz Francisco. O Essencial Sobre D. João da Câmara. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

REBOUÇAS, Bruno. A história se repete como farsa. Disponível em <<https://mediaalternativa.wordpress.com/2011/02/11/a-historia-se-repete-como-farsa>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2018.

REIS, António do Carmo. Nova História de Portugal. Lisboa: Editora Casa das Letras, 2005.

REIS, Carlos. PEIXINHO, Ana Teresa. Cartas Públicas. Lisboa: Editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

REIS, Jaime. A Industrialização num País de Desenvolvimento Lento e Tardio, Portugal, 1870-1913. Disponível em <analisesocial.ics.ul.pt>. Acesso em 27 de novembro de 2016.

REIS, Luciano; HELENA, Maria. Sintra, a História Se Fez Jardim. Rio de Janeiro: Editora Recanto das Letras, 1996.

RODRIGUES, Ana Paula Fernandes, 2008, Eça de Queiroz e as páginas desconhecidas do Distrito de Évora, disponível em <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/611/1/LC457.pdf>>. Acesso em 22 de abril de 2016.

RODRIGUES, Rita Cassia Lâmina de Araújo. A crônica nas páginas de *O Occidente*, revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Disponível em <editorarevistas.mackenzie.br>. Acesso em 3 de março de 2016; 15 de março de 2016; 17 de junho de 2016; 24 de novembro de 2016; 7 de janeiro de 2017; 19 de março de 2017; 15 de junho de 2017 etc.)

RODRIGUES, Rita de Cássia Lamino Araújo, 2015, Portugal finissecular nas crônicas de D. João da Câmara publicadas na revista portuguesa *O Occidente* e no jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*, disponível em <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNSP_bec39a25283f053b380603ba64e019fb>. Acesso durante os anos de 2016 e 2017.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 12, n. 1, p. 201-218, May 2000 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702000000100011&lng=en&nrm=iso> . Acesso em 23 de setembro de 2018.

ROSSI, Vera Helena Saad. Faits Divers e folhetim: a tênue fronteira entre literatura e jornalismo. Disponível em <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/09/Jornalismo-e-Contemporaneidade-Um-Olhar-Cr%C3%ADtico_Fait-divers-e-folhetim-a-t%C3%A2nue-fronteira-entre-literatura-e-jornalismo.pdf>. Acesso em: 24 de outubro de 2017.

RTP Notícias. Agência lusa, 21 de janeiro de 2006. <www.erp.pt/noticias/cultura/quadro-da-rainha>. Acesso em 17 de outubro de 2016.

SALATIEL, José Renato. Marx, Teoria da dialética: contribuição original à filosofia de Hegel. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/.../filosofia/marx---teoria-da-dialetica-contribuicao-origin>>. Acesso em 25 de abril de 2016.

SALDANHA, Luiz. Dom Carlos, pai da oceanografia portuguesa. Disponível em < <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e78.html>>. Acesso em 24 de janeiro de 2017.

SALGUEIRO, Teresa Barata. MARQUES, Carlos F. SILVA, José Henriques. Dos animatógrafos ao cinebolso, 89 anos de cinema em Lisboa. Disponível em <revistas.rcaap.pt/finisterra/article/viewFile/2062/1736>. Acesso em 9 de julho de 2017.

SAMARA, Maria Alice. TAVARES, Rui. AGUIAR, Asdrúbal. O regicídio, causas da Morte do Rei Dom Carlos e do Príncipe Real D. Luiz Filipe. Lisboa: Editora Tinta da China. 2008.

SAMARA, Maria Alice. Tavares, Rui. O regicídio. Lisboa: Editora Tinta da China, 2008.

SANTOS, Alda, 2009, Occidente: Imagens e Representações da Europa, disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/13384>> (consultado nos anos 2015, 2016, 2017 e 2018).

SANTOS, Mario Beja. Alfredo Keil e os mistérios de *A Portuguesa*. Disponível em <http://www.oribatejo.pt/2011/08/18/alfredo-keil-e-os-misterios-de-a-portuguesa/> (consultado em fevereiro e junho de 2017).

SANTOS, Salvador. No palco da saudade: Gervásio Lobato. Disponível em <www.jornalaudiencia.pt/index.php/.../4080-no-palco-da-saudade-gervasio-lobato>. Acesso em 19 de março e em 12 de dezembro de. 2016.

SARAIVA DA CUNHA, História das Doenças Contagiosas, Porto, editores Fernando Maltez e Ramalho de Almeida, 2014.

SARAIVA, José Hermano. História de Portugal. Mem Martins: Editora Europa-América, 1998.

SARAMAGO, José. Memorial do Convento. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 1995.

SARDICA, José Miguel. O jornalismo e a intelligentsia portuguesa nos finais da monarquia constitucional. Disponível em < https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10443/1/07_01_Jose_Miguel_Sardica.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2017.

SERRA, João. HENRIQUES, Paulo. Portugal, 1910-1940, da República ao Estado Novo. Disponível em < <http://www.cidadeimaginaria.org/bib/Portugal10-40.pdf>>. Acesso em 12 de março de 2017.

SERRÃO, Joel. Emigração Portuguesa, Sondagem Histórica. Lisboa: Horizonte Edição, 1982.

SILVA, Henrique César. BAENA, Camila e Juliana Raimualdo. O Dado Empírico de Linguagem na Perspectiva da Análise de Discurso Francesa: um Exemplo Sobre as Relações Discursivas entre Ciência, Cotidiano e Leitura. Disponível em <www.scielo.br/scielo>. Acesso em 4 de agosto de 2017.

SILVA, Henrique César da; BAENA, Camila Raimualdo; BAENA, Juliana Raimualdo. O dado empírico de linguagem na perspectiva da análise de discurso francesa: um exemplo sobre as relações discursivas entre ciência, cotidiano e leitura. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 12, n. 3, p. 347-364, Dec. 2006. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132006000300008&lng=en&nrm=iso>. access em 27 de jun. 2017

SIMÕES, Silvia Sonia. Pólos de difusão do Nestorianismo. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789>>. Acesso 27 de jun. de 2017.

SOBRAL, José Manuel. RODRIGUES, Patricia. O fiel amigo o bacalhau e a identidade portuguesa. Disponível em <journals.openedition.org/etnografica>. Acesso em 19 de dezembro de 2016).

SOUDHAUS, Laurence. A Primeira Guerra Mundial, História Completa. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SOUSA, Filipe Capelo de Passos. As relações entre o Estado Novo e o Vaticano. Disponível em <recil.grupolusofona.pt>. Acesso em: 28 de dez. 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos do jornalismo impresso. Porto: Editora Letras contemporâneas. 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. Veja! Nas Origens do Jornalismo Iconográfico em Portugal. Um Contributo Para uma História das Revistas Ilustradas Portuguesas (1835-1914). Porto: Editora Media XXI, 2017.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. História Militar de Portugal. Lisboa: Editora A Esfera dos Livros, 2017.

TENGARRINHA, J. História da Imprensa. Lisboa: Editora Caminho, 1989.

TERREMOTOS. Núcleo de Engenharia Sísmica e Dinâmica de Estruturas. Disponível em <<http://www-ext.lnec.pt>> (consultado em 12 de dezembro de 2017).

TORGA, Miguel. Diário. Volumes IX e XII. Disponível em <<https://books.google.pt/books?isbn=9722045458>>. Acesso em 6 de abril de 2017.

TORQUATO, Evangelista. Andar de bicicleta pode afetar a saúde sexual feminina? Disponível em <evangelistatorquato.blogspot.com/2012/04/andar-de-bicicleta-pode-afetar-saude.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. Moda e indústria cultural. Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/99>>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

VALLDURA, Josep Maria Sala. Los jesuítas expulsos y la tragédia entre España e Italia. Disponível em <www.persee.fr/doc/hispa>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

VIANA, A. R. Gonçalves, ABREU, G. de Vasconcelos, Bases da Ortografia Portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional, 1885. Disponível em <<http://purl.pt/437>>. Acesso em 21 de setembro de 2015).

VILELA, Mario. A recepção a Camões nos jornais de 1880. Disponível em <<https://books.google.pt>>. Acesso em 10 de julho de 2017.

VILHENA, Maria da Conceição. O Preste João, mito, literatura e história. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10400.3/357>>. Acesso em 18 de junho de 2016.

VINHAS, Maria Elizabete Gaspar Valente. Assistência em fim de vida em Portugal no século XIX. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10400.14/10216>>. Acesso em 19 de dezembro de 2016.

VOIGT, Rüdiger. Quem é o soberano?: Sobre um conceito-chave na discussão sobre o estado. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba , v. 21, n. 46, p. 105-113, Junho de 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782013000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 de junho de 2017.

VOLTAIRE. Cândido ou o otimismo. Lisboa: Editora Tinta da China, 2012.

ZIMMER, Karine Rignon. BORRÉ, Gustavo Luiz. TRENTIN, Danielle da Silva “et allis”. Enzimas microbianas de uso terapêutico e diagnóstico clínico. Disponível em <[http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista_SIER/v.%2010,%20n.%2014%20\(2009\)/1.%20Enzimas%20microbianas%20de%20uso%20terap%EAutico.pdf](http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista_SIER/v.%2010,%20n.%2014%20(2009)/1.%20Enzimas%20microbianas%20de%20uso%20terap%EAutico.pdf)>. Acesso em 23 de outubro de 2017.